

RESISTENCIA

N.º 117

COIMBRA — Quinta feira, 2 de abril de 1896

2.º ANNO

Revolvendo na podridão

São verdadeiramente extraordinarios os artigos que o sr. Emygdio Navarro, sob o titulo *O sr. Fuschini*, acaba de publicar nas *Novidades* e em que pretendia defender-se das accusações contra elle formuladas nas *Liquidações Politicas*.

Quem tenha duvidas sobre os factos que o sr. Fuschini relata no seu livro leia esses artigos, que as desfazem do modo mais cabal e completo. Nelles, do mesmo modo que no livro do sr. Fuschini, ha as mais tremendas accusações contra a politica monarchica, mas produzidas sem talento nem elegancia.

Lendo esses artigos, chegamos por vezes a duvidar do estado mental do sr. Emygdio Navarro, tal foi o assombro que nos causaram algumas declarações nelles feitas.

Confessa o sr. Navarro que o governo portuguez pagava, para despesas de publicidade em Paris, 64:000 francos por mês; diz-nos que o governo francès conhecia esse vergonhosissimo negocio, chegando um ministro dos estrangeiros a ameaçar os jornalistas com a sua divulgação; relata-nos a desconsideração que lhe fez o sr. Casimir Périer, não dizendo todavia que este estadista havia comunicado ao governo portuguez que, se o não mandasse retirar immediatamente, o mandaria pôr na fronteira por dois agentes da segurança publica; afirma que foi o auctor do telegramma *Écrasez cet ignoble gouvernement*, e... Mas é tão interessante esta parte da defesa do sr. Navarro, pelos factos referidos e considerações com que são bordados, que não nos podemos furtar ao desejo de a transcrever:

«Em seguida á constituição do ministerio Hintze-Fuschini, um amigo enviou-me um telegramma cifrado, dizendo que era um ministerio de bandidos. Ninguém interceptou esse telegramma, que depois tem sido varias vezes citado, como revelação, engenhosamente descoberta, d'um feio peccado. Ora a verdade é que ninguém o interceptou nem descobriu. Foi eu proprio que, no decurso d'uma polemica, o entreguei voluntariamente á publicidade. O meu amigo, como qualquer outro cidadão, estava no pleno direito, sem delicto e sem peccado, de apreciar os meritos dos novos ministros, como em seu criterio entendesse. A minha intervenção nesse caso foi só a de aquietar esse meu amigo, que queria logo romper com todo o governo.

Alguns meses depois, esse meu amigo recebia um telegramma de Paris assignado *Parras*, dizendo-lhe: *Écrasez cet ignoble gouvernement*. Com este telegramma enche o sr. Fuschini algumas paginas do seu livro, attribuindo-me a transmissão. Eu podia negar a paternidade, que o sr. Fus-

chini não poderia demonstrar. Podia filiar esse texto na serie de outros, que naquella polemica me foram imputados com tanta audacia e inhabilidade, que até me punham a telegraphar sobre manobras de bolsa, quando eu, havia um mês, estava gosando tranquillamente das frescuras do *Busaco*, o que o forjador dos telegrammas, o *forgeur*, não advertira. Mas eu não tenho nada que occultar, e não quero macular esta minha exposição com a minima offensa á verdade. O telegramma effectivamente, era verdadeiro, e era meu.

Não tenho que precisar e especialisar os factos, que o motivaram. No nosso regimen de tolerancia e liberdade, a confiança nas funções publicas é restricta a ellas e não importa sujeição da independencia politica, que fóra d'ellas se exerce. Agora mesmo o sr. Fuschini está beneficiando d'essa distincção, que é fundamental nos nossos costumes. Não tenho que precisar e especialisar factos; mas posso indicar, nas suas linhas geraes, a minha situação pessoal, o que basta para explicar o caso.

Eu tinha defendido os interesses do meu país, e servido tambem os interesses particulares do ministerio, com a solicitude, o zelo, e a diligencia incansavel, que deixei provadas; e o ministerio talvez nem sempre tivesse commigo, e com os meus amigos, as considerações e atenções devidas. Em contraposição, elementos houve, que por todos os modos trabalharam para fazer mallograr as negociações de Paris, e que m'as arrancaram das mãos, com grave prejuizo para o país e tambem para o governo; e esses elementos eram acariciados pelo governo, que procurava insistentemente amaciar-os e trazel-os a boa compostura. O sr. Fuschini, que, num discurso parlamentar, fizera uma eloquente peroração em defesa da *bandeira pobre*, já então andava embrulhado na *bandeira rica*, contra a qual trovejara furibunda apostrophe. Entre outras coisas, tratava-se então de validar a eleição do sr. conde de Burnay, contra a qual se oppunha a pécha de estrangeiro, campanha sustentada pelas *Novidades*, e ainda por outros jornaes, com extrema violencia. Era esta a situação.

Chegou um momento, em que o contraste de tantas caricias d'um lado, com algumas desatensões e desconsiderações do outro, me exasperou. E, decidido então a romper formalmente com o governo, expedii aquelle telegramma. Talvez não seja inteiramente exacto dizer-se, que o governo interceptou o telegramma, e o decifrou; coisa aliaz facil, tendo elle sido expedido na cifra do dictionario de Sittler, que é quasi de leitura corrente. Embora uma ou mais pessoas o decifrassem depois pelas copias que tinham na mão, ou que pediram — o que é perfeitamente verosimil — o facto é, que foi o proprio destinatario do telegramma quem despertou a attenção do governo e essas investigações, tendo recorrido a um intermediario, amigo commum, para prevenir o governo das minhas disposições hostis, no louvavel proposito de se evitar esse rompimento, como effectivamente succedeu, e que tambem a esse intermediario amigo não convinha».

Foi, portanto, o sr. Emygdio Navarro, ministro do governo em Paris, quem em telegramma dirigido a um jornalista chamou *ignobil* ao governo que representava. É esse mesmo jornalista quem communicou o telegramma ao governo para que se chegue a uma solução amigavel. Essa solução não podia deixar de ser a de o governo tratar com todas as caricias e considerações o sr. Emygdio Navarro e a seus amigos, porquanto a falta d'ellas motivára a attitud aggressiva contra o governo por parte do seu representante. O sr. Hintze Ribeiro manda vir a Lisboa o sr. Emygdio Navarro e conferencia com este, que era seu subordinado, acerca dos motivos por que chamára *ignobil* ao governo, pergunta-lhe provavelmente qual o motivo porque aggreira pessoalmente o sr. Fuschini, num officio que lhe enviara, por este haver recusado o pagamento de 4:000 francos, e, satisfeito com as explicações dadas, promete tratar o sr. Navarro com todas as caricias e mantêm-no como ministro em Paris.

E tudo isto é confessado pelo sr. Emygdio Navarro! E o país assiste indifferente a estas manifestações da mais desenfreada bacchanal que jámais se viu!

Que cobardia, que miseria, que podridão!

A insanía do sr. Navarro, já não dizemos falta de vergonha porque é logar commum, chega até a declarar que em Portugal se respeita a independencia politica do funcionario que cumpre os seus deveres, embora aggrida o governo.

E di-lo um funcionario de confiança do governo que tem exercido as maiores prepotencias contra republicanos que não exercem logares de confiança; di-lo o redactor politico do jornal onde essas prepotencias não só têm sido applaudidas mas até instigadas!

Não tenha o sr. Navarro medo do candieiro, com que diz ser ameaçado pelos republicanos. O seu logar é em Rilhafolles, onde a propria monarchia terá de o metter.

«O Paiz»

O editor d'este nosso prezado collega, sr. José Garcia de Lima, foi condemnado em 20 dias de prisão e 100\$000 réis de multa por causa d'um artigo publicado em 18 de janeiro ultimo, sob o titulo *As intenções do governo*.

O *Paiz* foi suspenso durante 10 dias.

O nosso querido amigo o sr. dr. João de Menezes appellou da sentença.

Já não protestaremos contra estas prepotencias inauditas. Vamos registando.

«O Amigo do Povo»

No ultimo numero publicou a Redacção d'este nosso prezado collega a seguinte declaração:

«Este jornal suspende neste numero, ultimo do trimestre, a sua publicação. O projecto de lhe dar maior publicidade, augmentar o formato, organizar um brilhante corpo de redacção e torna-lo de semanario em bi-semanal, obriga-nos a lançar mão d'este expediente.

Se o não podermos conseguir, terminaremos como annunciámos no primeiro numero:

E se, depois de exgotados todos os meios sérios e dignos ao nosso alcance, não podermos sustentar a nossa empresa, nem effectuar os nossos desejos, retirar-nos-hemos da liça, desgostosos, sim, mas cheios de uma enorme satisfação — a satisfação dos deveres cumpridos».

Fazemos votos para que tenham plena realização os desejos da illustrada Redacção do *Amigo do Povo*, cuja falta muito sentimos.

Alguns órgãos da imprensa francèsa levantaram outra vez a questão dos títulos de D. Miguel e affirmam que o governo acolheu favoravelmente as pretensões dos portadores d'esses títulos.

E o sr. Navarro parece mostrar-se satisfeito... porque, enquanto foi nosso ministro em Paris, não houve campanha alguma na imprensa contra Portugal.

Ficamos entendidos.

Parece que brevemente serão amnistiados os implicados na revolta da India, exceptuando os chefes.

Carvalho Mourão

Esteve em Coimbra, de viagem para Arganil, o nosso prezado amigo sr. Antonio Albino de Carvalho Mourão. Foi aqui cumprimentado por muitos amigos que o estremerem e teve em Arganil a mais festiva recepção.

Acudam!

Dizem-me:

Na irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Celas havia um armario de taboa pintado, que ninguém conhecia.

Alguem descobriu que o armario tinha uma pintura de valor e quiz comprar. Depois appareceu já outro comprador e a irmandade está sendo muito instada para se desfazer das taboas que *para nada prestam*.

Aqui deixamos a denuncia, chamando para ella a attenção das pessoas que se interessam pela conservação do nosso magro espolio artistico.

Es-revo a correr, não tenho tempo de me informar.

Dizem-me que as taboas se descobriram agora.

É possível, mas tambem é possível que se refiram ao magnifico quadro gothico que provavelmente era o do altar-mór e que se acha mutilado a forrar uma parede d'uma casa escura.

É bom pôr sempre de quarentena as descobertas... e os descobridores.

Ao Gungunhana foram apprehendidos: 2:703 libras, 1\$500 réis em prata, 8 diamantes, dos quaes três grandes, e uma porção de perolas. E' o que conta do auto de entrega publicado no *Diario do Governo*.

Carta de Lisboa

Lisboa, 31 de março de 1896.

O que se passa com o partido progressista deve, antes de tudo, servir de lição ao partido republicano.

Primeiro para que cessem as illusões acerca da sinceridade dos partidos monarchicos, depois para que se veja o que a nação quer.

O partido republicano deve considerar findo o seu periodo de transigencia com os partidos da monarchia. Essa transigencia foi além de todos os limites, porque devia ter cessado desde 1890, momento em que se revelou por fim a nossa deploravel situação, evidenciada com o *ultimatum*, indiscutivel na sua vilésa e miseria com o tratado de 20 de Agosto. Não houve porém a intransigencia conveniente, e uma expectativa deprimente, que fez antes de 1890 acreditar na *Esquerda dynastica* e depois na *Liga Liberal*, artificios destinados no intimo ao adiamento da revolução, levou ainda o partido á alliança com um grupo monarchico sem principios, tão responsavel na ruina e deshonra nacional como o que actualmente goza o favor do rei.

Durante a *Colligação liberal* deu-se um symptoma que deve ter esclarecido os politicos. — O publico applaudiu unicamente a Republica e só concedeu o seu favor aos monarchicos quando elles se afastavam da realésa. Isto devia ter servido de lição. Aos progressistas serviu, porque viram que o publico estava pouco disposto a favorecer a subida de um ministerio monarchico e então lançaram-se á adulação do throno.

Os republicanos, agora, vendo que o povo já se não importa com a substituição de um ministerio por outro, nem está disposto a auxillar essas ridiculas operações politicas, devem convencer-se de que a nação unicamente está disposta a intervir para substituir a monarchia pela Republica.

×

Que se importa á grande massa republicana das cidades que hoje governa Franco e amanhã Luciano, se a sua questão não é de ministros mas de regimen? Perguntar-me-hão porque *supportou* então a massa republicana a *Ligação liberal*? Respondo facilmente: — Porque suppoz que esses homens que ali andavam de gravata vermelha, rugindo ao lado dos republicanos, abandonariam a monarchia logo que se convencessem que dentro d'ella não podia haver liberdade politica nem sequer moralidade. A massa do país é tão sincera e tão indulgente que perdoava aos que tinham sido monarchicos, desde que fizessem perante o povo a sua conversão e manifestassem o seu arrependimento.

Não se cançava todavia a massa republicana a trabalhar para que um ministerio succedesse a outro. Ninguém queria e com razão sacrificar-se inutilmente por tão pouco. Foi vendo isso que os progressistas entenderam, para conseguir o seu fim, submeter-se ao Paço, e foi por isso que a nação, mais uma vez desilludida, encolheu os hombros com desdenhosa magua.

Digam o que disserem, o povo tem razão. Está cançado de mentiras e de especulações e começa a perguntar se realmente em ninguém poderá confiar. O povo, sem talvez a si mesmo o saber explicar, por uma questão de simples instinto, quer a Republica. Em todas as conversas, em todas as discussões sinceras, os nossos proprios adversarios, chegam a esta conclusão — a revolta contra a monarchia é inevitavel. Só ás vezes o partido republicano parece não prevêr isto e parece desprezar a opinião, que lhe darla o mais desassombroso assentimento desde que o visse por uma vez encerrar, com intelligente audacia, o problema sem hesitações.

E' tempo de o fazer.

Quanto mais se forem complicando as circumstancias mais se vão agravando as responsabilidades, e um momento pôde chegar em que a multidão involva na mesma culpa monarchicos e republicanos.

Parece que se desconhecem os compromissos tacitamente contrahidos perante o país desde que se iniciou o caminho, e há quem julgue que se pôde ainda perder o tempo em contemporisacões estereis. Pois, francamente, é urgente que se compenetre cada um da responsabilidade que assumiu.

A pior das revoluções, porque é a mais anarchica e desorientada, a mais implacavel, é positivamente a revolução da fome.

Ora a monarchia marcha para a bancarrota e accumula por forma tão terrivel os perigos que hão de desencadear-se que os republicanos, a continuar a inercia do partido, não poderão prevenir ou sequer attenuar as consequencias da situação creada pela miseria provavel.

Eu não quero com isto fazer censuras a ninguém e agora até aproveito a occasião para declarar que me não movem animosidades pessoais, não só porque anteponho as disputas ou intrigas mesquinhas a questão de principios, mas porque, embora as tivesse, eu saberia sacrificar as minhas dissensões com alguém, sem abdicar da minha dignidade, á imperiosa salvacão da Patria.

Permitta-se-me contudo accentuar as minhas opinões sobre o procedimento do partido republicano, partindo do principio, pois outro não posso suppor, que esse partido procede sempre com boas intenções. É nesse campo que eu direi, por exemplo, que não concordei com a *Colligação liberal*.

É neste sentido que eu intendo que ao partido republicano deve ser indifferente que na monarchia governem progressistas ou regeneradores. É, pensando assim, que me parece mais util olhar por uma vez a situação creada pela monarchia e ataca-la de frente, com desassombro, para que a nação nos veja a seu lado, distanciados de todas as clientelas politicas da realésa.

A Republica em Portugal foi aspiracão doutrinaria, boa e generosa, de theoreticos, até 1880. O centenário de Camões despertou energias dispersas e a Republica appareceu, d'esse periodo por deante, representada já no programma de um partido numerozo e cheio de sympathia.

Assim se passou até 1890. De então por deante a Republica deixou de ser a doutrina partidaria para ser uma aspiracão nacional. O dia do *ultimatum* da Inglaterra contra Portugal foi tambem o dia do *ultimatum* d'um povo contra a monarchia.

D'ahi por deante ficou o país na posse da idéa revolucionaria tendo como fecho a Republica.

As responsabilidades do partido republicano mudaram desde esse momento. Inverteram-se os papéis.

Até ahí eramos nós que chamavamos o povo, de então por deante foi o povo quem chamou por nós.

Estamos pois collocados em foco. Por mais complicados que sejam os factos, em ultima analyse lá somos nós os procurados. E é por isso que a cada momento esta phrase, já vulgar, se ouve, com anxiedade, com desgosto — O que fazem os republicanos?

Sim! a nação chamou pela monarchia e ella reduziu-a á deshonra e á miseria. Olhou este ou aquelle homem dos partidos monarchicos e esperou, ainda que desconflada. Esse e aquelle homem fallaram. Já não perdeu um momento de attentão com tentativas vagas, indefinidas.

Parou um pouco a olhar a *Colligação liberal*. Provou aos republicanos que está disposta a ouvi-los.

Demonstrou aos progressistas que não contava com a monarchia.

Depois, como viu que os progressistas só queriam o poder, tornou a perguntar — E os republicanos?

Sim o que fazem os republicanos? Preoccupam-se com os despeitos de este deputado e passam a vida a sonhar com a sua adhesão? Alentam-se com as dissidencias de ministros e esperam chamar alguém ao seu gremio? Conflam na intriga da camarilha para verem algum escorraçado do Paço vir refugiar-se na democracia?

Parece que as experiencias bastam

e devem ler caçado. Parece que já é sufficiente o tempo perdido.

Depois queixaram-se da indifferença popular! Pois se a nação requer energia e os senhores são libios! A nação quer audacia e os senhores parece que não confiam em si! A nação requer intrasigencia e os senhores contemporisam com todos! A nação é contra a monarchia e os senhores gastam o tempo a defender a *Carta Constitucional* d'essa monarchia!

A nação quer obras e os senhores só fazem discursos!

Como ha de a nação correr atraz dos que estão sempre a recomendar prudencia quando ella reclama a revolução?

Eu não quero que se vá disparatamente incitar á revolta, por exemplo, porque as tabernas, por causa d'uma licença, fecham ás 9 horas em logar de fecharem á meia noite. Mas quero que, em vez de promessas romanticas e mentirosas, se pratiquem *actos revolucionarios*.

Actos revolucionarios, comprehendem, não é uma revolução ao acaso. Actos revolucionarios, isto é, demonstrar ao povo que ha homens para assumirem, a proposito das grandes coisas, as responsabilidades que assumem por pequenos factos.

Mostrar assim que ha quem não tenha medo do governo, da força, da monarchia. Provar a inflexibilidade de caracter, a coragem pessoal, a força da intelligencia, o valor do estudo e acima de tudo a audacia para vencer todos os contratempos creados pelas ligações de qualquer especie, pelos interesses de qualquer valor.

Apparecer á nação e dizer: «isto está arruinado, perdido, deshonrado. O mal não vem só d'este ou d'aquelle homem publico, d'este ou d'aquelle ministerio, ou das qualidades ou falta de qualidades do rei.

O mal deriva de uma situação, creada ha seculos numa catastrophe nacional. Cresceu com a implantação de uma dynastia condemnada por todos os respeitos.

Aggravou-se com o exercicio hypocrita de uma fórmula falsa — o Constitucionalismo. Dentro d'esta fórmula só ficou forte a realésa. Enriqueceram á custa da nação os seus apauiguados. Surgiram os ministros corruptos, incompetentes ou traidores.

Exgotou-se o credito com emprestimos, assassinou-se o país com impostos. Para consolidar o throno chamou-se o estrangeiro.

A esse estrangeiro, em troca, deu-se o que este tem querido como preço da sua alliança com o throno. Ha uma absoluta ausencia de senso moral e falta de principios nos partidos da realésa. Consequencia de tudo, a miseria e a deshonra da nação.

Perdidas todas as esperanças no regimen monarchico, porque o principio é falso, os reis são homens menos do que mediocres sob todos os aspectos e os seus partidarios não pensaram nunca nos interesses nacionais, porque não podem, porque não querem e porque não sabem.

O povo não pôde mais supportar isto, quer uma profunda renovação de este estado de coisas, quer, em ultima analyse, a Republica. Pois bem! O partido republicano, conhece o mal e vae applicar o remedio.

Perante a nação, perante o mundo inteiro assume a responsabilidade dos seus actos, assume a responsabilidade d'uma revolução.

Fortes com o apoio popular, os homens do partido republicano calcam as suas legítimas ambições pessoais, sacrificam os seus interesses particulares, jogam a sua tranquillidade, a sua liberdade, a sua vida, mas vão cumprir o que julgam o seu dever. O partido corta todas as ligações do país com o passado. Faz uma revolução profunda na ordem politica, na ordem moral e na ordem economica.

Coloca todos no seu logar, garante os direitos, suprime os privilegios odiosos, levanta os humildes e diz aos grandes que obedecam. Governo com desassombada energia, com indiscutivel honestidade e com inflexivel justiça. Submette a julgamento todos os culpados da nossa miseravel situação e mantém o *verdictum* proferido com austera imparcialidade. E assim ou o partido republicano cae de pé, firme no seu principio de honra, ou consegue avançar. Em qualquer dos casos pede a todos os que são intelligentes, dignos e sinceros, o seu apoio. Pede

ao povo a sua força, ao exercito a sua espada, á justiça a applicação da lei, aos homens de saber o seu conselho, aos novos o seu desinteresse, o seu entusiasmo, a sua abnegação.

E' assim que o partido republicano apparece perante o país dizendo claramente que está disposto a affrontar todos os perigos e a assumir todas as responsabilidades.»

×

Eis como eu intendo que se deve fallar e proceder. Só assim a nação nos ouvirá.

D'outra forma a indifferença havemos de encontra-la sempre. E no dia da liquidação, quando o povo tiver fome e os credores reclamarem o seu dinheiro, o partido republicano vae envolvido nessa onda terrivel de anarchia e não será por certo o ultimo a receber o justissimo, embora tumultuario, castigo do seu proceder criminoso não pelo que fez mas pelo que deixou de fazer.

×

Fallemos a verdade. O país não quer a monarchia, mas está hesitante em frente do partido republicano. Porque? Porque o partido não vae para a nação que o chama e fica-se, sem comprehender que responsabilidades assumiu, olhando receiosos as consequencias. Pois já tem tido tempo de bem as medir. E, confessem, que mais a inercia do que a incompetencia o deixa indeciso.

E' necessario que cada um tenha além de tudo a consciencia do seu valor e que, por um legitimo orgulho das suas pessoas, todos se abalancem á empresa.

Sabam que da rapida mobilização das forças republicanas, da congregação de todos esforços resulta o país tomar-nos logo a serio.

Acalmem por uma vez os irrequietos algumas destemperadas impacencias. Por seu turno sacudam os nervos os indolentes. Cada um recalque os seus despeitos, despreze as intrigas mesquinhas. Todos unidos digamos, por uma vez, o que queremos e saibamos cumprir o que promettemos. Nada de situações dubias.

Lancemo-nos com decisão á obra e teremos emfim quem auxiliar em cada português digno d'esse nome.

Pois vêem agora em Hespanha, quatro partidos republicanos se odiavam mais entre si do que aos monarchicos, unirem-se perante a patria em perigo, dizerem desassombadamente o que pertendem e nós, um partido só, não conseguiremos o que quatro partidos realizaram?

Valemos menos do que elles, por acaso?

Custa-nos mais sacrificar qualquer ridiculo capricho do que a elles custou sacrificarem pontos essenciaes das suas doutrinas oppostas, só para conseguirem uma grande aspiracão nacional?

Pois se assim fosse, o maior desprezo pelo partido republicano seria justo e o povo ainda procederá benevolamente se se limitasse a correr-nos á pedra.

×

Serão todas estas palavras, por virem de um rapaz, palavras loucas?

Embora. São pelo menos sinceras e generosas. Hei de fazer com que todos as oçam e se ao cabo do meu esforço para que as attendam, para que as applaudam pelo menos na intenção, nada conseguir, na magua da minha ultima desillusão sobre a minha patria, ficar-me-ha como suprema consolacão o ter cumprido o meu dever e o orgulho de afirmar que para uma obra de justiça conto simplesmente comigo.

J. M.

Imprensa da Universidade

Concorreram ao logar de administrador d'esta Imprensa os srs. drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos e Alfredo Angelino da Rocha Peixoto, lentes da Universidade; e os bachareis Albino Manique de Mello, professor da escola industrial, Alberto Pessoa e Abel d'Andrade.

Corre que será nomeado o sr. Pessoa.

Foi nomeado secretario da escola industrial da Figueira da Foz o sr. Pedro Fernandes Thomaz.

Litteratura e Arte

DOR SUPREMA

Maço de cartas que eu não escrevi ao Marcelino Mesquita

II—... da minha ultima carta! Que queres? eu tenho dias assim. Hoje estou contente.

A *Dor Suprema* é simples como uma fabula grega, torturante como uma tragedia antiga.

No primeiro acto assiste-se á genese d'um arruinar de vida. A mãe que vê morrer a filha, depois de noutes longas de penar e de soffrer, tem as primeiras manifestações d'um lento padecimento nervoso que rouba a serenidade e a saude ao marido—honrado mas pusillanime diante da dor alheia.

O segundo acto é a tortura de aquellas duas vidas, torturadas pela adversidade que lhes rouba tudo, tudo até ás recordações que lhe restavam da pobre filha e que são empenhadas para arranjar mais um dia de pão. Uma dama desconhecida soccorre-os e dá-lhes pão para alguns dias.

No terceiro acto — miseria profunda, nem pão nem casa. O suicidio dos dois que recebem a ultima esmola — o carvão que hade asphyxialos.

Esta tragedia sae fóra dos moldes. Não foi feita para a companhia de D. Maria — O Brazão e a Roza não tinham papéis.

Não obedece á orientação da litteratura dos jornaes noticiosos. E' feita num isolamento voluntario da opinião dos outros.

E' obra d'arte, não é obra para agradar.

A tragedia desnorteou a critica, não havia por onde julga-la, não era a lembrança, o reflexo de cousa vista já, não havia ao menos uma tirada de *cabotino* que desse presa á critica. Ficou ella sem saber o que havia de escrever, porque a *Dor Suprema* era o que ha muito não havia, uma grande obra no theatro português, obra unica, profundamente nacional, em que o teu saber e o teu talento se affirmam, d'um modo definitivo, num trabalho perfeito.

Na tua obra admiro o que admiro em ti, a honradez, o respeito de ti mesmo, a adoração de tudo o que é são e bom, a indifferença pela opinião corrente, a falta de respeito pela vontade soberana do publico.

Como eu gosto de te ver descrever a dor humana, sem respeito nenhum pela consagrada *dór de theatro*, *dór que faz bem*, *dór que moralisa* e redime as faltas que se deram antes do panno subir, *dór que provoca as lagrimas até dos criminosos endurecidos*, a *dór do theatro d'este seculo que parece contar só com um publico que venda os corpos e saiba dar facadas.*

Escreveste honradamente uma grande dor sem pensar no publico.

O publico é como as creanças, segue a rir e a chorar as alegrias e as tristezas dos personagens dramaticos, perfilha todos os filhos naturaes abandonados em scena.

Aquellas desgraças são as suas desgraças, o espectador substitue-se ao actor; mas por isso mesmo exige egoistamente que aquelle penar acabe antes d'elle se levantar, que antes de baixar o panno venha a boa nova, cáia a alegria a jorros sobre os que mais soffreram.

O publico não tem a emoção do pensamento, o que o fere é a emoção sentimental.

A tua peça feriu o publico.

Nos camarotes as senhoras emendavam o teu erro, indicavam as modificações a fazer.

No primeiro acto morria a pequena?

Não era alegre, não; mas tudo se remediava no intervallo.

Ao levantar o panno para o segundo acto, todos sorririam ao ver um personagem novo — a ama.

Havia um filho novo. Deus compadecera-se d'aquella dor.

E d'esta vez era um rapaz.

Um rapaz? Entendes bem? Compreendes o *truc*, a habilidade que denuncia um verdadeiro temperamento dramatico?

Havia um filho; mas Julia chorava sempre a filha morta.

Tinha de imaginar um futuro novo, bem differente do que andára tanto tempo a sonhar!

Faltava-lhe a filha...

Faltava-lhe a filha?

Nascia no segundo intervallo, e o terceiro acto seria de risos e lagrimas. Antonio ensinaria a ler o filho, Julia ensinaria a resar á filha o padre-nosso.

Ó, o acto adoravel! Bem digno da nossa primeira scena!

Uma senhora das minhas relações que admira Lopes de Mendonça, e adorava D. João da Camara antes de o ter visto, gosta da tua peça.

Tem um temperamento muito dramatico esta senhora!

Acha quasi tudo bom. Só modificava o final. Deixava calafetar as portas, accender o fogão, começaria mesmo o envenenamento, a asphyxia. A scena é de effeito. Mas, quando chegasse o estertor, entraria a dama mysteriosa do segundo acto, trazendo-lhes a alegria e a fortuna.

Esta intelligente senhora que tem por mim, e por ti!, uma admiracão que me confunde e me atterra, depois de ler o que eu escrevi achou delicada aquella minha idéa das creanças; mas punha-a só no fim.

Aos primeiros symptomas do envenenamento, a mãe sentiria estremecer alguma coisa dentro d'ella, voaria á janella, partindo os vidros, e cahiria nos braços do marido os punhos a escorrer em sangue, suspirando feliz: Antonio, vamos ter uma filha!...

Virginia seria adoravel, João Rosa levantaria o publico que cobriria o auctor de ovações!...

Excellent senhora!...

O publico é uma creança; para supportar a dor é necessario ver bem que é *fingida*, que os personagens são falsos de pão; adora os theatros de titeres.

Não gosta de surpresas.

Todas as senhoras sabem no fim do primeiro acto como a peça ha de acabar, e vêem com satisfacão ao fim de cinco actos confirmadas as suas previsões apesar da habilidade do auctor que *bem quiz* desnortear-las.

No dia immediato a critica escreve as phrases do costume, que o publico está acostumado a ler. Tudo se passa bem, como de costume.

Alguém critico mais azedo insinuava que a peça é bem do D. João da Camara ou do Lopes da Costa (supponho que não é da Costa, mas não tenho tempo, nem vale a pena

verificar) que se vê bem o talento do poeta!

Podéra! Se ninguem os viu se não a elles!

A gente olha para a scena, os personagens são de pão e julga-se ouvir os auctores a recitar ao piano.

Tão atrapalhada a critica, mordeu-te o titulo, sem se lembrar que o Camillo Castello Branco o tinha consagrado!

Não que tu te lembrasses do Camillo. Foram dois homens de talento a pensar igual.

Que o Camillo tinha talento! O que não admira porque...

E' verdade! Porque tinha talento o Camillo?...

T. C.

O sr. reitor da Universidade, que está na Mealhada, tem passado incommodado de saúde.

Silva Cordeiro

A crise em seus aspectos moraes, livro do nosso amigo e primoroso escriptor Silva Cordeiro, é posta á venda na proxima semana.

Ao sr. Barjona de Freitas sahiu a sorte grande de 25 contos da loteria de Lisboa. Viverá, pois, uma vida desafogada durante alguns meses.

A comissão de pescarias deu parecer favoravel ao pedido do sr. Lima Tovar para um estabelecimento de piscicultura ao sul do Mondego.

O sr. Hypacio de Brion, illustrado official de marinha, apresentou um relatório ao governo em que propõe que as três escolas de marinheiros que ha no país sejam reduzidas a uma só.

Entre os concorrentes ao lugar de administrador da Imprensa da Universidade apparece o nome do sr. Alfredo Angelino Filgueiras da Rocha Peixoto, lente da Faculdade de Mathematica.

Este professor está em Lisboa numa comissão, recebendo a gratificação de exercicio pela regencia da sua cadeira na Faculdade. Se for nomeado administrador da imprensa, continuará em Lisboa recebendo mais 400\$000 réis. E ainda achará pouco.

43 Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXII

«Para que seria que me conduzistes a ella se não vos senteis com força para m'a evitar? De nós dois, só ha um culpado; bem o sabeis; sois vós que, não contente com despertar pelos vossos olhares e por palavras o coração adormecido d'uma rapariga ignorante das primeiras coisas da vida, aproveitastes um accidente que a poz incapaz de resistencia e inconsciente sob os vossos labios para a reanimar com um beijo de recordação indelevel. É esse beijo que eu sinto sempre mais delicioso do que todos os outros; ia nelle a vossa alma e nelle colhestes a minha.

«Perdeu-me Emmanuel, esse beijo; nunca mais fui Herminia, desde esse momento; tendo sido sempre d'Argouges...

«Na conversa que tivemos na bibliotheca depois d'esse fatal passeio, levantei-vos corajosamente dos meus pés para vos chamar á realidade e essa realidade terrivel, se é verdade que a não desprezastes por completo então, tractaste-la, pelo menos, tão ligeiramente que nada me deixastes a receber. M.^{lle} de Croizy não poderia duvidar da

RELATORIO

DE
MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONCLUSÃO)

Com a prisão do Gungunhana desapareceram quaesquer probabilidades de uma rebellião séria ao sul do Save; Jambui e Chonguella, são os unicos dois regulos fortes, e nenhum d'elles parece disposto a metter-se em tão arriscado empreendimento. Não significa isto que o país de Gaza esteja dominado e perfeitamente sujeito. Ainda não passei de Billene, não faço portanto idéa do que se tem passado entre os Macuacnas, e entre os M'chépes não avassalados em Inhambane. Mesmo no Billene são muitos os elementos de desordem. O chefe Iguinsa, irmão de Muzilla, que tem sido o indigena que tenho ouvido fallar com mais senso, instando porque eu prendesse e matasse o sobrinho Gungunhana, acrescentava que depois de elle preso eu devia fazer povoação no Billene, e ficar allí com impi branca porque os mangoni nunca se haviam de deixar de matar e roubar senão depois de muito castigados. O testemunho é insuspeito por ser de um mangoni da mais pura raça, filho do proprio Manicussi.

Para que a pouco e pouco este districto, tão vasto e populoso, entre nas condições normaes de existencia, julgo indispensavel o seguinte:

1.º Manter por alguns annos o regimen excepcional a que a sujeita o respectivo decreto provincial.

2.º Organizar, remontar, equipar, armar e uniformizar quanto antes o corpo de policia;

3.º Desarmamento geral, recolhendo aos depositos de governo todas as armas de fogo, que estão na mão dos indigenas. Bom seria, que se fizesse o mesmo nas terras de Lourenço Marques até ao Incomati;

4.º Fazer o recenseamento das palhotas, a fim de que ainda este anno se cobre o imposto, que deve ser de 2\$500 réis (meia libra em oiro) por palhota;

5.º Decretar o imposto de oito dias de trabalho gratuito para cada individuo adulto em cada anno, para o governo;

6.º Abrir estradas do Chibutze a Chicome, a Marracuene, a Magude, ao Lipallula, ao Iguana, etc.; mencionei-as por ordem de urgencia relativa;

7.º Montar o serviço de correspondencia postal, pelo menos de quinze dias, entre Chibutze, Lourenço Marques e Inhambane. Este serviço será feito por indigenas á candinga. Mais tarde, completa a linha telegraphica até Chicome, é necessario ligar Chibutze com aquelle ponto, e com Marracuene, ficando assim ligadas Inhambane com Lourenço Marques, com muito menos despesa do que a exigida por um cabo submarino. D'estas medidas, muitas irei pondo

em execução, porque não dependem de ordens superiores.

Para segunda, terça e quarta, é que carego de todo o auxilio do governo geral, e do da metropole. Espero que não me falem, a bem do nosso prestígio nesta provincia. O que me parece, entretanto, mais essencial, é que, com o districto de Gaza, o governo de Sua Majestade experimente seguir um systema inverso, ao que geralmente tem adoptado na criação de novos districtos nas provincias ultramarinas. Não convém, a meu ver, dotal-o, ou antes, sobrecarrega-lo com o pessoal numeroso, mudar os nomes ás localidades, crear cidades e villas, que nunca chegam a ter meia duzia de habitantes, e sobretudo decretar à priori uma infinidade de medidas e regulamentos quasi sempre inadequados, e portanto inexequíveis, mas que cercieiam a auctoridade e os meios de acção ao governador, e impedem que faça qualquer coisa pelo progresso do districto.

O systema a seguir, quanto a mim, baseia-se no estado social d'estes povos. Como todos sabem, não podem ser mais simples nem rudimentares as poucas instituições, que têm; por isso, uma legislação complexa e uma regulamentação minuciosa serão sempre inadequadas aqui. Por agora parece-me se lhes deve deixar ter o systema de governo mais simples, o unico que elles conhecem e comprehendem; uma auctoridade unica a mandar sem peias de especie alguma.

Os principios liberaes, os direitos do cidadão, a completa separação dos poderes, ha muito quem pense que foram prematuramente applicados a Portugal; calcule-se o que seriam aqui. A pouco e pouco, tendo estudado estes povos, e tomado inteiro conhecimento das leis e regulamentos britannicos applicaveis aos nativos de Mashona, Matabeland, Natal, etc., irei propondo regulamentos muito simples, que deixam muita latitude e iniciativa a quem tenha de os executar. E se o governo de Sua Majestade não confia, talvez com justissima razão, na minha intelligencia e conhecimentos para tão difficil encargo, peço que me mande substituir immediatamente por alguém que tenha esses dotes, mas que nunca a falta de confiança se manifeste applicando aqui leis e regulamentos, que cercieiem os meios de acção e auctoridade do governador, que d'isso precisa mais que de tudo na actual conjunctura.

E se os resultados não corresponderem ás minhas esperanças a responsabilidade será do governador, e só de elle. Ha mil maneiras, inspecções, inqueritos, syndicancias, de lh'a tornar effectiva, a fim de o castigar, se houver delinquentes. Não posso deixar de me referir aqui ainda ao imposto que proponho. S. ex.^a o commissario regio achava-o exaggerado de certo, porque, não tendo visitado este país, não teve occasião de ver a quantidade de oiro (libras e meias libras inglesas e australianas) que andam espalhadas por

ca. Tinha ainda a ex.^a a preocupação de que, era injustissimo exigir impostos a povos a quem nada fazia o governo (creio que s. ex.^a se referia a melhoramentos materiais). Ora verem-se livres das delapidações, roubos e morticínios constantes do Gungunhana e seus sequazes, a troco de meia libra annual por palhota, é, como se usa dizer entre o povo, um ovo por um real. Aqui todos os indigenas o pensam e m'o têm dito.

Por ultimo não posso terminar este relatório sem dizer que se eu me metti na empresa de prender o Gungunhana com recursos tão escassos foi sómente por me vêr na absoluta necessidade de o fazer; mas os tres officiaes, que me acompanharam, deram uma prova evidente de muita subordinação e brio militar, partindo para ella sem a minima observação, nem signal de descontentamento, quando todos estavamos bem convencidos de que o exito era muito duvidoso, e que o menor contratempo teria como resultado o sacrificio das vidas de quantos europeus marchavam. Não menos provaram o seu zelo e boa vontade na maneira como trabalharam para que tudo corresse bem, e na inalteravel alegria e constancia, com que supportaram a fadiga e incommodos, a que, mau grado meu, não os poude eximir. Por esse motivo não hesito em pedir para estes officiaes uma recompensa condigna das qualidades, que revelaram.

Quanto ás praças, comportaram-se de uma fôrma que merece todos os elogios, mostrando ser dignos camaradas dos soldados, que tiva occasião de apreciar na marcha sobre Manjacase e combate de Coollela.

Lourenço Marques, 16 de janeiro de 1896.

— O governador, J. Mousinho d'Albuquerque, capitão.

Consta que os senadores de Cuba abandonarão a camara depois de protestar contra a pretensão do governo fazer eleições na villa.

Foi provido na cadeira de instrucção primaria de Eiras o sr. Joaquim da Silva Costa e Nora.

Bombeiros Voluntarios

Passa na proxima terça feira o 7.º anniversario da fundação da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, d'esta cidade, que bastantes beneficios tem prestado aos habitantes de Coimbra.

Para commemorar este anniversario, aquella corporação realisará um exercicio geral, pela 1 hora da tarde, na praça do Commercio.

fregamente nos seus labios não bastava para o tornar sedento, de uma sede que parece nunca dever extinguir-se?

Alice semi-morta num leito, seu pai meio louco de dor, M.^{me} de Villy desfeita em lagrimas, todo este espectáculo terrivel, ainda ha pouco presenciado por Emmanuel, desapareceu-lhe de diante dos olhos como que por encanto. Para elle só uma pessoa existia agora: era essa enebriante Herminia; estava vendo o seu rosto pallido, só ouvia a sua voz de timbre mais profundo ha dois dias.

— Oh! pela minha vida! A vós compete-vos mandar e a mim a obedecer.

Eis o que elle respondia beijando vinte vezes a carta de M.^{lle} de Croizy e o que elle se estava preparando para lhe responder.

Bateram á porta:

— Emmanuel, está lá?

— Estou, sim, meu tio, respondeu M. d'Argouges, vivamente espantado com esta vista.

M. de Villy entrou.

XXIII

— Queria fallar contigo, Emmanuel, disse elle, depois de ter fechado a porta e pegando affectuosamente nas mãos do sobrinho.

— Mas, meu caro tio, estou sempre á sua disposição, aqui ou em qualquer

Bibliographia

Instituto—Recebemos e muito agradecemos o ultimo numero publicado (fevereiro de 1896).

Este numero, como o de janeiro, indica um progresso muito accentuado na parte technica d'esta revista que continua a ser, como sempre, superiormente dirigida.

Com prazer vemos que os pequenos defeitos que aqui indicavamos no frontispicio, a desharmonia entre as letras e o emblema e divisa do jornal foram corrigidos, sendo agora quasi perfeita a sua parte typographica. Querriamos apenas vêr completamente postas de lado algumas vihetas do seculo XVIII sem valor algum, e alguns detestaveis caprichos typographicos modernos que fecham os artigos.

A. Augusto Gonçalves tem desenhado para a revista *en-létes* e letras ornamentadas muito originaes.

A collaboração do Instituto que até ha pouco tempo era muito restricta, vendo-se assim naquellas paginas sempre os mesmos assumptos tratados pela mesma maneira, é hoje variada e interessante, graças aos esforços da redacção que muito applaudimos.

O Instituto tomou ultimamente sobre si uma grave responsabilidade, mettendo mãos á empresa de regularizar e uniformizar a cahotica orthographia portuguesa.

Este trabalho só seria o bastante para fazer a gloria da sociedade e nobilitar os redactores que lhe metteram hombros.

Recebemos o ultimo numero da *Revista de Guimarães*.

Summario—I. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, por F. Martins Sarmiento.—II. As villas do norte de Portugal, por Alberto Sampaio.—III. Catalogo das moedas e medalhas portuguesas, por J. Freitas Gosta.—IV. Documentos ineditos dos seculos XII-XV, por Oliveira Guimarães.—V. Boletim, por Gaspar L. d'A. C. Paül.—VI. Balancetes, por João Gualdino Pereira.

Agradecemos.

Flanando...—Fasciculo d'um humorismo de rapazes que se occultam sob os pseudonymos gloriosos do *Roldé*, *Quatorze*, *Pitonó* e *Barriguinha*.

Agradecendo o exemplar, desejamos-lhes uma mocidade eterna para rirem sempre.

Abre no 1.º de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.

parte, respondeu M. d'Argouges, occultando debaixo d'esta expansão o desasosiego que lhe causava um tal principio de conversa.

— A differença d'idade que existe entre nós, tornou M. de Villy, desapareceu nas nossas relações desde que tu és homem. Uma amizade sincera equalisa tudo, não é verdade? Pois bem! conversemos nesse tom.

Tinha puxado por uma cadeira e tinha-se sentado, forçando d'este modo M. d'Argouges a imita-lo.

— Meu caro Emmanuel, continuou elle, eu deixei-vos viver um tanto, na vossa infancia, como Paulo e Virginia, a Alice e a ti. Faria mal? Julgo que não; tudo vos approximava e eu não olhava para esta primeira intimidade sem um certo enternecimento. Mais tarde, nos meses de ferias, tornei a encontrar-vos junctos e a duração da vossa affeição não podia senão fortalecer as minhas esperanças. Este anno, emfim, Alice sahiu do convento e tu parece que veste aqui não já como meu sobrinho apenas, mas antes como noivo da tua prima. Nunca te disse nada, meu amigo, acerca do que pensava e do que Alice tinha o direito de julgar; esperava pacientemente a declaração de um e outro Escuso de acrescentar que seria um pai obediente. Tudo iria por si, da maneira a mais encantadora; hoje, meu querido Emmanuel, as coisas são graves...

LIVROS DE MISSA

SEMANA SANTA

17 **A** Casa Havaneza acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

COMPANHIA AUXILIAR

16 **E**sta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até à terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para merceria; fazendas brancas, ou quinilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia,
João Favas.

LOJA

15 **Antonio d'Almeida e Silva**, morador na rua da Sophia, subloca uma loja na rua do Corvo, n.º 41, 43 e 45, a qual tem armação propria para fazendas brancas, ou outro qualquer negocio.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 124

COIMBRA

14 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Casa mobilada no Campo

13 **A**renda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear. Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Cavallos, muares, etc.

12 **A**s sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depósitos — Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Depósito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agroço, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra** — jRodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 **A**LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demals esclarecimentos.

10 **C**hegou nos últimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123 — Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

9 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um **extraordinario e variadissimo** sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais **ALTA NOVIDADE**, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues e vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casações com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makferlans, double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões e sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer* — para alfaiate — quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA — Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeccões executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

51, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moINHOS e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystode, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

8 **CASA** filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemiinadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas *dermatoses* dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como *renal na albuminuria, diabetes, etc.*, podem egualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás **VIDAGO e PEDRAS SALGADAS**.

Á venda em todas as pharmacias e drogarias — DEPOSITO GERAL — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoço, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto — Frederico Augusto Ribello Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra — **RODRIGUES DA SILVA & C.ª**

Deposito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

Propriedade

6 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de se-meadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casacas e dois poços de agua, junto á egreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma egreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegue, morador á Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **A**mendos de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de merceria.

Compra e venda de sellos para colleccões.

4 **V**inho sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copelira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de se-meadura, olival, matta, arvores de fructo e casacas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

2 **G**rande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Prevenção

1 **N**a padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 15200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 118

COIMBRA — Sabbado, 4 de abril de 1896

2.º ANNO

Um ministro de pulso

Não tendo outras qualidades que attribuir-lhe, os apaniguados do sr. João Franco esalfavam-se a proclamar que o ridiculo dictador era dotado d'uma rara energia, de indefectivel força de vontade. E é de confessar que não poucos houve entre os adversarios politicos d'esse aventureiro que os acreditaram, o que a ninguem deve causar admiração attento o modo por que entre nós se adquire a fama de grande homem.

Tão fundo se arraigou essa idéa em alguns cerebros, que nem as miseráveis incoherencias do sr. João Franco, nem as torpêsas e vilanias que tem praticado e que evidentemente revelavam completa ausencia de principios e de senso moral, foram sufficientes para lhes levar a convicção de que o sr. João Franco, longe de ser um estadista de pulso, era um cobarde miseravel, com caprichos mas sem planos definidos, que cedia sempre que qualquer medida levantasse opposição que podesse comprometter a existencia do governo. Não pôde, porém, resistir agora ás extraordinarias revelações que o sr. Fuschini faz no seu livro a fama que o nevrotico ministro do reino ia gozando.

O sr. João Franco não passa de um cobarde. Tal a conclusão a que chega quem desprevenidamente lêr as *Liquidações Politicas*, onde o sr. Fuschini com tanta verdade como intelligencia o descreve e aprecia.

Ahi vae um facto que não deixa duvidas sobre as pretendidas valentias do sr. João Franco.

Na tela da discussão as propostas de fazenda.

O assumpto é tratado em conselho de ministros, onde o sr. João Franco pede ao sr. Fuschini, com instancia, que apresentasse a proposta industrial. São lidas no parlamento as propostas de fazenda, entre as quaes figurava essa proposta.

Ouçamos agora o sr. Fuschini:

«Pareceu-me que o effeito produzido sobre o publico não havia sido desagradavel; mas não esperava que este espirito favoravel resistisse, quando os encargos respectivos começassem a ser bem avaliados pelos contribuintes.

«As primeiras difficuldades, porém, não começaram pelo projecto industrial. Levantaram-as as disposições relativas á sellagem dos livros, que, aliás, creavam insignificante encargo para o commercio. A direcção da Associação Com-

mercial de Lisboa procurou-me para me representar a este respeito; recordo-me, até, que referindo-me ao projecto industrial, durante esta entrevista, a alguém, que elogiava a elevação da cidade do Porto a terra de primeira ordem, para o effeito do pagamento do imposto, respondi que esperava o apoio dos elementos de Lisboa, da propria Associação Commercial, para vencer a contenda, que aliás devia ser rija. Tão certo é que o projecto industrial não começou por levantar opposição. Levantou-a, depois, quando as minhas resoluções sobre as questões do alcool e dos phosphoros azedaram certos interesses... Conheço bem o assumpto e, se merecesse o trabalho e não occupasse indignamente estas paginas, poderia bem desenvolvê-lo.

«A propaganda de certa imprensa assalariada, como depois se demonstrou, a acção de influencias movidas por interesses proprios, produziram essa famosa campanha da Associação Commercial, de que fui o principal objectivo. O sr. João Franco, o causador da apresentação da proposta, apenas ouviu ruido, encolheu as famosas garras de leão. Mais de uma vez, elle o sr. Hintze Ribeiro quizeram retroceder. Para tal caminho declarei-lhe ser tarde; acontecesse o que acontecesse, o projecto industrial seria posto em execução em janeiro de 1894, affirmava eu, apurando os trabalhos do regulamento.»

Mas o sr. João Franco é um estadista de firme vontade. Se o dizem os seus desinteressados amigos...

Esteve em Coimbra o sr. Marquês de Reriz, pae do nosso querido amigo e distincto correligionario o sr. dr. José Bruno de Cabedo e Lencastre.

Um principe democrata

O principe Henrique d'Orléans, irmão da sr.ª D. Amelia, tendo sido condecorado pelo governo francès pelos seus trabalhos scientificos em viagem ao Oriente, pronunciou um discurso eminentemente liberal num banquete que lhe foi offerecido pelo conde de Dion.

Imagine-se que nesse brinde recordou o pensamento de Philippe Égalité que, antes de subir ao patibulo, escreveu no seu testamento politico estas palavras para seus filhos: «Deveis ser servidores apaixonados da Revolução. Desejo que, servindo a França, vos façais perdoar por haverdes nascido príncipe», e que considerou a condecoração que lhe foi dada como uma absolvição do seu peccado d'origem!

Os orleanistas estão furiosos. A França não se commoveu.

Verdades incontestaveis

Sobre a influencia da monarchia nas classes populares, diz o sr. Augusto Fuschini no seu livro:

«O completo abandono da administração publica na mão de ineptos e de devassos politicos, quando esta devassidão não attinge maiores proporções, tem levado o povo portuguez a um estado de prostração moral, de fraqueza physica e de miseria, que as apparencias faustuosas das classes superiores não conseguem disfarçar. Em Portugal, no momento historico que atravessamos, o estado das populações mais pobres faz recordar o dos *servos da gleba*, dos *colonos*, que na idade média povoavam, immersos em pobreza e embrutecidos pela ignorancia, as terras e os dominios dos brilhantes e ricos senhores feudaes.

As mais graves responsabilidades, nestas tristissimas condições populares, cabem ás administrações nacionaes e aos partidos politicos. O nosso país não tem elementos para ser nação rica, para isso falta-lhe desde o energico caracter trabalhador dos seus habitantes até ás condições geographicas; é certo. A sua natureza, essencialmente, agricola, em terrenos do velho mundo, exgotados por milhares d'annos de cultura, não é de molde para avivar esperanças de grandes desenvolvimentos de riqueza publica e particular; todavia, o caracter docil, quasi amoroso, da nossa raça, a sua relativa sobriedade e finura intellectual, são qualidades, que, bem aproveitadas e dirigidas, poderiam fazer do povo portuguez uma nação feliz e, relativamente, abastada.

Mais de uma vez tenho pensado em que alguns annos de boa e patriótica administração creariam, neste pequeno tracto da península iberica, condições parecidas, embora inferiores, ás de aquelle bom povo suizo, como nós pastor e agricultor.

Dadas as condições da nossa raça, esses cinco milhões de cidadãos, mal espalhados em nove milhões de hectares de terreno, poderiam ser admiravelmente administrados; contudo, na Europa não existe povo mais ignorante e desprezado do que o infeliz povo portuguez.

Segue hoje para Marselha, d'onde embarcará para a India, o sr. conselheiro Neves Ferreira.

Esse *anglophobo*, na phrase do desequilibrado sr. João Franco, vae ganhar 18 contos por anno ou 50\$000 réis por dia, para negociar um tratado de extradição com a Inglaterra.

Congresso socialista internacional

O *comité* revolucionario central de Paris enviou ao *comité* organisador do congresso socialista internacional, que brevemente se reune em Londres, o seguinte projecto de resolução:

«O congresso, considerando que como foi decidido no congresso de Bruxellas, devendo as reivindicações dos trabalhadores de todos os países assignalar-se pelo caracter nitidamente economico que lhes é commum, do dia de oito horas de trabalho, não é, todavia, menos necessario que a solidariedade politica dos trabalhadores e socialistas de todos os países seja affirmada com precisão;

Considerando que é exercendo a acção politica, nacional e internacional, que os trabalhadores hão de diminuir a sua servidão e conquistar os seus direitos;

Considerando que é por meio da acção politica que podem defender a causa, para elles d'um interesse superior a qualquer outra, da manutenção da paz internacional, contra os manejos guerreiros do capitalismo, do milita-

rismo e da reacção, e contra as intrigas da especulação colonial;

Considerando que importa definir e precisar melhor do que o fizeram os congressos anteriores, as condições da solidariedade internacional da classe operaria e do partido socialista, bem como as da sua acção simultaneamente economica e politica e ainda as da sua manifestação no 1.º de maio.

O *comité* revolucionario central, em nome das suas federações e dos *comités* de Paris e dos departamentos, propõe ao congresso internacional de Londres as seguintes resoluções:

1.º—O fim para que devem tender com todos os seus esforços, o proletariado e o partido socialista, é a conquista do poder politico, por ser o meio por excellencia para destruir o regimen capitalista, para se conseguir a emancipação dos trabalhadores, para libertar o homem e o cidadão e para se estabelecer a republica socialista internacional;

2.º—O dia 1.º de maio será a manifestação da solidariedade e da acção internacionaes ao mesmo tempo politica e social, dos trabalhadores e socialistas, para a reivindicação da emancipação do proletariado, para o dia normal de 8 horas, para a acção politica socialista, para a conquista do poder politico e para a manutenção da paz internacional.

Pelo *comité* revolucionario central—A comissão administrativa—Baudin, Chanvière, Edonard Vaillant, Walter, deputados; E Landrin, Ernest Moreau, conselheiros municipais de Paris; Argyriadès, J. L. Breton, Calmels, Cappuzan, Louis Dubreuilh, Albert Goullé, H. Le Page, Rossignol, Henri Turols.

Diz-se que vae ser nomeado commandante d'uma colonia agricola e militar em Malange o coronel Sousa Machado, que tão valentemente se bateu em Coolella.

Fiel descripção

Eis como o sr. Fuschini define no seu livro a acção desmoralisadora da politica monarchica:

«O estado anarchico da sociedade portuguesa carece de regimen de força e de ordem que discipline os elementos discordes e irrequietos!

Neste caso o governo propõe-se moralisar-nos e, para esse effeito, usa dos processos contrarios, talvez seguindo o methodo dos antigos *lacedemonios*, que embriagavam os escravos para servir de exemplo aos filhos! Bem está.

A *digna* oligarchia, que nos governa, invoca os deuses immortaes, fulmina as devassidões populares, corrige os abusos, mantem as virtudes civicas, mostrando ás multidões, que deviam encher as *bolgias* do inferno de dante, não o valor do exemplo e a eloquencia da doutrina, mas o flammejar reluzente dos sabres e as forças materiaes do Estado!

E, enquanto disciplinam e moralizam o país, os oligarchas, rindo-se uns para os outros como os augures romanos, praticam os actos da mais desenfreada immoralidade, perdem a noção da propria hombridade, servem se reciprocamente com a mais cynica franqueza, tratam dos seus interesses com a maior assiduidade, desinvolvem a clientella politica e collocam os amigos e parentes; e, quando alguem se levanta para protestar, a voz grave e solemne da honestidade falla pelos seus labios: *silencio, réprobos, quem se atreve a interromper o nome arduo trabalho de moralisação e disciplina do país, e de salvacação das instituições pelo... engrandecimento do poder real.*

Com franqueza, por maior que seja o meu desejo de não escrever neste livro uma palavra mais vigorosa, é difficil de encontrar no dictionario synonimo para tal grande cynismo».

Bagatellas

Pelos primeiros annos do seculo XIII, D. Sancho I, supprimida a instituição dos monges laurbanenses que chegou a ser das mais ricas da península, entrega o edificio a sua filha D. Theresa, para ser convertido em recolhimento de freiras.

Actualmente das construcções antigas nem vestigios restam; e é de ver, que a fabrica fosse notavel, attentos os redditos opulentos do mosteiro, a representação da ordem a que pertencia, a cathegoria social da communitade, que se orgulhava de haver acolhido no seu seio algumas príncêzas, protegida e considerada pelos reis, na tradição hierarchica da sua grandesa e da sua origem.

Em 1683, conforme resa a lapide commemorativa, em posição evidente, ao centro da fachada, todo o edificio soffreu uma transformação radical.

Foi feito o grande dormitorio, a egreja, o côro e dependencias: uma reconstrução completa!

De epochas anteriores existe o claustro e pouco mais.

O claustro é pequeno, do periodo philippino. A claustrina pouco vale.

Em volta d'ambos ha capellas e sepulturas.

Ainda se vêem, por entre o lixo e entulhos, flôres artificiaes, farrapos de estôfos, rendas e bordados, restos de frioleiras tocantes e carinhosas da devoção feminina!

Nos escombros, por entre madeiras velhas e caliças, encontram-se retabulos de talha dourada a apodrecer, quando ha tantas egrejas aldeaes miseraveis e sujas!...

A egreja é vasta e alta, de planta rectangular e cupula audaciosa. Artisticamente, pesada e fria, mas salva-se pela grandesa.

Tudo o que é de construcção mais recente,—officinas e casas de habitação, cahiu em ruinas, involtas numa mortalha de verdura, cheia de seiva, risonha e sarcastica!

E' notavel como nos conventos abandonados a fecundidade expansiva da vegetação se estende promptamente e irrompe por toda a parte!

O principal attractivo á curiosidade dos raros forasteiros, que visitam Lorrvão, é—o côro, com os seus cadeiras de altos respaldos erriçados de talha miuda.

As dimensões do côro não são excessivamente largas; a luz entra pelas janellas, na incidencia mais desfavoravel ao effeito da perspectiva; e tudo aquillo tem o aspecto ostentoso e insensivel de opulencia fradesca! Vinte minutos de descanso e concentração facil de espirito, naquelle meio, produz uma invencivel prostração de indolencia e de tedio!

21 — III — 96.

Manhã fria, d'uma asperesa socegada e cortante.

Pelas ruas da aldeia grupos de

mulheres dos confins da freguezia, dando os ultimos arranjos nos seus trajos de gala, para a desobriga.

A neblina esbate-se pelos montes acima; e os primeiros raios do sol tingem ligeiramente as cumieadas dos serros.

A um recanto do extenso terreiro, pela escadaria que dá accessio á egreja, andam homens afadigados, collocando sobre carros de bois pedras esculpturadas, que vão ser conduzidas a Coimbra e depositadas no museu archeologico do Instituto.

Formam-se pequenos grupos, de mulheres principalmente. De quando em quando ouvem-se vozes alterosas.

O povo de Lorrão mostra-se desgostoso e contrariado... No seu criterio rude, não podendo ir além da superficie do facto, vê simplesmente um acto de expoliação e uma offensa aos exaggeros da sua religiosidade.

«Levam a santidade do convento!...»

A simples presença do digno arcepreste contem os commentarios indignados.

O arcepreste, o sr. padre José Joaquim da Paixão, é um homem illustrado, d'uma grande bondade de coração, d'uma elevada inteirêsza de caracter e d'uma enérgica firmesa de animo.

Austero e amavel, elle, sabendo inspirar a afeição e manter o respeito, possui a legitima força moral sobre a população, que parece nimiamente inculca e desconfiada.

A.

O livro do sr. Fuschini

A respeito d'este livro diz o nosso prezado collega a *Voz Publica*:

«No meio da barafunda, que a polemica levantada pelo apparecimento do livro do sr. Fuschini creou, uma coisa sobrenada, superior a todas as condemnações fundamentadas na sophistica e escapatória argumentação *ad hominem*: é que aquillo foi uma obra util.

A auctoridade moral, resultante de uma perfeita inculpabilidade propria em factos aos outros assacados, é independente dos factos expostos, e estes é que interessam ao publico.

Aquelle livro arrancou mascaras e desvendou mysterios — mysterios que são crimes e mascaras que encobriam criminosos.

Isso basta ao nosso applauso»

Muito bem.

Um imposto iniquo

Se as propostas de fazenda do sr. Hintze Ribeiro fossem convertidas em lei, teriamos o imposto de 10 réis sobre cada bilhete dos caminhos de ferro que fosse vendido. Ficariam pagando o mesmo imposto todos os passageiros, qualquer que fosse a classe em que viajassem e o preço do bilhete. Dado mesmo que este custasse 20 ou 30 réis, pagar-se-ia o imposto de dez réis.

Esse imposto representava portanto uma verdadeira iniquidade, e não só por esse motivo mas ainda porque affectaria principalmente as pessoas que, em virtude da sua profissão ou por qualquer outro motivo, se vêem obrigadas a utilizar-se diariamente do comboio. Assim, quem fizer duas viagens por dia em caminho de ferro terá de pagar 7300 réis de imposto durante o anno.

Na impossibilidade de fazer recalc o imposto sobre os rendimentos individuais, porque não se sente com forças para lutar contra os ricos burguezes cujos interesses ha prejudicar, a monarchia soccorre-se d'estes miseraveis expedientes, de ha muito completa-

mente condemnados pela sciencia financeira.

E assim viverá, enquanto o povo se não compenetrar de que impende sobre elle o rigoroso dever de supprimir um regimen que tão vilmente o tem explorado.

Noticias graves

A *Independance Belge* publica o seguinte na sua revista politica:

«O telegrapho dá nos a confirmação d'uma nova derrota das tropas portuguezas em Goa. O capitão Gomes da Costa, encarregado de retomar aos insurgentes Sanguem, que cahira em seu poder, teve de recuar ante um graniço de balas. Após meia hora de combate, as suas tropas, completamente desmoralizadas, estavam em plena derrota. Mesmo em Goa, a situação era muito critica: as tropas indigenas recusaram obedecer a seus chefes e desertaram em massa para a India Inglesa. Os insurgentes apoderaram-se de Satary e de Canãona; além d'isso, occupam toda a provincia das Novas Conquistas, com excepção de Perném. É preciso que a situação seja realmente grave, para que o governo tenha pedido com urgencia reforços de Lisboa. Os insurgentes estão abundantemente providos de espingardas e cartuchos, quando os portuguezes, ao que parece, têm falta de munições; é preciso crer que os primeiros são secretamente auxiliados. Seja como for, esta insurreição anuncia-se como devendo ser uma das mais sérias que o governo portuguez tenha encontrado até ao presente, e tudo faz prever uma guerra de longa duração.»

X

O visoréi, sr. D. Alfonso, mandou pedir pelo telegrapho o fornecimento de 60:000 cartuchos com bala para armas Snider e 10:000 para as antigas espingardas Enfield, com que estão armadas as tropas indigenas d'aquelle estado.

Tinha declarado a *Tarde* que, se o governo assim o quizesse, o sr. José Luciano iria ao poder em principios de 1897. O *Diario Popular*, no dia 1 d'abril, apresentava a composição do futuro ministerio progressista e declarava que em fins d'este mês principios de maio o sr. José Luciano escreveria ao sr. José d'Alpoim, indigitado pelo *Popular* para ministro das obras publicas, uma carta em que lhe recomendaria como boa pessoa e prestante correligionario o conde de Restello. As *Novidades*, no mesmo dia, affirmaram que a noticia do *Popular* virá a realisar-se em principios de 1897.

Pelo que se vê, a noticia da *Tarde* tem alguns fundamentos e, quando se confirmar, ficaremos sabendo que ella é orgão do poder moderador.

A camara municipal de Condeixa requereu ao governo a expropriação, por utilidade publica, d'um casarão pertencente aos herdeiros do sr. Francisco de Lemos Ramalho, e d'uma casa do nosso dedicadissimo correligionario sr. Abilio Roque de Sá Barreto, situados na rua Lopo Vaz d'aquella villa, para construcção dos novos paços do concelho.

Um patife

Um dos medicos mais conhecidos de Londres, o dr. Playfair, foi ultimamente condemnado a pagar uma indemnização de 54:000\$000 a uma das suas clientes, por violação do segredo profissional.

As circumstancias do processo são bastante curiosas. O dr. Playfair chegara mesmo a diffamar a cliente, mistress Arthur Kitson, para que o cunhado d'esta, membro do parlamento, a desprezasse, deixando de lhe dar uma pensão de 1:800\$000 réis, de que ella vivia e mais os filhos, e, indignado, deixasse toda a sua fortuna a irmã, esposa do dr. Playfair.

A intriga, como fora bem urdida, produziu o effeito pretendido. Foi então que mistress Kitson recorreu ao tribunal que, considerando que bastava a violação do segredo profissional para justificar o pedido de indemnização, condemnou Playfair. A sentença foi recebida pelo publico com grande applauso.

Litteratura e Arte

DOR SUPREMA

Maço de cartas que eu não mandei ao Marcelino Mesquita

III — Não sei se a ti te acontece o mesmo.

Eu, quando tenho alegrias, ando a conta-las a toda a gente e fico mais alegre.

Até com a tristeza, se a digo a alguém amigo, parece-me que fico menos triste.

É porisso que eu ando, ha tanto tempo, a escrever-te da *Dór Suprema*.

Tem-me feito bem, ando mais contente, parece-me que me sinto até com mais saude.

A *Dór Suprema* é uma obra perfeita, como concepção humana e como realização artistica.

Cada um dos seus actos é um acto necessario. A tragedia de Marcellino Mesquita não podia ter dois actos, nem devia ter mais de três.

A agonia longa do primeiro acto define a fraquêsza do pae, o seu espirito de fraco a quem afflige a dór alheia mais que a propria, explica a organização da mãe, descreve-lhe o caracter.

Morta a filha, apparece a doença que os ha de levar ao suicidio e o panno cahe immediatamente.

Este acto, acto de apresentação de personagens, definição de caracteres e indicação de acção dramatica é completo e perfeito. Acaba quando devia acabar, com o primeiro ataque.

O segundo acto é a lucta com a adversidade, a guerra á conquista do pão de cada dia, penar que lhes vae torturando a existencia, passada em exprobações continuas, em que a mãe tudo attribue ao marido, á sua falta de coragem, á sua falta d'actividade, chegando até a assacar-lhe a morte da filha, por não ter elle chamado outro medico, como ella lhe indicára. É o amorteecer das resistencias, o fugir de tudo o que os poderia agarrar á vida, o desaparecer das recordações piedosas, o empenhar dos vestidos da filha, em cuja contemplação a mãe ia enganando a vida, diminuindo a sua dór, recordando as alegrias passadas, reconstituindo a bellêsa do corpo pequenito da filha que parecia ainda vêr-se nos vestidos usados, em que se haviam impresso as suas fórmulas delicadas.

Numa discussão com o marido, este lembra-lhe a doença de que ella soffrera, e de que procurava recordar-se sem o conseguir, e começa então a explosão de gritos de colera e suspiros de dór que originam o reaparecimento da doença.

O terceiro acto é o suicidio, o final, a consequencia logica dos dois outros actos.

Não ha acto que possa cortar-se em toda a obra.

É perfeito o dialogar, simples, sobrio, sem divagações rhetoricas, d'uma grande intensidade d'emoção.

Cada personagem se reconhece pelo que diz, cada um falla lingoagem propria, diz o seu caracter, sem os artificios usados de defeitos de pronuncia ou repetição de sentenças e phrases, meio commum e facil de marcar os personagens de drama.

Não ha phrase que possa cortar-se em toda a obra. Apesar da acção se passar entre duas pessoas só, o

dialogo é variado, prende. Ao ouvir fallar os personagens pôde-se chorar, pôde sentir-se uma emoção funda, mesmo a dór, mas ninguém sentirá o tedio.

É que a acção varia constantemente, não ha repetições, senão as forçadas do terceiro acto, d'um grande valor artistico.

O soffrer vae arruinando-lhes os corpos e modificando-lhes o pensar, deixando apenas fluctuar sempre e constantemente a indicação dos caracteres que se não perde.

Julia falla no segundo acto uma lingoagem desmanchada, como o seu cerebro a desorganizar-se, crivada de plebeismos. Antonio resignado ouve tudo e tenta debalde manter a dignidade que sente vae a fugir-lhe.

Julia apenas se modifica um pouco no monologo, d'uma grande simplicidade, cheio de coisas que só as mães sabem dizer.

No terceiro acto, a lingoagem é doce, quebrada, sente-se que aquellas vidas vão acabar.

Não ha em parte alguma phrase escusada. Marcellino soube como os grandes artistas escolher o que ha de mais emocionante, e dizê-lo sobriamente. A phrase exprime a idéa rapidamente, não ha nada que distraia d'aquella dór. Nas palavras, nos gritos escolheu os que representam a dór, sem um engano, o que não é facil; porque na dór ha notas d'alegria, como ha posições *paradas* no movimento.

Ouvir a tua peça é ouvir a dór. Isto fez com que muita gente que soffreu já assim, ou viu assim soffrer, imaginasse que se estava ouvindo a si mesmo, e visse nascer no cerebro pequenino a illusão de poder fazer uma coisa assim.

Os medicos julgaram-se obrigados a ter opinião, dita baixo, sentenciosamente: *é assim, aquillo é assim, conheço aquillo bem!*

E cortavam a phrase com um aperto de mão commovido, emquanto no olhar deixavam passear a tristêsza das miserias observadas.

Deve ter havido medico que affirmasse que a tua peça era uma observação clinica. A imbecilidade é grande!...

Ora eu, que por mal dos meus peccados me conheço em observações clinicas, soube que Julia padecia de hysteria por uma rubrica tua.

E todavia a tua tragedia é verdadeira, a mulher pôde ser hystérica; mas não ha medico que diagnostique a doença á face da tua peça, sem as rubricas.

Ultimamente os medicos estão dando um espectáculo estranho de vêr em obras d'arte apenas a doença.

Ha pouco escreveu-se um livro imbecil a provar que os contos de Edgar Poë eram hallucinações alcoolicas. O pobre não viu mais! Foi tempo perdido na leitura, horas que talvez podesse ter ganhado a deitar ventosas.

A *Dór Suprema* dominou o publico, torturou-o, fê-lo chorar. A critica explicou logo — effeito de interpretação excepcional, se não fosse muito bem desempenhada ninguém poderia ouvir a tragedia.

Tal qual as obras primas do theatro antigo e moderno. Lembra-te tu do que era o *Hamlet* em D. Maria?

Eu nunca mais pude esquecer a D. Ophelia!

É tu?... Demais os actores, na tua peça, não têm nada a fazer senão interpretar e dizer. Está tudo marcado, não ha paginas de gritos, faltam as

interjeições ferozes, as reticencias para traduzir em gestos e visagens.

Como todas as obras d'arte, só pôde ser comprehendida pelos artistas. Só elles a poderão comprehender e explicar; mas só comprehender e explicar.

É obra feita e definida, não é esboço a concluir, ou libretto de caprichos choreographicos.

A tua obra diz-se, não se dança, nem pôde recitar-se ao piano, ou publicar-se em folhetins.

É raro, muito raro.

A dór sabe a gritar da tua obra, num crescendo admiravel, desde o primeiro ao ultimo acto, sem as recitas do costume, feita de detalhes extranhos, como o da mosca que apparece na sua armadura d'esmalte verde de putrefação a zumbir importunamente a morte, quando a vida se cala no cadaver frio da creança.

Ha mais gritos no primeiro acto, que termina com um uivar de dór, do que no ultimo, e todavia o effeito conseguido, a intensidade emocional é maior no ultimo acto e na ultima scena do que no primeiro.

As scenas encadeiam-se logicamente, são fataes. O que não quer dizer que se adivinhem. Os fragmentos d'uma obra d'arte nunca deixaram fazer uma reconstituição.

Por um fragmento pôde adivinhar-se um animal.

Cuvier por um osso reconstituiu o mastodonte, e o Fialho por uma unha roida reconstituiu o Joaquim d'Araujo!

Apesar d'isso, anda-se quasi ha um seculo, sem poder achar os braços da Venus de Milo.

Não, na tua peça não ha nada que se adivinhe, os *trucs* conhecidos fallham, até a caridade, — a caridade (D.) moderna, senhora nobre que deixa á portá a carruagem armoriada e sóbe *mysteriosamente* uma vez a escada do pobre para o deixar morrer, mais tarde, á fome, até ella, nem parece a mesma dos palcos e noticiarios...

Eu li a tua peça, como artista, e fiquei admirado da tua observação profunda, do teu saber, da tua experiencia. Tudo parece facil, tudo natural.

A *Dór Suprema* é bem uma perfeita obra d'arte. Só a arte consegue tirar effeito de detalhes insignificantes, só ella dá um aspecto novo, uma intenção ás coisas de todos os dias.

O jantar perto do berço da creança a morrer, é d'um effeito doloroso, quasi cruel.

As coisas sabidas de theatro, se apparecem na *Dór Suprema*, vêm novas pela intensão. A ave-maria do ultimo acto, um arrojo em quem foge dos caminhos já trilhados, desapparece quasi por o que origina, pelo effeito que prende e justifica — a hallucinação final de Julia.

Os detalhes mais insignificantes são necessarios, justificam a acção, explicam os caracteres.

Antonio, que se define na primeira scena, como pusillanime e fraco deante da dór, não se aproximando do berço, na scena terceira vê-se intensamente figurado num detalhe insignificante — a pressa com que se agarra a um pretexto que lhe permite abandonar a filha que sabe que vae morrer, na lentição em voltar a casa.

Os caracteres accentuam-se até ao fim. Antonio e Julia só se suicidam quando os ameaça a vergonha de pedir,

A bellêsa da tua tragedia é a característica de todo o trabalho artistico — a unidade.

Em nenhum dos actos se esquece o que passou; o terceiro acto é cheio de reminiscências dos outros dois, ditas d'uma fórma original.

Muito para notar o episodio da mosca que volta symbolo de vida a lembrar aos corpos a finar-se de fome a saudade da filha morta.

Tu escreveste que o João e a Virginia tinham interpretado bem a tua obra.

Passaste-lhes diploma de actores de primeira ordem, não no nosso theatro mas em qualquer parte.

Alegra-me o encontrar-me contigo. O João Rosa é o nosso primeiro actor. Virginia a nossa unica actriz, modesta, cheia de amor pela sua arte...

Boa senhora, de quem minha mãe gostava tanto...

Coimbra, 4 — IV — 96.

Cortei a carta; porque começava a dizer bem. As outras que cá ficaram vou lêr-l'as a Lisboa.

Teu,
T. C.

Foi demittido do logar de distribuidor supranumerario d'este concelho o sr. Henrique Clemente de Miranda.

O Sud-Express

Começa no dia 14 do corrente o novo serviço d'este comboio, consideravelmente melhorado, fazendo-se o trajecto directo de Lisboa a Paris e vice-versa sem as actuaes demoras em Medina.

O comboio descendente tem só alteração mais sensivel na marcha desde Medina, onde chega ás 7 horas e 4 minutos da tarde, saindo ás 7 horas e 20 minutos para partir da Pampilhosa ás 5 horas e 52 minutos da manhã, chegando a Lisboa ás 11 horas e meia.

O ascendente passa a partir de Lisboa ás terças e sextas feiras, ás 6 da tarde, chegando ás 11 horas e 7 minutos da noite á Pampilhosa, onde se encontra com o correio vindo do Porto; chega a Medina ás 10 horas e 55 minutos da manhã, a Hendaya ás 10 horas da noite e a Paris ás 11 horas e 34 minutos da manhã, podendo os passageiros para Londres tomar o comboio das 11 horas e 50 minutos que os conduz áquella capital ás 7 horas.

Isto é, iremos em 41 horas e meia a Paris e em 49 horas a Londres.

Na Africa do Sul

Relativamente á revolta dos matabelles, informam as gazetas de Johannesburg:

A revolta faz temer um levantamento geral das tribus guerreiras que vivem ao norte do rio Crocodilo. Foi em Insiza, proximo do Guelu, pequena povoação a cem milhas de Balavayo, na estrada do forte de Salisbury, que principiaram os tumultos. Uma columna inglesa perdeu doze homens. Muitos brancos foram trucidados.

M. Sprekley voltou hontem a Balavayo e M. Gifford é esperado brevemente. O primeiro verificou que todos os brancos do districto de Filibus foram assassinados; os assassinos lançaram fogo a molhos de herva sobre os rostos das victimas para não serem reconhecidas. Gifford encontrou o inimigo em Meckle no Insiza; houve um morto e seis feridos e libertou 38 europeus prisioneiros dos rebeldes.

Do seu lado o capitão Napier e o tenente Grey, operando no Changan, juntaram-se no Gimgem, onde estão os kraals do chefe Ulimo e do feiticeiro que se supõe ter fomentado a revolta. Cercaram-nos e contam apoderar-se d'elles facilmente.

O alto commissario do Cabo deu ordem á força de Mafeking para remetter munições e armas sob escolta e ás guarnições de Gaberones e Palapye foi-lhe ordenado que marchassem sem demora.

O numero de brancos mortos era até 29 do mês passado cerca de 20.

Alguns jornaes ingleses consideram este deploravel successo como nova prova da falta de senso de Jameson.

Cuba

Telegrammas particulares da Havana dizem que o governador geral de Cuba recebeu noticia confidencial de que o cabecilha Maximo Gomez succumbira a uma doença antiga, tendo o seu cadaver sido sepultado em Matanzas.

Esta noticia, porém, ainda não foi confirmada.

Os despachos officiaes da Havana dão noticia de varios recontros das tropas hespanholas com os insurrectos, perdendo estes grande numero de mortos, feridos e prisioneiros.

O general Weyler está muito satisfeito com os resultados da campanha,

mas a pacificação da ilha está ainda para muito tarde. Tambem nos parece.

O senador Gall apresentou uma resolução pedindo ao presidente Cleveland que mande a Cuba uma força naval sufficiente para pôr termo ás atrocidades e proteger os cidadãos americanos e que notifique a Hespanha que intervirá á mão armada, sendo necessario, se não cessarem immediatamente as crueldades e os assassinatos.

Esta resolução ainda não foi discutida.

O general Weyler declarou em Cuba a um jornalista que esperava terminar inteiramente a guerra no prazo de 2 annos.

Pelo que se vê, a Hespanha ainda tem de dispendir muito dinheiro e de sacrificar muitas vidas. E pôde succeder que, antes dos dois annos, acabe a guerra, dando-se o contrario do que Weyler espera.

Semana santa

Foram muito concorridas as festividades da Semana Santa tanto na Sé Cathedral como na capella da Santa Casa da Misericordia. Nesta sobresaiu o canto, em que se destacavam as vozes do primeiro cartorario da Misericordia, João Maria Ferreira Roque, e das orphãs, que lhe imprimem uma nota tão suave e sympathica. Um protesto contra a resolução do sr. Bispo Conde, por que prohibiu que as senhoras cantem nas igrejas, e que impressiona vivamente quem o ouve.

Quanto a sermões forçoso é confessar que nenhum se tornou saliente. A oratoria sagrada entrou numa lastimavel decadencia.

A exposição do Santissimo fez-se sem que houvesse alteração alguma relativamente aos annos anteriores, que mereça ser registada. A peregrinação aos templos em que a houve foi enorme.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 12 de março de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa.
Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, Albano Gomes Paes.
Approvada a acta da sessão anterior resolveu a camara:

M. de Lambrune que fôra o instigador d'este passo, do qual, diga-se de passagem, o seu velho amigo se tinha sorrido como de negocio feito, e esperava o resultado no terrapão, passeando de um para outro lado com as mãos detraz das costas.

—Então? disse elle apenas avistou M. de Villy.

—Então... estou a receiar que tu conheças melhor Emmanuel do que eu. Apresentou-me umas considerações singulares, objectou-me umas razões de delicadeza que nunca me viriam á cabeça e que, aliás, me não convenceram.

—Final, que foi que elle te respondeu?

—Que parecia que iria offerecer-se definitivamente como um remedio e que nisso havia alguma coisa de menos digno para Alice, para mim e para elle.

—Ora essa! realmente é fino de mais porque é impossivel encontrar nisso um vislumbre de verdade. Mas, deixa estar; vou-lhe eu falar, a esse d'Argouges!

—Meu caro Lambrune, elle bem sabe quanto me affligiu; mostrei-lhe em tres palavras a minha surpresa e o meu profundo desgosto. De modo algum quereria agora que elle supozesse que aperto o cerco. Visto que

Ir examinar as condições da construção de um muro de vedação a um predio particular em Santo Antonio dos Olivares, com o fim de habilitar a despachar um requerimento de queixa de diversos proprietarios.

Auctorisar a compra de vaccina e substancias antisepticas para os serviços de vaccinação.

Attestar favoravelmente acerca de diversas petições para subsídios de lactação a menores.

Mandar passar licença a um proprietario do Tovim para apascentamento de gado caprino, em conformidade com a postura respectiva.

Auctorisar diversas avencas para o consumo d'agua a particulares.

Approvar o projecto do orçamento ordinario do municipio para o corrente anno, apresentado pela presidencia em sessão de 27 de fevereiro na importancia de 68:766,040 réis.

Annunciar que em breve se passa a fazer inhumações no leirão n.º 4 do cemiterio da Conchada, para que os interessados possam reclamar as transladações que tiverem por conveniente.

Providenciar para que o guarda quinta de Santa Cruz permaneça alli de sol a sol, por conveniencia do serviço.

R. querer a expropriação por utilidade publica de uma pequena loja ás escadas de S. Thiago, para realizar o melhoramento de estas escadas, que dão accesso da praça do Commercio para a rua de Ferreira Borges.

Representar ao governo para que na construção do collecter junto ao mercado em Santa Cruz se attenda á ligação das aguas das valetas.

Attestar favoravelmente acerca do comportamento moral e civil de diversos individuos

Despachou requerimentos, auctorizando a venda de terrenos no cemiterio da Conchada para a construção de jazigos; a reparação de um cano de esgoto d'agua de um predio no largo do Hospital; a reconstrução de uma casa arruinada na Couraça dos Apostolos segundo o alçado offerecido; o alteamento de um muro de vedação a um pequeno pateo de uma casa junto da igreja de Santa Justa; a abertura de um portal junto de umas casas na rua do Tenente Valadim; a vedação de um predio aos loiros da Crugeira, freguezia de S. Martinho do Bispo, occupando o proprietario 7,50 de terreno, junto do talude da estrada municipal, no valor de 750 réis e seguindo indicações para o alinhamento sem prejuizo para o publico.

Indeferiu um requerimento para a collocação de bandeiras-annuncios em diferentes pontos da cidade; outro para a exploração em ponto menos conveniente de uma pedreira arrendada ao municipio na quinta de Santa Cruz; e auctorizou um proprietario d'esta cidade a fazer os trabalhos necessarios para se conhecer da obstrução dos canos parciaes de esgoto d'aguas de diversas lojas de uma casa situada na rua da Sophia.

Partiu para Lourenço Marques, a bordo do Kangler, o sr. Balthazar Freire Cabral, muito conhecido nesta cidade.

Realizou-se no dia 2 a interpeção na camara dos deputados em França relativa aos negocios do Egypto, que motivaram a sahida de Berthelob do gabinete.

elle appella para a dignidade, cada qual tem a sua!

—Não te dê isso cuidado, respondeu o coronel; um novo cerco, pela minha parte, não lhe parecerá extraordinario... Vae em paz, velho camarada; volta para ao pé de tua filha; eu fico aqui de sentinella e Emmanuel não passará sem trocar santo e senha...

—Duvido muito que sejas bem succedido, quando o seu «segundo pae», como elle me chama ás vezes, teve o resultado que sabes.

—Ora! é que eu não sou nem o seu «segundo pae», nem tio, nem o pae d'Alice; é essa exactamente a minha força. Não calço luvas para lhe falar com a minha rude franqueza, talvez mesmo um pouco brutal, de velho soldado. Vae pois e espera; não o largarei sem motivo um pouco mais serio.

M. d'Argouges cada vez se perturbava mais á medida que pensava na brusca sahida de M. de Villy. Talvez que elle tivesse sido um pouco secco com esse excellentes homem e não queria ser accusado nem de ingrato nem de inconveniente.

Saiu, pois, do quarto para o ir procurar e tapar com affectuosos pezaros o mal que podia fazer-lhe, sem todavia voltar atraz á sua decisão. Emmanuel caiu assim nos braços de M. de Lam-

O sr. Bourgeois, presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros, declarou que a situação da Inglaterra no Egypto cria para toda a Europa um mal estar sempre crescente, que a Russia procede no Egypto de accôrdo com a França e que o governo continuará as negociações com a firmesa que lhe inspira a consciencia de defender os interesses e direitos communs a todas as potencias.

Estas declarações foram vivamente applaudidas, sendo approvada por por 309 votos contra 213 a moção de Mahy de confiança ao governo e applauso ás suas declarações.

Revue des Journaux et des Livres

12.º anno

Recomendando aos nossos leitores esta excellentes revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reprodiz em cada domingo o que de mais notavel aparece durante a semana em jornaes e livros: — Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romances, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a Revista dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a Revista e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da **Revue des Journaux** contém mais de 4:000 novellas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet, Henri Rochfort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Malot, Guy de Maupasant, Paul Bourget, Emile Zola, etc., etc.* A collecção compoza de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr., á escolha; um de 2 fr. o 50., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 meses e 3 mezes respectivamente.

Assinatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Abriu no 1.º de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.

brune, que realmente os abriu para o receber.

—Ah! exclamou o coronel, felizes olhos que o vêem! já me não lembro de que tenhamos trocado duas palavras!

Emmanuel, para quem o encontro era pelo menos desagradavel, ficou bastante frio em presença d'esta expansão.

—Meu caro d'Argouges, tornou M. de Lambrune, disse-vos já, creio eu, que sou vosso amigo e dedicado.

—Agradecei-vos até, coronel.

—Mas, para mim, as palavras leva-as o vento, meu caro; tenho por costume provar o que digo. Daes-me licença para isso?

—Ora essa, pois não! considerarme-el muito feliz, por isso, respondeu Emmanuel com um sorriso desconfiado.

Presentia o ataque e punha-se em guarda, segundo a expressão do coronel.

—Estamos aqui nós e como amigo sincero nada vos quero occultar. Eu tinha offerecido a minha mão a M. de Croizy antes de me ir embora...

—Vós?

—Sim, em pessoa. E nessa occasião ella não a recusou.

(Continúa)

46 Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXIII

—E como? perguntou M. d'Argouges que advinhava a razão fundamental dos rodeios amáveis de M. de Villy, desconhecendo porém as minucias do caso.

O tio teria conhecimento da entrevista do redil, e viria, como despota de familia e pae closo, arranca-lo a M. de Croizy?

Bastava esta ideia para o irritar e estava quasi a trashbordar quando M. de Villy continuou:

—Alice esteve quasi morta e está ainda doente, por uma tristeza qualquer mysteriosa que eu ignoro. Ao aniquillamento succedera o delirio; agora, é a prostração com pleno conhecimento, e os olhos abertos. O doutor Touzeaud, unica pessoa talvez a quem nós devemos a vida d'ella, diz que a noticia de uma grande alegria pode muito especialmente provocar o prompto e completo restabelecimento. Emmanuel, eu fui sempre discreto contigo, não m'o pôdes negar; esta alegria, estou plenamente convencido d'isso, só tu lh'a pôdes dar. Meu bom

sobrinho, queres falar a tua prima no teu proximo casamento com ella?

M. d'Argouges, advertido já, tinhase tranquilizado durante o tempo em que M. de Villy estivera falando.

—Meu tio, respondeu elle, talvez que eu fosse humilhar Alice apresentando-me assim como um remedio para a sua doença. Pelo menos, quer-me parecer...

—Ella pensava lá nisso, a pobre criança!

—Mas talvez mais tarde viesse a desconflar e, em qualquer hypothese, um compromisso nestas condições, parece-me, deixae-me dizer-lo, indigno de vós e de mim.

—Então recusas, Emmanuel?

—Reflicto, meu caro tio. O futuro de Alice, que ainda não entrou em plena posse de si propria e o meu dependem d'uma palavra. Perdoai-me a hesitação, bem natural, de momento.

M. de Villy ficara estupefacto com esta resistencia pela qual estava muito longe de esperar e que de modo algum comprehendia.

—Ah! exclamou elle, levantando-se; neste mundo só os paes sabem amar, não ha que vêr!

E saiu, deixando M. d'Argouges espantado consigo mesmo pela opposição feita tão firmemente aos desejos do tio.

Aviso aos lavradores

17 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

COMPANHIA AUXILIAR

16 Esta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até á terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para merceria, fazendas brancas, ou quinquerias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia,
João Favas.

LOJA

15 Antonio d'Almeida e Silva, morador na rua da Sophia, subloca uma loja na rua do Corvo, n.º 41, 43 e 45, a qual tem armação propria para fazendas brancas, ou outro qualquer negocio.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista
Heroumano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

14 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Casa mobilada no Campo

00 Arrenda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Cavallos, muares, etc.

12 As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMEN TO VESICANTE COSTA; é preferivel á natura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos — Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Depósito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Depósito em Coimbra** — Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accommodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

10 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123 — Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

9 A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos córtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

Contra o reumatismo e rigoroso frio. — Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaça, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de cór, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machina industrial oscilante de Singer — para alfaiate — quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA — Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

ESTABELECIMENTO

DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE
João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-ralos, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

8 CASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

7 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono-chloretadas e odicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias — **DEPOSITO GERAL** — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depósitos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depósitos no Porto — Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Depósito em Coimbra — **RODRIGUES DA SILVA & C.ª**

Depósito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

Propriedade

6 Vende-se uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como também tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegue, morador á Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

5 Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, cha verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de merceria.

Compra e venda de sellos para collecções.

4 Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna à Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

3 Vende-se a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

2 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Prevenção

1 Na padaria do Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Prias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 15200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 119

COIMBRA — Quinta feira, 9 de abril de 1896

2.º ANNO

O misero contribuinte

Comovedor e insinuantissimo, dentro dos dominios do pittoresco, o espectáculo que o *misero contribuinte*, pela voz dos seus justos e honestos representantes, nos está offerecendo agora, deante das novissimas propostas do financeiro de Caneças, resurgido de diplomata imbecil a Colbert de casca grossa. Comovedor e insinuantissimo, sem deixar, em todo o caso, de ser grotesco!

Este *misero contribuinte*, que ha mais de vinte e cinco annos anda a dizer que não pôde pagar mais, na monotonia e somnolenta replica com que pretende contrariar as urgencias do esbanjamento e da depravação politica dos seus dias, resignando-se, comtudo, a que o esfollem desapidadamente, é um personagem muito conhecido dos nossos grandes partidos de governo, e cuja presença, entre miseravel e imponente, é indispensavel sempre que qualquer gabinete exhibe coisa que pareça projecto de remodelação tributaria ou parodia de plano financeiro. Indifferente, como besta em maninho, a todos os immundos episodios que determinam, com uma regularidade arithmetica, a elevação do preço da vida; — philosopho e, por vezes, moralista, quando lhe dizem que a politica portugueza, neste momento, assombraria, com os seus processos de depravação e de desvergonhamento, a moral dos proprios alcouces; — permitindo-se averbar de facciosos jacobinantes os incorrigiveis, que ainda pensam fazer despertar a besta do seu somno de cataleptico imprudente, o *misero contribuinte* exhibe-se nos todos os annos por esse tempo, clamando que «vamos perdidos; que não pôde nem quer pagar mais; e finalmente, que, em materia de publica administração é tudo uma patifaria e uma pouca vergonha!»

Esta chronica surpresa do *misero contribuinte*, este annual abrir d'olhos e despertar de estremunhado pateta é, sem duvida alguma, a mais comica de todas as manifestações pictorescas — de banalidade e de velhacaria — que a chamada alma nacional nos pôde offertar! O contribuinte portuguez impondo-se nos como surpreendido deante do quadro da miseria do Estado e da urgencia de reparar as manjedouras do erario... devemos convir que, como indicio de pouca vergonha, não ha paralelo nem encontra confronto nos seus melhores similares!

Soberbo!

Então o que é que cuidava o *misero contribuinte*? Que chovia di-

nheiro no erario, exactamente como diz a Vulgata que chovia agua durante os *quadraginta diebus et quadraginta noctibus* do diluvio? Onde é que quer o velhaco contribuinte, que o sr. João Franco vá buscar o dinheiro com que tem de pagar á imprensa que o serve, e que lhe chama o «segundo Pombal», o «grande homem», o «restaurador intemerato do prestigio da monarchia» — coisas assim sinceras e assim veridicas, que nenhum pandilha, ainda quando muito bandalho e bem cevado, pôde dizer de graça? Onde? Onde quer o *misero contribuinte*, que o mesmo senhor João Franco, animado dos heroicos propositos, em que está, de acceitar ladrões para cooperarem no resurgimento espiritual do povo portuguez, visto que esmaga-los e metê-los na cadeia seria coisa incommoda e, porventura, injusta: — de onde quer o *misero contribuinte*, digo, que venha o dinheiro, que ha de esperar o calor com que se hão de aquecer os respectivos engenhos d'aquelles poderosos auxiliares de uma politica de força e de exemplo? De onde? Onde quer, igualmente, o mesmo velhaco contribuinte, que o supracitado senhor João Franco vá arranjar dinheiro para pagar, a um tempo, as despêsas magnas e as despêsas minimas, determinadas por occorrencias simultaneamente grandes e simultaneamente graciosas, como a subvenção ao sr. Antonio Eunes — o terror do Gungunhana, que elle, o grande Beresford dos pretos, aqui viu pela primeira vez na fortalêsa de Monsanto: — ou a galantissima aventura do sr. D. Soveral mandando pôr um comboyo expresso que o leve a Braga, a discutir direito publico internacional com o celebre Longuinhas? Queriam, acaso, que o mesmo senhor João Franco se fizesse em chuva de ouro, assim á laia do Jupiter antigo, quando levou de assalto a castidade improvavel da filha de certo rei de Argos? D'onde querem os senhores contribuintes que saia o dinheiro com que temos de subsidiar o indispensavel caso do embaixador especial que ha de ir, á Russia, assistir á coroação do tzar, bem como a missão do sr. Neves Ferreira á India?

Já pensou em todo este rol de despêsas urgentes e inevitaveis o *misero contribuinte*?

×

Depois, não é sómente nestas coisas grandes, uteis e indispensaveis, que o governo gasta muito. Como se tem visto, os dinheiros do Estado andam roubados por mãos de depositarios infieis, que o mesmo governo conhece bellamente,

mas cuja impunidade tem de promover, de modo a não fazer desmaiar as dedicações que o alentam. Bem vêem que os varios recebedores fugidos á vigilancia policial, bem como os não fugidos, mas cuja innocencia os tribunaes reconhecem: bem vêem que todos esses tractos varios em que andam os pratos da balança da Justiça não são phenomenos que não influam na materialidade dos nossos destinos sociaes. E de onde quer o *misero contribuinte* que saia o oleo sagrado que ha de alimentar a alampada da prodigiosa civilisação que nos alumia e aquece?

Não se nos faça, o mesmo *misero contribuinte*, como os que comendo á tripa fórra sem se inquietarem com a proveniencia do dinheiro que ha de alimentar essas prodigalidades, sómente têm furias contra o creado que traz a conta do banquete, sobre que n despejam a vehemencia, um tanto apandilhada, dos seus comicos rancóres.

E, neste instante, o sr. Hintze, guardada a distancia que vae d'este estadista sem miollos a um creado de estalagem, não é mais que o portador da conta a que sóbe o estupendo regabofe em que, ha annos, o país vive indubitavelmente satisfeito. E não se encommoando o *misero contribuinte* com todas as manifestações, ainda as mais repugnantes, d'essa immunda bambuchata; vendo sem indignação senão que até com bestial conformidade, a riquêsa com que apparecem, de prompto, muitos varões austeros: não se dando mesmo a inquietações que provoquem saber-se a proveniencia dos centenaes de contos, que ministros que morreram pobres, deixam depositados em bancos estrangeiros, acaso como pregão da sua virtude: — não tratando senão do seu egoismo e da sua estupidez, tenha ainda, o *misero contribuinte*, o descaramento de mostrar-se nos maravilhado com o rol do custo das patifarias que tolêra, e contra as quaes nunca protestou!

Essa imprudencia é que ninguem lhe perdoará.

Visto que se divorciou dos seus proprios destinos, de fiscal, que devêra ser, da moral politica do seu tempo, se converteu em besta tolerantissima que tudo soffre e supporta, o seu dever é pagar e ter vergonha. O governo tem as suas quadrilhas que estipendia, e cuja existencia o *misero contribuinte* conhece perfeitamente. Não protesta contra a sua existencia; insurge-se unicamente contra a conta que ella apresentam ao thesouro. Sobre covarde, intuitos de caloteiro!

Nada; não pôde ser. Desde que

o silencio signifique assentimento, e a passividade, tolerancia, o governo tem todo o direito, não só de tirar a pelle á *materia collectavel*, mas tambem de, em caso de ruelancia, corrê-la a pontapés. Esta moralidade serodia e intermittenente não admite outro correctivo.

Quem não se importa com os seus deveres perdeu, para sempre, a precisa auctoridade para representar os seus direitos.

A'vante, pois, dictadores!

A'vante!

José Caldas.

Todos os jornaes têm noticiado os esforços evangelicos do sr. padre Pratas para converter ao christianismo o regulo Gungunhana obcecado nas esparrellas de Satanaz.

Deve ser um dia de triumpho para o glorioso apostolo Pratas, aquelle em que mergulhar na pia baptismal a carapinha d'esse irreligioso estafermo; e um motivo de jubilo para esta cidade, que é patria do Pratas, — protector dos pretos!

Informa o correspondente telegraphico da capital para o nosso prezado collega *A Voz Publica*:

«Ha dias foi offerecido, pelo conselheiro Mattoso, um jantar ao sr. José Luciano. Compareceu tambem o sr. Barbosa Colen. No fim do jantar, entrou-se em conversação, verificando se então que o jantar era um simples pretexto para que o chefe do partido progressista retirasse a direcção do *Correio da Noite* ao sr. José d'Alpoim, em beneficio do mesmo Colen. O sr. José Luciano resistiu, mas sei que muitos progressistas, alguns preponderantes, julgam nociva ao partido a direcção do *Correio da Noite* tal como está».

Não pôde contestar-se que a direcção politica do *Correio da Noite* deve ser entregue ao sr. Barbosa Colen.

Por um lado as amabilidades que esse jornalista dirigiu ao partido progressista em quanto foi redactor das *Novidades*, facilitar-lhe-hão extraordinariamente o desempenho do logar que o sr. conselheiro Francisco Mattoso, o amigo intimo das mesmas *Novidades*, pretende arranjar-lhe. Por outro lado o sr. Colen tem, no que respeita á sua coherencia como jornalista, tradições correspondentes ás do partido progressista.

Pelos modos, o motivo real da partida do sr. Neves Ferreira para a India, não é negociar tractados de extradicação, como se tem dito; mas assumir o governo da provincia, porque o bellicoso infante sr. D. Affonso Henriques quer regressar á metropole, a colher as ovações pelas victorias alcançadas.

Como é costume, em taes casos, a respectiva offerta d'uma espada de honra, nós propomos que se lhe dê aquella que está no museu do Porto e que pertenceu ao seu homonymo, o *Conquistador*.

E, seja authentica, ou não seja, para o caso é quanto basta!

Bagatellas

O Instituto de Coimbra trata neste momento de reorganisar o seu museu, dando-lhe maior amplitude, numa mais instructiva e racional orientação.

Diz-se, que será solemnemente inaugurado em 26 do corrente; e exposto ao publico em dias determinados.

O impulso agora tentado dá honra a esta corporação, e é o digno complemento da iniciativa illustrada, que ha 22 annos lançou as bases a esse empreendimento, que, melhor ou peor, tem felizmente sobrevivido ás vicissitudes inherentes a todas as innovações, incompreensiveis para o espirito publico.

Depois d'elle nasceu e foi estrangulado, pela inepecia d'uma vereação inutil, o malfadado *Museu municipal*.

Nunca chegou a ser liquidado, em publico e raso, esse acto prepotente e odioso da estulta inconsideração d'uma camara incapaz de perceber o alcance de semelhante beneficio. Pôde ser porém que um dia haja pachorra, para mais uma vez mostrar a especie de *pau de lorangeira*, de que a cidade muitas vezes faz os seus *lidimos representantes*!...

Ha poucos annos o numero de museus provinciaes em França, depositarios de tradições locais, chegava a cerca de trezentos!

Entre nós o movimento, começou tarde; e as escassas tentativas fraco apoio têm encontrado na coadjuvação governativa. Não está nos habitos o aproveitamento das iniciativas particulares, animando-as e fortalecendo-as, sob um plano de desenvolvimento bem regulado.

Pelo contrario, a concentração de todas as attribuições nas mãos ávidas do poder central esterilisa e soffoca todos os esforços officiosos em favor da causa commum.

Quanto ao resto, a generosidade d'um ministro só se manifesta, se ha convergencia de solicitações e empenhos!...

Seria decerto irrisorio hoje, que alguém quizesse perder tempo em demonstração das vantagens, que derivam da creação e multiplicidade de collecções, onde o publico possa instruir-se pela licção intuitiva das cousas de arte, — hoje que a arte desempenha um papel da mais alta preponderancia nos espiritos e na economia das nações.

No nosso meio, porém, não faltam pessoas, aliás conspicuas e egregias, que lancem instituições d'esta ordem á conta de frivolidades, destinadas a inaptidões ociosas!

Todos esses museus tem por fim conservar em respeito os restos materiaes da arte, legados de gerações passadas, que possam certificar da intelligencia, da cultura, das idéas e costumes, num dado estadio da civilisação; que possam prestar depoimentos necessarios á reconstituição historica do viver e do sentir de outr'ora.

Disse um insigne archeologo francez, cujos trabalhos contribuíram, se não iniciaram, a revolução na

esthetica moderna, estas palavras profundas:

— «O que constitue as nacionalidades é o laço que une estreitamente os diferentes periodos da sua existencia; desgraçados os povos que reagem o seu passado, porque o futuro não existe para elles.»

Mas além das numerosas e complexas razões de ordem sentimental; de altivez patriótica e de sugestões scientificas e moraes; ha ainda uma vantagem real e utilitaria para a prosperidade social, dependente da educação e do adiantamento intellectual do trabalho.

Desde a triumphante e maravilhosa invasão da Renascença, os recursos offerecidos pela arte greco-romana elaborados, debatidos e transformados numa successão, que se tinha prolongado por mais de quatro seculos, achavam-se nos paroxismos do esgotamento e da atrophia.

Foi necessario que modernamente se erguesse a reacção energica contra as convenções canonicas do classicismo auctoritario; e a intelligencia dos artistas fosse dada a liberdade plena de haurir no vasto campo da arte historica novas fórmas, novas interpretações e novos elementos cheios de vigor, de vida e de originalidade.

É nos monumentos e nos museus que uma nova esthetica, apoiada na erudição do passado, va surgindo em esplendores e deslumbramentos.

Todos esses mananciaes de idéas novas, por tantos seculos menospresados, são a lymphá de Juvence onde a arte rejuvenesce em concepções singulares, d'uma bellêsa incomparavel, que são a gloria do genio moderno, e as luzentes alvoradas da arte do futuro!

A.

O povo de Monchique, em signal de protesto porque este anno não foram allí celebradas, como de costume, as Endoenças, fez uma parodia á procissão com sermão de troça á porta da igreja.

A auctoridade processou os promotores.

São d'esta laia os sentimentos religiosos de Monchique!

Para avolumar a historia dos escandalos e crimes da administração colonial, uma correspondencia de Lpanda põe a descoberto estes factos gravissimos e vergonhosos:

«Assim, um chefe de concelho vendeu, por 90\$000 e 150\$000 réis, diversos commandos de divisões, demittindo os commandantes antigos e nomeando outros, mediante aquellas quantias.

O mesmo chefe, que, além do soldo, tem apenas uma gratificação de 10\$000 réis, arranjou em menos de dois meses mais de dois contos de réis. Para isso serviu-se de processos como este: em vez de dar 90 réis por dia a cada praça do seu destacamento, deu-lhes apenas 20 réis.

Em certa comarca, foram condemnados tres réus em prisão na cadeia. Um d'elles fez negocio com os empregados da justiça e foi expiar a pena em sua casa.

Na mesma comarca morreu um preto e a justiça, indo á sua residencia arrolar os bens e não encontrando tantos como sophára, submetteu alguns dos familiares do finado a torturas incriveis, para elles declararem onde estavam os bens.

Na mesma occasião os empregados da justiça agarraram uma mulher, em quem satisfizeram os seus appettes carnaes e que teve que passar uma noite em cada um d'elles.»

Veja-se em que mãos de infieis se acha entregue o governo das nossas possessões!

MAIS UMA RECOMPOZIÇÃO

Sabiu do ministerio o sr. Pimentel Pinto, sendo substituido na pasta da guerra pelo sr. Moraes Sarmento. Concedeu o rei mais uma recomposição ao actual gabinete, que já ha muito devia ter respondido criminalmente pelos inqualificaveis abusos e prepotencias que tem praticado.

E não se limitou o chefe do Estado a acceder ao pedido de recomposição. Tendo-se recusado pertinazmente o sr. Moraes Sarmento a entrar para uma situação politica completamente desprestigiada foi o rei que, mandando-o chamar ao paço, venceu a resistencia que elle oppunha ao pedido do presidente do conselho de ministros. Deu assim o rei mais uma prova de dedicação pelo gabinete, que tanto tem pugnado pelo engrandecimento do seu poder.

Era justo.

Não tem o rei que se importar com o facto de o país sentir a mais profunda repulsão pelos seus ministros favoritos; não deve causar-lhe a minima impressão a enorme série de inauditas torpêsas que têm perpetrado. Tudo isso são bagatellas sem importancia alguma.

A monarchia o que convém, no estado de completo desprestigio em que se encontra, perante o odio que a nação lhe vota, é que os depositarios do poder attendam em tudo e por tudo ás suas conveniencias; que não tenham escrupulo em lançar mão de quaesquer meios, por mais indecorosos que sejam, para a defender. E nenhum ministerio que, sob esse ponto de vista, mais confiança lhe pôde merecer que o actual.

Ainda ha pouco o rei devia ter lido no livro do sr. Fuschini, que já fez parte da actual situação, a sympathica theoria, apresentada pelo sr. João Franco, de que é necessario encobrir todos os crimes que sejam praticados por individuos altamente collocados para que as instituições não sofram.

Ninguém pôde, pois, extranhar que o rei tão dedicado se mostre por tão leaes servidores.

E tambem não pôde causar extranhêsa alguma que o ministerio não pedisse collectivamente a sua demissão, quando perante o parlamento havia affirmado a sua solidariedade politica nos actos que motivaram a sahida do ministro da guerra. Por demais conhecido é que nenhum dos seus membros se prende com questões de dignidade. Têm dado d'isso as mais exuberantes provas.

A ninguém devem causar extranhêsa esses factos e, o que mais é, não nos causam a minima commoção.

É para nós ponto assente que nada ha a esperar da politica monarchica, seja qual for o partido que esteja no poder. Não pôde defender os interesses do país quem queira manter a instituição que mais o está prejudicando.

Carvalho Mourão

Os professores de instrução primaria do concelho de Arganil acabam de prestar ao nosso amigo o sr. Antonio Albino de Carvalho Mourão a homenagem mais affectuosa e significativa do alto apreço em que são tidos os raros dotes de coração e intelligencia d'este illustre funcionario.

O jantar dado em sua honra, a que adheriram amigos e admiradores, foi uma manifestação entusiastica e vibrante de alegria e cordialidade. E as saudações allí levantadas foram calorosas e palpitantes de espontaneidade e de commoção.

Como testemunho commemorativo d'aquella festa os professores, por contribuição collectiva, offereceram-lhe um chronometro e cadeia de ouro, com a dedicatória gravada, e juntamente uma mensagem nos termos mais eloquentes e honorosos.

Deligenciaremos aqui reproduzir essa mensagem, como applauso e adhesão ao justo preito tributado aos altos merecimentos d'um cidadão, por tantos titulos digno da nossa estima.

É transcripto do nosso collega *A Voz Publica*, do Porto, o artigo magnifico, a que damos o logar de honra.

Cuba

Segundo telegrammas do general Weyler, quasi não ha dia em que as armas hespanholas não saeam victoriosas dos recontros com os revoltosos.

As guerrilhas cubanas soffrem constantes derrotas, com perdas importantes de gente, armas, munições, cavallos, etc.

Por este andar, dentro em pouco ficará extincta a insurreição por falta de rebeldes!

Aos precavidos com os successos improvisados de Martinez Campos parece que este constante exterminio e revezes dos insurrectos se ressentirá porventura de phantasias optimistas para manter a tensão de animo do povo hespanhol, que animado d'um patriotico e nobre entusiasmo se dispõe a arrostar com todos os sacrificios, prestando importantes auxilios de material de guerra e batalhões de voluntarios, para o definitivo triumpho da Hespanha.

Os ultimos telegrammas, além das habituaes apprehensões de armas e cavallos, e das guerrilhas de Maceo batidas, perdendo um numero maior ou menor de mortos e feridos, dizem o seguinte:

— O senado em Washington declarou a sessão permanente até ser votado o parecer da commissão mixta acerca da questão da belligerancia.

Insiste-se em que o presidente Cleveland estava no firme proposito de não executar por agora o accordo.

A manhã reúne o conselho de ministros para tratar da questão dos Estados-Unidos.

— Os prelados hespanhoes incitam com entusiasmo os seus diócesanos para que auxiliem o governo com homens e dinheiro, no caso de haver guerra internacional.

— O *Diario de La Marina*, da Havana, publica revelações curiosas sobre a questão de Cuba.

Segundo uma convenção celebrada entre um syndicato anglo-americano e a juncta revolucionaria cubana, depois de triumphar a insurreição de Cuba pediria o protectorado aos Estados-Unidos a fim de prevenir toda e qualquer intervenção europêa; o syndicato teria o direito de vender os terrenos que são hoje propriedade do Estado, e gosaria do monopolio dos novos caminhos de ferro, portos, telegraphos e telephones; as empresas norte-americanas em Cuba seriam isentas de imposto durante cinco annos; a lingua inglesa seria obrigatoria nas escolas publicas de Cuba; seria estabelecido um systema monetaria conforme ao dos Estados-Unidos; e no prazo de seis annos Cuba seria annexada aos Estados-Unidos.

Acrescenta-se que é este syndicato que tem subministrado até agora fundos á insurreição.

O governo parece que acordou e resolveu proceder a melhoramentos que durante tantos annos se tem obstinado a recusar á Lourenço Marques, não

obstante as reclamações de toda a imprensa.

Ordenou ao governador geral da provincia a reforma do serviço aduaneiro; a construcção de armazens, barracas e installações necessarias para os serviços da alfândega; e auctorisou a camara municipal d'aquella cidade a dispender 100 contos de réis em obras de utilidade publica.

Proseguem com grande actividade as obras do ramal de S. Bento, que no Porto devem ligar o centro da cidade com a estação de Campanhã.

O sr. J. Sartoris, artista intelligente e activo, teve a ousada iniciativa de dar principio a uma edição mensal de photographias das obras de arte notaveis espalhadas pelo país.

O empreendimento é vasto, e os numeros já publicados, dos tres primeiros meses, são exemplares perfeitos, que representam peças notabilissimas, demonstrativos de lucida comprehensão quanto á sua utilidade para o estudo da archeologia e da historia da arte portuguesa.

Encarecer um empreendimento d'esta ordem é perder tempo e palavras. Basta dizer que o inventario da nossa riquêsa artistica está por fazer. Nunca os governos pensaram nessas *bugiarias*, não obstante por algumas vezes haverem sido incitados no parlamento a lançarem vistas protectoras sobre as cousas artisticas entregues ao desbarato e á ruina.

Quem quizer colher elementos de estudo tem de andar em perigrinações fatigantes, sujeitando-se a encommodos de viagens aventurosas por esse país fóra. Somos talvez a unica nação em que o estado não sustenta uma unica publicação official de arte!

Quando foi da exposição d'arte ornamental, em 1882, dispenderam centenas de contos e d'essa faustosa exhibição nada mais resta, afóra os poucos trabalhos litterarios, do que um catalogo deficiente.

A mediocre collecção de photographias, á custa do governo, sem criterio e sem plano didatico, que deveria ter sido um poderoso elemento de vulgarisação, foi mais um desperdicio e uma insensatêz para obsequiar meia duzia e apaniguados, sem nenhuma vantagem para o publico.

Da celebrada commissão dos monumentos nacionaes nada ha a esperar, porque falliu num fiasco indecoroso!

E assim ficaremos, se não soubermos aproveitar os bons serviços que os homens de dedicação nos queiram prestar.

Não sabemos se o sr. Sartoris conseguirá que a proverbial e deploravel indifferença do publico lhe preste o indispensavel auxilio; o que é certo é que a sua collecção será a todos os respeitoz preciosa e imprescindivel aos estudiosos e amadores, se, como é de esperar, poder manter a série das reproduções na altura em que brilhantemente se acha encetada.

Apreciando devidamente o valor d'este esforço, só temos para elle palavras de encarecimento e applauso.

A assemblêa legislativa do Estado de Ohio acaba de approvar um projecto de lei em que se impõe a pena de dez dollars ás senhoras que difficilmente aos espectadores verem bem a scena por causa das dimensões exaggeradas dos seus chapêus.

Recommenda-se essa providencia ao *Solar dos Barrigas*. Demais, cabeça fresca, idéas generosas! diz allí o conselheiro amigo!

Carta de Lisboa

Lisboa, 7 de abril de 1896.

Como a politica até hoje ainda não deu caso de sensação, caso novo para commentar, a não ser a reconciliação progressista com o sr. D. Carlos, volto a dizer-lhes mais algumas palavras sobre o partido republicano.

Como não teuciono aggreir pessoalmente ninguém, pois que não quero proceder de má fé com uns e ligar demasiada importancia a outros, posso fallar claro, que não receio me criminem.

A discussão agora, dentro do partido republicano, recabe sobre o nosso proceder deante dos progressistas. A tal respeito de ha muito defini as minhas idéas e sinto-me perfeitamente livre para tratar do assumpto.

Fui sempre contrario á *Colligação liberal*. Republicano muito antes de 1890, passei a ser francamente revolucionario depois do *ultimatum*, intendendo por esse motivo e por causa do tratado de 20 de agosto que devia ter cessado a confiança do paiz na monarchia e a contemporisação dos republicanos com os amigos do throno.

Porque se fez depois d'isso tudo a alliança com os progressistas nunca o comprehendí, nem accetei os argumentos que me apresentaram para defender tal procedimento. Mas este facto é o de outras allianças, que não vão longe e de que não fallo para não resuscitar deploraveis recordações, já-mais se compadeceram com o meu modo de pensar.

Desde que, porém, o partido as tolerou e porque decerto, não foram realisaados de má fé, pela nossa parte, não insistirei sobre o seu valor e significação.

Ha todavia um facto a accentuar — todas as transigencias, contemporisações e accordos, feitos a titulo de desembaraçar a marcha da democracia, nada aproveitaram, pois que, de anno para anno, se têm accentuado a reacção no poder, apparecendo o rei, claramente a governar impondo a sua vontade absoluta.

Dig-me me pois de que tem servido ao partido republicano as tentativas realisaadas? E negem se são capazes, que o espirito republicano augmentou não devido ás concessões liberaes, mas aos crimes de todos os governos da monarchia.

O caso é, que em sonhadas conquistas pelos meios legaes, se tem perdido muito tempo.

E ainda agora uma opinião infantil germina em certas cabeças, que d'ella usam e abusam contentes de terem uma idéa, embora má. Diz-se agora que, combater os progressistas, muito embora nisso tenhamos razão, é favorecer este governo.

Ora é ponto assente que, ninguém contrario aos accordos com os filhos de Passos, os combale simplesmente a elles mas attaca o governo chamado regenerador.

Todavia, como o essencial é guerrear a monarchia, essa guerra será muito mais effcaz batendo-lhe todos os grupos que a defendem.

Ha quem ache isto impolitico. Pôde ser. Mas o que não é serio é proclamar as virtudes d'aquelles que accusamos, e admitir a possibilidade da regeneração do país com os ministerios de um regimen que o assassinou e deshonorou.

Fazer côro com os jornaes affectos ao throno, desde as *Novidades* até ao *Diario de Noticias* porque os progressistas se submeteram e vão entrar os dois partidos na normalidade da *rotacão constitucional*, é uma tolice. Desde que se restabeleça a exploração alternada do país pelos dois partidos, o regenerador e o progressista, succede que elles não só acalmam os seus fuorores deixando de accusar o que deviam accusar, occultando todos os crimes e miserias do poder, mas tratam de garantir o regimen que os deixa comer á vontade.

Ha quem não queira ou não saiba ver isso gastando o tempo a defender a *Carta Constitucional* da monarchia, onde o poder está garantido por completo ao rei e os direitos dos cidadãos á mercê da vontade de todos desde o rei até ao beleguim.

Que profundas vistas haverá no plano de dar força á monarchia favorecendo qualquer dos seus partidos ou

homens não percebe. Devem ser maravilhosas concepções que escapando a Machiavelli ou a Bismarck, vieram depois povoar cerebros deshabitados. Ora, até hoje o resultado de certos políticos tem sido fazer do partido republicano um foguete nas mãos dos monarchicos. Ha quem goste e quem passe a vida em combinações, intrigas e alcovitices, que não aproveitam nem a um ideal de justiça, nem ao bem da nação.

Fazer phrases e fazer accordos, será processo habil para entreter barbeiros e entusiasmar sachristas bisbilhoiteiros.

Mas com isso não se revela sciencia nem competencia para dirigir um partido ou governar um paiz.

Parece que vai sendo tempo de se pensar a sério no que o partido republicano quer. Individualmente conheço muitos republicanos com idéas precisas sobre as soluções da nossa politica. As commissões do norte republicano, tem hoje homens cuja competencia é muito superior á d'esses ridiculos ministros que nos tem governado, malcreados e ignorantes na maioria.

Mas eu, em todas as minhas observações refiro-me ao partido em Lisboa. Não a muitos e valiosos elementos dispersos que por aqui ha, mas aquelles que dizem dirigir o partido nesta cidade. Eu não quero offendê los, já o disse e repito agora, porque não preciso e porque não quero, mas creio que, em vez de jogos malabares de rhetorica barata e machiavelismos de sachrista, era conveniente que os dirigentes d'aqui dissessem o que pensam que a Republica deve fazer.

A desculpa, que eu tenho ouvido, de que se um dia se fizesse a Republica as Constituintes fariam tudo, é ridicula. Antes de se fazer a Revolução Francêsa, já no cerebro de muitos estavam traçadas idéas e planos que a *Encyclopedie* havia feito nascer ou desenvolver.

De resto, havendo feito a propaganda negativa, convém affirmar idéas e planos. E' util e honesto. Não podemos esperar tudo do destino, dos acontecimentos ou do Mariano e José Galvão que pressurosos adheririam á Republica. De resto desde que ha quem tenha competencia para isso, porque ha na realidade, acaba-se a lenda de que nós não temos homens nem planos — lenda ridicula — e convence-se o publico de que nós pensamos e procedemos seriamente.

Isto será mais util de que a manha salaia das diplomacias com a malandragem que tem saqueado a nação para «engrandecer o poder real» ou para «dar lustro á corôa».

Não sei se haverá quem discorde, mas parece-me mais util, desde que a monarchia e os seus partidos estão desacreditados e arruinado o paiz, pensar a sério nisto. Primeiro ganhando auctoridade moral, pela intransigencia com os auctores da desgraçada situação de Portugal.

Segundo pensando no que se torna

necessario, para remediar os perigos da mesma situação

Ora nem a intransigencia, prova de coherencia e moralidade se affirma com accordos entre o partido republicano e os monarchicos, nem o saber e o estudo se revelam fazendo phrases e trocadilhos rethoricos muito apreciaveis para Accacios de provincia, mas inuteis para a governação de um povo.

E como não offendo ninguém e tenho mais que dizer, reservo a continuação da massada para segunda carta.

J. M.

P. S. — Recomposição. Já sabem a estas horas, não é verdade?

Ora eu não quero perder o tempo frisando a immoralidade e o descaramento de mais esta tranqubernia ministerial.

Accentuar que tudo revela a existencia do poder pessoal do rei já não vale a pena.

Quer dizer, sempre é bom para convencer os ingenuos.

Porque, não se cançam, os filhos de Passos, affirmando que o rei está illudido. Terão ainda a coragem de o continuar affirmando? Isso seria uma troca descabellada, impudente.

O chefe do partido progressista foi ao conselho de Estado. Junctamente com o sr. Casal Ribeiro, disse tudo quanto devia dizer contra o ministerio. Se o rei estava illudido, não podia continuar a estar desde que ouviu ao sr. José Luciano. Portanto, depois do que ouviu, concedendo nova recomposição a esta gente, demonstrou que faz o que quer e sabe porque procede d'esta forma.

Mais ainda. Isto não prova só que quem manda é o rei. Demonstra que, quem quizer subir ao poder, deve obedecer cegamente ao sr. D. Carlos.

Parece-me que os que ainda esperam democracia e moralidade com um ministerio progressista, podem metter a viola do sacco.

Mesmo que os filhos de Passos quizessem, não poderiam governar bem. Esta gente que desgoverna é que tem todo o apoio real. Portanto quem os substituir tem de os imitar.

Tudo isto que é verdadeiro não impede que os jornaes progressistas venham dizer amanhã que o rei está illudido!

Illudido quem lê os telegrammas do Navarro e o tem como defensor e amigo! Só os tolos poderão acreditar nas illusões do rei.

J.

Na India portugueza continua o diabo ás soltas.

Os ranes permanecerem em revolta e os nossos não cessam de exercer violencias injustas e excessos odiosos.

A *Gaseta de Bombaim* conta que o celebre capitão Gomes da Costa cercou a casa do *dessae* de Surla, prendendo toda a familia que nella encontrou e apprehendendo dinheiro e armas.

O filho primogenito do *dessae*, sabendo do facto, mandou armar 400 homens para atacar a cadeia e pôr em liberdade os seus parentes.

O ataque, porém, não chegou a realizar-se, porque o sr. major Martins de Carvalho, reconhecendo a injustiça da prisão, mandou pôr em liberdade os presos.

Um jornal recorda que sóbe a dezesseis o numero de ministros que têm feito parte do actual gabinete!

Quantos remedos a chantagear essa jangada sem rumo, que tem por timoneiros um epileptico e um insignificante vaidoso.

Vejam isto:

Reino.....	João Franco. (Fuschini. Hintze.
Fazenda.....	Antonio de Azevedo. (Pimentel Pinto.
Justiça.....	Moraes Sarmento. Neves Ferreira.
Guerra.....	Ferreira d'Almeida. Jacintho Candido. Bernardino Machado. Carlos Valbom.
Marinha.....	Campos Henriques. Hintze. Arouca. Carlos Valbom. Soveral.
Obras Publicas.....	
Estrangeiros.....	

E ainda por aqui não fica!...

O nosso amigo, correligionario e collega Rodrigues da Silva, acha-se em via de completo restabelecimento.

Parece que se descobriu a existencia d'um grande jazigo aurifero no concelho de Leiria, proximo do Valle do Sancomo.

De desejar é que a noticia se confirme, porque bem necessitados estamos d'um vil metal.

Encontra-se em Lisboa colligindo notas de arte o nosso companheiro de redacção dr. Teixeira de Carvalho.

Monopolios

Agora é o monopolio do fabrico do sabão e cravos para ferraduras o que os amigos pretendem!

A avidês da exploração e da ganancia vai ás ultimas extremidades! Já está nas ferraduras! E não pára!

Acha-se nesta cidade, em goso de licença, o sr. José Augusto dos Santos Lucas, brioso 1.º tenente d'artilheria n.º 5.

Tambem estive em Coimbra no principio d'esta semana o nosso amigo dr. Julio Cesar Lucas, distincto facultativo de Villa Nova de Constançia.

S. ex.º regressou já á sede do seu partido, acompanhado por seu extremo pae que foi convalescer da longa enfermidade que ha meses o tem affligido e a quem desejamos prompto restabelecimento.

não fôra elle que a conquistara: fôra ella que se apoderara d'elle. Era menos o amante victorioso do que Herminia a seductora artificiosa. Os corações novos em amor saltam facilmente da colera para a ingratição; Emmanuel resolveu romper com tudo, esquecer.

—Coronel, disse elle, sei o que me resta fazer.

E com um gesto sacudido, saudou M. de Lambrune, e deixou-o.

Alice estava levantada. Todavia o seu corpo teria certamente perdido em breve o equilibrio no fauteuil em que estava sentada se não fossem os travesseiros sobre que reponsava a cabeça; o olhar conservava-se estúpido, a palavra rara e difficil.

A creada de quarto entrou e falou ao ouvido de M. de Villy cujo semblante se illuminou.

—Minha filha, disse elle, approximando-se de Alice, o teu primo pede licença para te vir vêr.

Os olhos de M.ª de Villy voltaram-se lentamente e fixaram-se no pae.

—O meu primo? perguntou ella.

—Emmanuel, tu bem te lembras? disse com alegria a velha avó.

—Ah! sim!... Emmanuel... meu primo... Que venha!

Pierre Touzeaud, que estava de pé ao canto do fogão observando todas e quaesquer impressões que por ventura se trabissem no semblante da sua

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 20 de março de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Approvada a acta da sessão anterior tomou a camara conhecimento do fallecimento de um vigia dos impostos e da entrada no asylo de Cellas de dois individuos alli admittidos por deliberação do dia 5; bem como de que sahiu do asylo para sua casa o asylo Ignacio da Costa, da Rocha Nova.

Mandou pagar as despesas feitas com os trabalhos da revisão do recenseamento eleitoral, na importancia de 34,840 réis, sendo 8,640 réis da impressos e annuncios e réis 25,000 de gratificações arbitradas ao pessoal empregado nestes servicos.

Auctorizou a venda de doces na praça 8 de Maio até 12 d'abril proximo, na conformidade das posturas.

Mandou illuminar a fachada do edificio dos Paços do Concelho por occasião do anniversario natalicio de S. A. o Principe Real.

Auctorizou a reparação de syphões em diferentes pontos da cidade, segundo o orçamento apresentado na somma de 8,500 réis.

Auctorizou a construção de um cano de exgoto entre a rua do Tenente Valadim e a rua que passa junto da abegoaria na quinta de Santa Cruz, mandando annunciar dia para a praça nos termos das condições respectivas e orçamento na importancia de 60,000 réis

Auctorizou tambem a reconstrução da ponte de S. João do Campo, fazendo-se annunciar dia para a arrematação d'esta obra, segundo as condições apresentadas e o orçamento respectivo na somma de 89,073 réis.

Attestou acerca do comportamento d'um bacharel formado, residente em Coimbra.

Attestou acerca de uma petição para um subsidio de lactação a um menor.

Resolveu ir examinar as condições de uma porção de terreno, que a Associação Commercial de Coimbra pede para lhe ser cedida para a construção de uma casa á entrada da estrada da Beira.

Resolveu confirmar a deliberação de 30 de janeiro, relativamente ao alinhamento então dado para a construção de um muro de vedação a um predio em S. Sebastião, junto a Santo Antonio dos Olivares.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

15,000 réis para despesas com uma acção por divida d'impostos; 6,480 réis de lympho vaccinica; 65,895 réis de material para canalisações d'agua; 4,800 réis salarios do pessoal da limpeza da cidade na 1.ª quinzena de março; 48,275 réis material para o mesmo serviço; 44,215 réis trabalhos de canalisações d'agua; 3,750 réis reparos na canalisação geral e conservação dos reservatorios; 13,091 réis custeamento da officina das aguas; 4,010 réis collocação de uma porta em uma loja no terreiro da Erva, pertencente ao municipio; 1,580 réis reparos em um cano de exgoto em Montarroio; 3,160, idem em outro aos Arcos do Jardim Botânico; 2,760 réis, reparos na barraca n.º 13 do mercado; 9,040 réis, conservação d'arvores; 2,860 réis, limpeza de ruas no jardim da quinta de Santa Cruz.

Despachou requerimentos, auctorizando a collocação de uma grade de vedação á serventia de uma casa no largo do Principe D. Carlos; a mudança de uma porta no muro de um quintal no becco das Condeixas e a canalisação entre o mesmo quintal e uma cisterna de uma casa no becco do Cabido; a compra de terreno no cemiterio da Conchada e trasladações d'ossadas d'entro do mesmo.

Indeferiu um requerimento, em que se pedia o corte de algumas arvores da estrada municipal, em Alcarraques.

Indeferiu outro de um vigia dos impostos, pedindo licença de oito dias para tratar de negocios particulares.

O pintor portuguez sr. Sousa Pinto expõe os quadros *La Baignade* e *Une forge à Etaples* no salon dos Campos Elyseos.

Foram expedidas de Londres para os Estados-Unidos do Brazil 140:000 libras, das quaes 80:000 para o thesouro federal.

Talvez que essa importação d'ouro melhore a cotação cambial, como todos havemos mister.

NOTICIA HISTORICA DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas Preço 400 réis

A' venda no estabelecimento dos srs. Machado & Ferreira, rua do Visconde da Luz, n.º 40.

Escolas e principios de criminologia moderna

PELO DR. AFFONSO COSTA 1 vol. em 8.º de 341 paginas PREÇO — 800 RÉIS

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

DO MESMO AUCTOR: A Igreja e a questão social 1,000 réis

Abriu no 1.º de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.

Para confirmar mais solidamente o bom homem abraçou M. d'Argoues.

— Emmanuel, Emmanuel, repelia Alice deixando-se cair de novo no fauteuil.

De repente, brotou-lhe das palpebras uma onda de lagrimas e, depois de ter pronunciado mais uma vez o nome de Emmanuel, M.ª de Villy desatou a chorar copiosamente.

—Está salva, disse o doutor Touzeaud ao ouvido da velha avó que estava assustadissima com esta crise.

M. d'Argoues tinha-se retirado com o tio.

—Partes para o que prometteste? perguntou elle.

—Parto; e no tempo combinado estarei de volta.

A surpresa de M. de Lambrune não foi menor do que a de Herminia quando ao jantar viram o logar de M. d'Argoues supprimido.

—Então que fizestes tu do teu sobrinho? exclamou o coronel dirigindo-se ao seu velho camarada.

—Emmanuel?... Ah! foi para Paris. Talvez sem se despedir de ti — nem de vós, mademoiselle, — continuou M. de Villy voltando-se para Herminia? É incrível! O pobre rapaz anda com a cabeça perdida desde a doença da prima. Mas elle ha de voltar, acrescentou elle fazendo um ligeiro signal a M. de Lambrune, ha de voltar!

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXIII

O golpe fôra a fundo. M. d'Argoues soffreu um choque que o fez empalidecer.

—Quando voltei, continuou M. de Lambrune, as reflexões para as quaes me pedira tempo não me tinham sido favoraveis... Que me dizeis d'esta recusa tardia e depois de um prazo requerido? Não vos parece muito curioso e muito cheio de magnificos ensinamentos?

—Está bem; vejo que não tenho já nada a occultar-vos. Fazei-me vêr o vosso pensamento, tudo o que pensas a tal respeito, supplico-vos!

—Pois então não adivinhaes? M.ª de Croizy, essa pensionista de convento, tinha a sua dupla bateria. E certamente se não fosseis vós a cahir, se-releis agora o encarregado de me dar a mão, como vos estou fazendo, para me arrancar do abysmo.

—Pela vossa honra, coronel, acreditaes em tal calculo, em tão miseraveis manobras?

—Pela minha honra, acredito! mas é indispensavel que vós mesmo julgeis do que se passou.

Taboleta

Vende-se uma de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

Casa mobilada no Campo

Arrenda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo à estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

Consultas todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde.

Cavallos, muares, etc.

As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, man, queiras, fraqueza de pernas etc., curam-se com o **LINIMEN-TO VESIGANTE COSTA**; é preferivel à utoria forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos — Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Depósito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra** — Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE
Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 211.000.000
SEDE EM LISBOA

Esta companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.
Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

LOJA

Antonio d'Almeida e Silva, morador na rua da Sophia, subloca uma loja na rua do Corvo, n.º 41, 43 e 45, a qual tem armação propria para fazendas brancas, ou outro qualquer negocio.

Aviso aos lavradores

Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estreme de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.
A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

Basilio Augusto X d'Andrade, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestria*, a 60000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

CASA LEÃO D'OURO

Grande estabelecimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis alfaiates.

117, RUA FERREIRA BORGES, 123
COIMBRA

O proprietario d'esta casa, tendo de proceder a balanço no dia 16 do corrente e dar lugar ao extraordinario e variadissimo sortimento que está a receber para a nova estação, resolveu liquidar todas as fazendas das estações passadas, com o abatimento de 20, 30, 40 e 50 por cento! Esta liquidação só dura 15 dias e por isso quem desejar comprar fazendas, por metade do seu preço, é aproveitar esta excepcional occasião.

Esta casa acaba de receber uma grande e variadissima colleção de flanelas pretas e azues da mais alta novidade para fatos da presente epocha, e bem assim diagonaes e piqués pretos, o que ha de mais distincto para *smokings*, sobrecasacas e casacas, tudo por preços limitadissimos, como o freguez poderá verificar. E tendo artistas especiaes para o corte e manufactura d'estas obras, toma inteira responsabilidade pelo seu bom acabamento como pelo de todas as demais executadas no seu atelier de alfaiate, onde se corta pelos melhores e mais recentes figurinos ou ao gosto do freguez.

TAMBEM HA PARA LIQUIDAR

Um saldo de collares de bretanha de linho, estrangeiros, a principiar em 80 réis.
Chapéus côcos de 400 réis para cima.
Duas bicycletes pneumaticas, de 10 e 15 kilos de peso, ultimos modelos, para passeio e corrida, com abatimento de 45000 e 60000 réis.

Excepcional liquidação

SÓ POR 15 DIAS

Fazendas com 20, 30, 40 e 50 % de abatimento

ESTABELECIMENTO

DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE
João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvalades, oleos, agua-raz, crés, gesso veroizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moínhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame. zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Cristofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

DE
JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

COIMBRA

NESTE deposito, regularmente montado, se acham à venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

AGUAS MEDICINAES

DA
FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoas e odicas lithinicas e ferricas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas *dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como *renal na albuminuria, diabetes, etc.*, podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior às *VIDAGO e PEDRAS SALGADAS*.

À venda em todas as pharmacias e drogarias — **DEPOSITO GERAL** — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragozo, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto — Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra — **RODRIGUES DA SILVA & C.ª**

Deposito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

Propriedade

Vende-se uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvoredos de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto à igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegue, morador à Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens; gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, cha verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna à Sê Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

Vende-se a quinta do «Correio-Mór» a Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvoredos de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiros para anjo e theatro, etc.

Prevenção

Na padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 13350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 13200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. V. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 120

COIMBRA — Domingo, 12 de abril de 1896

2.º ANNO

Responsabilidades do rei

Que a pessoa do rei é inviolável e sagrada, dá-lo a velha Carta Constitucional; que elle exerce o poder por intermedio dos seus ministros, dá-lo ainda o mesmo esfarrapado documento; que *o rei reina e não governa*, é o principio arvorado pelo dogmatismo constitucional...

O rei não tem, portanto, responsabilidade nos actos dos seus governos — é a conclusão a que querem que sejamos levados aquelles que elevam á qualidade de principios dominantes em doutrina politica, as afirmações ócas da Carta e as declamações vãs dos doutrinarios.

Acceitariamos, talvez, a doutrina; não nos repugnaria, em principio, a conclusão, se na cúpula da egrejinha constitucional estivesse a fechar a arcaria do mirifico edificio um móno de pedra ou de gesso, que de humano só tivesse a fórma. Ponham-nos lá, representando a ficção constitucional, como symbolo inerte e morto, uma figura, de papelão embora, amesendada numa attitudde petrificada de bonzo; vistamna, se quizerem, com a farda rutilante de generalissimo a delinear em galões d'oiro a rotundidade dos contornos adiposos; ponham-lhe sobre a cabeça, mazomba e loira, a ensombrar-lhe a inflação rubra das faces, o capacete emplumado dos guerreiros — como se á obesidade ridícula se podesse dar um ar heroico de marcialidade... Vistam, enfim, como quizerem, a figura symbolica do constitucionalismo a morrer... mas que essa figura seja simplesmente um symbolo. Então, talvez que seja acceitavel a doutrina da Carta.

Agora, porém, que o rei é verdadeiramente o presidente do conselho de ministros; que é elle quem dá força e quem sustenta o ministerio que pr'ahi campeia sem um signal d'apoio da opinião; agora, que é o rei quem manda, que é o rei quem governa, num desprêso absoluto das normas e das praxes constitucionaes, pretender affastar do arminho regio as responsabilidades que perante o país mais do que nenhum ministro elle tem contraído, é escarnecer o bom senso, é ludibriar a opinião.

As responsabilidades de todos os actos do governo, do estado lamentavel e despresivel a que o país foi levado pela mais ominosa das dictaduras, pelo mais nefasto dos go-

vernros, pertencem, solidariamente, aos ministros e ao rei.

Se não, digam-nos:

A opinião que os progressistas, num movimento significativo de servilismo bajulador de laçaios, pretenderam fazer correr de que o rei tem sido e é, no meio do infrene tripudiar do governo, um illudido, simplesmente um illudido, é acceitavel ainda?

Evidentemente, não. Não ha nem uma só intelligencia clara, nem uma só consciencia aberta, que não veja que o ministerio actual, tendo sido, em grande parte, o conselheiro do rei, tem sido tambem o seu escravo humillimo.

O ministerio João Franco & Hintze, tem feito o que o rei tem querido.

É, pois, o rei irresponsavel? De modo nenhum. Se o é perante a lei, não o é perante o país, perante a opinião; e dia virá em que a liquidação das respectivas responsabilidades será feita.

A lenda de que o rei tem andado illudido pelos actuaes ministros, lenda deprimente do character e da intelligencia do chefe do Estado, ha muito já que, para honra d'elle, se evolou dos espiritos mais ingenhos. Suppór o rei illudido, é suppól-o imbecil ou doido. Escolham os progressistas.

Nós, republicanos, é que não queremos consideral-o assim: — nem é imbecil, nem é doido, nem é uma creança ingênua dominada pelos gritos epilepticos do João Franco, nem pela cara funebre do papão Hintze. É um homem em plena consciencia dos seus actos, em plena integridade do seu espirito, trabalhando, de braço dado com os seus ministros, nos negócios públicos, interessando-se e dirigindo com elles a vida do Estado. É assim que nós o queremos.

Têm trabalhado bem? Têm sido honestos, intelligentes e uteis ao seu país?

Respondem os factos; — responde a miseria publica; fallam bem alto o vergonhoso descalabro da nossa vida económica e as injúrias que do estrangeiro temos recebido.

O rei tem ido á frente dos ministros; solidaria com a d'estes é a responsabilidade do rei.

São retiradas da circulação no fim do mez corrente todas as estampilhas postaes do antigo typo, ficando apenas em vigor os bilhetes postaes de 10 réis.

Ficará sujeita a multa qualquer correspondencia com ella frauqueada.

Gungunhana

O senhor de Gaza, d'Alem-mar, acaba de adoecer com uma pleurezia, e deu entrada no hospital da Boa-Hora, em Belem.

Acha-se profundamente abatido. Diz uma folha da capital: —

«Tão depressa a notícia começou a correr nas proximidades de Belem, os moradores d'aquelle sitio convergiram immediatamente para a porta do edificio, onde a agglomeração de povo era enorme».

Mas todas as vezes que uma agglomeração de povo existe por causa do sr. D. Carlos, conclue Navarro o culto e dedicação profunda em que o país arde pela familia reinante.

Agora fica provada a equivalencia de affectos do povo para com os dois reis!

Malandragem

O sr. ministro da marinha, como pimpólho do liberalismo monarchico que é, prohibiu terminantemente que á reportagem dos jornaes fossem fornecidas noticias das repartições do almirantado.

E vae agora o *Seculo* salta a defender a compra do *Termopylas* como quem conhece as minudencias do negocio, com grandes e rasgados elogios ao ministro e á tremenda espiga, que o país ha de pagar, por mais que lhe peze!

E a *Tarde* toda lepida a transcrever do *Seculo* a defesa do conluio!

Arcades ambol!

Incrível!

Affirmam alguns jornaes que o sr. Raphael d'Andrade, ex governador da India, recebeu para as despêsas da viagem ao reino 38 contos de réis, e que o sr. Gomes da Costa recebeu para o mesmo fim 14 contos!! Isto é um país posto a saque!

Eis a folha de serviços com que o bellicoso ex-ministro Pimentel Pinto, o vaidoso e comico *Festas*, fechou o glorioso cyclo da sua gerencia.

Desde 11 de fevereiro de 1893 até 31 de janeiro ultimo reformou 226 officiaes, aggravando a situação económica e financeira do país numa insensatez criminosa, desbaratando a fazenda publica e praticando prepotencias inauditas.

A este proposito falla o *Paiz*:

«Foram ao todo reformados pelo sr. Pimentel Pinto 226 officiaes, que custam por mês 17:647\$100 réis ou seja por anno a respeitavel somma de 211:765\$200 réis!

Só com a patente de generaes e para apressar a sua promoção, o sr. Pimentel Pinto reformou 102 officiaes, sendo d'este revoltante abuso que principalmente provém o enorme augmento de despêsa creado pelo actual ministro com os reformados.

Esses 102 generaes, que o mesquinho e ambiciosissimo sr. *Festas*

mandou para a reforma para se fazer a si general, custam á nação 11:250\$ réis por mês, ou sejam 135:000\$ réis por anno!

E' isto o que aos contribuintes custa a proxima promoção do sr. Pimentel Pinto ao generalato!

O vaidoso e inepto ministro tinha em 5 de janeiro de 1892 no quadro geral dos coroneis o n.º 97, e no grupo da cavallaria e infantaria o n.º 55. Estava, por isso, muito longe do generalato, se as promoções continuassem a fazer-se moderadamente, sem abusos, sem violencias, sem escandalos.

Porém, apanhando-se no governo, o sr. Pimentel Pinto tratou de se fazer general reformando 102 generaes e lançando assim sobre os contribuintes um imposto annual de 135 contos de réis!

Além d'isto, o sr. Pimentel Pinto, com os restantes ministros — que com elle são solidarios em tudo — restabeleceu a pena de morte para os crimes politicos e decretou o limite de idade e outros disparates e iniquidades.

Portanto, esse ministro, como os seus collegas que ficaram, não merece senão a condemnação dos contribuintes e de toda a gente honesta.

Foi concedido a troca entre os sargentos ajudantes de infantaria 16 Antonio Augusto Ferro e o de infantaria 23 Manuel Nunes da Silva.

Para que servem as notas

Está o país remendado de papel moeda, monumento significativo de um regimen fallido, papel que tem circulado através da disconfiança de todos, temperada pela conhecida indifferença d'um povo amortecido e apático.

Mas parece, finalmente, que a creação contra o regimen fiduciario se vae manifestar. O governo mandou para os Açores 500 contos em notas, e os açorianos recusam-se a acceitá-las. Approximar-se-ha a occasião de o continente as recusar tambem?

Quando mais não fosse, por hygiene ao menos, conveniente seria recitá-las, porque são verdadeiramente repugnantes as que por ahi circulam, com especialidade de pequeno preço... causam asco e são uma vergonha!

A este proposito lembra-nos contar um caso succedido agora a um conhecido negociante d'esta cidade.

Notava elle, já ha tempos, que os apuros diarios iam diminuindo sensivelmente, e á noite, ao contá-los, por vezes deu pela falta de certas notas que elle proprio tinha lançado na gaveta. Ia desconfiando de que estava sendo roubado, mas sem poder attribuir a culpa a ninguém determinadamente.

Resolveu examinar a gaveta, e deu nella com um boraco e neste com algumas notas embrulhadas e roidas. Foi seguindo os vestigios que encontrou, e deparou-se-lhe um ninho de ratos feito de pedaços de notas de diversos valores...

No tempo do oiro e da prata havia tambem ninhos feitos de libras e de outras moedas, mas não eram precisamente ninhos de ratos... seriam de ratazanas!

DESASTRE

Um d'esses desastres, duplamente lamentaveis pelo cortejo de miseria que quasi sempre os acompanha, occorreu hontem de manhã e levantou recriminações geraes contra a cruesa e o desdem com que muitos figurões refastos e nedios encaram a condição dos humildes.

Em poucas palavras o facto:

Na valla que sob a direcção immediata das obras publicas se anda abrindo na rua do Mercado, para a construcção do collecter d'esgôto, deu-se um desabamento. Resultado: um trabalhador com duas costellas e um humerus fracturado; outro com a mão mal ferida, outro contuso.

Agora commentemos.

Não era preciso competencia especial, para conjecturar da probabilidade do desastre: o terreno formado de camadas pouco ou nada compactas; cortes verticaes, e nos bordos accumulados montões enormes de terra solta!

Em principio collocavam-se espeques; depois foram supprimidos. As desgraçadas bêstas que se governem!

O infeliz mais duramente attingido recolheu em maca ao hospital; o sr. director Frazão recolheu no cavallo branco á secretaria! Compensações!

Nem multa, nem processo judicial, nem cadeia, nem responsabilidade de especie alguma!...

Muita gente sabe, que os andaimes, e condições de segurança nas obras publicas de Coimbra, são inteiramente descurados; e que, pelo capricho e de economias avaras, não ha duvida muitas vezes em expór a vida dos trabalhadores.

Todavia o sr. Frazão, encarregado de fazer cumprir esse absurdo regulamento de vigilancia sobre as condições de trabalho dos operarios, ha pouco posto em vigor, tem accessos periodicos de zelo rigoroso, todo solemne e austero!

E' até soberanamente comica na coincidência que acaba de se dar: —na vespera, precisamente antehontem, tinha o sr. Frazão, em nome do regulamento, applicado uma multa de 10 mil réis a uma obra na estrada da Beira, por falta de garantias, no cumprimento das prescripções de segurança aos operarios!

Que consciencia e que probidade de homem!

Agora ahi vae uma previsão engraçada! Passado algum tempo sobre o successo de hontem, hão de ver o illustre sr. Frazão de regulamento em punho, recrudescer na faina de impór multas aos mestres d'obras

pelas mais leves transgressões do regulamento!

Verão! E procederá d'esta fórma, sem perceber a incoherencia!...

Porque: — **Elle realmente é torço!** Palavras d'um amigo intimo!...

Livro de sensação

Foi hontem posto á venda pela casa editora França Amado, o livro desde muito annunciado do sr. dr. Silva Cordeiro: — *A crise em seus aspectos moraes. Psychologia individual e collectiva.*

Este livro, d'uma rigorosa observação philosophica e social, está destinado a um largo successo.

Eis o indice dos capitulos:

I — Preenuncios da crise moral. Ideias e factos do tempo de Alexandre Herculano.

II — Situação bancaria. Conclusões para a psychologia do banqueiro e da epocha.

III — Anarchismo legal.

IV — O Anonymato.

V — Os «quintos» do Brazil e os pedicuros da situação financeira.

VI — Oliveira Martins e o germanismo na politica.

VII — Entre a escola e o lycen.

VIII — Theophilo Braga.

IX — Conclusão.

X — Programma.

Analyse de aguas

O sr. Ch. Lepierre, illustre professor de chimica da Escola Industrial Brotero, foi encarregado da analyse das aguas thermaes de Luso.

Este distincto professor, que é um chimico e um bacteriologista eminente, tem já feito analyses chimicas e microbiologicas de muitas aguas do país.

Lista civil

A poderosa e forte Inglaterra, cuja marinha coalha os mares, cujo commercio abarca todos o países civilisados do globo; — a Inglaterra, acaba de recusar ao duque de Cambridge, tio do principe de Galles, o augmento da lista civil, e o mesmo recusou ao proprio principe de Galles, que pediu para ser elevada a lista civil de seus filhos, que o ministerio Gladstone não trepidou em reduzir.

E são tantos os recursos financeiros e economicos da orgulhosa Albion, que não ha nação nenhuma que os possua maiores.

Em Portugal, é o que se vê:

— Misero, pedinte, gemendo ao péso d'uma bancarrota eminente, sem braços — que todos lh'os vae levando a emigração; — sem dinheiro — que todo lh'o vae sugando a monarchia; — sem recursos — que todos se têm afundado na voragem d'essa vergonhosa administração a campear, desvergonhada, ha sessenta e tantos annos... Em Portugal, é o que se vê: — *um conto de réis por dia* para o rei, mais umas dezenas de contos annuaes para a rainha, e mais dezenas de contos para o principe e para os infantas, e para... *tutti quanti*, que a monarchia constitucional vae engordando na cevadeira do país.

Compare-se...

Cuba

A imprensa hespanhola continúa discutindo acaloradamente a attitudede e as resoluções do senado norteamericano com respeito á questão da belligerancia.

A juncta directora dos partidos republicanos hespanhoes, com séde em Madrid, reuniu-se afim de apreciar a proposta apresentada pelo partido republicano nacional, relativa a uma manifestação de protesto motivada pela declaração de belligerancia, votada a favor dos insurgentes cubanos pelas camaras dos Estados-Unidos.

Telegrammas particulares da Havana annunciam que os rebeldes atacaram Batabano, mas foram repellidos com grandes perdas, e que tem havido varios outros recontros pouco importantes.

O governo mandou preparar seis mil soldados de cavallaria, afim de partirem para Cuba.

Estuda-se a defeza das costas da peninsula na eventualidade de guerra.

Constando ao governo que os estudantes de algumas das universidades tencionavam promover manifestações patrioticas e anti-americanas, mandou para a universidade de Madrid numerosas forças de policia e guarda civil de cavallaria. A' saída das aulas os estudantes preparavam-se para fazer manifestações, mas foram dispersados sem resistencia.

A' camara

Já por vezes d'aqui reclamámos contra o facto inexplicavel de se conservar fechada a cancella que do mercado deita para a Fonte Nova, á hora mais frequentada, o que não se deveria fazer nesta occasião em que as escavações na rua do mercado interceptam, em absoluto, o transitio. E' impossivel passar por alli sem risco grave, e de novo chamamos a attenção da camara para as consequencias desastrosas que da sua teimosia pódem resultar.

Pedimos, pois, á camara que, enquanto aquellas obras não estiverem concluidas, mande que esteja aberta a cancella a que nos referimos para que o transitio se faça pelo mercado. Não vemos nisto inconveniente, desde que o recinto está policiado.

O Salon

Num artigo de critica, publicado no *Tempo*, o sr. Henrique de Vasconcellos, espicaçado em pruridos de espirito superior e lucido, alteia-se em peregrinas locubrações de critica; e tem tiradas d'uma facecia saltitante de novidade e de graça! Adopta a originalidade da designação de *Salon*, para dar lustro parisiense á peça.

Salon! a pacata exhibição de algumas dezenas de quadros, em santa conformidade de asylados tristes!

O campo da arte continúa positivamente a ser uma especie de

hypodromo aberto ás correrias e á cambalhota indigena!

Arrastado pela força adquirida em espalhafatos frivolos, o sr. Vasconcellos deslumbrado, — e com justa razão! entendámo-nos — perante o talento de Columbano Bordallo Pinheiro, solta esta tirada, que seria uma blasfemia e uma indecencia, se antes de tudo não fosse um dislate:

— «Bonnat, que é tão admirado em França, deveria vir aprender com Columbano como se faz um retrato.»

Ora o sr. Vasconcellos de certo nunca viu Bonnat; mas, se o visse, ficaria vexado d'este exagero ridiculo e lórpal!

Antonio José d'Almeida

Este nosso muito presado amigo e correligionario tendo chegado a S. Thomé no dia 6 do corrente, recebeu a triste noticia da morte de seu irmão, sr. Joaquim Antonio de Almeida, que ha tempo esteve residindo naquella ilha.

Avaliamos a dolorosa impressão que o nosso querido amigo devia ter sentido ao receber a noticia de tão triste acontecimento. Acompanhamo-l'o na sua dor, e endereçamos-lhe os protestos da nossa verdadeira condolencia, bem como a toda a sua ^{ma} familia.

Era o sr. Joaquim Antonio de Almeida um perfeito cavalheiro em toda a extenção da palavra, que pelas suas nobres qualidades era credor da estima publica.

Morreu ainda longe dos seus, sem poder receber os carinhos dos que lhe eram mais afeiçoados e um abraço de seu querido irmão que elle ansiosamente esperava.

Portugal

Apparece amanhã o 1.º numero do jornal *Portugal* orgão do grupo revolucionario academico de Coimbra. A avaliar pela sua illustrada redacção auguramos ao novo collega um futuro prospero e um logar distincto nas fileiras jornalisticas.

Estava hontem á noite prestes a expirar a ultima senhora reclusa no convento de Santa Clara.

Os monopolios

Estamos, positivamente, num país conquistado, e conquistado por um bando de insignificantes atrabiliarios e odientos, sem planos definidos nem processos conscienciosos.

Servir amigos, satisfazer compromissos politicos, crear *cóteries*, apparelhar *factotuns*, é o criterio que illumina a marcha politica dos aventureiros do governo.

Em seguida a todos os mais arranjos, ás prebendas e aos benesses distribuidos, adejam no horisonte os *monopolios!*

Monopolio do sabão, do petroleo, do arroz, do bacalhau, do calçado... para serem dados aos amigos que lhes venderam os seus favores politicos. São estes monopolios para os amigos; que o monopolio do descaro e da desfaçatez já ha muito que o tem açambarcado os saltimbancos do poder!

Pela camara municipal da Figueira da Foz acaba de ser nomeado amanuense da sua secretaria o sr. José Eduardo Queiroz, amanuense da extincta administração do concelho de Poiães, e actualmente addido á de Penacova,

Carta de Lisboa

Lisboa, 10 de abril de 1896.

Creio que os tenho massado razoavelmente nestas duas ultimas cartas. Sirva a minorar o remorso de tal estopada, o tacito acórdio concedido pelos amigos á minha opinião que, de certo vejo affirmada em outros artigos da *Resistencia* e na *Voz Publica* pela penna de José Caldas e de José Sampaio. Estimo assim ver tão de harmonia os dois grupos republicanos o de Coimbra e Porto, certamente aquelles que hoje contam com a maior sympathia dos que são inimigos da monarchia pela intelligencia e pelo sentimento. E estimo isso, tanto mais que uma opinião estranha apparece a proposito de não querearem alguns, aqui em Lisboa, que se discutam principios, mesmo sem offensa pessoal para os que têm opinião diversa.

Eu explico.

Ha varios individuos que, desde que dentro do partido republicano alguém não concorda com elles, tem como supremo argumento para esmagarem o que discorda em questão de doutrina, a accusação de vendido e espião.

O expediente é comico, pois como manifestação de maldade não tem grandesa e como artificio politico está gasto.

Usam agora d'elle os progressistas quando algum republicano têm a franquesa de afirmar que elles são tão bons como os regeneradores.

Atacar os progressistas, diz-se, é fazer o jogo do governo. Claro que não vale a pena responder com outra perfidia que estava na doutrina do ataque: — Defender os progressistas é fazer o jogo para elles serem governo.

O melhor será discutir o que convém ao partido republicano: se perder o tempo em alianças com os monarchicos, se ganhar auctoridade pondo-se ao lado da nação. E assente o que não póde deixar de assentar-se, que já é tarde para esperar da monarchia a salvação, discutam-se os melhores meios de que a Republica deve usar para a regeneração da Patria. Tudo o mais, accusações de vendidos aos que discordam de opiniões que não são da cathegoria do dogma da Immaculada Conceição e outros decretos infalliveis do senhor Papa, phrases mais rethoricas do que offensivas, não serve. Apresente cada qual, segundo a posição que occupa no partido, os principios governativos da Republica. E não se pense nos monarchicos senão para os guerrear.

Está na logica da doutrina republicana e em Portugal, pela sua especialissima e perigosa situação, na logica da redempção nacional.

Tambem é moda agora accusar os novos do partido. Um poetico major, sabiu ha tempos com uma epistola agredindo os que em litteratura seguiam rumo diverso dos consagrados. Agora tambem se bordam commentarios sobre os que no partido republicano nem sempre concordam com os que vão «pela mansidão» como o Thomé da Povoados *Fidalgos da Casa Mourisca*.

Ora não me parece crime que haja alguém que discorde da opinião de que a Republica deve ser feita por virtude de novo artigo introduzido na *Carta* onde se de-

clare que o rei deve proclamar a Republica, a pedido de varias familias.

Isso é muito bonito, mas não deixa de exigir uma gargalhada o hymno da Carta cantado com a marselheza, o sr. D. Carlos a dar vivas á Republica e os republicanos dando vivas á monarchia.

Os novos são chamados irreverentes e menos respeitosos.

Não tinha esse pensar, a proposito dos novos que sempre o seguiram, o dr. José Falcão. Igualmente não pensam assim os que pelo seu valor scientifico, auctoridade moral e desassombrosa politica republicana, merecem o respeito de todos. Verdade seja que, deante de José Falcão e esses outros homens, os novos não pódem ser irreverentes.

Convém notar, para socego das almas bem formadas, que aos novos, sob o ponto de vista da vaidade ou do interesse é tão indifferente a Republica como a Monarchia. As suas aspirações limitam-se a cooperar, com o partido republicano, na destruição da monarchia e a expôr as doutrinas que devem aos livros que leram, sem dar por isso satisfações a ninguém.

Como não querem ser patriarchas, nem conegos nem sachristas da democracia, não recebem a impopularidade nem perder as graças do Supremo architecto do Universo.

Ora vamos adeante, em boa paz, deixando a affirmação terminante, de que aos novos é indifferente a existencia de Paulo, Sancho ou Martinho.

Em quem elles pensam é no bom amigo D. Carlos, primeiro gosador d'estes reinos a quem se prestaria um serviço, dando-lhe um guia Bedaeker, para gosar toda a vida, em deleitosa viagem, as principaes cidades e monumentos do estrangeiro.

Pois que não só o Gungunhana merece as honras que tem disfrutado.

D. Carlos amigo, deu nova recomposição a este ministerio. Já lhes dei esta novidade, não? E' até tão velha a noticia que o mais natural é fallar da recomposição que está para vir. Sae o *Kagado* segundo se diz.

O ministro que substituiu o *Festas* foi o que lhe chamou *Carnot* português. Parece que Moraes Sarmiento, desde o dia em que assim injuriou a memoria do grande republicano, «organizador da victoria», subiu nas boas graças do Paço até ser collega do Hintze, que em 20 de agosto foi o organisador da derrota.

Sobre o novo ministro ha simplesmente uma preocupação. Saber que alcunha se lhe deve dar.

Tanto o publico tem o seu juizo formado sobre a monarchia, que ninguem se occupa em fazer historia mas em organizar um cadastro de policia.

E está bem. Os ministros, com alcunha, approximam-se logicamente, da Boa-Hora.

Meus amigos, Lembrem-se do que os progressistas disseram do rei por causa de outras recomposições?

Pois agora mansinhos como uns cordeiros. Estão fazendo penitencia, Sofram, homens, sofram com

resignação. Que, como o país entre os regeneradores e os progressistas, soffreu também entre dois respeitáveis syndicateiros do seu tempo, Nosso Senhor Jesus Christo, que parece já ter perdido o chicote de que fez tão bom uso no templo. Assim está Portugal que se esqueceu do cacete.

J. M.

×

P. S. Os senhores typographos — não lhes quero mal por isso — têm feito o demonio com as minhas cartas. Ora como eu não posso melhorar a letra, façam o sacrificio de apurar a vista. Póde ajuda-los na massada alguém que reveja. Vale a pena.

Por causa de uma gralha póde um escriptor perder o seu direito á immortalidade.

Verdade seja que ás vezes, por os typographos lhes emendarem o original, têm alguns entrado na Academia.

Mas por Deus, amigos, nem a ambição me perde nem excessiva modestia me diminue. Componham pois como vae escripto e peçam a quem revê que os esclareça. Na ultima carta, referindo-me ao partido republicano dizia que elle não devia ser *joguet* dos monarchicos. Lá pozeram *foguet*.

E' necessario cuidado com as bombas.

J.

O distincto professor de ensino industrial, sr. Nicolau Bigallia, requereu a renovação do seu contracto.

Tendo-se procedido a uma syndicancia á Escola Industrial Fardoso da Silveira, em Portalegre, foi o director e professor da mesma escola transferido para a Escola Affonso Domingues, bem como foram reprehendidos os mestres do mesmo estabelecimento.

Satisfazendo uma requisição do governador geral de Moçambique, foi mandada apromptar para marchar para esta provincia uma força do regimento de engenharia com a seguinte composição: um official subalterno, quatro 2.^o sargentos, dois 1.^o e 2.^o cabos, um cabo condu-

tor, 15 soldados, 9 soldados conductores, um ferrador e um clarim. Esta força é principalmente destinada a construir uma linha telegraphica entre Magude, Chebuto, Chicom e Inhambane.

Instituto

Proseguem activamente os trabalhos de intallação do museu, para que a inauguração possa ser solemnemente levada a effeito no proximo dia 26.

Ao nucleo existente de monumentos lapidares e epigraphicos serão adicionados exemplares de valor, e abertias secções completamente novas de escultura e de arte industrial antiga, colleccionadas numa disposição inteiramente racional e didactica.

As duas salas ultimamente reformadas foram revestidas de mobilia apropriada e já se reconhece que são insufficientes para conter a abundancia de objectos que lhes são destinados.

Pela variedade e desenvolvimento das diversas séries, o museu, nos moderados limites dos seus recursos, será um commettimento que exalta e honra a iniciativa da illustrada corporação, que um tão fecundo serviço presta á cidade de Coimbra.

Theatro Affonso Taveira

Vae hoje pela ultima vez á scena neste theatro o drama sacro — *O Santo Antonio*.

Temos á certa grande enchente. É este o nosso maior desejo, para bem da empresa, que não se tem poupado a despezas e a trabalho para ser agradável ao publico.

Ouçã a policia

Alguns jornaes de Coimbra têm por muitas vezes pedido a repressão dos maus tratos aos animaes, que arrastam por essas ladeiras cargas impossiveis.

Os carroiros e carroceiros portam-se na cidade, como em lugar despojado, com liberdade para as mais deshumanas crueldades. E ás exhortações dos transeuntes respondem com insolencias e ameaças.

Ante-hontem, ao fim da tarde, na rua lateral do mercado, um selvagem

num accesso de colera, depois de bater e espicaçar os bois cravava-lhe demoradamente o agulhão nas articulações e no focinho!

Isto é revoltante! mas a policia, que por causa de nada desembainha os sabres e se dispõe a bater em quem lhe paga, acha que isto é toleravel!

Mais outro caso. Hontem ao cimo da Couraça de Lisboa, um outro carroiro, latagão de sobrecenho feroz, exerceu sobre os bois que guiava as mais extravagantes torturas, com imprecações obscenas.

Mas a energia da policia só serve para as pateadas no circo e os gritos subversivos. Na microcephalia policial não ha lugar para mais.

Ora que as posturas se não compram, com isso talvez nos poupem violencias, visto que só á valentona, e á bruta se sabe fazer serviço; porém factos d'esta ordem, que desmoralizam e repugnam á humanidade, nem era preciso que as posturas o prohibissem.

Uma parcella de bondade e um pouco de senso moral bastava para que o sr. commissario dêsse ordens terminantes sobre estas occorrencias.

E três ou quatro correctivos applicados com brandura e justiça acabavam de vez com os ignobeis espectaculos da estúpida perversidade d'esses odiosos bimanos, que para vergonha da especie, possuem figura de homens.

Mas se s. ex.^a, o sr. commissario, entende que é exigir muito, damos o dito por não dito, e... vamos *dispersar!*

Sómente uma ultima advertencia nos permittimos: — se fomos obrigados a reclamar de novo consideramo-nos dispensados da fôrma suave como agora procedemos.

Foi transferido para Coimbra o sr. dr. Manoel Joaquim Massa, secretario geral do governo civil de Aveiro.

Bibliographia

Jornal de Viagens: — Acabamos de receber o 1.^o numero d'esta excellente publicação, emprehendimento de todos os pontos de vista util e que é, sem duvida, d'uma elevada significação patriótica.

O *Jornal de Viagens*, a avaliar-se pelo numero que temos presente, dá garantia d'uma collaboraçã distincta e interessante.

Eis o sumario d'este numero:
TEXTO — *A Caminho!* — contos e lendas do Universo: *A noiva do Targul* —

Heroes portuguezes: *O Coronel Galhardo* — As campanhas d'Africa illustradas: *Portugal em Africa* — No coração da Africa: *No pais dos elephantes* — Os hespanhoes em Cuba: *A guerra actual* — *A guerra da Abyssinia* — Dramas do mar: *O navio mysterioso* — *Pelo mundo*: Republica Brasileira, Cuba e os Estados-Unidos, A Italia na Abyssinia, A coroação dos soberanos da Russia, Uma conferencia na Sociedade de Geographia de Paris.

GRAVURAS — *A noiva do Tagul* — *O Coronel Galhardo* — *Prisão do Gungunhana*; *fuzilamento de Queto e Manhune* — *No pais dos elephantes* — *O negus Menelik*; *a imperatriz Tatu*; *Sellos imperiaes* — *Adud* — *Mapa do theatro da guerra*.

Preço da assignatura: trimestre 750 réis, provincias 800 réis, pagamento adiantado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Tappas n.º 29, ou á Livraria Moderna, Largo do Principe D. Carlos, 25 — Coimbra.

Revista Theatral — Recebemos o n.º 8, 2.^a série.

Sumario — O estado do theatro — Os escriptores e o seu publico, por Fialho d'Almeida. — Entre-actos — Perfil: por Laim. — Revista dos theatros — Theatro do Gymnasio. *O sr. commandador*. — Ephemeres do mez. — Questões do dia: Uma campanha, com cartas dos srs. Rosa e Brazão, Sousa Bastos, Salvador Marques e José Joaquim Pinto. — Actualidades: Got, a sua recita de despedida; programma da festa. — Correspondencias: de Paris, por Garcia de Miranda. — Curiosidades: O theatro nautico (continuação). — Legislação theatral: Alvará estabelecendo o primeiro subsidio a theatros publicos (continuação). — Variedades.

Bibliotheca dramatica: *O Saltimbanco*, por Antonio Ennes, acto III, scena I, III e IV.

F. FERNANDES COSTA
ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

NOTICIA HISTORICA
DA
VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas
Preço 400 réis

A' venda no estabelecimento dos srs. Machado & Ferreira, rua do Visconde da Luz, n.º 40.

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXIII

O coronel tinha pouco depois a chave d'este enigma.

Não succedia o mesmo com Herminia: a attenção do doutor Touzeaud, que ficava em Villy até ao dia seguinte, impedia-a de apanhar numa troca de olhares, num murmurio de palavras alguma coisa acerca do que se tinha passado. Esperava sabe-lo quando estivesse com Alice; mas quando entrou no quarto d'esta, o doente tinha-se já deitado e dormia.

— Minha querida demoiselle, — disse M.^{lle} de Villy, — Estamos mais tranquillos hoje; serei eu quem velará esta noite, sem grande difficuldade.

M. d'Argouges não lhe teria respondido? Correu para o seu quarto e fechou-se nelle. Depois, tendo previamente accendido a vella, com o castiçal na mão procurou por todos os cantos, sobre o fogão, nos moveis, numa gaveta entre-aberta até, a carta que esperava encontrar. Nem sombras de coisa parecida! Em dois envelopes, perdidos entre outros papeis, a lettra detestavel de Quoniam. Ah! não era isso o que ella procurava!

Aquella affirmação tão sublinhada de M. de Villy: «ha de voltar» tinha-lhe feito impressão. M.^{lle} de Croizy via nella uma ameaça directa. Ir a Paris e voltar não era coisa para os três dias que ella podia estar no castello. Estava pois trahida e abandonada como qualquer d'essas raparigas d'aldeia que ella vira tanta vez chorar quando o seductor deshumano fugira! A sua dupla alvêz de espirito e de raça recusava-se a acredita-lo Offegante, esgotada de angustia, pousára o castiçal sobre o fogão e contemplava-se no espelho como querendo certificar-se de que era realmente M.^{lle} de Croizy. Os seus olhos de opala azulada — os olhos que nos fazem morrer ou que matam os outros — enviavam-lhe sinistros reflexos.

— Oh! exclamou; sou eu quem tem de morrer!

E foi cabir de joelhos junto ao leito, com a cabeça entre as mãos, mas sem orar. É que no seu seio irritado só se amontoavam maldições que acabavam por subir aos labios d'essa pensionista de convento.

Na manhã seguinte, Herminia ainda fatigada e sustentando-se apenas á custa dos nervos, estava junto de Alice que se apresentava reanimada e sorridente.

— Já sabes? — disse esta — Emmanuel está em Paris! Foi buscar a minha «corbeille» de nupcias!

A velha madame de Villy soube da

M.^{lle} de Croizy estava desde a vespéra preparada para tudo.

— Ora eis-te feliz por todos os motivos! Adeus, Alice; M.^{lle} de Fayolles está á minha espera e vou-me embora. Trata de ter durante muito tempo felicidade para dois!

XXIV

M.^{lle} de Villy tinha aproveitado a chegada de Herminia para ir descansar. Este adeus secco, amargo, em tom fatidico não podia ter sido ouvido além das duas jovens a quem interessava, senão pela criada de quarto. Mesmo esta, occupada como estava no gabinete de toilette, quasi estava impossibilitada de o ouvir e sobretudo — o que seria bem mais instructivo — não podia ter observado o que houve de extraordinario no abraço de despedida de M.^{lle} de Croizy e Alice.

Que era feito d'esses beijos retumbantes e d'esses demorados amplexos dos primeiros dias de ferias? Herminia tinha-se inclinado mas offerecendo apenas uma das faces rosto e mal afforrou com o canto dos labios o rosto da sua antiga amiga! Quanto ao olhar de M.^{lle} de Croizy ao sabir do quarto, era cruel como uma punhalada e se a cortina do leito o não livesse occultado a Alice, por certo que esta se sentiria como que trespassada por elle.

A velha madame de Villy soube da

própria Herminia, com uma commoventê afflicção, a nova da sua partida.

— Se Alice não estivesse doente, disse ella, não chegarieis sósinha a Bayeux, minha querida criança; eu e a minha neta iriamos acompanhar vos e entregar-vos á vossa prima de Fayolles. Seria a nossa unica consolação ao separarmo-nos de vós. Mas o céo que ás vezes nos contraria, não o quiz assim. A nossa pobre Alice está infelizmente desculpada pelo seu estado; desculpae-me tambem a mim. De resto, accrescentou ella com um certo ar de mysterio, se M.^{lle} Aurélie o permittir, tornar-vos-hemos a vêr bem depressa.

O coronel tambem estava presente, encostado ao fogão da sala de jantar. Era-lhe difficil conservar-se mudo nesta scena de despedidas.

— M.^{lle} de Croizy, disse elle, aceitei, ao partir, a expressão dos meus melhoes desejos.

— Retribuo-vos, monsieur de Lamburne, replicou Herminia; um coronel está exposto a tantos perigos como eu.

M. de Villy tinha subido para a caruagem para acompanhar Herminia a Bernay onde ella devia tomar o comboyo para Caen. Acbou na sua bondade as palavras mais paternaes para mitigar a tristesa que se reflectia no rosto de M.^{lle} de Croizy e de que mal imaginava a causa principal. Herminia

Escolas e principios de criminologia moderna

PELO

DR. AFFONSO COSTA

1 vol. em 8.^o de 341 paginas

PREÇO — 800 RÉIS

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

DO MESMO AUCTOR:

A Igreja e a questão social
1\$000 réis

Os peritos no processo criminal
700 réis

Abriu no 1.^o de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.

Revue des Journaux et des Livres

12.^o anno

Recommendo aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: — *Artigos de sensaçã, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romanços, etc., etc.*, bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a *Revista* dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A colleção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 4000 novellas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Malot, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emile Zola, etc., etc.* A colleção comporta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em cartã-album. Um livro de 3 fr., á escolha; um de 2 fr. e 80., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.^o em todas as estações de correlo das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.^o nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.^o por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o po te. Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 13, rue Cujas, Paris.

sorria por delicadeza mas no fundo não podia vêr aquella boa gente pela felicidade que lhe não podera arrancar e que constituia o seu infortunio. As demonstrações de affecto pareciam-lhe naquelle momento gracejos de mau gosto e as palavras mais agradaveis produziam-lhe o effeito d'essas alegres variações de acompanhamento que os musicos tecem sobre os mais tristes temas.

M.^{lle} de Croizy aspirava a estar sósinha, a não ter que compôr o semblante, que disfarçar os seus intimos pensamentos.

— Adeus, mademoiselle, mas não como se póde entender esta palavra: até á vista! — disse M. de Villy ao deixa-la na gare de Bernay.

— A Deus, monsieur de Villy, respondeu ella, e na accepção mais correcta da phrase!

Depois atravessou a sala de espera, cujas portas estavam abertas e introduziu-se rapidamente num wagon.

Quando o comboyo se poz em marcha, retirou pouco a pouco a cabeça do angulo do compartimento onde se tinha mettido. As collinas de Villy fugiam-lhe diante dos olhos. Ah! como ella teria desejado naquelle momento detê-las ou arrasta-las de algum modo acorrentadas ao seu olhar!

(Continua).

Taboleta

21 **Vende-se** uma de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 - Coimbra.

Casa mobilada no Campo

20 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozelhas, proximo a estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Galdeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico
R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

19 **Consultas** todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde.

Cavallos, muares, etc.

18 **As sobrecannas, espavões, óvas, esquenencias, man, queiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se** com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras.
Depositos - Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. - Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 1\$000 réis.
Deposito em Coimbra - Rodrigues da Silva & C. - Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

17 **Chegou** nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE
Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 241.000\$000
SEDE EM LISBOA

16 **Esta companhia** a mais posa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobillias e estabelecimentos.
Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

LOJA

15 **Antonio d'Almeida e Silva**, morador na rua da Sophia, subloca uma loja na rua do Corvo, n.ºs 41, 43 e 45, a qual tem armação propria para fazendas brancas, ou outro qualquer negocio.

Aviso aos lavradores

14 **Na cocheira** pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 1\$000 réis por cada metro cubico.
A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

13 **BASILIO AUGUSTO X D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestriz*, a 6\$000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3\$000 réis o milheiro.

CASA LEÃO D'OURO

Grande estabelecimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis alfaiates.

117, RUA FERREIRA BORGES, 123
COIMBRA

12 **O proprietario** d'esta casa, tendo de proceder a balanço no dia 16 do corrente e dar logar ao extraordinario e variadissimo sortimento que está a receber para a nova estação, resolveu liquidar todas as fazendas das estações passadas, com o abatimento de 20, 30, 40 e 50 por cento! Esta liquidação só dura 15 dias e por isso quem desejar comprar fazendas, por metade do seu preço, é aproveitar esta excepcional occasião.

Esta casa acaba de receber uma grande e variadissima collecção de flannels pretas e azues da mais alta novidade para fatos da presente epocha, e bem assim diagonaes e piquês pretos, o que ha de mais distincto para *smokings*, sobrecasacas e casacas, tudo por preços limitadissimos, como o freguez poderá verificar. E tendo artistas especiaes para o corte e manufactura d'estas obras, toma inteira responsabilidade pelo seu bom acabamento como pelo de todas as demais executadas no seu atelier de alfaiate, onde se corta pelos melhores e mais recentes figurinos ou ao gosto do freguez.

TAMBEM HA PARA LIQUIDAR

Um saldo de collares de bretanha de linho, estrangeiros, a principiar em 80 réis.
Chapéus côcos de 400 réis para cima.
Duas bicycletes pneumaticas, de 10 e 15 kilos de peso, ultimos modelos, para passeio e corrida, com abatimento de 45\$000 e 60\$000 réis.

Excepcional liquidação SÓ POR 15 DIAS

Fazendas com 20, 30, 40 e 50 % de abatimento

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

30, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. - Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvalades, oleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas. - Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. - Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Cristofle, metal branco, cubo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 - Porto

9 **CASA filial** em Lisboa - Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 - ADRO DE CIMA - 20

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 - RUA FERREIRA BORGES - 130

COIMBRA

8 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99 - Rua do Visconde da Luz - 103

COIMBRA

Cantella com as contrafacções baratas que saem caras!

AGUAS MEDICINAES

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como renal na *albuminuria, diabethes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias - DEPOSITO GERAL - R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa - Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto - Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra - RODRIGUES DA SILVA & C.

Deposito na Figueira da Foz - Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

Propriedade

6 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casacas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegue, morador á Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **Amendoas** de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 1\$000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para collecções.

4 **Vinho** sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

2 **Grande** sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Prevenção

1 **Na padaria** ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis - Repetições, 20 réis. - Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado

Typ. F. França Amado - COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 121

COIMBRA — Quinta feira, 16 de abril de 1896

2.º ANNO

Bella experiencia!

Pretextando o estado de decadencia a que entre nós haviam chegado as instituições parlamentares, apresentaram alguns politicos como unico meio salvador a implantação do regimen do poder pessoal. O engrandecimento do poder real, a concentração das diferentes funcções politicas no monarcha era, segundo as idéas expendidas por esses politicos, imprescindivel condição para restabelecer a ordem onde dominava a anarchia, desinvolver a moralidade onde tudo avassallava a corrupção.

Mercê de palacianas intrigas, a experiencia fez-se. Apoiado se é que não incitado pelo rei, o gabinete, que de ha três annos para cá em successivas e inexplicaveis recomposições tem sido o depositario do poder executivo, pôs completamente de lado as normas do direito constitucional, fazendo a dictadura mais larga e subversiva das instituições que a nossa historia politica registra. A sua acção demolidora não se limitou ás leis organicas; foram impudentemente desacatadas as normas mais fundamentaes do nosso direito constitucional.

O resultado que o país colheu d'essa experiencia está ali bem patente a todos. Nunca a corrupção lavrou tão fundo entre nós; nunca a sociedade portugueza se sentiu mais esphacelada pela anarchia; já-mais o vil interesse e a ambição mesquinha fizeram sentir tão poderosamente a sua acção deletéria; em tempo algum houve menos respeito pela lei, maior cynismo e impudencia nos poderes publicos.

Accepta o país extraordinarias medidas financeiras que se diziam impostas pela salvação publica; centenares de familias soffrem graves privações em virtude da redução nos juros da divida publica e da exorbitante deducção nos ordenados dos funcionarios publicos. Parece que a admiravel resignação com que o paiz supportou essas medidas deveria actuar no animo do governo para manter a mais rigorosa economia na administração dos rendimentos do Estado; todos deviam suppôr que, da parte de quem estava soffrendo tão penosos sacrificios, deveria levantar-se um energico protesto sempre que o governo se mostrasse animado do tradicional espirito do esbanjamento, da imprevidencia, se não das descaradas delapidações, de que sempre foi victima o thesouro portuguez e em virtude das quaes se abriu a bancarrota.

Mas tal não se deu. Nem as circunstancias difficilimas que o país atravessava, sob o ponto de vista economico e financeiro, detiveram os ferozes dictadores, que entre nós implantaram a apregoada panacéa do regimen do poder pessoal, na ininterrompida serie de desperdícios, de corrupções e de roubos, vendendo o thesouro publico em condições cada vez mais precarias, a economia nacional em circunstancias cada vez mais afflictivas.

A divida fluctuante, de 18:400 contos em que o actual governo a encontrou em fins de fevereiro de 1893, elevava-se em fins de fevereiro de 1896 a 27:000 contos; no ultimo exercicio alienaram-se papeis do estado na importancia de 2:250 contos. Sommada esta verba com o augmento que se deu na divida fluctuante, vê-se que durante os annos da gerencia do actual governo tem havido um deficit annual entre 3:700 e 4:000 contos.

E dá-se este deficit quando o país está supportando impostos onerosissimos; quando ainda se encontra sob o peso das medidas de salvação publica!

Não pôde pois pôr-se em duvida que se colheram os mais beneficos resultados da implantação do absolutismo em Portugal. Vê-se bem, pelo que já produziu, o que ha de dar-se com o engrandecimento do poder real.

Quando a historia nos não ensinasse que não é impunemente que um povo se deixa despojar das garantias politicas que conquistou, os ultimos factos prova-lo-hiam do modo mais evidente. E com certesa que não hemos de ficar por aqui.

Se o país continuar no estado de indiferença cobarde em que se tem mantido, se permittir que a monarchia o continue a explorar impunemente, muito mais ha-de soffrer.

Que julgamos que elle ainda pôde soffrer mais, o desgraçado.

O *Tempo*, do sr. Dias Ferreira, termina assim um artigo sobre *A fome*: mas a verdade é que a situação das classes populares é cada vez mais grave.

Por isso é que aquelle estadista só deixou de tributar o *carapau*!

O *Tempo*, em resposta á *Provincia*, que se sentiu indignada por constar que o sr. Dias Ferreira ia ao poder antes dos progressistas, diz:

«Não de devorar os da *Provincia* não carne, porque já não ha, mas os ossos pelo menos.»

Sim, a carne já as bordas monarchicas a comeram, só restam os ossos e ainda são sete cães a elles!

E o sr. Dias Ferreira não é dos menos esfaimados!

EM FRANÇA

Continua aberto o conflicto entre o senado francès e o gabinete presidido pelo sr. Bourgeois, sendo esperada com viva anciedade a reabertura do parlamento que deve realizar-se no dia 21 do corrente mês, em que se discutirá no senado o projecto de lei relativo aos creditos para Madagascar.

Não é difficil de prever qual será a attitude do senado. Embora vote o projecto, não deixará de apparecer qualquer moção hostil ao gabinete, para que este se demitta. A situação do governo tornar-se-ha assim mais periclitante. A dissolução da camara dos deputados salva-lo-hia, porque a politica firme que elle tem seguido conquistou-lhe o apoio da opinião publica que ainda ultimamente se manifestou na eleição senatorial do Sena em que venceu o deputado radical Barodet por 307 votos contra 231 obtidos por Jorge Martin.

E' provavel, porém, que não obtenha essa dissolução, porque a ella se opporá o senado, sabendo que ia assignar a sentença da sua condemnação. Talvez que essa opposição, a dar-se, abra mais graves conflictos creando sérios embaraços ao presidente da republica, que tão correcto tem sido no desempenho da sua difficil missão.

O sr. Frederico Arouca foi a Londres. Regressou passados oito dias. Vence agora como ministro plenipotenciario em Londres a passear na Avenida. Amanhã vencerá como ministro plenipotenciario de 1.ª classe em disponibilidade.

Provavelmente o sr. Frederico Arouca tambem prometteu publicar algum livro.

Informam alguns jornaes de Lisboa que o sr. dr. Bernardino Machado vai publicar um livro no genero das *Liquidações Politicas* do sr. Augusto Fuschini. Segundo as informações que temos, é muito duvidoso que o sr. Bernardino Machado dê conhecimento ao publico de muitas tramoias, negociatas e infamias que se deram emquanto foi collega do sr. João Franco.

E pena é se assim succeder, porque a monarchia necessita de que lhe escreva a historia quem de perto conhece o tremedal immundo em que ella vive.

Annuncia-se para breve a 2.ª edição, correcta e augmentada, das *Navegações* do Duque de Espinho. Será precedida d'um bem elaborado prefacio pelo illustre anacleto, sr. Cabral d'Almeida.

O *Diario Popular*, depois de relatar a extraordinaria e triste aventura em que o governo nos mettu na expedição de Lunda, mercê da sua característica imbecilidade, conclue:

«E' para custear estas e milhares de outras loucuras, que entretanto, o governo, cantando lóas de saldos positivos, pede impostos sobre impostos, quando o país mal pôde com os actuaes e ao mesmo tempo á força de economias, e de saldos positivos, faz crescer a divida publica com a velocidade média de 3 mil contos por anno. Mas, como o povo gosta d'esta folia e a paga, não ha senão que dar-lhe os parabens, e lembrar-lhe que gaste bastantes velas de cebo, de stearina, de cera, visto que sobre ellas é lançado o imposto de 40 réis em kilogramma, além dos 15 réis em kilogramma de

assucar, além do agravamento das taxas do sello já enormes, além de tudo mais. Quem corre por gosto não cansa, e visto que o paiz gosta de pagar extravagancias e desacetos, que vá pagando e divertindo-se.»

Isto, dicto pelo homem da *outra metade*, tem um chiste extraordinario. Esfola o povo e, não satisfeito com isso, faz troça d'elle. E tudo se supporta!

Voltamos aos circulos uninominaes. Assim o noticiam os jornaes da capital.

O sr. João Franco não quer sujeitar-se á contingencia de não levar deputado algum ao parlamento, quando os progressistas estejam no poder. Os circulos plurinominaes serviam-lhe, emquanto estivesse no poder.

Um estadista de primeira ordem, como se vê. Sem duvida que lhe está reservado um largo futuro.

Portugal

Sahiu o primeiro numero d'este denodado campeão da democracia, órgão dos estudantes republicanos de Coimbra.

Magnificamente redigido, escripto com o entusiasmo que dão firmes convicções e inquebrantaveis propósitos, o novo jornal colloca-se na guarda avançada do partido republicano.

No seu artigo edictorial declara:

«Inutil é justificar com programmas a missão que somos chamados a cumprir na vida nacional: pelo que fizermos, não pelo que promettemos, havemos de ser julgados.»

Pela Patria queremos a Republica, pela Republica a revolução. Nada mais claro, nada mais definido, nada mais simples.

A dependencia e o medo não nos prenderam ainda os pulsos, o estomago não nos emmudeceu ainda a consciencia; assim, sem compromissos, sem transigencias, firmes num grande desprêso pelos applausos ou pelas censuras, queremos-nos nós, certos apenas da força da nossa fé.

Por ella luctamos, venceremos por ella.»

Cumprimentando affectuosamente o novo collega, desejamos-lhe uma larga vida em que jámais soffra o minimo abalo a fé ardente que hoje o anima.

Diz-se que o sr. Augusto Fuschini vai em breve publicar o *Desenlace*, continuação das *Liquidações Politicas*.

Venha de lá mais isso, e quanto mais cedo melhor. O sr. Fuschini presta um optimo serviço ao país, publicando todas as traficancias e patifarias de que tem conhecimento. Diga agora no seu livro e sem reticencias que ministros da fazenda fizeram vantajosas operações em fundos publicos e aconselharam amigos intimos a que as fizessem tambem, quando as exigencias do thesouro obrigaram a tributar os titulos da divida publica e conveniencias d'outra ordem levaram a exemptar d'esse tributo algumas obrigações.

Vamos, não tenha receio. Já agora, perdido por um, perdido por mil.

Joaquim Madureira

Deixou de fazer parte da redacção da *Resistencia* este nosso querido e talentoso companheiro. Despedimo-nos d'elle com profunda saudade, tanto mais que o motivo que o levou a afastar-se de nós foi mais uma prova de amizade que muito nos penhorou.

Intendeu a redacção da *Resistencia* que não devia entrar no debate relativo á promoção a lente cathedra do nosso collega Guilherme Moreira. Pouco lhe importava que alguém quizesse ver em qualquer artigo por ella publicado a desaffronta d'uma vingança mesquinha considerada sob o aspecto mais mesquinho que apresenta. Não foi essa a consideração que a prendeu.

Deveres ha cujo cumprimento se impõe indeclinavelmente, até no momento em que outros possam esquecer-se. Debatido o assumpto em toda a sua latitude, talvez tivéssemos de fazer considerações que obrigariam a abandonar-nos quem nós desejavamos defender.

D'ahi o motivo do nosso silencio. E, de resto, a imprensa independente e ainda ha pouco um illustre par do reino têm tornado publico por tal fórma o procedimento tão illegal como injustificado e miseravel do sr. João Franco, que desnecessario se torna o nosso protesto.

Na carta que Joaquim Madureira nos dirige e que em seguida publicamos declara que voltará a abrihantar as columnas da *Resistencia* com a sua tão scintillante como original prosa logo que desapareça o motivo que de nós o afastou. De grande jubilo será para nós o dia em que virmos de novo ao nosso lado um collega tão dedicado e leal.

15—4—96.

Meus amigos

A noticia dada pelo *Portugal* da minha sabida da *Resistencia*, devo um commentario ao publico, a santa má lingua nacional, velhaca e perfiada. A vós, meus amigos, meus companheiros de longos meses, eu devo apenas gratidão funda por tantas amabilidades recebidas e um abraço de despedida, saudoso, fraterno, como penhor da velha amizade que sempre nos uniu, que nos unirá sempre.

Agora o commentario: Ha muito ao meu espirito se impunha o dever de vir á estacada, a atacar rudemente, sem comtempições, sem reticencias, a mais repugnante vilania dos ultimos tempos.

Não o podia fazer na *Resistencia*. Oppunha-se a isso a cavalheirosa esmepção d'um nosso collega que ferido no seu pundonor, ferido nos seus interesses tem mantido uma linha de silencioso despreendimento que por si só bastaria para o seu elogio.

Tramado, entre rapazes, o Portugal, aproveitei-o desde logo para nelle vir levantar a questão.

Nelle espero continua-la até que o João Franco mais essa gente tenham vergonha ou eu, farto de prégar no deserto, deixe de ter paciência.

Emquanto ella durar eu deixo, com saudade, a vossa camaradagem.

Tenho tambem uma linha de conducta: posso, devo defender na imprensa um correligionario, como correligionario, como amigo; não posso, não devo defender na imprensa um companheiro illustre que tem uma penna para se defender, que não necessita da minha defêsa.

Quero estar livre e de cabeça erguida.

Quero-o por mim e pelos meus amigos: para que, ao fim da escaramuça, possamos todos abraçar-nos com a mesma lealdade, com a mesma sympathia com que hoje nos despedimos.

Até lá,
Todo vosso
Madureira.

Paspallice monumental

Foi nomeado presidente da comissão dos monumentos/nacionais o sr. Luciano Cordeiro, e vogal da mesma comissão o sr. Adolpho Benarus.

É muito disfructar a humanidade, e trocar dos monumentos!

Esta comissão é positivamente uma mystificação ou uma metaphora!

Para que diabo, — ha quatro annos! — tem servido esse bolorento pudim carnavalesco, ao qual de vezes em quando se agrega mais uma trouxa de ovos?

Agora pregaram uma banana a enfeitar-lhe o bume, — a cabeça do Luciano Cordeiro!!
Forte intrugice!

Conselheiro Neves e Sousa

Pedi a sua demissão de governador civil d'este districto o sr. conselheiro Antonio d'Oliveira Neves e Sousa.

De ha muito que se dizia que este funcionario, em virtude de grandes desconsiderações que continuamente estava recebendo do sr. João Franco, insistia pela sua demissão, accedendo sempre ás instancias que lhe faziam para que continuasse no logar. Agora, porém, a sua resolução é inabalavel, e tanto que se tem despedido dos seus amigos e correligionarios antes de lhe ser concedida a exoneração.

Todas as pessoas sensatas são de opinião que já ha muito devia ter-se retirado. O estado de desorganisação em que se encontra o partido dos jaquétas, ao lado de quem se collocou, e o desprestigio dos membros d'esse partido, affectaram-no tambem, não ligando o governo a minima consideração nem aos seus correligionarios nem ao seu delegado.

Tal a situação em que se encontrava o sr. Neves e Sousa, que todos consideravam deprimente.

Morreu no Brazil a actriz Peps.

A revolta dos matabeles

Um missionario allemão diz que uma das causas da revolta dos matabeles é que estes estão furiosos contra a Companhia Inglesa da Africa do Sul por causa do imposto singular que lhes lançou sobre os gados. Este imposto consiste em que a Companhia recebe 45 p. c. das cabeças de gado que cada indigena possui.

Outro agravo é que os indigenas se queixam da maneira barbara como são tratados pelos brancos, havendo muitos negros com orelhas cortadas por qualquer delicto insignificante.

Um conflicto grave

O governo, receando que o sr. Ferreira d'Almeida publicasse um livro em que expozesse ao publico as tramoiás praticadas pelos seus ex-collegas do ministerio, queria impôr á grande comissão da subscrição nacional a sua nomeação para fiscalizar a construcção do *Adamastor*. A comissão recusou-se, e d'ahi um conflicto com o governo que sem duvida traria consequencias sérias, se não se desse entre nós.

A este respeito diz o nosso prezado collega *O País*, num artigo sob o titulo — *Uma scena ignobil*:

Na secretaria da comissão da subscrição nacional estão á disposição de todos os vogaes e subscriptores todos os documentos que se relacionam com a escriptura lavrada entre os representantes da mesma comissão e os constructores Fratelli Orlando, de Leone, para a construcção do *Adamastor*.

Todos esses documentos provam, claramente, que o governo commetten um inqualificavel abuso, chamando a Lisboa o distincto official de marinha, sr. Teixeira de Guimarães, afim de o substituir pelo sr. Ferreira d'Almeida, para evitar que este seu ex-collega conte o muito que viu, quando geriu a pasta da marinha.

Entre elles figuram dois officios, com data de 18 e 28 de março ultimo, em que os srs. Fratelli Orlando participam que **só reconhecem como unico delegado da comissão executiva, com pleno direito a exercer toda e qualquer fiscalisação nos trabalhos de construcção do «Adamastor», o sr. capitão de mar e guerra José Maria Teixeira de Guimarães ou outro que fór nomeado pela mesma comissão executiva**; que receberão gentilmente nos seus estaleiros e officinas e permitiriam que visitasse o *Adamastor* o delegado naval do governo português, mas que, em virtude do contrato de 3 de abril de 1895, não poderão admitir ao mesmo delegado naval qualquer reclamação, instrucções, indicações, gerencia ou fiscalisação sobre os trabalhos de construcção do mesmo navio.

A casa Orlando faz simplesmente o que deve: foi a comissão da subscrição nacional que a encarregou da construcção do *Adamastor*, e a ella, exclusivamente, que reconhece o direito de fiscalizar a mesma construcção. Nem outra coisa se emprehendia: o contrato foi celebrado com a comissão, e com esta que a casa de Leone tem que se entender.

O governo, porém, quer mandar em tudo, quer servir-se de tudo, e julga-se com auctoridade para substituir o sr. Teixeira Guimarães pelo sr. Ferreira d'Almeida, porque quer ter este affastado para que elle não venha, como o sr. Fuschini, contar o que viu nas ante-camaras do pago.

Acobardado perante o sr. Ferreira d'Almeida, quer usurpar um direito que compete, exclusivamente, á comissão da subscrição nacional.

Felizmente, fazem parte da comissão da subscrição nacional homens que comprehendem os seus deveres e que têm a independência necessaria para não se curvarem a imposições degradantes de despotas imbecis.

Por isso o governo ha de ter que recuar, ha de ser vencido neste conflicto em que lhe falta toda a razão.

A comissão entregou hontem ao sr. ministro da marinha as resoluções de character reservado, tomadas na reunião de ante-hontem.

Acto de licenciatura

Faz acto de licenciatura no proximo sabbado o distincto sextannista de Direito sr. Francisco Joaquim Fernandes, recalhindo os argumentos sobre os seguintes pontos:

Dissertação — Prisão preventiva.

1.º grupo — Systemas eleitoraes e sua critica. Legislação portugueza correspondente.

2.º grupo — Systemas tributarios de quotidade e repartição. Legislação respectiva.

3.º grupo — Natureza, organização e

atribuições das camaras municipaes. Garantias contra os seus actos ou omisões.

4.º grupo — Emprazamentos de futuro; codigo civil, artigos 1:653.º a 1:688.º e decretos de 30 de setembro de 1892 e de 10 de janeiro de 1895.

5.º grupo — Revisão e confirmação das sentenças proferidas por tribunaes estrangeiros.

São arguentes os srs. drs. Assis Teixeira, Frederico Laranjo, Lopes Praça, Guimarães Pedrosa, Henriques da Silva e Dias da Silva.

Dr. Chaves e Castro

Vae pedir a sua aposentação o sr. dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro, illustrado professor da Faculdade de Direito.

De justiça é declararmos que esse professor tem sabido cumprir sempre os seus deveres com grande dedicação e indefectivel actividade devendo ser muito sentida a sua falta na corporação de que era distincto membro.

Lá vae o conde de Ficalho planar para S. Petersburgo á custa do thesouro portuguez.

O general Festas vae para a Junta do Credito Publico.

D'aqui a pouco já nem ossos existem.

Dr. Cerqueira Coimbra

Regressou hontem a Coimbra este nosso querido amigo e collega.

Cuba

Continuam contradictorias as noticias sobre a questão cubana. Votada a belligerancia pelo senado e pela camara dos deputados dos Estados Unidos, resta saber o que fará Cleveland. Succedem-se os telegrammas a dizer que o presidente offerece á Hespanha a sua mediação amigavel, enviando para isso cartas ao representante americano em Madrid. Estes telegrammas têm sido desmentidos. Os jornaes entretêm-se a formular hypotheses sobre a attitudo de Cleveland e a maioria inclina-se a que elle, por enquanto, não dará a sua opinião.

A opinião de Sagasta tem sido muito commentada.

Eis o que diz o *Temps*:

«O *Diario de Barcelona* soube, por pessoas intimas do sr. Sagasta, chefe do partido liberal, que este mostra-se apprehensivo pelos votos do congresso americano a favor da insurreição cubana, e é de opinião que um plano completo de reformas politicas e administrativas mais amplas que as que foram votadas pelas côrtes, deveria ser immediatamente applicado a Cuba, isto independente do proseguimento da campanha contra os insurgentes.

Esta acção, simultaneamente politica e militar, na qual a Hespanha não necessita dos bons officios de qualquer potencia estrangeira, favoreceria, segundo affirmo o sr. Sagasta, o triumpho da causa hespanhola.

Julga-se que o sr. Cleveland mantem uma politica de expectativa, esperando tirar partido d'ella para obter concessões da Hespanha; mas ainda assim não poderá manter a sua resolução, resistindo á opinião manifestada pelo povo americano, senão quando as armas hespanholas forem vencedoras.

O sr. Sagasta deplora tambem a dissolução das côrtes, que poderiam responder aos insultos do congresso americano, dando o seu apoio ao governo.»

Do theatro da guerra recebem-se noticias por intermedio do governo, dando conta de varias escaramuças com os insurrectos e em que as tropas hespanholas sahiram victoriosas, morrendo ao todo sete insurrectos e meiol

Acerca de Maximo Gomez têm corrido varias versões. Parece, porém, que elle está vivo e que trata de reunir varias forças.

As colheitas de assucar diminuiram d'uma maneira extraordinaria, mas as eleições fizeram-se em Cuba, tendo sido eleitos 24 deputados!

Imagine-se que eleições seriam aquellas!

Carta de Lisboa

Lisboa, 14 de abril de 1896.

Hontem um amigo escreveu-me dizendo-me, entre outras coisas, o seguinte:

«E outra vez lhe recommendo que não trate de questões do partido. Muitos ahi naufragam. Você está novo e, de um momento para outro vê-se envolvido, sem o querer, numa conspiração que qualquer despeitado pôde tramar contra si. Tem-me dito e eu noto que é muito orgulhoso. O orgulho pôde ser uma virtude e creio que o é, na exposição que v. me fez um dia, do procedimento que tenciona seguir. Continue como disse.

«Não julgue que por fallar verdade, deixam de envenenar o que v. disser. Mas, desculpe-me escrever-lhe que ainda o considero ingenuo. Sei que não tem medo, mas agora convém deixar andar. O que v. pensa e quer realice-o com os que são seus amigos, sem que algum ambicioso ou mediocre despeitado possa atravessar-se-lhe no caminho. Tome cuidado. É uma questão de hygiene. Que lhe importam aquelles com quem nada quer? Deixe andar, que o tempo se encarrega de fazer justiça.»

A carta diz mais. Não aceitei o conselho completamente, mas decidi esperar uns dias.

Agora sacudi a penna da tinta com que ia a escrever a continuação do assumpto das cartas anteriores. Fico esperando e vou socegar o espirito em boas recordações...

Em 1891, José Falcão, escrevia a um amigo:

«Eu não quero tomar a attitudo de chefe de partido, e muito menos de um grupo com a minha clientela; seria esta marcha indigna do meu character, e, se porventura podesse valer alguma coisa, seria ainda prejudicial a causa que defendo. De panellinhas está o país farto e será indispensavel que o nosso partido se purifique tambem d'esta pecha que adquiriu com maus exemplos.

«De novo repito, meu caro amigo: eu não quero, porque não posso, ser chefe do partido. Collaboro até onde chegarem as minhas forças e dou o meu conselho de velho, quando os novos m'o pedirem, ou m'o acceitarem.»

Ora, para seguir os conselhos que elle tantas vezes me deu e a todos nós — rapazes meus companheiros e todos amigos d'elle! — temos de fortalecer a intelligencia para estudar, o coração para sentir, o braço para lutar. Mas longe da intriga, rindo da ambição sem pensar mesmo que existem aquelles a quem não damos nem a honra da nossa amizade nem prova da nossa consideração.

Até agora, não se me apagou da lembrança a nossa vida desde 1890. O dia do *ultimatum*, os nossos gritos de revolta, as nossas audacias desafiando a lei e desafiando a força! Aquella noite em que esperamos até ao desfazer do nevoeiro das nossas illusões com o primeiro raio do sol que rompeu a nevoa d'uma manhã de janeiro...

Nós velavamos. O sangue fervia nos veias e no coração de cada um cantava uma alvorada. Depois um silencio passava. Havia a vaga idéa de que a Morte podia estender-nos na rua, mas logo a certeza de que o nosso sangue havia de redimir os soffrimentos do povo humilde, nos fazia sorrir.

Ainda assim penso e pensam vobscs todos, não é verdade, rapazes?

Nessa noite, era uma hora, fui procurar José Falcão que estava de pé, como nós. Havia-lhe fallado pela primeira vez, eram 5 horas da tarde do dia 30 de janeiro.

Recordemos um pouco.

As 3 horas da tarde, estava eu em minha casa, deitado sobre a cama, lendo a *Republica*, jornal do Porto. Lia exactamente uma passagem que se referia á prisão de João Chagas, por delicto de imprensa. O artigo tinha um sub-titulo — *Situação muito grave*. — Com o que sabia, aquelle pedaço de prosa, vaga, ameaçadora, fazia-me desconfiado. Tanto que, na Baixa, no *Lusitano*, mostrando-o a um rapaz republicano, disse-lhe: — «Você que diz a isto, não lhe parece que vamos ter qualquer coisa?» — Esse rapaz, comquanto meu amigo, não estava no segredo de tudo mas respondeu-me: — «Sim! é um pouco estranho.» — Vim, subindo para casa.

Pois estava eu relendo os periodos que mais me faziam pensar, eram 3 horas da tarde, já o disse, deitado sobre a cama. Habitava na rua das Cozinhas, 27. De repente oigo gritar por mim, na escada: — «ó Menezes, ó Menezes!» — O que é? — perguntei. E, aos trambulhões, o Malva do Valle subia os primeiros degraus: — «Vem d'ahi a minha casa, para servires de testemunha, numa coisa.» — Deitei a capa ao hombro, não muito curioso, quasi indifferente e perguntei, já na rua: — «O que foi?» — «Não é nada», disse elle, foi para esta gente não desconfiar de me vêr tão alvoroçado... a revolução rebenta hoje. Veiu carta explicando tudo.»

Já estava dentro da casa do Valle e comecei a rir ás gargalhadas. Contentamento doido. Depois uma agitação febril apoderou-se de mim. Varreu-se-me tudo da cabeça e disse unicamente: — «Bem!»

O Valle estava maluco de todo. A correr trinta mil projectos apresentámos.

Tudo isto fuzilando com a rapidez do raio. De subito disse-lhe esta profundissima phrase, historica: — «Vou comer alguma coisa a correr, não almocei, estou fraco e se não tomar ao menos uma colher de caldo, leva-me o diabo com esta agitação nervosa, que ás vezes me tira a força physica.»

Não sei que disparate foi este. O caso é que cheguei a casa, tomei uma colher de sópa e disse: — «Mas não tenho vontade de jantar, que idéa esta, vamos avisar o Barbosa!»

E sahimos, quasi correndo.

O Barbosa, morava então á *Sé Velha*, num quarto phantastico, rez do chão. Entrámos. Elle estava na mandria d'um lazzarone, dentro da cama, ainda! Olhou-nos estremunhado, com os seus olhos de myope. Não lhe demos tempo a discutir, dissémos-lhe de chofre: — «A revolução é para esta noite!» — Sentou-se no leito, esfregou os olhos, poz as lunetas e, saltando ao chão para se vestir, respondeu socegradamente: — «Vamos, lá!»

Depois, não me lembro senão de que, á tardinha, estive em casa do dr. José Falcão. Havia lá mais amigos. A noticia divulgára-se pelos que eram certos, como chamavamos aos de absoluta confiança. Começavam os chefes de grupo a reunir a sua gente, entre os estudantes republicanos.

A lenda que se formára em volta do grande e bom José Falcão per-

maneceu para mim, encantadora sempre.

Quando lhe disséram quem eu era, teve um sorriso paternal, apertou-me a mão e perguntou, para mim e para o Silvestre: — «Os senhores o que têm para a revolta?» Explicámos-lhe.

Houve uma conversa cortada a todo o momento nos dialogos, por cada um. No meio de todos, José Falcão estava sereno. Disse estas palavras, que não esqueço: — «Emfim, parece-me uma precipitação, talvez um desastre, mas o nosso dever é não os abandonarmos.»

Era completa a grandesa da sua alma!

Passado tempo sahi e disse-lhe: — «Do que houver, venho avisar.»

Era noite. Noite fria de janeiro. Juntámo-nos todos, formando dois grupos. Um em casa do Freitas, outro em casa do Silvestre.

Não desinvolvei tudo quanto se passou.

O Antonio José d'Almeida já disse o bastante para se formar uma idéa d'aquelles momentos inolvidáveis. Só quero contar o seguinte:

A 1 hora da noite, alguém do Porto nos trouxe nova carta. Lemo-la; confirmava a que outro portador trouxera de dia, ferindo a mesma nota: que esperassem telegramma.

Fui a casa de José Falcão. Encontrei-o de pé, a voz cansada de estar aquella hora, numa noite fria, — elle tão fraco, tão franzino, tão doente! — deitado num canapé. Contei-lhe o que havia.

Elle disse-me «Bom! Custa-me a estar naquella canapé. Vou estender-me na cama. Venha a qualquer hora, dei ordem para me chamarem, não deixem de vir fallar-me para o que for preciso».

Depois! Depois a manhã rompia sem que o telegramma chegasse e no quartel tocava a alvorada.

Não conto aqui outros episodios, ficam para o livro que preparo. No dia seguinte eu chorava de raiva, parece que no meu coração se atravessou uma espada que o fez sempre sangrar e o meu odio só perdeu a sua violencia selvagem, quando cahiu por terra o grande, o santo José Falcão.

Acabava de retemperar-me para o soffrimento e firme para a lucta, a mim proprio traçando a linha de proceder resumido o meu pensamento nesta phrase com que terminei o

discurso juncto ao caixão de José Falcão, em Santo Antonio dos Olivares: «Até aqui seria uma traição deixar de o seguir; morto elle seria profanar o seu nome, parar no caminho.»

Não! Nós havemos de marchar unidos, levando no peito a memoria do seu nome — sempre voltando para o inimigo — pois assim foi que os soldados da Revolução levaram em urna de prata o coração do bom, do santo *La Tour d'Auvergne*, a quem a saudade d'um exercito inteiro e a legenda d'um povo, chamaram o primeiro granadeiro da Republica».

E estamos ainda unidos, os rapazes de então. Pequenas dissidencias, infantis, têm passado, sem que deixe de envolver-nos, como a irmãos, a crença na libertação, o culto á memoria do que foi o mais puro homem do partido republicano e o nosso unico verdadeiro e grande chefe.

Deixou elle, ahi no Norte um grupo de homens, de elevada intelligencia e provado caracter. Restam da revolução do Porto alguns nomes immaculados, pelo talento e pela honra.

Vivem aqui em Lisboa, um pouco afastados talvez sem ser por sua vontade, combatentes de fina tempera e saber indiscutível. Com esses vamos.

Não nós dominará hoje ninguem como José Falcão, que nos fascinava. Mas ha uma idéa que nos une e a crença de que os homens de valor não faltam.

Contem conosco. O braço que era forte para a lucta, ainda permanece o mesmo. Não julgue, porém, algum dementado que nos domina. Desenganem-se os que precisarem de vozes para o seu côro de adulações e estejam todos certos de que, longe da intriga, só faremos o que quizermos quando pretendermos que façamos o que não queremos.

Mas soceguem que não os incomodamos. Sentimo-nos tão orgulhosos do homem que amamos, que nos julgariamos ridiculos, e perdendo o tempo com quem quizesse intrometer-se nos nossos actos ou discutir os nossos pensamentos.

Soceguem que nada queremos, nada!

Não pensamos em apelar ninguem, não pretendemos elevar-nos.

Para ter idéas ninguem precisa de subordinar-se a um grupo, a

uma *coterie*. Para se desinvolver a acção, basta que em cada um viva a consciencia da sua justiça, o orgulho de ser homem.

E' minha convicção, e de todos os que vêm desinteressados para a lucta, que o processo a seguir se resume nestas palavras de Anthero de Quental, quando se refere á probabilidade de um dia ter solução esta miseravel crise portugueza:

«Tratemos simplesmente, como individuos, de conservar cada um em si um fôco, tão intenso, quanto possível, de força moral, de intelligencia calma e soffredora caridade... pois, no naufragio d'esta sociedade, na perversão do espirito publico, toda a esperança nas virtudes individuais.»

Se no meio do geral envilecimento, a natureza humana se manifestar grande e amavel em alguns poucos individuos excepçoes, ao mesmo tempo como protesto e como exemplo não se poderá dizer então que tudo está perdido.»

E não estará. Não poderemos ser esses individuos excepçoes de que falla Anthero. Mas tentemos imita-los; sigamos, ao menos, os conselhos do velho que José Falcão offerecia aos novos.

Promptos para a lucta, mas para que a espada se conserve pura, vamos por estrada clara, á luz do sol onde todos se conheçam. Fugir da sombra, da intriga.

Lembrem-se d'esta phrase, tambem de Anthero:

«Portugal é um país que só vive uma vida inferior para a vilésa dos interesses materiaes, e para a intriga covarde que é o processo d'esses interesses.»

Grande tem de ser a lucta. Mas á luz do sol em campo largo, para o combate impetuoso. Fugam das veredas, deixem os que de lá nos chamam. Não é por medo de morrerem combatendo. E' porque nos envenenam, traçoicamente.

João de Menezes.

Falleceram no domingo findo duas das mais antigas pupillas de Santa Clara.

Restam quatro, que estão gravemente enfermas com febres palustres e influenza.

O progresso do socialismo na Allemanha é de tal modo evidente, que se torna uma especie de acção politica. Em uma reunião publica dos empregados do commercio, realisada em

talheiro. Depois entrou na rua de S.^{to} Jean, de pavimento desigual e pedregoso, casas velhas e baixas enterradas no meio de casas novas e elegantes. A um angulo, a igreja sombria, cujo aspecto foi o sufficiente para provocar em Herminia um estremecimento que lhe fez então recordar para onde ella ia. Ao atravessar a ponte de S.^{to} Pierre olhou para a agua com um olhar melancolico, talvez antes atrahida pelo murmurio suave e brando das aguas do que pelo som lugubre dos sinos da cathedral que então se faziam ouvir. Na rua Notre-Dame estava a diligencia de Bayeux.

Herminia installou-se no coupé que felizmente estava livre e ella bem precisava de se achar só; não pouco pezarosa estava até por ter mandado da estação de Vaucelles um telegramma a M.^{elle} de Fayolles, prevenindo-a da sua chegada. Desejaria naquella momento entrar no convento furtivamente, como uma toupeira, sem ser vista nem sentida.

Os guizos dos cavallos tilintavam pela estrada fóra, a compasso, rythmando, por assim dizer, a tristesa que cahia gotta a gotta no coração de M.^{elle} de Croizy. O chicote do postilhão retinia, sonoro, ao approximar das aldeias e essas alegres chicotadas eram como que uma flagellação para Herminia que se temia do termo da viagem.

Berlim, uma maioria consideravel pronunciou-se a favor do partido socialista. Como taes empregados são numerosissimos na Allemanha, aquella attitude significa para as proximas eleições um novo augmento do exercito socialista. Já nas ultimas eleições o partido socialista, com os seus 1.300.000 votos, se mostrou relativamente o partido mais forte de toda a Allemanha, e agora ninguem duvida de que, nas eleições de 1898, o numero dos votos socialistas será quasi o duplo.

Republicanos hespanhoes

A junta central da união republicana elegeu para presidentes os srs. Salmeron, pelo partido centralista; Vallés y Ribot, pelo federal; o dr. Ezquérdo, pelo progressista; e Carvajal, pelo nacional.

Cada um d'estes presidentes funcionará um mês.

Está restabelecido do ataque de influenza que o reteve de cama durante alguns dias o nosso amigo e digno official do governo civil sr. dr. Manoel Novaes.

Felicitamo-lo.

O equilibrio europeu

Um correspondente de Berlim assegura que o governo allemão vae apresentar ao Reichstag um projecto de lei para pedir a construcção de tres grandes couraçados e sete cruzadores, a fim de tornar mais formidavel a marinha de guerra allemã.

É de tremer!

Tem estado gravemente doente com um ataque de influenza o sr. dr. Souto Rodrigues, distincto professor da faculdade de Mathematica, e sua ex.^{ma} esposa.

Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

Secretario geral

Foi transferido de Aveiro para o logar de secretario geral do governo civil d'este districto o sr. dr. Manoel Massa.

Já veio arrendar casa.

Acha-se em via de restabelecimento do ataque de rheumatismo que ultimamente o reteve no leito, o nosso prezado amigo sr. Antonio Mendes Correia.

Estimamos.

Viatico aos enfermos da Sé Cathedral

No proximo domingo, 19 do corrente, pelas 8 horas da manhã, será ministrado com a pompa do costume o

Mais meia hora de caminho e estaria em Bayeux. Sahia do desconhecido que distrae a vista; tornava a achar as velhas coisas do caminho tantas vezes percorrido: aqui, o calvario ao fundo do fosso; acolá, o cubo de pedras de que nem uma se tinha destocado; mais além, um velho cylindro despedaçado que ficara eternamente abandonado num recanto da estrada. Nada tinha mudado desde o dia em que Herminia, trazida ao convento pela mãe, tinha observado com os olhos curiosos de criança esperta estas minucias do caminho.

Que surdo e lugubre abalar, o da ponte de Bayex quando o carro lá passou! Depois, mais uma rua, de S.^{to} Jean — as vias d'essas velhas cidades de provincia são todos canonicadas — e a diligencia parou.

A tarde, uma tarde dos ultimos dias de setembro, tinha chegado. O ourives, cuja officina occupava uma das extremidades da rua, andava accendendo as luzes que espalhavam sobre as joias da vitrine uma claridade palida que todavia se destacava bastante na sombra da rua.

M.^{elle} de Croizy de boa vontade se conservaria dentro da coupé onde tinha, comtudo, passado tres horas bem cruéis; preferia isso a ter de apelar-se para entrar nesse convento que via a alguns passos apenas, mais

Sagrado Viatico aos entrevados da Sé Cathedral.

O itinerario da procissão será o seguinte: — Largo e Marco da Feira, largo do Castello, rua do Guedes, dos Anjos, do Borrvalho, do Infante D. Augusto e de Sá de Miranda, arco do Bispo, rua e travessa da Mathematica, rua do Loureiro, largo e rua do Salvador, arco do Bispo, rua das Colchas e largo da Feira.

«O Berro»

Recebemos o n.º 10.

Continua a mostrar que para o Celso Herminio a phrase de Danton *Audacia, audacia e sempre audacia*, não é uma banalidade.

Corre com bastante insistencia que será nomeado administrador da imprensa da Universidade o sr. Abel de Andrade, alumno do 5.º anno de Direito.

Não sabemos qual o fundamento do boato. O que sabemos é que a politica regeneradora está fula.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Agradecimento

João Antonio da Cunha, summamente penhorado para com todas as pessoas de sua amisade que se dignaram visitá-lo e mandaram saber de suas melhoras durante o estado de doença, da qual felizmente se acha restabelecido, mas na impossibilidade de poder agradecer pessoalmente a todos como desejava, usa d'este meio, agradecendo muito reconhecido, não esquecendo as illustres redacções que se dignaram dar conhecimento do seu estado, mostrando empenho pelo seu restabelecimento.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Abriu no 1.º de abril o Hotel da Matta do Busaco.

funebre do que nunca, a seus olhos, mas ainda o postilhão não tinha despedido do seu posto e já uma mão impaciente e energica abria a portinhola.

M.^{elle} Quoniam estava sobre o estribo, muito feliz por ter sido enviada por M.^{elle} de Fayolles ao encontro de Herminia.

— Ah! minha querida! exclamou a velha rapariga; até que emfim torno a vêr-vos!

E, descedo do estribo, estendia os braços compridos e mal feitos para amortecer o salto que M.^{elle} de Croizy se preparava para dar sem esperar o tamborete que auxiliava ordinariamente os viajantes do coupé a descerem.

Herminia olhava para ella á luz avermelhada projectada pela lanterna da diligencia; hesitava em se deixar ir. Essa pobre Quoniam parecia-lhe mais feia do que nunca, quasi repellente apesar da sintillação desusada dos olhos bogalhudos, abominavelmente ridicula com a sua detestavel touca, o mantilete preto acavallado na corcunda e umas luvas de malha, luvas d'homem, um tanto compridas de mais para a sua mão para que nunca tinha conseguido encontrar marca exacta.

(Continua.)

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXIV

Fôra alli que passara os melhores dias da sua vida, os unicos que nas suas recordações appareciam successivamente com maior brilho.

As arvores tinham perdido a folha e tudo respirava a desolação do fim de outomno, mas Herminia respirava sempre, pelo pensamento, aquelle bello ar da folhagem verde e fresca, primaveril e era sempre banhada pela sombra tepida que d'ella emanava.

Com que prazer teria naquella occasião collado aos labios, mesmo murcha, qualquer d'essas pequeninas folhas que noutros tempos deitára abaixo com uma leve chicotada, se a tivesse conservado, como se faz ás flores de Amor!

De repente, descobre-se por entre a semi-nudez do parque, a parede cinzenta do redil, onde de longe as janelas se destacavam como buracos de sombra e o tecto de colmo fustigado pelas rajadas de vento da estação. Foi um instante terrivel para Herminia; tudo nella se levanta contra o perjurio e o esquecimento que a acabruhavam desde a vespera e, para não trahir a

sua agitação diante dos três viajantes que occupavam os outros logares do compartimento, conservou-se sobranceira á portinhola.

Bruscamente, numa volta, fol-lhe arrebatada da vista toda esta paisagem, querida e cruel! Deixou-se então cahir sobre as almofadas, e fechou os olhos como que para reter sob as palpebras a sua ultima visão.

Indifferente ás estações que iam passando, estava ainda completamente absorvida nas suas reflexões, tão diversas, quando ouviu gritar:

— Caen!... Caen!... todos os senhores passageiros mudam de trem!

Aquelle comboyo não seguia e mesmo naquelle tempo não havia ainda linha directa para Bayeux. Os chefes de estação são implacaveis; sacodem-vos nas vossas recordações, nos vossos sonhos, nas vossas illusões, embulladas quantas vezes no movimento monotonico do trem, para vos collocarem de repente na realidade brutal.

Um omnibus estava no pateo da estação; Herminia subiu para elle, e mandou buscar a mala. Era a unica passageira. Os cavallos partiram a trote largo e viu deslizar detraz d'ella o faubourg de Vaucelles, cuja ponte atravessou entre a tranquillidade do Cours que lhe fugia á esquerda e o ruido do porto, dominado pelas martelladas repetidas nos navios em celeridade no es-

Taboleta

21 **Vende-se** uma de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

Casa mobilada no Campo

20 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozelhas, proximo a estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria.

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

19 **Consultas** todos os dias das nove da manhã as quatro da tarde

Cavallos, muares, etc.

18 **As sobrecañas, espavardes, óvas, esquenencias, man, queiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se** com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel a untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras.
Depósitos — Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Depósito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.
Depósito em Coimbra — Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

17 **Chegou** nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho da Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central**COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE**

Capital réis. 1.344.000.000
Fundo de reserva. 211.000.000

SEDE EM LISBOA

16 **Esta** companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre prédios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Aviso aos lavradores

15 **Na** cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.
A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

14 **BASILIO AUGUSTO X D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

13 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.
Nella se prestam os demais esclarecimentos.

CASA LEÃO D'OURO

Grande estabelecimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis alfaiates.

117, RUA FERREIRA BORGES, 123

COIMBRA

12 **O** proprietario d'esta casa, tendo de proceder a balanço no dia 16 do corrente e dar lugar ao extraordinario e variadissimo sortimento que está a receber para a nova estação, resolveu liquidar todas as fazendas das estações passadas, com o abatimento de 20, 30, 40 e 50 por cento! Esta liquidação só dura 15 dias e por isso quem desejar comprar fazendas, por metade do seu preço, é aproveitar esta excepcional occasião.

Esta casa acaba de receber uma grande e variadissima colleção de flanelas pretas e azues da mais alta novidade para fatos da presente epocha, e bem assim diagonaes e piqués pretos, o que ha de mais distincto para *smokings*, sobrecaças e casacas, tudo por preços limitadissimos, como o freguez poderá verificar. E tendo artistas especiaes para o corte e manufactura d'estas obras, toma inteira responsabilidade pelo seu bom acabamento como pelo de todas as demais executadas no seu atelier de alfaiate, onde se corta pelos melhores e mais recentes figurinos ou ao gosto do freguez.

TAMBEM HA PARA LIQUIDAR

Um saldo de collares de brentanha de linho, estrangeiros, a principiar em 80 réis.
Chapéus cocos de 400 réis para cima.
Duas bicycletes pneumáticas, de 10 e 15 kilos de peso, ultimos modelos, para passeio e corrida, com abatimento de 455000 e 605000 réis.

Excepcional liquidação

SÓ POR 15 DIAS

Fazendas com 20, 30, 40 e 50 % de abatimento

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaíades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moíños e lorradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimaráes.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRRARIA

Vende-se no Café Lusitano

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

9 **CASA** filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

COIMBRA

8 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas, odicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhinites, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como *renal na albuminuria, diabetes, etc.*, podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás *VIDAGO* e *PEDRAS SALGADAS*.

A venda em todas as pharmacias e drogarias — DEPOSITO GERAL — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depósitos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depósitos no Porto — Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra — **RODRIGUES DA SILVA & C.**

Deposito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

Propriedade

6 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casacas e dois poços de agua, junto á egreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma egreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegue, morador á Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **Amendoas** de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunbana e Mousinho e outras marcas.

Para manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

4 **Vinho** sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sé Velha, junto ao arco da rua da Illia.

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, oliveira, matta, arvores de fructo e casaca.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

2 **Grande** sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Prevenção

1 **Na** padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 15350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 15200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 122

COIMBRA — Domingo, 19 de abril de 1896

2.º ANNO

LIQUIDANDO

O facto político ultimamente mais frisante, e que mais tem echoado pela Europa além, como significativo do desprestígio monarchico e revelador dos processos immoralissimos das monarchias, é, sem dúvida, o das eleições ha pouco realizadas em Madrid, — manifestação symptomatica do agonisar d'umas instituições apodrecidas e condemnadas, que estão atravessando agora, tudo o indica, a ultima phase da sua liquidação. Uma liquidação pavorosa, num tremedal hediondo...

Seja porque as mesmas causas não estão actuando com energia igual nos diversos meios; seja porque algumas das monarchias europeas têm condições de resistencia singulares; seja porque a raça neolatina é uma raça pervertida e minada por factores pathologicos, que o organismo d'ella, depauperado, não consegue já vencer, o facto é que as monarchias neo-latinas são aquellas em que mais intensamente se estão manifestando as crises denunciadoras d'uma agonia lenta e implacavel.

E a evidencia impõe-se. Em Italia, em Portugal, em Hespanha, o descalabro é completo; — a ruina economica e financeira, a fallencia de caracteres e de consciencias, caminha a par; esta chamou aquella, e ellas, lado a lado, abrindo, numa orgia doida, o coval das monarchias.

Em Italia, outro dia, a revolta dos *fasci* sicilianos afogada em sangue, — a fome perseguida a metralha; ainda ha pouco os assaltos aos bancos, — a alta quadrilhagem em acção.

Em Portugal, a série enormissima de veniças, de trapaças, de ladroerias; — os caminhos de ferro, — os bancos do Porto, os bancos de Lisboa, a salamancada, o porto de Lisboa, as obras do Estado, as thesourarias publicas, a companhia do Nyassa... ministros, embaixadores, altos funcionarios, directores de companhias, gatunos, prevaricadores, concussionarios, fugidos todos ás cellas da penitenciaria ou á grillheta dos presidios.

Em Hespanha — o quadro é, pouco mais ou menos, identico. O marquês de Cabriñana denunciou ao seu país, ha bem pouco ainda, uma quadrilha poderosa e rica — as nossas tambem são assim, — que ha annos estava mettendo até aos hombros os braços nos cofres publicos.

E em Portugal, e em Hespanha, e em Italia, os phenomenos estão-se manifestando, precisamente do mesmo modo — os *escrocs*, os gatunos, os quadrilheiros, exaltam-nos, honram-nos, abraçam-nos: — são ministros, embaixadores, directores de companhias e de bancos, financeiros, deputados... o que elles quizerem.

Premeiam-nos assim as monarchias; é ao bandoleirismo que as monarchias se encostam!

Desprezadas, abandonadas, olhadas com repugnancia pelos caracteres honestos, pelas consciencias immaculadas, arrastam-se prostituidas, miseraveis, entregando o corpo lasso, a desfazer-se, aos beijos conspurcados da gatunagem das viellas...

É o fim. Um agonisar repellente, de que afastam os olhares as pessoas limpas.

Caridade bem entendida

Uma comissão de onagros que entram nas recitas do Solar dos Barrigas acaba de apresentar um projecto que eleva a SEIS CONTOS DE REIS, livres de qualquer desconto, o ordenado dos ministros.

O Caneças, que o ouviu lèr, declarou, com a mais nobre das excepções, que nem elle nem os seus collegas o acceptariam. Apesar d'isso o projecto sempre é mandado á respectiva comissão para dar o seu parecer.

Oxalá que ella dê parecer favoravel, e que os agraciados se contentem com tão misera quantia.

São esses os nossos votos.

Como pensamos

Atacar sem treguas um governo de bandidos que tem supprimido completamente as liberdades publicas e perpetrado os mais escandalosos e nefandos attentados contra a lei e contra a moral, é rigoroso dever de qualquer partido, seja qual for o ideal por que pugne. Criticar sem complacencias mas tambem sem injustificaveis acrimonias os actos por que qualquer partido monarchico publicamente manifeste a sua incoherencia e falta de seriedade, é dever de todos aquelles que lutam pela mudança radical das instituições politicas, que tão nefastas têm sido para o país. Trabalhar sem vãs ostentações nem discussões impertinentes para a boa organização e disciplina do partido republicano, na propaganda das idéas e preparação dos meios conducentes á realização do ideal que se propõe, é rigoroso dever de qualquer correligionario.

E ponto final, por'ora.

Pares do reino gatunos

«Não tardará muito a apparecer coisa melhor do que tudo isto; é a nomeação de gatunos, tidos e havidos como taes... pares do reino.»

Nesse dia pediremos que se transfiram as secretarias do estado para a... Penitenciaria.

É o que mandam a boa logica e a coherencia».

São do *Universal*, órgão da imprensa monarchica, as palavras que ahí ficam transcriptas.

O rei vae nomear pares do reino gatunos, tidos e havidos como taes.

A nação está completamente entregue a bandidos que se servem da politica como arma para praticarem as maiores torpêsas e attentados. Nos conselhos de ministros, presididos pelo rei, até já se discute como se hade comprar o seu apoio.

A isto chegou a monarchia! D'aqui a repetirem-se as scenas mais caracteristicas que se deram durante o Baixo Imperio, cortissima é a distancia. Uma questão de velleidade, nada mais.

Enão haver hoje barbaros que esmaguem um povo que assim se deixa apodrecer miseravelmente!

Governo forte!

Do nosso collega *A Vanguarda*:

O governo continúa calado perante o requerimento das associações commercial, industrial e de lojistas de Lisboa.

Acobardado no reconhecimento dos seus deveres, entende que não deve dar resposta ao requerimento, mórmente sabendo-se que o desejo dos governantes era indifferente.

E porque o não fazem? Porque não querem. E sem argumentos, sem razões, não dá uma resposta categorica, deixando-nos na expectativa de mais um acto futuro de ineptia.

O governo não tem o direito de reprovar estatutos: pois que é livre ás classes associarem-se.

Apesar de tudo os commerciantes e industriaes têm-se reunido sempre lançando o seu anathema contra este governo afraldado em tudo quanto seja util para o progresso e para o país.

Corja! arreda, arreda!

De como se equilibra o orçamento

Conta o *Diario Popular*:

«Consta que o sr. conde de Ficalho vae directamente de Lisboa a Londres, por ordem do sr. ministro dos negocios estrangeiros, tratar uma questão diplomatica com o governo inglés, que se supõe ser a famosa, famosissima, do caminho de ferro do Pungue. Depois s. ex.º dará um passeio recreativo por alguns países da Europa e irá finalmente desempenhar a sua missão na Russia, d'onde parece que não voltará sem trazer os *off* para o sr. ministro da fazenda, e o *ewsky* para o sr. Carrilho.

Em Londres, como se sabe, não está presente o ministro de Portugal que exerce o seu lugar de par do reino; o secretario da legação, que estava servindo, vae para a Russia com o sr. conde de Ficalho e, portanto, fica servindo como ministro de Portugal em Londres um amanuense do ministerio dos estrangeiros.

O Christino está preparando o hymno.»

O sr. Frederico Arouca foi a Londres, recebendo uns poucos de contos de réis e voltou para Lisboa recebendo a razão de 15 contos por anno. Agora, para tractar da questão do Pungue não serve o sr. Frederico Arouca; vae o sr. conde de Ficalho que receberá tambem para esse effeito esses poucos de contos de réis.

O mesmo sr. conde irá em seguida á Russia representar Portugal na coroação do czar.

Até onde irá este pagode? Continuará o país a soffrer o augmento dos impostos para estas bambochetas?

Foi nomeado consul dos Estados Unidos em Havana o general Fitzbug Lec, sobrinho de outro general de igual nome que na guerra separatista se tornou muito notavel.

A imprensa norte americana liga grande importancia a esta nomeação

Que será?!

Um telegramma do Porto para um jornal da capital informa o seguinte caso, que não sabemos explicar:

«O commissario geral de policia, fundando-se no artigo 282.º do código penal que não permite a existencia de agremiações com mais de vinte socios, mandou hoje apprehender todas as espingardas participando aos corpos gerentes que não podiam continuar a funcção sob pena de serem presos e autoados, enquanto não tiverem os estatutos approvados. As espingardas, como tinham sido offerecidas pelo sr. ministro da guerra, foram entregues no quartel general.»

É o nosso espanto tanto mais justificado quando sabemos que ainda no primeiro de dezembro passado houve na Associação dos Atiradores Civis Portuenses, agora suspensa, uma sessão solemne presidida pelo general de divisão Vasco Guedes, como representante do ministro da guerra, e a que assistiram os commandantes dos corpos da guarnição.

Por tudo isto parece-nos *blague* a tal suspensão.

E d'ahi talvez não seja. Que o governo tem medo da hydra e não sabe onde está anichada.

Falleceu o sr. Marçal Pacheco, que se tornou notavel pelas suas qualidades como parlamentar.

Dr. Silvestre Falcão

Completamente restabelecido da grave doença que o acommetteu em Tavira, regressou no dia 8 do corrente mês, a Loulé, terra da sua residencia, este nosso querido amigo e distincto correligionario.

Os setts amigos e admiradores prepararam-lhe, á sua chegada, uma festa altamente sympathica, que mostra bem o apreço em que os louletanos têm o seu nobilissimo caracter.

D'aqui lhe enviamos um affectuoso abraço de parabens.

Estado actual

Não é só a liberdade de pensar que está sob a ferocidade estúpida dos esbirros do poder. A propria liberdade do trabalho torna-se inacessivel para a maior parte dos que lutam pela subsistencia, sem os alentos do meio, viciado e amesquinhado pelos crimes do governo, ou, antes, pelas infamias da monarchia.

E de facto, como força de iniciativa ou órgão de garantias, o governo apenas existe para a grande corja dos afilhados, para os bandidos de commenda que passeiam impunes á sombra da nossa cobardia.

Para esses são os monopolios, embora os trabalhadores honrados tenham de vergar o seu caracter á condição de mendigos! Esses têm a impunidade para todas as tranquillidades, e o favor do Paço para todas as infamias. Desde o Navarro ao Marianno vae uma idéa infinita de ladroerias permitidas e ainda recompensadas!

E o país dorme, dorme... Não é já indolencia, é fraquêsia. Externuado, prostrado, está como um homem vergado ao peso das suas dores. É preciso, pois, accorda-lo.

Nestas circumstancias o partido republicano deverá ser como um reagente, porque, entendámo-nos, o nosso partido é um partido de revolução.

Diz-se, geralmente, que os governos não têm recursos, que o thesouro publico está exausto, etc.

Que o thesouro está exausto, é um facto. Agora que os governos não tenham recursos, é não examinar bem o estado d'estas coisas. Recursos tinha e bastantes, se a monarchia não fosse a maior das sanguessugas.

As contribuições directas são elevadissimas. As indirectas, porém, levam-lhe a palma, são assombrosas! Só por milagre é que se vive neste país.

E, agora, com esta febre de monopolios, tem o cidadão português de fazer das fraquêsas forças para satisfazer o augmento de preço da manufactura monopolizada para gaudio dos galopins eleitoraes.

Note-se que, por isto mesmo, não é só para o estado que nós pagamos. Nós temos de sustentar as empras monopolistas que nos dictam a lei, e que absorvem um rendimento extraordinario que se poderia aproveitar.

Um governo, pois, que, levado pelos impulsos d'uma verdadeira

democracia, fomentasse o desenvolvimento da industria nacional, acabasse com os monopolios, embora tivesse de augmentar, um pouco mais, os rendimentos directos do estado, o que não seria, talvez, necessario, havia de ser, sem duvida, um governo com recursos para grandes e proveitosos empreendimentos; e a nação, mais desafogada, necessariamente haveria de surgir para uma vida de prosperidades.

Ah, sim, mas a monarchia vive d'isto!...

Instrução secundaria

Foi publicada no *Diario do Governo* a portaria que nomeia a commissão incumbida de proceder ao exame dos livros de instrução secundaria.

E' composta dos srs. dr. Santos Viagas, presidente, dr. Manuel d'Azevedo d'Araujo e Gama, dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, dr. Antonio Henriques de Sá, dr. Francisco José de Sousa Gomes, Ferreira Roquette, dr. Patrocínio Costa, Costa Lima, Roberto Mendes, Dr. José Pedro Teixeira, João de Sousa Tavares, Antonio José da Rocha, dr. Francisco Antonio Diniz, Manuel Joaquim Teixeira, Antonio Thomé, Francisco José Fernandes Costa, Julio Maria Baptista, Pedro Eusebio Leite e padre José Martins Capella.

A commissão funcionará em Lisboa e as suas sessões terão lugar no ministerio do reino.

O eminente jornalista José Caldas, num artigo publicado no nosso prezado collega *A Voz Publica* em que aprecia o procedimento de um jornalista republicano de Lisboa que falou junto do tumulo de Pinheiro Chagas, faz as seguintes considerações que calorosamente applaudimos:

«Nada tenho com essa homenagem santa, a qual, na rubrica dos melhores informadores, arrancou lagrimas á numerosa e selecta assistencia que a rendeu. Tenho, porém, tudo com o que alli se disse, pela voz de um jornalista republicano, a fóra das qualidades civicas e espirituas d'aquelle saudoso morto.

«Se um dia d'essa santa romagem eu me achasse em Lisboa, por seguro tenho que me incorporaria, tambem, no luctuoso prestito. Como jornalista republicano? Nunca. Iria como admirador da laboriosissima actividade de aquelle infatigavel espirito; como adorador da santa paz domestica que elle adorara; como soldado humilde da instituição que elle serviu, embora em campos e em arraloes descompassadamente adversos áquelles em que eu trabalho, lucto e penso. Iria assim, como quem vae de armas veladas, á campã de um inimigo, cujo valor reconhece, cuja espada teme, mas que não quer abdicar, sob o impulso de uma incongruente sensibilidade, dos principios que defende, reconhece e sustenta. Como adversario, sim: como camarada, nunca!»

E de outro modo não pôde proceder quem defender a causa democratica com firmes e arraigadas convicções.

Mas isto anda tudo á matroca.

Parabens aos contribuintes

O *Diario do Governo* publicou hontem a seguinte lei:

Artigo 1.º Pelas mercadorias abaixo designadas serão cobradas, no acto do despacho, a partir do dia da publicação d'esta lei no *Diario do Governo*, as seguintes taxas equivalentes ao imposto de fabricação estabelecido no projecto respectivo: oleos concretos vegetaes, com excepção do oleo de palma, preço liquido de 8 réis por kilogramma; vellas de qualquer qualidade e forma para illuminação; stearina em massa e productos analogos, podendo ser immediatamente empregados na formação de vellas para illuminação, 30 réis por kilogramma,

Artigo 2.º A cobrança d'este imposto far-se-ha por deposito até que as côrtes resolvam definitivamente sobre o referido projecto.

Artigo 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Vão pagando. Que o governo não pôde proteger os afluídos sem que os contribuintes lhe dêem os meios necessarios para isso.

Movimento republicano

Vae sahir no Barreiro um novo collega republicano—*Jornal do Barreiro*, dirigido pelo sr. Francisco Silva, antigo proprietario do *Jornal de Mafra*, e administrado pelo sr. Marcellino Ferreira, do Lavradio.

A commissão organisadora da Associação dos Jornalistas entregou ao sr. presidente do *Solar dos Barrigas* numa representação em que se pede a diminuição dos direitos sobre o papel de impressão. Em seguida foi entregar cópia do mesmo documento ao sr. ministro da fazenda e outra ao sr. presidente da commissão das pautas, assegurando-lhes que o deferimento era um acto de justiça, porque tornaria menos difficil na sua labutação a industria typographica, na parte importantissima empregada nas publicações periodicas, cujo movimento é cada vez mais crescente.

A representação apparecerá no *Diario do Governo* e foi transcripta em muitos jornaes, não o sendo logo em todos por causa da sua extensão.

Vae ser tambem remetida aos periodicos da provincia.

Nós desde já declaramos, para todos os effeitos, que não publicaremos a referida representação. Não se queira ver nisto falta de solidariedade nem prova de menos consideração para com os nossos collegas da imprensa. Muito outro é o motivo.

Nós não queremos cousa alguma nem com o *Solar dos Barrigas* nem com o governo. Jámais lhe pediremos qualquer cousa. Na situação em que os partidos liberaes se encontram, só um meio lhes resta: luctar abertamente contra esses saltimbancos que estão abusando de tudo e de todos.

Hospicio

O movimento geral do hospicio districtal de Coimbra dos expostos, abandonados e desvalidos, no mês de março ultimo, foi o seguinte:

Existiam no dia 1.º 23 expostos do sexo masculino e 38 do feminino, 13 desvalidos do sexo masculino e 5 do feminino.

Entrados: 2 expostos do sexo feminino, 1 desvalido do sexo masculino.

Fallecidos: 2 expostos do sexo masculino.

Findou a criação 1 exposto do sexo masculino.

Diz-se que o sr. Barros Gomes declarou no conselho de Estado, em nome do partido progressista, que este não reconhecia as leis emanadas do *Solar dos Barrigas*. Tambem nos affirmaram que é menos exacto que o sr. José Luciano de Castro declarasse que só revogaria as medidas dictatoriaes do actual governo pelos meios ordinarios.

Afinal é difficil apurar o que ha de exacto em tudo isto. A anarchia está sendo de tal ordem, a cobardia está-se manifestando tão vergo-

osamente, que já não sabemos a quem e ao quê havemos de ligar credito.

Uma unica coisa se ostenta a toda a luz: o governo continúa no poder, praticando as maiores prepotencias e vilanias; o *Solar dos Barrigas* continúa a funcionar contra as mais elementares normas do decoro.

E o país tudo vae soffrendo resignadamente.

Esteve hontem em Coimbra o sr. Augusto Fuschini que vae a Madrid, em viagem de recreio, com sua familia.

Do nosso collega *La Justicia*, de Madrid:

«Diz *El Ejército Español*:

«Se o sr. Canovas julga facil levar o marquez de Cabriñana a acotovelar-se com os reclusos do Carcere Modelo, que o experimente, e talvez o povo de Madrid lhe dê mostras de que impune não se offende um país inteiro, sem distincção de classes e partidos, que levanta a bandeira da moralidade e pensa que vos carceres se fizeram só para os ladrões, com ou sem diplomas de immuniidade.

«E' verdade: os carceres fizeram-se para os ladrões.

«Porém, ai de nós!, mais os occupam os jornalistas.

«E nelles se prepara alojamento para os homens honrados.»

Portugal e a Hespanha nunca se aproximaram tanto como agora. As monarchias parecem dispostas a realizar a união ibérica.

Que se acutelem os patriotas.

O sr. Marianno de Carvalho manda pedir ao sr. Hintze Ribeiro que faça uns despachos por que se empenha.

O sr. Hintze Ribeiro defere, só em parte.

Marianno insiste para que o seu pedido seja integralmente satisfeito; Hintze resiste.

Marianno ameaça dizendo que deixa de fazer opposição no *Solar dos Barrigas*; Hintze cede immediatamente.

Authentico.

Acha-se de luto pelo fallecimento do avô de sua ex.^{ma} esposa, o distincto lente da faculdade de Mathematica sr. dr. Francisco Miranda da Costa Lobo Os nossos pesames.

O encerramento dos jogos olympicos

Segundo communicam de Athenas, em data de 15, foi imponentissima a solemnidade do encerramento dos jogos olympicos. Com um bello tempo e diante de uma multidão enorme que invadira o Estadio, o rei fez a sua entrada, acompanhado do duque de Sparta, do principe Jorge e de toda a familia real, menos a rainha.

O rei foi recebido ao som do hymno nacional, sendo-lhe entregue pelo principe real a lista dos vencedores. O rei collocou sobre a cabeça de cada um uma corça de louros e entregou-lhes um ramo de oliveira cortado no bosque sagrado da antiga Olympia, um diploma e uma medalha.

Os vencedores desfilaram em seguida com a corça na cabeça, dando volta ao Estadio, tocando as musicas diversas arias nacionaes. O rei proclamou depois o encerramento dos jogos olympicos. Os membros da commissão dos jogos entregaram então uma corça de louro ao principe real, que foi ajeo de uma manifestação, em que tomaram parte mais de 60:000 pessoas.

Os vencedores, segundo as nacionalidades, foram 11 americanos, 10 gregos, 7 allemães, 2 húngaros, 2 australianos, 5 francezes, 3 ingleses, 1 dinamarquês, 2 austriacos e 1 suizo.

A commissão resolveu repetir os jogos olympicos em Athenas, decorridos quatro annos.

Carta de Lisboa

Lisboa, 16 de abril de 1896.

Dizia-me um amigo...

Na carta passada transcrevi outro, tambem amigo. Pois dizia-me elle: — «Você nem para os seus correligionarios é bom.» —

— Ora essa?!

— Pois para que anda a combater os progressistas?

— Pelo mesmo motivo por que combato os regeneradores. Porque elles são monarchicos e eu republicano!

— Você está ainda muito verde.

— Melhor, antes isso do que estar sorvado, como alguns que eu conheço.

— Ora oiça: Você, combatendo os progressistas, faz o jogo do governo, isto é, evita que vão ao poder os verdadeiros liberaes.

— Obrigado, mas acredita o amigo que os artigos dos republicanos contra os progressistas os façam estar muito tempo fóra do poder?

Pois não é logico, desde que nós os sovamos, que o rei os chame? Não é natural que, não agradando elles aos republicanos, agrade ao rei?

Olhe lá o amigo, quando se afastaram elles mais do Paço? Quando andaram com os meus correligionarios, não é certo? Pois se estivermos separados, e á descompostura, não mouda a logica, a linda logica-sinha, que elles estejam logo a receber do D. Carlos a absolvição?

O meu amigo, depois de meditar respondeu-me: — Isso são espertezas, argumentos que não servem, pois o D. Carlos não é tão tolo que não percebesse a manha de vocês, se elogiasses os progressistas.

— E porque não ha de o povo perceber a manha dos que dizem que atacar os progressistas é fazer o jogo do governo? Você, julga que todos são tolos ou que pretendem ser cumplices em velhacarias? Convence-se de que os que sabem pensar e sobretudo os que têm vergonha, desde que são republicanos, se importam que esteja no poder o Franco ou o Luciano?

A questão é de substituir a monarchia pela Republica, não é de substituir os regeneradores pelos progressistas. Ha espertezas de rato de politicos de pomada? Ha, mas não illudem. Não nos azedemos, caro amigo. Porque diz que eu nem para os meus correligionarios sou bom, combatendo os progressistas? E o meu amigo, solemne e não menos profundo, malicioso e com geitos de corruptor, — o processo do Lopo Vaz, sabem — disse-me:

— «Os progressistas, subindo ao poder, dão a amnistia...»

E esperou o effeito da phrase, a que eu retorqui:

— E-me indifferente a amnistia,

primeiro porque os republicanos não devem viver das concessões dos monarchicos, concessões que involvem uma exploração a que os republicanos se prestam ajudando-os com os seus applausos e agradeci-

mentos. Segundo, porque os republicanos dão uma triste idéa do seu caracter se estão sempre á espera das amnistias, pois podem fazer esperanças em que essa mesma monarchia, desde que os veja sob a alçada da lei, lhes perdôa.

O meu amigo olhou-me com o ar sentido de quem lamenta um manco que segue pelo caminho da perdição e lançou-me esta phrase profunda, o *coup de tête*:

— E os interesses das empréssas?

— Bem! Se o meu amigo me falla nisso então só tenho a dar-lhe um conselho. Essas empréssas verão os seus interesses melhor garantidos se, em vez de pensarem nas amnistias decretadas pelos ministros da monarchia, se associarem com esses ministros na exploração do país. Emparceirem-se então com os *maitre-chanteurs* e sejam patifes, com toda a franquês.

— O meu amigo assim não faz nada, replicou-me o cavalheiro que tão boas idéas tem. Assim não sóbe. Não passa da cepa torta. Olhe que é necessario transigir. Digo-lh'o eu e diz-lh'o um homem notavel que você conhece.

— Conheço perfeitamente, mas não me servem os conselheiros.

— Pois faz mal. Olhe que o caminho não é o da intransigencia. Vá pela evoluçãosinha.

— Olhe, vá você para o diabo e mais os conselheiros. Deixe-me em paz que não estou para o aturar.

O meu amigo retirou-se grave e resentido e eu fiquei certo de que elle já não vota em mim para presidente da Republica.

×

O Ferreira d'Almeida ameaçava o governo com interpellações escandalosas.

Toda a gente foi ao *Solar dos Barrigas* á espera da desordem. Ferreira d'Almeida retira a interpellação e explica não querer que o julguem um despeitado.

Antes d'isso tinha estado no Paço. Aquelle D. Carlos está com o curso completo para fazer umas eleições.

Depois do Marianno, elle. Não o combatamos. Seria fazer o jogo do governo, grita d'alli um progressista que tambem quer a amnistia.

Pois não o combatamos, amigos. Vamos pela evoluçãosinha.

João de Menezes.

Conselheiro Neves e Sousa

Retirou hontem no comboyo do correio para Lisboa o sr. conselheiro Antonio d'Oliveira Neves e Sousa, que exerceu o cargo de governador civil durante três annos.

A' estação foram despedir-se de s. ex.^a alguns correligionarios e amigos pessoases.

Falleceu na 5.^a feira passada em Gasteito Branco o sr. padre Antonio Pereira Leite, irmão do nosso prezado amigo o sr. Gonçalo Christovão de Meirelles, a quem enviamos a expressão dos nossos sentidos pesames.

Ao sr. commissario

Ao inclito commissario de policia, corregelór-mór d'esta cidade, mantenedór da ordem fazendo desordens, lembramos mais uma vez a necessidade instante de vigiar tambem um pouco pelo modo como se faz a policia das ruas. Bem sabemos que os guardas não podem chegar para tudo — ha muito que vigiar e ha muito que guardar, — mas, emfim, ter o serviço policial organizado de modo — que, a não ser nas ruas principaes da baixa, onde, de vez emquando, se vê lobrigar ao longe um vulto mazombo, movendo-se tardiamente á luz do gaz, nas outras ruas da cidade não se encontra de noite um policia, é levar muito longe o amor da ordem.

Pois ali vae um caso, que contamos ao sr. commissario, para sua edificacão:

— Na noite de quarta para quinta feira, da meia noite para a uma hora, um individuo a cair de bêbedo escolheu a cortina d'um muro que ha ao cimo da rua da Trindade, para dar livre curso ás suas expansões baccicas.

E fazia-o em tão alta berraria, que, naturalmente, até muitos dos que, a essa hora, estariam a dormir a somno sóto, accordaram, para ouvir uma linguagem tão desbragada e tão obscena que não se consentiria em voz alta numa caserna de soldados, nem no mais repugnante dos bordéis.

E dos policias, apesar do bêbedo berrar com toda a fôrça, e não tinha maus pulmões o mariola, nem um unico appareceu.

E ha por ali muitas familias honestas, que, — se o sr. commissario dá licença — não têm obrigacão de supportar o incommodo das berrarias dos bêbedos, nem de ouvir as obscenidades que a policia lhes permite.

Suppomos nós, e parece-nos que não nos enganamos, que o logar que o sr. commissario exerce não serve só para espionagens de pessoas honestas nem para exhibições

de farçadas truanescas. Não será pois muito esperar, que o mirífico funcionario, que tão proveitosamente está presidindo aos serviços de segurança publica de Coimbra, olhe um pouco mais pelos interesses dos outros.

Pedimos só isto . . .

Está grassando com muita intensidade em Coimbra a epidemia da influenza que, felizmente, não tem vindo acompanhada de graves complicações.

Acto de licenciatura

Foi plenamente approvedo no acto de licenciatura o talentoso academico Francisco Joaquim Fernandes, que em todos os argumentos soube manter os levantados creditos de que já gosava.

As nossas sinceras felicitações.

A parte do acto assistiu o sr. Augusto Fuschini acompanhado do sr. dr. Bernardino Machado.

Acaba de ser distribuido o relatório e contas da direcção da Associação de soccorros mutuos Lourense.

Agradecemos o exemplar recebido.

Pelo governo civil d'este districto foram approvedos os orçamentos ordinarios das juntas de parochia de Castello Viegas, Ceira e Almalaguez, do concelho de Coimbra; Maiorca e Ferreira, do concelho da Figueira da Foz; Cadafaz e Alvares, do concelho de Gões; S. Miguel de Poiares e Villariño, do concelho da Louzã; Lamas e Rio Vide, do concelho de Miranda do Corvo; todos relativos ao corrente anno civil;

E os das irmandades de S. Miguel de Lagos da Beira e de Santa Luzia de Lagrosa, do concelho d'Oliveira do Hospital; Senhora do Rosario, de Rio Vide, Santissimo e Almas, de Semide e Senhora da Boa-Morte, de Miranda, concelho de Miranda do Corvo; Senhora do Rosario, de Santo André de Poiares, concelho da Louzã; todos para o anno economico de 1895-1896; e o 2.º suplementar da Misericórdia de Cantanhede.

Bibliographia

Revista das Escolas — Recebemos este excellente semanario, que se publica no Porto sob a direcção do sr. Antonio Mesquita.

O presente numero insere os artigos seguintes:

A Santa Familia. — Excerptos d'um

livro inedito. — A palmatoria — Ao sr. director geral de instrucção publica — Secção permanente das reclamações do profes-orado. — Legislação escolar. — Decreto portaria e rectificação — Despachos pela direcção geral de instrucção publica. — Noticias escolares. — Consulta. — Plebiscito. — Um livro excelente. — Bibliographia. — Correspondencia. — Errata.

A Arte — Recebemos os n.ºs 9 e 10 d'esta interessante publicação, de que são directores os srs. Julio Lobato e Raul Maria Pereira.

Perfis Contemporaneos — Recebemos o n.º 16 d'esta revista quinzenal.

Traz o retracto do Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil biographado pelo illustre diplomata e distincto litterato dr. Assis Brazil.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 26 de março de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — Arcediago José Simões Dias, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, Manuel Miranda, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes. O vereador Gaspar de Mattos, esteve presente a parte da sessão.

Approvada a acta da sessão anterior foi autorizada a presidencia a mandar satisfazer em Lisboa a Companhia de Credito Predial a importancia de 8.742\$429 réis, de prestações de empréstimos contractados, com vencimento no primeiro de abril proximo.

Nomeou uma comissão de cinco vereadores com o fim de fazer o estudo necessario para regular os serviços da venda e distribuição do lixo das varreduras da cidade.

Attestou acerca da concessão de um subsidio de lactação a um menor.

Autorisou a construcção das escadas de S. Thiago.

Autorisou a presidencia a ordenar o pagamento dos vencimentos de março aos empregados das diferentes repartições do municipio. Resolveu representar ao governo, pedindo para se attender na futura reorganização do exercito a necessidade da conservacão de um regimento com quartel permanente em Coimbra.

Autorisou cento e uma avenças para o consumo d'agua n.ºs domicilios.

Despachou requerimentos, autorisando serviços de exhumacões no cemiterio da Conchada; collocacão de tabletas em estabelecimentos de commercio; alinhamentos para diversas obras, a saber: reconstrucção da fachada de uma casa na rua dos Coutinhos; approvado se o alçado respectivo e de duas nos logares das Casas Novas e de Pé de Cão, na freguezia de S. Martinho do Bispo.

Idem de 9 de abril de 1896

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — Arcediago José Simões Dias, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Approvada a acta da sessão anterior — 7 de março — e declarando a presidencia não ter havido por falta de numero a sessão ordinaria da semana anterior, foram apresentados os re-

quis do pagamento á Companhia de Credito Predial das prestações de empréstimos contractados com vencimento no 1.º d'abril, na importancia de 8.742\$429 réis.

Tomou conhecimento da approvacão do orçamento ordinario do municipio para o corrente anno, communicada pelo administrador d'este concelho.

Acceptando a opinão offerida pela commissão nomada em 26 de março para estudar os serviços da distribuicão do lixo das varreduras da cidade e inscripcão dos nomes dos pretendentes, votou unanimemente: — 1.º que a inscripcão se faça na secretaria da camara em livro especial; 2.º que o guarda da montureira dê conta por escripto no 1.º de cada mez perante a secretaria do numero de metros de lixo existente no ultimo dia do mez anterior; 3.º que a distribuicão do lixo seja feita até o dia 3 de cada mez pela commissão nomeada em 26 de março para fazer o estudo necessario acerca d'estes serviços.

Attestou acerca de um requerimento para um subsidio de lactação a um menor.

Mandou passar licença a um proprietario de Santo Antonio dos Olivares para apascentamento de gado caprino.

Mandou annunciar nova praça para o arrendamento de uma porção de terreno para cultivo na quinta de Santa Cruz.

Resolveu reunir extraordinariamente na proxima quarta feira para tomar conhecimento das reclamações apresentadas ao recrutamento do corrente anno.

Mandou publicar o novo Regulamento para a fiscalizacão e cobrança dos impostos municipales, approvedo em sessão camararia de 29 de julho de 1895 e pela commissão districtal, com modificacões, em 26 de dezembro do mesmo anno.

Autorisou o pagamento dos salarios dos operarios nos seguintes trabalhos, durante o mez de março: servente da estacão do material d'incendios; illuminação do logar de Santo Antonio dos Olivares; limpeza do edificio do governo civil; cobrança do rendimento das aguas; e durante a segunda quinzena do mesmo mez: pessoal e material da limpeza da cidade; pessoal e material de canalizacões de agua; reparos nos reservatorios das aguas; pessoal e material da officina das aguas; reparos de canos de exgoto ao Jardim Botânico; syphons em diferentes ruas da cidade; limpeza de ruas no jardim da quinta de Santa Cruz; e compra de uma mesa para a repartiçao dos impostos.

Despachou requerimentos attestando acerca do comportamento moral e civil de um individuo e autorisando, a abertura de uma porta de serventia no muro de um quintal no Caes d'esta cidade a compra de terrenos no cemiterio da Conchada para a construcção de jazigo, e trasladação de ossadas no mesmo cemiterio, observando-se os preceitos legais; a construcção de um muro da vedação a uma propriedade na Goga do Campo; a collocacão de tabletas e letreiros em estabelecimentos particulares; concedendo licença a um empregado do asylo de Celas por espaço de dez dias; attendendo algumas reclamações apresentadas contra o arrolamento de cães, e oitenta e quatro requerimentos para o pagamento de impostos indirectos por meio de avença.

A um requerimento sobre impostos da freguezia de S. Paulo de Frades, deu-se o seguinte despacho: — Não tem logar o pedido do requerente.

Sessão extraordinaria de 15 d'abril de 1896

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — Arcediago José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto e Albano Gomes Paes. Esteve presente o administrador do concelho bacharel José Miranda.

Approvada a acta da sessão anterior, e declarando a presidencia o fim d'esta reunião extraordinaria, de que a camara tinha já conhecimento pela convocatoria, foram apresentados para informar 40 processos de reclamação ao recrutamento do corrente anno — 33 petições de adiamento e 7 de dispensa; sendo:

1 de Botão, 1 de Santa Clara, 3 de Santo Antonio dos Olivares, 2 de S. Martinho do Bispo, 1 de S. Paulo de Frades, 2 de Ceira, 3 de Santa Cruz, 4 de S. Bartholomeu, 3 de Brasfemes, 4 da Sé Nova, 10 da Sé Velha, 1 de S. Martinho d'Arvore, 1 de S. Silvestre, 2 de Almalaguez, 1 de Taveiro, 1 do Ameal.

Foi visto tambem um requerimento, com referencia a um processo da freguezia de Ceira, pedindo para juntar um novo documento á reclamação apresentada no prazo legal, por virtude de um equivoço contido no processo.

A camara examinando minuciosamente todas as reclamações e os documentos que as instruem, fez lançar nelas a sua informacão, em cumprimento dos preceitos do art. 124.º § 1.º do Regulamento de 26 de dezembro de 1895, resolvendo que se juntem ao processo os novos documentos apresentados por via de requerimento e que se envie tudo á Commissão recenseamento militar para os effectos legais.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

CONVITE

A commissão promotora do funeral do infeliz Abilio José Marques, convida os habitantes de Coimbra em geral e em especial as pessoas das relações do finado, para no dia 19 do corrente mez, por 4 horas da tarde assistirem á trasladação do cadaver do mallogrado rapaz, do deposito municipal para jazigo proprio no cemiterio da Conchada.

Abriu no 1.º de abril o Hotel da Matta do Busaco.

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXIV

Por outro lado, a alegria de Quoniam não tinha influencia alguma na situaçao; era a infelicidade que tornava a abrir os braços a M.ª de Croizy; era uma compaixão mais humilhante ainda do que d'antes e egualmente estéril que lhe era offerida por esse coração martyrisado da pobre rapariga anciosa, por estreita-la ao peito. Fechou os olhos, ne-se lance requerido pela attitudde da boa Quoniam, para ter a certeza de não recuar. Depois entrou, embaraçada, envergonhada, respondendo por monosyllabos ás perguntas que lhe eram feitas, na sala, mal illuminaada, das bagagens.

— Oh! amigo! disse o empregado para o conductor da diligencia, dá para cá depressa a bagagem de mam'selle de Croizy.

O homem assim interpellado puxou por uma mala grande e pousou-a pesadamente sobre o alto da escada que tinha sido para esse fim encostada á diligencia.

— Deixa cair, tornou o empregado com os pés sobre o ultimo degrau e preparado para receber e amparar a

mala pela escada abaixo. Mam'selle, é só pô-la ás costas e vamos embora! — Vamos, disse Quoniam, imaginando que era a presença d'estas testemunhas que detinha a expansão de M.ª de Croizy.

A porta pequena do convento ficava a quatro passos apenas. Herminia caminhava acabrunhada, reute ao muro. — Lá vae mais uma para a gaiola! observou o cocheiro que se tinha já apeitado. Bom Deus! parece impossivel! repetia elle abagando a cabeça e levantando a pala do bonnet que lhe cobria os olhos cinzentos chegando-lhe quasi ao nariz avermelhado de bêbedo.

M.ª de Croizy não estava tão longe que não ouvisse esta reflexão. Um cocheiro que, de ordinario, não tem coisa que se pareça com ternura a não ser pelas suas desgraçadas pilecas, tinha piedade da sua sorte! Era esta a ultima chicotada vibrada no seu orgulho ao qual só restava despedaçar-se contra as umbreiras da porta a que a velha Quoniam estava já batendo.

Do lado de dentro, um passo pesado e arrastado se ia aproximando, revolvendo um molho de pesadas chaves; depois abriu-se o postigo.

— Ah! Ah! sois vós, mademoiselle de Croizy?!

A porteira horrenda e barbada, com dois dentes de rato que pareciam atlar-se no labio inferior de uma bocca

enorme e fendida quasi até ás orelhas não occultava a viva felicidade que experimentava em abrir a porta a M.ª de Croizy, futura professa. Ao pé d'ella Quoniam, cuja disformidade ja é nossa conhecida, era a elegancia em pessoa.

— Então não me esperaveis? respondeu friamente M.ª de Croizy.

E tomou rapidamente pelo grande corredor mal illuminaado por um unico lampeão pendente do tecto.

A porteira via-se afflicta para acompanhar Herminia e quasi rolava atraz d'ella para ir abrindo as portas de grade de ferro do vestibulo e do parlatorio, por ultimo a do jardim. Logo que passavam, ta-as fechando uma por uma, pondo assim como que barreiras de ferro entre o mundo livre, e M.ª de Croizy. Um carcereiro não seria mais cauteloso.

— O captivo de Herminia ia finalmente começar!

XXV

— Então, minha querida Herminia! perguntou Quoniam logo que chegaram ao quarto onde M.ª de Croizy passara os primeiros dias de ferias antes de ir para Villy; como vae isso?

Tinha-lhe tomado a mão que collocára entre as suas, meio por affeição, meio para a excitar a fallar. A curiosidade

com effeito, quasi a ameaçava de lhe fazer saltar os olhos fora das orbitas.

— Então! minha pobre Quoniam, respondeu M.ª de Croizy; como vêdes! aqui estou!

— Sim, não ha duvida, estaes aqui; mas não imaginæes os transeos por que eu tenho passado, sempre á espera de noticias vossas; e, a falar verdade, ainda não estou mais adeantada. Herminia, sois muito reservada para mim, e isso é mal feito.

— Minha querida demoiselle, essas reservas são bem naturaes nas educações de convento, não vos parece? De mais, olhae bem para mim: estou muito mudada, pois não estou? M.ª de Croizy pronunciou estas palavras com uma gravidade perturbadora e com um encrespar de labios que a sua velha amiga observava nella pela primeira vez.

— Quoniam, tornou ella, perdi a partida; M.ª de Fayolles tem os atronhos, como ella diz ao Whist.

— Pubre pequena, vejo que soffreis e só me communicaes uma pequenina parte da tristesa!

— E' que ha segredos que se sepultam conosco; felizmente que vós o iguoræis!

— Assustæes-me, palavra! Então deixei de ser a vossa velha dedicada de todos os momentos, a que serviria de escabello aos vossos pés, segundo a

palavra do psalmo, juro-volo Herminia, para vos levantar acima das miserias que ella conhece e das inimigas que tendes?

Junctou as mãos, a pobre Quoniam e já não era a curiosidade que a levava a tanto instar com Herminia. Despertava-se nella um sentimento mais nobre; o que ha de mais puro e santo numa boa amizade surgira num desejo amargo de compartilhar a grandesa mysteriosa das tristezas lancinantes da sua querida amiga.

— Palae, Herminia, contæe-me tudo, dizia ella.

— Não me comprehendereis, respondeu M.ª de Croizy; e por outro lado, por mais elevado e firme que seja o vosso bello coração, não poderia ampararme. Melhor é que ignoreis tudo, Quoniam. Só uma ultima prova da vossa grande estima vos peço por isso, querida amiga: absoluto silencio sobre tal assumpto.

Vieram trazer a mala de Herminia.

— M.ª de Fayolles não me espera para a ceia? perguntou ella.

— Certamente, minha querida, e até ha hoje um chá extraordinario para festejar a vossa volta ao convento.

(Continua).

Venda de casa

21 **Vende-se** a casa onde falleceu o ex.^{mo} Adriano Murtiera, rua da Miranda—54. Tem agua, quintal e muitas comodidades. Recebem-se aluguéis na mesma casa, e ahí se darão todos os esclarecimentos necessários.
Coimbra, 16 de abril de 1896.

Taboleta

20 **Vende-se** uma de 3 70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15—Coimbra.

Casa mobilada no Campo

19 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozellas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

18 **Consultas** todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde

Cavallos, muares, etc.

17 **As** sobrecannas, espavões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMEN-TO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 191; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura Largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

16 **Chegar** nos últimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 2.140.000.000

SEDE EM LISBOA

15 **Esta** companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou rai, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.
Correspondente Basílio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martiões de Carvalho, n.º 45.

14 **BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestria*, a 60000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 30000 réis o milheiro.

13 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

CASA LEÃO D'OURO

Grande estabelecimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis alfaiates.

117, RUA FERREIRA BORGES, 123
COIMBRA

12 **O** proprietario d'esta casa, tendo de proceder a balanço no dia 16 do corrente e dar lugar ao extraordinario e variadissimo sortimento que está a receber para a nova estação, resolveu liquidar todas as fazendas das estações passadas, com o abatimento de 20, 30, 40 e 50 por cento! Esta liquidação só dura 15 dias e por isso quem desejar comprar fazendas, por metade do seu preço, é aproveitar esta excepcional occasião.

Esta casa acaba de receber uma grande e variadissima collecção de flanelas pretas e azues da mais alta novidade para fatos da presente epocha, e bem assim diagonaes e piqués pretos, o que ha de mais distincto para *smokings*, sobrecasacas e casacas, tudo por preços limitadissimos, como o freguez poderá verificar. E tendo artistas espeziaes para o corte e manufactura d'estas obras, toma inteira responsabilidade pelo seu bom acabamento como pelo de todas as demais executadas no seu atelier de alfaiate, onde se corta pelos melhores e mais recentes figurinos ou ao gosto do freguez.

TAMBEM HA PARA LIQUIDAR

Um saldo de collares de bretanha de linho, estrangeiros, a principiar em 80 réis.
Chapéus côcos de 400 réis para cima.
Duas bicycletes pneumáticas, de 10 e 15 kilos de peso, ultimos modelos, para passeio e corrida, com abatimento de 45\$000 e 60\$000 réis.

Excepcional liquidação

SÓ POR 15 DIAS

Fazendas com 20, 30, 40 e 50 % de abatimento

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

30, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais app-rechos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moedores e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores actores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espiogardas para caça, os melhores systemas

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

9 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128—RUA FERREIRA BORGES—130

COIMBRA

8 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

AGUAS MEDICINAES

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPIEDAD DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoadas, odicas lithi-icas e ferras sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no legumento externo como nas mucosas e assim nas *dermatoses* dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes*, *pharyngites*, *bronchites*, *catarrros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como renal na *albuminuria*, *diabetes*, etc., podem egualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Soterio Simões de Oliveira (pharmacia).

Propriedade

6 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á egreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma egreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Alnegue, morador a Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **A** mendos de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castelo, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 26200 a 36600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para collecções.

4 **Vinho** sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna a Sê Velha, junto ao arco da rua dailha.

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» a Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, oliveira, marta, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

2 **Grande** sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Prevenção

1 **Na** padaria do Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 26700
Semestre..... 16350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 26400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os 3rs assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

N.º 123

COIMBRA — Quinta feira, 23 de abril de 1896

2.º ANNO

Nova reforma eleitoral

Em 28 de março de 1895 allegava o governo no relatório que precedia o decreto eleitoral que estabeleceu os círculos districtaes:

«Nos círculos pequenos a pressão das autoridades pôde exercer-se muito mais eficazmente, e por isso foi nelles que, durante largos annos, floresceu a famosa candidatura official do terceiro imperio francês.»

O mesmo governo, em 20 d'abril de 1896, apresenta um projecto de reforma eleitoral no *Solar dos Barrigas* em que se propõe o restabelecimento dos círculos uninominaes, excepto em Lisboa, que elegerá sete deputados, e no Porto, que elegerá três, não havendo em qualquer d'estes círculos a representação das minorias!

Não conhecemos ainda os motivos que o governo invocará para justificar a nova reforma, em diametral opposição com a anterior. Sejam, porém, quaes forem, todos se resumirão no seguinte:

É necessario dispôr as coisas de modo que o partido regenerador, quando não tenha á sua disposição os cofres publicos, faça eleger algumas candidaturas mercê de influencias locais a quem tenha concedido largos beneficios ou que esperem recebê-los. D'ahi o restabelecimento dos círculos uninominaes.

Em Lisboa e Porto, cidades onde domina o sentimento democratico, torna-se necessario evitar que sejam eleitos deputados republicanos e d'ahi alargamento dos círculos a que ficam pertencendo centros de população rural menos illustrada e independente que, votando de chapa nos candidatos monarchicos, esmagará a maioria que o partido republicano obteria nas assembleas urbanas. E para isso se estabelecem os círculos plurinominaes por escrutinio de lista.

Eis as razões que fundamentam o projecto eleitoral que o governo acaba de apresentar no *Solar dos Barrigas*.

Dizer que é infamemente descaído um governo que assim renega as proprias idéas, mais para defender interesses pessoas que partidarios, tornou-se uma banalidade e inutil será procurrar no dictionario qualquer qualificação mais expressiva. Desde que o sr. Augusto Fuschini evidenciou nas *Liquidações*

políticas que os membros do actual governo eram realmente o que um seu representante lhes chamou — *ignobéis e bandidos*, forçoso nos é renunciar á idéa de apresentar qualquer termo que caracterise sob um novo aspecto os ininterrompidos attentados, os inauditos desvergonhamentos do governo.

Nunca governo algum foi mais rudemente atacado pela imprensa do que o actual. Têm sido formuladas contra elle as mais graves accusações na mais energica linguagem. Neste caminho, impossivel é ir mais longe; torna-se até necessario mudar de rumo.

O governo não liga importancia alguma aos ataques da imprensa; vota-lhe o desprezo mais completo. Não receia sequer, quando é arguido de não cumprir a lei, em declarar que o não faz, porque não quer.

Por outro lado a opinião publica, devidamente informada, não atende já ao que dizem as folhas.

Sabe que de tudo é capaz o governo, conhece os attentados e villanias que tem perpetrado. Novos crimes não a surpreendem nem a commovem. É uma questão de mais ou de menos, que já não pôde agravar responsabilidades.

Vamos, pois, pensando em outros processos d'ataque. Estão gastos aquelles de que se tem usado até hoje.

O governo até já se ri d'elles.

Do nosso presado collega *A Voz Publica*:

«O sr. D. Emilio Castellar, distillador de phrases para uso das assembleas femininas, republicano radical e revolucionario d'outros tempos e hoje convertido ás boas graças da monarchia liberal, escreveu uma missiva amorosa ao seu compadre Sagasta, manifestando-lhe a sua adhesão á politica do illustre catavento que realiso, diz elle, as aspirações constantes do palrador insigne que, diz elle ainda, consagrou a vida inteira a procurar o triumpho dos principios democraticos.

Tal diz o *Globo*, que é, de ha algumas semanas para cá, o órgão official d'estes irmãos siameses da mais réles apostasia.

O auctor da *Semana politica do Commercio do Porto*, depois de haver exposto a gravidade da nossa situação economica e financeira, diz, referindo-se ao procedimento do governo:

«Ante a pobreza cada vez mais profunda do país, ante as ameaças da fome e da miseria geral imminentes, ante o mal-estar que se denuncia a todo o momento pela emigração cada vez maior, o governo caminha descaidamente, não só administrando sem economia, como ainda desperdiçando a fazenda publica em despesas injustificaveis e ostentosas; e, como se taes erros não fossem sufficientes para sobresaltar o país, com respeito aos dias que se aproximam e ao futuro que o espera, pede incessante-

mente ao povo novos sacrificios, e sobrecarrega as classes mais necessitadas com durissimos impostos!»

O que é mais para admirar ainda que o procedimento do governo, é que todos pensam assim e ninguem se mostra resolvido a dar um passo para expulsar do poder uma meia duzia de homens sem vergonha nem tiro, que tão miseravelmente têm comprometido o país!

A elles e a quem incondicionalmente os ampara e protege.

Os italianos em Africa

Não se confirma por enquanto o telegramma relativo á occupação de Adrigat pelos italianos. A situação em Adrigat continúa sendo a mesma, soffrendo horrorosamente a guarnição italiana que alli se encontra sitiada pelo inimigo.

As operações iniciadas pelo general Baldissera para socorrer a fortalésa são muito demoradas por causa da falta de agua e das difficuldades com que é feito o abastecimento de viveres. Acresce ainda que o estado sanitario das forças italianas é em geral mau.

O *Jornal do Commercio* chega a esta verdadeira conclusão:

«Que se ha de concluir, a respeito do que a Corôa pensa sobre a governação publica?»

A logica é implacavel e nem aos principes poupa, e assim a conclusão não pôde deixar de ser esta: a Corôa nada pensa e acha á priori bem o que ministros validos bajam de fazer, branco ou preto que seja.»

Esta qualidade sempre foi apannagio da dynastia dos Braganças.

Para o logar de governador de Angola, que vae deixar o sr. Alvaro Ferreira, foi nomeado o sr. Herminegildo Capello, com o caracter de commissario regio.

Mais 50\$000 réis por dia.

E ainda dizem que o país está pobre!

Fallando da dictadura, diz ainda o *Jornal do Commercio*:

«Pois a verdade é que no espirito a não emendam nada. Condenam-na, é certo, revogando as suas disposições, mas mais se condemnam a si e desacreditam, no facto de serem os mesmos a dizer hontem preto e hoje branco, sempre com confiança e applauso da Corôa.

Nem a incoherência de um tal procedimento, nem o seu significado, a ninguem escapam, e a historia na sua imprescriptivel justiça o dirá um dia.»

Nem só a historia ha de um dia fazer justiça.

A Allemanha na Africa

Parece que o governo allemão está disposto a fazer sérios esforços para augmentar o mais possivel a extensão das suas colonias na Africa occidental. Tanto as autoridades colonias como os exploradores receberam instrucções

acerca da missão que têm de preencher. Enquanto que precedentemente se limitavam a concluir tratados do protectorado com os chefes indigenas, d'ora ávante deverão deixar padrões destinados a marcar a tomada de posse efectiva por parte da Allemanha.

Estas medidas têm por fim pôr termo ás contestações que levantavam constantemente os tractados de protectorado.

A respeito dos ordenados dos ministros, diz um jornal:

«O que acontece? E' que os honestos, os honrados sahem sempre do ministerio crivados de dividas e de difficuldades.»

Haja vista, o honrado Emygdio Navarro, o honesto Mariano, o integerrimo Lopo Vaz e quejandos: Todos pobres...

Instituto de Coimbra

Realisa-se no proximo domingo a sessão solemne da inauguração do museu archeologico do Instituto. Além do grande numero de preciosos objectos d'archeologia e d'arte que o Instituto já possuia, são expostos outros pertencentes aos nossos collegas Antonio Augusto Gonçalves e dr. Joaquim Martins de Carvalho.

Em tempo oportuno daremos noticia detalhada do museu.

As *Novidades* continuam a publicar artigos sobre nigromancia.

Em que havia de dar o Navarro! Anda agora a vêr se o Anjo S. Gabriel diz que a concessão da Guiné será revalidada ou se lhe será dado o pariato.

Parece que ainda subsiste o conflicto entre a commissão da subscrição nacional eo governo, por causa do *Adamastor*.

Se a commissão souber comportar-se com toda a hombridade e energia, dará um exemplo salutar de independencia.

Um telegramma de Andalusia annuncia que vae alli crescendo a miseria em consequencia da estiagem. Em Don Benito, na Extremadura, appareceu a praga dos gafanhotos, ameaçando devastar os campos. É geral a secca na peninsula. Todos os bispos mandaram fazer preces *ad petendam pluviam*. Têm-se realisado precissões.

Em maio, nova edição da *Patria*, de Guerra Junqueiro.

A opinião publica cada vez se manifesta mais hostil ás propostas de fazenda.

Certo é que o governo recuará, mas não abandonará, o systema dos abanamentos que até hoje tem seguido. O Banco de Portugal augmenta a circulação e a divida fluctuante irá crescendo.

Novos encargos que o país mais tarde ha de pagar.

Mas se elle assim o quer!

Circulos eleitoraes

Foi apresentado no *Solar dos Barrigas*, pela respectiva commissão, o parecer sobre o decreto dictatorial de 28 de março de 1895 (reforma eleitoral). A commissão propõe os seguintes círculos eleitoraes:

Círculo n.º 1 Vianna do Castello, 1 deputado; n.º 2, Valença (Valença, Caminha, Monsão), 1; n.º 3, Ponte de Lima (Ponte de Lima, Paredes de Coura), 1; n.º 4, Arcos (Arcos, Melgaço, Ponte da Barca), 1; n.º 5, (Braga), 1; n.º 6, Villa Verde (Villa Verde, Amares), 1; n.º 7, Cabeceiras (Cabeceiras, Vieira), 1; n.º 8, Celorico de Basto (Celorico Mondim), 1; n.º 9, Fafe (Fafe, Povoas do Lanhoso), 1; n.º 10, (Guimarães), 1; n.º 11, Villa Nova de Famalicão, (Famalicão, Espozende), 1; n.º 12, (Barcellos), 1; n.º 13, Villa Real (Villa Real, Sabrosa), 1; n.º 14, Chaves (Chaves, Montalegre), 1; n.º 15, Villa Pouca de Aguiar (Villa Pouca, Boticas, Ribeira de Pena, Valspassos), 1; n.º 16, Alijó (Alijó, Murça), 1; n.º 17, Regoa (Regoa, Meção Frio), 1; n.º 18, Bragança (Bragança, Vimioso), 1; n.º 19, Mogadouro, (Mogadouro, Macedo de Cavalleiros, Miranda do Douro), 1; n.º 20, Mirandella, (Mirandella, Vinhaes), 1; n.º 21, Moncorvo, (Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Villa Flor, Carraceda), 1; n.º 22, Porto (Porto), 3; n.º 23, Villa do Conde (Villa do Conde, Povoas do Varzim), 1; n.º 24, Bouças, (Bouças, Gondomar), 1; n.º 25, Santo Thyrso, (Santo Thyrso, Maia, Vallongo), 1; n.º 26, Felgueiras (Felgueiras, Louzada), 1; n.º 27, Amarante, 1; n.º 28, Marco de Canavezes (Marco, Baião), 1; n.º 29, Penafiel, 1; n.º 30, Paredes (Paredes, Paços de Ferreira), 1; n.º 31, Villa Nova de Gaya, 1; n.º 32, Aveiro (Aveiro, Agueda), 1; n.º 33, Feira, 1; n.º 34, Arouca (Arouca, Castello de Paiva), 1; n.º 35, Oliveira de Azemeis, (Oliveira de Azemeis, Albergaria), 1; n.º 36, Estarreja (Estarreja, Ovar), 1; n.º 37, Anadia (Mealhada, Vagos), 1; n.º 38, Coimbra, 1; n.º 39, Oliveira do Hospital (Oliveira do Hospital, Tábua), 1; n.º 40, Arganil (Arganil, Goes, Pampilhosa), 1; n.º 41, Louzã (Louzã, Penacova, Miranda do Corvo, Penella), 1; n.º 42, Soure (Soure, Condeixa, Montemor), 1; n.º 43, Cantanhede, 1; n.º 44, Figueira da Foz, 1; n.º 45, Vizeu, 1; n.º 46, Sinfães (Sinfães, Rezende), 1; n.º 47, Lamego (Lamego, Tarouca), 1; n.º 48, Armamar (Armamar, Mondim, Taboço), 1; n.º 49, Moimenta Moimenta, (Pesqueira, Sernancelhe), 1; n.º 50, Mangualde (Mangualde, Sattam, Penalva, Nelas), 1; n.º 51, Santa Comba (Santa Comba, Carregal, Mortagua, 1; n.º 52, Tondella (Tondella, Vouzella), 1; n.º 53, S. Pedro do Sul (S. Pedro do Sul, Castro Daire, Oliveira de Frades), 1; n.º 54, Guarda (Guarda, Mantelgas), 1; n.º 55, Figueira de Castello Rodrigo (Figueira, Almeida, Fozcôa), 1; n.º 56, Trancoso (Trancoso, Aguiar da Beira, Mèda), 1; n.º 57, Pinhel (Pinhel, Celorico, Fornos), 1; n.º 58, Ceia (Ceia, Gouveia), 1; n.º 59, Sabugal, 1; n.º 60, Castello Branco (Castello Branco, Idanha), 1; n.º 61, Covilhã, 1; n.º 62, Fundão (Fundão, Penamacôr), 1; n.º 63, Certã (Certã, Oleiros, Proença), 1; n.º 64, Leiria, 1; n.º 65, Pombal, 1; n.º 66, Figueiró dos Vinhos (Figueiró, Aciúes), 1; n.º 67, Alcobaça, 1; n.º 68, Caldas da Rainha, (Caldas, Obidos, Peniche), 1; n.º 69, Lisboa (Lisboa, Cascaes), 7; n.º 70, Torres Vedras (Torres Vedras, Lourinhã), 1; n.º 71, Cintra (Cintra, Mafra), 1; n.º 72, Alemquer (Alemquer, Azambuja), 1; n.º 73, Loures (Loures, Villa Franca), 1; n.º 74, Almada (Almada, Aldêa Gallega, Barreiro), 1; n.º 75, Setubal (Setubal, Cesimbra), 1; n.º 76, S. Thlago de Cacem (Cacem, Alcacer, Grandola), 1; n.º 77, Santarem, 1; n.º 78, Torres Novas (Torres Novas, Ourem), 1; n.º 79, Thomar (Thomar, Ferreira de Zêzere), 1; n.º 80, Abrantes, (Abrantes,

Mação, Sardoal), 1; n.º 81, Gollegã (Gollegã, Chamusca, Almeirim, Coruche), 1; n.º 82, Cartaxo (Cartaxo, Rio Maior, Benavente, Salvaterra), 1; n.º 83, Portalegre (Portalegre, Niza, Castello de Vide), 1; n.º 84, Fronteira (Fronteira, Crato, Alter do Chão, Aviz, Ponte de Sor), 1; n.º 85, Elvas (Elvas, Arronches, Campo Maior), 1; n.º 86, Évora (Évora, Montemor), 1; n.º 87, Extremoz (Extremoz, Arrayollos, Villa Viçosa), 1; n.º 88, Reguengos, Alandroal, Redondo, Portell, 1; n.º 89 Moura (Moura, Barrancos, Vidigueira, Cuba, Alvíto), 1; n.º 90, Beja (Beja, Ferreira, Serpa), 1; n.º 91, Mertola (Mertola, Almodovar, Castro Verde, Ourique, Odemira), 1; n.º 92, Faro (Faro, Olhão), 1; n.º 93, Tavira (Tavira, Alcoutim, Villa Real), 1; n.º 94, Loulé (Loulé, Albufeira), 1; n.º 95, Silves (Silves, Monchique), 1; n.º 96, Lagos (Lagos, Portimão, Lagoa), 1; n.º 97, Funchal (Funchal, Santa Cruz), 1; n.º 98, Sant'Anna (Sant'Anna, Machico, S. Vicente, Porto Santo), 1; n.º 99, Ponta do Sol (Ponta do Sol, Camara de Lobos, Calheta), 1; n.º 100, Ponta Delgada, 1; n.º 101, Ribeira Grande (Ribeira Grande, Lagoa), 1; n.º 102, Povoação (Povoação, Nordeste, Villa Franca, Villa do Porto), 1; n.º 103, Angra (Angra, Praia da Victoria), 1; n.º 104, Velas (Velas, Calheta, Graciosa), 1; n.º 105, Horta, 1; n.º 106, S. Roque do Pico (S. Roque, Lagens do Pico, Santa Cruz das Flores), 1; n.º 107, Cabo Verde (Cabo Verde, Guiné), 1; n.º 108, S. Thomé, 1; n.º 109, Loanda (provincia de Angola), 1; n.º 110, Moçambique, 1; n.º 111, Nova Góa (Estado da India), 1; n.º 112, Macau (Macau e Timor), 1.

No senado francês foi votada por grande maioria nova moção hostile ao governo, recusando auctorisacão para os creditos de Madagascar enquanto não houver um governo da confiança de ambas as camaras.

O *Correio da Noite* faz as seguintes declarações acerca da reforma eleitoral agora em projecto no *Solar dos Barrigas*:

«O governo não sabe que esta lei foi feita absolutamente sem a nossa intervençào? O governo não sabe que arranhou os circulos, suprimindo contra nossa opiniào as minorias em Lisboa e Porto, recorrendo circulos a seu bel-prazer e com escandalo tamanho como os circulos de Vouzella, Espozende e Famalicão, organizados exclusivamente para servir interesses partidarios? Se sabe tudo isto, como ousa, pelos seus jornaes mais intimos, fazer perguntas ao partido progressista, que, nessa salgalhada de reforma eleitoral, não foi ouvido nem achado, que d'ella não tem responsabilidades, directas ou indirectas? A nossa resposta é simples, categorica, clara:—fica o partido progressista com a sua acção livre, para proceder como julgar mais conveniente.»

Cá ficam registadas para em tempo opportuno as recordarmos.

Ha actualmente 35 vagas de pares do reino. O numero de traficantes que não tem arminhos é ainda muito maior:

Não se verá pois o rei em difficuldades.

Como os leitores sabem pelos jornaes diarios, foi barbaramente assassinado em Albandra o sr. Domingos Francisco d'Assis, rico proprietario e pae do sr. Augusto Francisco d'Assis, distincto quintanista de Direito.

A este nosso amigo a expressào sentida do nosso pezame.

Litteratura e Arte

CARTA DE NAMORO

Depois da tortura do inverno, anda alegre a terra a amar.

E que triste o inverno! O vento mau sempre a arrepear as arvores, a chuva a açoutar a terra, cortando-a e enchendo do seu sangue vermelho os caminhos pequeninos que ha nos campos, tão cheios agora de aves e borboletas, invadidos pelos ramos novos... Parecem feitos para rouxinoes, ou para se andar perdido a brincar amor, á procura do acaso d'uma caricia para fugir logo, como as aves e as borboletas quando andam no vento quente e forte da primavera preguiçosamente a amar.

Primavera! Amor! Amor!

É boa a terra.

Antes de virem as flôres cobre-se a terra toda de relva verde, muito macia; mais tarde vêm as flôres ás arvores, e, quando cahem ao voltar dos ventos frios, encontram o leito muito macio da relva verde da primavera. E não se magoam, coitaditas!

É tão facil amar na primavera!

Se no ar passa um vento mais quente de desejo, logo as arvores se cobrem de folhas pequeninas, duras e franzinas como labios a beijar, e os rebentos se abrem num beijo verde e pequenino.

É tão facil amar na primavera...

Às vezes as primeiras flôres cahem e ficam tristes e nuas as arvores.

O primeiro beijo quente d'amor enche-as de flôres franzinas, que sem força morreram ao primeiro vento frio.

Até a primavera perde os seus primeiros beijos d'amor...

Mas passa de novo a caricia do vento mais demorada e mais quente e nascem novas flôres mais fortes, flôres d'amor que vingam...

II

Ha tanto tempo inverno!

Pois não virá de novo a primavera?

Perdidos os meus primeiros beijos d'amor...

Ai, se viesse de novo a primavera, como eu amaria agora!

Se voltasse a primavera...

Se eu te encontrasse ainda...

Queria ser como o salgueiro e ter assim muitos braços flexiveis e finos cheios de boccas duras, como os seus rebentos verdes, para te abraçar o corpo todo e cobri-lo todo de beijos d'uma vez só.

Se voltasse a primavera, se eu te encontrasse ainda... não perderia um beijo.

E talvez volte a primavera, que o amor enche tudo a subir da relva verde num nevoeiro muito tenue, a tremer cheio de vida, nevoeiro que vae depositar-se nos ramos em rebentos pequeninos, como gottas d'orvalho verde.

O amor envolve-nos.

Primavera!...

Pois virá depois do inverno a primavera?

Se eu pudesse amar ainda...

É sinto que vou amar, sinto que Tu me amas já, o teu olhar envolve-me o corpo numa caricia...

E olho e não Te vejo.

Quem serás tu? Quem serás tu?

O perfume da tua carne anda no ar perfumado, mas de balde quero fixa-lo, ha tanto amor no halito da primavera...

Quem serás tu? Quem serás tu?...

No campo parece-me sentir-te ás vezes os passos breves a fugir-me, corro e dou com as arvores a amar. Era o ruido das folhas pequeninas a beijarem-se e a tremer d'amor.

Quem serás tu? Quem serás tu?

De noite, acordo! No ar, o teu perfume... Pareceu-me sentir os teus beijos no collo, nas orelhas e na testa.

E ninguem.

Era o vento que entrou pela janella aberta e viera perfumar-me o quarto.

Quem serás tu? Quem serás tu?

Quem serás tu e porque te amarei eu?...

Coimbra — Um domingo de abril.

T. C.

Exame de Licenciado

No proximo sabbado realisa o seu exame de licenciado na faculdade de Direito o laureado alumno da Universidade sr. José Ferreira Marnoco e Sousa.

1.ª lição:

Dissertação.—«Impedimentos do casamento no Direito português». Arguente, dr. Alves Moreira.

1.º grupo — Carta de Lei de 3 de abril de 1896, declarando a maneira como deve ser composta a camara dos pares, fixando o numero dos vitalicios, e substituindo e alterando varios artigos da Lei de 24 de julho de 1885. da Carta Constitucional, e acto adicional de 5 de julho de 1852. (*Diario do Governo*, de 7 de abril, n.º 76).— Arguente, dr. Arthur Montenegro.

2.º grupo — Moeda: suas funcções; condições a que deve satisfazer.— Arguente, dr. Teixeira d'Abreu.

2.ª lição:

3.º grupo — Disciplina da igreja portuguesa sobre o provimento dos empregos ecclesiasticos. Arguente, dr. Afonso Costa.

4.º grupo — Responsabilidade meramente civil: Cod. civil, artigos 2393 a 2397. Arguente, dr. Emygdio Garcia.

5.º grupo — Adopção e emancipação no direito romano. Arguente, dr. Chaves e Castro.

O sr. dr. Souto Rodrigues, distincto professor da faculdade de Mathematica, continúa ainda doente com o ataque de *influenza*. O seu estado, porém, não inspira graves cuidados.

Sr. redactor do jornal *Resistencia*— No nosso consultorio de clinica de doencas de bocca temos por habito, nunca desmentido, fazermos extracções de dentes e outros serviços de pequena importancia gratuitamente aos pobres. Mas para que não sejamos iludidos na nossa boa fé, prestando serviços gratuitos a pessoas que de tal não precisam pedimos a v. a subida fineza de tornar publico no seu muito acreditado jornal, que todas as pessoas necessitadas que precisarem dos nossos serviços se façam acompanhar d'um bilhete do parcho da sua freguezia, ou do medico, ou emfim, de uma pessoa das nossas relações, que nos garanta que fazemos serviços gratuitamente a individuos que na realidade não podem pagar.

Agradecendo desde já o favor que pedimos somos com a maxima consideração

De v., etc.,

Coimbra, 18 de abril de 1896.

Caldeira da Silva.
Herbulo Carvalho.

Apparecerá em maio, no Porto, uma revista quinzenal, illustrada e de critica ás letras e aos costumes intitulada *O Maggyo*.

Carta de Lisboa

Lisboa, 21 de abril de 1896.

Acabei de ler o segundo volume das *Aventuras da minha vida*, de Rochefort. A cada passo tropeço em episodios do Terceiro Imperio, que parecem mesmo passados no reinado do sr. D. Carlos.

Alguns, hei de aqui reproduzi-los. Como porém demandam commentarios algo sérios e, porque a politica de todos em Lisboa, só me dá vontade de rir, agora lhes vou contar um caso comico, descripto no livro a que me refiro.

Oíçam:

Pouco antes da queda do imperio, o celebre revolucionario Gustavo Flourens foi condemnado, como inimigo contumaz dos Napoleão III, a trabalhos forçados perpetuos. Flourens estava na Suissa emquanto os tribunaes assim o julgavam á revelia.

Durante as três semanas em que esteve refugiado, a guerra franco-prussiana foi declarada. Flourens quiz voltar a França.

Como tivesse fugido da sua patria, não levava os seus papeis em ordem. De fórma que não podendo, por motivo da guerra, passar a fronteira sem passaporte, interrogado em Gex onde o deliveram, ahi esteve preso, dando o nome de Dumont. Interrogado na cella onde o encerraram, fazendo-o soffrer com a falta de ar que ali havia, disse ao juiz de instrucção que vinha de um hotel que citou ao acaso, *Hotel do Monte-Branco*.

Passados dois dias, o juiz de instrucção chega juncto d'elle e diz-lhe:—Estão verificadas as suas asserções. Um tal Dumont esteve ha dias no *Hotel do Monte-Branco*, de onde sahio sem pagar, levando toda a roupa que encontrou no seu quarto e um relógio.

Está, portanto, o senhor preso por ladrão.

Calcule-se o espanto de Flourens que, tendo inventado aquella historia para que as auctoridades do imperio não suspeitassem da sua identidade, viu o acaso, por uma terrivel coincidência, fazê-lo passar por gatuno!

Entretanto, o juiz de instrucção, tendo mandado perguntar os signaes do ladrão, soube que elle era baixo e careca. Ora Flourens, ao contrario, era alto e dotado não só de uma longa barba mas de florescente cabelleira.

Continuou preso e, durante um mês, o juiz de instrucção tentou por varias fórmas apanha-lo em contradicção, dando-lhe a entender que todos o tomavam por espião prussiano.

Dia a dia Flourens inventava novas historias, fingindo deixar-se apanhar a cada passo, pelo juiz.

Mais seis semanas passaram, até que o magistrado lhe disse:

—Bem, você confessa que não tem domicilio. Attendendo, pois, á conclusào das nossas investigações sobre a sua pessoa, vae ser julgado em policia correccional por vadio.

E o que determina o sr. *procurador da Republica*, accrescentou o juiz.

—Como? O *procurador da Republica*, disse Flourens surprehendido. Quer dizer o *procurador imperial*!

—Não, respondeu melancolicamente o juiz de instrucção. A Republica foi proclamada hontem. Temos um governo provisorio.

Flourens, preso, como acima disse, de nada sabia. Cambaleou, atordado, no banco dos reus, e perguntou:

—Henri Rochefort faz parte d'esse governo provisorio?

—Faz, aqui tem a lista dos membros do governo!

Assim que viu o nome de Rochefort, Flourens pediu ao juiz estepefacto, uma canêta, papel e tinta e redigiu o telegramma seguinte, que Rochefort recebeu quando estava deliberando com o governo:

«Estou preso em Gex. Peço que me façam libertar.»

Muitos abraços e viva a Republica!

Gustavo Flourens.»

O juiz cabiu das nuvens e não queria acreditar no que via. Até que, d'ahi a pouco, recebeu o telegramma trazido pelo sub-perfeito de Gex, telegramma que dizia:

«Sub-perfeito de Gex.

Ponham immediatamente em liberdade o cidadão Flourens.

O membro do governo da Defesa Nacional,

Henri Rochefort.»

Calcule-se como os que tão severos se mostravam com Flourens ficaram, quando souberam quem elle era e as relações em que estava com o governo provisorio!

O sub-perfeito affirmou-lhe logo que não servira Napoleão senão contra sua vontade, que o revoltava o despotismo do homem do 2 de dezembro. E, para commover o terrivel revolucionario triumphante, disse-lhe:

—Venha jantar a minha casa. Terei uma grande honra em poder apresenta-lo a minha mulher.

Por seu turno, o juiz de instrucção chamou Flourens em particular e segredou-lhe:

—Não vá a casa d'esse homem. É conhecido como bonapartista ferrenho. Venha para minha casa, jantará com minha mulher e meus filhos. Eu nunca fiz politica. Ha de dizer isto ao seu amigo Rochefort, sim?

Flourens declinou os convites e partiu para Paris.

Commentario de Rochefort:

—Ora ahi está: o sub-perfeito foi sempre republicano; o juiz de instrucção, tambem diz que foi sempre republicano. Amanhã, se os orleanistas voltassem ao throno, ver-se-hia, como por encanto, que todos os sub-perfeitos e juizes de instrucção, tinham sido sempre! — orleanistas.»

×

Digam agora vocês se, nesta historia tão alegre, não adivinham o proceder da malta que hoje nos aggride e nos persegue?!

Não se adivinha o Sergio, no dia da proclamação da Republica, berlando para todos nós: «ó correligionarios! ó correligionarios?!»

Não estaes vendo, certos malardros que hoje nos odeiam, que são uns sabujos do rei, exclamando que sempre foram republicanos, que só divergiam de nós na oportunidade, que agora sim senhores, fallavam com franquesa?

Não os estaes vendo a dizer:—Pois vocês não percebiam? Cá tinhamos o nosso processo! lá iam na evoluçãosinha! E melhor do que vocês! Não faziamos bulba. Pela mansa, prestámos bastantes serviços.

Mais do que alguns exaltados. E nunca a monarchia desconfiou de nós! »

E havemos de ver melhor, amigos meus. Havemos de os ver accusar a Republica de moderada, de pouco radical e chamar-nos traidores «á santa causa de que sempre foram devotados apóstolos.»

Quando me lembro d'isto... Oh! immortal cacete! Supremo argumento de nossos paes! Se lá nas regiões da Historia onde repousas «memoria d'esta vida se consente,» desce implacavel sobre as costellas d'esta sucia que devorando toda a carne com a monarchia, ainda quer roer os ossos com a Republica!

Vem! Mais milogroso do que a vara de Moysés, mais puro do que a vara da lei, ensinar com bordoadas cegas os comediantes que mudam de colleira sob condição de a gamella estar cheia!

Vem, cacete! Vem marmelleiro! Elles esperam anciosos as tuas caricias, para melhor merecerem o perdão!

E meus amigos, agora lhes direi que a fome bate á porta e os jornaes discutem os touros de morte.

E mais ainda, camaradas, tambem lhes digo que, estando eu a rir-me, não deixo de pensar a sério na grande pandiga que vae por cá em todos os partidos.

Oh! Supremo argumento de nossos paes! Oh! immortal cacete!

João de Menezes.

Regressou a Coimbra, estando já a reger a sua cadeira na faculdade de Mathematica, o sr. dr. Gonçalo Garrett.

A peste em Hong-Kong

Communicam de Hong-Kong que se eleva a 482 o numero de casos de peste bubonica que desde 1 de janeiro até 14 de abril tem alli occorrido. A epidemia tem-se alastrado.

Acha-se de luto o zeloso e digno reitor do Collegio dos Orphãos d'esta cidade, sr. dr. José Marques Rito e Cunha, pelo fallecimento de uma sua irmã.

Os nossos pezames.

51 Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXV

— Então ajuda-me a compôr-me, bôa Quoniam; irei ceiar com a «grande mademoiselle», e apesar de me achar extraordinariamente fatigada aturarei o chá. Vós tambem ides, está claro?

— Era o que faltava é que eu não fosse! exclama a velha rapariga levantando os braços. M.^{elle} de Fayolles imaginaria logo que havia entre nós os maiores segredos d'este mundo e que por isso eu tinha mêdo de que nos encontrassemos junctas deante d'ella. Sabe Deus o que tem sido! Nem pôdes fazer idéa do tom em que ella me disse: «Então mademoiselle Quoniam! ide esperar a vossa querida Herminia!»

— E tinha razão, disse M.^{elle} de Croizy, porque sois a unica pessoa que tem aqui uma verdadeira amizade por mim.

— Ah! Tinha necessidade d'essas boas palavras! respondeu a excellente Quoniam, saltando-lhe ao pescoço.

Um momento depois, M.^{elle} de Croizy descia, passava por sob a abobada que levava aos jardins da comunidade e tomava pelo caminho arenoso que conduzia ao pavilhão das demoielles de Fayolles.

Theatros

No domingo, no Principe Real, espectáculo por um prestidigitador e ao mesmo tempo massador. Na 2.^a parte a tão decantada Bella Chiquita.

Platêa só de homens que applaudiram. Por causa d'estas e d'outras é que não vem chuva.

Consta-nos que o grande tragico italiano Emmanuel vem a Coimbra nos dias 20, 21, 22 e 23 de maio, representar o *Hamlet*, *Othello*, *Luiz XI e Rei Lear*, em que elle é admiravel.

É de esperar que o publico de Coimbra mostre que prefere estes espectaculos aos da companhia Taveira ou Del Negro.

A companhia de D. Maria vae para o Porto, em maio.

Se ella viesse a Coimbra... Com vista ao Lucas.

Foi posta a concurso por provas publicas a igreja de S. Thomé de Panalva, concelho de de Oliveira do Hospital.

Tem havido preces *ad petendam pluviam*, em diferentes igrejas d'esta cidade.

Hontem realizou-se a procissão do Senhor dos Passos e no proximo domingo sairá a procissão da Rainha Santa, para o que a respectiva Mesa pediu auctorisação ao sr. Bispo Conde, que a concedeu.

Bibliographia

Revista Theatral—Recebemos o n.º 32 d'esta excellente revista que se publica em Lisboa, sob a direcção dos srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

O presente numero insere os seguintes artigos:

Novellá, por Henrique Lopes de Mendouça.

Entreactos: Manual do cosinheiro theatral, por Sestouñe R. bichon.

Revista dos Theatros—Theatro de D. Maria II, Henrique III e a sua corte, por Joaquim Miranda.—Theatro da Trindade, o marido da debutante, por J. M.—Theatro D. Amelia: Representações de Novelli, por Collares Pereira.

Ephemerides do mez de outubro.

Debates: Por conseguinte... por D. João da Camara.—Carta aberta a sr.ª D. Guilomar Torresão, por Garcia de Miranda.

Tribuna Publica: Os originaes, por Fra Diavolo.—O paraiso de D. Amelia, por T. L.

Variadas: O nosso plebiscito.

Bibliotheca Dramatica—Jucunda, comedia em 3 actos, original de Abel Botelho—Acto II, scenas VIII a XIII; (fl.ª 8).

Tudo estava triste e fazia frio a quem olhava. A estatua da Virgem, á qual se ia em procissão todos os domingos, parecia tiritar no fundo de um massiço de loureiros no qual um raio de lua indecisa se lutomettia por entre duas nuvens. Mais adiante, a entrada da pequena ponte rustica a que M.^{elle} de Fayolles, nas suas illusões feudaes, dava um ar de ponte levadiga, ouvia-se correr o Odon, sem lhe distinguir na corrente um unico raio luminoso.

A que distancia se não estava do magnifico parque de Villy!

Tendo chegado ao pavilhão, Herminia levantou, toda tremula, o martello da porta. A creada das de Fayolles veio abrir, discreta de cumprimentos e esperando pela recepção que ia ser feita a mademoiselle para depois se regular na sua expansão.

As duas velhas de Fayolles estavam assentadas na casa de jantar.

— É uma felicidade para mim tornar a vêr-vos, Herminia, disse M.^{elle} Aurelia estendendo a mão para chamar a si a joven.

Os rostos tocaram-se mas ninguém ouviu os beijos.

— Eguamente, accrescentou M.^{elle} Carolina, que acabara por supprimir de todo nas duas phrases tudo que não era absolutamente indispensavel.

— E M.^{elle} de Villy? perguntou Aurelia.

— Está doente, mademoiselle, e es-

Communicado

SOURE

Em um jornal qualquer, lemos uma correspondencia, que tem por epigraphe—Os paços do concelho em Soure.

Escobre-se o auctor com um pseudonymo; no entanto conhecemos o estrapalho que escreveu aquillo.

Fazente da peor especie, escolheu Soure para theatro das suas proesas, onde chegou faminto, quasi nu, de rabo cahido, e d'onde ha de ser difficil transportar o inteiro para qualquer fabrica de guano.

Numa lamuria enfadonha, que nem o proprio Calino perfilharia, pretende o marzoco duas coisas:—provar que o melhor local para a edificação dos paços do concelho é a praça, e defender dois vultos servidores do rei e do João Franco.

Nestes dois propositos, o misero onágro demora-se em pachochadas, mettendo os pés pelas mãos; e é pena que não traga estas e aquelles no mesmo plano, porque então poderia prestar serviços ao homem, ao menos como besta de carga. Assim, não. Oscillante entre o mentecapto e o malandrim está tão encoirado na trapaça e na intriga, que não ha ferro, por mais bem temperado, que se lhe possa enterrar nos callos do espinhaço para o corrigir.

Vamos, porém, por partes. Diz o safado mariola que os paços do concelho devem construir-se na praça; não só por ser o logar mais uobre, (embora se tenha de gastar 12 contos em expropriações), mas ainda para respeitar direitos adquiridos pelo commercio e industria (o italico é nosso) d'aquelle sitio.

Relativamente a nobreza de praça, guarde-a para si. Quanto a direitos adquiridos pelo commercio e industria da baixa, diga o mestre pancraccio porque não veio á imprensa defender os direitos dos possuidores do Campo da Velha, que o usufruiam ha mais de 500 annos!

Não defendeu, não, porque se tratava de expoliar o povo em beneficio dos amigos da monarchia, porque o povo nunca mereceu a attenção dos mandões politicos e dos seus acolitos, que só tratam de satisfazer os seus caprichos e ambições, embora para isso arranquem a camisa aos contribuintes e calquem aos pés o povo que trabalha, o povo que soffre privações, para que elles engordem á custa do seu suor. É preciso sacudir d'uma vez o jugo dos traficantes; é preciso escorraçar os maladrins, os exploradores da humanidade; é preciso emfim que o povo saiba que tem em si a soberania e a força.

Vomita ainda o charlatão que os paços não devem ser no Serrado, porque augmentava o valor dos predios alli existentes, e dava occasião a que se construíssem outros!

tou incumbida de vos apresentar as desculpas de M.^{me} de Villy que, se não fosse isso, teria vindo acompanhar-me com a neta.

— E a doença é grave?

— Foi-o até hontem.

— Então, a excellente M.^{me} de Villy está completamente desculpada e eu propria lhe escreverei para lhe exprimir o meu pezar e pedir-lhe noticias da vossa amiga.

Pozeram-se á meza. Um candieiro de latão espalhava parca claridade pela toalha singela e quasi vasia. Que contraste! M.^{elle} de Croizy tornava a vêr a toalha amascada de Villy, inundada de luz, a rica baixella reluzente, os cry-tses resplandecentes, as iguarias fumegando por entre «corbeilles» de flores, os criados indo e voltando a cada passo, de guardanapo no braço, e na mão, a garrafa d'onde brotava o ouro leve do «Château-Yquem», ou o sangue do «Médoc». Por isso não comeria quasi nada, apesar de tudo quanto M.^{elle} de Fayolles fizesse e dissesse para lhe excitar o appetite; bastava-lhe a lembrança d'aquelles deslumbramentos, d'aquelles perfumes!

A hora do chá chegou a proposito para a livrar de uma conversa penosa, quasi toda composta de pequenas noticias do que se passara no convento e que nada importava a Herminia. Foram para o pequeno salão onde já por

Então, já viram exemplar mais perfeito do cogumelo da Serra da Estrella, ou de suino do Alemtojo?

De maneira que, no entender de aquelle palerma, é um grande mal para uma povoação augmentar as edificações. Forte asno!

Mas o mais engraçado é que o pacovio, depois de gastar um palavriado balofo em querer demonstrar que o local da praça é o mais apropriado á construcção dos paços do concelho, acaba por confessar que é impossivel construir-lhe alli, por estas palavras:

«É possivel que os estudos mostrem a impossibilidade de alli (praça) serem constituídos, e terá este corpo collectivo (a camara) de optar por outro local—». Isto é que é ter coherencia, isto é que é argumentação!! É de cabo de esquadra! E andar a gente por ahi a comprar caranguejo para adubar as terras, quando este parvo dava tão bom guano...

Pretende ainda o immortal trociantas atirar aos quatro ventos que a representação do grupo da baixa foi assignada pelos cavalheiros mais respeitaveis da villa. Pois não!

Basta tê-la assignado o auctor da alludida correspondencia, que ingavelmente é o mais completo cavalheiro de industria de Portugal e seus dominios.

Não é nosso intento equiparar este cavalheiro com os demais signatarios da representação da baixa, porque isso importava offensa a todos, nem tão pouco fazer o confronto entre a respeitabilidade e cavalheirismo dos signatarios das duas representações.

Na alta o que ha de mau é o auctor da referida correspondencia; mas contente-se em exercer as suas proesas lá pela baixa, longe da nossa porta, onde nunca ha de exhibir e ensaiar as suas habilidades hypocritas, pondo em scena comedias indecorosas, que de mais já são sabidas.

Aqui não alimenta a intriga, nem promoverá a discordia, por ser já bem conhecido. A principio enganou.

Quando appareceu nesta villa, apresentou-se humilde, como qualquer cão tinhoso que anda em busca d'um osso nos monturos, e só dava uma vez ou outra o seu latido; depois começou a lambar uns pratos aqui e alli, e a tomar um caldo mais adubado á custa d'uma mina que para ahi explora, e desatou a ladrar; hoje seria capaz de dar a sua dentada. Antes d'isso, porém, nós teremos o cuidado de o açamar.

Para defender os dois vultos, servidores da monarchia, compara-os a dois canzarrões, S. Bernardo e Terra Nova. Bravo! Elles que lh'o agradeçam. No intuito de os apresentar de gravata, apparecem de coleira.

Que defêsa e que defensor!!!

Soure, 21 de abril de 1896.

duas vezes vimos reunida a gente de M.^{elle} de Fayolles.

Ninguém devia faltar naquella noite. O regresso de M.^{elle} de Croizy era um successo digno de despertar aquellas excellentes pessoas todos os possiveis sentimentos de sympathia e de malicia. Chegaram em ar de procissão, M.^{elle} de Richaux á frente e logo atraz o Quoniam.

A palestra começou logo.

— Então M.^{elle} de Croizy, disse M.^{elle} de Richaux, estas outra vês entre nós. A vossa ausencia pareceu nos longa, podeis crêr, e todas estas damas vos podem affiança-lo.

— Longa para nós e por egoismo, minha querida criança, disse M.^{me} de Verouille, porque não lembrava a ninguém censurar-vos o prazer que estaveis disfructando.

— Mas, tornou a conega fingindo não comprehender esta delicada condemnacão da sua hostilidade, eu julgava que M.^{elle} de Villy e sua avó deveriam acompanhar-vos aqui.

— E assim tencionavam, madame, respondeu M.^{elle} de Croizy; mas eu já disse a M.^{elle} de Fayolles os motivos porque o não poderam fazer. Alice tem estado muito doente e só está um pouco melhor desde hontem.

— Doente, a pobre Alice? Na verdade, Villy não é saudavel? Não estiveis tambem lá doente, vós? E, para fallar com sinceridade, minha querida,

Barbosa d'Andrade

Acha-se entre nós este nosso querido amigo e distincto correligionario.

É no primeiro domingo de maio que se realiza em Cella a festividade do Senhor Jesus dos Remedios, a que costuma concorrer grande numero de pessoas d'estas cidade e das povoações visinhas.

Não se confirma a noticia da morte da actriz Pepa.

Flanando...

Na rua, o 2.º numero d'esta revista cheia de vida e verve. Os perfis, bons.

EDITAL

O Doutor Luiz da Costa e Almeida, Provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra

Faço saber que na secretaria d'esta Santa Casa se acharão patentes, por espaço de oito dias a contar do dia 21 do corrente mês, os projectos do segundo orçamento supplementar ao ordinario do corrente anno economico e o do orçamento ordinario da receita e despesa da mesma Santa Casa para o futuro anno economico de 1896-1898. E, para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este que vae ser affixado no logar do estylo.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 18 d'abril de 1896.

O Provedor,

Luiz da Costa e Almeida.

Abriu no 1.º de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

4 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de França Amado. — Coimbra.

ainda vos não acho bom aspecto! Não é assim, mesdames?

— Oh! sim! São consequencias da viagem, respondeu M.^{elle} de Fayolles.

— E tambem consequencias, sem duvida alguma, de noites passadas em claro ao pé de M.^{elle} de Villy, accrescentou Herminia.

— Como? Então Alice esteve doente a esse ponto? exclamou por sua vez M.^{elle} de Monfort.

— Esteve, sim, mademoiselle.

— E, dizei-nos uma coisa, mademoiselle de Croizy, tornou a conega, que doença tem ella? Não é contagiosa, pois não?...

— Não vos assusteis, mademoiselle. Alice padeceu de molestia cerebral.

— Molestia cerebral? Ah! coisa extraordinaria! notou M.^{elle} Aricia, a irmã do capellão. Ella, tão calma, tão doce, tão razoavel! É caso para se não acreditar!

— Pois, minha querida Herminia, disse M.^{elle} de Virville, é necessario descançardes. Isso de velar doentes, é muito custoso, eu que o diga!

— Sim, insistiu M.^{elle} de Fayolles; é prudente que descanséis algum tempo, Herminia; estes sete ou oito dias serão vossos, afim de que estejades de plena saude ao encetar a postulancia.

(Continúa).

AO COMMERCIO

Nós abaixo assignados, participamos que de commum accordo dissolvemos a sociedade que tinhamos nesta praça, e que girava sob a razão social, de Cesar Henriques dos Santos & C.ª para a exploração de fazendas e outros artigos, ficando desde hoje em diante a cargo do 2.º signatario todo o activo e passivo da extincta firma.

Varzea de Goes, 17 de abril de 1896.

Cesar H. dos Santos.
Luiz Ferreira de Carvalho.

Venda de casa

17 **Vende-se** a casa onde falleceu o ex.ºº Adriano Murteira, rua Sá Miranda—54. Tem agua, quintal e muitas commodidades. Recebem selanços, na mesma casa, e ahí se darão todos os esclarecimentos necessários.

Coimbra, 16 de abril de 1896.

Taboleta

16 **Vende-se** uma de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.

Rua de Ferreira Borges, 9 a 15—Coimbra.

Casa mobilada no Campo

15 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Cavallos, muares, etc.

14 **As** sobrecannas, espavões, óvas, esquenencias, man, queiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depósitos—Lisboa: Quintaus, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.

Deposito em Coimbra—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Médico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

13 **Consultas** todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 241.000.000

SEDE EM LISBOA

12 **Esta** companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou ralo, sobre predios, mobillas e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

11 **BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA BAIXA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do palz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 15200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos.—**Viagem**—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy.—Para esclarecimentos:—Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.—Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel.—As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

CASA LEÃO D'OURO

Grande estabelecimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis alfaiates.

117, RUA FERREIRA BORGES, 123

COIMBRA

10 O proprietario d'esta casa, tendo de proceder a balanço no dia 16 do corrente e dar logar ao extraordinario e variadissimo sortimento que está a receber para a nova estação, resolveu liquidar todas as fazendas das estações passadas, com o abatimento de 20, 30, 40 e 50 por cento! Esta liquidação só dura 15 dias e por isso quem desejar comprar fazendas, por metade do seu preço, é aproveitar esta excepcional occasião.

Esta casa acaba de receber uma grande e variadissima colleção de flannels pretas e azues da mais alta novidade para fatos da presente epocha, e bem assim diagonaes e piqués pretos, o que ha de mais distincto para *smokings*, sobrecasacas e casacas, tudo por preços limitadissimos, como o freguez poderá verificar. E tendo artistas especiaes para o corte e manufactura d'estas obras, toma inteira responsabilidade pelo seu bom acabamento como pelo de todas as demais executadas no seu atelier de alfaiate, onde se corta pelos melhores e mais recentes figurinos ou ao gosto do freguez.

TAMBEM HA PARA LIQUIDAR

Um saldo de collares de bretanha de linho, estrangeiros, a principiar em 80 réis.

Chapéus côcos de 400 réis para cima.

Dois bicycletes pneumaticas, de 10 e 15 kilos de peso, ultimos modelos, para passeio e corrida, com abatimento de 455000 e 605000 réis.

Excepcional liquidação

SÓ POR 15 DIAS

Fazendas com 20, 30, 40 e 50 % de abatimento

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

10 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—80

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Cristofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

7 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, futebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças dobradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Propriedade

6 **Vende-se** uma, que se compõe do terra de se-meadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegue, morador á Guarda Inglesa.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **Amendoas** de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, cha verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

SANDALO MIDY

Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Estas capsulas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copalilha, Culebras e Infecções.
Dep. em Paris, 8, rue Tirannee aux p. n.º 7, Pharm.

Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Quinta

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de se-meadura, olival, matia, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Aviso aos lavradores

2 **Na** cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 28700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 25400
Semestre..... 15200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LITROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 124

COIMBRA — Domingo, 26 de abril de 1896

2.º ANNO

O tenente Coelho

Vão já 5 annos depois que, no Porto, a alvorada impetuosa d'uma idéa se afogou no crepusculo ensanguentado d'uma tremenda derrota. A inconsciencia dos factos tem d'estas anomalias. Uma onda de sangue a espadanar, em breve, tudo liquidou.

E hoje que uma grande alegria, lavada ainda de lagrimas sangrentas, nos anima e confrange, procuramos anciadamente, no horizonte escurecido da nossa raça, o rastro aureolado e flammejante d'essa epopeia amortalhada no sangue dos vencidos.

Longe, porém, bem longe de nós o desanimo: soará uma hora de justiça impetuosa e severa, epilando as tangencias ardentes da *Portuguesa*, que vibraram entusiasticamente nessa jornada gloriosa de janeiro.

Vencidos hontem, seremos os vencedores amanhã.

Um throno não se apoia em sangue, nem uma idéa se fuzila com metralha.

Revolucionarios e martyres de janeiro, esperae: a vossa apothose scintillará nos raios flammejantes do sol da Republica, na prosperidade e gloriosa regeneração da Patria estremeçada.

Ao vento, pois, ainda outra vez, desfreada, num arrojado febril e audacioso de Revolta, a bandeira que tremulou ovante por entre o nevoeiro cortado pelas balas mortíferas d'essa madrugada heroica de janeiro.

É um dever que temos a cumprir, impreterível e sagrado. Temos de salvar a Patria, temos de vingar o sangue derramado em 31.

De toda a pleiade brilhante de heroes e revolucionarios do 31 de janeiro, destaca-se, porém, numa aureola roxeada de soffrimento longo e torturante de martyr, o tenente Manoel Maria Coelho.

Um dos que mais valentemente se bateram nas ruas do Porto, foi o unico que não pôde furtar-se ao degraço. Cinco annos de degraço, longe da esposa, longe dos filhos, olhos voltados para o soffrimento dos seus, para as infelicidades da Patria; e no ceu de Portugal, para além do mar que o isolava no clima esbrazeado do desterro, a vista perdendo-se infructuosamente á

procura d'algun reverbero 'vehemente d'essa alvorada que lhe estalou em fogo sobre o coração queimando-o, rasgando-o, suffocando-o numa atmospheria doentia, cingindo-o de amargas nostalgias, de lagrimas de febre, de martyrios incompreendidos. Que amargas que haviam de ser essas horas tragicas de lueta interior de saudade cruciante, de desespero infinito! E a Patria sempre no vortice, e sempre a turba-multa dos que lhe queriam a cabeça, tripudiando em orgia de gatuños, á sombra da monarchia! E nós que lhe compartilhámos as crencas sempre na indolencia, sem razões de audacia, muito prudentes, sempre muito sensatos!

Que o ultimo degraçado, que o ultimo dos vencidos-acceite as vehemencias da nossa alma revolucionaria.

Festas II

Communicam ás gentes as gazetas que se realizarão em outubro mais manobras militares.

Ora sempre queremos que nos digam com que é que as farão? Só se fór com soldados de chumbo.

Que soldados a valer... no hay, e dinheiro... no hay tambem.

Partido republicano

Ácerca da organização do partido republicano diz o nosso prezado collega *O Paiz*:

«Um nosso collega, o *Debate*, advo-ga a idéa da fundação de um novo centro republicano em Lisboa.

Não podemos senão applaudir a fundação d'esse e de quaisquer outros centros onde se discutam as questões de interesse nacional e partidario.

Da falta da reunião de assembleias republicanas é que por vezes têm resultado equivocados acerca da orientação do nosso partido, e por isso é que instamos tambem pela reunião de um congresso geral que, sem preocupações pessoais e tendo só em vista os interesses superiores da Patria, discuta, como os republicanos hespanhoes o têm feito, varios assumptos de alto interesse, e que elija um directorio que possa dirigir o partido com vigor e manter, como é necessario, a boa disciplina partidaria.

Parece-nos indispensavel que se eleja a comissão municipal republicana de Lisboa e que logo a seguir reúna o congresso para escolher o directorio, pois que o nosso partido não pôde continuar no sul como está, isto é, sem direcção.

É preciso que completemos sem demora o movimento de organização tão brilhantemente iniciado pelo grande chefe republicano José Falcão e que secundemos os trabalhos que nesse sentido têm sido feitos no norte d'um modo admiravel pelos continuadores da obra do saudoso professor da Universidade.»

Mais uma prepotencia

A Relação de Lisboa acaba de confirmar a sentença da 1.ª instancia por que foi condemnado o nosso prezado collega *A Vanguarda*, alterando somente o prazo da suspensão do jornal.

Como protesto contra essa prepotencia, transcrevemos o artigo edictorial d'hontem da *Vanguarda*, cuja attitudo é digna dos maiores encomios:

Como a monarchia se ving

O arbitrario e despotico governo que para ahí se arrasta, a coterie desacreditada e inepta a que a monarchia confiou a sua salvação na hora extrema, jurou guerra de morte á *Vanguarda*, porque a *Vanguarda* ataca sem piedade as corrupções da oligarchia politico-financeira que nos escravisa e explora, porque a *Vanguarda* é a sentinella vigilante dos interesses do povo, porque a *Vanguarda*, marchando na frente das legiões republicanas, é sempre a primeira a travar rijamente as maiores pejeas e a sustentar com todo o valor as investidas dos esfo-meados cães de fila da monarchia.

O tribunal da Boa Hora condemnou o nosso editor a 6 meses de cadeia e o nosso jornal á pesada multa de 300\$000 réis e á supressão definitiva, por causa da celebre local, *O caçador Simão*.

Em menos de 15 dias foi processada e suprimida a *Vanguarda*, caso unico nos annos da imprensa portugnêsa, primeiro ensaio da mais despotica penalidade da lei de Lopo Vaz.

Appellamos da iniqua sentença para o tribunal da relação e o tribunal da relação confirmou a punição esmagadora da primeira instancia, mantendo a pena de seis meses de prisão, mantendo a multa de 300\$000 réis afóra as custas e sellos do processo e reduzindo apenas, por irrisão, a supressão completa á suspensão provisoria por 30 dias.

Tal redução representa um sarcasmo, porque o prejuizo da suspensão de um jornal por um mês é manifesto.

Estão, porém, os jornaes independentes e os homens de bem á mercê das vindictas do governo, dos ukases da dictadura, das brutalidades da policia, das perseguições dos tribunaes.

Estão os homens de bem á mercê das violencias dos que governam, desde que querem manter-se superiores á corrupção geral, manter austera a attitudo, altiva a honra politica, inabalavel a coherencia propria, impolluta a penna com que se orientam as multidões.

Persegue-nos o governo por intermedio dos seus tribunaes, porque dizemos a verdade e não temos contemplações.

Persegue-nos, impondo-nos a censura prévia, saqueando os nossos cofres com repetidas multas e custas, fazendo-nos uma guerra sem treguas para vêr se nos pôde estmgar.

Mas não pôde, estejam descança-

dos os illustres monarchicos que têm arrastado á miseria este país.

As perseguições encorajam-nos para a lueta, enthusiasmam-nos, revigoram-nos, avivam-nos a fé, enraizam-nos as convicções.

As violencias exercidas pelo governo contra nós são a contra-prova da nossa sinceridade, da nossa altivez, da nossa intransigencia, da fórma como incommodamos os sicarios da monarchia.

Quando se tem a consciencia do dever, a acrysolada fé num grande ideal da salvação da Patria, fazem sorrir as perseguições dos pygmeus ridiculos que julgam atrazar a historia, demorar a queda fatal e necessaria de umas instituições politicas fallidas e condemnadas!

O sr. Raphael d'Andrade, que á força de querer fazer-se heroe a mais ao Vizo-Rei da India disse para cá aquella celebre trapallice pelo telegrapho, acaba de chegar a Lisboa.

E quando esperava ser recebido nos braços da Patria sua muito amada, esta ingrata, que ha de possuir os seus ossos, nem ao menos teve á sua chegada aquelle movimento de braços tão portugúeses e que tão a proposito vem sempre nas grandes occasiões.

Ingrata Patria!

Partiu na sexta feira para Lisboa o nosso querido amigo Joaquim Madureira. Boa viagem.

A corôa

A respeito das incoherencias da corôa faz o *Jornal do Commercio* varias considerações.

Eis alguns dos seus periodos:

«Que se ha de concluir, a respeito do que a corôa pensa sobre a governação publica?

A logica é implacavel e nem aos principes poupa, e assim a conclusão não pôde deixar de ser esta: a corôa **nada pensa** e acha á priori bem o que ministros validos hajam de fazer, branco ou preto que seja.

Ora o descredito a que os feitos da monarchia a tem levado era já grande, mas é innegavel que nestes dois ultimos annos tem caminhado a passos largos.

Nas altas regiões do poder suppõe-se que, pelo facto do país não estar já revolucionado, elle nada vê.

Como não ha de elle vêr que a corôa acha igualmente boa uma coisa e a contraria, e como ha de elle acreditar e ter confiança e fé na ausencia do criterio, ou no abandono de attitudo, que uma tal incongruencia revela?»

Uma pergunta, apenas: — porque diabo será o collega monarchico?

Instrucção publica

Instrucção secundaria

XXVI

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Sete annos de latim, a começar numa idade em que o alumno nem sequer conhece ainda regularmente a sua lingua! É espantoso.

Parece incrível, na verdade, que, ao delinear uma reforma dos estudos secundarios, houvesse quem, numa epocha em que já não é licito haver illusões a tal respeito, se imaginasse ainda em plena idade-média, para, em menosprezo das tendencias do seculo, tendencias que, dia a dia, se accentuam com maior evidencia e intensidade, e contrariando abertamente os ensinamentos da pedagogia, as conveniencias e os interesses da sociedade, se atrevesse a decretar o estudo do latim, aos dez annos, quando o alumno não pôde inicia-lo com proveito, e pretenda continua-lo com maior extensão e intensidade do que o da propria lingua, durante todo o curso lyceal! É realmente inaudito um tal proposito; é absurdo um tal preceito; mas encontra-se consignado no plano de estudos de 14 d'agosto e nos grammas correlativos!

E dizem-se inspirados pela pedagogia allemã os nossos illustres reformadores! E pretendem haver interpretado fidelissimamente as idéas, as tendencias e as aspirações dos mestres d'Além-Rheno, em materia de instrucção secundaria, como se os factos que lá se estão observando não contradissem absolutamente uma tal pretensão!

A questão da maior ou menor intensidade com que devem ser estudadas as linguas mortas pela generalidade dos alumnos que frequentam os lyceos tem sido largamente debatida pelos mestres mais auctorisados e está hoje, crêmo-lo bem, plenamente resolvida, no sentido por nós já ligeiramente indicado; parecendo-nos, comtudo, muito conveniente insistir ainda neste ponto, a fim de ficar bem esclarecido, como é util, necessario e indispensavel. Questões d'esta natureza convém trata-las sempre com a larguêsa precisa. E, de resto, comprehendese bem porquê.

Os defensores obstinados do ensino extensivo das linguas mortas, fóra do qual não vêem salvação possível para a instrucção e educação da juventude, attribuem-lhe um valor extraordinario, decisivo, incon-

gruente?

EM FRANÇA

Está prendendo vivamente a atenção o conflicto entre o senado francês e a camara dos deputados. Tracta-se realmente d'uma questão gravissima, de que podem derivar consequências que não interessem só a França mas a toda a Europa. Publicaremos no proximo numero um artigo sobre este assumpto.

Hoje, attento o interesse que o assumpto desperta, publicamos os ultimos telegrammas recebidos.

Paris, 23. — Camara dos deputados:

Grande affluencia e muita animação. A tribuna diplomatica está repleta. Assistem á sessão quasi todos os deputados. O presidente do conselho, sr. Bourgeois, lê a declaração ministerial recordando ter a camara votado os creditos para Madagascar e o senado ter-se recusado a vota-los. (Gritos da extrema esquerda: Abaixo o senado). O sr. Bourgeois diz que a votação do senado impede o gabinete de assegurar legalmente, a partir do dia 30 do corrente, o funcionamento dos serviços militares em Madagascar, e que o gabinete subordinando tudo ao cuidado que lhe merece a questão de segurança e dignidade nacional, decidiu demissionar-se, afim d'um novo gabinete poder obter immediatamente os creditos para Madagascar. O sr. Bourgeois continúa a leitura no meio d'interrupções; diz que a camara tendo testemunhado ao gabinete por muitas vezes a sua confiança, o gabinete julgou não poder nem dever demissionar-se antes de vir perante a camara explicar os motivos da sua demissão. O sr. Bourgeois termina dizendo que o ministerio fez os possíveis esforços para cumprir o seu programma e que o país o julgará. (Applausos da esquerda.)

O sr. Bourgeois e todos os ministros sahem da sala no meio de applausos da direita, de parte do centro e de gritos da extrema esquerda: «Abaixo o senado.»

Os ministros dirigem-se para o Elyseo a apresentar a sua demissão ao presidente Faure.

Paris, 23. — Os ministros demoraram-se pouco tempo no Elyseo. O presidente Faure aceitou a demissão do gabinete, e começará somente amanhã a consultar os homens politicos.

Paris, 23. — Camara dos deputados:

O sr. Goblet apresenta uma ordem do dia declarando que a camara cooperará com o ministerio na resolução por elle tomada de proseguir na realização das reformas democraticas e fazer respeitar os direitos superiores que a camara tem devido ao suffragio universal. O sr. Lebon pede o addamento da discussão da ordem do dia, dando como razão estar o ministerio demissionado. (Grande tumulto). O addamento foi rejeitado por 283 votos contra 268.

Foram apresentadas depois muitas outras ordens do dia.

O sr. Goblet une-se á ordem do dia apresentada pelo sr. Ricard, cujo texto diz: «A camara affirmar de novo a preponderancia dos eleitos pelo suffragio universal e sua resolução de proseguir numa politica de reformas democraticas.» A primeira parte d'esta ordem do dia até ás palavras «Suffragio universal» foi approvada por 309 votos

contra 38, e a segunda parte foi approvada por 417 votos contra 37. (Viva agitação).

A votação sobre o conjunto d'ordem do dia do sr. Ricard, realçou-se na tribuna, por chamadas nominal, sendo approvada por 258 votos. (Applausos). Foram mandadas para a mesa muitas propostas para a revisão da constituição, sendo todas enviadas á comissão parlamentar. Em seguida foi levantada a sessão, sendo a proxima marcada para terça feira.

Paris, 23. — Senado:

Franck Chauveau, em nome da comissão de fazenda, apresenta o relatório que conclue pela adopção integral dos creditos para Madagascar. A discussão foi addida para amanhã, sendo em seguida levantada a sessão.

Paris, 24. — Das differentes consultas que o presidente da Republica teve esta manhã, tira-se a impressão de que a constituição de um ministerio de união e concentração é a solução que parece mais propria.

Paris, 24. — O presidente Felix Faure recebeu esta manhã os srs. Loubet, Brisson, Peytral e Poincaré, e receberá de tarde os srs. Bourgeois, Sarrien, Le Royer e Meline.

Paris, 24. — O senado approvou os creditos para Madagascar. O sr. Angles apresentou uma proposta para a revisão da constituição e reclamou a urgencia, a qual foi rejeitada por 214 votos contra 35. A proxima sessão foi marcada para terça feira.

Paris, 24. — Os jornaes parisienses são accordes em consignar que a votação da camara dos deputados de hontem levou o conflicto ao estado agudo, e que a solução da crise é difficilissima.

Os radicaes e socialistas dizem que essa votação implica a constituição de um gabinete radical, sob a presidencia do sr. Goublet ou do sr. Brisson, tomando a revisão constitucional por base da sua politica.

Os republicanos dizem que só é possível um gabinete de resistencia aos socialistas, aliás não ha outro remedio senão a dissolução da camara.

Os conservadores prevêem uma crise presidencial.

Tenente Coelho

Foram hontem enviados para Lisboa os seguintes telegrammas ao nosso prestante correligionario e querido amigo tenente Coelho:

«A comissão republicana de Coimbra envia as mais cordeas saudações ao seu prestante correligionario.»

«A Resistencia saúda o seu querido correligionario.»

De passagem para Lisboa esteve entre nós o sr. Joaquim dos Santos Figueiredo, ministro evangelico.

Moraes Sarmento encontrou limpos os cofres do ministerio da guerra. O Festas gastou tudo em manobras. O seu successor deve dar-se por feliz por ainda encontrar cofres...

Foi enviada ao senado italiano uma queixa pedindo para serem processados criminalmente, por fraudes, os senadores Breda e Allievi, o Marianne e o Navarro de lá. Esta raça está espalhada por todo o mundo.

taes regiões. Estas não se deixam commover com coisa alguma.

Pouco lhes importa que esse official perca, desde que passe á disponibilidade, os vencimentos e que seja preterido pelos officiaes mais modernos na sua promoção a contra-almirante. Alguns cavalheiros que vivem nessas regiões officiaes até hão de estimar que o sr. Teixeira Guimarães seja preterido nos seus direitos, porque poderão lucrar com este facto.

E não são poucos os que dizem, até fóra das laes regiões, que tolo é quem assim não pensa.

No Ambaca, que vae conduzir á India a nova expedição, vae como capitão de bandeira o sr. Ferreira d'Almeida.

Pelo que se vê, não tendo conseguido ser nomeado pela comissão executiva para fiscalizar a construção do Adamastor, arranhou agora aquella comissão a fim de fazer tirocinio a bordo d'um navio mercante, o que muito mais commodo é do que a bordo d'um vaso de guerra. E para o servir, ficou sem effeito a nomeação do capitão de mar e guerra sr. Lopes d'Andrade, que já linha sido effituada.

O que por lá vae!

Barbosa d'Andrade

Partiu para o Porto, este nosso querido amigo e prestante correligionario.

Os socios fundadores das associações Commercial, Industrial Portuguesa e dos Lojistas de Lisboa acabam de publicar um Memorandum em que são analysadas as contas e medidas tributarias do sr. ministro da fazenda com clareza e precisão.

Nesse Memorandum definem assim essas associações a sua situação:

«Não sendo ainda entidades juridicas as associações Commercial, Industrial Portuguesa e Commercial de Lojistas de Lisboa, pelo motivo do governo insistir em não lhes approvar os estatutos, que estão redigidos conforme os preceitos legais, não têm estas collectividades a sua acção tão desembarçada como seria para desejar e se torna necessario, a fim de pugnam efficazmente a favor dos interesses das classes e do país; mas esta posição especial não evita, nem pôde evitar que, como commerciantes e industriaes, expunhamos perante o país a critica aos actos do governo, em tudo que estes affectem os interesses das classes trabalhadoras. Não é, pois, um acto de rebeldia. É a consequencia forçada do estado de excepção, em que o governo nos collocou, por teimar em não approvar os estatutos das associações, que se fundaram nos termos e condições do decreto de 9 de maio de 1891.

Firmados estes principios, para não haver ambiguidades de situações, vamos, com a serenidade que é apanhação das causas justas, analysar o feixe de propostas de fazenda, que tristemente evidencia o desconhecimento por completo dos verdadeiros interesses do país.»

O procedimento do governo com essas associações, não approvando os seus estatutos, tem sido verdadeiramente ignobil e mostra qual a força de que dispõe.

Bem sabe elle que, estabelecidas legalmente essas associações, morria de inanição a Camara do Commercio.

base unica de toda a educação, prova ella, comtudo, que a corrente geral se manifesta e tem manifestado sempre abertamente contra esse excesso, como contrario ao progresso dos estudos e consequentemente aos verdadeiros interesses da sociedade.

Já não estamos na idade-média, é preciso reconhecê-lo e confessá-lo sem relutancias. Se ella fazia das lingoas mortas a base de toda a educação, é que as exigencias e as necessidades sociaes, nessa epocha, eram muito outras das da actualidade; é indispensavel, por consequencia, que se modifiquem profundamente os processos educativos da juventude. Isto é incontestavel.

Mas, desprezando a evidencia dos factos, os defensores encarniçados do passado, isto é, dos antigos methodos e processos de ensinar, ainda intendem dever reagir desesperadamente contra a corrente pedagogica do seculo, que, afinal, os ha de submergir; e, para vêr se podem conservar-se no reducto em que ha muito se entrincheiraram e que, por muito tempo, julgaram inexpugnavel, allegam em favor da sua causa, aliás irremediavelmente perdida, razões especiosissimas, que julgamos necessario reproduzir, para bem se julgar do seu valor.

Allegam, pois, os advogados das lingoas mortas, especialmente do latim, como base do ensino: que ellas são uma excellente gymnastica intellectual; o seu valor é excepcional como disciplina do espirito;

que só por meio d'ellas podemos conhecer e avaliar, em toda a sua grandesa, os thesouros litterarios da antiguidade greco-romana;

que do seu estudo profundo depende essencialmente o conhecimento das suas instituições, dos seus costumes, da sua civilização;

que os auctores antigos nos fornecem uma somma de conhecimentos que não podemos dispensar; finalmente, que o estudo do latim é indispensavel para o conhecimento da nossa lingua, que d'elle é incontestavelmente filha legitima.

E, por todos estes fundamentos, aliás de valor muito contestavel, é que se pretende que, desde a mais tenra idade, as creanças comecem a ser martyrisadas com um estudo de que não podem tirar nunca os resultados que tão insistentemente se apregoam.

Mas os argumentos summariamente indicados analysa-los-hemos proximamente.

Requeru a sua passagem á inactividade o capitão de mar e guerra sr. Teixeira Guimarães, que foi mandado recolher ha pouco tempo de Leorne, onde representava a comissão da subscrição nacional, a fim de ser substituido nessa comissão pelo sr. Ferreira d'Almeida.

Informa um nosso collega que este facto cau-ára grave impressão nas regiões officiaes e que por isso se guardava a maior reserva relativamente á imprensa.

Que se desse esta reserva, não nos admira, mas não acreditamos que o facto motivasse sensação nas

testavel, sobre o desinvolvimento da intelligencia e sobre a formação de caracter; imaginam-se em plena idade-média, quando o latim occupava um logar preponderante, se não exclusivo, na educação; não se lembram de que esse tempo passou ha muito, nem de que as necessidades e as aspirações da sociedade se modificaram profundamente; e não attendem sequer a que, como judiciosamente observa um professor eminente, A. Bain, o largo periodo de tres seculos, com todas as suas revoluções e com todos os conhecimentos novos que ellas nos trouxeram, diminuiu excessivamente o valor educativo d'essas lingoas.

E, porque não querem reconhecer estas verdades, que, aliás, nem as argucias mais subtis conseguirão illudir ou escurecer; porque parece ignorarem que não é com textos classicos, gregos ou latinos, ainda os mais selectos, e mais ou menos vernaculamente traduzidos, mais ou menos engenhosamente interpretados, que se obtém o assucar da *beterraba*, nem com bellos alexandrinicos que se extrahê a soda do sal marinho, como já ha uns sessenta annos affirmava, em pleno parlamento, um sabio illustre, F. Arago (1); por tudo isto esquecerem, repetimos, é que de todo se inflammam, defendendo um passado que não volta, e que proclamam, como base unica do ensino e educação da mocidade, um estudo, cujo exaggero tem sido sempre objecto de controversia, insurgindo-se contra elle, por vezes, e já de longa data, espiritos dos mais cultos, mestres dos mais auctorizados, criticos dos mais previdentes, todos, enfim, que mais incontestavelmente são considerados como directores espirituaes da humanidade.

Para bem se avaliar como tem sido forte a corrente contra a excessiva intensidade do ensino das lingoas mortas, bastará lembrar que Duclès respondendo á consulta d'uma senhora illustre, que desejava ser esclarecida sobre a direcção que deveria dar á educação de seu filho, o notavel auctor das *Considerations sur les mœurs* exclamou num tom de profunda convicção: *Du français, beaucoup de mœurs, peu de latin et point du grec!*

E D'Alembert nunca pôde comprehender nem achar explicação para este facto singular de se gastarem seis e mais annos a estudar uma lingua morta; parecendo-lhe que, não se estudando para se falar, se deveria gastar com ella apenas o tempo necessario para intendê-la. E, seguindo esta ordem de idéas, os themas latinos, cuja utilidade contestava, pretendia o eminente encyclopedista fossem substituidos por exercicios regulares da lingua materna.

Por exaggerada que julguemos a critica, por vezes violenta, que de ha muito tem sido feita ao estado excessivo das lingoas mortas, como

(1) Discurso pronunciado na camara dos deputados — Sessão de 23 de março de 1837.

Carta de Lisboa

Lisboa, 24 de abril de 1896.

Deve chegar hoje o tenente Coelho. Vou esperá-lo com alguns amigos. Não o conheço.

Estimo por um lado, porque havia de sentir-me comprometido quando elle me perguntasse como vaie isto cá pelo país. Vaie bom. Vão todos bem.

Feitos os meus cumprimentos a quem expôs a sua vida e sacrificou a sua posição e liberdade pela Republica, fica-me ainda o tempo livre para pensar no que vejo e no que continuarei a ver.

Tudo bom, não haja duvida. — Calor esbrazeante. A chuva de ante-hontem depressa passou.

Volta o «espectro da fome» como diz d'ali o amigo Flóres (não conhecem este typo d'um conto do Fialho?) e é uma tortura na garganta dos que ainda esperam a revolta dos miseráveis.

Revolta em Portugal? Essa pergunta fizeram-na todos os degredados de 31 de janeiro durante cinco annos.

E quem lhes respondeu? Diz-me d'ali o Flóres que não ha tempo de pensar em extravagancias.

Que a Cartazinha chega. Este Flóres é burro, mas tem graça.

J. M.

Conflicto

A respeito do conflicto entre o governo e a commissão da subscrição nacional informa o nosso collega o *Jornal do Commercio*:

«Dissémos hontem terem-se arranjado as coisas por forma a poder voltar para Leorne o capitão de mar e guerra sr. Teixeira Guimarães. E accrescentaremos hoje que é d'esta maneira: o illustre official pede inactividade temporaria e assim, desatado do governo, retoma a commissão de fiscal do *Alamastor*, o que, ao que nos informam, uão

constitue uma perrice nem de sua ex^a nem da commissão da subscrição nacional, mas sim uma vantagem para o novo barco, pois que entre o sr. Teixeira Guimarães e a casa Orlando estão combinadas umas modificações que só com este dscal poder ser realizadas».

Que seja uma vantagem para o *Alamastor* a ida do sr. Teixeira Guimarães para Leorne, parece-nos exacto; certo é que ella não representa uma perrice para a commissão de subscrição nacional, antes pelo contrario.

E em que situação fica o governo? Eis o que o *Jornal do Commercio* não diz, nem era preciso. O governo não sóbe nem desce, não adjianta nem atraza. Já agora hade morrer miseravelmente no charco de infamias em que de ha muito vive.

Fez hontem acto de licenciatura em Direito o sr. José Murnoco Ferreira e Sousa, que ficou plenamente approvado.

E-le laureado alumno confirmou mais uma vez os creditos de que sempre gozou, apresentando-se distinctamente naquella difficillima prova.

Não argumentou o distincto professor da faculdade, sr. dr. Arthur Montenegro, que teve de sair para Lisboa em virtude do fallecimento de um tio.

Novos pares

O *Seculo*, sempre bem informado, noticia que serão nomeados os seguintes pares do reino:

Conde de Castro e Solla, conselheiros Antonio de Azevedo Castello Branco, Luiz Soveral Pimentel Pinto, Antonio Funes, Marianno de Carvalho, Antonio Teixeira de Vasconcellos José Novaes, general Queiroz, commandante das guardas municipaes, conselheiro Moniz, Baima B-stos, José de Azevedo Castello Branco e Emygatio Navarro.

Reproduzindo estas informações, o *Tempo* accrescenta:

«Nós sabemos de mais alguns proceres na forja e pelo menos de um, e o *Seculo* tambem o sabe e ainda melhor do que nós.

Mas evitamos dar o nome d'esse um para não prejudicarmos o gaullo geral que ha de experimentar a rapaziada fina da baixa quando esse um vier á luz»

—Mademoiselle Quoniam, fca favor de acompanhar M^{lle} de Croizy, peçovos; disse Amelia de Fayolles.

XXVI

No dia seguinte, depois do jantar M^{lle} de Aurelia de Fayolles, lançou aos hombros um mantelete preto, pôna cabeça uma touca e atravessou os jardins dirigindo-se para a comunidade.

O logar a que particularmente se dava este nome era uma sala de paredes caiadas de branco, ao fundo da qual se destacava a madeira preta de uma cruz, onde pendia um Christo agonizante. Aos seus pés, sobre um pequeno estrado, estava sentada a madre superiora que tinha deante de si, podendo abrangê-las com um simples olhar, as religiosas sentadas em bancos de modo que por entre elles havia uma passagem a todo o comprimento da sala. Uma das irmãs,—cada uma por sua vez,—lia em voz alta sobre um pulpito algum capitulo da *Vida dos Santos*; as outras trabalhavam e ouviam-na.

Por varias vezes o tom cantado e nasalado da leitora,—esse tom inintelligente e insupportavel dos conventos,—fazia-lhes embalar a cabeça numa melia somnolescente em que o joço das agulhas quasi parava; e em breve ca-

Quem será?

Nós cá estamos sempre á espera dos ultimos acontecimentos. Que é ininterrompida a série de torpésas do actual governo.

Nesse ponto ficam muito áquem as nevalgias do sr. João Franco, que muito sentimos, porque são sempre precursoras, como muito bem induz o *Paiz*, de grandes calamidades para a nação.

Acha-se completamente restabelecido do ataque de *influenza*, que o releve no leito por alguns dias, o nosso querido amigo sr. Alexandre Barata, socio da firma Barata & Filho, d'esta cidade. As nossas felicitações.

O sr. Joaquim Alves de Faria foi nomeado escrivão de direito d'esta comarca, no impedimento do escrivão proprietario sr. José Norberto.

Á camara municipal

A *influenza* está-se desinvolvendo assustadoramente. É grande o numero de pessoas atacadas e algumas d'ellas perigosamente enfermas.

Não obstante estamos lutando com tão impertinente epidemia, não ha lavagens regulares das ruas e só de dias a dias se fazem algumas descargas d'agua nas bocas de lobo.

Foram nomeados professores da Escola Polytechnica de Lisboa os srs. Achilles Machado e Thomaz Cabreira.

Está incomodado com um ataque de *influenza* o nosso prezado amigo e conceituado commerciante d'esta praça, sr. Francisco Antonio do Valle. Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

O celebre illusionista parisiense mr. Faure Nicolay, cujos trabalhos tem causado a admiração de todos que tem tido a dita de presenciar-los, acaba de chegar á esta cidade onde se propõe dar algumas sessões de illusionismo coadjuvado pelas suas formosas discipulas Rosina e Paula Nicolay.

A primeira das sessões teve logar hontem no theatro-circo Principe Real, com a assistencia d'um numeroso publico.

O esplendidos trabalhos que hontem presenciámos e que tão justamente tem sido elogiados por toda a imprensa europeia confirmam completamente a fama de que Nicolay vem precedido.

hiriam num somno profundo se um ruído de chaves, agitadas a tempo não tivesse despertado a sua attenção. Era a superiora que lhes lembrava o rigor do dever. Então os seus rostos levantavam-se ao mesmo tempo, com os olhos muito abertos por o energico esforço que dá o medo, e os dedos moviam as agulhas com extraordinaria rapides.

A mãe Saint-Athanase era severa observadora da disciplina, descendente, dizia se, de familia real, com um caracter naturalmente despolico tinha occasião de osati-fazer exercenlo a sua auctoridade. Como não podia mostrar-se altiva, tornava-se desapiedada na observancia da regra. Nenhuma religiosa ousaria desobedece-lhe, nem sequer excitar na execução d'uma ordem.

A leitura terminava e la começar o recreio quando M^{lle} Aurelia se fez annunciar.

—Que ha de novo, mademoiselle de Fayolles? perguntou a superiora, que se tinha levantado lentamente da sua cadeira.

—Minha mãe, linha a fazer-vos uma communicação importante; podeis receber-me?

—Sim, mademoiselle. Saint-Athanase percorreu com um olhar o rebanho das irmãs, um olhar soberano que queria dizer: se saio de aqui um momento, não deixareis de

Instituto de Coimbra

Realiza-se hoje pelo meio dia e meia hora a sessão solemne da inauguração do musen d'archeologia do Instituto, como já noticiámos. Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Realizou-se hontem pelas 11 horas e meia da manhã, o enterro do sr. padre Joaquim Antonio d'Oliveira, prior da freguezia de Santa Cruz, d'esta cidade.

Succumbiu aos estragos d'uma tuberculose pulmonar.

Requerem a sua aposentação o sr. Hermann Christian Drühssen, professor de allemão no Lyceu d'esta cidade.

Sain hoje o Viatico aos entrevados da freguezia da Sé Velha, com a pompa costumada.

Parece que se realizará a 6 do proximo mês a costumada récita de despedida do 5.º anno juridico com a opereta *O Sonho d'um Bacharel*.

Entrou em franca convalescencia de uma angina o nosso prezado amigo sr. José Augusto Corrêa de Brito, intelligente e digno funcionario da repartição de Fazenda do districto. Os nossos parabens.

Ao publico

O sr. Sebastião Dubini, conceituado afinador e constructor de pianos, está actualmente nesta cidade, com pequena demora.

Quem precisar dos seus serviços, póde dirigir-se a casa do sr. Bento Miranda, na rua J. A. Aguiar, 72.

Bibliographia

Revista das Escolas — Interessante semanario que se publica no Porto sob a direcção do sr. Antonio Mesquita. Agradecemos o numero recebido.

O Instituto — Recebemos o n.º 3, correspondente ao mês de março, d'esta excellente revista scientifica e litteraria.

A Critica — Interessante revista theatral, artistica e litteraria. Acha-se publicado o n.º 17. Agradecemos o exemplar recebido.

ficar sob a minha vigilancia. Depois, majestosamente, precedendo M^{lle} de Fayolles conduziu a ao seu gabinete.

Quando a porta se fe:hou sobre ellas a superiora installou se, sempre solemne, no seu fauteuil e offereceu uma cadeira a Aurelia.

—Mademoiselle, disse Saint-Athanase, estou prompta a ouvir-vos.

—Minha mãe, acho-me numa grande perplexidade. Sabeis com que cuidados tenho dirigido a educação de minha prima, M^{lle} Herminia de Croizy; lembrais-vos até que ponto eu levei os meus escrupulos quando se tratou de conceder-lhe licença para ir passar as ferias ao Castello de Villy. Ah! tinha eu ou não razão em recear para ella os effeitos da vida mundana? Não encontro já nella a submissão da nossa educanda, desde hontem que estou em presença d'uma joven que, se não se revolva immediatamente contra os meus conselhos, ameaça-me com tudo de resistir-lhe. Minha mãe, que hei de fazer neste caso?

A arrogancia de M^{lle} de Fayolles, a sua propria firmeza caía sempre diante da mãe Saint-Athanase. A velha Aurelia com toda a sua nobreza sentia-se pequena deante d'aquella que collocava o seu nascimento junto d'um throno.

A superiora encrespou levemente a sobranceira e reflectiu um instante.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 60

Abriu no 1.º de abril o Hotel da Matta do Busaco.

Revue des Journaux et des Livres

12.º anno

Recommendo aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: — Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romances, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a *Revista* dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos de *Revue des Journaux* contém mais de 4.000 novellas litterarias e contos diversos assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Malot, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emile Zola, etc. A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em cartá-album. Um livro de 3 fr., á escolha; um de 2 fr. e 50., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assinatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte. Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 13, rua Cojas, Paris.

— Esperemos mais alguns dias, respondeu finalmente; não a constranjamos bruscamente, é o mais prudente. Deixaremos a M^{lle} de Croizy retomar os seus habitos e reviver no meio dos nossos santos exercicios. Ah! mademoiselle, se a influencia do mundo abalou a sua fé, é preciso recomçar a nossa obra com paciencia!

— A sua fé abalada? Oh! minha mãe, nunca isso me seria perdoado!

— Resae, mademoiselle, resae! Eu julgo que o mal ainda tem remedio. Levae-a com bom modo a confessar-se o mais cedo possivel. Da minha parte eu recommendarei ao confessor para que se exforce em conhecer o estado da sua alma, trabalharemos depois com mais segurança. Esta criança sem fortuna de que vós sois a unica familia, está, enfim, em nosso poder. Ide em paz, mademoiselle de Fayolles, disse a mãe Saint-Athanase levantando-se; e conto absolutamente com vossa intelligencia para consolidares a vocação de M^{lle} de Croizy.

E despediu Aurelia com um ar muito amavel.

Os dias passavam sem que M^{lle} de Fayolles tirasse de Herminia alguma cousa, nem mesmo impondo a sua auctoridade. Escreveu, em vista d'isto, um bilhete desesperada á superiora.

(Continua).

52 Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXV

—Quanto a isso, mademoiselle, respondeu seccamente M^{lle} de Croizy, ainda heide reflectir algum tempo, se m'o permittes.

—Estarcis vós disposta, por acaso, a retardar indefinidamente o vosso ingresso na vida religiosa? perguntou M^{lle} de Fayolles perturbada e irritada. Reparaí que já vos dei um mês de ferias a mais, Herminia.

—Pois está bem, mademoiselle. Preciso ainda de consultar a minha consciencia antes de tomar uma resolução inabalavel.

—Oh! Oh! cochichou a conega ao ouvido de M^{lle} Carolina de Fayolles. Teremos por ali mouro na costa?

M^{lle} Amelia percebeu que não levava a melhor nesta luta com a s-brinha, o que a faria descer do seu habitual aprumo.

—Amanhá faremos; agora não é occasião d'isso, mademoiselle.

—Como quize des, mademoiselle de Fayolles; então, peço vos, e a estas senhoras, licença para me retirar. Preciso descansar.

Taboleta

17 **Vende-se** uma de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
51203 *Cirurgião dentista*
Herculano Carvalho
104307 *Medico*

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

16 **Consultas** todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 241.000.000

SEDE EM LISBOA

15 **Esta** companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Audrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

14 **BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestis*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.
Rua das Figueirinhas, 45. — Coimbra.

Cavallos, muares, etc.

13 **As** sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferível á nptura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos — Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Depósito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis **Depósito em Coimbra** — Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 28 a 34

12 **Chegou** nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.
Papelaria Central

11 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Casa mobilada no Campo

10 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozelbas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO
Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

9 **Grande** sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

59, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais appparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingtez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Cristofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimaraes.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA
Vende-se a prestações de 500 réis mensaes

Encomendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas e odicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diatnese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como *renal na albuminuria, diabetes, etc.*, podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias — DEPOSITO GERAL — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans; Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto — Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra — RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE S. NHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medi-o, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accomodações desde 1520 réis comprehendendo serviço, club etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Toy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **Ameendoas** de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhanã e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleccões.

Propriedade

4 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvoredos de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almeque, morador á Guarda Inglesa.

Quinta

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvoredos de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Aviso aos lavradores

2 **Na** cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de primeira classe em Paris
Estas capsulas acham-se com os frascos em 48 botas, supprimento a Copaliba, Cubebas e Infusões.
Dep. em Port. e na Vistosa e as principal Pharm.
Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 8

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 25700
Semestre 13350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 25400
Semestre 13200
Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 125

COIMBRA — Quinta feira, 30 de abril de 1896

2.º ANNO

A crise em França

É grande a importância que se liga ao conflicto que em França se acaba de dar entre o senado e a camara dos deputados, não faltando até quem o considere como prova da insubsistencia e proxima queda das actuaes instituições politicas d'aquelle país. Filho de superficialissima observação quando não devido a tradicionaes preconceitos ou interesseiros sentimentos, tal vaticinio nem as honras da discussão merece. A França continuará a ser republicana, seguirá impavida na implantação de reformas cada vez mais democraticas. O proprio conflicto que ultimamente se abriu, e cujo desenlace, dentro das normas constitucionaes, não é dado por ora prever com firmesa, é segura prova da nossa affirmação.

Mesquinha é a concepção que circumscreve as causas e efeitos da crise que a França atravessa a meos attrictos no funcionamento de politicas engrenagens e a reformas na constituição que os façam desaparecer. A propria natureza das instituições politicas e a analyse desapassionada e bem orientada das idéas que em França se têm desenvolvido e a que obedeceram já as revoluções de 89 e de 48, conduzem á filiação d'essa crise nas condições de character economico, cuja transformação ha de determinar irremediavelmente luctas gigantescas, num prazo mais curto do que muitos prevêem, em todos os Estados civilizados. Desfeita a miragem que tão fortemente seduziu os revolucionarios de 89, sentindo-se hoje mais do que nunca as desigualdades sociaes, vendo-se um reduzido cortejo de opolencias estonteadoras ao lado d'um interminavel sequito de lastimosas miserias, contestada ou posta pelo menos em duvida a legitimidade por que aquellas se adquiriram, abandonada a evangelica resignação para soffrer estas e demonstrada em todo o caso a justiça de limitar tanto quanto possível o numero dos infelizes pela radical substituição de instituições privilegiadas, a onda revolucionaria alastra-se de novo em França e de modo algum reputamos possível sustê-la.

A burguezia d'um lado, o proletariado do outro; individualista aquella, socialista este, a lucta está ameaçadoramente travada entre elles.

Não são fórmulas meramente abstractas por que se pugna; são interesses que se defendem, exigencias do estomago que se impõem.

É ahí que reside a causa da crise que em França, o país dos gene-

rosos ideaes, das aspirações puras e humanitarias, se está dando. O conflicto entre o senado e a camara dos deputados deriva d'ella; foi ella que motivou a queda do governo; será ella que determinará amanhã uma revisão da constituição. Symptomas por que a crise se revela, apparecerão cada vez mais graves á medida que o partido socialista se fór robustecendo e que a burguezia sinta a necessidade de se entrenchear em novos reductos.

Mas as instituições politicas da França contribuirão por ventura para o aggravamento d'essa lucta? Ee modo algum. Pelo contrario, nós vemos nessas instituições um dos meios mais efficazes de attenuar as perigosas consequencias que de ella necessariamente hão de derivar no periodo de transição para o novo regimen.

A substituição do regimen democratico em que, no meio das maiores commoções, as instituições politicas da França têm dado exemplo severo do mais rigoroso acatamento da lei e das indicações da opinião publica, por um regimen despotico, ou, antes, burocratico, em que esta fosse completamente desprezada e aquella vilmente desacatada, como se dá sempre que as forças vivas da nação são afastadas dos negocios publicos, daria margem a que se lançasse mão de meios violentos a fim de se implantarem pela força reformas que agora vão sendo realisadas, embora em pequena parte, pelos meios legais. O partido socialista faz ouvir no parlamento a voz eloquente dos seus sequazes mais auctorizados; tem conseguido esse partido fazer-se representar no governo e, com o crescente apoio da opinião publica, não poucas serão as aspirações que verã realisadas sem produzir os violentos abalos que inseparavelmente acompanham e necessariamente derivam d'uma revolução. Dado até que assim não succedesse, só do facto de serem publicamente apresentadas e discutidas as aspirações do partido socialista resultaria a incontestavel vantagem de ellas se definirem e precisarem, orientando-se assim a opinião publica.

A idéa de que se pôde pôr termo a uma crise originada nas condições de vida do proprio organismo social ou evitar que se opere um determinado movimento em harmonia com as transformações que nessas condições se effectuam, entregando o poder politico a um só homem ou tornando-o apanagio d'uma oligarchia, não traduz só o completo desconhecimento da historia; attesta desarranjo nas faculdades mentaes.

E tão longe vae este, que até jornalistas ha que affirmam ser as condições politicas de Portugal superiores ás da França. Quando entre nós se manifesta a mais profunda descrença nos poderes politicos; quando todos os cidadãos sérios e honestos se afastam cautelosamente da monarchia; no momento em que funciona uma camara composta de individuos que se dizem representantes do povo mas a que este dá o nome de *barrigas*; quando vemos que o governo do rei e os seus representantes praticam com o maior cynismo os maiores attentados contra a lei, os roubos mais descarados, os mais criminosos esbanjamentos, vem dizer-se que a situação politica em Portugal é superior á da França!

Lá ha um presidente da republica de incontestavel valor que sabe respeitar e fazer respeitar a constituição; cá temos um rei que pede que o não sequem latando-lhe de negocios publicos e que quebra os mais solennes juramentos com a mesma facilidade com que bebe um copo de agua. Em França ha um parlamento que representa genuinamente a opinião publica e sabe orientar-se por ella; em Portugal ha um *Solar dos Barrigas* a que o país não liga a minima importancia. Em França succedem-se no poder executivo estadistas de verdadeiro merito que sabem abandonar as suas pastas quando não podem realizar os programmas de governo que traçaram e que seguem as normas da mais rigorosa moralidade e economia na administração dos negocios publicos; em Portugal succedem-se no governo verdadeiras nullidades, caracteres baixos e indignos, que só se tornam notaveis, como o dictador do Fundão, por suas desmedidas ambições e revoltante cynismo.

Mas ainda agora reparamos em que estamos a confrontar a França republicana com Portugal monarchico...

Effeitos da anarchia que por ahí lava.

Um correspondente de Lisboa para um jornal do Porto diz que os *barrigas* são em Lisboa conhecidos pela característica designação dos *Fratel*.

É uma gloria para o districto de Coimbra.

Partido republicano

Realisa-se amanhã em Ourique a eleição da commissão municipal republicana, a cujo acto assistirão os nossos correligionarios dr. Jacintho Nunes, dr. Horacio Ferrari, dr. Manuel Brandão, dr. Affonso de Lemos, Baptista Ribeiro e Alves Corrêa.

Excepção odiosa

Pelo projecto de lei do recrutamento, em discussão no *Solar dos Barrigas*, ficam exemptos do serviço militar os alumnos tanto dos seminarios como da Faculdade de Theologia que recebem ordens maiores até aos 25 annos. Para os alumnos dos outros cursos superiores não ha excepção do serviço militar, sendo obrigados a pagar uma somma importante aos 22 annos os que estejam sujeitos ao tributo de sangue.

O governo manifesta assim mais uma vez o seu espirito eminentemente reaccionario, atrahindo alumnos para os cursos theologicos e afastando dos cursos scientificos os que não tenham consideraveis recursos pecuniarios. Não julga sufficiente que se paguem importantes sommas ao Estado em propinas, cartas, matriculas, etc.; exige agora que se pague o imposto de sangue. Esta medida, que ainda poderia ter defêsa se fosse geral e exigida pela segurança do Estado, ha de crear sérios embaraços a alguns alumnos de institutos litterarios e scientificos que estão sendo subsidiados pela caridade particular, por instituições de beneficencia ou legados de benefeitores; talvez até torne impossivel para alguns a continuação do curso, em que bem podem ter dado as melhores provas de talento e applicação.

Mas em nada d'isso pensa o governo. Quiz mostrar quanto era dedicado aos bispos que na camara dos pares foram defendê-lo numa causa caracteristicamente politica; quiz patentear que a monarchia está disposta a tudo para que lhe não falte o apoio da nação e, como isso não se tornasse bem evidente por uma excepção concedida aos alumnos tanto dos seminarios e da Faculdade de Theologia como dos outros institutos superiores, abriu uma excepção, só para os primeiros.

Alguns *barrigas*, que em tudo têm acompanhado o governo, votaram contra elle nesta questão. Mas não se julgue que foi o amor da justiça que a isso os moveu.

Tudo se explica pelas relações de paternidade e pelos interesses proprios d'algumas das *forças vitaes* do país.

Informa o correspondente telegraphico da capital para o *Comercio do Porto* que a Companhia Geral dos Phosphoros deu ordem terminantemente aos seus agentes, a fim de evitar inuteis vexames, para que não perseguissem os portadores de isqueiros, reservando a fiscalisação rigorosa para depois que a Companhia annunciê que vae expôr a sua isca á venda.

Achamos bem entendido este procedimento e de justiça era que se tivesse seguido o mesmo relativamente aos phosphoros em que, por uma injustificavel e precipitada resolução, se abriu uma odiosissima excepção para alguns detentores de phosphoros que tiveram de pagar avultadas multas por causa das apprehensões que lhes foram feitas.

Museu d'antiquidades

No domingo inaugurou-se, como noticiámos, o *museu d'antiquidades* do Instituto.

Era numeroso o concurso de damas e cavalheiros, achando-se representadas todas as auctoridades civis e militares.

A sala das sessões estava decorada pelo sr. dr. Julio Henriques, com grupos de plantas dispostas com a intensão decorativa que todos conhecem e que já teve as honras d'uma pagina de *Bordallo Pinheiro* no *Antonio Maria*. Sobre a mesa, rodeada de cadeiras do alto espaldar, abria-se um enorme *bouquet* de rosas entre fetos e folhas largas de plantas tropicaes.

Aos lados, dois grupos em que um sem numero de plantas se misturavam, numa disposição muito decorativa em *bouquets* d'um colorido muito variado. Pela escadaria havia grandes grupos de plantas em flor.

Pela 1 hora da tarde chegara o sr. bispo-conde, presidente honorario da da secção de archeologia do Instituto, que foi recebido á porta do edificio pelo sr. reitor da Universidade, socio benemerito do Instituto e por toda a direcção da secção d'archeologia.

Por entre alas de convidados dirigiu-se s. ex.ª á sala das sessões, tomando o logar da presidencia, ao lado do sr. Reitor, Governador civil, presidente da camara, presidente do Instituto e presidente da secção d'archeologia.

Seguiram-se os discursos.

Antonio Ribeiro de Vasconcellos. — Discurso simples, simplesmente dicto. Era dia de festa, a secção d'archeologia deu uma prova nova da sua actividade, realizara mais um acto que a impunha á benemerencia do país,—la inaugurar o *museu d'antiquidades*, reformado, augmentado, muito differente do que dantes era.

Traçou rapidamente a historia da secção d'archeologia desde a sua iniciação por proposta de A. A. Philippe Simões até ao estado actual, elogiando os socios fallecidos que lhe prestaram o auxilio da sua intelligencia e do seu trabalho, o prior da Sé Velha, Ayres de Campos, Miguel Osorio, deixando de lado os vivos que continuaram a obra dos seus antecessores, mas a quem não fazia referencia para lhes não offender a modestia. Fez apenas duas excepções, a do bispo conde a que a sociedade prestara a homenagem que devia, nomeando o seu presidente honorario, espirito esclarecido que fundara o museu episcopal e emprehendera a obra de restauração da Sé Velha, e o sr. Reitor da Universidade, nome de sabio conhecido no estrangeiro, trabalhador infatigavel a que o Instituto devia favores e serviços desde a sua fundação, e que agora dera espontaneamente ao Instituto auxilio e favores, sem os quaes seria impossivel renovar o museu e abri-lo ao publico.

Terminou chamando a attenção do publico para o museu e pedindo a collaboração de todos para uma obra que de todos era. O país deixara-se atrazar, pouco restava do nosso espolio artistico, cada um sabia onde havia um pouco das nossas riquezas, que todos trabalhassem para augmentar o nucleo das colleções. Seria um benefico feito a todos, um benefico feito ao país.

O sr. Bispo-Conde. Viera sem auctoridade, para agradecer serviços recebidos, para não molestar ninguém com desconsiderações que poderiam imaginar-se, mas que não estavam no seu animo. Não sabia fallar. Passara a sua vida a lidar com homens, não tivera tempo para manusear os livros. Muito tinha a agradecer á sociedade as suas attencões, e ao orador as phrases immerceidas que lhe dirigira. Tinha lido sempre na sua vida collaboradores e

amigos, e todos lhe attribuíam as obras dos colaboradores. A restauração da Sé Velha não era sua, como sua não era a criação do museu episcopal. Em ambos tivera colaboradores amigos e dedicados.

Dirigindo-se as senhoras numa allocação elegante e distincta, convidou-as a animar estas luctas incruentas do saber, como as antigas donas animavam com os seus sorrisos os paladinos que iam longe morrer pela religião e pela Patria.

Exortou os litteratos, sabios e historiadores a trabalharem para continuar a fazer d'esta terra o emporio do saber da nossa Patria, por augmentar a instituição que o rei lavrador semeára nesta nossa terra e que, mercê da fertilidade do solo, e do trabalho activo dos cultores, tinha tomado tão extraordinaria robustez; que todos fizessem por lhe avigorem as raizes que a prendiam ao solo, por augmentar os ramos que se abriam no ar. A arvore era grande; por isso era mais batida dos ventos, mordida d'odios e invejas.

Elle era o unico que destoava em reunião tão brilhante. Sem o merecer, viera, como prelado e como christão, porque muitos dos objectos expostos eram d'arte christã; fôra isso que o animára, e fizera vir ali agradecer a tantos sabios e tantos artistas o terem-se desprendido de preconceitos e terem-o convidado a elle, como ministro de Christo a presidir a uma festa de sciencia. No nosso país a religião e a arte haviam-se dado as mãos, quem destruisse os templos, teria destruido as nossas principaes obras, d'arte, teria inutilizado os padrões das nossas glorias — a Batalha e os Jeronymos. Patria, Religião e Arte andavam de mãos dadas em Portugal, faziam obra commum. Que todos se lembrassem d'isso que ninguém o esquecesse nunca.

O sr. dr. Costa Simões. Não tinha qualidades para presidir a uma assembleia d'archeologos, e estava confundido com as palavras d'elogio que lhe haviam sido ditas pelo sr. dr. Vasconcellos. Serviços a archeologia nenhuns tinha feito. No museu havia apenas algumas antiguidades prehistoricas que para lá mandára, o que não era motivo que o impozesse a consideração da sociedade d'archeologia.

Como director do Instituto, pouco fizera; pedira muito e pouco conseguira.

Limitaram-se apenas os seus serviços, quando director, a querer reformar e modificar o character da sociedade que d'um estabelecimento de instrução se convertera em casa de prazer, absorvendo os jogos a attenção que só devia gastar-se em trabalhos scientificos. Não podendo domar a corrente, pedira a sua demissão. Pouco depois operava-se a reforma do Instituto na direcção que elle quizera imprimir-lhe.

Se essa reforma foi o resultado de sua attitudde, esse era o unico serviço que podia reivindicar, o unico de que podia orgulhar-se.

É certo que trabalhou activamente na redacção d'O Instituto, mas, disse s. ex.^a modestamente, os seus trabalhos não tinham valor.

Nunca fizera nada como archeologo, e a secção d'archeologia dera o nome d'elle a uma das suas salas, ficando assim o seu ao lado do nome d'Ayres de Campos! Nunca o seu nome, disse s. ex.^a, estaria como justiça em qualquer parte ao lado do de Ayres de Campos, e muito menos alli, no museu d'archeologia que tantos serviços devia áquelle archeologo, áquelle historiador.

Assim, não podia acceitar a presidencia ao lado do sr. Bispo Conde a quem a archeologia tanto devia, não podia sentar-se-lhe ao lado como archeologo. O dr. Costa Simões nunca o fôra. Viera por isso como Reitor da Universidade, de que o Instituto sabia, e de que poderia considerar-se como dependencia, viera como Reitor da Universidade, certo de que só nesta qualidade se poderia sentar ao lado do sr. Bispo Conde, certo de que nesta qualidade a camaradagem devia ser grata a s. ex.^a rev.^{ma}

As palavras tão chelas de modestia do sr. dr. Costa Simões foram recebidas com uma prolongada salva de palmas, levantando se então para falar de novo o sr. Bispo Conde.

— O sr. Bispo Conde levantou d'uma forma delicada as palavras do sr. Reitor da Universidade, fazendo o elogio do dr. Costa Simões, o professor vene-

rado e respeitado, o sabio conhecido pelos seus trabalhos originaes de naturaes e estrangeiros, o character inflexivel, a vontade indomavel, de ferro, o trabalhador infatigavel e sempre na arena, o homem despido de vaidades, o modestissimo dr. Costa Simões que elle conhecia d'ha muito e que d'ha muito respeitava, e a quem havia dado a sua amizade. Agradeceu em seu nome e no da sociedade de que era presidente honorario, ao sr. dr. Costa Simões o ter honrado áquelle acto com a sua presença, e com a auctoridade nunca discutida de sua palavra, o ter-se-lhe associado, quando elle era o mais digno de presidir áquelle acto.

O improviso do sr. Bispo Conde, provocado pelas palavras modestas de Costa Simões, que esquecera toda a sua vida de sabio, e o respeito que todos devem ao seu trabalho e á sua intelligencia, para se lembrar apenas da alta dignidade que occupava, considerando-a como unico motivo á consideração dos seus concidadãos, foi coberto de applausos, que estrondearam com mais força, quando o sr. dr. Costa Simões, muito commovido pelas palavras de amizade do sr. Bispo Conde, impregnadas da mais austera justiça, se debruçou a beijar-lhe o anel, abraçando-o então s. ex.^a

Da sala dirigiram-se todos ao museu cujas portas foram descerradas pelo sr. Bispo Conde e pelo sr. Reitor da Universidade que se demoraram a ver minuciosamente os objectos expostos, voltando depois a assignar o auto de inauguração.

O museu conservou-se aberto toda a tarde e tendo sido visitado por centenas de pessoas que se interessavam pelos objectos expostos, pedindo indicações que lhes eram dadas pelos membros da direcção da secção d'archeologia.

Notas

Augmentou consideravelmente o numero de objectos expostos.

Na primeira sala estão todas as antiguidades até ao seculo XVI, na segunda expozeram-se os que datam do seculo XVI em diante.

É notavel a collecção de faiança que é talvez unica, como representação do fabrico coimbrão.

Ficaram por expôr por falta de espaço exemplares muito curiosos do seculo XVII, o fabrico de Coimbra no seculo XVIII ha exemplares de um oleiro — Briosio — collecção unica de muito valor documental.

Acham-se tambem expostos os unicos exemplares que ha conhecidos de olaria do seculo XVI.

Na secção de escultura ha a notar varias imagens da Virgem muito curiosas (seculo XIV e XV), uma arca tambem e varios baixos relevos em jaspe dos seculos XIV e XV.

A collecção de escultura do seculo XVI é, sem duvida, a primeira do país.

1.º de maio

Em Lisboa será celebrado este dia com grandes manifestações, algumas das quaes promettem ser imponentes, principalmente o cortejo em que se encorporarão todas as sociedades operarias da capital.

Publicar-se-ha um manifesto, de que serão tirados 50:000 exemplares.

Procedimento incorrecto

Deu-se em Lisboa um conflicto grave entre o director do *Universal*, sr. Constancio Roque da Costa, e os srs. Raphael d'Andrade e Gomes da Costa, que ha pouco regressaram da India. Causa do conflicto, uns artigos violentos do sr. Constancio da Costa contra estes em virtude de factos de excepcional gravidade que praticaram na India; circumstancias em que se deu . . . não sabemos. É tão notavel a divergencia que se nota entre o modo por que se encontra relatado nas diferentes fo-

lhas da capital e em algumas correspondencias para os jornaes da provincias, que difficil se torna apurar a verdade.

Não occultaremos que em alguns d'esses jornaes vêm referidas circumstancias que nos parecem inacreditaveis, e talvez sejam motivadas pelo desejo de fazer recahir a principal responsabilidade do conflicto e da gravidade que assumiu sobre o sr. Constancio da Costa. Não conhecemos este jornalista e tambem não mantemos as minimas relações com os outros individuos que entraram no conflicto.

Fallamos, pois, desapaixonadamente, dizendo que esses jornaes procederam incorrectamente ao referir taes circumstancias, que dizem terem-lhes sido comunicadas por pessoas fidedignas. Não invocaremos o facto de se tractar d'um collega; notaremos simplesmente que se tracta d'um facto que envolve responsabilidade criminal. Isto basta para condemnar um procedimento pelo qual se póde influir não só na opinião publica mas até no espirito dos magistrados.

Nestes assumptos seguimos inalteravelmente o systema de relatarmos os factos que estão devidamente apurados; nunca lançamos mão d'um *diz-se*, d'um *somos informados por pessoas fidedignas*, para influirmos sobre a opinião publica neste ou naquella sentido. E nem outra coisa póde fazer a imprensa séria e independente.

Corre que o celebre matador Guerrita abandonou o toureio. Que ferro para os afficionados!

Gabinete francés

Os ultimos telegrammas sobre a solução da crise são os seguintes:

Paris, 28, m.—Os jornaes parisienses consideram certa a formação d'um gabinete Méline, inteiramente moderado, com o sr. Hanotaux no ministerio dos negocios estrangeiros, e o general Billot no ministerio da guerra. Prevê-se que este gabinete seria vivamente combatido pelos socialistas e radicaes colligados.

Paris, 28, t.—O sr. Méline continua as negociações, que vão em bom caminho, para organizar ministerio. O sr. Sarricn recusou o offerimento que lhe fez o sr. Méline, de fazer parte do novo gabinete. Na combinação ministerial que actualmente se apresenta, são certos: o sr. Méline para presidente do conselho e ministro da agricultura, o deputado republicano Barthou para ministro do interior, o sr. Hanotaux para ministro dos negocios estrangeiros, o deputado republicano Jorge Cochery, para ministro da fazenda, o deputado republicano Deschanel, para ministro das colonias, o deputado republicano André Lebon para ministro do commercio, e o senador republicano general Billot para ministro da guerra; e são muito provaveis: o deputado republicano Darlan para ministro da justiça, o almirante Bernard para ministro da marinha, e o deputado republicano Vallé para ministro das obras publicas. A nomeação do novo ministerio não será publicada na folha official senão na quinta feira, e o gabinete ha de apresentar-se no mesmo dia ao parlamento, querendo estar já em funções no 1.º de maio para não declinar as responsabilidades d'esse dia.

A camara abriu-se estando presentes poucos deputados, e por isso, depois de approvada a acta da sessão anterior, adiou-se para amanhã.

Parece, pois, que se constituirá um gabinete conservador. Não era esta a solução que se esperava, attenta a attitudde que havia tomado a camara dos deputados e, quando se dê, curta será a duração d'esse governo, haja ou não dissolução d'essa camara.

Um cavalheiro

Vieram dizer-nos contentes:

— Sabe? O seu Franco Frazão, director das obras publicas de Coimbra foi agraciado com o habito de S. Thiago.

Não nos surpreendeu a noticia. Ha muito que elle o merecia. Nós mesmo o haviamos já feito cavalleiro de S. Jorge, o que não era mau, apesar de menos peninsular.

Caballero de S. Thiago! Caracoles! . . .

Ora ahí vae uma historia! . . .

Andava el-rei D. Luiz a visitar Vizeu.

Almoçára bem, comera deliciosamente.

Depois d'almoço foi vêr a terra. Entrou na sachristia da Sé, e ficou-se parado, sem uma palavra diante do S. Pedro.

A côrte que digeria a rir, calára-se tambem, el-rei ia andando calado, sem vêr ninguém, quando deu, horrorizado, com um quadro em que S. Sebastião agonizava no meio d'uma paisagem horrorosamente restaurada. A um canto um bocado do ceu sem retoque, enchia a alma de saudade do quadro que se fôra.

El-rei indignado perguntou:

— Quem deixou restaurar este quadro? Que pena . . .

Fontes adiantou-se depressa e apresenta o sr. Antonio José, pintor de Vizeu muito distincto, restaurador dos quadros da Sé.

D. Luiz estaca, córa, e numa determinação surpreendente arranca um habito do peito e crava-o no peito de Antonio José.

Assim foi condecorado o restaurador dos quadros de Vizeu, assim foi premiado o homem que destruiu os maiores titulos de gloria dos nossos pintores do seculo XVI! . . .

Ninguém applique o conto! Franco Frazão foi bem agraciado . . .

Se até nós o haviamos já feito cavalleiro de S. Jorge . . .

O novo titulo é mais flamenco, diz melhor com a sua capa á hespanhola . . .

Estamos a vê-lo passar entre as multidões boqui-abertas, montado no seu ginete branco, fluctuante ao vento o manto branco da Ordem, no peito a cruz em sangue, o bigode cahido, o olhar poeirento.

Todos se descobrirão e perguntarão: para onde, para onde irá o novo cavalleiro? Para a Palestina á guerra ao Infiel, irá a Rhodes a combater o Turco? . . .

E, como o seu conhecido compatriota de Compostella, o novo cavalleiro de S. Thiago responderá resignado e triste:

— Num xe xabe! . . .

Despachos de New-York dizem que a emissão de *bonds* cubanos offerecidos a 62 p. c. no valor de 2 milhões de dollars, foi coberta 5 vezes.

Os insurrectos cubanos têm, como se vê, mais credito que o governo português.

Haja mais prudencia

A proposito d'uma triste occorrença que se deu na capital, algumas gasetas entraram no largo campo das conjecturas não duvidando dar como provavel que um pae tivesse assassinado o filho.

Bem cedo se encarregaram os peritos de verificar que não tinha havido o crime de homicidio, dando como completamente destituidas de fundamento as conjecturas da furiosa reportagem. Ainda assim, se porventura o infeliz pae, no desespero da sua dôr, podesse lêr algum dos jornaes em que lhe era attribuido o mais nefando dos crimes, que lancante e desesperadora angustia não devia sentir!

Haja mais prudencia, sejamos mais humanos. Não lancemos precipitadamente á publicidade noticias que podem produzir os mais deploraveis resultados.

Não é assim que a imprensa se nobilita; não é assim que cumpre a sua nobre missão.

Regressou do estrangeiro o nosso eminente correligionario Rodrigues de Freitas. Boas vindas.

Cuba

Um telegramma do Rio de Janeiro informa-nos de que na proxima abertura das camaras o deputado Themotio proporá o reconhecimento da qualidade de belligerantes aos insurrectos.

Governador civil

Para a direcção superior do districto de Coimbra, vaga pela exoneração forçada do sr. dr. Neves e Sousa, que já tomou conta da sua vara de juiz em Lisboa, têm sido indigitados diversos triumphos mais ou menos authenticos da politica — têm circulado os nomes dos srs. Antonio José Teixeira, Antonio dos Santos Rocha, conservador do museu archeologico da Figueira da Foz, e do sr. Pereira dos Santos, engenheiro e lente da Eschola do Exercito.

Mathematicos, archeologos, militares . . . para chefe administrativo do districto não se póde encontrar melhor!

Mas parece-nos bem que ainda não será nenhum d'elles.

Exame de licenciatura

Realiza-se no proximo sabbado o do laureado alumno da Faculdade de Direito sr. Alvaro da Costa Machado Villela, cujos argumentos são:

Dissertação — A emigração portuguesa. Meios de a evitar ou de a derivar para as nossas colonias.

Arguente, dr. Avelino Callisto.

1.º grupo — Liberdade provisoria e condemnação condicional.

Arguente, dr. Paiva Pita.

2.º grupo — Sociedades cooperativas: especies, organização, historia e critica. Lei que as rege em Portugal.

Arguente, dr. Assis Teixeira.

3.º grupo — Contencioso administrativo em Portugal segundo a legislação em vigor.

Arguente, dr. Frederico Laranjo.

4.º grupo — Registo dos casamentos segundo a legislação portuguesa.

Arguente, dr. Lopes Praça.

5.º grupo — Suspeições no processo portugues.

Arguente, dr. Guimarães Pedrosa.

Carta de Lisboa

Lisboa, 28 de abril de 1896.

À hora em que lhes escrevo difficil é ler um periodico, sem correr o risco de ser levado em braços para o hospital. Na verdade, as noticias, da primeira á ultima, só fallam de facadas, Plena dictadura da Mouraria.

×

No domingo, Lisboa alarmou-se porque um individuo, em seguida a levar bengaladas de outro, lhe deu um tiro.

Lisboa cobarde tremeu, Lisboa prudente protestou.

O caso passou-se junto ao monumento dos Restauradores e o povo fugiu até ao Terreiro do Paço.

Um tiro, meus senhores, um simples tiro tal horror causou, que das lojas da Avenida foram tiradas dezenas de pessoas que nellas se haviam precipitado espavoridas.

Esta cidade é verdadeiramente a rainha do oceano, de marmore e de granito!

O caso passado, parece derivar das questões da India.

Há quem chegue a affirmar que de todos os combates por causa da revolta este foi o unico verdadeiro.

E tal pressa de arranjar uma figura de rhetorica de heroismo anima os nossos chronistas, que já hoje vi annuciado um poema sobre o caso, tendo este titulo — *O segundo Cerco de Diu*.

Como de costume o nosso amigo D. Carlos apressou-se a enviar a seu irmão vice-rei, o *telegramma de repetição*:

— Felicito-te e mais todos, o Sebastião adhere.

É por estas e outras que o D. Affonso é um heroe.

×

Na distribuição dos premios aos expositores do *Gremio Artístico*, coube á rainha collocar ao peito de seu esposo a medalha de 1.ª classe.

Hontem dizia eu a um amigo que os quadros premiados eram do Casanova e não do rei. Pois o amigo respondeu-me que não, que os do Casanova não prestavam e que o do rei era bom, merecera o premio.

D'onde eu conclui o seguinte, para não mudar de opinião:—Que os quadros bons do rei são feitos pelo Casanova e os quadros maus do Casanova são feitos pelo rei.

×

Os jornaes pouco podem dizer-lhes da conferencia do coronel Galhardo, em S. Carlos.

Pois saberão os meus amigos o seguinte: Que a conferencia foi uma tarefa formidavel em todos, desde os ministros até ao Ennes e desde o Ennes até varios empregados. Em resumo, provou-se o que nós temos dicto:—Que se venceu, só porque os soldados foram valentes.

Pois não se fez nada por parte do governo e do commissario regio que não fosse asneira.

A nota original da noite foi ter o rei apparecido em habitos de mulher.

O espanto durou até que elle fallou offerecendo os meninos para marcharem á Africa. Percebeu-se então que se *travestia* em D. Philippa de Vilhena.

É a segunda vez que elle assim recita o mesmo discurso.

Da primeira foi no Paço, num banquete aos expedicionarios.

Todavia o *Tempo* descobriu agora, para engrandecer o rei, que a sua voz se parece com a de José Estevão.

É pois o soberano um bello imitador de vozes.

Convém todavia notar que em José Estevão havia melhor predicado que o da voz.

Parece que o homem tinha talento.

O que até agora não creio que seja facil de imitar, pelos reis principalmente.

Conheci o tenente Coelho. Tem talento, estuda e é um homem de bem.

Creio que não restam duvidas a tal respeito. Será pois bom que o estimem e que o respeitem.

×

Um sujeito appareceu a massarme com intriguinhas republicanas. Respondi-lhe que me deixasse em paz e prometti-lhe bengaladas.

O homem não quiz. Ainda bem.

J. M.

Dr. Jeronymo Silva

Foi ultimamente alanceado pelo desgosto profundo e cruciantissimo da morte d'um filhinho seu, o nosso illustre amigo e dedicado correlligionario, sr. dr. Jeronymo Silva, distinctissimo medico em Poiares.

Ao nosso amigo, manifestando-lhe a viva dôr que em nós produz o seu desgosto, enviamos o abraço do nosso pezar.

As exposições

Não faltam exposições para este fim do seculo. E senão veja-se:

1896: Exposição de industria e das artes de edificação, em Odessa; exposição internacional, em Cannes; exposição internacional de Moos; exposição nacional e colonial, de Rouen; exposição nacional, de Genebra; exposição industrial, de Berlim; exposição internacional maritima e de pesca, de Kiel; exposição internacional, do Mexico; exposição de Brisbane; exposição do Pará; exposição das colonias, de Paris; exposição de electricidade, de New-York.

1897: Exposição universal de Bruxellas; exposição do Rio de Janeiro

1898: Exposição universal de Amsterdam; exposição de S. Paulo.

1899: Exposição de Adelaide.

1900: Exposição universal de Paris.

Julgamento

Ámanhã, sexta feira, realizar-se-ha em audiencia geral o julgamento de Antonio José Miranda, de Valle de Linhares, accusado do crime de homicidio frustrado, commettido contra uma sua tia e prima, do mesmo logar.

Segundo corre, uma questão de amores foi o motivo o crime.

de tristezas que por momentos o cobria como uma nuvem sobre um lago. Elle tambem tinha a sua historia: um escandalo de familia fizera-o retirar-se do mundo quando cursava a Escola de Direito, para se refugiar num seminario.

— Senhor capellão, disse em tom vehemente a mãe Saint-Athanase, M.^{elle} de Croizy deve comparecer hoje no tribunal da penitencia. A que hora podeis recebe-la?

Langel dirigiu o seu olhar claro e franco para Herminia antes de responder:

— Minha mãe, estou á disposição de M.^{elle} de Croizy logo que ella tenha feito o seu exame de consciencia.

— Ouvis, mademoiselle? disse a superiora.

— Senhor capellão, respondeu Herminia, é nessas circumstancias que eu me apresentarei diante de vós.

Era assim d'uma maneira habil, jesuitica, que ella respondia á ordem da mãe Saint-Athanase.

— Mademoiselle, tendo tempo em duas horas para vos preparares, não é verdade?

O capellão mr. Langel respondeu por ella d'esta vez.

— Minha mãe, deixemos a M.^{elle} de Croizy todo o tempo necessario para se preparar. Emquanto se prepara roguemos por ella.

— Mas, senhor capellão, todos recebem a communhão no proximo domingo; pensou, pois, no escandalo que

Sarau no Gymnasio

Nos primeiros dias de maio realizar-se-ha no Gymnasio de Coimbra um sarau de gymnastica.

Haverá baile infantil, exercicios militares e outros trabalhos de gymnastica de creanças.

Este sarau, que será publico, virá mostrar mais uma vez a incontestavel vantagem que para a educação physica das creanças se encontra nesta utilissima e florescente instituição.

Foi julgado incapaz para parochiar a igreja de S. Silvestre, de Coimbra, o rev. Pessoa.

Houve no domingo findo a procissão da Rainha Santa *ad petendam pluriam*. Na procissão incorporaram-se umas seis mil pessoas, algumas das quaes choravam.

Na Calçada e Visconde da Luz o espectáculo era verdadeiramente imponente, vendo-se essas ruas completamente repletas de povo.

Ponto em Direito

Parece que o ponto nas aulas da Faculdade de Direito terá logar sómente no dia 26 ou 30 de maio.

Poderá explicar-se a demora de alguns dias que este anno se nota no encerramento das aulas naquella Faculdade pelos muitos feriados que durante o anno lectivo tem havido nas aulas de Direito.

Foi dada licença para ordenação de diacono ao rev. Simões Amaro, da diocese de Coimbra.

Na terça feira finda respondeu em audiencia de jury, pelo crime de furto, João de Araujo.

A accusação foi feita pelo digno delegado do procurador regio, sr. dr. Sotto-Maior; a defesa foi confiada ao distincto advogado sr. dr. Antonio Queiroz.

O reu foi condemnado a 2 annos de prisão cellular e na alternativa a 3 de degredo.

Falleceu mais uma das recolhidas do convento de Santa Clara.

Constou hontem nesta cidade ter-se incendiado o estabelecimento do sr. José Maria Henriques dos Santos, em Goes. Faltam pormenores.

produzirá a não comparencia de M.^{elle} de Croizy, sobretudo, acrescentou em voz baixa depois da volta d'uma viagem de dois meses. Deus é clemente; se ella o offenden vós lhe perdoareis e a absolvereis em seu santo nome.

— Minha mãe, não façamos mau conceito do estado da consciencia da nossa futura penitente. Ella que voltou ao convento é porque de hoje para o futuro não quer deixar de servir e amar a Deus. Se não estivesse animada d'este sentimento por certo não voltaria para junto de nós.

— Ah! este padre tambem pensa como ellas, dizia consigo Herminia, mas a sua alma revoltada era em outra parte que queria viver.

— Tanta indulgencia deveria já tocar-vos profundamente, mademoiselle, disse a superiora. Ide, pois, e mostrai bem depressa que não sois uma ingrata nem uma grande peccadora.

Esta ultima palavra foi pronunciada de modo a cahir como um pezo esmagador sobre Herminia.

Por mais calma que quizesse parecer diante dos assaltos da mãe Saint-Athanase, M.^{elle} de Croizy sabia d'este combate muito mal ferida no seu coração e no seu orgulho. O orgulho sobretudo! Porque, de qualquer maneira sentia a vergonha subir-lhe ás faces. A superiora conhecia os que a cercavam, religiosos ou seculares pensosistas, e tinha razão: a ausencia de Herminia na communhão, no proximo domingo, seria um escandalo que cor-

Viatico aos entrevados em S. Bartholomeu

No proximo domingo, 3 de maio, pelas 6 horas da manhã, será ministrado com a pompa do costume o sagrado Viatico aos entrevados da freguezia de S. Bartholomeu.

O itinerario da procissão será o seguinte:— Sahida de S. Thiago, rua das Solas, Beccos das Canivetas, de Santa Maria, Romal e Boa-União, rua dos Esteiros, adro de Baixo e de Cima, rua do Sargento-Mór; largo do Principe D. Carlos, ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz, e Martins de Carvalho, Praça 8 de Maio, ruas do Corvo e Sapateiros e largo da Praça do Commercio.

As estampilhas do antigo typo para cartas só vigoram até hoje.

Bibliographia

Analyse e refutação do folheto do sr. dr. Sousa Refoios—*Uma pagina da administração do Hospital da Universidade*.

É o titulo de um livro que acaba de publicar o sr. dr. B. A. Serra de Mirabeau, illustrado administrador do Hospital da Universidade e que de per si indica o assumpto sobre que versa. Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Do nosso correlligionario o erudito dr. Pereira Caldas, recebemos um folheto intitulado—*A Liberdade e a Imprensa*—Poesias patrióticas, que muito agradecemos.

Recebemos o n.º specimen dos *Amores Criminosos* Sensacional romance dramatico illustrado, original de Jorge Agremon, publicado em cadernetas semanais pela Empresa Editora Noites Alegres, representada pela livraria-Luso Brasileira.

Acham-se impressas já as primeiras folhas.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

33 Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXVI

A mãe Saint-Athanase mandou chamar ao seu gabinete M.^{elle} de Croizy.

Herminiaahi appareceu num estado de espirito em que a altivez luctava contra o receio, o que não escapou ao olhar experiente da superiora.

— Mademoiselle, sentae-vos, vamos conversar um pouco.

Herminia conservava-se de pe.

— Sentae-vos, mademoiselle, repetiu Saint-Athanase mostrando-lhe com um gesto habituado a submeter as mais firmes vontades, a cadeira mais proxima da sua mesa.

Mademoiselle obedeceu d'esta vez. — Vieste d'esta vez muito mudada de Villy, minha filha, disse a mãe com doçura.

Herminia corou e não levantou os olhos com medo de que a superiora descobrisse a verdade.

— Respondei; a vista do mundo offuscou-vos; o vosso caracter revolta-se, desprezaes os vossos deveres, e até, coisa extraordinaria, desde que vieste ainda não compareceste perante o tribunal da penitencia.

— M.^{elle} de Croizy ficou calada.

— Minha filha, continuou a superiora numa voz caridosa, se estaes culpada de algum grande peccado, é

esta a occasião oportuna de vos reconciliares com Deus. Deus é bom e misericordioso; perdôa e consola, acrescentou com uma tal doçura que parecia uma musica mysteriosa nos seus labios, d'onde as palavras sahiam de ordinario seccas... Mas eu espero que os habitos mundanos vos tenham apenas affastado d'elle insensivelmente. E d'ahi as inquietações que o vosso coração sofre: é necessario, minha filha, procurar a paz na oração. O vosso director sobre todos pôde exortar-vos de maneira a retemperar a vossa alma, e enche-la de fé, de esperanza e de caridade.

— Eu rezo, minha mãe, disse Herminia.

— Mademoiselle, disse a superiora, mudando de tom, é necessario que vos purifiquéis para que as vossas orações sejam agradaveis a Deus. Haveis de confessar-vos hoje mesmo!

Herminia conservou-se em silencio.

— Eu quando fallo, mademoiselle, acrescentou Saint-Athanase, de olhos em fogo e cujo braço se estendia imperiosamente, é para ser ouvida. Respondei claramente.

— Minha mãe, peço-vos que me deixeis escolher o dia da minha confissão.

— Eu, exijo...

Uma pequena pancada na porta interrompeu a superiora.

— Entre, disse com voz meiga.

O capellão entrou. Era ainda juven-

Arrenda-se

17 Na rua da Sophia o 2.º andar do prédio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

16 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 211.000.000
SEDE EM LISBOA

15 Esta companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

14 **BASILIO AUGUSTO X D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestriz*, a 6000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

Cavallos, muares, etc.

13 As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferível a untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos — Lisboa: Quintãos, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra** — Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

12 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

11 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Casa mobilada no Campo

10 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear. Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Fernão Pinto da Conceição CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

9 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coróas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

5, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA
Vende-se a prestações de 500 réis mensaes

Encomendas: a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cantella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES

DA

FORTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemisadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—**DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.**

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—**RODRIGUES DA SILVA & C.**

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

6 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas miseræes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear. Magnificas accomodações desde 15200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inbalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A est ção de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as **Caldas da Felgueira** ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, **Pharmacia Andrade**, rua do Alecrim, 125.

Loja da China

Ferreira Borges

5 **Amendoas** de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhaoa e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, cha verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, cha medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

Propriedade

4 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á egreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma egreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almeige, morador á Guarda Inglesa.

Quinta

3 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, malta, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Aviso aos lavradores

2 **Na** cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Estas capsulas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copulha, Cistite e Injecções.
Dep. em Paris, 4, rue Vivienne aux Palais. Pharm.

Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.

“RESISTENCIA,”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-VEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 15200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 126

COIMBRA — Domingo, 3 de maio de 1896

2.º ANNO

AOS REPUBLICANOS DE LISBOA

Instrucção publica
Instrucção secundaria

XXVII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

De quando em quando, nos jornaes monarchicos, corre uma insidia sobre o partido republicano. Homens desacreditados na politica portuguesa, sem valor moral, apregoam que o nosso partido vai a dissolver-se. Que tal affirmacão é, na generalidade, uma mentira, vê-se do applauso que elles dão a todas as leis repressivas, ao augmento de força preventiva, ás perseguições contra nós. E todavia, se é o medo que os faz fallar, se é o odio que os inspira, se é a nossa força que os assusta, o facto é que alguém que não elles, mas os homens bons e puros da nação portuguesa, podem fazer alguns reparos, dizer algumas palavras mais de interesse que de censura, sobre certos factos passados entre republicanos.

Fallamos claro e que todos nos oigam, que nada vamos dizer de offensivo, nada vamos escrever que possa prejudicar o nosso ideal, que é hoje o de todos os portugueses amantes da sua patria, descrentes pelas experiencias successivas, inuteis da monarchia.

Oigam-nos os republicanos de Lisboa, que a elles fallamos, fortes na nossa crença, convictos na nossa independencia, sinceros como todos aquelles que sacrificam os seus interesses, esmagam as suas paixões, profundam os seus estudos, só por bem d'uma idéa, só por amor d'um país.

Entendamo-nos francamente. O partido republicano é enorme, forte e patriota. Elle hoje representa mais que uma doutrina, traduz uma aspiração nacional. Não pôde, pois, desviar uma força, alimentar dissensões intestinas, deixar que a sympathia e, o que é mais, a confiança da nação lhe fujam. Pelo contrario precisa que essa confiança redobre, que todos aquelles que vêem a patria perder-se tenham ainda uma crença, uma esperanza, ao menos uma santa illusão em melhores dias.

O partido republicano avançou muito e comprometteu-se bastante com a sua patria, para que possa recuar, para que possa deixar de avançar, cada vez mais unido, mais forte e mais audacioso.

Se hoje faltasse á sua missão, essa falta não seria sómente uma cobardia partidaria, seria um crime de lesa-patria.

Porque, perdidas as esperanças na monarchia, despertado o povo para a Republica, o partido republicano deixou de ter que dar contas sómente aos seus correligionarios. É responsavel perante o povo a quem apontou os crimes do regimen dominante, a quem prometeu a sua libertação.

Ora o partido republicano jámais poderia commetter o crime repugnante de incitar um país a seguir para a frente e abandoná-lo a meio do caminho. O partido republicano jámais poderia praticar a infamia de desilludir um povo da sua ultima fé no futuro, deixando-o apodrecer na descrença, na fatalidade d'uma raça maldita e condemnada.

E porque o partido republicano não pôde, não deve e não quer, proceder por fórma que o accusem de infame, tem de fazer o que vamos dizer, com a sinceridade e a convicção de que fallamos verdade e de que estamos cheios de justiça:

No partido republicano de Lisboa labora-se hoje num equivoco, vive-se num mal entendido. Nesse partido que é o unico, o verdadeiro representante da capital, existe um mal estar que, se não prejudica a sua força, pôde embaraçar o seu procedimento. De que deriva isso? Parece um paradoxo a nossa primeira explicação mas não é:—deriva de o partido ser cada vez mais numeroso. Deriva de uma certa inacção, talvez involuntaria, que deixando de absorver num pensamento unico todas as energias, as dispersa por vezes em dissensões que, sendo passageiras, não deixam de ser prejudiciaes.

No fundo de pequenas irritações que rebentam de quando em quando, publicamente, existe, apenas, uma incompatibilidade pessoal que, fazemos essa justiça, não convence nem uns nem outros de que não sejam todos republicanos sinceros.

Ha differença de processos? Isso é quasi uma questão de temperamento individual, que se submete á opinião geral.

Ha elementos antigos e elementos novos, divergentes em pontos de doutrina, diversos nas aspirações? É natural que assim succeda dado que, segundo as epochas da sua entrada no partido, as suas idéas são mais prudentes ou mais impetuosas, as suas convicções mais sere-

nas ou mais ardentes, os seus estímulos mais reflectidos ou mais audaciosos.

Ha ambições? Em todos existem. Basta, para remedio, que, obedecendo ás indicações da sua consciencia e ás exigencias da opinião publica, todos as modifiquem, todos as reprimam, todos as esmaguem, se fór necessario, porque, não soffrendo a honra de cada um, são licitos, são dignos, são indispensaveis todos os sacrificios a favor de um povo que os politicos da monarchia deshonraram e reduziram á mais dolorosa miseria.

Ha incompatibilidades pessoais por motivos que respeitamos e porque entre todos os homens são vulgares, embora lamentaveis, agravos dolorosos? Pois bem! O partido, reconhecendo os serviços de cada um, tratará de não desprezar o concurso de ninguém, collocando os que são irreconciliaveis em situação que o seu trabalho e a sua dedicação pela Republica aproveitem, sem que a honra de cada um se moleste e a unidade e a dignidade partidaria soffram.

Ha hoje no partido republicano uma legião de homens de intelligencia, de saber e de caracter. A lenda de que não tinhamos homens,—que é uma expressão do messianismo deprimente de um povo mal educado nos sentimentos civicos,—passou. Basta percorrer a lista dos nossos correligionarios velhos e novos para nos convenceremos d'isso, para contarmos valiosos individuos que se impõem por todos os motivos, representando todas as correntes que se agitam na opinião illustrada e honesta de Portugal, dirigindo-se a um ponto unico—a salvação da patria pela liquidacão de um regimen condemnado.

Ha muitos d'esses homens em Lisboa. A esses, que por certo se alhetam a pequenos incidentes que surgem, a esses fallamos, a esses pedimos que façam do nosso partido na capital um exercito unido onde as rivalidades unicas sejam as de ver quem mais e melhor se sacrificará pela causa da Republica, isto é, pela causa da Patria. Para esses appellamos e para os que uma indiferença triste tem impedido de seguirem, com os seus primeiros entusiasmos, numa obra a que têm as suas responsabilidades ligadas e

de que no fundo são elles os primeiros a quererem fazer parte de novo, sempre crentes, porque o afastamento de muitos nada mais representa, em ultima analyse, senão o desconsolo por não verem o que acima de tudo e sempre amam e querem.

Appellando para todos os homens do partido republicano de Lisboa que têm o dever imposto pela sua honra pessoal, partidaria e patriótica de cumprir os desejos de toda a gente de bem, appellamos para todo o partido, que é hoje na capital todo o povo.

Lembramos a essa nobre cidade de Lisboa que na historia de Portugal o seu nome se encontra duas vezes ligado aos factos culminantes da nossa vida. Foi o povo de Lisboa quem salvou a independencia de Portugal, fazendo a revolta que em 1385 levou ao throno o Mestre d'Aviz e a que em 1640 nos libertou da dominação hespanhola.

Foi o povo de Lisboa, o povo republicano da capital que impediu o tratado de Lourenço Marques e fez os protestos ainda hoje não esquecidos de 11 de janeiro e de 20 de agosto de 1890. Para esse povo republicano appellamos tambem, a fim de que auxilie todos os que devem cumprir a gloriosa tarefa de fazer com que o partido republicano da capital por uma vez mostre a sua disciplina, constituindo os seus corpos dirigentes por fórma que conciliem todas as forças dispersas, todos os elementos divergentes, numa obra unica de solidariedade que é a melhor demonstração de que esse partido sabe cumprir o seu dever perante a Patria. E quando alguém nao quizer ceder, mostre-se que ninguém dentro do nosso partido pôde fugir do seu posto sem deshonrar a memoria dos que nas ruas do Porto deram o seu sangue pela Republica, não para que um partido se divida, mas para que uma patria se regenere.

Algumas folhas europeias mencionam o boato de que vai abandonar a chancellaria do imperio allemão o principe de Hohentoe. As intrigas da corte, dizem, têm-no aborrecido e fatigado.

Para o substituir falla-se no conde Philippe de Eulenburg, embaixador da Allemanha em Vienna.

Este argumento produzido pelos defensores do estudo intensivo das linguas mortas, como base do ensino—que ellas são uma excellente disciplina intellectual—gostou fóros de impenetravel, e ainda hoje ha quem o invoque, para justificar e fazer sancionar o velho prejuizo do predominio d'essas linguas, como base essencial da educação Nada ha, contudo, menos exacto, como facilmente se demonstra, sem que seja preciso levar em linha de conta ou ponderar esta circumstancia, aliás muito attendível, das difficuldades pouco menos de insuperaveis que ha a vencer para que o ensino das linguas mortas seja proficuo, como disciplina mental, quando ministrado a creanças de dez annos, nas condições especiaes em que se encontram e com os processos absurdos geralmente adoptados no ensino grammatical, entre nós. Neste ponto, é preciso confessar que os auctores do plano de 14 d'agosto e dos programmas subsequentes, subscrivendo servilmente a velhos preconceitos, claudicaram espantosamente, mostrando desconhecer as tendencias da epocha e—o que mais é— a realidade dos factos.

Cumpra notar, de passagem, que o argumento citado diminue ainda muito de valor, se se attender a que jámais fóra invocado, quando o ensino das linguas mortas era universalmente reconhecido e acceito como elemento principal de educação e como meio exclusivo de comunicação do pensamento. E esta circumstancia é de importancia capital na questão de que se trata.

Allega-se que o estudo das linguas mortas—do latim especialmente—exerce uma influencia benefica como disciplina mental, porque excita a memoria, despertando-a extraordinariamente e pondo-a sem cessar em acção. Mas, sendo isto assim, como cremos, o argumento é contraproducente, e somos levados a reconhecer, com um professor eminente, que tal exercicio, bem longe de constituir uma disciplina, é antes uma perda consideravel, em detrimento do conjuncto dos estudos.

Ainda se o ensino do latim fosse dado em condições diversas d'aquellas que temos indicado e em perfeita conformidade com os preceitos da mais sã pedagogia; se não o obrigassem a estudar em idade e em circumstancias absolutamente improprias para isso, de modo que o alumno pudesse colher d'elle, sob o ponto de vista educativo, todas as vantagens que os defensores apregoam: por certo que poderia ser um elemento valioso de disciplina mental, se bem que, ainda neste caso, não podemos descobrir como é que as linguas mortas possam occupar um lugar predominante, pois que o estudo de quaesquer outras disciplinas—o das mathematicas, das sciencias naturaes,

das línguas vivas por exemplo — não seria também, e mais que o d'aquellas línguas, um meio excelente e recomendável de disciplina intellectual. Ministrado, porém, a crianças de dez annos, como querem os reformadores, e com todos os defeitos e incorrecções por nós já apontadas — porque a reforma dos métodos e processos d'ensino não se faz de repente — mal podemos comprehender como é que ha ainda ingenuos, ou, antes, teimosos que se obstinam em fazer acceitar como verdade fundamental um argumento estabelecido, que a critica serena e imparcial já de todo inutilizou.

Insistiremos, portanto, em affirmar que os reformadores commetteram um erro imperdoavel, incluindo o latim logo na primeira classe do curso lyceal, porque o seu estudo, em tão tenra idade, não disciplina a intelligencia, antes a entorpece, prejudicando excessivamente o seu progressivo desenvolvimento, fatigando-a e fazendo que o alumno tenha horror ao ensino. Os factos estão todos os dias a demonstrar-lo.

Com effeito, como é que se pretende que o estudo secco, arido, enfadonho, e por isso estéril, das regras grammaticas com os themas e traducções por completo, feitas em casa, fóra da direcção intelligente do mestre, consigam disciplinar a intelligencia? O que unicamente se pôde conseguir assim é embrutecê-la. Mais nada. Exercícios assim comprehendidos não têm, não podem ter o menor valor. sob o ponto de vista que se discute. E não se diga que exaggeramos, porque os factos nos justificam plenamente.

O que importa realmente para o alumno maior somma de esforço intellectual são evidentemente os themas e as traducções, e é a estes exercicios que geralmente se attribue maior valor de baixo do ponto de vista da disciplina intellectual. Mas, na opinião dos mestres mais auctorizados, opinião que os factos absolutamente confirmam, a acção de triumphar das difficuldades não é exclusiva de nenhum genero de estudo, sem excluir as línguas mortas: é erroneo, por isso, attribuir a estas línguas um valor que realmente não têm.

A questão resume-se nisto: Para bem traduzir é indispensavel entender regularmente o que se traduz e conhecer do mesmo modo a lingua propria; do contrario, nenhum resultado util se obtém. Cremos que d'esta verdade ninguem poderá duvidar. Ora a grande maioria dos alumnos não está em condições de bem fazer, embora com grande esforço, os exercicios de que se trata: logo o resultado que se pretendia obter e que tão alto se tem apregoado é inteiramente negativo.

Pôde argumentar-se, é certo, que os trabalhos de traducção que hoje existem das obras de quasi todos os auctores classicos, diminuem consideravelmente o trabalho do alumno, e que, por isso, não ha o perigo de se lhe estoriar a intelligencia, em trabalhos muito superiores ás suas forças. Isto é realmente verdadeiro; mas então digam-nos onde é que está o valor do estudo do latim como disciplina mental.

O argumento que hoje discutimos fica, pois, completamente destruido e não pôde ser indicado em favor d'uma causa que, dia a dia, vai perdendo terreno consideravelmente.

Convençam se, por uma vez, d'esta verdade: Crianças de dez annos não podem estudar com proveito uma lingua extranha, especialmente uma lingua morta, que não se estuda para fallar, mas apenas para se entender.

A este respeito ouvirá o leitor a opinião d'um mestre auctorisadissimo, E. Legouvé, que em algumas paginas bri-

hantissimas nos descreve as torturas por que a rotina faz passar uma criança, quando a submete a um trabalho absolutamente incompativel com as suas forças, empregando, além d'isso, processos que a sciencia da educação inteiramente condemna.

Não podemos furtar-nos realmente a apresentar aos nossos leitores um quadro tão admiravelmente traçado, como o que vamos reproduzir. Vae no original, para lhe não diminuirmos o valor.

Entre o grande mestre o illustre academico e admiravel auctor de *L'Art de Lire*, e o decano da faculdade de Letras de Paris, mr. Patin, houve uma conversação animadissima, que E. Legouvé reproduz assim no seu discurso á *Academia*, na recepção de Gaston Boissier.

Falla o conceituadissimo academico:

«Je n'oublierai jamais cette conversation. C'était encore pendant notre séjour en Bretagne; nous remplissions lui et moi, l'office qui échoit souvent aux parents pendant les vacances: nous étions les répétiteurs honoraires de nos deux petits-fils, graves personnages de douze à treize ans.

Un jour, après la correction d'un thème, où nos deux petits-fils avaient fait toutes les variétés de barbarismes et de solécismes à propos de règles qu'ils avaient apprises deux cents fois, mr. Patin tomba dans un silence plein de tristesse. Sous le coup du même sentiment, j'allai à lui et je lui dis: «Mon cher ami, est-ce que cela ne vous trouble pas? est-ce que cela ne vous éclipse pas?»

— Me trouble? m'éclairer? Que voulez-vous dire?

— Je veux dire, m'éclairer-je en lui montrant nos deux enfants consternés, que soumettent ces jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer... Il se leva en se récriant.

Je repris avec plus de calme: Voyons, mon ami, ne nous emportons et raisonnons.

Voilà deux enfants qui ne sont pas plus intelligents ni plus entêtés que d'autres, et voilà des solécismes qu'on leur a corrigés trois cents fois depuis trois ans, et qu'ils refont toujours. Est-ce leur faute? Et leur faute, s'ils son là, tous deux, devant cette malheureuse grammaire, comme des bernes? Est-ce leur faute? Non. C'est la nôtre! ou, la nôtre, à nous qui faisons précieusement le contraire de ce que nous indiquent la nature. Ces deux enfants, hors de la classe, hors du thème, dans la vie, dans la conversation, dans le commerce journalier avec les êtres et avec les choses, ne sont-ils pas avisés, éveillés, attentifs? — Oui. — Pourquoi?

Oh! Pourquoi? Parce qu'ils s'instruisent alors comme des enfants de leur âge doivent s'instruire, par les yeux, par les faits, par le spectacle et l'examen des choses extérieures. L'enfant est, avant tout, un être de sensation; nous en faisons une machine à reflexion. Dieu lui a donné pour premiers instituteurs les cinq sens. Il a des yeux, nous les lui crevons. Il a des oreilles, nous les lui bouchons. La curiosité est chez lui un appétit, nous le satisfaisons avec quoi? avec la syntaxe! Nous l'arrachons au libre et éclatant domaine de la nature, qui est le sien, pour l'enfermer dans la plus froide et la plus obscure des prisons, dans l'abstraction! Et quelle abstraction! L'abstraction! L'abstraction de la grammaire! Et quelle grammaire? La grammaire latine.

Ce que l'on décoré sous le nom de discours latin est un amalgame de style de toutes les époques, qui ferait réculer Cicéron d'horreur! Nos enfants perdent à parodier les grands écrivains le temps qu'ils devraient employer à les connaître! Sur cent élèves il n'y a pas quinze capables de lire couramment vingt pages d'un livre latin!... Nous ne demandons pas qu'on supprime l'étude de la langue latine, mais qu'on l'enseigne aux enfants, plus tard, plus vite, autrement et mieux.»

Recommendamos a leitura das linhas que ficam transcriptas, não só aos nossos illustres reformadores, mas a quantos pretendem que o ensino do latim

a crianças de dez annos pôde ser de resultados profueos, convertendo-se numa excellente disciplina intellectual. Devem ficar edificadas. E, se ainda se não converterem de boa doutrina, é porque fecharam de todo os ouvidos á voz do bom senso.

O nosso prezado collega *O Paiz* diz que se indigna para governador civil de Coimbra o sr. dr. Antonio José Teixeira.

As nossas informações levam-nos a considerar menos exacta esta noticia.

Gabinete francês

O gabinete francês que acaba de se constituir sob a presidencia de Méline apresentou na camara dos deputados o seu programma em que fez as seguintes declarações:

«Preconisa uma politica de apaziguamento e progresso; diz que o governo espera que a boa vontade reciproca restabelecerá a harmonia entre os poderes publicos; ennumera as reformas democraticas immediatamente realizaveis pela maioria republicana existente na camara; estas reformas, que fecharão o caminho ás doutrinas revolucionarias, são, em primeiro lugar, a reforma do regimen das bebidas alcoholicas, a reforma dos direitos das heranças, melhor repartição dos impostos directos, redução dos impostos da agricultura, simplificação da organização administrativa, criação do exercito colonial, e desinvolvimento da mutualidade, da economia e da previdencia; o gabinete defenderá firmemente a ordem publica contra todas as tentativas, porque uma politica assizada e firme é necessaria para a prosperidade interna do país, e é ella que tem permitido á democracia laboriosa, pacifica e consciante da sua força, dos seus interesses e dos seus direitos, assegurar para si no exterior alianças preciosas e fieis; o gabinete ha de esforçar-se por manter e desinvolver a situação que á França compete no mundo.

A declaração termina pedindo ao parlamento que arrede as discussões irritantes, reconhecendo que a França está cansada de agitações e quer paz e tranquillidade.»

A constituição do gabinete tentado por Sarrien falhou em virtude de os radicaes exigirem como condição imprescindivel a revisão da constituição e designadamente do artigo 6.º, firmando-se o principio de que os ministros só são responsaveis perante a camara dos deputados, e o estabelecimento do imposto progressivo.

A extrema esquerda da camara, reunida sob a presidencia de Goblet, votou a seguinte moção:

«O grupo radical socialista, verificando que, apesar do ultimo voto da camara, o poder não foi offerecido á maioria, declara que a organização de um governo constituído com elementos da minoria será a consagração d'abandão da camara deante do senado, e decide interpellar, em nome das regras parlamentares e dos direitos do suffragio universal, o ministerio que fór organizado em taes condições.»

O *Tempo* diz que não pôde perceber a distincção entre a honra pessoal e honra politica, distincção tantas vezes feita pelo *Correio da Noite*.

Nós também não percebemos esta dualidade da honra, mas, collega: «Isto de vergonha e honra é tudo pêsas.»

Para os politicos monarchicos, já se vê.

Bagatellas

Está reorganizado e patente ao publico, em todos os dias santificados, o museu de antiguidades do Instituto.

Depois de tentativas louvaveis e esforços renovados, possui finalmente Coimbra uma collecção de documentos epigraphicos, curiosidade e arte historica, assente em bases seguras de bom criterio, para honra da cidade e interesse da educação publica.

O que alli se encontra é um nucleo de alta valia, que terá um rapido desinvolvimento, se, como é de esperar, essa respeitavel corporação scientifica se mantiver na justa comprehensão das responsabilidades que voluntariamente assumiu nesta empresa.

Homens benemeritos tinham iniciado essa obra de civilização.

Como em todas as innovações, foi necessario um periodo longo, talvez demasiadamente longo, para a sua completa radicação; para que novos esforços impulsassem a tarefa desde tanto tempo interrompida.

No exito do empreendimento ha galardão para todos os que directa ou indirectamente para elle contribuem, na persistencia desinteressada e modesta d'uma convicção, sem pruridos de alarde e sem fumos de vangloria pessoal.

A iniciativa particular tem de contar comsigo.

Está provado que os governos em Portugal, sem norte e sem elevação, estão longe de comprehender que somma de interesses, não só moraes mas materiaes, se involvem nesta questão gravissima da instrução artistica do publico.

Todas as vezes que, incitados pela corrente das reclamações, os grandes estadistas se moveram neste sentido, foi para illudirem as apparencias em expedientes banaes e mal preparados!

As iniciativas que despontam em Evora, Figueira, Beja, Coimbra, Guimarães, etc., nunca terão apoio, visto que a avarésa administrativa só acha neste assumpto terreno propicio ás economias contraproducentes d'uma administração desnoiteada.

Aqui tenho relatorios recentes de origem official, do governo da Republica Francésa, e por elles se reconhece que constante cuidado e que larguésa de protecção merecem ás actividades governativas o desinvolvimento dos seus museus da provincia, em grande numero fundados pela acção das corporações locais.

Neste abandono de protecção do estado, de educação e de recursos, que admira, pois, as depredações, as ruinas, a sonegação e os roubos dos ultimos trinta annos!

Hoje não seria possivel orçar com approximação a extensão enorme d'esses prejuizos; mas foram desmedidos, a avaliar pelos factos isolados que o acaso se tem eucarregado de desvendar.

Em Coimbra, centro intellectual do país desde seculos, sede de 3 conventos de frades e 23 collegios de diversas ordens monasticas, algumas de grandes meios de abastança e illustradas, e, como taes, de gosto cultivado, calcule-se que deposito immenso de curiosidades e que valores malbaratados!

Dzem os interessados em dirimir accusações, que é exaggero suppor em cada casa conventual uma mina insondavel de coisas precio-

sas. É verdade; mas é preciso não esquecer que nunca a larguésa e a piedade dos devotos e dos donatarios generosos deixou ao desamparo as mais pobres congregações; — as dadas ficavam annexadas na comunidade; e que essa mesma restricção de meios representa um embargo á renovação das coisas antigas.

E a prova d'isso é que, não obstante o vasculho andar ha meio seculo a succudir para as sacolas dos ciganos e para as algibeiras da ladroagem de todas as categorias os valores dos conventos, ainda os que chegaram tarde acharam de que lançar mão ou directamente pela grade, ou sobrepticamente pela fraude!...

A.

O 1.º DE MAIO

Este dia, que o operariado de todo o mundo escolheu para affirmar perante os governos o valor das suas reivindicções, teve este anno em Portugal uma significação mais imponente do que nos annos anteriores. Em Lisboa, principalmente, os trabalhadores mostraram socegradamente quão grande é a sua força, commemorando este dia com um imponente cortejo aos tumulos de José Fontana e Sousa Brandão, dois devotados apóstolos do credo socialista.

Logo de manhã começaram a reunir-se na Avenida da Liberdade as diversas associações de classe, mais de duzentas, levando os seus estandartes e cada um dos seus membros distinctivos nas lapelas dos casacos.

Foi enorme o numero de operarios que tomaram parte no cortejo, mais de 15:000, produzindo um bello effeito aquelle enorme oceano de cabeças, apparecendo, aqui e ali, estandartes, galhardetes, carros, etc.

A frente ia a commissão executiva da União 1.º de Maio, atraz da qual marchava uma banda de musica e em seguida dois carros allegoricos, puxados por juntas de bois, levando tropheus e bandeiras. Um dos carros era encimado por uma pyramide de um metro de altura, com as arestas cobertas de flores vigozas e nas faces em caracteres pretos, sobre fundo branco, o seguinte letreiro — *Reclama-se as 8 horas de trabalho fixadas por lei.*

O cortejo seguiu sempre na melhor ordem, indo nelle muitas philarmonicas e estudantinas. Também acompanhavam o cortejo muitas mulheres operarias. Além dos carros allegoricos de que fallamos acima, iam mais cinco, representando diferentes classes de trabalhadores.

O cortejo seguiu sempre na melhor ordem até ao cemiterio, onde foram visitados os tumulos dos dois defensores dos operarios e em seguida discursaram os srs. Azedo Gneco e José do Carmo, fazendo ver o valor d'aquella manifestação e convidando todos ao comicio.

O comicio realisou-se na rua 4 de Infanteria e começou ás 2 e 20 minutos da tarde. Fallaram o presidente, Luiz de Judicibus e os srs. Azedo Gneco, Damazo Azevedo, Ernesto da Silva, Quinhones, e outros, defendendo todas as reivindicções dos operarios, sendo approvada uma moção que termina reclamando o estabelecimento por lei do dia normal de 8 horas de trabalho; o suffragio universal; a inteira liberdade de imprensa, de reunião e de associação; que os operarios do Estado

não estejam sujeitos ao regimen militar; completa abolição da pena de morte; fiscalisação da lei que se refere aos operarios, por operarios eleitos pelas associações de classe; responsabilidade dos patrões pelos accidentes fabricis; remodelação dos impostos, sendo abolidos todos os direitos de consumo; immediata approvação dos estatutos de classe depositados conforme a lei; numa palavra, que sejam emfim attendidas as reclamações formuladas pelo povo trabalhador.

O comicio correu socegado, assistindo a elle milhares de operarios.

No Porto tambem se fizeram manifestações do 1.º de maio.

Realisou-se um comicio no Monte Aventino, assistindo 3.000 pessoas.

Todos os oradores se referiram ás seguintes questões: a fixação do dia normal de 8 horas de trabalho; egualdade de salarios das mulheres e dos homens; regulamento das machinas, por fórma que ellas não prejudiquem o trabalho dos operarios; legislação protectora do trabalho e dos operarios; instrucção gratuita e obrigatoria, etc.

A policia não teve de intervir, porque tudo correu socegado.

A noite realisaram-se sessões solennes na associação dos Trabalhadores e na sede da dos Manipuladores de Tabacos.

Fallaram diversos operarios e o nosso distincto collega Heliodoro Salgado, sendo muito applaudidos.

Está completamente restabelecido do ataque de influenza o nosso prezado amigo sr. Antonio Francisco do Valle. As nossas felicitações.

Carta de Lisboa

Lisboa, 1 de maio de 1896.

Vejo muita gente indignada porque o jornal do sr. Navarro disse que as espadas se ligariam contra as pennas a proposito do conflicto da Avenida.

Eu não sei que mais admirar, se a saudice do jornal se a indignação dos ingenuos pelas palavras do sr. Navarro.

Ai, meus meninos! Parece-me que era bem tempo de não pensar em ninbarias de *reportage* a proposito de dois homens que se desancam em plena Avenida por motivos que não interessam á nação. Pois se toda a questão da India é por parte de uns e outros uma intrugica, uma intriga, um pretexto para que faça de heroe o D. Afonso, que mais ha a fazer senão manda los todos ao diabo e não deixar que o D. Afonso passe, como o sapateiro do pintor grego, além da chinella?

E quanto á colligação das espadas, sabem vocês quem se riu primeiro da parvoice? Os militares.

Claro. E o que manda a vergonha e o bom senso e mesmo um bocadinho de espirito, quando um fargola apparece a querer incitar o odio entre classes a proposito d'um reles chinfrim.

E ainda se zangam.....

Dia 1.º de maio

Acabo de ver passar o cortejo dos operarios.

Um milhares de trabalhadores.

Aquelle exercito da *Vida Negra* que eu vi desfilar, terá um dia voz para fallar claro e braço forte para combater. Não esqueçam isto!

Mãe! andará quem não quizer comprehendêr e attender a justiça da sua causa.

Se vissem! Dois burguezes que roubam no péso da manteiga, como eu os vi de beigo cahido. E o diabo aquelle cortejo para quem estava costumado só a procissões com irmãos do Santissimo.

Recita dos quintanistas

É no dia 6 do corrente a recita de despedida dos cursos do 5.º anno juridico e theologico. A operetta que tem por titulo *O Sonho d'um bacharel* afasta-se dos moldes das peças d'esta naturêsa, sendo posta em scena com esmero. A letra é dos srs. Augusto de Mesquita e Sebastião de Carvalho e a musica do dr. Simões Barbas, intelligente regente da Tuna Academica.

Com todos estes elementos é de esperar que a recita dos quintanistas de 95-96 seja das melhores que nestes últimos annos têm apparecido.

Realisou hontem o seu acto de licenciamento em Direito o sr. Alvaro Machado Villela, ficando approvado *nemine discrepante*, como era de justiça, em face das distintas provas que deu.

—Herminia, disse M.elle de Fayolles quando a foi visitar de manhã, tenhas uma verdade um grande sofrimento. Crede em mim, minha filha, e convencei-vos de que esta minha visita é inspirada unicamente pela amizade que vos dedico: as consolações da alma pasiguam sempre as dores do corpo. Porque não chamaes o padre Langel, nosso bom capellão?

—O padre Langel, mademoiselle, respondeu Herminia, espera que eu saia para ir ter com elle. E vós vêdes bem que eu não posso deixar de seguir o conselho do meu director.

—Ah! mademoiselle de Croizy, exclamou Aurelia, todos os dias me accuso de ter roubado com a minha impudencia um coração a Deus.

E saiu precipitadamente para ir lançar-se aos pés da superiora.

—Mademoiselle, disse em tom grave Saint Athanase, receio muito, e não vo-lo occulto, que o sopro do demónio tenha penetrado no seu seio.

O olhar penetrante de M.elle de Fayolles cruzava-se com o olhar profundo da superiora. As duas mulheres comprehendiam-se tao bem, que acabaram por abaixar os olhos uma diante da outra.

—Minha mãe, minha mãe, disse Aurelia, accuso-me de a ter perdido pela minha imprudencia!

—Levantae-vos, mademoiselle, eu

Explosão

Em Havana deu-se no edificio da capitania geral uma explosão, sobre que se lêem as seguintes informações nos jornaes hespanhoes:

Eram 11 horas e meia da manhã de terça feira ultima quando, achando-se no palacio do governador geral varios jornalistas, estes foram sorprendidos por uma formidavel deuotação que fez trepidar o sólo. O pateo do palacio encheu-se de denso fumo, quebrando-se muitos vidros e cahindo bastante caliza dos tectos. Como o abalo no edificio fosse grande, todos os que alli se achavam ficaram bastante alarmados, attribuindo-se o occorrido a algum attentado dos libusteiros.

Algumas pessoas correram para o sitio em que se deu a explosão—as retretes, encontrando estas convertidas em informe montão de escombros. A explosão fôra tao forte que arrancoo da parede algumas pedras de tamanho consideravel.

Separada das retretes apenas por um tabique, achava-se a typographia da capitania. Estava alli trabalhando um typographo, que ficou levemente ferido.

Desconhece-se em absoluto a verdadeira causa da explosão, não sendo todavia considerada casual. A parte do edificio em que se deu a explosão, ficou em ruinas. A solidez do edificio evitou uma verdadeira catastrophe.

O acontecimento produziu grande impressão em Havana, sendo o thema de todas as conversações.

Instituto de Coimbra

Sr. redactor. — Comprô o dever de communicar a v., pedindo-lhe o obsequio de noticiar no seu mui lido jornal, em beneficio dos interesses de Coimbra, que se conservava aberto ao publico o Museu d'antiquidades do Instituto, em todos os domingos e dias santificados, desde as 11 horas da manhã ás 3 da tarde.

De v., etc.,

1 de maio de 1896.

Antonio de Vasconcellos.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 16 de abril de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: —acred.ago José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Assistiu a parte da sessão o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Lida e approvada a acta da anterior sessão, e tomando a camara conhecimento de um officio circular do Governo Civil do districto, com a recommendação de se propôr com brevidade o numero de zeladores o guarda-campanhas necessarios para o serviço de policia municipal, foram pelo presidente convida-

tenho ainda uma esperanza; a santa Providencia não nos abandonará.

Aurelia «fazia muitas idas e vindas debalde», como dizia Quoniam, —de casa da mãe superiora para a do padre capellão.

—Senhor capellão, dizia-lhe ella, supplico-vos que não abandoneis aquella criança e que a sarveis!

—Mademoiselle, respondia o padre Langel, acredite-me: não se forçam ao mesmo modo que as fechaduras, as almas serradas como a de M.elle de Croizy; e preciso esperar que ellas se abram de per si.

—Mas se ellas se fecham obstinadamente, senhor capellão?

—Se o peccado existe lá dentro com todos os seus horrores, mademoiselle, debatendo-se contra a confissão que se reclama, ellas estafarão no momento que menos se pense, e não ha nada que as detenha. E é nesse momento que chega o remorso redemptor, a contricção perfeita e a salvação eterna.

Assim seja! suspiron M.elle de Fayolles.

Herminia recebera a visita do medico do convento. Mas nao era Pierre Touzaud.

—Enfraquecimento, fadiga, dizia elle. Mademoiselle necessita ao mesmo tempo de exercicio e de repouso; o exercicio do dia traz o repouso da noite;

dos os vereadores dos respectivos pelouros a informar acerca do assumpto.

Resolveu solicitar do chefe do districto, a bem do serviço de prevenção contra incendios nos espectaculos publicos, uma nota das condições em que foram passadas ultimamente as licenças aos theatros, Circo e G.1 Vicente.

Auctorisou a reparação de um cano de xgolo na Coureja de Lisboa, orçado em 82920 réis e o concerto de uma pilastra das grades da rua do Corpo de Deus, orçada em 13740 réis.

Suspendeu o exercicio e vencimentos por quinze dias um cantoneiro das estradas municipais depois de ouvido sobre faltas que commetteu e que confesso.

Mandou intimar um proprietario para retirar uma barraça que construiu sem licença á beirada da estrada do Almeque.

Auctorisou o concerto de duas padrolas e um carro para serviço do matadouro e a compra de 9 metros de mangueira para irrigações e madeira para carros da limpeza da cidade.

Attendeu favoravelmente acerca de duas petições para subsidios de lactação a menores.

Abertas tres propostas para a empreitada da reconstrução da ponte de S. João do Campo, foi adjudicada esta obra a Joaquim Ribeiro da Silva Cortezão, de S. João do Campo, por ser a sua proposta a mais favoravel ao municipio.

Mandou annunciar de novo que se arremata a obra da construção de um cano de xgolo na rua do Tenente Valadim.

Auctorisou vinte sete avencas para o consumo d'agua nos domicilios e quinze para o pagamento de impostos indirectos no trimestre de abril a junho.

Resolveu mandar proceder a nova numeração dos predios na cidade e á renovação dos letreiros das ruas.

Mandou convidar por editaes todos os proprietarios e moradores da cidade para fazerem cair os seus predios e todas as paredes que se vejam da rua ou de outro qualquer lugar publico.

Mandou orçar a despeza a fazer com o concerto de quatro guaritas dos postos fiscaes do municipio.

Auctorisou o presidente a providenciar, de accordo com o vereador respectivo, acerca da coadjuvação ao aferidor nos mezes do allimamento annual.

Auctorisou a rega das ruas da cidade a bem da saude publica.

Auctorisou a compra de punções para o serviço dos allimamentos.

Resolveu votar ao escrivão de fazenda a gratificação annual pelos serviços do lançamento de impostos municipaes, cobrados cumulativamente com os do Estado.

Nomeou uma commissão para estudar os melhoramentos a adoptar no mercado d'esta cidade.

Auctorisou os seguintes pagamentos:

Costeamento do asylo de Gellas, no mez de março, 323185; gaz consumido nas estações de material de incendios, de janeiro a março, 62200; transferencia para Lisboa da quantia de 8.7423329 réis, 93000; salarios do pessoal da limpeza da cidade na primeira quinzena de abril, 1363480, material, idem, idem, 673683; execução de canalisções d'agua idem, 26350; custeamento da officina das agua idem, 133690; conservação das arvores, idem, 22020; reparo de syphões nas ruas da cidade, idem, 23720; reforma das escaedas de S. Thiago, idem, 233600. —espeliou requerimentos de interesse particular sobre diversos assumptos: —limpeza exterior de predios; inscripções em jazigos no cemiterio municipal; allimamentos para vedação de predios e construção de casas em Almadaquez, Bemesta, Casas Novas, Santa Clara e annullação do imposto directo.

Envioo outros á repartição d'obras para informar, tomando conhecimento, por um documento apresentado, da intimação effectuada ao arrendatario da pedreira da quinta de Santa Cruz para reduzir a exploração da pedra as condições do contracto.

Já chegou a Coimbra o sr. dr. Manuel Joaquim Massa.

que dê longos passeios no jardim, eis o unico tratamento o seguir.

A verdade é que M.elle de Croizy, «esta bella nevrotica», —como dizia o doutor Touzand a M. de Lambrune, —impressionaria a qualquer que a não tivesse visto ha seis semanas. As suas pupilas amortecidas e baças eram estriadas de puras linhas amareladas e sanguinolentas; os labios seccos e lividos; e no esforço que ella fazia para caminhar firme como outrora, adivinhava-se que era mais a vontade do que a força quem luctava contra enfraquecimento do organismo. Em seguida a longos e pesados sonhos durante o dia, horas terriveis de insomnia á noite, em que os menores pesares do passado se avolumavam extraordinariamente, em que a dor que a acompanhava desde a sua vinda de Villy se tornava esmagadora, e a fazia ver sobre um fundo tenebroso, no paroxismo da paixão levada ao desespero, um veu de sangue.

Por vezes, nessa somnolencia que succedia aos pesadellos, ella recordava-se de Villy, de M. de Lambrune, de Emmanuel. Depois despertava mais calma, apesar da febre d'uma derradeira esperanza; talvez não estivesse tudo acabado para ella.

Uma manhã, M.elle de Fayolles entrou no quarto com duas cartas na mão.

—Aqui está o que acabo de receber,

Agradecimento

D. Maria José Miranda, Annibal Guedes Coelho, Alfredo Guedes Coelho e João Antonio da Cunha vêm por este meio agradecer as demonstrações de dedicação e amizade que a seu estremenoso cunhado e tio, inolvidavel e querido amigo e primo Daniel Guedes Coelho foram dadas por occasião da doença que o victimou e das ultimas homenagens que lhe foram prestadas. E sem intuito de fazerem distincções onde por parte de todos houve a manifestação dos mesmos sentimentos, não podem todavia deixar de especializar a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, muito dignamente presidida pelo ex.º sr. dr. Luiz da Costa e Almeida e de que o fallecido tinha a honra de ser membro. As demonstrações inequivocas de amizade e sympathia que em vida deu ao seu infeliz compzineiro e o haver-se substituído a sua familia na iniciativa e direcção das ultimas honras que lhe foram prestadas, a essa especialização nos obrigam e a conservar sempre para com a Mesa da Santa Casa e a sublime instituição que ella representa a maior e mais sentida dedicação.

Coimbra e Luso

A começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida e volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896.

Manuel José da Costa Soares.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

Herminia pegou numa das cartas que lhe trouxeram e leu, sem que o seu rosto deixasse transparecer a menor emoção: «M. de Villy tem a honra de participar-vos o casamento de M.elle Alice de Villy, sua filha, com M. Emmanuel d'Argouges».

—Devia ter accrescentado: «seu sobrinho», disse num meio sorriso.

—A cada um o seu destino, disse tolanente a sentenciosa Aurelia. Vêdes bem que M.elle de Villy não tardou em aceitar o que lhe era indicado por todas as conveniencias.

—Eu terei sem duvida tambem a coragem precisa para aceitar o meu, respondeu M.elle de Croizy.

—É isso verdadeiro, minha querida filha! disse Aurelia. Oh! deixae-me esta boa esperanza; vou dar graças a Deus.

—Sim, ide, mademoiselle de Fayolles, disse Herminia, ide rogar por mim!

M.elle de Croizy tinha passeado todo o dia pelos jardins, conforme lhe prescrevera o medico. Mas, apesar d'isso, a noite passou-se numa agitação extrema; voltavam as recordações dolorosas; os gatos negros do pesadello, aninhavam-se-lhe sobre o peito, com os olhos em braza ameaçadores e as unhas aceradas que despedaçam; via grossos cogulos de sangue; mas que corriam em borbotões, como num matadouro.

(Conclue).

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXVII

Quoniam encontrou-a assim quando foi informar se da causa que impedia M.elle de Croizy de vir jantar.

Este accidente, os gritos alarmantes da boa Quoniam de que Herminia parecia morta, a confirmação de M.elle de Fayolles sobre o estado inquietador da sua prima, salvaram M.elle de Croizy de qualquer desastre no domingo proximo... Aurelia foi a primeira a aconselhar que devia guardar o leito, e nem pensar mesmo em vir a capella.

M.elle de Fayolles soubera pela mãe Sainte-Athanase o que se tinha passado no seu gabinete; havia-se mesmo informado com o capellão. Por conselho do proprio capellão não fallou durante uma semana a Herminia senão de cousas indifferentes aquellas que tanto preocupavam, a austera Aurelia, e que não inquietavam menos a superiora.

Contudo um dia não pôde resistir. M.elle de Croizy havia tido na vespera uma nova questão muito violenta com M.elle Carolina, sem que fosse possivel explicar o motivo d'ella.

Arrenda-se

17 Na rua da Sophia o 2.º andar do prédio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

16 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 211.000.000

SEDE EM LISBOA

15 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre prédios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Aviso aos lavradores

2 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada meiro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

Cavallos, muares, etc.

13 As sobrecannas, espavardes, óvas, esqueuencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos — Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Depósito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrazo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Depósito em Coimbra** — Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

12 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

11 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas acomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Casa mobilada no Campo

10 **Arrenda-se** uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear. Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

9 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 **Armazen** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender. Completo sortido de cordas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças. Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

53, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais app. rechos concernentes

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores actores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA
Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES

DA

FORTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e terreas sulphidricas e acidulo carbonicas, sao frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diatose arthritica quer se apresentem desemalhadas ao tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhamitides, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na *tuberculose hepatica* como renal na *albuminuria*, *diabetes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias — **DEPOSITO GERAL** — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Juliao, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto — Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra — **RODRIGUES DA SILVA & C.ª**

Deposito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia)

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

6 **CASA** filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

Loja da China

Ferreira Borges

5 **Amendoas** de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, cha verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para collecções.

Propriedade

4 **Vende-se** uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almegeg, morador á Guarda Inglesa.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

3 **Vinhos** tintos, e branco de diff. rentes qualidades e preços.

Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Arrenda-se

2 **Do S. João** em diante, junto ou separado, as lojas e casas de habitação, onde está installada a *Cosinha Economica*. A casa tem entrada pela rua Velha n.º 9.

Para tractar, praça do Commercio n.º 43 a 45 (Loja do Povo).

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Essas capsulas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copulha, Cabelebas e Leucorrhoeas.
Dep. em Paris, 4, rue Trinité aux Petites Pharm.
Vende-se em Coimbra na drogaria Rod. da Silva & C.ª

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno.....	28700
Semestre.....	14350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	28400
Semestre.....	14200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do palz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 15200 réis comprehendendo servico, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Juliao, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, **Pharmacia Andrade**, rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 127

COIMBRA — Quinta feira, 7 de maio de 1896

2.º ANNO

Sempre cobarde

Na ultima reforma eleitoral, em que os denominados representantes das forças vivas da nação se sujeitaram miseravelmente a lavrar a propria sentença da sua condemnação, fizeram-se importantes alterações em materia de incompatibilidades politicas e designadamente nas que respeitavam ao exercito.

Pelo decreto de 28 de março do anno findo, só á classe dos officiaes generaes era permittido o exercicio da função legislativa como deputados. Considerava então o sr. João Franco que era attentatorio da disciplina militar esse exercicio.

Pela ultima reforma, a incompatibilidade só se dá nas classes de officiaes de capitão para baixo; não existe nas de major para cima. Folhas governamentais nos dizem qual o motivo por que o sr. João Franco em tão curto praso mudou de pensar.

Preferiram-se os officiaes generaes e os officiaes superiores, por serem aquelles a quem a idade e a experiencia dão, além de maior somma de conhecimentos, em geral, uma natural reserva.

Eis o que o epileptico ministro do reino declarou no *Solar dos Barrias*.

Ponhamos de lado a *natural reserva* invocada como predicado para o exercicio da função legislativa, no que o sr. João Franco não fez mais que reconhecer uma impreterivel necessidade do actual regimen politico. Mal ia a esse regimen se os representantes da nação dissessem, como lhes cumpre em virtude do mandato recebido para superintenderem nos actos do poder executivo, todas as verdades.

Só pretendemos apurar o motivo por que em 1895 se considerava attentatoria da disciplina militar a eleição de majores e coroneis para deputados e por que em 1896 se considera vantajosa essa eleição, pela somma de conhecimentos e natural reserva que devem ter em virtude da idade e da experiencia. E não é difficil consegui-lo.

Como protesto contra as incompatibilidades estabelecidas a seu respeito no decreto dictatorial de 1895, ou por outro qualquer motivo, os officiaes militares abstiveram-se, quasi em massa, de votar nas ultimas eleições legislativas, e essa abstenção assustou o sr. João Franco. Nestas condições, certo era que

essas incompatibilidades estavam condemnadas senão no todo pelo menos em grande parte.

O sr. João Franco não podia deixar de revelar mais uma vez a sua cობardia.

O auctor d'um código administrativo em que se concede aos officiaes da marinha e do exercito o recurso contra os actos dos ministros que vão lesar os seus direitos e que nega esse direito a todos os outros funcionarios, não podia proceder de outro modo. Que não póde justificar-se tão disparatada distincção por outro motivo, que não seja o facto de os officiaes terem espadas de que podem servir-se num dado momento, e esse motivo actuará sempre para que se revogue qualquer medida por que sejam feridas susceptibilidades do exercito ou da armada.

Escusado é pôr em relevo a gravidade de taes cobardias e incoherencias, que collocam os poderes constituídos numa lastimosa situação, e, o que é bem peor do que isso, estão lançando o país na mais medonha das anarchias.

Disparatadamente se decretou que havia incompatibilidade entre o exercicio da função legislativa e os logares de officiaes do exercito ou da armada, tornando essa incompatibilidade subsistente só no caso de esses officiaes não poderem prescindir dos seus vencimentos; mas, se então se praticou um disparate, agora praticou-se uma baixesa, uma vil e ignobil cობardia, vindo o proprio ministro que decretou e pretendeu justificar essa medida, propor e defender a sua revogação.

E é assim que vivem as actuaes instituições. Pretendendo apoiar-se na força para supprimir todas as liberdades publicas, vão abrindo uma situação excepcional para o exercito e para a armada, a cujos membros se concedem garantias especiaes, e, por outro lado, não hesitam em reconsiderar sobre qualquer disposição que lhes diga respeito, sempre que levante opposição.

E é assim que o sr. João Franco, o epileptico ministro que tanto tem procurado engrandecer o poder real, revela o seu character e a sua energia. Sempre cobarde perante a força, forte sempre contra o direito.

Defensor do Povo

Felicitemos o nosso estimavel collega da localidade, o *Defensor do Povo*, que com o ultimo numero encetou o seu 2.º anniversario.

Tenente Coelho

Correu no meio do maior entusiasmo o jantar que a este nosso querido correligionario offereceram no Palacio de Crystal os republicanos do Porto, que foi de 70 talheires.

A *Resistencia* agradece penhoradissima o brinde que lhe foi feito e ao partido republicano de Coimbra pelo nosso distincto correligionario Amorim de Carvalho; aproveitando este ensejo para declarar que a *Resistencia* é orgão da commissão municipal republicana e não do grupo republicano academico.

D'entre os brindes pronunciados nesse banquete, temos o prazer de publicar hoje, transcrevendo-o do nosso prezado collega *A Voz Publica*, o do nosso eminente correligionario dr. Nunes da Ponte, presidente da commissão executiva do partido republicano do Porto. Impõe-se elle pelo vigor da idéa e pelo brilho da forma, sendo sufficiente de per si para revelar o subido valor intellectual e politico d'aquelle nosso distincto correligionario e querido amigo.

São verdadeiramente assombrosas as prepotencias que o governo tem exercido sobre magistrados e funcionarios publicos para que estes acatem submissos os seus decretos e ordens contra a constituição e contra as leis; causam nauseas as servis submissões por parte de alguns magistrados e funcionarios.

O que não dirá um dia a historia, quando possa expôr e criticar desassombadamente o que se está dando neste fim de seculo!

Lá vae mais um capitão de mar e guerra para Livorno a fim de fiscalisar a construcção do *Adamastor*. E já ali temos um primeiro tenente, um engenheiro naval, um machinista e tres operarios caldeireiros.

Se a construcção do *Adamastor* levar ainda muito tempo, o governo dispenderá tanto com a fiscalização como a commissão de subscrição nacional com a compra.

Tem causado sensação que só fossem nomeados pares do reino os srs. Antonio d'Azevedo Castello Branco, ministro da justiça, e Pimentel Pinto, ex-ministro da guerra, quando nas proprias gazetas governamentais se fallava em muitos outros nomes.

Ha até, tão extranho pareceu o caso, quem attribua a recusa formal por parte do rei em fazer outras nomeações, o facto de só serem contemplados os dois.

Afinal tudo se explica, sem que seja necessario recorrer á hypothese, aliás inverosimil e inacreditavel, de o rei recusar qualquer coisa ao actual governo.

Poucos politicos têm prestado

serviços tão relevantes como os srs. Antonio d'Azevedo e Pimentel Pinto. Haja vista ao que se deu com o primeiro na camara dos 19 em que leve de negar que disséra o que todos lhe haviam ouvido a proposito do celebre projecto de lei contra os anarchistas; e, quanto ao segundo, ainda está na memoria de todos a bella figura que fez com a questão das promoções por distincção e, designadamente, com a relativa a Mousinho de Albuquerque. Perante serviços tão importantes, não podia deixar de se abrir uma excepção para os dois e torna-la o mais significativa que possivel fosse.

Por outro lado, parece-nos que o governo não confia demasiadamente na lealdade dos Marianos e dos Navarros e por isso resolveu prudentemente não lhes conceder o pariato, enquanto necessitar dos seus serviços.

Ahi está a verdadeira explicação do facto, que tanta extranhêsca causou.

Consta que o sr. Raphael d'Andrade vae publicar um livro sobre os acontecimentos da India. E de suppôr, porém, que tenha de pedir licença ao governo, a exemplo do sr. Emygdio Navarro, para a publicação de alguns documentos, e que o governo lh'a recuse.

É gravissimo o estado do capitão Gomes da Costa. Foi-lhe feita hoje uma operação, mas era quasi nulla a esperança que os medicos depositavam no bom exito d'ella.

O general Baratieri

A extrema esquerda da camara italiana, que apoiava o governo, instou pelo julgamento do general Baratieri em Roma, em vez de se effectuar em Massaouah, para que a opinião publica fôsse esclarecida a respeito das peripecias da guerra de Africa.

Foi apresentada neste sentido uma proposta pelo deputado Sachi, e parecia que o presidente do conselho estava disposto a satisfazer os desejos da extrema esquerda, com o fundamento de que, sendo o general Baratieri deputado, podia ser julgado em Roma.

Porém, como o rei e o ministro da guerra receassem que o julgamento na capital produzisse um grande escandalo, o governo combate a proposta do deputado Sachi, o que vae dar logar a que a extrema esquerda rompa violentamente as hostilidades contra o gabinete, que os jornaes radicaes accusam de estar seguindo em Africa a mesma politica de Crispi para agradar ao rei, desprezando a opinião publica.

Jornal da Louzã

Entrou no seu 12.º anniversario este nosso denodado e bem redigido correligionario da Louzã.

Cumprimentamo-lo e á sua illustrada redacção, desejando-lhe, para bem do país, que é o da causa republicana, um largo futuro de prosperidades.

Dr. Nunes da Ponte

Eis o extracto do brinde que no jantar offerecido ao nosso prestante correligionario tenente Coelho pronunciou este nosso distincto amigo:

Disse que ha poucos dias a imprensa democratica tinha emocionado a alma da grande familia republicana do país com uma noticia de verdadeiro jubilo. O tenente Manuel Maria Coelho, o brioso e valente militar que na memoravel noite de 31 de janeiro se tinha incorporado ao seu regimento, já revolucionado; que se expozera corajosa e bizarramente durante algumas horas aos azares d'uma lucta sangrenta; que respondera nobre e dignamente aos conselhos de guerra constituídos então nos moldes d'um arbitrio dictatorial, unica forma de lei que rege este país, acabára d'expiar nas inhospitas paragens de Africa a pena de degredo que lhe fôra imposta; e, demandando o Tejo, reaparecera entre os seus amigos com o mesmo sorriso, de despreocupada bondade nos labios, com que ouvira nessa noite inolvidavel as primeiras notas guerreiras do hymno revolucionario que ficou vibrando na alma do povo.

31 de janeiro fôra uma rajada apenas, talvez o primeiro sópro da procella formidavel, que os erros, os vicios e os crimes dos nossos homens publicos accumulam ha largo tempo nas grossas nuvens de desventura, que escurecem, cada vez mais sinistramente, os cerrados horisontes da nossa atmospheria politica.

Seja como fôr, a rajada passou; mas o trovão, que alarmou o país, foi bastante forte para fazer estremecer os desmantelados muros das instituições, escorados apenas pelos mais pòdres supportes da immoralidade, e o raio que o fez detonar bastante luminoso para reflectir nas paginas da nossa grande historia o protesto d'um povo, que não quer morrer suffocado na vasa da devassidão, photographando na tela immortal dos nossos heroes a figura sympathica e generosa do illustre tenente que lhe fazia a honra de o ouvir.

Vencido, sujeitára-se á lei dos vencedores. As ballas, que então se cruzaram nas ruas do Porto, foram bastante generosas para lhe pouparem a preciosa existencia; mas os vencedores, os mesmos que se confessaram responsaveis pela fatalidade da borrasca que os fizera tremer de pavôr, esses, de coração menos maleavel aos sentimentos de generosidade do que o chumbo das ballas, torturam-lh'a quanto lhes foi possivel com um duro exilio de cinco annos completos.

Ora, cinco annos são um instante inapreciavel na sequencia dos grandes phenomenos sociaes; mas cinco annos, para um homem que tem esposa e filhos, filhos tenros, idolatrados, em ninho implume, que debalde tentaria cobrir de tão longe com a aza querida do seu grande affecto e difficilmente poderia alimentar com o esforço incansavel do seu braço, tantas vezes desfallecido pela saudade e pela doença; cinco annos deviam ser uma cruel eternidade.

É triste que sejam indispensaveis

sacrifícios d'esta ordem para que a humanidade possa seguir no seu curso progressivo, sempre na pista d'um ideal de justiça e verdade, que talvez lhe não seja dado attingir.

E mais triste é ainda que seja justamente à custa das lagrimas, das dôres e do sangue dos seus filhos mais puros e mais dignos que tenham de redimir-se os vícios e os crimes d'aquelles que lhes levantam no caminho as mil barreiras d'odios e paixões interesseiras que é forçoso destruir.

Tropeços aliás inanes como o prova a experiencia dos seculos!

A torrente impetuosa das ideias venceu-os sempre.

Ainda hontem, a multidão enorme dos eternos oprimidos passou revista aos seus batalhões disciplinados.

Espectaculo imponente e formidavel, que aterra todos os poderes constituídos.

Pois nós, os republicanos, não o tememos.

Se o mundo actual não quer ver-se submergido d'um dia para o outro no mais violento de todos os cataclysmos, tem de consentir fatalmente que lhe aplanemos o caminho no campo aberto d'uma evolução incruenta.

Para isso é forçoso assegurar a todos, mas leal e cavalheiramente, a parcella de soberania a que cada homem tem direito na sociedade de que faz parte. Mas para que esse direito seja eficazmente exequível é de todo o ponto indispensavel derramar a instrucção por todas as camadas sociaes com a mesma profusão com que a natureza espalha a superficie da terra as sementes que se transformam em pão. É preciso pois educar o povo e as monarchias não educam, desmoralizam, bem o vêdes.

Conquistaram os nossos antepassados, no primeiro quartel d'este seculo, à custa de porfidadas luctas, que o Porto alentou com o calor mais ardente dos seus sonhos de liberdade, promessas juradas que nunca ninguém cumpriu, illusão mentirosa, sobre que se equilibram instavelmente os alicerces d'umas instituições, que liquidam presentemente numa banca-rota fraudulenta as ruinas d'uma patria gloriosa. É que sobre mentiras só pôdem edificar-se crimes.

Nós, os homens do presente, somos mais praticos e positivos. Só dos principios da verdade confiamos a solidez do edificio que procuramos levantar.

É forçoso, pois, implantar a Republica. Para isso pouco falta. Somos muitos, multissimos, muitos mais do que os que enxergam os altos poderes do Estado. Falta-nos apenas acabar de estreitar os ultimos laços da cohesão, que faz a força, que é a certesa da victoria.

Nessa tarefa nos empenhamos dedicadamente. E, para que a nossa obra seja grande, é forçoso, no nosso entender, abrir os braços a todos aquelles que tenham na alma um pensamento de justiça, e no coração um sentimento de fraternidade. Larga tolerancia ao criterio de todas as consciencias, reserva absoluta à obcecção de todos os egoismos. Assim teremos uma republica em que caibam todos os portuguezes, contanto que os illumine o mesmo ideal de justiça e os enlace o mesmo sentimento de egualdade.

Bebendo à saúde do illustre tenente Manuel Maria Coelho, o orador tem a plena satisfação de que é acompanhado, nessa momento de entusiasmo, por todos os que o escutam, pelo partido republicano do Porto, que elles têm a honra de representar, e por toda a grande familia republicana do país inteiro que com elles o applaude e o saudá.

Cuba

Após escaramuças sem importancia alguma, deu-se ultimamente em Cacarajicara, onde Maceo estava entrincheirado, um combate importante.

Weyler mandou marchar contra este ponto, para o atacarem, o general Bernal, de S. Cristobal, os tenentes-coroneis Pintos e Valcárcel, de Puntas de Rubi, e dois coroneis com as respectivas forças do seu commando. O ataque realisouse, havendo 200 baixas nos insurrectos e soffrendo as tropas hespanholas sérias perdas não só de soldados mas de officiaes de diversas graduacões. Parece que este ataque não teve influencia alguma decisiva e *El Liberal*, referindo-se ás operações combinadas contra Maceo, diz o seguinte:

«Até agora, desgraçadamente, nenhuma d'ellas deu o resultado apeteçido. Primeiro, porque as columnas combinadas se aproximaram demasiado da rocha deixando o inimigo à retaguarda; depois porque a columna do coronel Echevarria não chegou a tempo; mais tarde, porque os soldados não tinham munições e a columna Devós teve de ir busca-las, e agora, porque o general Bernal se viu detido em lomas Rangel.

Decididamente, o general Weyler é pouco afortunado nas suas combinações.»

Tão pouco afortunado é o general, que até já declarou que só dentro de dois annos lhe será possivel suffocar a insurreição. E em tão longo prazo podem dar-se tantas combinações inesperadas!

Os ingleses e o Transvaal

Um correspondente francês do sul de Africa diz que a publicação feita pelo governo do Transvaal dos documentos relativos aos manejos do bandido Cecil Rhodes e da *South Africa* contra o Transvaal, produziu em todo o sul de Africa grande indignação contra aquelle aventureiro e contra a companhia que elle dirige com o duque de Fife e outros.

Pela sua parte, o *Times* vê-se obrigado a reconhecer que o procedimento de Cecil Rhodes, que, sendo ministro do Cabo, conspirava contra a independencia do Transvaal, foi de todo o ponto incorrecto.

As folhas de Londres contrarias à politica de exaggerada expansão colonial atacam violentamente os dirigentes da *South Africa*, accusando-os por comprometterem a Inglaterra com os seus manejos, que têm sempre odiosos fins financeiros.

Vae ser nomeado vogal do Supremo Tribunal Administrativo o sr. Frederico Aronca, que ha poucos meses foi nomeado nosso embaixador em Inglaterra, continuando a ser ajudante do procurador geral da corôa.

Alguns collegas nossos censuram o governo pelo facto de se ter feito essa nomeação contra a expressa disposição da lei, que manda preferir individuos de certas categorias. Pelo que se vê, ainda ha quem creia na existencia de leis neste bello país à beira-mar plantado.

Oh! santa ingenuidade!

Os italianos em Africa

Consta que em Adrigat apenas existem viveres para dois dias. Começa a manifestar-se pouca confiança numa acção energica do general Baldissera para libertar aquella fortalésa, ou, pelo menos, abastecê-la de viveres.

O facto de elle mandar o seu quartel para Linafá, a 60 kilometros de Adrigat, leva a crer que tentaria soccorrer a guarnição antes de chegarem os reforços de Menelik. Os tigrétinos abandonaram as posições ao norte de Adrigat, concentrando-se ao sul.

Nos circulos militares explica-se este deslocamento: ou por não se quererem medir com Baldissera emquanto não chegarem, ou para levarem Baldissera a avançar e o atacarem quando o julgarem opportuno.

Prestaram vassalagem os sobas Cassenha, Canzambo e Canzomgue, do territorio de Labale, districto de Benguella.

O caso do Adamastor

Sob este titulo informa o nosso prezado collega o *Paiz* acerca do procedimento ignobil do governo para com o distincto capitão de mar e guerra, sr. Teixeira Guimarães, que estava fiscalizando a construcção do Adamastor:

«Como dissémos, o sr. Teixeira Guimarães, o distincto official que, com poderes da subscrição nacional, estava fiscalizando o Adamastor, e que o governo chamou a Lisboa para satisfazer um capricho do sr. Ferreira de Almeida, requereu para ser inspecionado em sua casa por uma junta de saúde.

Segundo consta os medicos ficaram pensosamente impressionados com a visita que fizeram ao illustre official, porque de facto o encontraram bastante doente.

O ministro da marinha, porém, influenciado por um torpe fcciosismo, que é um dos seus mais accentuados caracteristicos, negou-lhe, como dissémos, a licença registada e depois a inactividade temporaria.

O caso, que é perfeitamente novo, tem sido justamente comentado pelos collegas do sr. Teixeira Guimarães, que se sentem humilhados de vêr a pasta da marinha entregar a um paisano que, não contente em desconhecer completamente todos os variadissimos assumptos em que tem de intervir, se atreve ainda a desconsiderar um illustre official, que, pelo seu caracter e pelos seus conhecimentos technicos, goza de uma superior reputação na briosa corporação a que pertence.

Consociaram-se na segunda feira ultima o sr. Alvaro Pereira Gouvêa, capitão de estado maior, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Ceu Tavares de Mello, sympathica filha do sr. dr. Eduardo Tavares de Mello.

Os noivos, após a cerimonia religiosa, partiram para Lisboa.

Partido republicano

Conforme noticiamos já, realizou-se no dia 1 a eleição da commissão municipal de Ourique, que ficou composta dos seguintes cavalheiros:

Effectivos — José Pedro Dias, pharmaceutico; Joaquim Antonio Nobre, vereador e quarenta maior contribuinte; Bazilio Rosa Loures, artista; Joaquim Coelho Amaral, proprietario; Ignacio Alfonso Nobre, quarenta maior contribuinte; José Francisco Martins, proprietario.

Substitutos — Antonio Sabino, negociante; José Felisberto, proprietario; Manuel Francisco, proprietario; Jacintho Louzão, quarenta maior contribuinte; José Nobre Franco, quarenta maior contribuinte; José Alexandre Simões, proprietario; e Francisco Manuel Ayres, proprietario.

No acto da eleição usaram da palavra os nossos illustres amigos dr. Jacintho Nunes, Alves Cortês, dr. Alfonso de Lemos, dr. Manuel Brando e outros, que pronunciaram energicos discursos e foram muito applaudidos.

Receberam-se adhesões de Magalhães Lima e Horacio Ferrari.

Carta de Nova Gôa

De um nosso amigo, magistrado respeitabilissimo pelo seu saber e pela austeridade do seu porte, que em Nova Gôa está como funcionario de elevada categoria, recebemos uma carta em que nos diz que a rebellião dos *nativos* apenas existiu na mente de alguns individuos, que a inventaram por interesse seu. Sómente houve uma greve de soldados marathas que se recusaram a seguir para Moçambique, por não serem obrigados a isso pelo seu alistamento, e uma alliança subsequente dos mesmos com os Ranes de Satary, que se queixavam de terem sido prejudicados por umas concessões de terrenos, feitas pelo governador.

Diz-nos ainda esse nosso prezadissimo amigo que o Raphael de Andrade foi ali inaugurar um regimen de terror para se vingar de agravos passados. Por um simples despacho seu, e sem mais formalidades, suspendeu um juiz municipal e seu substituto, pelo facto de ter determinado que se instaurasse contra elles processo criminal; e na mesma data nomeou um juiz municipal interino.

Pedir providencias ao governo da metropole é inutil.

Limitamo-nos, pois, a protestar contra tamanha arbitrariedade, que outra cousa não é um tal procedimento.

Segundo o regimento da administração da justiça das provincias ultramarinas, de 20 de fevereiro de 1894, pôdem é certo os governadores transferir os juizes municipaes, a requerimento seu, ou por conveniencia do serviço publico, dentro da mesma comarca, e até demittil-os, mas sómente depois de ouvidos e precedendo parecer do presidente da relação e voto affirmativo do conselho do governo.

Com respeito porém à suspensão dos juizes municipaes e seus substitutos não estabelece o regimento providencia alguma, devendo portanto seguir-se o que se acha consignado em outras leis: que não pôdem os juizes municipaes ser suspensos senão nos casos em que o pôdem ser os juizes de direito.

Mas, assim como o governo da metropole, os governadores das provincias ultramarinas só conhecem o seu arbitrio como lei e nada superior à sua vontade despotica.

O nosso protesto contra o facto arbitrario da suspensão d'um magistrado judicial sem se observarem as prescripções legais,ahi fica.

Diz-nos ainda o nosso muito prezado amigo que o tenente coronel Martins de Carvalho, filho do redactor do *Conimbricense*, tem ali prestado excellentes serviços e que os povos das Novas Conquistas têm por elle grande predilecção.

Como verdadeiros amigos do tenente coronel Martins de Carvalho, de seu pae e de seu filho Fernando, sentimos o maior jubilo por esta noticia, transmittida por pessoa de tanta respeitabilidade como é o amigo que nos escreve,

Instituto de Coimbra

No domingo passado a direcção da secção d'archeologia do Instituto foi procurar os srs. Reitor da Universidade e Bispo-conde para lhes agradecer o terem presidido á sessão de inauguração do *Museu de antiguidades*, e o auxilio que têm prestado a esta instituição.

A direcção retirou-se muito satisfeita com as palavras de ss. ex.^{as}, que prometteram continuar a coadjubar a direcção na obra tão auspiciosamente encetada.

É de suppôr que muito breve se possa inaugurar uma nova sala do museu. Não faltam os objectos a expôr, nem a boa vontade.

Para o *Museu d'antiguidades* do Instituto vão ser reconduzidos alguns capiteis romanicos, restos da decoração da abside da antiga igreja de S. Thiago, que a curiosidade e o amor d'um particular poude salvar quando se procedeu á obra de alargamento da rua do Coruche, obra que destruiu na sua maior parte a capella-mór, tornando impossivel uma restauração completa do curioso templo.

Diz-se que do claustro de Cellas desapparecera um retabulo de madeira estofada, obra portuguesa do seculo XVII, muito curioso, que deve ter feito o regalo d'um amator.

Informam-nos que a camara, a cuja guarda estava confiado o claustro, tem boa vontade de apurar o caso.

Do convento de Cellas vem, ao que se diz, para o museu do Instituto um grupo de pedra, esculptura do seculo XVI, que em tempo já havia sido cedido por o governo, mas que a direcção não mandára retirar.

Centenario da vaccina

No dia 14 do corrente mês celebrar-se-ha na Russia o centenario da vaccina.

Foi em igual dia de 1796 que Jenner praticou a operação de vaccina humanizada, e é esse dia que a Sociedade russa para a protecção da saúde publica se propõe comemorar com toda a solemnidade.

Abre o concurso com um premio de mil rublos sobre a vaccinação; reunirá todos os materiaes que têm relação com esta materia; no dia do anniversario apparecerá uma traducção russa das obras de Jenner, e far-se-ha uma exposição dos objectos que têm relação com a vaccinação.

Conservou-se o nome do primeiro vaccinado.

A 14 de maio de 1796 Jennes inoculava a James Philipps o liquido extrahido das mãos de Sarah Melmes, que havia tocado numa vacca affectada do cowpox. A noticia de que se tinha encontrado um remedio contra a terrivel enfermidade que tão cruelmente desfigurava aquelles que d'ella não eram victimas, espalhou-se rapidamente no mundo civilizado.

Foi a Russia uma das primeiras nações que adoptou o precioso methodo preventivo. Foi Schulze, medico da realésa da Russia, o propagador do systema.

O primeiro vaccinado foi uma creança do hospicio dos meninos abandonados. A imperatriz interessou-se por elle e, como não tivesse ainda nome, deu-lhe o de Vaccinot.

Carta de Lisboa

Lisboa, 5 de maio de 1896.

Cada qual interpreta a seu modo o artigo da *Resistencia*, que tem por título — *Aos republicanos de Lisboa*.

Creio que a interpretação a dar-lhe é a seguinte:

1.º Que tenham juízo, meus meninos.

2.º Que deve cada um ser no partido o que merece e não o que quer ser.

3.º Que deve o partido organizar-se, porque está desorganizado em Lisboa.

4.º Que deve o partido cumprir o seu dever.

Resposta de uns, evasivas de outros, commentario de muitos. — Aquillo é manha: — É para o santo accordo: — Não péga: — Temos feito tudo, sabemos, pensamos e trabalhamos.

Até o nosso conhecido amigo Frei Bartholomeu dos Martyres, que desde o comicio de Braga estava com um pé na Republica, adheriu ao movimento.

Em resumo: tempo perdido, intenções desvirtuadas e tudo na mesma: isto é, tudo concorrendo para consagrar esta phrase verdadeira — Quem faz a Republica são as asneiras da monarchia. Mais nada.

×

O Antonio Maria publicava uma pagina dedicada ao partido republicano. Um panno de theatro com os nomes de alguns jornaes do partido. O panno sem subir. Titulo da pagina — *A Republica, peça em muitos e longos actos*.

Indignado com isto, affirma-me d'ali o amigo Flores, do *Club Mortalha e Onça* (a idéa é do Fialho), que não senhor, que se pensa e se trabalha.

Que as questões mais importantes foram estudadas. Que já toda a

gente sabe que a sociedade é um organismo e que por isso o partido em Lisboa estuda anatomia.

Quanto ao resto, quem dá os vivas á Republica é o conde de Restello.

Para os estudantes poderem tomar parte na função até se escolher o dia — uma surpresa de feriado.

Agora falta, unicamente, a carta do Sebastião, *adherindo*.

Liquidado este ponto, é só desinvolver o plano que é cópia do de Trochu.

O que é o plano de Trochu, eu lhes contarei na outra carta.

×

Agora a sério. Causou-me impressão o brilhante acolhimento que o tenente Coelho tem tido em toda a parte.

Em Lisboa, modestamente recebido mas com sinceridade. No Porto, como eu esperava, com a hospitalidade da gente do Porto e com o entusiasmo de homens de bem, de intelligencia superior e de saber profundo.

Agora leio os telegrammas da manha e vejo que por toda a parte o tenente Coelho é acolhido como merece.

Ainda bem!

É de homens assim que precisamos. Intelligentes, illustrados e firmes. O tenente Coelho não faz discursos, o tenente Coelho não se produz em grande homem. Não tem orgulhos ridiculos, vaidades balófas. E, todavia, elle é um homem!

Homem de honra, homem de bem.

Se os novos têm de aprender com elle, os velhos também precisam das suas lições.

Dá com a sua audacia rebate aos nervos da mocidade, impõe com a sua modestia silencio aos nullos e ensina com o seu proceder o caminho a seguir: poucas palavras e boas acções.

velho cemiterio e os salgueiros das margens de Odon que manchavam de negro os primeiros clarões da aurora. Seguiu até ás ultimas arvores o leito do regato, depois, agarrando-se a um ramo que pendia entre dois amieiros, balançou-se um instante ao som do órgão, e deixou-se cair na corrente sombria de Odon.

O seu cadaver foi encontrado no dia seguinte ao meio dia pelo padre Langel, que, impressionado com esta desappareição subita havia seguido a sua inspiração.

— Mas M.^{elle} de Croizy estava pos sessa, não é verdade, sr. capellão? — perguntavam ateadas as jovens religiosas.

— Rogae por ella, minhas irmãs; estava louca, respondia o capellão.

— Louca de amor, pensou a irmã Saint-Athanase, que recebendo a noticia do casamento de M.^{elle} de Villy com M. d'Argouges, tinha comprehendido tudo, ou quasi tudo.

Um anno depois, Emmanuel d'Argouges era victima d'um desastre andando á caça. A carga da sua espingarda entrara-lhe no peito como uma balla, dizia-se, ao saltar um ballado. Pedro Touzand, que estava ainda em ferias, foi chamado a toda a pressa.

— Que grande desgraça, não é verdade?, dizia-lhe M. de Villy, depois de elle constatar a sua morte.

— Sim, disse o dr. Touzand, é um... caso singular.

FIM

Quando os prussianos cercavam Paris, era membro do governo da *Defesa Nacional* o general Trochu.

Ora Trochu tinha um plano para combater e vencer o inimigo. Não vencen. Ora esse plano é o mesmo...

Fica para a outra carta a historia do general Trochu.

J. M.

Um telegramma enviado do Pará noticia que falleceu alli, victima d'uma congestão cerebral, o conhecido e apreciado actor Antonio Portugal, natural d'esta cidade.

«Voz da Patria»

Começou a sua publicação em Bragança, alinhando-se nas fileiras republicanas, este jornal, cuja apresentação singela e nobre nos deixa uma grande impressão de sympathia.

No actual momento, em que o partido republicano está procedendo a uma manifesta concentração de forças, sentimos uma alegria verdadeira e sincera por podermos dirigir d'aqui ao nosso novo correligionario as felicitações mais calorosas.

Esteve nesta cidade de visita aos seus amigos o sr. Adolpho Ferreira Loureiro.

Coches de gala

Os coches de gala destinados aos representantes da França na coroação do czar, foram remetidos de Paris para Moscovo ultimamente.

Todos os jornaes francezes fazem uma descripção minuciosa d'estes coches, que foram construidos para o imperador Napoleão III e serviram no baptizado do principe imperial.

Com a queda do imperio e a liquidação da lista civil, aquelles coches foram depositados nas officinas de Jeantraud, successor do artista que os construiu. Ha uns doze annos Jeantraud recebera ordem da imperatriz Eugenia para os desfazer e queimar, mas por fim obteve permissão de os guardar, com a condição de que não serviriam a quem quer que fosse. Comtudo, a imperatriz Eugenia auctorizou que os coches fossem agora restaurados e servissem na cerimonia da coroação do czar.

Amhos os coches, no estylo Luiz XV, acham-se construidos de modo que fazem honra aos artistas francezes.

Falla-se de novo na substituição do actual mercado, tendo sido nomeada pela camara uma commissão para estudar o assumpto.

Pelo que se vê, ha eleições á porta. Talvez que o sr. Manoel Miranda queira d'esse modo influir nos irmãos da Ordem Terceira.

Foi despachado para a igreja de Santo André da Cordinhã, d'esta diocese, o rev.^o Joaquim Diniz.

No proximo domingo, 10 do corrente, sahe com a pompa do costume o Viatico aos entrevados da freguezia de Santa Cruz.

Emilia de Jesus, de Penacova, seguiu em terça feira ultima para Lisboa a fim de ser tratada no Instituto de Pasteur.

Ficou adiada para o dia 12 do corrente a audiencia geral em que, em terça feira ultima, devia ser julgado o réo João Aleixo, de S. Martinho do Bispo, que é accusado do crime de homicidio voluntario, e que não se realisou nesse dia por falta de testemunhas.

Recita dos quintanistas

Realizou-se hontem a recita de despedida dos cursos do 5.º anno de Direito e de Theologia, indo a scena a opereta — *O sonho de um bacharel*, letra dos srs. Augusto de Mesquita e Sebastião de Carvalho e musica do sr. dr. Simões Barbas.

O theatro estava litteralmente cheio, tendo-se vendido alguns bilhetes de camarote e de platêa por preços extraordinarios. O ediantado da hora em que o espectáculo, que decorreu no meio do maior entusiasmo, terminou, não nos permite dar hoje uma noticia desinvolvida, o que faremos no proximo numero.

No mês de abril findo passavam-se no governo civil d'este districto 119 passaportes.

Os condiscipulos do saudoso bohemio Hylario mandaram resar hoje, ás 10 horas da manha, uma missa na capella da Universidade para suffragar a sua alma.

Foi muito concorrida.

No hospital da Universidade está suspensa a entrada de doentes por falta de camas.

Egrejas a concurso

Estão a concurso as seguintes egrejas d'esta diocese:

Pedrogão Grande (N. Senhora da Assumpção), concelho de Figueiró dos Vinhos;

Revelles (N. Senhora do Ó), concelho de Montemor-o-Velho;

Vaccariça (S. Vicente), concelho de Mealhada.

Contra o chapéu alto

Um inglês, lord Gower, empreendeu uma campanha energica contra o chapéu de copa alta, e o numero dos que o auxiliam nesta campanha chama-se legião. O chapéu alto é considerado como incommodo, insalubre e de ridículo effeito, e d'isto estão persuadidos muitos que não tomam parte na campanha. Mas com que se ha de substituir quando se veste casaca?

É neste ponto que não estão accordes as opiniões. A maioria, porém, inclina-se a favor do chapéu baixo de abas largas, como mais decorativo e mais util para o sol e para o frio. Alguns entusiastas até propõem como enfeite que nos mencionados chapéus tremule uma pluma, arranque de romantismo mais proprio dos tempos de Byron que dos nossos.

Os chapelheiros londrinos mais em voga foram consultados. Nenhum se oppõe á innovação, antes a favorecem, e os iniciadores da campanha só esperam o que farão o principe de Galles e o duque de York, a quem se dirigiu lord Gower, pedindo-lhe que dêem o tom, abandonando o chapéu de copa alta.

Bibliographia

Memorandum — Acabamos de receber o *Memorandum*, dirigido aos contribuintes pelas commissões instaladoras das Associações Commercial de Lisboa, Industrial Portuguesa e Commercial de Lojistas sobre o projecto dos novos impostos.

É um trabalho de primeira ordem e por onde se pôde apreciar bem o estado cahotico em que tudo anda neste pais.

Agradecemos a offerta.

Revista das Escolas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio Mesquita.

Jornal de Viagens — Acha-se publicado mais um numero d'este interessante semanario que se publica no Porto, e de que é director o sr. Deolindo de Castro.

Revista Theatral — Excelente publicação quinzenal de assumptos theatraes, dirigida pelos srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

Acaba de sahir o numero correspondente ao 1.º de maio.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 23 de abril de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Approvada a acta da sessão anterior foi enviado ao vereador do pelouro respectivo, para informar, um officio do Instituto d'esta cidade, pedindo para serem depositados no museu tres imagens de santos, de algum merecimento para a historia d'arte, que se encontram em um quarto do asylo dos cegos, em Cellas.

Mandou pagar despêsas feitas, na somma de 368000 réis, com serviços da commissão do recenseamento militar — intimações, etc.

Attestou acerca de uma petição para um subsidio de leccção a um menor.

Auctorizou a reparação das guaritas dos postos fiscaes de Mont'arros, Jardim, Alegria e estrada da Beira, orçada em 112140 réis.

Auctorizou o pagamento de 4245310 réis de material fornecido no anno findo para o serviço das aguas pela casa Campos & Moraes, da cidade do Porto.

Mandou proceder a limpeza e caiação dos edificios pertencentes ao municipio.

Mandou illuminar a fachada do edificio dos Paços do concelho na noite de 29 do corrente pelo anniversario da outhorga da carta Constitucional.

Mandou processar a folha dos vencimentos do thesoureiro do municipio relativa ao mês de março, na importancia de 30430 réis.

Approvou o rol de lançamento do imposto de cêes, na somma de 1694500 réis mandando annunciar a sua exposição, para o effeito de reclamações.

Resolveu lançar para o futuro as mesmas percentagens, que foram votadas para a corrente anno, a saber: 20% sobre as contribuições directas do Estado, predial, industrial, renda de casas e sumptuaria; 17% sobre a equivalente a 14% dos capitães sujeitos á decima de juros e dos ordenados dos empregados publicos, liquidos do imposto de rendimento e dos descontos para a caixa das aposentações; 11,8% sobre as contribuições directas do Estado, predial, industrial, renda de casas e sumptuaria para o fundo da instrucção primaria.

Despachou requerimentos: — attestando acerca do comportamento moral e civil de um individuo natural de Coimbra e aqui residente; auctorisando canalisações d'agua de exgolo em communicação com os canos geraes das ruas; a reconstrução de uma casa em Fóra de Portas (alçado); tomando na devida conta uma representação dos moradores de Cellas, pedindo providencias acerca da falta d'agua na fonte do mesmo logar; e auctorisando o vereador respectivo a providenciar favoravelmente ao pedido feito em outra representação da Junta de parochia de Santo Antonio dos Olivares e de diversos outros proprietarios da freguezia, para a cedencia d'agua da nascente do asylo de Cellas, por virtude da escassez d'agua da fonte do logar.

Pedi informações acerca de diversos requerimentos sobre exhumações no cemiterio, occupação de terrenos, cuja vedação se pretende; collocação de tabletas, em estabelecimentos particulares e obras, tanto da cidade, como nas freguezias rurais do concelho, requeridas pelos proprietarios.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

4 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXVII

E de repente, ao de cima de esse regato de sangue, sem a mais leve mancha na alvura do seu vestido, Alice de Villy em toilette de noiva, serena, e doce estendia-lhe a mão.

Herminia saltou do leito; as fontes ardiavam-lhe. Ar, precisava de ar.

O sino tocava a matinas; as sombras das religiosas desliziavam pelas paredes; a porta do pavilhão que ella occupava devia estar aberta. Fez um grande esforço para se vestir; depois desceu agarrada ao corrimão.

O frio d'esta madrugada de outubro cortava-lhe a fronte como setas agudas e das quaes algumas lhe penetravam cruelmente no craneo produzindo-lhe dores insupportaveis. M.^{elle} de Croizy desceu ao jardim que aquella hora se achava ainda involto num nevoeiro espesso, eram cinco horas da manha; o sino das matinas callara-se.

Herminia dirigiu-se para o pavilhão das demoiselles de Fayolles.

Quando chegou á porta o órgão da capella começava a tocar. Parou para ouvir, como se esta musica a embessesse num novo sonho, e dividindo o seu olhar entre as massas confusas do

Arrendamento

1.ª publicação

15 No juizo de direito de Coimbra e pelo inventario de menores por obito de Thomaz Rasteiro, morador que foi nesta cidade, ha de proceder-se no dia 27 do corrente, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, ao arrendamento, por 5 annos, do prédio seguinte:

Umás casas sitas na rua Direita d'esta cidade, com os numeros 65 e 67.

Este arrendamento começa no dia 25 do proximo mês de junho e ha de terminar em egual dia do anno de 1901.

A base da licitação é da quantia de trinta e quatro mil quinhentos e cincoenta réis, annuaes, mas mediante as condições seguintes:

1.ª A dar flador edoneo ao pagamento da renda e á deterioração, que por culpa do arrendatario, se der no prédio.

2.ª A pagar o premio do seguro e todas as contribuições que forem lançadas ao prédio e que pertençam pagar ao proprietario, com o direito de descontar no preço da renda, apresentando os competentes documentos.

3.ª A pagar a renda semestral e adeantadamente nos dias 25 de junho e de dezembro de cada um dos annos até final do contracto e a primeira prestação no acto do arrendamento.

Verifiquei.

O juiz de Direito,
Neves e Castro.

Vinhos da Beira Alta

ARMAZENS

EM

CANNAS DE SENHORIM

14 Em 17 do mez passado, fomos surpreendidos pela visita do Ex.º Sr. Commissario de policia de Vizeu, que juntamente com o Ex.º Sr. Agronomo do districto e policia procedeu a um rigoroso exame nos nossos armazens, tirando amostras de todos os vinhos existentes (algumas centenas de pipas), sendo em seguida lacradas todas as vasilhas e remettendo as ditas amostras para o Laboratorio da fiscalização dos vinhos e azeites em Lisboa, a fim de se averiguar se entre elles existiam alguns falsificados ou adulterados.

Analysados todos esses vinhos, verificou-se serem todos puros e genuinos, como provamos pelo documento respectivo que a Direcção geral dos serviços agricolas nos passou, o qual temos em nosso poder e á disposição de toda e qualquer pessoa que queira dar-nos a honra da sua visita aos nossos armazens.

Cremos (e se tal dizemos alguns dados temos), que esta surpresa foi devida á cobarde e menos verdadeira denuncia d'alguns inimigos nossos, que de ha muito nos andam fazendo uma guerra surda, mas cobarde e vil.

Se assim é, só temos a agradecer-lhes o bom serviço que, (apezar das suas más intenções), prestaram á nossa firma social, dando occasião a um formal e official desmentido á falsa difamação levantada contra a nossa casa commercial.

Cannas de Senhorim, 1 de maio de 1896.

Joaquim Adelino Marques & Filhos.

13 **Vende-se** uma taboleta de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineaes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear

Magnificas accommodações desde 1\$200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encommendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem egualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

9 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor
17—ADRO DE CIMA—20

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. —Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

59, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. —Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. —Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Coimbra e Luso

6 **A** começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.
A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.
Coimbra, 1 de maio de 1896
Manuel José da Costa Soares.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

5 **V**inhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.
Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Arrenda-se

4 **N**a rua da Sophia o 2.º andar do prédio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

3 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Loja da China

Ferreira Borges

2 **A**men-doas de Moncorvo e grande sortido em amendoas fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.
Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.
Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 1\$000 réis o kilo.
Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.
Compra e venda de sellos para collecções.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR
João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 3v réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 128

COIMBRA — Domingo, 10 de maio de 1896

2.º ANNO

PODRIDÕES

Dia a dia se vão manifestando factos gravissimos, alarmantes symptomas da extraordinaria perversão moral das classes dirigentes do nosso país, que parecem apostadas a fazer desaparecer uma nação outr'ora digna, heroica até, num monturo enorme das mais vis infâmias, das mais hediondas e repugnantes miserias. Surgem diante de nós, com assustadora frequencia, a cada passo, as mais evidentes manifestações da infecção putrida que, havendo-se infiltrado nas altas espheras da publica governação, de que já se asseihoreou completamente, se vae alastrand'o por todas as partes do organismo social.

As veniagas da *Outra metade*, das *Lamas do Tejo*, do *Predio do Porto*; os roubos da thesouraria de Evora, da junta geral do districto do Porto, do cofre da receita eventual; os casos da Companhia real dos caminhos de ferro, do Banco Lusitano, do Banco do Povo, do Nyassa, da Companhia nacional dos caminhos de ferro, da Companhia das docas, do Syndicato de Salamanca e muitos outros attestam de modo mais categorico a verdade das nossas affirmações. Já não nos é dado ver esses factos como manifestação anormal, extraordinaria, de transitoria doença; a sua incessante repetição bem claramente evidenc'ea que elles se vão filiar em graves causas, d'ordem geral e mais ou menos permanente. E não é só isso.

Descobrem-se roubos; expõem-se ao publico inauditos escandalos; publicam-se os nomes dos ladrões, indicam-se os dos cúmplices. E até hoje, de todos os casos referidos, não foi condemnado nenhum auctor ou cúmplice! A justiça tem revelado a impotencia mais completa para tornar vivas, por um momento que fosse, as disposições do codigo penal, sempre que se trata de criminosos que são politicos monarchicos ou protegidos pela politica monarchica. Sujeta tambem á influencia deleteria que esta exerce, manietada pelas conveniencias do throno, a justiça está sendo atacada tambem pelo virus purulento que desapidadamente está destruindo, pela decomposição, o organismo nacional.

E chegada ahí a sua acção, perdida deve estar qualquer esperanza de o salvar.

Não se comprehende uma sociedade sem leis e estas não existem quando se não applicam, quando não ha um poder judicial a quem seja dada toda a independencia necessaria para exercer desassombra-

damente as suas funcções e sobre cujos actos a opinião publica mantenha sempre a mais activa vigilancia. E nós chegamos a este estado.

As leis, para a politica monarchica, só servem para fazer avolumar os escandalos. Nada mais.

×

Foram estas considerações suscitadas pelas assombrosas revelações que os peritos incumbidos de examinar a escripturação da Mala Real Portuguesa fazem no relatorio que acabam de apresentar ao tribunal do commercio.

Vê-se, por esse relatorio, que a companhia foi saqueada do modo mais revoltante; que dos seus cofres sahiram grossas sommas para comprar altas influencias; que da sua administração faziam parte individuos que não eram accionistas; que se falseou ignobilmente a verdade para obter a subscrição das obrigações; que foram distribuidas gratificações á imprensa; que se commetteram extraordinarias fraudes na escripturação e outros factos igualmente significativos da mais depravada corrupção que sempre se deu na administração d'aquella companhia, e que motivou para o Estado e para os particulares a perda de enormes sommas.

Impossivel fazer uma resenha sequer dos crimes e irregularidades que os peritos accusam e provam. Ha um facto, porém, que não podemos deixar de registar.

Em dezembro de 1888 foi entregue pelo cofre da Mala Real aos srs. Alfredo de Oliveira Sousa Leal e Antonio de Sousa Lara a quantia de 18 contos de réis para estudos e viagens a fim de se alcançar do parlamento portuguez a concessão do subsidio em favor da Mala Real. Que estudos e viagens foram esses, que importaram em tão avultada quantia, para se obter do parlamento um subsidio? Eis o que se tornava necessario esclarecer.

Talvez ahí esteja a explicação do modo por que alguns politicos, como Lopo Vaz, adquirem tão avultadas sommas para deixarem aos seus herdeiros ou gastarem em loucas manifestações de luxo e inauditas scenas de devassidão. Que é para nós ponto assente que ha altas influencias politicas que se vendem a companhias cujos interesses defendem, ou, antes, os das suas administrações, á custa dos cofres publicos ou da escandalosa protecção dos governos para todos os attentados e crimes que essas administrações pratiquem.

E assim se explica o motivo por que tão extraordinariamente vae lavrando a corrupção por toda a parte; e assim se explica porque fi-

cam impunes os crimes commettidos pelos vultos mais em evidencia na finança e no funcionalismo publico. Ha, em qualquer escandalo que surge, responsabilidades que directa ou indirectamente não recahir sobre os vultos mais em evidencia na politica monarchica.

Explica-se assim a repetição dos escandalos e a sua impunidade, e tambem assim nos é indicado o unico meio por que é possivel lutar contra essa corrupção que invade todo o país: supprimir a monarchia e com ella a monarchica politica.

Os nossos correligionarios de Lisboa celebraram um grande banquete em que se resolveu por aclamação que se fundasse um centro republicano em Lisboa. Reconhecemos a grande vantagem que da fundação d'esse centro póde e deve derivar para o partido republicano, contribuindo para nelle manter uma rigorosa disciplina e afirmar efficacizmente a unidade da sua direcção. Que elle se organise, pois, e preste ao partido os bons serviços que d'elle ha a esperar.

Do *Jornal do Commercio*:

«Sécca e permanencia do governo João Franco, eis as duas pragas de que o país se vê ameaçado.»

Da primeira praga já estamos livres. Da segunda e d'uma terceira praga real nem Deus nem o demonio nos livram.

O Solar definido por um barriga

Interessantissimo um artigo de fundo do *Diario Popular* em que o sr. Mariano de Carvalho nos vem dizer o que foi o *Solar dos Barrigas*. Foi tal o desprestigio em que sempre viveu aquelle extraordinario aborto da mais extraordinaria dictadura que em Portugal se tem feito; arrastou vida tao miseravel aquella phantastica obra do ministro mais impudente e cynico que entre nós tem havido, que nem os seus proprios membros o poupam no momento em que se depõem as armas perante o inimigo — quando elle está a exhalar o ultimo suspiro.

É o sr. Mariano de Carvalho que, tendo feito parte do *Solar dos Barrigas* e discutido os diversos projectos que nelle foram apresentados, vem declarar que nenhum dos seus collegas revelou talento nem boa vontade de servir o país, a que não foi prestado o minimo serviço, tendo-se, pelo contrario, aggravado a sua situação!

Ouçamo-lo:

«Como obediencia ás vontades e até a desarrastados caprichos ministeriaes, nunca se viu exemplar mais acabado de submissão, que não diremos cega,

porque quasi sempre os deputados por obediencia votavam o que bem sabiam ser mau, ou pessimo. Mas todos recuavam perante a manifestação da vontade propria e preferiam curvar tristes a cabeça ao imperioso e nem sempre bem creado querer ministerial. O senhor mandava e tudo obedecia resignadamente.»

Fica para ahí um montão de leis, na maxima parte más; porém, não se encontra providencia, que honre a camara ou de modo sensivel contribua para regenerar o país e o libertar da crise, agora mais do que nunca perigosa. No meio de uma calamidade, que ameaça ficar funebremente assignalada na historia do país, a camara das forças vivas votou impostos sobre impostos e aggravou as despesas com cerca de 1:200 contos sem nenhum proveito publico. E' isso tudo quanto deixa da sua iniciativa em materia economica e financeira. Em assumptos de administração, ou votou inconscientemente os maximos despropositos ou sancionou decretos igualmente desastrados da dictadura Providencia fecunda e honrosa da camara, nenhuma.

Por isso a camara, que mal nasceu, peor viveu, e cahiu no tumulto entre risos escarainhos votando o proprio suicidio.»

Todos sabiam já o que era o *Solar dos Barrigas*. Não nos veio o sr. Mariano de Carvalho revelar novidade alguma.

E tambem não é novo que seja um membro da propria corporação, que já estava completamente desacreditada antes de começar a funcionar, que venha cooperar na sua exauctoração. A tal estado chegou a moralidade entre nós, que nem sequer se respeitam as mais rudimentares conveniencias; tão longe foi o desvergonhamento, que vem accasar collegas de vicios de origem e de falta de auctoridade quem teve a mesma origem e d'elles nunca se affastou.

Um barriga diz mal dos collegas. Os collegas, no proprio dia em que é publicado o artigo em que são tão duramente criticados, recebem com as maiores manifestações de sympathia esse barriga!

Um cumulo.

O sr. Azevedo Gomes, chefe do gabinete do ministerio da marinha e que tinha trabalhado com o respectivo ministro em varios projectos que as intrigas do João Franco condemnaram ao esquecimento, pediu a demissão.

Bella lição ao Jacintho Candido.

Deu o corpo ao Diabo o *Solar dos Barrigas*. O país acompanha á ultima morada o saudoso extinto, apresentando reverentemente as armas de S. Francisco.

Está melhor das nevralgias o João Franco.

Parabens ao país.

Bagatellas

A concorrência muito numerosa de visitantes ao museu de antiguidades do *Instituto* prova que os esforços da sua reorganização lograram interessar a opinião e são favoravelmente acceitos, como é de justiça.

Muitos dos objectos alli expostos representam elucidações historicas d'uma alta importancia, sob o ponto de vista da arte e da archeologia local.

É claro que esses documentos estão por enquanto longe de constituir séries completas, que só poderão conseguir-se com tempo, persistencia e recursos de outra ordem.

Mas, assim mesmo, considerados como nucleos iniciaes, em volta dos quaes virão agregar-se de futuro exemplares congeneres, a abundancia de curiosidades que alli se encontra exige louvores incondicionaes, que só poderão ser regateados pelos inuteis endurecidos, que passam a vida derrancados na maledicencia material e systematica de tudo e de todos.

Se ha gente que, não obstante os seus credits de illustração, desdenhe de tal — *meia dúzia de pedras, cacos e ferros velhos*, essa gente apenas demonstra uma deformidade de espirito e a penuria lastimosa de educação e delicadessa moral.

Por um impulso de bom senso e de pudór, essa gente, que tal desprezimento mostra pelos testemunhos adoraveis das creações, do trabalho, e do percurso luminoso da intelligencia humana, deveria occultar essa mancha de inferioridade com o cuidado com que a dignidade manda esconder as enfermidades contrahidas aos contactos impudicos, das crapulas de malta!

Para aquelles, cuja alma vibra na evocação carinhosa do pensar e do sentir dos homens de hontem, nesta cadeia de solidariedade que liga as gerações na sua successão eterna, essas pedras e esses cacos despertam uma emoção suavissima de poesia e de ternura, no reconhecimento ineffavel pela herança de civilização que nos legaram!

Mas não é, — e ainda bem! — para aquelles que conseguiram materialisar-se, insensíveis e felizes na sacedade da vida vegetativa, e — cujas vozes não attingem o céu! — que o *Instituto* levou a effeito essa honrosa tarefa.

As tendencias sequiosas de os-

tentação é o mais danoso defeito da vida portuguesa. São os pruridos de fausto e de programmas apparatusos que tudo desmoralizam e tudo estragam, na economia particular, assim como na administração publica!

Os dois embaixadores venezianos que no seculo XVI estiveram em Portugal notaram essas tendências vaidosas e insensatas.

Sempre o pandilhismo da mordacidade exercida por aquelles que talvez nunca sacrificassem desinteressadamente uma parcella das suas commodidades para a realização d'um pensamento generoso de utilidade publica!!...

Nos seus grandes ares, queriam que o museu do Instituto tivesse as proporções dos vastos museus das capitães europeias, que elles bem conhecem! Como se as grandes arvores e os grandes edificios brotassem da terra d'um momento para o outro!

A galeria da cidade de Angoulême, ha quatorze annos, possuia apenas 50 quadros; a da cidade de Laon, nem tantos. E assim foram abertas ao publico, sem que emphaticos pedantes, na pose philautica d'uma opinião singular, julgassem do seu dever mostrar-se escandalizados pela modestia promettedora da instituição.

Porque, poucos annos depois, com o auxilio do governo central, tomavam extraordinario desenvolvimento.

Todavia não se julgue ser pequeno o deposito de coisas preciosas que no Museu do Instituto se encontra.

Começa por uma colleção de objectos pre-historicos, que dizem ser importante. E d'ahi por diante segue a epigraphia lapidar, que é abundante e do mais alto valor para a historia de Coimbra; escultura e decoração. A estatuaria em pedra do seculo XVI acha-se preciosamente representada. Etc., etc.

Em fainças ha os certificados authenticos e unicos para um capitulo de historia inteiramente novo.

Emfim, ha um pouco de tudo, de todas as epochas e em todos os generos, que attrahe a attenção dos visitantes numa contemplação demorada.

Entre as alterações introduzidas na proposta de lei que reforma o código de justiça militar figura uma apresentada pelo sr. Moncada para que se modifique a redacção d'um artigo, de modo a que certas disposições sejam applicadas aos officiaes do exercito em serviço no corpo de policia civil a fim de serem julgados pelo foro militar. A historia d'esta alteração revela o grau de aviltamento a que o pseudo-parlamento chegou entre nós. Porque é necessario que se saiba que só houve o intuito de subtrahir á acção

dos tribunaes ordinarios o celebre capitão Dias, que ha mais de um anno aggreuiu um estudante da Escola Medica.

Por accordão do Supremo Tribunal devia elle responder no tribunal do 2.º districto criminal, onde não podia deixar de ser condemnado, porque estava amplamente provado que elle esbofeteara o estudante e que, no acto da prisão, lhe dirigira graves obscenidades.

Agora, tendo de ser julgado num tribunal especial onde não ha accusação particular e domina o espirito de classe, de suppôr é que seja absolvido. Nem a emenda agora introduzida deve ter outro intuito.

Moraes Caravella

Depois de curta estada nesta cidade, onde tivemos o prazer de abraçar, seguiu hontem para o norte este nosso querido amigo e dedicado correligionario.

Está quasi completamente restabelecido o sr. dr. Souto Rodrigues, distincto professor da Universidade.

Aos eleitores da Ordem Terceira

Chamamos a sua attenção para o que se diz no artigo que acerca d'esta irmandade hoje publicamos.

Em nada nos surprehe o que ali se relata, attribuindo ao jagueta Manuel Miranda, depois que é do dominio publico o que se tem passado na camara municipal, cujas sessões teve de abandonar, depois das comicas peripecias.

Um homem, com taes predicados, ha muito devera ter sido expulso da corporação a que tantos prejuizos tem causado.

Sae? Não sae?

São as perguntas que se ouvem acerca do sr. Jacintho Candido, ministro da marinha.

Mostra-se elle muito descontente por não ter sido votado o seu projecto de organização da Escola Naval, em virtude da promessa que o sr. João Franco fez ao famigerado Ferreira d'Almeida. Manifestou já ao rei esse descontentamento profundo que lhe vae na alma, dizendo que só se sujeitava a continuar no ministerio se assim o exigisse a salvação do país. Não sabemos qual a resposta que lhe deu o rei nem até se lhe elogiou a modestia. Certo é, porém, que estes factos se deram. Dizem-no as folhas mais insuspeitas.

Conhecido o descontentamento do sr. Jacintho Candido, pôe-se logo em acção o sr. João Franco para evitar a sua sahida. Que pelos modos elle não tem segura a permanencia no ministerio de outros collegas, que difficil lhe será substituir por outros tão doces em supportar todas as suas nevroses. Fervilha a intriga. O sr. Jacintho Candido vae abrandando nas suas iras e, diz o correspondente telegraphico d'*O Commercio do Porto*:

«Comquanto ainda não tenha dado um sim bem positivo, mostra-se comtudo mais que sensivelmente abalado, pois muitas têm sido as diligencias para isso empregadas.»

E mais nada sobre o caso. Que elle nem tanto merecia.

Ordem Terceira

Consta-nos que vae ser renhida a eleição do definitorio da Veneravel Ordem Terceira, porque o secretario Manuel Miranda, que exerce ha 9 annos o cargo de mesario, pretende conservar-se nelle por mais um triennio, perfazendo assim a bella conta de 12 annos de serviço gratuito ao Patriarcha S. Francisco.

Interessados como somos pela prosperidade da Ordem Terceira, temos dado voltas á imaginação para descorrtinar o motivo por que o secretario actual deseja mostra de perpetuar-se no exercicio d'este cargo que, alem de não ser remunerado, demanda, para o seu regular desempenho, de tempo que um industrial, como elle, não pôe dispensar, demais occupado com os negocios de varias confrarias, camara municipal e não sabemos que mais, onde tem manifestado a sua notoria ignorancia.

Não extranharíamos que a pretensão surgisse de cavalheiro desoccupado e que aos seus sentimentos religiosos e caritativos alliasse certa illustração e vontade de bem servir a corporação. Mas ao individuo de que se trata faltam todos estes predicados, e foi por esse motivo que já em 1893 se levantou uma formidavel opposição á sua reeleição.

É sabido que a Ordem Terceira de Coimbra desempenha a dupla missão de instituto de religião e de caridade, e que para os cargos da mesa é indispensavel escolher quem pela sua illustração, diligencia e inteireza de caracter possa gerir com acerto os negocios de tão respeitavel quão sympathico instituto.

Orá é obvio que no individuo que tenha de exercer o cargo de secretario, não só pela gradação do logar mas pela diversidade e importancia dos serviços que lhe são inherentes, não devem deixar de concorrer aquelles predicados.

Se elles se dão ou não em quem presentemente occupa tão melindroso cargo, é o que vamos demonstrar, menos para deprimir o individuo, porque descredito está elle já, do que para esclarecer os membros da junta geral, que poderão ter sido illudidos na sua boa fé.

Chega a ser uma vergonha para a Veneravel Ordem que seja seu secretario um homem que, além de incompetente para redigir uma acta, nem sequer é capaz de a ler correctamente!

Parecerá isto inverosimil, mas é a triste realidade; entre os cavalheiros que compõem a junta geral da Ordem não haverá quem affirme o contrario. Isto porém não é na lá vista do que o actual secretario tem praticado em prejuizo manifesto do instituto e até mesmo dos seus administradores.

A reeleição está, pois, aconselhada, não só pelos merecimentos do candidato, mas pelos seus bons serviços.

Entre estes apontaremos que ha anno e meio só compareceu a uma unica sessão do definitorio; O motivo de tão notavel assiduidade cremos serem os seguintes:

Era o secretario Manuel Miranda interrogado frequentemente acerca de irregularidades não só no cumprimento dos seus deveres mas até de comportamento, pelos vexames com que mimoseava os empregados e até alguns collegas da mesa, a um dos quaes, que é um verdadeiro homem de bem, teve a audacia de devolver uma carta de serviço!

Por vezes recommendara o illustrado ministro da Ordem que na ordenação das despesas se tomasse sempre em consideração a recella e meios volados no orçamento; mas o secretario, que se julgava superior a tudo, em vez de ter em conta estas recommendações, expedira ao thesoureiro ordens provisórias para pagamento de despesas que não tinham sido auctorizadas, verificando-se mais tarde que essas despesas tinham subido a mais de 300000 réis, e que havia recellas, também não escripturadas no livro *Diario*, na importancia approximada a 100000 réis!!!

O motivo por que taes receitas e tiveram por escripturar por mais de

dois annos e porque em tempo oportuno deixara de se dar parte ao definitorio do excesso das verbas orçamentaes é assumpto que se ignora.

Era necessario pôr termo a estas e outras irregularidades que se notavam; e porque o ministro estigmatizara taes desvarios, o secretario teve por conveniente abandonar as sessões e demais actos da Ordem Terceira.

Não admira que assim procedesse neste instituto quem semelhantemente procedeu na camara municipal, depois que os collegas tentaram reprimir-lhe os desmandos.

É a desgraçada posição em que se encontra sempre quem não acha a mais insignificante defesa para os seus actos.

Além do mencionado excesso de verbas orçamentaes, de que o secretario por longo tempo não deu conta á mesa, ha cousas melhores.

Consentiu o mesmo secretario, a quem também incumbe a direcção dos trabalhos da secretaria, que d'esta subisse, organisadas e por elle assignadas, contas de gerencia em tres annos consecutivos, nas quaes se illudiu o definitorio e o tribunal que as havia de julgar, dando-se como receita de redditos a que era de capitães, de certo para evitar os clamores resultantes da multa que inevitavelmente havia de ser imposta a todos os gerentes. Por tal processo, os capitães foram defraudados em mais de 600000 réis com que se occorreu ás despesas correntes, sem que na Ordem nem no hospital e asylo se tivessem feito melhoramentos!

Quando, passados quatro annos, o ministro e diversos outros membros do definitorio tiveram conhecimento d'isto, confessaram-se arrependidos da confiança que tinham depositado em tal secretario; e pediram ao escripturario que d'ahi em diante tomasse a seu cuidado os negocios da secretaria, para se evitar a continuação de taes prejuizos.

Por aquelle caminho, dentro em pouco teriamos de suspender os actos religiosos na igreja do Carmo; e o hospital e asylo teria de fechar as suas portas aos irmãos pobres.

Pobre Ordem Terceira, que secretario te escolheram!

Seria interminavel a serie de factos por que se recommenda a reeleição d'este mesario.

Referiremos ainda o que se passou a respeito d'uma celebre questão denominada de Cerquedo, para se ajuizar do fino e bom senso do secretario Manuel Miranda.

Fôra resolvido que se promovesse execução contra um devedor do logar de Cerquedo; recommendara o ministro ao secretario que não só nesta execução mas em todos os objectos concernentes ao foro se procedesse sempre em harmonia com os conselhos e indicções do procurador geral, juristonulto distincto e que pôz sempre á disposição da Ordem os seus valiosos serviços.

Pois quem saber o que succedeu? O procurador geral foi apenas ouvido quando fez o requerimento judicial para a execução; em todo o decurso do processo, que foi de meses, nunca mais se consultou este advogado. Se o secretario tivesse cumprido as ordens do ministro, estamos plenamente convencidos que naquella execução por divida de 200000 réis, não se teriam dispendido 240000 réis!!!

O hospital e asylo muito devem ao secretario Manuel Miranda.

No mencionado processo, arvorou-se em advogado; ouvia o que lhe dizia o solicitador e dava a este as suas ordens; por e fim, para coroar a sua obra, vae com o mesmo solicitador e arre mata para a Ordem Terceira os bens penhorados na execução, dos quaes ainda não se pode receber um só real!

O que se passou entre o secretario e o solicitador, quanto aos recibos que este assignou, deu lugar a que os mal-diz-ntes dessem ao caso um vulto que talvez não tive-se. Nós apenas sabemos que muitos meses depois de terminado o processo appareceu o solicitador a exigir quantia de que já tinha passado recibo.

Não concluímos sem recordar o tristissimo papel que, devido ás diligencias do secretario, o definitorio da Ordem Terceira teve de representar no ultimo processo de prestação de contas de legados pios, no qual os membros

do mesmo definitorio foram multados em 90000 réis, a que, por uma benevolencia excepcional, ficou reduzida uma multa de 100000 réis!

Depois d'estas e d'outras irregularidades que um dia exporemos ao publico, se o intendermos necessario, avale-se da competencia do secretario Manuel Miranda e dos serviços que tem prestado á Ordem Terceira.

Um elector.

Até o Mariano bate, nos ultimos momentos, no Solar.

Os Barrigas, muito compungidos: Até tu, meu filho Bruto!

Ao contrario do que affirmam alguns jornaes, consta-nos que a commissão nomeada para a escolha dos compendios reunirá no dia 15 de julho e não na segunda quinzena d'outubro.

RÉCITA DOS QUINTANNISTAS

Na quarta feira a *première* da opereta *O sonho d'um bacharel*, em récita de despedida do curso theologico-juridico do 5.º anno.

A peça, como já dissémos, foi principiada pelo sr. Augusto de Mesquita, que teve de abandonar o seu curso em virtude d'uma grave doença, da qual se encontra felizmente melhor, e acabada pelo sr. Sebastião de Carvalho.

A musica é do sr. dr. Simões Barbas, cuja reputação musical já de ha muito está formada.

Apreciações varias temos ouvido sobre a peça. O principal defeito que lhe notam é o de não ser uma revista de Coimbra, como tem sido quasi todas as récitas de quintannistas. Não tem typos de Coimbra, não tem piada a lentes nem os costumados archeiros e o Bento da bibliotheca; por isso não agradou a muita gente. Para nós o seu principal merecimento está exactamente em se afastar dos velhos e repisados moldes, apresentando os seus auctores um trabalho original.

É uma peça que tem enredo, que podia ter sido melhor desenvolvido; não é a salgada dos annos anteriores. Tem alguns defeitos, scenas longas de mais e outras que podiam ser melhor aproveitadas. Pareciamos tambem que o 3.º acto devia principiar pelo despertar do bacharel Romeu, tanto mais que a bomba dos anarchistas o devia accoradar. São defeitos perfeitamente desculpayeis em quem não está acostumado a escrever para o theatro.

O desempenho foi regular, destacando-se o quintannista Megre no papel de conselheiro Accacio, que elle desempenhou a primor, encarnando-se perfeitamente nelle e fazendo rir a bom rir a platea.

Os três principaes papeis foram desempenhados por Amador Valente, que cantou muito bem, Maximiano Faria, perfeitamente á vontade no seu papel, e Adelino de Abreu.

Dos restantes não podemos deixar de especialisar Augusto Coimbra, Teixeira Rebello, Francisco Valle e Julio Scisnando que se esmeraram bem em scena.

Das damas, sobresahiram Francisco Marques no seu papel de mulher apaixonada, representando e cantando com sentimento; José Maria da Silva, uma andalusa ardente e impetuosa; Barros da Cruz, uma velha á altura e Figueira de

AVISO

A commissão installadora do caminho de ferro funicular de Coimbra tem a honra de convidar os senhores subscriptores a reunirem no dia 14 do corrente mez, pelas 8 horas da noite, em uma das salas da Associação Commercial, a fim de lhes apresentar o resultado dos seus trabalhos.

Coimbra, 7 de maio de 1896.

O secretario da commissão,
M. A. Rodrigues da Silva.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Revue des Journaux et des Livres

12.º anno

Recomendando aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduce em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: — Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romanças, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a *Revista* dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que tem sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A colleção dos 10 primeiros annos de *Revue des Journaux* contém mais de 4000 noveas litterarias e contos diversos assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet*, *Henri Rochefort*, *Octave Feuillet*, *Ludovic Halévy*, *Hector Malot*, *Guy de Maupassant*, *Paul Bourget*, *Emile Zola*, etc., etc. A colleção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag. contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr., a escolha; um de 2 fr. e 50, e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que tem correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte.

Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 13 rue Cujas, Paris.

Os peritos no processo criminal

700 réis

Carta de Lisboa

Lisboa, 8 de maio de 1896.

Quando, durante a guerra franco-prussiana, se elegeu em Paris o governo da *Defesa Nacional*, um dos seus membros era o general Trochu. Como foi militar e porque a situação de Paris exigia energicas medidas, por motivo das operações do inimigo, foi dada a Trochu a presidencia do governo.

Este idiota, cioso do poder, amante de gloria, recusou o generoso offerecimento de Garibaldi para combater os prussianos.

Trochu, com uma faculdade, vulgar de resto em bastantes nullos—a verborrêa, no dia da installação do governo, fez um enorme discurso onde affirmou que era da Bretanha e punha a sua confiança em Deus. Disse mais sandices, procurando sempre imagens floridas e dando uma feição declamatoria ás suas banalidades.

Tinha uma clientela de parvos que o admiravam, e chegava portanto á insolencia com todos os outros membros do governo da *Defesa* e principalmente com os mais audaciosos e sinceros republicanos. Quando lhe appareciam offerecimentos dedicados, repella-os, receioso de ficar na sombra. Sobre tudo, sempre que se lhe fallava em Garibaldi enfurecia-se, gritando, — nós somos bastantes, basto eu!

Diziam-lhe que o apparecimento de Garibaldi, valente e prestigioso soldado, inspiraria confiança ás tropas e Trochu exclamava: — Pois bem! Se não confiam em mim, chamem esse homem. Com elle é que eu não lico. Bacocos em roda applaudiam-n'o e a gente de juizo do governo, com varios amigos, não podia correr o intrujão.

E o general Trochu, mesmo que visse a victoria dependente de Garibaldi, estava decidido a sacrificar tudo aos seus miseraveis caprichos pessoases.

Mas porque era tão altivo o general, e porque temava em ser o unico salvador de Paris? Porque havia centenas de parvos ou ingenuos que o elevavam?

Porque o general Trochu tinha um plano!

Inquietações tinham cavado profundas rugas; as sobrancelhas espessas davam-lhe um ar sobranceiro e feroz. Um pequeno candeeiro de petroleo, suspenso da parede, illuminava a custo a casa e o homem, que era o proprio Joan Kouzmitch. A sua attitude abatida, mostrava que o agitavam pensamentos sombrios; por vezes cerrava os punhos, e os olhos brihavam-lhe de colera; mas acalmava-se de repente e continuava na sua apathia.

Tinha-se casado, havia alguns mezes, com uma rapariga formosissima, chamada Anna, sempre alegre e descuidada, que por essa mesma alegria era o encanto da aldeia.

Era pobre, mas Joan não procurava dote. Amava-a e não lhe pedia senão que fosse obediente e docil. Era muito bom para ella, o mujik; nunca levantou a mão para lhe bater; pelo contrario, phantasiava tudo o que lhe podesse dar prazer; não era rico, longe d'isso, mas pela sua força e pela sua coragem para o trabalho, conseguia trazer-lhe ovellos presentes de cada vez que ia á cidade proxima.

O plano de Trochu! O plano de Trochu!

Por toda a parte se fallava no maravilhoso plano do general. Burguezes encontravam-se, tremendo dos obuses que riscavam o cen d'uma fita vermelha: — Isto não está bom, mas Trochu tem o seu plano!

— Mas Paris está em perigo, Trochu recusa Garibaldi, recusa todos...

E o burguez segredava ao ouvido do companheiro, mysteriosamente, com um sorriso finório, — Deixe lá, as cousas hão de ir, Trochu tem um plano!

E pelas ruas, nos cafes, em casa, por toda a parte, garotos e commerciantes, cocottes e gordas mães de familia, *concièrges* e *voyous*, não fallavam senão nos planos do general, no grande plano de Trochu!

Mas o que era, afinal, esse plano? Não se sabia!

Os melhor informados affirmavam só que elle era formidavel e que, para maior segredo, estava guardado em casa d'um tabellião.

Entretanto os prussianos iam apertando o cerco. A miseria assolava Paris.

Os mais intelligentes, os mais honestos, os mais sinceros, viam bem o perigo e julgavam justamente da ineptia e da vilésa do general. Protestavam contra elle, mas ainda uma turba clamava — Invejosos! O general sabe o que faz, elle lá tem o seu plano!

Os francezes sabiam a bater-se nas linhas e eram derrotados. Chegavam da provincia as mais deploraveis noticias. O perigo era imminente.

Instavam com o general vaidoso e inepto para que ouvisse bons conselhos, diziam-lhe que chamasse gente boa que estava disposta a tudo. E Trochu, cabeçudo, callava-se.

Elle lá tinha o seu plano!

Mas um dia o perigo apertou. A lenda do plano vivia em raros ingenuos, e os parvos que admiravam o intrujão iam diminuindo em numero.

Então surgiu a troça e, na amargura d'aquelles dias do cerco, a gargalhada vibrava nas cançonetas que abandalharam o plano do general Trochu.

Mas todos os seus esforços se despedaçavam contra a impassibilidade de Anna, sempre melancolica e sempre triste desde o seu casamento, a que tinha sido obrigada por seus paes. Já não se ouvia a sua bella voz nas canções alegres, que perturbavam o proprio Joan, quando passava desnte da casa d'ella. Mas Anna já não ria com o seu rir de prata, tão claro, tão vibrante! Andava pensativa, como absorta num pensamento unico, e havia algum tempo sobrietudo, verdadeiramente extranha.

A maior parte das vezes Joan encontrava-a chorando, ou resando, em impetos de desespero; e ás suas perguntas ternas e inquietas respondia com soluços só.

Na alma ulcerada de Joan encendeu-se uma suspirita horrivel.

E por isso que elle não dorme a esta hora adeantada da noite; expulsa o somno a sua tortura; é já a quarta noite que elle passa em branco!

E ali, ao lado, ouve elle a respiração regular d'Anna, ás vezes interrompida por suspiros. Levantava-se,

Por fim o homem foi corrido.

Mas era tarde. O inimigo pouco depois vencia. Não se podiam remediar as criminosas ineptias do imbecil vaidoso.

Mas ainda nessa occasião o descarado general affirmava: — Eu cá tinha o meu plano!

Esta historia prometti conta-la, na passada carta. É interessante e contém boa moralidade para o estudo da politica portuguesa.

A qual moralidade é a seguinte: *Trochu é internacional.*

João de Menezes.

«O Berro»

Recebemos o n.º 14

Não cessaremos de applaudir o causticante lapis de Celso, rasgando com fogo as carnes podres das actuaes instituições.

De numero para numero se vão consolidando os creditos do distincto caricaturista.

Falleceu o sr. Albano Maia, antigo empregado da 2.ª circumscripção hydraulica.

Em beneficio d'um operario que está em más circumstancias, toca hoje das 5 ás 7 horas da tarde, no Jardim Botânico, a banda de infantaria 23.

No dia 3 do corrente começou a vigorar o novo regulamento dos impostos indirectos municipaes.

Bibliographia

Revista das Escolas — Semanario dedicado as familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio Mesquita.

Revista de Direito — Recebemos o n.º 4 d'esta bem redigida revista de legislação e jurisprudencia, de que é director o distincto advogado nos auditorios de Lisboa sr. Edmundo Gorjão.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido dos estatutos do Gremio dos Empregados no Commercio e Industria, associação de socorros mutuos de Coimbra.

ia ao quarto e contemplava o bello e expressivo rosto de sua mulher, emmagrecida havia pouco tempo; depois, assentava-se ao pé do leito, num escabello muito baixo, e beijava-lhe os cabellos d'oiro murmurando palavras carinhosas:

— O minha querida Anna!... Minha pomba branca!... Sol da minha vida!... Como eu te amo!... Porque me repelles tu sempre?... Não sou eu o melhor e o mais terno dos maridos?... Oh! diz-me uma unica palavra d'amor!... So ri-me alegremente; serei tão feliz!...

E o homem de alma sombria chorou...

Levantou-se bruscamente, trémulo de colera; a terrivel suspirita que lhe perfurava sem cessar o coração, atravessava como um relampago o seu espirito; o ciúme brutal fazia-lhe bater violentamente o coração e subir á cabeça ondas de sangue.

— Tem um amante! rugia elle cerrando os dentes, e recala de novo no seu abatimento.

(Continua).

Andrade, uma creada *comme il faut*. Os restantes, regularmente.

Os córos apurados como poucas vezes temos ouvido nestas récitas.

O guarda-roupa muito bom e o scenario, do scenographo lisbonense Augusto Pina, honra este artista. A scena final do 1.º acto, a vista de Stambul, são d'um bello effeito. A musica tem trechos lindos e mais uma vez confirmou os creditos de que justamente goza o distincto maestro dr. Simões Barbas, e a orchestra, sob a regencia do auctor, sempre afinada.

Antes de principiar o 1.º acto veio o curso ao palco cantar a *Serenata dos Quintanistas*, musica do amador Valente e letra de Arthur de Mesquita Guimarães.

Todos os interpretes receberam dos seus amigos muitos brindes, bem como o maestro e o ensaiador Fernando Maia, que se mostrou incansavel para que a peça tivesse o effeito desejado.

A casa estava completamente cheia, vendo-se nos camarotes e nas frisas muitas familias de quintanistas que vieram a Coimbra assistir á récita.

O theatro estava adornado com pastas, capas, palmas e flores, etc., produzindo um bello effeito. A ornamentação foi intelligentemente dirigida pelo sr. dr. Julio Henriques.

A plateia conservou-se fria, injustamente, em nossa humilde opinião, porque se *O sonho d'um bacharel* não é um acontecimento theatral, representa um louvavel esforço, digno de todos os elogios, para o levantamento das peças d'esta naturêsa.

Hontem repetiu-se, em ultima récita, o *Sonho d'um bacharel*.

G.

Diz-se que será nomeado governador civil de Coimbra o sr. visconde do Banho. D'este cavalheiro, só sabemos que fez parte do *Solar dos Barrigas*. Este titulo, como recommendação, não é mau; o do viscondado ainda é melhor.

Começa hoje a carreira bi-semanal entre Coimbra e Luso; estabelecida pelo activo industrial e nosso amigo sr. Manoel José da Costa Soares.

Já foi posta a concurso documental a igreja da freguezia de Santa Cruz d'esta cidade.

Folhetim da RESISTENCIA

A SUSPEITA

(CONTO)

Caia a neve em largos flocos, cobrindo as casitas de Semenowka, uma pequena aldeia isolada. Os habitantes estavam mergulhados num profundo somno. Contudo, numa das ultimas habitações distinguia-se o bruxolear d'uma luz: — era em casa de Joan Kouzmitch.

Compunha-se esta habitação de dois compartimentos; um, sufficientemente grande, servia de sala de jantar, e o outro de quarto de cama. Na sala de jantar, num escabello de madeira branca, estava sentado um homem, com os cotovellos apoiados sobre uma grande e comprida mesa tambem de madeira branca, manhada de nodos de gordura e de cerva. Era um alto e robusto mujik, o'uns cincoenta annos de idade, de barba grisalha e cabelo um desordem sobre a testa, onde as

Arrendamento

2.ª publicação

13 No juízo de direito de Coimbra e pelo inventario de menores por obito de Thomaz Rasteiro, morador que foi nesta cidade, ha de proceder-se no dia 27 do corrente, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, ao arrendamento, por 5 annos, do predio seguinte:

Umás casas sitas na rua Direita d'esta cidade, com os numeros 65 e 67.

Este arrendamento começa no dia 25 do proximo mês de junho e ha de terminar em igual dia do anno de 1901.

A base da licitação é da quantia de triuta e quatro mil quinhentas e cincoenta réis, annuaes, mas mediante as condições seguintes:

1.ª A dar flador edoneo ao pagamento da renda e á deterioração, que por culpa do arrendatario, se dêr no predio.

2.ª A pagar o premio do seguro e todas as contribuições que forem lançadas ao predio e que pertençam pagar ao proprietario, com o direito de descontar no preço da renda, apresentando os competentes documentos.

3.ª A pagar a renda semestral e adeantadamente nos dias 25 de junho e de dezembro de cada um dos annos até final do contracto e a primeira prestação no acto do arrendamento.

Verifiquei

O juiz de Direito,
Naves e Castro.

Vinhos da Beira Alta

ARMAZENS

EM

CANNAS DE SENHORIM

14 Em 17 do mez passado, fomos surpreendidos pela visita do Ex.º Sr. Commissario de policia de Vizeu, que juntamente com o Ex.º Sr. Agronomo do districto e policia procedeu a um rigoroso exame nos nossos armazens, tirando amostras de todos os vinhos existentes (algumas centenas de pipas), sendo em seguida lacradas todas as vasilhas e remetendo as ditas amostras para o Laboratorio da fiscalização dos vinhos e azeites em Lisboa, a fim de se averiguar se entre elles existiam alguns falsificados ou adulterados.

Analysados todos esses vinhos, verificou-se serem todos puros e genuinos, como provamos pelo documento respectivo que a Direcção geral dos serviços agricolas nos passou, o qual temos em nosso poder e á disposição de toda e qualquer pessoa que queira dar-nos a honra da sua visita aos nossos armazens.

Gremos (e se tal dizemos alguns dados temos), que esta surpresa foi devida á cobarde e menos verdadeira denuncia d'alguns inimigos nossos, que de ha muito nos andam fazendo uma guerra surda, mas cobarde e vil.

Se assim é, só temos a agradecer-lhes o bom serviço que, (apezar das suas más intenções), prestaram á nossa firma social, dando occasião a um formal e official desmentido á falsa difamação levantada contra a nossa casa commercial.

Cannas de Senhorim, 1 de maio de 1896.

Joaquim Adelino Marques & Filhos.

13 **Vende-se** uma tableta de 3.70 de comprimento, por 95 de altura.
Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisção e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. João, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao arente do Grande Hotel — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encommendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono clorretadas e odicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de cloro de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoço, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. João, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

8 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordões e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos; armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

5.ª, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e arugos para pintores.

Cimentos: Luguez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machiças para moer carne, balações de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilari. Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revólvers, espingardas para caça, os melhores systemas

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

7 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Coimbra e Luso

6 A começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896.

Manuel José da Costa Soares.

Arrenda-se

5 Do S. João em diante, junto ou separado, as lojas e casas de habitação, onde está installada a *Cosinha Economica*. A casa tem entrada pela rua Velha n.º 9.

Para tractar, praça do Commercio n.º 43 a 45 (Loja do Povo).

Arrenda-se

4 Na rua da Sophia o 2.º andar do predio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroullano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

3 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Loja da China

Ferreira Borges

2 Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoas finas de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castelo, a 18000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 26200 a 36600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para collecções.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 26700
Semestre..... 16350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 26400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 129

COIMBRA — Quinta feira, 14 de maio de 1896

2.º ANNO

O que admira!

A monarchia portugueza, arrastando um longo manto de intrigas e baixezas, vivendo já sem orientação, sem destino, ao acaso de expedientes torpes, de tranquiernas e fraudulencias, tem mostrado á luz do sol, a todos nós e a toda a Europa, sem um vislumbre de vergonha, sem um gesto de pudor, a immensa gangrena do seu organismo corroído, toda a incongruencia da sua razão de ser, desde a espalhafatos e ridicula farça eleitoral, até á imbecilidade crassa, até á baixesa suina que, no solar, tem tido uma soffivel representação.

Intelligencias esclarecidas, caracteres que julgavamos integros (se integridade alguma pôde haver nos servidores abjectos do paço e da reacção), baquearam, humilharam-se á despotica vontade de um salimbanco arvorado em dictador, de uma oligarchia prejudicial e deprimente para a nossa raça que tem tradições illuminando a História, que, em 20, romantica e aventureira, teve sonhos ardentes de liberdade, embora mentidos depois, escarnejados, absorvidos na rede, a principio, tenne, mas a pouco e pouco condensando-se, tomando vulto, assambrando tudo por fim, das nefastas e infamantes ladroenras monarchicas.

É que tudo é uma derrocada assombrosa, immensa, para o charco, para o vilipendio da Historia, para o desprezo e anathema das gerações vindouras.

A lei prostituida, o direito escarnejado, a perseguição em vigor, de mandado do senhor, do despota, do insignificante que segura os destinos do país, e sem um rebuço, sem um exemplo, para descargo da consciencia, ao menos, ignobilmente executada pelos beaguins.

Não ha caracter que não seja assaltado, a toda a hora, a todo o instante, para calar as energias do protesto, e torcer e enxovalhar a dignidade da conducta.

A monarchia nada poupa, e a tudo se atreve: se promessas não conseguem, vêm as ameaças, vem o insulto, vem a perseguição, vem a cadeia e pôde vir o fuzilamento!

Edificantissimo!

E tudo isto porque se é digno, e tudo isto porque se é honrado!

Nada para admirar, pois, se, durante meses o solar aberto, se, durante annos sempre o mesmo go-

verno de imbecis e máns nas cadeiras do poder, coisa alguma se tenha feito de ntil, de sabio, de honesto.

Mas para admirar, é muito, que, sendo a maioria da nação liberal, trabalhadora e honesta, este governo não tenha sido esmagado, a monarchia não tenha sido estrangulada, destruida pelas coleras ingentes do povo, estalando num momento audacioso de liberdade e justiça.

Sem concordarmos nem discordarmos, é opinião nossa que assumptos ha que não devem discutir-se na imprensa.

O sr. Dias Ferreira, no *Tempo*, faz esta preciosa confissão:

Esta camara, como as suas illustres predecessoras, representava fielmente o pensamento do governo que a nomeara.

Ainda não houve camara em Portugal que não fosse o espelho vivo dos ministros, ou das confrarias politicas que lhe deram o ser ou a existencia.

O país, na sua maioria, nunca eligeu. Abdicou sempre do seu primeiro direito na mão dos ministros ou dos correctores politicos.

Este sr. Dias Ferreira é um politico que poderá ser muito habil, mas que o não parece. Então nem a camara eleita quando esteve no governo foi a expressão da vontade nacional?

Ora veja se se recorda do que então disse e do que ella lhe fez.

A ultima hora diz-se que o louro Jacintho Candido sempre fica, isto já não vale com prosa, pede verso.

Ficou, ficou, ficou
Agora, agora, agora
Ficou ha bocadinho
Inda não ha meia hora

Pum!

Verdades

O auctor da *Semana Politica do Commercio do Porto*, terminando justas e sensatas considerações acerca do pseudo-parlamento que deixou de funcionar com grande alivio para o país, diz relativamente á attitude dos partidos monarchicos perante elle:

Qual foi, pois, a attitude dos partidos da pseudo-representação nacional, que ahí esteve figurando e funcionando quatro meses, sem elles terem no seio d'ella uma sombra de representação propria? Dos partidos constitucionaes, um deixou-se viver na illusão em que o pozeram de que o poder lhe pertencia; outro viveu largamente na expectativa de vir a alcançá-lo por qualquer forma, e deixou-se embalar, por fim, no sonho de que em breve viria a pertencer-lhe. Um viveu sempre descançado; o outro descançou.

Que fez qualquer d'elles por si proprio, em favor dos seus direitos politicos affrontados, em favor da soberania popular, usurpada pela auctoridade, por essa tyrannia branca, que nos tem governado a seu bel prazer, e que em si concentrou todas as delegações, todos os poderes do povo?

Os partidos nada fizeram, e reconheceram que nada podiam fazer,

Rasgam-se e pisam-se aos pés todos os pactos, valcam se todos os direitos, infringem-se todas as leis constitucionaes, supprimem-se alguns dos poderes garantidos pela Constituição, vigora o arbitrio, o absolutismo, o poder pessoal; e ninguém se incomoda nem se zanga com o caso; a Constituição passa exellentemente e chega a persuadir-se que lhe consagram attentões e respeito; as liberdades nem gemem, nem se queixam, tal qual como se não atravessassem perigos de morte!

Influencias do clima, ou outras, aqui tudo se nos apresenta atenuado, degenerado, relativamente manso.

E por isso os partidos pozeram punhos de renda, quando viram que tinham de combater um despotismo de liva branca.

Bom fôra, no entanto, que não estivessem cousas profundamente graves e sérias por traz d'estas attitudes cavalheirascas e galantes.

A mesa da irmandade da Rainha Santa vae destacar uma commissão para impetrar do sr. director das obras publicas que se digne activar os trabalhos da monumental restauração de Santa Cruz, afim de neste templo poderem ser celebradas as festas no proximo mês de julho.

Toda Coimbra está tremula de ansiedade por saber se o altivo harão acolherá com a magnanimidade dos fortes a supplica da confraria.

A nós parecia-nos melhor que fossem ter com elle as donzellas da cidade, em côro, como no Santo Antonio!

Assim o estragam, e depois terão de atura-lo!

Lemos num jornal governamental a seguinte curiosa noticia:

«A camara de Santarem persiste em demolir a torre das Cabaças, um bello monumento, porque o vice presidente, que tem tres carroças ao serviço da camara para conducção de entulhos, as tem agora desoccupadas por falta de trabalho e quer a demolição da torre, para lhes dar que fazer.»

Estes Francos frades reproduzem-se como os cogumellos.

Já chegou a especie a Santarem.

E nós a julgamos que só os havia em Coimbra!

Um agente da Tarde

Do nosso prezado collega *O Pais*:

«O escrivão de fazenda de Soure, amigo dedicado do sr. João Franco, por pedido d'este, tem andado, com grande empenho a mendigar assignaturas para a *Tarde*, jornal subsidiado pelo governo.

Parece, porém, que para a *Tarde* esse subsidio não lhe permite vida tão desalugada, que os ministros não tenham de recorrer ao auxilio dos escrivães de fazenda para manterem aquelle órgão official.

O escrivão de Soure calcula ter obtido mais de 200 assignaturas,

e isto influirá no animo do sr. João Franco para o despacharem para um concelho mais rendoso.

Sim, porque amor com amor se paga, diz o proverbio, e o escrivão de Soure não trabalha de graça e bem merece do patrão, porque revela geito para agente de assignaturas.

Quando vê a coisa incerta, pede, ao menos, que, por favor pessoal, assignem a gaseta por 3 meses, que nisso o obsequiem muito...

Muito dedicado ao sr. João Franco, este sr. Freire, de Soure!

Foi aceita pelo cardeal patriarcha a demissão da commissão administrativa do *Correio Nacional* que era composta dos srs. conde de Casal Ribeiro, Barros Gomes, marquês de Vombal, Jacintho Candido e Jeronymo Pimentel.

Informam-nos que o celebre retabulo do convento de Cellas foi, por ordem do sr. Manuel Miranda, para a capella das Torres. Em tempo requereu-se á camara para que auctorisasse essa mudança e a camara resolveu consultar o delegado do thesouro sobre o assumpto. Este nada respondeu a tão disparatada pergunta e, sem que a camara tomasse deliberação alguma, o sr. Manuel Miranda acompanhado do mestre d'obras da camara e de mais dois individuos tirou de noite o retabulo do convento sendo mudado para a capella.

Este procedimento inqualificavel requer medidas promptas e energicas. Porque é de saber que o convento de Cellas com tudo o que nelle se encontra pertence ao Estado, sendo a camara simples depositaria e recebendo do governo o dinheiro que dispende com a sua conservação.

Iniciou-se em Madrid uma subscrição nacional a favor do celebre metereologo Nohbertsoom.

É grande o entusiasmo em Hespanha pelo famigerado saragoçano por se terem realizado os seus ultimos vaticinios.

Algumas verbas do imposto do sello tiveram grande augmento. Realmente é necessario augmentar as receitas para que possam pagar-se as loucas despensas que se fazem com as viagens dos amigos do governo pela Europa e com outros esbanjamentos.

E viva o regabofe, enquanto o país se apresentar tão soffredor.

Realizou-se o consorcio do sr. dr. José Augusto Gaspar de Mattos com a sr.ª D. Julia Baptista, filha do sr. Baptista Pombeiro, importante proprietario d'esta cidade.

Instrução publica Instrução secundaria

XXVIII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUÉ.

Um outro argumento invocado emphaticamente pelos defensores obstinados do ensino intensivo das linguas mortas é este, como vimos: que só por meio d'ellas podemos conhecer precisamente e avaliar em toda a sua grandesa os thesouros litterarios da antiguidade greco-romana. Este argumento, por mais seductor que se nos afigure, parece-nos ainda desprovido de valor; servindo apenas para demonstrar á evidencia a falta de razões sérias em que possam firmar-se os defensores apaixonados da rotina e, porventura, tambem o desconhecimento absoluto dos factos como elles invariavelmente se produzem.

Porque é de presumir que, se os que o invocam attentassem bem e sinceramente nos factos e nos seus resultados; se despreoccupadamente os estudassem, para d'elles tirar os preciosos ensinamentos; se vissem ou, antes, se quizessem ver como as cousas realmente se passam: queremos acreditar que um tal argumento nunca se produziria, a não ser que a obcecação lhes fechasse completamente os olhos ou de todo lhes obscurecesse a intelligencia. E devemos acrescentar que nem sequer mereceria as honras de uma discussão séria, se não fôra necessario e até indispensavel reduzir inteiramente ao silencio os que supõem ser tão grande, tão densa, a ignorancia do país, que possa servir-lhes de baluarte em que se abriguem á vontade e d'onde a critica independente não poderá desaloja-los.

A rotina é, na verdade, impenitente, e por isso lança mão de todos os meios, agarra-se obstinadamente a todos os argumentos, por insignificantes que sejam, a ver se pôde sustentar-se nas posições commodamente adquiridas, sem ver que o terreno em que pretende firmar-se lhe foge constantemente debaixo dos pés e que o seu imperio passou e não pôde mais voltar. É preciso, portanto, examinar o argumento de que se trata, para demonstrar a sua completa inanidade. Examinemo-lo, pois, minuciosamente.

Para se justificar o absurdo pedagogico que consiste em torturar implacavelmente o alumno, logo de tenra idade, obrigando-o a estudar machinalmente uma lingua morta, ainda antes de elle conhecer regularmente a sua, invocam-se varias razões, qual d'ellas mais futil e absurda, como se contra a evidencia dos factos se podessem invocar argumentos de qualquer natureza, por especiosos que elles fossem; e assim diz-se e pretende sustentarse que não ha meio de conhecer e apreciar as bellas litterarias da antiguidade senão estudando-se a

fundo as linguas mortas — as chamadas classicas! E pretende-se dar fóros de seriedade a um tal argumento!

Ninguém desconhece ou pretende pôr em duvida o valor, a riqueza inquestionavel, dos thesouros litterarios que encerram os auctores classicos; assim como se não contesta que seja util conhecê-los, para bem se apreciarem em toda a sua bellêza; cumprindo-nos observar de passagem, contudo, que esta idéa de chamar classico unicamente ao ensino das letras gregas e latinas nos parece muito contestavel, porque é dar ao termo uma significação muito restricta, extraordinariamente acanhada, e em discordancia com a que realmente deve attribuir-se-lhe. E já vozes auctorizadas se têm insurgido contra uma tal pretensão.

Mas, se é verdade que o conhecimento d'esses thesouros litterarios é muito apreciavel e reconhecidamente proveitoso, não é menos verdadeiro que é apanágio d'um pequeno numero, d'alguns espiritos privilegiados apenas, e que, por isso, nenhum valor pratico, real, tem o argumento que se discute; porque num bom e racional systema de educação ha que attender sobretudo á massa geral dos alumnos, e não a uma parte minima d'elles. Alem d'isso, conhecidas e demonstradas já as grandissimas difficuldades que é preciso vencer, para se chegar a comprehender bem a riqueza dos thesouros litterarios gregos e romanos, havendo, como já observamos, certas bellêzas de estylo absolutamente intraduzíveis, facilmente se conclue ser um erro grave obrigar ao estudo do latim, logo nas primeiras classes do curso dos lyceos, e sem levar sequer em linha de conta que em muitos auctores antigos ha passagens, cuja leitura é perigosa para crianças de dez annos, chegando a Bain a espantar-se de que obriguem a infancia a ler as immoralidades que se encerram em muitos d'esses auctores. E o espanto do illustre professor da Universidade de Aberdeen parece-nos realmente justificado.

Abstraindo, porém, d'esta circumstancia, aliás importantissima, que resultados uteis, sob o ponto de vista que se discute, poderá tirar o alumno do ensino prematuro, superficial, mechanico, do latim? Poderá elle, na realidade, habilitar-se a conhecer e apreciar directamente os thesouros, as bellêzas litterarias, que se encontram nos auctores latinos? Os factos protestam constantemente contra uma tal affirmação. Todos nós sabemos como as cousas se passam realmente nos lyceos e como os alumnos saem de lá para os cursos superiores, sem ao menos poderem traduzir correntemente e muito menos intender uma pagina de qualquer d'esses auctores, ainda dos que menos difficuldades apresentam. Estes são os factos, de todos bem conhecidos e lastimados, e que nenhuns argumentos conseguirão destruir.

Demais, não fallam as traducções de todos ou de quasi todos os classicos antigos, de modo que, para o grande numero, as difficuldades que se inculcam não existem realmente. Os alumnos encontram burros em barda que os dispensam de trabalhar productivamente; e os próprios mestres têm em Nisord, com os seus excellentes collaboradores, um dos seus principaes oráculos.

Shakespeare não sabia latim, e nem por isso deixa de ser o tragico

colossal que todo o mundo admira... Napoleão tambem o não sabia; e, comtudo, collaborou activamente no *Codigo Civil*, que é conhecido pelo nome suggestivo de *Codigo Napoleão*. E Vauvenargues ignorava igualmente o bello idioma do *Latium*; e, apesar d'isso, não deixa de ser um escriptor recommendavel, o conceituado auctor das *Maximas*. Ora, se os factos são estes — e ninguém se atreverá a contestá-los — como é que pode ter foros de seriedade o argumento de que se trata?

Ainda uma observação, que nos parece importante: Como é que, em regra, se procede nas aulas, a fim de que os alumnos possam apreciar bem a litteratura classica? A leitura dos textos é, em verdade, o unico meio de conhecer bem, de avaliar os thesouros litterarios que nelles se contém. É esta uma verdade incontrovertida. Mas não é menos verdadeiro que o alumno dos lyceos não póde attingir esse resultado. Os textos fornecem-lhe os apenas fragmentados, em extractos mais ou menos incorrectos, em capitulos, ás vezes desconnexos, sem ligação nem homogeneidade. Ora, por taes processos, com um tal criterio, que resultados poderá colher o alumno, a não serem de utilidade negativa? Absolutamente nenhuns. Assim, é evidente, não póde a juventude conhecer e amar a antiguidade. Seria bem melhor que, como judiciosamente observa Michel Bréal, admirassemos menos a antiguidade e a estudássemos melhor. Era isso bem mais util e proveitoso.

Já foi exposto á venda o livro de J. F. de Assis Brazil — *Do governo presidencial na republica brasileira*, edição da Companhia Nacional.

Extraordinaria como nunca vimos a ovação que a mocidade, sempre boa e sempre justa, acaba de fazer á *Dôr Suprema*, dando á obra de Marcellino de Mesquita a consagração maxima. Nunca depois de acabado o theatro academico os estudantes fizeram obra tão própria, dominando o publico pela suggestão do seu enthusiasmo ardente.

Bem hajam!
Na *Dôr Suprema*, alem de Virginia e João Rosa, ha um papel de medico que o actor procurou estudar e detalhar, embora ás vezes o não conseguisse, um papel de creada feito por uma actriz que todo o acto nos não deixa esquecer que é bonita, e um senhorio que...
Emfim, o senhorio não é aquillo. O sr. Mello não comprehendeu o papel, e comprometteu o effeito do acto, não tendo sabido cobrir o seu personagem d'odio, e tornando-o uma criação ridicula.

O cambio bancario do Brazil sobre Londres subiu para 10, havendo grande agitação no mercado.

As obras do edificio para o novo matadouro vão correndo com toda a regularidade. Para desviarem esse edificio mais uns dez metros do bairro de Santa Cruz, difficultaram extraordinariamente a abertura de boas communicções para elle.

Ha coisas que se não percebem facilmente.

Falleceu no Limoeiro o celebre falsificador Mineiro, relacionado com varios personagens altamente collocados. Paz á sua alma.

Litteratura e Arte

Dôr Suprema

Meu caro Marcellino

Eu tenho lá vontade de escrever!... O que eu queria era applaudir e gritar mais duas horas ainda.

Quando tenho coisa que me alegre, não posso ter-me em casa, saio e ando a conta-la a toda a gente que encontro. Por fim, ao falar, começo a vêr que estou a dizer o mesmo a todos, até pelas mesmas palavras, mas não me importo, e procuro mais alguém que ria a minha alegria.

Eu posso lá escrever!...

O que eu queria era alguém a quem pudesse contar o teu triumpho d'esta noite, a quem dissesse que chorei, e ri, e gritei com os rapazes, como um rapaz.

Como os enthusiasma uma obra d'arte, que força de gritar justiça que elles têm!

Bem sei eu por que os estimol! Que alegria em todos os rostos, que algazarra a d'aquellas vozes, a gritarem todas o mesmo. Que quietação a ouvir, que enthusiasmo a applaudir, com que vontade se atiravam aquellas flôres e aquellas capas negras em que elles mandam sempre um pouco do coração que ellas cobrem.

Eu posso lá escrever! Eu sei lá escrever aquillo!

Ha impressões que se gravam fundamente no meu espirito, não sei como, e que resuscitam inteiras sem falta d'um detalhe, quando se repete no andar da minha vida um facto egual.

O prazer que experimento então é um prazer extranho. Eu sinto que já tive uma vez uma alegria assim, e pouco a pouco a impressão do momento vae diluindo-se, apagando-se, e surge nitida a sensação antiga.

E eu fico-me esquecido do momento, deliciando-me a avivar a impressão passada.

Ainda ha pouco eu gritava a minha alegria, e agora vejo surgir muito nitida toda uma nossa noite de Lisboa.

Lembras-te? Era no theatro D. Amelia; Emanuel fazia o Otthello, nós applaudiamos.

Noite velha, lá andavamos nós na Avenida com o Fialho e o Ferreira a falar d'arte.

Á volta calára-se tudo, e nós iam, esquecidos dos outros, a falar todos o mesmo.

Hoje sinto-me, como então, socegado, sem um rancôr, com vontade de vos ter aqui para estar a conversar convosco.

A Virginia e o João Rosa deram-me a impressão socegada d'arte que me deu Emanuel, o maior tragico que eu ouvi.

Eu sinto-os aqui ao pé de mim na atmosphera doce da saudade da vossa amizade em que anda fluctuando hoje a imagem dos meus amigos mortos.

João Rosa fez-me hoje com o seu talento lembrar um velho amigo, o velho Philippe do Quental que, quando eu era pequeno, me contava o grande talento de Rosa-pae, a sua alegria ao vêr o João ainda pequeno a recitar e a imita-lo, o orgulho do pae que via com os annos accentuar-se a vocação do seu João.

O Philippe era muito amigo d'elle,

e explicava-nos o talento do João Rosa, a sua estada em Coimbra, os triumphos do theatro Academico.

Eu e o Ferreira ouviamos calados.

Hoje lembrou-me bem... O velho Philippe tinha razão; João Rosa é o nosso primeiro actor, revelou-o bem na interpretação moderna d'aquelle extraordinario papel d'Antonio, tão cheio de difficuldades, tão cheio de dôr, e de sentimentos subtilez, tão difficil de comprehender, tão difficil de realizar.

Virginia foi tragica, tragica como se é agora, em que se estuda a dor para se poder gritar.

Para representar a dôr é necessario saber gritar, é necessario torturar a face, saber colorir a voz.

Os nossos actores esquecem isto, crearam uma face, e crearam uma voz. Com ellas representam tudo. A sua physionomia é movel, como as mascaras dos actores gregos, o seu dizer monotono, como o dos nossos tios que recitam ao piano.

A tragedia é para ser sentida, para convulsionar a face, para torturar a voz.

Para o piano, não conhecemos senão o *novado do sepulchro*, tragedia do Lopes de Mendonça que algumas senhoras dizem ainda na Beira.

Bem quizera eu dizer-te o que senti ao ouvir a extraordinaria representação da Virginia, a vida que ella poz naquella papel, realisando perfeita a tua concepção artistica; mas não posso, que me lembra aquella morte extranha, — um quasi nada que vem, tão depressa, depois d'uma grande esperanza. Os labios franzem-se e descoram-se, como uma flôr a murchar, e de dentro, do fundo, vem um grito rouco que escancara a bocca e... É tudo! É pouco. É a morte assim.

Assim morrem as pessoas que ridas.

Assim morreu minha mãe.

Hoje lembram-me todos.

Sinto-me bom, sinto-me creança

Tudo tão socegado. Coimbra perde-se em nevoeiro no rio.

Perto uma voz fresca assobia uma bucólica canção do monte. Ao longe sente-se um murmurio vago, é o campo a acordar.

O ar é fresco como o rosto d'uma creança.

Sóa um clarim distante, e illumina-se do primeiro raio de sol uma torre ao longe.

Que dia tão alegre!

Não vos ter eu cá...

13—V—96.

T. C.

Correram em Coimbra boatos aterradores acerca de pretendidas tentativas de lançamento de fogo no theatro circo, quando alli se realisaram as duas réctas de despedida do 5.º anno juridico. Despejára-se, na primeira noite, uma garrafa de petróleo num camarim; tentára-se atrombar um cano de gaz na segunda. Havia cartas anónimas em que se preveniam algumas familias do attentado, e não sabemos que mais.

Afinal nada se deu que se parecesse sequer com qualquer tentativa de incendio, tendo os boatos que circularam origem no facto de a um quintanista haver sido entregue uma garrafa de benzina, em vez d'outro liquido que havia mandado buscar, entornando-se uma parte no soalho.

Os individuos que haviam sido presos, já foram restituídos á liberdade.

Os leitores que têm seguido attentamente as noticias da insurreição cubana devem, como nós, estar admirados com as successivas victorias dos hespanhoes, victorias que não impedem que os insurrectos andem perfeitamente á vontade nas provincias por elles invadidas.

Pelas proprias noticias de origem official se conclue que Maceo nunca quiz transpôr a linha Miriel-Artemisa, como os hespanhoes affirmavam, mas simplesmente permanecer em Pinar del Rio para favorecer o desembarque das forças auxiliares recrutadas nos Estados-Unidos.

Pelos ultimos telegrammas sabe-se que o vapor *Bermuda*, ao serviço dos insurrectos, desembarcou em Puerto Mlato uma expedição composta de 300 homens.

Do mesmo vapor desembarcaram 40:000 espingardas, 6 peças de artilheria, 3 metralhadoras e numerosas munições.

Um telegramma de Weyler confirma a noticia de que os insurrectos desalojaram os hespanhoes do acampamento de Rubio e que se mostram mais audazes, attribuindo isto aos auxilios que recebem dos Estados-Unidos.

O generalissimo Maximo Gomez avança pela provincia de Matanzas.

Uma filha d'uma familia da aristocracia cubana, vindo partir para os insurrectos todos os seus parentes, resolveu offerecer-se a Maceo para combater ao lado dos seus, mostrando-se sempre audaz.

Num recuento com as tropas hespanholas, fez prodigios de valor, sendo afinal ferida.

Os hespanhoes intimaram-na a render-se, ao que ella respondeu: «Nunca, viva Cuba livre!»

Os hespanhoes responderam a estas heroicas palavras com uma descarga, cahindo ella varada por 12 balas!

Valentes hespanhoes!

Cinco tripulantes da escuna *Competitor* foram condemnados á morte. Três d'elles são cidadãos americanos, dando isto logar a um conflicto, como se vê dos seguintes telegrammas.

«Nova-York, 10. — A condemnação dos americanos presos a bordo da escuna *Competitor* produziu grande excitação nos Estados Unidos.

Um telegramma de Washington, publicado num jornal d'aqui, diz que o sr. Olney, secretario d'Estado, depois de conferenciar com o presidente Cleveland, declarou ao ministro de Hespanha, sr. Dupuy Delome, que os prisioneiros da escuna *Competitor* não seriam fuzilados por uma sentença d'um tribunal militar, e que o ministro de Hespanha promettera telegraphar para Madrid sobre o assumpto.

O presidente Cleveland ditou elle mesmo os telegrammas para o representante dos Estados-Unidos em Madrid e para o consul americano em Havana, declarando que se os prisioneiros forem fuzilados sem processo civil, olhará isso como um acto não amigavel.

O consul americano Lee, acaba de ser nomeado de novo e vae occupar o seu posto em Havana.

Parcece que a opinião do sr. Olney é que os condemnados são apenas culpados de fazer contrabando; para o que a pena é multa e prisão.

O governador do Estado da Florida ordenou ao 5.º batalhão de estar prompto para entrar em acção immediata, ao primeiro aviso de Washington, por causa da presente questão da escuna *Competitor*.

Londres, 11. — Diz o *Daily-News* que o governo hespanhol está entre

dois fogos: se sacrificou o general Weyler, se sacrificou provavelmente a si também; que se deverá lembrar dos massacres virginianos de 1873, e que nessas circunstâncias os hespanhoes se tornaram sympathicos, devendo agora desconfiar da ferocidade dos seus nacionaes.

O *Standard* diz que a Hespanha lbe é sympathica, e se a sentença for mantida se deve preparar para a guerra com os Estados-Unidos, e que o governo fará tudo que for compativel com a dignidade nacional.

O *Daily Chronicle* diz que o rompimento entre os Estados-Unidos e a Hespanha, entregava Cuba a um ultimatum dos americanos, não seria o começo d'uma guerra, mas o fim d'uma guerrilha internacional. O *Daily Chronicle* também publica um telegramma de New-York, dizendo que a reunião actual, na bahia de New-York, da mais formidável esquadra que alli se viu parece presagio de medidas activas contra a Havana.

Nova-York, 10. — Dos 5 condemnados à morte que foram presos a bordo da escuna *Competitor* 2 são cubanos e 3 norte-americanos. Um d'estes é inglês, naturalizado americano.

Londres, 11, t. — Diz um telegramma de New-York para o *Standard* que os mais eminentes registas americanos declaram que a execução da tripulação do *Competitor* constituiria uma violação do direito internacional; o chefe da policia d'aquelle porto e o consul hespanhol discutem a questão da estada ali do vapor suspeito *Lanzada*; explica-se que a reunião da força naval em New-York não tem significação alguma.

Washington, 11, t. — Não ha nada oficialmente com respeito às sentenças dos presos americanos em Cuba. A noticia de que o governo hespanhol ordenara que o processo fosse remetido a Madrid, deu satisfação aos Estados-Unidos. A questão será provavelmente submettida ao congresso.

Paris, 11, t. — O *Journal des Debates* entende que a situação creada entre a Hespanha e os Estados-Unidos pela questão do *Competitor* é bastante delicada, mas espera que se componha por meio d'uma intervenção amigavel.

Washington, 11, n. — Affirmam noticias de fonte auctorizada que o governo hespanhol, a pedido dos Estados-Unidos, differirá a execução dos americanos sentenciados em Cuba até serem apresentadas pelos Estados-Unidos e tomadas em consideração pela Hespanha as observações do governo americano relativamente à applicação deste caso do tratado de 1795 e do protocolo de 1877.

Creemos que não serão executados os norte-americanos que foram aprisionados e que Weyler não insistirá pela sua demissão,

quando se dê esse facto. Em todo o caso tudo está concorrendo para tornar mais tensas as relações entre a Hespanha e os Estados-Unidos.

Além da *Dór Suprema* a companhia do theatro de D. Maria representou hontem o *Salto mortal*, uma coisa sem valor, do sr. Lopes de Mendonça.

O desempenho mau, exceptuando a Ingenua, Ferreira da Silva, e Alves.

Afinal são quasi todos. . . São sim, minha senhora, mas falta alguém. . .

Durante o tempo em que a imagem da Rainha Santa esteve em exposição na igreja de S. Thiago foram lançadas na salva esmolada da quantia superior a 200\$000 réis.

Fallecimento

Na terça feira passada falleceu nesta cidade o honrado operario carpinteiro Antonio Fonseca, na avançada idade de 72 annos. Muito honesto nos seus contractos, muito perfeito em todos os seus trabalhos, este digno operario tinha conquistado o respeito da classe artistica e as sympathias de todos que com elle lidavam.

O enterro, que se realizou hontem, foi extraordinariamente concorrido.

A seu genro e nosso amigo o sr. Antonio Pedro os nossos sentimentos

Continua bastante doente o conceituado industrial d'esta cidade e nosso amigo sr. José Antonio dos Santos. Estimamos as suas melhoras.

Hontem, quando se estava representando o 3.º acto da *Dór Suprema* de am as torres signal de incendio. Isto bastou para que houvesse immediatamente enorme panico na platéa, sendo muitas pessoas o mais apressadamente que puderam.

Passado pouco tempo restabeleceu-se o socego, continuando o espectáculo sem novidade.

O incendio deu-se num barracão de Santa Clara.

Foi extinto rapidamente, havendo insignificantes prejuizos.

Na noticia que demos sobre a récita de despedida do curso do 5.º anno juridico, os typographos fizeram grandes diabruras, que o auctor da noticia não pôde destruir por lhe ser impossivel rever as provas.

cavel com a neve que caia, e em que o pobre animal se enterrava até os joelhos; apesar das pragas e chicotadas do dono elle parou, abaixando tristemente a cabeça. Joan teve um momento de raiva; mas, condoendo-se do animal, acariciou-o e fallou lhe com ternura:

— Pois bem, meu pobre velho! não podes mais! estas exaustos de forças! Que queres que eu te faça? E' torçoso que eu continue a minha jornada. . . Tu, meu pobre Lavraska, esperarás aqui a morte. . . Não me tenhas piedade!

Uma lagrima correu e deteve-se na sua barba hirsuta. Era uma scena tocante a d'este mujik, de aspecto severo, chorando abraçado ao seu cavallo abatido pela fadiga.

Sem se voltar, para não se enternecer, continuou resolutamente o seu caminho; no entretanto, soffria dolorosamente com a idéa de abandonar assim o seu velho amigo Lavraska, que era quasi toda a sua fortuna.

Caminhava com muita rapidez, mas tinha de parar muitas vezes para se certificar se era aquelle o caminho que devia seguir. Não sentia nem a fadiga nem o frio; cambiou, ou antes, correu, impellido por uma idéa fixa.

Emfim, começou a avistar as sombras negras das casas, e em breve chegou perto da rua!

Não havia luz; tudo parecia mergulhado num somno profundo. Approximou-se a tremor, e espreitou através das vidraças da sala de entrada; mas

Carta de Lisboa

Lisboa, 12 de maio de 1896.

Volta de novo a preoccupar os monarchicos portuguezes e hespanhoes a questão de Cuba. Maceo tantas vezes morto por *nuestros hermanos* está bem vivo. Mas, não podendo da-lo como emigrado no outro mundo, os telegrammas de Weyler annunciaram que elle, por ter o passo impedido pela linha militar *Muriel-Artemisa*, havia de ceder por falta de recursos. Eis senão quando se sabe que Maceo recebe por mar tudo quanto quer, espingardas, artilheria, dynamite e, o que é mais, homens, 300 americanos acabam de chegar em seu auxilio.

Então, a raiva da Hespanha, ao saber estas noticias, desabafou sobre os prisioneiros de um navio que ia em soccorro dos rebeldes. São os prisioneiros rapazes de 16 a 20 annos. Condemnados à morte! Mas são americanos e os Estados-Unidos não consentem o seu fuzilamento. Weyler ameaça demittir-se caso o governo não confirme a sentença. Mas o governo cede diante da America e diz que a rainha, a pedido do embaixador inglês, influe para que não sejam fuzilados os fribusteiros. É uma forma de o governo illudir o povo hespanhol a proposito do receio que tem dos Estados-Unidos.

Quem acredita agora na humanidade dos ingleses? E quem duvida de que a rainha de Hespanha assigne uma sentença de morte?

Por não a querer assignar deixou Salmeron de se manter no poder, por occasião da Republica. Mas não ha memoria de que um soberano, mesmo quando seja uma rainha, deixasse o throno para não dispor da vida de um homem.

Quizera eu que não se dessem os fuzilamentos que a Hespanha pede com tanto clamor. E quizera também que o povo hespanhol o dissesse com attivés. Mas assim, que triste situação! E como um país, só pelo odio de dominador contra um povo que quer ser livre, exgota as suas energias numa lucta antipathica, por todo o seu coração num combate de odios!

Triste coisa a guerra! Infame ideal o de escravisar um povo! Fal-

não viu nada e ouviu apenas o assoviado do vento. Todavia, esta tranquillidade no interior da casa não o deixou socegado.

Approximou-se da janella do quarto e escutou. Pouco a pouco, foi distinguindo a voz de sua mulher que dizia:

— Sim, sim, tenho um medo horrivel; não quero ainda acreditar que estejamos sós. E tu, estás contente?

Elle não respondeu, mas Joan ouviu muito distinctamente o som d'um beijo. Então, recuou, fóra de si; os olhos brilhavam-lhe, na escuridão, como dois carvões accessos; levantou os punhos ameaçando os amantes que, inteiramente entregues à sua felicidade, nem de leve pensavam no enorme perigo que corriam. No auge do desespero, Ivan atira-se sobre a neve onde o seu corpo fica impresso. Debatendo-se no chão, salta-lhe do peito opprimido sons gutturaes.

Passa lo o primeiro momento de dor, levanta-se, entra em casa sem bater, e, não fazendo o menor ruido, penetra no quarto.

Tirou um phosphoro da caixa, e, de costas voltadas, accendeu a pequena lamparina, collocando-a sobre a mesa, e voltou-se depois. Viu então a sua mulher semi-nua, agachada a um canto, e noutro — o amante. Oh! vergonha! oh! raiva! Era o bello Vasili, o ricacho da aldeia. Os seus cabelos leucos cahiam-lhe sobre a espaçosa fronte, a côr do rosto era d'um branco rosado

sa idéa de patria aquella que se manifesta pela posse de uma ilha, contra vontade dos seus habitantes, só porque dá lucros, interesses e é motivo para enriquecer os exploradores que sabem da Península investidos no poder para explorar o trabalho d'aquelles a quem hoje quer para compatriotas, mas a quem explora como escravos!

Felizmente que na propria Hespanha ha dois homens eminentes que pensam que os cubanos têm razão!

Felizmente que esses dois homens — Pi y Margall e Labra — são republicanos!

Mãos hespanhoes lhes chamarão uns. Ingenuos dirão outros.

Homens de coração, affirmam os que no mundo, através de tudo, só buscam seguir a luz serena do Amor e da Justiça dos povos.

Política por aqui é coisa de que se não sabe. Ha uma porcariazinha de crise ministerial. Julgo ser tão ridicula como desprezível. Nada mais apurei.

Desejo que fique assente isto: Os jornaes republicanos de que sou collaborador são: a *Resistencia* e *Paiz*. Do que nelles escrevo sou responsavel. De resto isto era escusado dizê-lo aos que me conhecem. Por isso dirijo estas palavras áquelles que não quero conhecer. Feita esta declaração, continúa cabendo-me o direito de julgar com a indifferença do costume quem, não tendo a coragem de exigir responsabilidades, as attribue, a quem lhe parece, em conversas proprias de idiotas, mais que de máus.

João da Menezes.

Ferreira na Silva teve uma ovação enorme, sendo chamado pelo publico que o obrigou a recitar a *Lagrima*.

Os estudantes deitaram-lhe as capas obrigando-o a pôr uma aos hombros.

Assim recitou elle a *Lagrima*, como só elle a sabe recitar.

V. ex.ª lembram-se da Lucinda Simões?

E ainda ha gente capaz de dizer que nós temos má-lingua!

Nem nós, nem a Lucinda do Carmo!

como a d'uma menina, os olhos d'um cinzento escuro exprimiam doçura, e um fio bigode cobria distinctamente os labios vermelhos, por entre os quaes brilhava o esmalte dos dentes. Todas as meninas de Lemenowka se apaixonavam por elle.

— Então, tens um amante! disse Ivan, contendo-se a custo, a custo e horrivelmente pallido, para Anna. A tua escolha não é má, mas, exclamou elle de repente, eu te matarei como um cão.

Precipita-se sobre ella. Já o seu braço vingador estava prestes a feri-la, quando Vasili o deteve:

— Para! disse lhe, deixa — ella é muito formosa! Queres vingar-te, matar algum de nós, pois bem, mata-me! Sou o unico culpado, seduzi-a, e, se hei de viver sem Anna, aborreço a vida, antes quero acabar aqui. . .

Um tremor nervoso correu todo o corpo de Joan, que fitou de alto abaixo a joven!

— Affrontas a morte, tu! Mas não é a ti que eu desejo. É a Anna que eu amava, e que me trahiú apesar de todos os meus affagos.

Correu novamente sobre ella, mas Vasili metteu-se de permoio.

— Não, enquanto eu tiver um sopro de vida, não lhe tocarás, entendes?

— Toma cautela, Vasili, que me fazes perder a paciência. . . Vae-te, ou não respondo por mim!

— Não vou!

Récita dos quintannistas

Consta-nos que o saldo da récita do quinto anno revertera, como é de praxe, em beneficio da Sociedade Philantropica-Academica.

Foi eleito presidente da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes o sr. conde de S. Januario.

Communicado

Ao sr. José Alves d'Oliveira, da Redinha.

Ha dias declarou v. ex.ª a pessoa da nossa confiança e que julgamos incapaz de faltar à verdade, que da nossa parte havia o firme proposito de o assassinar na primeira occasião que para isso se nos offerecesse ensejo. Fundamentou v. ex.ª essa sua declaração no testimonho de pessoa que lhe merecê todo o credito e ainda numa carta anonyma por v. ex.ª recebida.

Não obstante sermos simples e modestos artistas permitta-nos que lhe declaremos que prezamos a nossa dignidade, tanto pelo meos como v. ex.ª preza a sua, e assim em nome d'essa dignidade que tanto prezamos, não podemos deixar de emprazar v. ex.ª a que publica e peremptoriamente nos declare:

1.º Se realmente fez aquella declaração como sem duvida julgamos por v. ex.ª ter sido feita;

2.º Se a nosso respeito faz o juizo de assassinos e assim capazes de atentar contra a sua vida;

3.º Qual a pessoa, que lhe merecê todo o credito, que a nosso respeito affirmou a v. ex.ª termos nós formado tenção de o assassinar;

4.º Exhibir a carta anonyma, pondo-a à nossa disposição para procedermos como julgarmos conveniente.

Emprazamos a v. ex.ª como dito fica, e v. ex.ª se quiser ser digno e respeitado como homem sério, de credito e de bem, não poderá deixar de responder por este meio aos que se subscrevem de v. ex.ª

Attentos veneradores
Soure, 10 de maio de 1896.

José Cardoso Redondo
Antonio Joaquim da Fonseca.
(Segue-se o reconhecimento).

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Ivan agarra-o pelo pescoco. Um grito sobrehumano se ouviu no quarto. Anna, até então immovel, dirigiu-se para o seu marido.

— Perdão! Joan! Perdão! meu senhor! Eu farei tudo o que tu determinares! . . . Deixa Vasili! . . . Eu entouqueço!

Ouvindo estas palavras, as suas mãos crispadas largaram o pescoco de Vasili, e, pallido como um cadaver, ficou d'uma maneira tal sua mulher que ella cahiu de joelhos a seus pés desfeita em lagrimas. Elle repelliu-a rudemente com o pé.

Um momento depois, que a todos pareceu um seculo, disse com uma voz rouca:

— Estas livres! Eu não quero mais nada d'uma mulher como tu! És muito formosa para mim! Podes leva-la, Vasili. Ide. . . E obrigado por haveres evitado que eu commettesse um crime. Assesoiaria um de vós.

E saiu, deixando os dois amantes aterrados pela scena imprevisita que acabava de desinvolter-se diante d'elles.

No dia seguinte, os mujiks, encontraram, sobre a neve, o corpo d'Ivan Kouzmitch.

Embalado pela sua dor horrivel, adormeceu do somno eterno, tendo por exequias o assoviado do vento, por leito a neve, e por cobertura o frio.

Olga Kapatinsky.

Folhetim da RESISTENCIA

A SUSPEITA

(CONTO)

11

— Eu voltarei amanhã á tarde, dizia Joan á sua mulher, no dia seguinte pela manhã.

Estava vestido com uma especie de pelica, e prestes a partir; o trem esperava-o diante da porta com o seu cavallo Lavraska atrelado.

— Porta-te bem e não tenhas receio; eu hei de trazer-te o lindo lenço de seda azul que ha tanto tempo desejas.

E afastou-se, sem um olhar de despedida.

Entrando na cidade, tratou de resolver todos os seus negocios da maneira a demorar-se o menos tempo possivel; nem sequer visitou os seus amigos, e logo que se viu desembarcado, tomou o caminho da aldeia.

— Eh! meu Lavraska, anda corre, galopa, para que eu chegue a tempo de os surprender; depressa, meu bom amigo!

O tremo corria sobre a neve como uma flecha. A neve começava a cahir a sete horas. O cavallo afrouxava o passo. O caminho tornava-se imprati-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio
e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz
Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 15200 réis
comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 214.000\$000

SEDE EM LISBOA

Esta companhia a mais prodigiosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Aviso aos lavradores

Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accommodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13

Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Vende-se uma taboleta de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.

Rua de Ferreira Borges, 9 a 15—Coimbra.

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO //

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Propriedade

Vende-se uma, que se compõe de terra de semeadura, oliveiras e mais arvôres de fructo, com duas casas e dois pozos de agua, junto à igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Secco, do Almeque, morador à Guarda Inglesa.

Coimbra e Luso

começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso, partindo de Coimbra às 5 horas da manhã e de Luso, às 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896

Manuel José da Costa Soares.

Arrenda-se

Na rua da Sophia o 2.º andar do predio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

Casa mobilada no Campo

Arrenda-se uma na estrada de Cozilhas, proximo à estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.
Tracta-se com Antonio Aroasa, rua da Moeda.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga, rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

Vinhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.
Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Loja da China

Ferreira Borges

Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoas-lus de primeira qualidade, cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcaes.

Para manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, s. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2500 a 3500 réis o kilo; chá medicinal de Hamburgo; artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

Vende-se a quinta do «Correio-Mór» a Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, oliveira, malva, arvôres de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno... 25700
Semestre... 13350
Trimestre... 680

Sem estampilha:

Anno... 24400
Semestre... 12200
Trimestre... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. Franca Amado — COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n.

Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem

Gratis

UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Sae nos dias 1 e 15 de cada mes

REVISTA THEATRAL

ILLUSTRADA

Crítica, historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDACCAO E ADMINISTRACAO

R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA

PEÇAS PUBLICADAS

SALTIMBANCO

de Antonio Ennes

JUGUNDA

de Abel B. Telho

ALCACER-VEIR

de D. João da Câmara

PARAISO CONQUISTADO

de Lopes de Mendonça

Ciúme com ciúme se paga

de Rangel de Lima

Muito proprias as ultimas para amadores

ASSIGNA-SE em todos os agencias de ANTIGA CASA BERTRAND

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

Arrenda-se os altos d' casa da Ourivesaria Vil laça, na rua de Ferreira Borges Para tractar na mesma rua com Antonio José da Costa.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

Consultas todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 6 REIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

123 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades, que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moedores e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores autores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, meias branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para sup mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 131

COIMBRA — Quinta feira, 21 de maio de 1896

2.º ANNO

A administração da justiça

Directamente responsável pela miserável situação em que o país se encontra, pelo extraordinário desinvolvimento da corrupção e da immoralidade que se nota nas classes dirigentes, nem só ao governo do rei podem esses factos ser attribuídos. Uma analyse serena e desapassionada leva-nos á conclusão de que pesam sobre muitos, sem atenuantes para o governo, as tremendas responsabilidades da ignominiosa e deshonrada vida que a nação arrasta e que talvez a conduza á tutela d'uma nação estrangeira. Prometemos demonstrá-lo e, em cumprimento da promessa feita, principiaremos por apreciar a acção exercida pelos tribunaes de justiça.

Tão importantes são as funções que estes desempenham; tal illustração, rigor, inflexibilidade e desassombro devem presidir a todos os seus actos; devem elles estar sempre tão superiores a quaesquer paixões ou interesses, que é com a maior repugnancia, fazendo sempre penoso sacrificio, que temos de dirigir-lhes qualquer censura e até de os apreciar menos favoravelmente.

Deviam elles manter-se sempre superiores ás luctas politicas, mostrar-se absolutamente desinteressados de quaesquer questões partidarias na applicação da lei, que é ou deve ser igual para todos, ricos e pobres, politicos e não politicos. E têm procedido assim?

É quasi proverbial hoje a phrase — *ladrão rico não vae para a cadeia*; e pede a verdade que se diga que a voz do povo não é, neste caso, a voz do diabo. Todos os dias se repetem factos que provam incontestavelmente a justiça de tão humilhante censura aos nossos tribunaes. Os grandes ladrões que têm saqueado os cofres do Estado ou arrastado á miseria numerosas familias por fraudes commettidas em poderosas companhias, jámais soffreram a acção da justiça. Ou não se lhes inlaura processo, ou se, em virtude da revelação dos escandalos pela imprensa, tem de ser promovido, lá fica dormindo o somno eterno no cartório d'um escrívão.

É de notar que nem por todas as impunidades dos ladrões poderosos ou ricos são responsaveis os tribunaes. Muitos d'elles escapam á sua acção, em virtude de disposições le-

gaes que lhes asseguram essa impunidade. Os ministros do rei não são responsaveis por qualquer crime que commettam no exercicio das suas funções, porque ainda não existe entre nós uma lei de responsabilidade ministerial. O proprio parlamento português já reconheceu tão extravagante doutrina.

Outras entidades têm de ser julgadas por tribunaes especiaes em que o governo directamente influencia, ou pela nomeação dos seus membros, ou por ter de homologar as suas deliberações ou ainda pela sua indole politica.

Mas muitos ladrões ha que, não tendo garantida por lei a sua impunidade, a conseguem pelas influencias que no tribunal, onde a justiça não raro fica fóra da porta, se desinvolvem a seu favor. E' este um facto incontestavel e que se tem dado até em tribunaes superiores, cujos membros deviam considerar a sua independencia efficazmente garantida por lei.

Bem sabemos nós que, nos casos em que os governos não podem exercer mesquinhas vinganças directamente contra o juiz, ameaçam tornar d'ellas victimas os filhos, genros ou outras pessoas estreitamente vinculadas a elle pelos laços do sangue ou da amizade. Conhecemos até alguns factos d'esse genero e que a historia, para julgamento d'um regimen que se prostituiu completamente, ainda um dia ha-de narrar. Mas nem sequer nesses factos vemos circumstancias atenuantes do criminoso procedimento d'um juiz, que mente á sua consciencia ou trabe miseravelmente a função sublime que exerce por conveniencias proprias ou da familia. Perante estas deve elle sempre afirmar a mais austera independencia, que a propria natureza da função que exerce, se não a sua illustração e o seu character, soberanamente lhe impõe. Deixando de applicar rigorosamente a lei, o juiz vae minar as proprias bases em que a sociedade assenta, fazendo desinvolver na consciencia publica a crença de que a lei é letra morta.

Não ignoramos as arduas contingencias em que por vezes se verá o magistrado que queira cumprir d'um modo indefectivel os seus deveres, num país em que tão precarias são as garantias da sua independencia e em que a politica monarchica tudo avassala e procura corromper com o seu halito prestilencial. Reconhecemos a necessidade de reformar a nossa organização

judicial, no sentido de subtrahi-la completamente ás influencias delecterias que o poder executivo sobre ella pretenda exercer, ponto a que nos havemos de referir mais desinvolvidamente. Nunca desculparemos, porém, o magistrado que, por mais afflictiva que seja a situação em que se encontre, se deixa dominar por essas influencias ou por motivos de qualquer outra ordem.

Se ha deveres que a ninguém é jámais permittido esquecer, o da recta e imparcial administração da justiça occupa o primeiro logar.

Todos lhe batem

O *Jornal das Finanças*, que sempre tem defendido o governo, aprecia assim o *Solar dos Barrigas*:

«As quaes côrtes de 1896 devem ficar de memoria como o ajuntamento mais engraçado da historia politica da nação. O que havia de importante nas propostas do governo ficou por discutir, e foi approvada, sem discussão, uma maoçaroca de tumentos, que ha de servir de remedio a diversos compromissos de provincia...»

Foi uma bella troça, uma pandega, um divertimento para os ratos velhos do parlamentarismo, enquanto que os novatos, aquelles que lá foram uma vez, á falta de homens, escutavam as picuinhas com ar grave, assim a modo de offendidos, como se elles estivessem allí a representar mais alguma coisa do que aquella especie de coisa nenhuma, de que se compõem biologicamente as suas pessoas...»

O país não precisa de reformas, nem de economias, nem de pão perante a crise agricola, nem de melhoria de cambio perante a crise economica, nem de vergonha perante a crise moral. O país do que precisa é de chuchadeira de um bocado de troça e de mézinhas contra os flatos, e de umas camaras como as que se acabam de fechar, que só representam tempo perdido aquelle que não se aproveitou para credito do bom humor nacional.»

O Navarro, mal soube que tinha apparecido na Hungria um homem com um feto na barriga, tratou tambem de ver se tinha alguma coisa no seu insaciavel ventre.

Os medicos descobriram que elle tinha lá nem mais nem menos que S. M. El-Rei D. Carlos!

O sr. Hintze Ribeiro, extranhando que a direcção do Banco de Portugal levasse juro de 5 % ou de 6 % conforme o credito que lhe merecesse a firma que descontava a letra, fez com que se fixasse a taxa de 6 % para todos os descontos. Quem lucra, a final, é o Banco.

Parece que antes da nova sessão parlamentar serão nomeados 15 pares. Feita essa nomeação, fica salvo o país.

Na estação do Rocio, á partida do João Franco para o Alcaide, o Conde de Restello deu-lhe um beijo.

Que nojenta coisa!

Baratieri

Este general, que conduziu a uma derrota tão vergonhosa o exercito italiano, acaba de escrever a um amigo, Pederzoli, a seguinte carta:

É na adversidade que se conhecem os amigos. Para mim a desgraça tem sido uma terrivel pedra de toque.

Continua a instrução do meu processo e sei que o inquerito tecnico não podia ser-me mais favoravel.

O delegado fiscal abandonou até a accusação deshonrosa porque está demonstrado que eu fui um dos ultimos officiaes que abandonaram o campo de batalha com as ultimas companhias da reserva.

Acaba de chegar o procurador geral militar e não sei quaes as suas intenções. Fico admirado lendo as calumnias que em volta de mim têm sido espalhadas. Tratei sempre bem o general Arimondi que não andava contente, porque queria restringir as minhas funções, as de governador civil, para que eu lhe confiasse o commando em chefe das tropas.

Isto era impossivel...

É facil de repellir outra calumnia. Diz-se que eu ataquei ao acaso o inimigo por ter sabido da minha substituição pelo general Baldissera. Está agora provado que só em 5 de março tive conhecimento d'essa substituição. Se a conhecesse antes, teria batido em retirada, não assumindo a responsabilidade de um combate.

De resto, assumi esta responsabilidade porque era necessario adoptar uma resolução: eu nunca disposera de tantas forças e julgava os abyssinios em disputa e divididos. Dessejava simplesmente occupar uma posição mais adeante do ponto onde nos encontravamos e tinha uma confiança absoluta na victoria. Todos os generaes e o chefe do estado maior, ouvidos separadamente e nos conselhos de guerra de 28 e 29, me aconselhavam o ataque.

A desgraçada derrota foi devida á disjunção das brigadas, como se verá pelo relatório do inquerito que será publicado.

É absolutamente falso que eu reunisse somente os officiaes que eram favoraveis ao ataque. Reuni todos os generaes e o chefe do estado maior na noite de 28 de fevereiro.»

Não vae para Cabo Verde o Gungunhana. Em resposta á pergunta do governo—se podia ali responder pela segurança d'elle, o governador respondeu negativamente. Não irá, pois, para Cabo Verde mas para o castello de Angra, onde permanecerá prèso com os seus companheiros.

Ainda está dando que fazer o Gungunhana, depois de prèso.

Portugal, é dos países da Europa e America o que paga mais por cada habitante.

Tambem em alguma coisa havia de ir na vanguarda da civilização.

Diz-se que vae ser publicada uma nova edição do *Regulamento provisório* para o serviço do exercito em campanha, com as modificações que a actual ordenança possa introduzir nas suas disposições, sobretudo no que respeita ao serviço de segurança em marcha e estacionamento.

Instrucção publica Instrucção secundaria

XXIX

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Examinemos est'outro argumento — *que do estudo das linguas classicas depende essencialmente o conhecimento da civilização greco-romana e que nos auctores antigos ha uma grande copia de conhecimentos de que não podemos prescindir*. É este um argumento, a nosso ver, tão contestavel como os anteriormente examinados, por mais que os defensores apaixonados do *quietismo* pedagogico, quer dizer, da esterelisação intellectual do alumno, pretendem attribuir-lhe uma importancia superior, que, aliás, facilmente se destróe, mostrando a sua completa inanidade.

É evidente—ninguem o contesta, que o estudo da antiguidade greco-romana, o conhecimento da sua civilização, nos interessa sob muitos pontos de vista; mas tambem não será facil demonstrar que para se conhecer bem e minuciosamente a civilização grega e romana seja indispensavel entender e compulsar os textos originaes. É tão falso o terreno em que, a este respeito, se collocam os defensores d'esta opinião, que, ainda que ella fosse exacta, verdadeiramente incontestavel, nem assim poderia justificar-se tão absurda pretensão. Vejamo-lo.

Ninguem de boa fé pode contestar seriamente que, para se fazer uma boa traducção, sem desvirtuar o pensamento e quanto possivel a forma do auctor traduzido, não seja absolutamente indispensavel que o traductor conheça bem não só a propria lingua e aquella de que se propõe traduzir, mas tambem o assumpto sobre que versa a traducção.

Isto é incontestavel. Quando na academia platonica de Florença, o professor de litteratura grega se mettia a fallar de Platão, perguntavam indignados os escolasticos latinos como é que um philosopho podia ser explicado por um individuo que não sabia philosophia. E comprehende-se bem o motivo d'aquella indignação.

Ora, se isto é assim, não poderão dizer-nos que proveito tirará o alumno de dez a doze annos da leitura dos auctores classicos e dos conhecimentos que nelles se encerram, sendo aliás certo que o desinvolvimento intellectual que é licito suppor-lhe não lhe permite comprehendê-los?

Nestas condições, é positivamente absurda a pretensão comprehendida no argumento que estamos analysando.

Não é, porém, necessario, digamo-lo de passagem, recorrer ás razões indicadas, para se invalidar por completo o argumento de que se tracta: é facil destrui-lo com a

evidencia dos factos, que são por si só, bastante elucidativos.

Não ha hoje assumpto que não esteja sufficientemente tractado em todas as linguas dos povos cultos. Em qualquer das manifestações do pensamento, em qualquer dos ramos do saber humano, se possuem actualmente trabalhos completos, que facilmente podem ser compulsados, sem que seja preciso recorrer ás obras da antiguidade classica. E, se pelo que respeita ás sciencias moraes, algumas reservas se poderão fazer, argumentando-se com a conveniencia do estudo dos livros dos auctores antigos, pode responder-se que, ainda neste caso e dado que assim seja, não é indispensavel o conhecimento das linguas classicas, visto que todos os livros escriptos nessas linguas estão hoje traduzidos e commentados.

Accrescentaremos que seria uma heresia afirmar-se que, na actualidade, não possa o alumno conhecer e entender melhor as obras dos auctores classicos pelas traducções e commentarios que facilmente encontra ao seu alcance, do que pelo exame directo d'essas obras. E, quanto ao proveito que d'ahi lhe pode advir, nem sequer nos parece licita a comparação.

Affirma um professor illustre que a pretensão de que nos é impossivel comprehender bem a vida intima dos gregos e romanos, sem o conhecimento da respectiva lingua, é pouco menos que um contrasenso; é emitir uma opinião erronea e que facilmente se refuta, porque a vida intima pode deduzir-se da vida exterior, e esta pode ser descripta numa lingua qualquer, pois tudo o que nos mostra bem os usos, os costumes, as intuições, a historia do povo nos ajuda a comprehender a sua vida intima, e tudo isto é possível por intermedio dos traductores e commentadores. É esta uma grande verdade, que ninguém se atreverá a contestar. De resto, ninguém poderá afirmar que o ensino das linguas classicas, tal como o comprehendem e professam os que mais obstinadamente o apregoam como necessario e indispensavel, seja dirigido no intuito e de modo a produzir os resultados que se inculcam. O argumento de que se tracta é improcedente, por conseguinte.

E, se o não fosse, teriamos necessariamente de concluir que para a educação do clero seria absolutamente indispensavel o estudo e conhecimento profundo das linguas em que a Biblia foi primitivamente escripta. Se os traductores e os commentadores das obras classicas, que os ha numerosos e auctorisadissimos, não bastam para bem os comprehendermos, com mais razão talvez se devia exigir que o clero estudasse a fundo o hebreu, em que foi escripto o Velho Testamento, porventura a parte da Biblia de mais difficil interpretação, pois tudo alli é figurado, contendo um grandissimo numero de maximas e passagens poeticas, de delicada interpretação, e porque se refere a um estado social muito differente do nosso. Para o estudo e interpretação dos Evangelhos ser-lhes-hia igualmente indispensavel o conhecimento do grego vulgar, pois que ninguém pôde admitir que o Christianismo, que revolucionou o mundo, e que, por isso, constitue um facto social de primeira grandeza, possa deixar de ser profundamente estudado nas suas causas e nos seus effectos, sobretudo por aquelles que, *sal terræ e lux mundi*, consoante o dizer do texto sagrado,

têm por missão essencial explica-lo. E, com ser isto assim, poderão dizer-nos quaes os membros do alto ou baixo clero que intendem uma palavra de grego ou de hebreu? O numero dos que d'essas linguas têm algum conhecimento é excessivamente limitado, como, de resto, ninguém ignora. Os proprios bispos, na sua grande maioria, conhecem porventura, nos textos originaes, a doutrina biblica, de que, aliás, são os interpretes naturaes e legitimos? Se até já houve tempo em que elles nem o proprio latim sabiam! (a) Dum já nós ouvimos dizer, e a mestre auctorizado, que não sabia o latim preciso para entender bem o breviario.

Na ignorancia, pois, dos textos originaes, contentam-se — e não pôde deixar de assim succeder com os commentadores, que, na verdade, abundam em todas as linguas modernas.

Apesar das difficuldades que a empresa apresenta, não ha, com effeito, livro que tenha sido mais commentado que a Biblia. Os trabalhos de exegese biblica são numerosos, em todas as linguas cultas, de modo que, por assim dizer, todas as luzes que sobre ella nos pôde fornecer a erudição e investigação critica têm sido espalhadas profusamente em todas as linguas modernas. E isto tem sido julgado sufficiente, para instrução e educação do clero, sem que tenha sido necessario obrigar-lo a conhecer a doutrina biblica nos textos primitivos, o que, aliás, não quer dizer que não seja utilissimo conhecê-los.

Ora, se isto assim é, se os factos se passam como nós os indicamos e ninguém ignora, claro é que o argumento que hoje analysamos é bordão excessivamente fragil, para que a rotina podia encostar-se commodamente a elle, e não pôde, por isso, ser facilmente utilizado, sem grave risco de se quebrar nas mãos dos que o empunham.

(a) Numa dos Decretos de Gregório XI prescreve-se que os bispos sejam obrigados a saber latim, prova evidente de que muitos o ignoravam.

Dr. Henriques da Silva

Está completamente restabelecido do ataque de influenza que o reteve em casa por alguns dias, este distincto professor da Universidade. As nossas felicitações.

Os antigos administradores da Companhia da Mala Real querelaram contra os nossos prezados collegas *O Paiz* e *A Vanguarda* por causa dos artigos que publicaram acerca das fraudes commettidas pela administração da mesma companhia. Pelo que se vê, também vão metter em processo os peritos que examinaram a escripturaçã da Mala Real e vieram revelar as enormes torpêsas que nella se praticaram. Que os nossos collegas não fizeram mais que reproduzir os dados por elles fornecidos no relatório.

Inquerito á barriga dos illustres barrigas.

Em todas ellas o feto João Franco.

Evora está sendo fecunda em *ladrões*. Hontem era o cavalheiro Pimentel que mandava para sua casa o cofre da thesouraria; hoje já outro cavalheiro não menos distincto se encarega de limpar as arcas da Casa Pia. Estes dois benemeritos, num paiz-reles, teriam por galardão, a habitação gratuita na Penitenciaria.

No nosso, porém, incomparavel, dá-se-lhes a mais alta protecção e declaram-se benemeritos, para que não falte quem dê lustro á corôa.

«Dôr Suprema»

Sobre o desempenho magistral de Virginia e João Rosa, neste magifico drama de Marcellino de Mesquita, diz o nosso prezado collega *A Voz Publica*:

«O desempenho, por parte dos protagonistas Virginia e João Rosa, (*Júlia e Antonio*), é magistral. Profundamente bem estudados esses dois personagens, não se surprehendem na falta de um unico pormenor, vivem aquella existencia soffrida, soffrem aquella dôr suprema, numa tortura cruciante. E é tão empolgadora a sua interpretação, tão pungente o tom de realidade, que esmagam o espectador e fazem-o soffrer a sua parte na lancinante agonia»

E o Primeiro de Janeiro:

«O desempenho por parte de Virginia e João Rosa foi assombroso, uma verdadeira maravilha, digna dos dois grandes artistas. A interpretação foi, não só superior, mas unica, porque, feita assim, fica excluída qualquer outra. Não é demais dizer-se que a *Dôr Suprema* foi creada duas vezes: pelo auctor e pelos dois notabilissimos artistas, a quem o auctor dedicou a sua peça, numa justissima homenagem.»

Todos os outros jornaes dizem que os dois insignes artistas foram muito applaudidos.

Egualmente tecem rasgados elogios ao dramaturgo Marcellino de Mesquita.

Vae fazer tirocinio para general o ex-ministro da guerra, *Festas*.

Muito custou ao país este generalato, mas o sr. Pimentel Pinto sempre vê cumpridos os seus desejos.

E' general.

Justificando a recusa ao convite que lhe foi feito para tomar parte numa Associação de Jornalistas, diz o nosso collega de Lisboa, o *Jornal do Commercio*:

«E, finalmente, a comprovar a inoportunidade da tentativa surgem factos, tão recentes, quanto eloquentes.

Quando foi da chegada dos expedicionarios, sem razão, nem lei, a policia assaltou nocturnamente a redacção de dois jornaes republicanos e passou a exercer sobre elles, contra a expressa determinação da propria Carta, censura prévia.

A esse tempo estava já constituida a commissão iniciadora da associação dos jornalistas, e era o momento esse, ou não o haverá nunca, de affirmar solemnemente um acto de solidariedade jornalística, protestando collectivamente contra o maior attentado que pôde ser feito á imprensa.

Que fizeram?

Nada. Não tugiaram, nem mugiram os corypheus da solidariedade jornalística.»

Nesta ultima parte é menos verdadeiro o nosso collega.

Tugiaram e mugiram para defender o governo e atacar os jornaes republicanos, forjando para esse fim infamias. É assim que elles manifestam a solidariedade jornalística.

Que isto não é coisa que se coma e o governo subsidia-os...

O correspondente d'esta cidade para o *Commercio do Porto* diz que obtivera informações que lhe deram a certeza de que a familia real não vem a Coimbra por occasião das festividades em honra da Rainha Santa.

Tambem nós temos essas informações, e ha bastante tempo. Sabemos até que falharam alguns planos do governo que se relacionavam com esse assumpto.

Bagatellas

O diplomata Racziński teve alguma vez um remoque certo para a sáfara das devoções e enthusiasmos faceis, que a arte faz desabrochar em Portugal.

E, coisa divertida! á superabundancia de analyistas, de criticos e de arbitros corresponde a illimitada temeridade das mais altivas e extravagantes opiniões de esthetica!

Cada qual forja as suas!...

E tudo é discreto, estabelecer principios e adjudicar preferencias com ares de auctoridade tão alta-neira, como quem abriga no intimo a intransigencia indomavel das convicções profundas!

E todavia, para julgar com persuasão e segurança d'uma obra de arte que incommensuraveis aptidões de espirito são necessarias! Educadas no esforço attento e na comparação persistente dos multiplos aspectos e das infinitas interpretações da naturêsa, através da intelligencia e do sentimento dos predestinados!

Hoje mórmente, que, zombando dos dogmas das velhas seitas, a espontaneidade dos artistas pôde percorrer em liberdade a orbita infinita das mais bizarras concepções, dos mais extravagantes processos, que delicadêsa de argucia e de vibratilidade é precisa, para o reconhecimento consciente das parcelas preciosas do talento, muitas vezes diluidas sob as fórmulas mais caprichosas e imprevisas!...

Por este theor estou discorrendo em soliloquio ha meia hora, porque numa pagina da conferencia do sr. Eugenio de Castro acerca João de Deus deparei com esta arrogante e typica passagem:

«Ha em França um notavel pintor chamado Puvís de Chavannes, cujos trabalhos, vistos por *qualquer ignorante em materia pictural*, dão uma impressão de ingenua e quasi ridicula simplicidade, impressão talvez ainda mais intensa do que a produzida pelos Primitivos italianos. Aos olhos, porém, d'um perito...»

... E prosegue, — como perito, — engrandecendo a obra de Chavannes!

Nada mais impertinente e menos generoso do que esta fallacia fugosa e alegre da gente nova — vêr por sobre as multidões alfombrados de orelhas azininas!...

P. de Chavannes pertence ao numero d'esses artistas dos ultimos tempos, que mais acerbas resistencias encontrou ao reconhecimento e consagração do seu talento.

E os seus adversarios não eram com certêsa *quaesquer ignorantes em materia pictural*! A lucia foi estrondosa e as peças do processo são abundantes!

Nem admira! E' o acontecimento vulgar de sempre! Sobre uma obra d'arte que se afasta da normalidade incidem os mais contradiatorios julgamentos. Quantas reputações iniciadas partiram ao choque das controversias; e quantas obras deprimidas no primeiro momento foram rehabilitadas numa aureola de gloria! São factos numerosos e occorrecias normaes e quotidianas nas sociedades, onde a arte tem cultores e crentes.

Eu limito-me a recordar dois exemplos capitaes d'entre cincoenta: a obra de Corbet; e a *Dança de Carpeaux*, que provocou o maior escandalo da arte moderna. E citarei ainda o proprio Rodin, que acaba de vencer!...

Mas chega a parecer ridiculo es-

pecialisar factos d'entre dezenas, accumulados em qualquer livro, ou folha volante!

Chavannes triumphou pelas identicas razões de originalidade, que, depois das contestações e sarcasmos mordentes da incomprehensão da critica, ergueram ás culminancias do talento Comerre, Besnard, Carriere, Raffaelli e outros, e muitos outros que ora acabaram de entrar em scena.

Paul Mantz na moderada postura habitual diz de Chavannes:

«Nous avions commencé par la résistance et il nous a fallu quelque temps pour goûter son charme un peu matadif».

Veja-se este *ignorante* que, apesar de convertido, dá signaes da antiga heresia!

Um outro, que não será tambem precisamente um jumento, Fourcaud escreve isto:

«Je comprends qu'on s'irrite contre une pareille oeuvre: ce qui est certain, c'est qu'elle finit par émuouvoir».

Outro burro, talvez! E é facil de formar uma recua dos mais graduados!...

A pintura de Puvís de Chavannes é essencialmente decorativa. Dos preceitos do genero elle tem a inexcédível harmonia; e a mais, uma idealisação suave, d'um archaismo hieratico e indefinivel, que effectivamente faz lembrar os *primitivos italianos*. E o que ha de materialmente — artificioso e propositado — na sua technica, elle sabe resgata-lo pela emoção extranha e funda que se exhala d'aquelle conjunto insolito, por onde parece perpassar um bafo de nevrose.

Não eram *ignorantes* os que a principio o repelliram!... Lérias!

Por maior que seja a lucidez e a tolerancia do meio, toda a innovação attentatoria das idéas correntes produz um abalo perturbador e desperta um movimento instinctivo de reacção.

E ainda bem, que assim é! Uma garantia necessaria ao equilibrio geral dos espiritos!

Fóra d'esta regra ficam simplesmente — os insensíveis... e os admiradores de convenção!

A.

Os alumnos do 5.º anno juridico vão a Lisboa, durante as férias do ponto, dar uma récita com a peça o *Sonho d'um bacharel*.

É engraçado!

Communica a Havas, em telegrama de Paris:

«O duque de Orléans publicou hoje uma carta que dirigiu ao duque de Audilret-Pasquier, na qual se admira do mau acolhimento da junta realista ao projecto que os seus amigos operarios tiveram de fazer em Cholet (departamento do Maine et Loire), de uma manifestação electiva para deputado sobre o nome d'elle, principe; diz que é preciso escolher entre o ligurar a monarchia ou fazê-la; pronuncia-se contra a attitude da expectativa; e conclue declarando que folgaria ter deixado os suffragios recabirem sobre o seu nome, para reduzir a nada a absurda lenda da incompatibilidade entre o direito monarchico e o direito clectivo».

Como conciliará o desastrado duque o direito monarchico com o direito clectivo? Se reconhece este direito, como contesta elle a legitimidade do systema republicano?

Parece-nos que o homem se prepara para candidato na futura eleição do presidente da Republica. Era realmente o melhor modo de restabelecer o regime monarchico.

Cuba

Já ninguém tem illusões sobre a enorme força de que dispõem os insurrectos cubanos.

Os jornaes hespanhoes pedem mais 100:000 homens para Cuba e accusam o governo de illudir a opinião, amesquinhando os insurrectos, emquanto dia a dia os factos demonstram quanto são enganosas as informações officiaes.

Alguns jornaes chegam a aventar a idéa de se abandonar Cuba, que tantos sacrificios está exigindo a Hespanha.

×

No senado dos Estados-Unidos Morgan criticou a crueldade do general Weyler e pediu para que a camara approvasse uma moção, declarando que existia um estado de guerra em Cuba e que as duas partes que intervêm são belligerantes. Foi muito applaudido.

×

O Times publica uma extensa carta do seu correspondente na Habana, fazendo uma descripção do estado da ilha. A carta é o mais pessimista possível. Affiança que as forças dos insurrectos ascendem a 40:000 homens. Maceo dispõe de 11:000. A sua situação, longe de estar comprometida na provincia de Pinar del Rio, vae melhorar, por isso que espera reforços e bastantes munições.

Maximo Gomez dispõe de 6:000 homens, e acha-se a 15 milhas de Santa Clara.

Calixto Garcia propõe-se a manobrar em Matanzas e na Habana, de combinação com Maceo, afim de atacar por differentes pontos a linha militar de Mariel-Artemisa.

O referido correspondente informa que, embora os desmentidos officiaes, a Hespanha tem-se limitado á defensiva. As tropas têm que guardar as povoações e os engenhos. A uma milha de distancia das guardiões, encontram-se os insurrectos. A Hespanha, com todas as suas tropas, é obrigada, primeiro que tudo, a proteger as vidas e os haveres dos proprietarios, e, neste sentido, emprega innumeradas forças.

O Times classifica de anti-patriótica a ignorancia em que se deixa a Hespanha ácerca do verdadeiro

estado da ilha de Cuba. Defende o general Weyler dos actos de crueldade que lhe são attribuidos. Censura os insurrectos pela destruição das propriedades, justificando apenas a destruição das linhas ferreas, como meio de communicacão em tempo de guerra.

Descreve depois com as cores mais negras a situação economica da ilha, cada vez mais angustiosa, e que representa um montão de ruínas.

Só será possível a paz, concedendo á ilha a autonomia ampla e completa. Se assim não se fizer, nada se obterá.

E para notar a cegueira do governo hespanhol, perante uma situação de tanta gravidade.

E termina censurando a perseguição contra a imprensa da ilha, que tem levado ao auge o exaspero da respectiva população.

O Grande Emmanuel

Acabou agora o *Rei Lear* no Theatro Principe Real.

Estamos a escrever sob a formidável impressão que nos deixou o surpreendente trabalho do grande actor. Faltam-nos adjectivos para qualificar esse magistral quão verdadeiro desempenho, e o adeantado da hora não nos permite alongar muito.

Emmanuel vive a vida dos personagens. S'ffre com elles com uma consciencia e verdade admiráveis. Ali não ha o mínimo effeito scenico, é tudo feito com uma simplicidade extraordinaria. A loucura, com os seus momentos lucidos, e a morte são representadas com uma naturalidade artistica só comparavel ao seu grande talento.

Que havemos nós de dizer dos restantes artistas? Com aquelle actor de primeira grandesa, elles não podiam brilhar, comtudo não desmancharam a platêa corou com prolongadas e entusiasticas salvas de palmas o soberbo trabalho do grande actor-critico, sendo elle chamado varias vezes á scenã. No fim, de cada um dos seis actos teve uma ovapão.

Pena foi que apenas houvesse meia casa. O publico d'esta cidade deixa perder a occasião de ver o melhor interprete de Shakespeare e provavelmente não voltará a tê-la tão cedo.

Nós, pelo nosso lado, não esperamos ver melhor do que aquillo.

Hoje o *Luiz XI*, para apresentação de Rossi.

Nos dias seguintes o *Othello* e *Hamlet*, em que Emmanuel é igualmente admiravel.

duas horas na casa e tornava a partir. Dizia-se que era um selvagem.

Uma noite este homem e uma joven tomaram o caminho de ferro a Sceaux. De Sceaux fizeram-se conduzir em carruagem até Fontenay-aux-Roses. Em Fontenay tomaram outra carruagem que os conduziu a Bagneux. De Bagneux, seguindo por atalhos e dando innumeradas voltas, chegaram a Cachan e entraram na *Casa Abandonada*...

O homem s'biu quasi logo para percorrer os muros, sondando com os olhos a escuridão.

É certo de que ninguém o tinha seguido tornou a entrar na casa e accendeu uma vela.

A luz bateu em cheio no rosto de uma mulher de 26 annos, pallida, olhos castanhos, labios grossos e voluptuosos, nariz direito, e cabellos escuros.

Esta mulher era de mediana estatura, peito largo, corou flexivel, e maneiras elegantes, quem quer que a visse sentir-se-hia impellido a ama-la e com um ardente desejo de confessar-lhe-o, mas a sua distincção natural fazia deter nos labios as propostas de amor.

O joven era pouco mais ou menos da mesma estatura, muito trigueiro e balouçava-se um pouco ao andar. Tinha na pronuncia um ligeiro accento estrangeiro.

Logo que accendeu a vela voltou-se para a mulher e disse-lhe:

— Estaes aqui em vossa casa, senhora.

— Senhor, disse a joven, estenden-

Insubmersibilidade dos navios

Tornar os navios — de qualquer typo que sejam — completamente insubmersiveis e supprimir absolutamente a causa mais frequente dos sinistros maritimos, é um problema evidentemente da maior importancia, mas cuja solução podia com razão parecer uma utopia.

Pois bem, esse problema, pretende tê-lo resolvido um engenheiro francês pelo modo mais simples e engenhoso.

M. J. Dubois colloca, para isso, debaixo do pavimento d'um navio, reservatorios d'um tecido especial extremamente resistente e dispostos de fórma que, depois de cheios, occupam completamente todos os espaços livres dos compartimentos onde vão as mercadorias. Esses saccos dobrados em pregas como os d'um fôlle de Concertena estão presos á parte superior por um fio ou por um tecto falso. E communicam por meio de tubos com recipientes metallicos que contêm acido carbonico liquido.

Concebe-se, desde já, quão simples é a manobra a executar; o navio tem algum rombo, a agua entra? Abrem-se immediatamente as torneiras do acido carbonico, os saccos enchem-se quebrando, pela enorme pressão, os fios que os comprimem, e vêm occupar assim todos os espaços vazios, expulsando a agua, e mantendo-o apesar do rombo no costado, em condições de fluctualidade tão perfeita como antes do sinistro.

A série de experiencias que tiveram lugar, na semana finda, em Paris, sob a direcção de M. Bruel, director da sociedade *L'Insubmersible* deram resultados completos.

Serviu para a experiencia um navio em miniatura, redução a quarenta por cento do *California*, munido dos reservatorios extensiveis Dubois, tendo nos flancos dois orificios tapados que, proporcional-

do-lhe a mão, agradeço-vos tudo o que haveis feito por mim. Agora voltae para Paris, de maneira a chegardes a vossa casa amanhã de manhã.

— Cumprirei os vossos desejos, mas, antes, permiti-me que vos ensie a casa. Não ficareis aqui muito confortavelmente. Este compartimento, é a sala de jantar. Quatro cadeiras de palha, uma mesa de madeira branca e um mão aparador de nogueira.

— Quereis ter a bondade de seguir-me?

— A casa não é grande. — Aqui é a cozinha: duas cassarolas, um fogão e uma cafeteira; um verdadeiro menage de rapaz. Neste armario ha uma duzia de pratos desapparelhados e três ou quatro talheres. Ha! e tambem uma sopeira, duas chavenas e um pires. Bravo! não me julgava tão rico — A lenha não falta. A casa é humida, e preciso accender o lume — O vinho não falta na frásqueira. Para lá chegar levanta se este alçapão e desce-se assim. Fazei o favor de allumiar-me.

— Dae-me a vela.

— Obrigada. — Aqui está o vinho. — Quereis subir ao primeiro pavimento? Tomae cantella! as escadas são muito empinadas. — Eis-nos no quarto. É mais luxuoso. Tem um tapete de feltro, ainda em bom estado, e o soalho é mais secco do que o do rez-do-chão. O leito é amplo e bom. Nesta commoda ha alguma roupa de linho, e objectos de *toilette* nesta gaveta. Este fogão que eu acabo de accender arde

mente representam dois enormes rombos.

Destapados estes orificios, immediatamente se abrem as torneiras das recipientes; o navio afunda-se quasi meio centimetro, depois, por effeito do gás que invadindo os espaços vazios expulsa a agua, torna elle á sua posição primitiva e fica fluctuando como uma boia.

Numa segunda experiencia o navio foi mettido a pique; pôz-se a funcionar o aparelho e, dentro em pouco elle volta á superficie da agua. Os resultados da experiencia foram realmente admiráveis.

Estes aparelhos, extremamente engenhosos, têm além d'estas vantagens a de se poderem adaptar a qualquer typo de navio sem grande trabalho nem modificações importantes.

O seu peso e o espaço que occupam é tambem insignificante.

Vê-se por tudo isto os serviços importantes que esta extraordinaria invenção prestará á navegação fluvial e maritima tanto sob o ponto de vista militar como commercial.

A congregação da Faculdade de Mathematica resolveu pôr ponto nas aulas do 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos no dia 13 de junho e no 1.º anno a 20.

Faz exame de licenciatura em Medicina, no dia 6 do proximo mês, o distincto alumno sr. Adelino Vieira de Campos.

Falleceu ante-hontem com uma congestão cerebral o sr. Filipe Coelho, pae do distincto alumno da Universidade o sr. Manuel Gomes Filipe Coelho, a quem enviamos os nossos pezaes.

O enterro que se realisou hontem foi muito concorrido.

O imperador da Allemanha conferiu a Mousinho da Silveira a cruz da Agencia Vermelha, como testemunho de admiração pelo heroico feito da prisão do Gungunhana.

Falleceu em Vienna o archiduque Carlos Luiz, irmão do imperador d'Austria e que era casado em terceiras

admiravelmente. Não esquecaes de que é preciso aquecer-vos. Eu vou collocar ao lado do fogão uma provisão de lenha. — Este campê e este *fauteuil* estão realmente muito usados. — Por cima da cozinha ha um pequeno quarto onde eu dormirei. Amanhã trarei do campo uma pouca de palha em que repousarei admiravelmente. — Ah! Esquecia-me de dar-vos o assucar para o vinho. Lembrae-vos, senhora, que só estarei de volta amanhã a noite, e que até lá, o vosso alimento tem de limitar-se a vinho assucarado.

O joven olhou ainda em volta de si a vêr se não se esqueceria d'alguma coisa, depois continuou:

— Não tenhaes medo. Estareis em segurança nesta casa, que se sabe estar deshabitada e quasi abandonada, não despertando, por isso, qualquer tentativa de assalto. Nunca encontrei em redor do muro, planta alguma calçada, o que prova nunca terem tentado escala-lo. Para mais vos socegar dir-vos-hei que os muros são altos e que as portas e janellas sólidas. Nada temais, pois. — Vejamos, estaes quentes? — Tendes velas? lençoes?... Deixo vos a fazer a cama. — Demanhã entreabrirei as janellas, eu quando voltar, tossirei d'este modo, e lançarei uma pequena pedra ás vidraças; este será o signal combinado. — Vinde fechar a porta.

— Ah! senhor, sois digno e valente, disse a joven.

— Até amanhã, senhora.

com a infanta D. Maria Theresã de Bragança, filha segunda de D. Miguel.

O principe herdeiro do throno fica senda agora o archiduque Fernando, filho do finado, que está tuberculoso.

Foi approvedo o novo horario dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Bibliographia

Revista Theatral — Excelente publicação quinzenal de assumptos theatraes, dirigida pelos srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

O numero que acaba de sahir traz uma collaboração distincta.

Revista das Escólas — Recebemos e agradecemos o n.º 14 do 2.º anno d'esta revista, bem redigido seminario do Porto, cujo summario é o seguinte:

Maria Magdalena aos pés de Jesus — O professorado de Lisboa — Escóla primaria em Gueifães — O escandalo na escóla nocturna da Sé. Com vista ao dignissimo director geral da instrucção publica — Subscrição do professorado para occorrer ás despesas judiciais a favor dos collegas de Sameica e do Porto — Legislação escolar: Decretos, Classificação dos professores de Beja. Mappa — Despachos pela direcção geral de instrucção publica — Plebiscito — Consultas — Noticias escolares — Secção litteraria; A filha do convencido, por Alfredo Alves — Bibliographia — Noticias diversas — Correio da casa — Expediente.

Alfinete

Perdeu-se um desde Luço até esta cidade. É de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes.

Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.ºs 50 e 52, onde será gratificado.

Arrenda-se do S. João de 1896 em deante a loja com os n.ºs 68, 70 e 72 na rua do Visconde da Luz. Para tractar com Joaquim Augusto Preces Diniz.

Agencia Economica em Coimbra

Encarrega-se de negocios dependentes de todas as repartições publicas e Redacção dos jornaes da localidade; presta esclarecimentos e informações; e incumbem-se da administração de propriedades rusticas e urbanas.

Correspondencia, franca de porte, a Augusto José Gonçalves Pino, Coimbra.

E partiu.

A joven correu cuidadosamente os ferrolhos da porta. Percorreu ainda uma vez com a vista a cozinha e a sala de jantar como quem tem receio de ali encontrar alguém, e entrincheirou-se no seu quarto.

— Até que emfim! exclamou alegremente, tudo acabado, estou livre! advinhe quem puder, considero este o dia mais feliz da minha vida, ao vêr-me longe do homem que desprezo e odeio.

II

O senhor duque de Villedieu

A hora em que a joven e o seu companheiro chegaram á casa de Cachan, M. o duque de Villedieu, entrava nos seus magnificos aposentos do boulevard Malesherbes.

— A sr.ª duqueza está em casa, Joseph? perguntou ao criado, entregando-lhe o *pardessus* e o chapéu.

— Não, senhor duque, disse o criado, a senhora duqueza sabiu depois de jantar para casa da baroneza de Koradec e não voltou ainda.

— Foi na sua carruagem?

— Não, mandou buscar um fiacre.

— Minha mulher sae muitas vezes em fiacre ha um certo tempo, murmurou o duque. É meia noite e meia hora; devia estar já em casa.

(Continua).

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

A casa abandonada

As aves, seguras de não serem desalojadas, estabeleceram ali o seu domicilio. A hera estava povoada de pardas que faziam uma chiada de ensurdecer; as andorinhas ali fabricam os seus ninhos sob os beirões do tellado. É o paraíso das avesinhas dos arredores; ali se recolhem zombando dos que andam aos ninhos, e das lavadeiras que estendem a roupa na planície.

A natureza é para ellas, a *Casa abandonada*.

Ha perto de um anno, que se julgaria a casa deshabitada, se não fosse uma especie de caminho trilhado que la da porta do jardim á porta da casa, da casa á bomba e a um pequeno banco encostado a um castanheiro e cercado de dulcameras, framboezas, orlignas e salgueiros.

Havia ferrugem no braço da bomba, e musgo no banco; com certeza o proprietario abria poucas vezes as persianas verdes das janellas.

Entretanto, algumas vezes, as lavadeiras de Cachan viam ali chegar um homem ainda novo. Passava uma ou

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio
e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e tele-
grapho, medico, pharmacia
e casa de barbear
Magnificas accommodações
desde 1\$200 réis
comprehendendo servico, club
etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração. com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — **Vingem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas de hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do restaurant Club de Lisboa, ficando em rigor os antigos preços.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

14 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital reis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 2.1.000.000

SEDE EM LISBOA

13 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martim de Carvalho, n.º 45.

Aviso aos lavradores

12 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estreme de cavallos ao preço de 16000 réis por cada metro cubico.

A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

11 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accommodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Tumaç e J. A. d'Aguiar, n.º 13.

Neila se prestam os demais esclarecimentos.

10 Vende-se uma taboleta de 3,70 de comprimento, por 95 de altura.

Rua de Ferreira Borges, 9 a 15 — Coimbra.

9 Chegou nos ultimos dias, e esta-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

8 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Propriedade

7 Vende-se uma, que se compõe de terra de semadura, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo.

Tem serventia obrigada pelo adro da mesma igreja, assim como tambem tem serventia de carro, etc.

Tracta-se com Fortunato Seco, do Almeque, morador á Guarda Inglesa.

Coimbra e Luso

6 A começar no dia 10 do corrente haverá todas as quintas feiras e domingos diligencia entre Coimbra e Luso; partindo de Coimbra ás 5 horas da manhã e de Luso, ás 7 horas da tarde.

A venda de bilhetes em Coimbra é na cocheira do annunciante ao caes, sendo o preço de ida ou volta 400 réis, e de ida e volta 600 réis.

Coimbra, 1 de maio de 1896

Manuel José da Costa Soares.

Arrenda-se

5 Na rua da Sophia o 2.º andar do predio n.º 56 desde o S. João em diante e tracta-se no mesmo 2.º andar.

SANDALO MIDY

Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Essa capsula acaba com os Gonorrhoeas em 48 horas, supprimindo a Cystitis, a Gleet, a Catarrhe e Infeccões.
Top. em Paris, 3, rue Vidouze aux Minimes.

Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

4 Vinhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.
Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

Arrendamento

3 Francisco V. de Carvalho arrenda a loja n.º 171 a 173 na rua de Ferreira Borges (Calçada) tendo uma loja sobreloja para habitação.

Charreth

2 Vende-se uma nova, muito em conta.
Trata-se na rua do Corvo, 40.

Arrenda-se

1 Do S. João em diante, junto ou separado, as lojas e casas de habitação, onde está installada a *Cosinha Economica*. A casa tem entrada pela rua Velha n.º 9.
Para tractar, praça do Commercio n.º 43 a 45 (Loja do Povo).

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original do pecto de 90 paginas em 8.º, têm tambem	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sac nos dias 1 E 15 de cada mez
	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA	PEÇAS PUBLICADAS	JA PUBLICADO O 1.º VOL.
COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS	Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.	SALTIMBANCO de Antonio Ennes	Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND
	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76. 2.º—LISBOA	JUCUNDA de Abel B telho	
		ALCACER-EBIR de D. João de Amaral	
		PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça	
		Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima	
		Muito proprias as ultimas para amadores	

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro, mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA
Vende-se a prestações de
500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

16 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

15 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moltré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças duradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 134

COIMBRA — Domingo, 31 de maio de 1896

2.º ANNO

VIVENDO DA INTRIGA

Affirma o *Correio da Noite*, órgão official do partido progressista, que o governo tem os seus dias contados, e de suppór é, dada a actual situação d'esse partido, que tal affirmativa se filie em majestaticas revelações.

Pouco viverá o gabinete que mais efficazmente cooperou para o irremediavel descredito d'um regimen politico, hoje em irreductivel antinomia com a consciencia nacional; crémós até que não chegará a 1897.

Mas que factos determinam a queda do governo?

Que nos conste, não ha actualmente conflicto algum d'ordem interna ou internacional que legitime uma mudança ministerial, e a nação continúa a manifestar a mais completa indifferença pela politica monarchica, não se pronunciando a favor de qualquer homem ou partido que possa organizar uma situação que succeda á actual. Impotentes para obstar aos successivos golpes d'Estado por que foram impudentemente violadas as proprias bases em que assentava o nosso direito constitucional e desacatados incontestaveis direitos, os homens da monarchia, que um dia se colligaram contra o actual governo declarando-lhe uma guerra de morte, vendo-se completamente desamparados pela opinião publica, acercaram-se de novo do throno, a quem haviam feito, em momentos de indignação, inteira justiça, e começaram a conferenciar com os ministros, a quem haviam chamado bandidos, ladrões e outros nomes equivalentes.

Este procedimento não só incoherente mas indigno veiu demonstrar do modo mais cabal que razão tinha o povo para se não deixar apaixonar pelos ideaes de ordem, moralidade e economia que, contra a desordem, a desmoralização e as illegalidades, eram expostos em phrases apaixonadas nos comicios ou nos jornaes. O passado dos politicos que taes idéas prégavam não deixava duvida alguma de que elles, uma vez no poder, se tornariam cúmplices do governo mantendo as reformas e actos contra que protestavam. E quiz a intriga monarchica que, até na opposição, tal connivencia se patenteasse do modo mais evidente.

Entre o governo do rei e o partido progressista não existem já as incompatibilidades que levaram este a abster-se de qualquer acto que

significasse o reconhecimento das medidas inconstitucionaes que houvesse decretado. Se ainda não chegaram a pleno accôrdo, pouco faltará para isso. Estão contados os dias do governo.

Assim se combinou nas altas espheras da governação publica. Eis o motivo por que cae o governo.

Não foi vencido, derrotado, pelo partido que lhe vae succeder. Não conseguin este levantar-lhe sequer um embaraço sério na gerencia dos negocios publicos, não suscitou contra elle uma forte corrente da opinião publica. Se é chamado ao poder, deve-o só a conveniencias monarchicas.

Minado o actual gabinete pelas mais profundas dissensões intestinas; abandonado por uma grande parte dos seus correligionarios; completamente desprestigiado perante o país, cae de pôdre. Não é o partido progressista que o deita abaixo.

O governo cae de pôdre e o partido progressista entra no poder completamente contaminado. Não ha a esperar actos d'energia, largas e profundas reformas d'um partido que tem responsabilidades tão graves como as do gabinete de 1886 a 1890, e que na opposição não soube nem pôde traçar um plano d'ataque contra o governo e derrotal-o no unico campo em que os partidos podem e devem fazê-lo, num país que tenha um regimen politico parlamentar.

É a intriga palaciana que fórma e desfaz ministerios. D'ella vivem os partidos da monarchia; por ella está sendo vilmente explorada a nação.

A proposito do *Caminho de ferro do Ruo*.

Figurantes: Iago, Marianno e a malta.

Scena I

Iago (para a malta). — «Aquelle Marianno é capaz de atacar o ministro da mariuha por fazer o caminho de ferro, depois de ter aconselhado que se fizesse com urgencia.»

Scena II

Marianno (entrando com os despojos da outra metade). — Parece-me ter ouvido bem as palavras proferidas por esse lazarento Iago? «A ellas só tenho a acrescentar que isto é um procedimento de bandidos, ministros ou não ministros, mas não o meu.»

Para dar lustro á corôa manda a decencia que, nesta altura, corra o panno.

Epilogo

O publico (findo o spectaculo). — Que cáfila!

Sé Velha

Tem sido geral a estranhês e o descontentamento causados pela morosidade, quasi abandono, com que ultimamente proseguiam as obras da Sé Velha.

Boatos desencontrados davam explicações absurdas do imprevisto caso. Para nós não havia duvida de que se punha em evidencia a má vontade acintosa do sr. director das obras publicas.

Pruridos de quem se julgava indispensavel e pretendia fazer-se valer!

Pois com satisfação somos informados de que o sr. Bispo Conde acaba de emprarar peremptoriamente o sr. Frazão a impulsão do andamento dos trabalhos, sob pena de prescindir da sua pessoa e cooperação, se tanto fór preciso.

Agora tem a palavra o illustre varão e nobiliarchico cavalleiro!

Em defesa

No *Primeiro de Janeiro* d'hontem vem publicada uma correspondencia de Coimbra em que, por intermedio do sr. Phymdel, um professor da Faculdade de Medicina, que se appellida de *sabio*, noticia uma descoberta importante, dizendo que:

«Já lhe valeu essa revolta da investigação contra uma theoria recebida geralmente, risos estarcinhos nas paléstras dos vaidosos e doestos num livro que um seu ex-discipulo despeitado atirou ao publico.»

Sem duvida ha nestas ultimas palavras uma infame referencia ao nosso querido amigo e prestante correligionario Antonio José d'Almeida, que na *Desaffronta* retratou com tanta verdade e colorido o auctor da tal descoberta.

Esteve Antonio José d'Almeida muitos dias em Coimbra depois de publicar o livro, cuja edição se exgotou immediatamente, sem que ninguém ousasse dirigir-lhe publicamente a minima affronta ou lhe pedisse qualquer explicação. Tendo saído para a Africa, tenta agora o sr. dr. Augusto Rocha defender-se, infamando-o, attribuindo a despeitos a *Desaffronta*, sendo certo que ha nesse livro as provas mais esmagadoras da iniqua e revoltante perseguição que contra elle moveu esse professor que não soube respeitar a dignidade do logar que exerce nem sequer guardar triviaes conveniencias.

Mas se Antonio José d'Almeida está ausente, deixou cá quem o defende. Conte com isso o sr. dr. Augusto Rocha.

A emigração

O governo resolveu suspender os administradores de concelho que publicaram editaes em que se dá conhecimento d'um contracto celebrado pelo Estado da Bahia para a introdução de 25:000 emigrantes, e se fazem prevenções sobre a melhor quadra do anno para se emigrar e sobre a clausula da repatriação, e corre que já veio a demissão

do da Figueira, esperando-se procedimento igual para com o do Funchal. Este tardio procedimento do governo, sem duvida alguma motivado pela campanha da imprensa, não pôde de modo algum eximi-lo da responsabilidade em que incorre, dando aos governadores civis de districto instrucções que se prestavam á interpretação que os administradores do concelho lhes deram.

Temos presente a circular enviada pelo governador civil substituto d'este districto aos administradores, que é do seguinte theor:

«Ill.º Sr. — Tendo o governo do Estado da Bahia effituado um contracto com a *Companhia Metropolitana*, com séde no Rio de Janeiro, para introdução de 25:000 emigrantes. queira v. ex.ª, em cumprimento do preceituado no n.º 6 do art. 10.º do Decreto de 7 de abril de 1863, esclarecer os emigrantes sobre a quadra que mais lhes convem aproveitar, isto é, de maio a setembro, visto como durante o verão, sempre rigoroso de outubro a março, em geral se manifestam as febres de mau caracter, sobretudo a *amareilla*; e bem assim verificar, com referencia aos contractos de locação de serviços, a clausula expressa da repatriação dos emigrantes, que, por circunstancias supervenientes e attendiveis, não possam cumprir as obrigações do contracto, e isto á custa dos empresarios.

Deus guarde a v. s.ª

Esta circular, que devia ser redigida em harmonia com as instrucções dadas pela direcção geral da administração politica e civil, é sem duvida alguma susceptivel da interpretação que o administrador da Figueira da Foz lhe deu. Não se indica na circular o modo por que devem ser dados os esclarecimentos e, sendo o processo geralmente seguido a publicação de editaes, era natural até que lhe fosse dada tal interpretação.

Não devia, pois, limitar-se o governo a suspender os administradores do concelho; era necessario que fosse mais longe.

Mas não irá. É até os proprios administradores do concelho, que agora são suspensos, ou demittidos, receberão dentro em curto prazo a compensação da pena que agora soffrem.

Thomaz Ribeiro

Teve uma congestão pulmonar, achando-se já livre de perigo, este estadista, nosso ministro nos Estados Unidos do Brazil.

Sobre a reforma do imposto do sello diz *O Diario Popular*:

«Dizem jornaes que só por falta de reparo passaram nas camaras os absurdos augmentos do imposto do sello. De modo que o ministro fez a proposta de lei acerca do sello sem reparar, as commissões de fazenda das duas camaras approvaram sem reparar; el-rei sancionou sem reparar; e os ministros referendaram sem reparar. A scena dos sete dormientes não foi mais curiosa.»

Tudo dorme, excepto o Mariano. Este está sempre d'olhos abertos para ver onde pôde lançar a mão.

Instrucção publica Instrucção secundaria

XXX

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

Examinemos agora, e por ultimo, este argumento, um dos principaes que triumphantemente se invocam, em favor do ensino exaggerado do latim—*que o seu estudo nos é indispensavel para a comprehensão das leis da nossa lingua, cuja estrutura nos será impossivel conhecer sem o estudo aprofundado da lingua mãe*. Este argumento tornou-se um logar commum e tem seduzido muitos espiritos, aliás superiores, os quaes, deixando-se deslumbrar unicamente pelas apparencias, não attentam bem na realidade dos factos; sendo necessario, por isso, reduzi-lo ás suas legitimas proporções.

Qualquer que tenha sido o valor d'um tal argumento, seja qual fór a extensão que pretendam dar-lhe, é evidente que na actualidade se lhe não pôde attribuir já grande importancia, a qual tem diminuido progressivamente, como os factos dia a dia vão demonstrando, e sem que os esforços, pouco menos de desprezados, e mais ou menos sinceros, dos defensores obstinados da rotina possam deter o movimento, que cada vez mais intensamente se accentúa, e que tende necessariamente a eliminar de todo os obstaculos que ainda se oppõem ao triumpho completo e definitivo dos principios de pedagogia moderna.

É preciso não nos illudirmos com apparencias mais ou menos seductoras, com phrases mais ou menos retumbantes, mas absolutamente desprovidas de valor real e contradictorias com os factos que sempre e invariavelmente se têm produzido: Affirmar-se que não é possivel conhecer e manejar bem a propria lingua nem adquirir uma verdadeira, sólida e fecunda educação litteraria, sem o estudo profundo do latim, não passa d'uma pretensão absurda que os factos desmentem e condemnam; chegando até um critico illustre, Charles Bigot, a considerar tal pretensão como uma verdadeira blasphemia. Melhor se pôde estudar, com effeito, uma lingua nos monumentos proprios do que nos extranhos, embora de mui proximo parentesco; e tambem mais e melhor se fórma o bom gosto litterario na leitura dos bons escriptores nacionaes que na dos estrangeiros, qualquer que seja o valor d'estes, e por grande que seja a relação de identidade entre quaesquer linguas, como a que ha entre o latim e o portuguez.

Demais, quem attentar seriamente na orientação que sempre se tem dado ao ensino do latim e bem assim nos resultados obtidos, ha de necessariamente espantar-se, ao ouvir invocar em defesa do estudo intensivo do latim o argumento de que se tem sujeitado a juventude,

obrigando-a a um trabalho enorme, excessivamente ingrato, segundo os processos adoptados, e de utilidade mais que duvidosa, senão absolutamente negativa.

Tem-se imaginado que, ensinando-se o alumno a conhecer superficialmente o latim de Cicero e de Virgilio, se lhe ministra um excelente subsidio para o estudo da propria lingua, como se entre o latim dos grandes escriptores romanos e a lingua portugueza, desde o periodo em que ella definitivamente se fixou, não haja um vacuo immenso que seria indispensavel preencher, estudando-o convenientemente, porque, como muito bem observa um dos mais illustres representantes da moderna eschola grammatical, A. Brachet, *l'état présent d'un idiome n'est que la conséquence de son état antérieur qui seul peut le faire comprendre!*

Ora, contrariamente ao que se apregoa, não só se não tem assim procedido, isto é, não se tem esclarecido pelo latim a grammatica portugueza, desprezando-se por completo o ensino historico do portuguez, mas tambem, o que mais é, os defensores mais encarniçados da latino-mania têm mostrado uma ignorancia pouco recommendavel, e ainda menos invejavel, sobre o que seja isto que hoje se chama *grammatica historica e comparada*. Os livros mais em voga, a favor dos quaes se tem feito sempre uma campanha tenaz, e os resultados geralmente conhecidos e abertamente condemnados, demonstram a saciedade que não estamos fazendo uma affirmacão gratuita. E tambem cumpre deixar consignado que os novos programmas, nesta parte, não modificaram muito sensivelmente o estado anterior, visto que, do curso geral dos lyceos são o alumno sem as noções indispensaveis de grammatica historica, sem saber como a lingua se formou, se desinvoluiu e chegou ao estado de perfeição actual. De que servirá, pois, o estudo intensivo do latim, logo desde o primeiro anno do curso dos lyceos, se d'elle não pôde resultar nenhuma utilidade real para a massa geral dos alumnos, que saem de lá absolutamente ignorantes sobre as origens e formação da lingua portugueza?

As idéas que a este respeito têm prevalecido no ensino, e ainda não desvanecidas, de todo, têm sido e continuam infelizmente a ser a causa principal do insuccesso no estudo tanto do latim como do portuguez, estudo que nunca foi comparado como devia ser, para que os resultados fossem de veras proficuos. Basta folhear ligeiramente as *grammaticas* e *selectas* que por ali circulam, impunemente e com grandes creditos, entre o professorado, que aliás, as deveria ter escoraçado ha muito, se a luz benéfica da sã pedagogia tivesse penetrado a grandes jorros, no ensino das linguas. Feitas geralmente, umas e outras, sem nenhum criterio scientifico, antes em desprezo manifesto do simples bom senso, é verdadeiramente espantoso o que nellas se lê; os erros mais crassos, as sandices mais qualificadas abi formigam e se atropellam desordenadamente, sem correctivo de nenhuma especie, antes com o assentimento de quem mais directa e legitimamente deveria intervir em laes desatinos. Poderíamos citar exemplos numerosissimos, em demonstracão d'esta verdade tristissima; não o faremos, porém, em razão de nos parecer desnecessario apresenta-los, por bem conhecidos,

á consideracão dos leitores. E assim é que nada ha que peor se estude entre nós do que as linguas, sobretudo a latina e a portugueza; a nenhum respeito é tão densa a ignorancia com que o alumno são das escholas, porventura convencido de que são erros certas locuções, aliás portuguesissimas, e a ingenua crença de que a sua lingua é descendente *directa e legitima* da lingua de Cicero e de Virgilio! (1). E a sua desgraça sobe ainda ao ponto de lhe fazerem acreditar que certos modos de dizer correctissimos, numa dada epocha, são figuras de estylo ou de grammatica, no que, aliás, nunca os auctores respectivos nem sequer pensaram, porque as figuras—a cousa mais inutil que se conhece, no sentido em que por ahi as tomam e consoante a forma por que as ensinam—foram evidentemente inventadas para encobrir a ignorancia dos que, attribuindo-se a qualidade de mestres, se arvoram em directores da mentalidade portugueza, e cujo merito principal tem consistido em desvirtuar um ensino, aliás atrahente e disciplinador, inventando charadas grammaticas, para serem decifradas por creanças de dez annos.

É tão grande, tão intensa, a ignorancia geral a respeito da nossa rica e formosissima lingua, que não é raro verem-se por ahi, em livros e em jornaes, disparates inadmissiveis, de que, devemos dizê-lo, não podemos tornar responsaveis os respectivos auctores. Não ha muito que entre dois escriptores de merito se levantou a duvida sobre se *algo* seria palavra portugueza, opinando um d'elles que era exclusivamente hespanhola! E, para que a duvida se desfizesse, para que a verdade lhes apparecesse a toda a luz, foi preciso que um escriptor illustre, um critico muito distincto, um investigador incançavel e consciencioso, Zacharias d'Aça, viesse demonstrar-lhes, num artigo excelente, e que por todos deveria ser lido, que a palavra *algo* era portugueza de lei e de mui fidalga estirpe. E muitos outros exemplos poderíamos adduzir, para demonstrar como é grande a ignorancia da nossa lingua, facto que deve attribuir-se ás deficiencias do ensino do latim e do portuguez.

São frequentissimos os erros palmares que por ahi commettem até os escriptores de maior merito. E raro aquelle que, por exemplo, emprega convenientemente o infinitivo pessoal ou impessoal, rarissimo aquelle que não claudica no emprego do sujeito, quando usa da forma passiva chamada irregular, aliás muito frequente, sobretudo quando se quer pôr em relevo, não o agente mas o objecto da accão; e talvez mais raro ainda o que sabe que o verbo *deparar* exige regime directo; a maior parte emprega a preposição *com* na regencia do respectivo complemento, o que constitue uma falta imperdoavel. Os exemplos seriam interminaveis.

Ora tudo isto resulta, como já observamos, da má orientacão dada ao ensino das linguas portugueza e

latina, ensino de que o alumno não tira, regra geral, resultado que preste.

O ensino do latim andou sempre alheado do portuguez, intendendo-se, pelo menos na practica, que o estudo devia ser independente d'aquelle; de modo que não é raro ver um alumno fazer um thema latino relativamente correcto, e o mesmo alumno não ser capaz de exprimir claramente e correntemente o pensamento mais simples, nem escrever uma carta á familia, sem que os erros, as incorreções de toda a ordem iguaem, pelo menos, o numero das palavras. Muitos dos nossos leitores terão verificado muita vez a exactidão do que estamos afirmando. E talvez não fosse demasiada ousadia afirmar tambem que alguns dos proprios professores, que aliás presumem de grandes latinistas, e nós cremos que o sejam, escrevendo correctamente o latim, não são impeccaveis, nem os seus exemplos muito de seguir, quando se trata do portuguez. Não seria preciso grande trabalho de investigacão para o demonstrar. No proprio regulamento e programmas que estamos analysando, e ainda no proprio relatório que precede o decreto de 22 de dezembro, aliás escripto com grandes e intencionaes primores de linguagem, e no proposito de deslumbrar os ingenuos que se contentam com palavras sonoras, se encontraria foita colheita de incorreções imperdoaveis e materia muito digna de reparo. Os exemplos abundam naquelles documentos; não queremos, porém, alongar demasiado o nosso artigo.

Ha muita gente por esse pais fóra que não abriga a pretensão de hellenista nem de latinista de grande tomo, mas que, em compensação, escreve muitissimo melhor a sua lingua, do que muita que se inculca como conhecedora profunda de todos os segredos das linguas classicas. Mais que uma vez ouvimos alardear tal e tão pouco modesta pretensão. O que porém, é certo e deve dizer-se, embora verdade, é que, para se fallar e escrever bem a propria lingua, é indispensavel estudá-la muito conscienciosamente. E aonde é que melhor a poderemos ir estudar? Evidentemente nos proprios textos. Isto não soffre a mais leve contestação.

Homero, para escrever bem o grego, bastou-lhe simplesmente saber grego: outra lingua lhe não foi preciso conhecer, para ser através dos seculos, o admiravel e admirado cantor da Iliada e da Odyssea. E Pindaro, Euripedes, Aristoteles, Platão e tantos outros escriptores da Hellade que outra lingua, alem da sua, precisaram saber, para produzir tantas obras primas, que lhes grangearam immortal renome? Consequentemente se pode afirmar que, para se fallar e escrever bem o portuguez, o que especialmente é preciso é saber o portuguez. E bom seria que d'esta verdade nos convencessemos todos, d'uma vez por todas. Não se lucraria pouco com isso.

A utilização das cataratas do Niagara

Affirma um chronista norte-americano ter presenciado a seguinte scena junto das cataratas do Niagara:

Um excursionista lamenta em voz alta que toda aquella immensa massa d'agua se precipite inutilmente ha tantos seculos.

Um engenheiro que o ouve, interrompe a lamentação dizendo:

—Cavalheiro, desculpe: mas deve saber que dentro em breve esta que-

da d'agua será utilizada para a produccão de electricidade.

—Sei-o, retorquiu o viajante, mas tambem sei que podia tirar-se d'ella melhor partido.

—Como? Que diz o cavalheiro? exclamam em côro varios companheiros, rodeando anciosos o recém-chegado.

—Trar-nos-ha porventura uma idéa nova? E' engenheiro?

—Não... sou negociante de vinhos.

Cascaes, 30, ás 4 e 55 t. — A esquadra leglêsa, composta de quatro couraçados, vem entrando a barra. Amanhã no Campo Pequeno tourada de fidalgos; assiste o rei.

(Correspondente).

Vem entrando a barra a esquadra inglesa...

Temos, pois, já hoje passeando em Lisboa, impavidos e orgulhosos, altivos e esmagadores, os marinheiros ingleses, que ha bem pouco tempo ainda estavam dispostos a assestar sobre a capital portugueza a metralha dos seus canhões. Vieram; trouxe-os a monarchia, que d'este modo contina significando a Inglaterra, a sua aliada, a sua amiga, que não ha chicotadas que lhe arroxem as faces, que não ha ultrages que ao rosto lhe façam subir a vergonha.

Entraram hontem em Lisboa os ingleses amigos. Hoje a fidalgaria, aristocratica e servil, dá-lhes no Campo Pequeno uma tourada... Assiste o rei, que velu das pragas do Alentejo ovan-te de triumphos. Dão-lhes banquetes officiaes, não falta a elles o almirantado.

São festas officiaes as que lhe offerece a monarchia...

O que ella não pôde offerecer-lhes, e bem o evidenciá, é um exemplo de vergonha, de lealdade e de patriotismo.

Falleceu na quinta feira passada nesta cidade, o sr. Francisco Corrêa, general de brigada reformado, que foi em tempo tenente coronel de infantaria n.º 23.

Foi aposentado com o ordenado annual de 300\$000 réis, o sr. Augusto Cesar Machado d'Abreu Peixoto, primeiro aspirante da direcção telegrapho-postal d'esta cidade.

O *Memorial diplomatique* informa parecer-lhe provavel que dentro de curto prazo se celebre um accôrdo entre a Inglaterra e Portugal para dar um caracter anglo-portuguez a uma exposicão que se ha de celebrar em 1897 em Lisboa para celebrar o centenario da India, e que a idéa foi suggerida pelo sr. conselheiro Luis de Soveral, o grande ministro dos negocios estrangeiros.

Dando conhecimento d'esta informacão do Memorial, commenta o nosso prezado collega *A Voz Publica*:

«É correcto e é logico.

Toda a gente sabe que quem correu os trabalhos e os riscos da descoberta da India, fomos nós; mas que quem hoje usufrúe os proventos d'essa descoberta, são elles.

A nós a gloria; a elles o proveito. Fraternalizemos pois.»

O record das multas

Uma folha estrangeira lembrou-se, a proposito das multas, de indagar a quem pertencia o record.

Se é verdade o que affirma, o record pertence incontestavelmente a uma viuva de Rotterdam que possui um estabelecimento de comidas e bebidas e que, desde 15 de dezembro de 1884 a 21 de maio de 1894, foi condemnada 499 vezes por infracções ao regulamento relativas aos estabelecimentos de bebidas e comidas.

O total das multas eleva-se a uma forte quantia, tendo sido estas multas acompanhadas com 742 dias de detença.

Que lhe preste o record.

Carta de Lisboa

Lisboa, 30 de maio de 1896.

Quando eu estive três meses no Limoeiro por uso de liberdade de imprensa, num martyrio de segunda classe, que a rhetorica official do partido ainda ha de comparar ao de uma victima de Nero, tive occasião de observar um facto curioso.

Todos os dias iam, misturados com amigos meus e correligionarios, certos patuscos assás divertidos.

Entravam ás 10 da manhã e saíam ás horas de terminarem as visitas.

Creio que andavam fazendo tirocinio para martyres e chegavam na realidade a suppôr que estavam prêsos, querendo cá fóra dar a entender isso aos amigos.

Ora estes patuscos entravam solemnes e sanguinarios rugindo phrases terriveis, dando-me abraços significativos e dizendo-me:—Muito bem!—Deixe-se estar prêsos, é pena não ser mais para sua gloria. Felicito-o pela sua audacia. Ha de ser vingado. E ao ouvido. «A coisa prepara-se, deixe estar, e nesse dia ahi o nosso sangue ha de vingar!»

Seja-me permitido observar que estes patuscos eram poucos mas bons. Já havia amigos meus que os conheciam e os gosaram como eu.

Até por isso me censuravam de não saber guardar a linha de martyre.

Tanto que em certo dia me lembrei de requisitar umas algemas e um pedaço de pão negro para me dar ares. Desisti da idéa, não fossem as fêras que me visitavam fazer ali mesmo a revolução.

Adiante.

Ora estes patuscos que me incitavam, tenho-os visto fugir lindamente da policia e nunca, elles que prégavam a revolta, disseram o seu nome, nem publicamente se manifestaram.

Estava eu contando isto a um amigo meu, que me referiu a seguinte historia:

Na Universidade, em reunião dos professores, propoz-se que se abrisse uma subscrição a fim de mandar fundir uma corôa de bronze que fosse exposta no monumento a Camões.

Mal foi apresentada a proposta, logo um lente, conhecido pelo seu espirito, começou gritando—apoiado, apoiado! Mais de cinco minutos esteve manifestando o seu entusiasmo, até que, chegada a occasião de lhe perguntarem quanto dava, respondeu muito admirado: Mas não dou nada!

—Porque?

—Porque nunca tive tenção de dar dinheiro e por isso acho bastante dar apoiados!

Ora aqui está o caso.

Alguem anda para deante?

Muito bem! Vá, não tenha medo, isto é que é um homem!

Mas quer-se «comprar a corôa»? Não senhor.

Da «corôa» só fallarei quando tiver de a censurar.

João de Menezes.

Com a solemnidade do costume celebra-se hoje na capella do Collegio Novo a festa do Mês de Maria.

De manhã, missa cantada, e primeira communhão de alguns meninos orphãos. Prêga o sr. padre Sinibaldi.

De tarde, *Te-Deum* e sermão pelo sr. padre Alves Corrêa, alumno do 4.º anno de Theologia.

(1) ... Mais ce latin, qu'importent en la Gaule les colons et les soldats, ressemblait aussi peu à la langue de Virgile que le français enseigné par nos soldats aux arabes d'Algérie ressemble à l'idiome de Bossuet ou à celui de Chateaubriand; il se distinguait du latin classique ou latin écrit par un vocabulaire spécial et des formes particulieres, dont l'originalité mérite que nous nous y arrêtions un instant.—A. Brachet—*Grammaire Historique de la Langue Française*.

Cuba

La Justicia recebe com estas palavras cheias da mais pungente ironia, mas profundamente verdadeiras, o pedido de Weyler, de novos e extraordinarios sacrificios para a guerra de Cuba:

«Parece que Lo de Cuba pede mais um novo reforço. É cousa pouca. Segundo os calculos mais modestos, trata-se de enviar para lá outros cem mil homens e mais cem milhões. Mediante este pequeno sacrificio, os mais optimistas intendem que já estaremos em condições de tomar a defensiva.

Supponhâmos o melhor. Azcarraga manda os cem mil homens. Reverter desencana os mil milhõesitos. Os yankees ficam de braços cruzados. Activam-se as operações, e, dentro em um anno, Gomez morre, Maceo desaparece, os negros são vencidos, os crioulos submettem-se, e Cuba fica outra vez socegada como uma tina de azeite. Não tanto, todavia, que, além dos milhares de hespanhoes que ali têm deixado as ossadas, não seja necessario manter na grande Antilha um exercito de occupação.

Nesse dia venturoso a nossa situação será a seguinte: Cincoenta ou sessenta mil soldados em Cuba, sessenta ou setenta milhões de juros a mais pelo augmento da dívida. Venda ou hypotheca de tudo o que possa vender-se ou hypothecar-se. Outhorga por mais 20 annos do monopolio ás companhias ferro-viarias. E, como em Cuba toda a especie de riqueza fica destruida para muitos annos, será mistér que a Hespanha carregue tambem com os encargos do deficit cubano.

Ninguem dirá que este risonho quadro não esteja em harmonia com essa constante troca balroca de telegrammas officiaes que nos aturdem os ouvidos e apuram a paciencia, com as famósas victorias alcançadas sobre os cubanos.

Madrid, 29. — A columna de forças hespanholas commandada por Pavia atacou por engano uma força de voluntarios causando-lhe mortos e varios feridos.

Num combate com Maceo ficou ferido com duas balas o general Valder. Uma d'ellas foi nas costas.

Falla-se no pedido de demissão de Weyler, visto o governo o ter desautorado mandando que ficasse sem effeito a prohibição que fez do tabaco em rama.

Confirma-se a morte dos cabecilhas Collazo e Bandomo.

Grave desordem

No lugar das Torres, onde nesta quadra vão muitos estudantes passear, deu-se na segunda feira ultima um lamentavel conflicto entre quatro estudantes e alguns populares.

Tendo o estudante Sebastião da Gama Lobo Salema entrado numa taberna, proferiu algumas phrasas que deram origem ao conflicto, sendo-lhe descarregada sobre a nuca uma cacetada que o prostrou no chão involvendo-se na lucta os outros estudantes, foram perseguidos á pedrada pelos populares e um d'elles recebeu uma navalhada no ante-braco esquerdo.

Como não fossem em numero sufficiente para resistir á populaça que se havia reunido, três estudantes partiram no trem para Coimbra, julgando que já havia fugido a pé o companheiro que havia sido tão violentamente espancado.

Verificando mais tarde que não se dava tal hypothese, voltaram ao lugar do conflicto, encontrando o companheiro numa taberna em estado comatoso, com a roupa esfarrapada, deitado sobre uma cama. Para ahí o haviam removido algumas pessoas, tirando-o de uma rampa onde os aggressores o haviam lançado ou onde havia caído depois de receber a pancada.

Conduzido immediatamente para Coimbra, tem estado em tratamento, havendo algumas esperanças de o salvar.

No commissariado de policia trata-se activamente da captura dos criminosos, não podendo dar-se por ora esclarecimentos alguns a esse respeito.

Consta-nos que se acha em estado grave a esposa de Antonio Fernandes, proprietario do Hotel Mondego, devido aos maus tratos que este lhe deu.

O caso já está affecto aos tribunaes.

M. Dias Nunes — ROSMANNOS — Primeiros versos — 1896.

Numa edição elegante, bom papel e bem impressa, illustrada com o retrato do auctor, veio o sr. M. Dias Nunes trazer a publico as primicias do seu espirito de poeta.

Nas hesitações naturaes d'um espirito a formar-se, são desculpaveis e bem se justificam a falta de espontaneidade, a frouxidão e o descolorido da phrase, que por vezes se notam nos versos do sr. Nunes. Defeitos estes, sem duvida, que o tempo, o trabalho e o estudo não de apagar, porque a verdade é que o auctor dos *Rosmaninhos* revela aptidões poeticas dignas de incentivo e do louvor da critica.

Não se supponha que só defeitos ha nos *Rosmaninhos*. Longe d'isso. Na-

quelle fasciculo delicado de composições juvenis, ha alma e, de vez em quando, lampejos de inspiração, obscuridade é verdade, por vezes tambem, com a incerteza da technica e pouca precisão da linguagem. Não conseguiu ainda o sr. Nunes, apoderar-se do segredo do *métier*, da phrase sonora e cadente, precisa e significativa. Mas parece-nos dever a critica formar, perante o seu livro, a opinião de que o novel poeta, estudando, fazendo muitos versos, limando e corrigindo, ha de em breve adquirir a forma plástica da linguagem, que se amolda a todos os cambiantes do pensamento. Que seja como a argila na mão dos escultores, que representa e traduz, na sua maleabilidade, a concepção artistica.

Os *Rosmaninhos*, que lêmos com prazer, apresentam-se-nos como uma promessa fecunda, que nos dá o direito de esperar mais do seu auctor.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 15 de maio de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — effectivos: arcebispo José Simões Dias, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes. Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Resolveu enviar por copia ao chefe do districto um officio do inspector dos incendios de 14, comunicando que não foram cumpridas as prescrições que, como medidas de segurança, deveriam ter sido observadas nos ultimos espectaculos dos theatros Gil Vicente e circo Principe Real.

Tomando conhecimento de uma participação acerca do incendio dia 13 ao fim da ponte de Santa Clara, auctorizou a compra de uma corda para a caixa da torre de Santa Cruz, destinada a dar o signal de alarme.

Tomou em consideração um officio da camara municipal de Evora acerca de meios para attenuar a crise agricola; outro do administrador do concelho, participando ter sido mutilada, por indicação do perito competente, uma porção de carne de vacca, não abatida no matadouro; e um terceiro da real confraria da Rainha Santa Isabel, pedindo a reparação da calçada de Santa Isabel e a collocação de um ou dois candieiros de illuminação publica na mesma calçada.

Auctorizou a reparação de calçadas das ruas da cidade, segundo um orçamento apresentado pela repartição d'obras, na somma de 275100 réis.

Auctorizou a construção de um guarda vento para a capella do cemiterio da Conchada, segundo outro orçamento, na importancia de 59500 réis.

Resolveu enviar por copia ao vereador Miranda, para informar, um officio do mordomo do asylo de Cellas acerca do retabulo a que se refere a deliberação de 30 de abril ultimo.

Encarregou o vereador competente de providenciar acerca de irregularidades praticadas no serviço por um vigia dos impostos.

Resolveu pedir á direcção das obras publicas do districto um orçamento da despesa a fazer com a canalisação das aguas das valetas da rua de Sã da Bandeira para o collecter geral em construção.

Auctorizou o presidente a providenciar rela-

nem seria facil encontrar compradores até á noite. Além de que os negociantes de quadros com certeza vos roubariam mais do que eu.

— Tereis os quadros, disse.

Uma hora depois, M. de Koellen examinava escrupulosamente as telas que acabavam de lhe trazer.

— É isto mesmo, disse. — Oh! senhor duque, não manifesteis tanto descontentamento por deixares em meu poder estas pequenas obras primas. Não sois o unico que empenha objectos. Percorrei com a vista os meus salões: do que alli ha, pouco é meu; pertence a príncipes, marquezes, generaes e magistrados. Dentro dos cofres-fortes que alli vêdes alinhados, estão talvez dois milhões de pedrarias mais ou menos artisticamente engastadas, e as damas da alta sociedade que m'as confiaram trazem em seu lugar joias falsas. Tomae, senhor duque de Villedieu, aqui estão 50:000 francos. Estes quadros ficam á vossa disposição durante o prazo de um anno. Assignae este documento. Desejo-vos muitas felicidades e peço-vos que não jogueis mais.

M. de Villedieu ligou tão pouca importancia ás recommendações de M. Koellen, que apenas sahio foi direito ao seu club, onde jantou.

— Este Koellen sabe muitas coisas, dizia elle para si, ao jantar, muitas coisas... muitas... Tem um enorme montão de riquezas em sua casa. Que

livamente á falta de condições hygienicas da ruina entre as ruas da Moeda e Direita.

Auctorizou a construção de uma caixa para a medição do estrume na montureira, sendo estes trabalhos executados pelo carpinteiro da aboaria municipal.

Atendeu acerca de cinco petições para subsídios de lactação a menores.

Auctorizou dezoito avencas para o consumo d'agua.

Despachou requerimentos: auctorizando a occupação de terreno das Ameias para a exposição de pequenos animaes amestrados em exercicios diversos; a compra de terrenos no cemiterio da Conchada para jazigos; a mudança para o exterior de uma casa na praça 8 de maio da tubagem para as aguas dos telhados; a transferencia para sepultura rasa dos restos de uma creança que existem em jazigo particular; o deposito de materias de construção em um recanto da rua de Thomar; a substituição de cantarias em uma casa no terreiro do Marmelero; e a abertura de uma janella no kiosque de um jardim na rua Lourenço d'Almeida Azevedo.

Atendeu algumas reclamações no rol do lançamento do imposto de cães.

Indeferiu, em vista de informação havida da Junta de parochia, um requerimento de um proprietario da freguezia de Lamarosa, para a compra de terrenos para edificações.

Concedeu a exoneração pedida pelo cantoneiro da estrada municipal de Coimbra a Montemor-o-Velho, Joaquim da Piedade.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

Vencimentos do thesoureiro do mês p. p., 235240; a Henriques Marques Perdigão, cêra e utensilios para a capella do cemiterio da Conchada, 45030; a Antonio dos Santos, capachos para a mesma capella, 25710; a Abilio Severo, cartonagem do livro do recenseamento militar, 300; ao mesmo, importancia de cartonagem e encadernação de livros para a camara, 62280; a Joaquim Antonio de Macedo, compra de toalhas para o serviço de limpeza, 35780; publicação de annuncios no «Diario do Governo», 25000; a Manuel Abilio Simões de Carvalho, fornecimento de utensilios para o posto vaccino dos paços do concelho, 35620; a Manuel Pedro Cardoso, fornecimento de 6 baldes de madeira para o matadouro, 25160; a João Gomes Moreira, fornecimento de enxadas para o cemiterio, 15500; material para canalisações de agua na cidade, em divida de 1895 a Street & C., 3395770; fornecimento de impressos por José Monteiro Pinto Ramos, em divida de 1895, 1205270; premio de seguros, 445185; gaz consumido nos paços do concelho nos dias 21 de março (anniversario do Principe Real) e 29 de abril (outorga da Carta Constitucional), 85420; pagamento dos festejos realizados nos dias 7, 20, 21 e 22 de janeiro ultimo commemorando as nossas victorias em Africa, 685160; condução dos finados nos hospitaes e indigentes (1.º trimestre), 565000 réis.

Canções e musica popular da Beira

COLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

ladrão! Tantas, nunca eu terei... Eu sempre vou pedir ao procurador da Republica para que mande procurar minha mulher.

Subscriptou uma carta para o tribunal.

Depois, pagou as suas dividas, e, por volta da meia noite começou a jogar.

A's cinco horas da manhã sahio com 70:000 francos ganhos ao jogo.

— Se é a partida de minha mulher que me traz esta felicidade ha muito que ella se devia ter ido.

III

Os dois

Na pequena habitação de Cachan, a joven tinha adormecido tarde; mas acordára cedo.

O leito em que dormira não era tão fôfo como o seu.

Não se prestava a manter a preguiça.

Tinha sentido frio. E apesar de se estar já no começo da primavera, como a casa não era habitada, estava humida, o que se via pelo papel descollado das paredes. Elle tinha-lhe recommendado que accendesse o lume. As manhãs, sobretudo, eram frias.

A joven levantou-se, accendeu o fogo e manteve-o assim durante todo o dia. Correu os persianas e entreabriu

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

1 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 15000 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

Bibliotheca Popular de Legislação

LEI DO SELLO

Cartas de lei de 21 de julho de 1893 e 4 de maio de 1896 e tabellas respectivas, em forma de repertorio alfabético e portarias posteriormente publicadas referentes ao mesmo assumpto.

PREÇO, 200 RÉIS

Pedidos a A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

F. Fernandes Costa

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Agencia Economica em Coimbra

Encarrega-se de negocios dependentes de todas as repartições publicas e Redacção dos jornaes da localidade; presta esclarecimentos e informações; e incumbem-se da administração de propriedades rusticas e urbanas.

Correspondência, franca de porte, a Augusto José Gonçalves Fino, Coimbra.

Reptis e amphibios da Peninsula Iberica e especialmente em Portugal

POR

M. Paulino d'Oliveira

Lente cathedratico de Zoologia e director do Museu zoologico da Universidade

PREÇO, 400 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

5 Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

II

O senhor duque de Villedieu

— Permitti, senhor, que eu não partilhe da vossa confiança, disse M. de Koellen. A duquesa de Villedieu, M.^{lle} Durand, pensou maduramente antes de se resolver a deixar-vos, e por isso creio que a sua resolução é inabalavel. Ainda que a encontréis ella não vos seguirá. Maltrataste-la de pancadas. Não houve testemunhas, direis vós! Mas é que M.^{lle} Durand fez constatar as lesões que resultaram dos meus tractos que lhe deste. A duquesa tem os seus papeis em ordem, e se a quizerdes obrigar a seguir-vos o tribunal pronunciará indubitavelmente a separação de pessoa e bens. E eu creio bem que vos pouco ou nada tereis a lucrar em comparecer perante o tribunal? — Ficae, portanto, sabendo: que vossa esposa não vos pertencerá mais; estaes completamente arruinado; o tio de vossa esposa não tem outro herdeiro além d'ella, que será a unica possuidora dos seus milhões, e elle ha de deixar-l'os só muito tarde, porque dispensou os serviços do vosso médi-

as janellas. Os pardoes espantaram-se ao ouvir o ranger das portas. Perturbavam-nos no seu solitario asylo.

Depois estendeu a vista pelo campo, pelos prados em flor, e pelo bosque onde as arvores principiavam a florir; respirou com toda a força dos seus pulmões, como quem pela primeira vez se sente ao ar livre.

— É extraordinario o *menage* d'um rapaz. Porque eu estou em casa de um rapaz. Um leito, uma commoda, um fogão; e eis aqui a mobilia d'um quarto. Oh! como este *sauteuil* é duro! E a canapé! Ah! parece pelo ranger uma caixa de musica! — Eu sou uma ingrata desdenhando da mobilia d'este pobre rapaz. Quem será elle? — Esta casa, segundo lhe ouvi, pertence-lhe: é pois um proprietario. Se possui apenas esta casa e o que está dentro d'ella, não deve ser muito rico. — Vejamos? Elle vivia num dos andares da casa que eu habitava no boulevard Malesherbes pagando de renda duzentos francos, por três compartimentos. Para que um rapaz possa pagar duzentos francos de renda e ter além d'isso uma pequena casa em Cachan é preciso que possua alguma fortuna. — Veiu generosamente collocar-se ao meu serviço. É uma alma leal, conheco-o á primeira vista e tenho nelle intima confiança. — E com razão. — Quem me dêra vê-lo aqui já.

(Continua).

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 1\$200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para medicos

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

9 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Editos de 30 dias

1.^a publicação

8 Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do segundo officio, e no inventario orphanologico a que se procede por obito de Albino José Pedro, morador que foi, em Sernache, no qual é inventariante a viuva d'aquelle, D. Emilia Albertina da Cunha, tambem moradora em Sernache, correm editos de trinta dias, contados do dia em que for publicado o segundo e ultimo annuncio, citando os credores certos:—As Irmas Alçada & Mousaco, da Covilhã, Augusto de Sousa Machado & Irmão, do Porto, e Constantino Ruivo & C.^a, de Torres Novas, para dentro do referido prazo, deduzirem, querendo os seus direitos no alludido inventario. Verifiquei a exactidão O juiz de direito, *Neves e Castro*.

Caixeiro

7 Nesta redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptilões.

Editos de 30 dias

1.^a publicação

6 Correm editos de 30 dias, contados desde a ultima publicação d'este annuncio, a citar o herd-iro, auzente em parte incerta, Joronymo Rodrigues da Silva, de maior idade, do Casal Novo, freguezia d'Almalaguez, para vir assistir aos termos do inventario orphanologico a que se procede no juizo de direito de Coimbra e cartorio do escrivão Nunes, por obito de seu pae Joaquim Francisco, do mesmo logar do Casal Novo, em que é inventariante a viuva Joaquina Rosa. Verifiquei a exactidão *Neves e Castro*.

Aos bohemios

5 Photographias do bohemio Augusto Hylario, vendem-se na loja do Vianna, Largo da Sé Velha.—Coimbra.

CAVALLOS

4 Muare, etc; esquiencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VISICANTE COSTA, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras.—Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—Deposito geral: Pharmacia Costa—Sobral de Mont'Agraco.

Aviso aos lavradores

3 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 15000 réis por cada meiro cubico. A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

2.^a publicação

2 No dia 14 do proximo mez de jucho, por 11 horas da manhã, a porta do tribunal de justiça d'esta comarca, hade proceder-se ao arrendamento, por cinco annos, do predio seguinte:

Um casar sito na rua Direita d'esta cidade, com os numeros 65 e 67, e pertencentes a um herdeiro do fallecido Thomaz Rasteiro, morador que foi naquella rua.

Este arrendamento começa no dia 25 do proximo mez de jucho e termina em egual dia do anno de 1901.

A base da licitação é da quantia de trinta e quatro mil quinheutos e cincoenta réis, annuaes, mas mediante mais as condições seguintes:

Primeira. A dar fiador edoneo ao pagamento da renda e á deterioração, que por culpa do arrendatario, se dêr no predio.

Segunda. A pagar o premio do seguro e todas as contribuições que forem lançadas ao predio e que pertençam pagar ao proprietario, com o direito de descontar no preço da renda, apresentando os competentes documentos.

Terceira. A pagar a renda semestral e adeantadamente nos dias 25 de jucho e de dezembro de cada um dos annos até final do contracto e a primeira prestação ao acto do arrendamento.

Verifiquei.

O juiz de Direito, *Neves e Castro*.

2.^a publicação

1 Pelo Juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do quinto officio, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, citando os herdeiros incertos, que se julgam com direito ao espolio do fallecido Abilio José Marques, solteiro, empregado que foi na repartição de fazenda d'esta cidade, para deduzirem a sua habilitação, na segunda audiencia depois de findar o prazo dos editos. As audiencias, neste juizo têm logar todas as segundas e quintas feiras, não sendo feriado ou dia santificado, porque n'este ultimo caso, faz-se no dia immediato, e sempre por dez horas da manhã.

Verifiquei.

O juiz de direito, *Neves e Castro*.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2670

Semestre..... 1335

Trimestre..... 668

Sem estampilha:

Anno..... 2640

Semestre..... 1320

Trimestre..... 660

Typ. F. França Amado — COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n. ^o	Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8. ^o , têm tambem	Gratis	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sae nos dias 1 E 15 de cada mez
	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76, 2. ^o —LISBOA	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel Botelho ALCACER-KIBIR de D. João da Amara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores	ANTIGA CASA BERTRAND	PROVINCIAIS Assigna-se em todos os agencias da

ENVA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

ESTABELECEMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais appparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cantella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

11 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

10 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 135

COIMBRA — Quinta feira, 4 de junho de 1896

2.º ANNO

Inglêses!

Ainda quente e vibrante o grito indignado d'este povo que tumultuou nas ruas pelo infame *ultimatum* de janeiro. Arde-nos ainda na face a bofetada inglêsa, cobarde e agressiva como a navalhada d'um fadista, brilhando na escuridão de uma emboscada.

Foi ainda hontem que, do norte ao sul do país, correu um arripio colérico de revolta, primeiro contra os inglêses, depois contra os braganças, que eram os aliados fieis de Inglaterra.

Inglêses e braganças cingiu o povo nas labarêdas ardentes do seu odio impotente, por mal dirigido, mas significativo e grandioso, porque era nos destroços da Patria esmigalhada pela infamia dos governos, que se tinham reunido os corações sangrando dos honestos e dos puros para erguerem o grito de vingança sobre a traição dos que se vendiam.

Inglêses e braganças! Não esqueceremos nunca a união d'estas duas raças para nos explorarem, porque foi na hora tragica de vencido, de insultado, de humilhado, que o povo aprendeu a tirar do coração toda a sua energia para os amaldiçoar, e paciência para esperar a hora salutar da punição.

E merecem-na todos os patifes que trocaram a Patria pelo puro inglê! Todos esses que agora tecem elogios á ladroeira inglêsa e curvam a espinha á passagem dos impudicos marinheiros da interesseira Albion.

Não nos aproximaremos a discutir com elles a nefasta pressão e incalculavel rapinagem que, ha seculos já, a Inglaterra vem exercendo sobre nós; não nos aproximaremos d'elles: corrê-los-hiamos a pontapé.

Mas, para aquilatar do seu patriotismo, vamos transcrever o que um fulano qualquer escreve para um jornal d'esta cidade:

ESQUADRA INGLÊSA

«Escrevo ao som do troar do canhão das nossas baterias e vasos de guerra correspondendo aos cumprimentos da esquadra inglêsa de visita ao nosso porto, o que não succedia desde... escusado é recordal-o, porque no animo de todos nós está bem presente essa data, pelas suas causas e effeitos que, devido ás acertadas medidas diplomaticas do nosso governo, se não aggravaram tanto como era de recelar e cujas consequências doloroso era de prevêr! Só temos, pois, a felicitar-nos por este acontecimento, que por todos os motivos deve ser para todos nós de justa satisfação, e reconhecimento para com o governo pelo seu correctissimo procedimento para com a poderosa nação, da qual justo é dizer jemos de longa data recebido provas

de leal amizade nas mais difficéis conjuncturas da nossa vida politica e economica.»

São estes os amigos da ordem; e, na verdade, não deixam de ter razão: o logar que lhes competia num periodo revolucionario seria, certamente, o do patibulo!

Não têm memoria: abafa-a o ouro porque venderam a consciencia! perdeu-se no sabujismo dos cães que lambem o ouro que lhe atiram! Infames!

Mas deixa-los lá...

×

De braço dado a monarchia e os alcoolicos marinheiros do norte...

Sabe o povo como se rompia aquella cadêa que os vae unindo numa série ininterrupta de humilhações para nós, de roubos descarados para elles?

Vá pensando, e que, ao cabo, acorde altivo e indomavel para empunhar as armas da desaffronta.

Que o 11 de janeiro não esquece: a monarchia encarrega-se de no-lo fazer lembrado. Ha pouco tempo era a Jarreteira: agora são jantares e bailes aos salteadores do velho Portugal!

Que bella monarchia!

Foi tal o engulho que ao sr. Urbano de Castro causaram as scenas de rebaixamento moral, exhibidas perante o país nessa coisa pittorescamente chismada a camara dos *chêchês*, que mandou entregar na redacção da *Tarde*, para ser distribuido pelos pobres e estudantes necessitados, os 52\$605 réis que lhe pertenciam como redactor do *Diario* da referida camara.

Dr. Duarte Leite

Ao nosso eminente correligionario, a *Resistencia* dirige a expressão mais viva do seu pezar pelo desgosto profundo que s. ex.ª acaba de soffrer com o fallecimento de seu pae, o sr. Raphael Pereira da Silva.

Nós, que conhecemos os primores de espirito e as elevadas qualidades de coração do sr. dr. Duarte Leite, que tão bem se conjugam com o seu notavel talento e absoluta integridade moral, apreciamos bem quão doloroso é o sentimento que o está dominando, e acompanhamos a s. ex.ª na sua dôr.

Cergio, do *Illustrado*, diz que alguns jornaes se revoltam contra a Inglaterra por causa do brutal *ultimatum* de 1890 e que se esquecem de que mais brutal foi o *ultimatum* que a França dirigiu ao nosso governo por causa do convenio da Companhia real dos caminhos de ferro. Mas então disse o Cergio no *Illustrado* e em grita todos os jornaes governamentaes que não tinha havido *ultimatum* algum.

Afinal sempre no seu papel: mentir descaradamente.

MISERIAS

As horribes noticias que nos chegam da catastrophe do campo de Khodinski prestam-se a graves cogitações. Foi uma distribuição de viveres ao povo que motivou tão terrivel desastre; foi a fome que levou a esse campo 800.000 pessoas.

Já na vespera do dia fixado para a distribuição se haviam reunido no local escolhido para esse fim cerca de 200.000 pessoas, que alli passaram a noite ao relento em volta de grande numero de fogueiras, e, ás 4 horas da manhã, duplicava esse numero que foi aumentando constantemente até que começou a distribuição. Não obstante haver policia especial para manter a ordem, que foi ainda reforçada pelos cossacos, são tomadas algumas barracas d'assalto e, depois de haver começado a distribuição, formam-se enormes ondas de povo a que não podem resistir os agentes da segurança publica, produzem-se medonhos redemoinhos, ouvem-se imprecações e gritos lancinantes e, num fosso de 8 metros de profundidade por 50 de largura, amontôa-se um extraordinario numero de desgraçados que, indo buscar com que matar a fome, alli exhalam, em ancias horribes, o ultimo suspiro!

Dizem os ultimos telegrammas que o seu numero se eleva a mais de três mil.

E assiste-se a tão pungente espectáculo e vêem-se tão commoventes miserias, na mesma cidade e no mesmo dia em que se ostentam as mais requintadas manifestações do luxo e da riqueza que absorvem quantias fabulosas. Cruel antinomia que não pôde deixar de produzir a mais profunda impressão em todos os corações bem formados e levar a todas as intelligencias generosas a convicção inabalavel de que se torna necessario introduzir reformas radicaes na actual organização economica.

Não se convencerão as classes dirigentes de que essas reformas se hão-de operar necessariamente e de que, se não souberem ou não quiserem dirigir convenientemente nesse sentido as suas atenções terão de ceder amanhã ante a força que, impondo-se victoriosamente, lançará a sociedade na mais medonha anarchia?

Ao jantar que a legação inglêsa em Lisboa offereceu aos officiaes da esquadra inglêsa assistiram os seguintes portuguezes:

Hintze, Soveral, Jacintho Candido, duque de Loulé, Ferreira do Amaral e Baptista de Andrade, vice-almirantes Teixeira Pinho e Sampaio, condes de Sabugosa e Almeida, capitão de mar e guerra Brito Capello, barão de S. Pedro, capitão-tenente Novaes, 1.º tenente Leotte, Rego e Alberto Braga.

A Hespanha está atravessando uma horrivel crise. Só das provincias de Aragão e Valencia emigram para o Brazil, no mês passado, 3.000 trabalhadores

Debate

Este nosso collega da capital terminou a sua publicação, fundindo-se com a *Vanguarda*, de cuja redacção fica sendo membro o nosso illustre correligionario sr. Feio Terenas.

Os jornaes independentes pedem e clamam que sejam publicadas as instrucções que foram dadas aos governadores civis sobre emigração. A *Tarde*, sempre subsidiada, vae repetindo que isso não é preciso. E, a final, não serão publicadas as instrucções, porque não é conveniente que se saiba que nas repartições do Estado se fomenta a emigração.

Diz-se que a Companhia do Nyassa vae promover querella contra a Companhia das Docas accusações que esta lhe fez num tribunal do Porto.

Como são dignas uma da outra, nada se apurará.

Falla-se insistentemente em crise ministerial na Hespanha, motivada pelo estado de saúde de Canovas que, segundo consta, soffre de diabetis. Alguns ministeriaes citam já os nomes de Azarraga e Ilduayen para a organização d'um novo gabinete.

O conde de Winchelsea acaba de lêr no congresso cooperativista de Woolwich um relatório, no qual diz que ha trinta annos existiam na Inglaterra 150.000 individuos associados nas cooperativas, emquanto hoje o numero dos associados attinge um milhão.

O capital das cooperativas inglêsas, que ha trinta annos era de 4:500 contos, é hoje de 72:000 contos.

As suas operações passaram de 13:500 contos para 225.000 contos e os lucros subiram de 121 contos para 22:500.

Sendo o capital médio de cada associado das cooperativas inglêsas de 400 francos, vê-se que cada um d'esses associados teve um lucro de 31 por cento.

O conde de Winchelsea acrescenta que os socios das cooperativas de consumo tiveram ainda a vantagem de se alimentarem com generos puros.

Tem estado nesta cidade, hospedado em casa do nosso collega dr. Alves Moreira, o nosso amigo sr. dr. Manuel de Mello da Camara, distincto delegado em Anadia.

Verdadeiramente horribes as noticias que a *Havas* communica sobre o desastre que se deu em Moscow. Só na madrugada do dia 1 foram enterrados 1:200 cadaveres, tendo sido expostos no dia 31 1:282.

E as festas continuam!

Quando centenares de familias ficam sem abrigo e outras são feridas nos seus mais puros affectos, diverte-se o czar com os altos funcionarios! Simplesmente assombroso.

Bagatellas

A desorganização moral da sociedade portuguesa, partindo do centro e alastrando-se para a periphèria numa marcha persistente, offerece á curiosidade, ao azedume, á doença do figado e á lesão cardiaca dos descontentes, aspectos os mais picarescos e tectricos.

Todas as grandes virtudes de coragem provadas em sacrificios de dedicação e de pundonor que idealisavam um povo, em heroismos de lenda, todas as energias d'uma raça extinguiram-se em baixezas de bordêl!

Foi principalmente a politica dos aventureiros atrevidos, sem convicções e sem vergonha que lançou essa semente de podridão sobre o terreno bem estrumado d'um povo de analfabetos e de mandriões, sem educação e sem recursos de trabalho: ignorantes para a civilização, manietados para a liberdade.

Com os exemplos de cima, onde o descaramento e a infamia têm as honras da consideração dos mais elevados cargos e a recompensa ilimitada dos cofres publicos, a mancha da gangrena foi-se estendendo por todas as camadas sociaes num apodrecimento de cemiterio.

A inteireza do caracter, os escrúpulos de consciencia, as velhas máximas da intransigencia, da justiça e da honra são consideradas como bugiarias ridiculas e flacciosas de falso puritanismo, — *nariz de cera e pose*, no intuito exclusivo de dar nas vistas!

Alumiada por um tal criterio moral, tem sido facil a perturbação social irromper nos excessos da demencia; e ao dente voraz dos cynicos consumir a substancia do país!...

Tudo se resente d'esta perversão: nem respeito por si, nem pelos outros!

Nos embates da livre concorrência improvisam-se artificialmente meritos, como quem fabrica vinhos com drogas!

Cada um julga valer, pelo que de si presume; e presume de si, conforme as ambições que alimenta!

E a mystificação é facil porque tem processos de cultura já conhecidos, sobre o terreno preparado aos successos da exploração!...

A dignidade é uma coisa convencional e varia.

Homens de sciencia passam-se gratuitamente diplomas de ignorancia; e, acto continuo, com o sorriso mais amavel, apertam-se as mãos numa camaradagem apparente de bons amigos e admiradores obrigadissimos!

A delicadeza e o bom tom mandam recalcar offensas na simulada urbanidade do tracto. Dissimulam-se as injurias e retribuem-se pelos mesmos processos de traição, segundo as normas da correcção e da cortezia!

O cavalheiro A certificou no cavaço intimo que o cavalheiro B não passa de ser intellectualmente um jumento e moralmente um pulha;

e no mesmo instante os dois cavaleiros cahem nos braços um do outro, acolhendo nos seios carinhosos as reciprocas manifestações de ternura e de affecto!

Com estas normas acceitas como moeda legitima e corrente de compostura e de brio, toda esta atmosphera é cheia de pequenos odios, de cabalas e mentiras...

E d'este roçar continuo pelas superficies duras de altivos bargantes, lubrificadas pela hypocrisia, as arestas delicadas dos caracteres se gastam; e os mais estimados ficam sendo os mais redondos, como calhaus rolados, batidos pelas enxurradas!...

A.

Realizou-se hontem em Salvaterra o funeral de Vicente Roberto, um dos mais distinctos artistas da taumachia portugueza. Foi numerosa a assistencia de amigos e collegas que de muitos pontos do pais concorreram a prestar-lhe a derradeira homenagem.

Vicente Roberto deixou boa fortuna, de que é herdeiro seu irmão Roberto da Fonseca.

Aos homens honestos

Está demonstrado que a mesa da confraria do Santissimo da Sé Velha, da qual é tambem escrivão o jaqueta Manuel Miranda, tem committido irregularidades que, apesar da affeição que dizem lhe consagra a commissão districtal, lhe mereceram d'esta a applicação da multa de 10\$000 réis por occasião do ultimo julgamento de contas.

A mesa, com raras excepções, tem contra si a maioria da irmandade; e presentemente essa opposição tomou taes proporções que a maioria da mesa teve de appellar para a admissão de mais de 50 irmãos, para assim evitar a derrota na eleição que vae realizar-se no mês corrente.

Não extranhemos que o jaqueta Manuel Miranda levasse os seus camaradas a procederem d'aquelle modo; o que parece incrível é que o sr. padre José Simões Dias, actual juiz da confraria, não veja a responsabilidade que acarreta sobre seus hombros e a nodoa que vae lançar no seu nome respeitavel, consentindo que a mesa nas vespas do acto eleitoral faça uma *forçada* com o fim unico de fazer vingar a lista de um homem que acaba de ser expulso da administração da Ordem Terceira, pela sua reconhecida incompetencia e pelos prejuizos que causou ao caridoso instituto.

Sentimos pois que o sr. Simões Dias termine a sua gerencia, consentindo num acto contra o qual se revolta o bom senso e a moralidade.

Já foi inspecionado, para os effeitos da sua aposentação, o sr. Mannel da Costa Carvalho, distincto professor do lyceu d'esta cidade. Os peritos deram-no por incapaz para continuar no exercicio de professorado.

O espectáculo que devia realizar-se na proxima quinta feira em beneficio da viuva e filha d'um antigo funcionario da policia d'esta cidade já não tem logar.

A commissão encarregada de o promover resolveu, e a nosso ver muito bem, abrir uma subscrição, em favor d'aquellas senhoras.

Litteratura e Arte

O CULTO DA ARTE EM PORTUGAL

Este bello livro, pela intensidade da convicção que o anima, pelo vigor da estrutura, pela sonoridade energica e impressiva da linguagem, é uma das mais incisivas e sympathicas obras de reclamação e de protesto, que perante o pais se tem erguido em favor das tradições, da historia, e dos interesses da arte nacional.

A vivacidade das idéas, a coloração litteraria, imaginosa e vehemente da expressão, o sentimento que em todas as paginas palpita, e, como consequencia, o attractivo irresistivel da leitura, deverão concorrer a dar-lhe uma accentuada vulgarização no movimento, que vagamente vae despertando, para a tardia reabilitação do gosto publico.

É porém certo, que na vastidão do assumpto algumas opiniões alli expandidas, pela sua singularidade especiosa, podem e devem incitar a contrariedade, que, pelo menos em certa medida, lhes restrinja a interpretação.

Com effeito encontram-se umas asserções, que estão pendentes da discussão esclarecida; outras, ás quaes pôde attribuir-se um alcance e uma generalização muito mais lata, do que lhes é assignada pela confirmação dos documentos e dos factos ainda existentes.

Um ou outro ponto já levantou reparo. A intervenção, por exemplo, de operarios mouros nas construcções anteriores a D. João I, embora até certo ponto conjecturalmente acceptavel, será um thema de affirmações intempestivas e improficuas, enquanto pelas affinidades caracteristicas não forem determinadas as proveniencias advenas dos nossos edificios da epocha românica e do periodo da transição.

Menos justificadamente a auctoria patriótica se insurgiu contra a attribuição da Batalha a origens exóticas, opinião que no livro é firmemente sustentada; porque esta persuasão tem fóros de inabalavel nos espiritos despreocupados.

Acreditar que a Batalha seja um producto da mentalidade e da evolução portugueza, pelo razão de que um unico nome estrangeiro apparece na escassa relação dos mestres constructores, é conlar demasiadamente num raciocinio mais do que fallivel.

Ha porém um assumpto, que merece de preferencia a attenção, pelo seu valor instructivo e pelas consequencias doutrinarias que «brange».

Sem deixar de prestar o preito de admiração devido a qualidades poderosas de percepção e de phantasia, resalta a duvida sobre a exacta propriedade dos aforismos de esthetica, enunciados a proposito da psychologia e da génesis do *estyllo manuelino*.

O primeiro litigio, que naturalmente se levanta, versa sobre a legitimidade nacional d'esse estylo, se assim se pôde chamar. Acerca da originalidade a questão está desde muito magistralmente posta nos seus verdadeiros termos, numa decisiva clareza, reforçada d'uma profunda erudição, pelo sr. Joaquim de Vasconcellos.

Mas, admitindo o ponto de vista do auctor e pondo de parte por um momento essa formidavel contestação, uma outra objecção occorre.

O manuelino na sua elaboração, ou, antes, na sua adaptação e na sua declinação, na amalgama de todos os elementos decorativos, com todos os seus episodios naturalisticos, oscillante e desigual, sem que possa assignar-se-lhe precisamente o movimento da evolução normal, occupa um largo periodo desde D. João II a D. João III.

E na util methodização artistica e critica é furpoco reconhecer duas especies de manuelino, cuja coexistencia é innegavel á face das provas em evidencia por esse pais adiante:—o manuelino geometra, ponderado, reflectido, transigente, abrindo-se á conciliação com a renascença; e outro manuelino popular, audacioso, inculto, quasi espontaneo e rude.

Compreender num traço unico e commum de apreciação toda a complexidade physionomica da fecunda producção d'essa arte, desde as genias composições de Belem e Santa Cruz, até a obra ingenua da igreja matriz de Freixo-de-Espada-a-Cinta, por exemplo, não parece que seja o mais racional e nitido processo de illuminar as obscuridades do assumpto.

As *Capellas-imperfeitas* e a janella de Thomar são talvez termos oppostos de duas séries parallelas. Como poderão conciliar-se na sua coincidência critica?!

É de notar que o manuelino ás vezes toma aspectos os mais imprevisos — dos seculos XII, XIII, XIV...

Basta citar os capiteis do claustro da collegiada de Guimarães! E outros factos, que têm produzido equívocos e aneddotas apreciaveis!...

A distincção, pois, entre as duas correntes — como obra de estylo, e como expressão ingenua da alma popular — affigura-se de certa e incontestavel importancia.

De qualquer fórma que seja, é certo que, mesmo como creação peninsular, foi uma affirmação exuberante de vitalidade. E nada mais sympathico á liberdade mental dos nossos dias, do que essa superabundancia de *verve*, essa embriaguez de imaginação, em plena indisciplina, manejando o escôpro sem preocupação e sem peias. Perante essa inextinguivel opulencia de recursos e de audacia, os phantastas, flitando horizontes largos, têm-se dado a tarefa de descobrir na ornamentação a expressão allegorica das energias creadoras da naturéza, sob a impressão das conquistas e glorias maritimas.

A interpretação descriptiva do symbolismo imaginario da janella da sala de Thomar occupa três paginas das mais ricas e ostentosas do livro, offuscantes de brilho, numa benigna exaltação de sentimento e de suggestões.

Não obstante, sobre a indole artistica do manuelino, as opiniões oppostas continuarão em briga.

A architectura tem principios especiaes. E se, em todos os edificios, a decoração esculptural é reservada ao genio individual do artista (e isto é verdade até no Parthenon de Athenas!...) o effeito geral das suas grandes linhas é necessario que repouse em leis definidas e fundamentaes, na plena acquiescencia do gosto colectivo.

E a proposito do manuelino ha de permanecer de pé a celebre e irreductivel questão: «se a architectura deve ser uma construcção que se decora, se uma decoração que se construe.» E sempre a uma opinião, ainda mesmo — dos «grandes criticos da Inglaterra» —, se poderá oppôr outra de equal valor e em sentido contrario!...

Perante um trabalho, que tão grande somma de vivacidade intellectual, de engenho e de critica representia, a manifestação de todas as opiniões é por certo a mais digna e sincera homenagem.

Pelo fim, como resultante logica e proficua d'essa animada exposição de idéas, o sr. Ramalho Ortigão enjeita por inefficazes os processos, que a acção official tem tacteado até hoje para a organização dos serviços da Arte, e traça um plano de reforma para prover de remedio a esta monstruosa anarchia.

Reconhece improcedente a acção da *Commissão dos monumentos nacionaes* pela sua delicia organica.

Assim é, mas profundamente deploravel que as opiniões pessoas se entibiem nos estorvos das contemplações collectivas... Porque é certo, que essa confusa Commissão, na sua diuturna e incompreensivel inactividade, tem si do mais danosa, do que se não existisse.

E neste abandono continuaremos, até quando?!

Nem os desastres, nem os protestos, nem os exemplos alheios têm inspirado as energias da administração publica para a resolução inadiavel e corajosa d'este momentoso problema...

Indicio claro d'um calamitoso desvio do rumo natural imposto pelos mais caros interesses nacionaes, e pelas exigencias incontrastaveis da civilisação.

A. A. G.

O Instituto

Temos presentes os n.ºs 4.º e 5.º d'esta revista.

Em homenagem á verdade, forçamos é confessar que a ultima redacção lhe deu um impulso digno dos maiores encomios, conseguindo collocá-lo a par das melhores publicações d'aquella indole no estrangeiro. Muito estimaremos que tão brilhantes tradições se mantenham.

Carta de Lisboa

Lisboa, 2 de junho de 1896.

O rei vae hoje a bordo do couraçado inglês *Revenge*.

Revenge — Vingança!

Eis uma palavra que este homem, dizendo-se portuguez, não comprehendeu em 1890, mas que ha de hoje ler como uma ironia na praça d'armas do navio onde vae cumprimentar os officiaes ingleses.

Mas bem se importa elle com ironias quando sente na perna a liga da Jarreteira que é o signal de vassallagem perante a corte britannica!

Este homem que é o almirante-chefe da marinha portugueza, quando entra no tombadilho de um navio inglês não é para o combate da abordagem, é para beber uma taça de *champagne*.

Não se lhe agita o coração; jamais o seu braço costumado ao pampillo do toureiro desce sobre os copos da espada.

A bandeira inglesa olha-a como um signal de protecção, e nunca como um signal de guerra que nos ameaçava no dia do *ultimatum*. Os navios ingleses são para elle os navios que o podem levar um dia a porto de salvamento.

Começa troando a artilheria...

Hurrah for the King Charles's!

X

Por toda a parte festas.

Hontem banquete na legação inglesa. Presidiu Soveral, ministro dos estrangeiros. Este cretino, com a apparencia de um cocheiro de casa rica, dentro dos fatos elegantes do patrião, arremedando-lhe a *pose*, mas não conseguindo jámais que as botas lhe disfarcesm os joanetes, tem sido verdadeiramente o heroe de todas as festas.

Como um corretor de hotel, trazendo no *bonnet* o distincto seductor para o inglês: *Hotel de Lourenço Marques*; é elle que ensina ao seu collega Hintze que deve engraxar, calçando lavas, as botas dos marinheiros ingleses.

Porque o estúpido presidente do conselho, — a desculpa de todos os imbecis — andava com a mania de fazer esse serviço com o papel do tratado de 20 de agosto.

O resultado era encher-se tudo de lama.

X

Esse Hintze — o fundamentalmente estúpido — tambem assistiu ao banquete. E porque não?

Creado antigo, concederam-lhe o direito de uma vez por outra se sentar á mesa dos seus senhores.

X

Os que defendem as festas em honra dos ingleses explicam que elles deixam muito dinheiro.

Este argumento rebatido ao balcão é — bem se vê — pesado a libras e faz suppôr que ninguem se indignaria com o *ultimatum* se elle tivesse sido inscripto num cheque de alguns milhões sobre o *Banco de Londres*.

X

Releio o que disseram em 1890 os que hoje elogiam os ingleses. Passo pela vista o *ultimatum*, recordo no *Livro Branco* a ignominia dos tratados e o que disseram então dos ingleses os que hoje os recebem humildemente, dizendo eu agora de todos:

—Que desprezível canalha esta!

João de Menezes.

Soure

A proposito d'uma local da *Resistencia* em que se publicavam umas informações que nos haviam sido dadas sobre a camara municipal de Soure, recebemos uma carta do nosso amigo sr. Carlos Carreira, digno presidente da camara, em que prova serem essas informações destituídas de fundamento.

Publicamo-la gostosamente.

Sr. redactor da *Resistencia*

Tendo visto no seu conceituado periodico de 28 de maio ultimo uma noticia relativa á camara municipal de este concelho, referindo que um sr. vereador disséra ser ficticio o saldo de um conto e tanto que figura no orçamento para o corrente anno, como existente em cofre, e que a camara lhe estava devendo mais de 800\$000 réis, permita-me v. que ponha em duvida a veracidade da informação por que reputo qualquer dos membros, tanto da actual como da cessante vereação, incapazes de fazerem declarações menos verdadeiras a tal ou a qualquer outro respeito.

O facto de não poderem as corporações administrativas contractar com os seus membros, é razão bastante para, em boa fé, não se poder acreditar a noticia referida; no entanto como pôde haver quem, ignorando esta disposição da lei, a julgue verdadeira, permita-me v. que restabeleça a verdade dos factos.

Ao findar a gerencia de 1895, os crédores do municipio eram, além da Companhia de Credito Predial e da Caixa Geral de Depositos, por encargos de emprestimos legalmente contrahidos, mais os seguintes: a Fazenda Nacional pela quantia de 5\$000 réis, de contribuição predial de 1894; a *Imprensa Academica*, de Coimbra, por 72\$805 réis de objectos fornecidos para a secretaria durante o anno de 1895; Antonio d'Almeida da Costa & C.ª, do Porto por 215\$820 réis, procedentes de manilhas, syphões e curvos de grés que forneceu durante o mesmo anno para canalisações, e, finalmente, diversos pela quantia de 83\$500 réis de rendas de casas de escolas e habitações de professores, e d'uma loja onde se acha estabelecido o talho de carnes verdes; perfazendo todas estas verbas a quantia total de 377\$125 réis, que não se pagou durante o anno civil findo, porque algumas verbas das que prefazem esta totalidade não cabiam nas verbas orçadas, e outras por que os crédores não reclamaram em tempo devido o pagamento.

Quanto ao saldo ficticio, consta da escripturação devidamente arrumada e encerrada em 31 de dezembro de 1895, e authenticada pela vereação cessante e pelo thesoureiro, que a existencia em cofre naquella data era a seguinte:

Em conta do municipio...	1:128\$688
Em conta da viação....	245\$661
Total réis.....	1:375\$349

Representada em notas bancarias prata e cobre, e por isso não pôde dizer-se que seja ficticia.

Isto, que affirmo em abono da verdade, consta não só da escripturação, mas tambem das actas, e do orçamento elaborado para o corrente anno e que se acha firmado pela vereação actual, podendo v. como toda a gente, examinar esses documentos quando lhes aprouver. Por isto já v., sr. redactor, pôde ver que foi mal informado, pois é inadmissivel que qualquer membro d'uma corporação diga o contrario do que sabe e garante com a sua assignatura em documentos irrecusaveis.

Esperando dever a v. a publicação d'estas linhas num dos proximos numeros do seu periodico, tenho a honra de ser

De v. etc.,

Soure, 2 de junho de 1896.

Carlos Carreira.

Faz no proximo sabbado acto de licenciatura na faculdade de Medicina o distincto academico sr. Campos Vieira.

Não se realiza hoje a procissão de *Corpus Christi*, em vista do tempo se apresentar chuvoso.

UNIVERSIDADE

A congregação da faculdade de Philosophia, reunida no dia 1 do corrente mês resolveu que os actos começassem no dia 5, ficando assim constituídos os jurys:

1.^a cadeira (*Chymica inorganica*) — Drs. Bernardino Machado, Sousa Gomes, Bernardo Ayres.

Horas d'acto — 12 h. m.
2.^a cadeira (*Chymica organica*) — Drs. Bernardino Machado, Sousa Gomes, Bernardo Ayres.

Horas d'acto — 12 h. m.
3.^a cadeira (*Physica, 1.^a parte*) — Drs. Santos Viegas, Teixeira Bastos.

Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
4.^a cadeira (*Botanica*) — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães.

Horas d'acto — 12 h. m.
5.^a cadeira (*Physica, 2.^a parte*) — Drs. Santos Viegas, Teixeira Bastos.

Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
6.^a cadeira (*Zoologia*) — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães, Bernardo Ayres.

Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
7.^a cadeira (*Mineralogia e Geologia*) — Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães.

Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
5.^o anno, 7.^o e 8.^o cadeira (*Antropologia e paleontologia*) — Presidente variavel, Drs. Julio Henriques, Bernardino Machado, Gonçalves Guimarães.

A faculdade de Medicina, reunida em congregação no mesmo dia, resolveu que os actos começassem no dia 8, ficando assim constituídos os jurys:

1.^o anno — Drs. Philomeno da Camara, Basilio Freire, Francisco Bastos.

Horas d'acto — 12 h. m.
2.^o anno — Drs. Costa Alemão, Raymundo da Motta, Francisco Bastos.

Horas d'acto — 8 h. m.
3.^o anno — Drs. Saccadura Botte, João Jacintho, Luiz Pereira da Costa.

Horas d'acto — 9 1/2 h. m.
4.^o anno — Drs. Daniel de Mattos, Augusto Rocha, Sousa Refoios, Lopes Vieira.

Horas d'acto — 11 h. m.
5.^o anno — Todos os leites da faculdade.

Começaram no dia 2 os actos na faculdade de Direito, ficando approvados nesse dia e no dia 3 os seguintes alumnos:

1.^o anno — Accacio Augusto Xavier d'Andrade, Adelino Paes da Silva, Adolpho Augusto d'Oliveira Coutinho, Adolpho Godfroy de Abreu e Lima, Adriano

6 Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

III
Os dois

Na verdade o seu vinho é magoifico. Tinha razão quando me recommendou que o bebesses com assucar, é um calmante para o estomago. Tinha já bastante fome! Que terá feito o sr. Villedieu ao entrar em casa hontem à noite! Havia de passar pelo meu quarto como de costume. Não encontrou a ave no ninho. Fugia do ninho? Oh! como estou contente por me ver longe d'aquelle grosseiro! — Tu querias me duquesa, meu pae? — Eu era tambem feliz em o ser, porque via apenas o mundo em que brilhava. Oh! a que homem me entregaste? Homem sem coração e sem nobreza, rude, invejoso, colerico! Oh! que paciência me foi necessaria para viver dois annos com elle, supportando as suas vilezas e pancadas! Oh! aborreço de morte esse duque de Villedieu!

Começou a passear pelo quarto — Eis-me emfim livre. Não me possuirás mais, nunca mais, nunca mais, nunca mais. O unico desejo que tenho é de nunca mais o tornar a ver nem ouvir fallar d'elle. Oh! nunca mais ouvir pronunciar o nome d'esse homem!

— Nem sequer sei como elle se chama. Supponho que não é um aventureiro? Não. Vi-o muitas vezes à janella, é um rapaz honesto e sério. Com que fim me appareceria elle quando eu subi para a carruagem e me fez a proposta de collocar-me em logar seguro? — Se elle estivesse combinado com meu marido? — Vamos, isso é um absurdo! Tomei as minhas precauções, trouxe tudo o que me pertencia, os objectos a que me ligavam maiores recordações. A minha criada nada suspeitou. Era pois impossivel que M. de Villedieu tivesse conhecimento da minha fuga antes da noite de ante-hontem. — Nessa noite, com certeza, passou revista minuciosa aos moveis dos meus aposentos, e a estas horas deve saber tudo quanto eu trouxe, desde a joia de maior valor ao mais insignificante alfinete. Primeiro corria a os guarda-joias, depois ao meu guarda-roupa: vazios! — vazios! nem rendas, nem papéis! — Quizera vê-lo neste momento. — Porque não voltaria ainda o meu amigo?

Deram sete horas em Cachan. E sem apparecer ninguém. Tornára-se nervosa, inquieta. Tivera por muitas vezes tentação de descer, mas nem ao menos ousou abrir a porta do quarto. — Tinha fome.

— Elle deve estar a chegar.

— Oito horas, nove, dez. E elle sem apparecer.

A duquesa de Villedieu estava febricitante. Para não fechar a janella conservava a luz apagada. A escuridão da

Marcolino Pires, Affonso Lopes Vieira, Alberto Antonio da Silva e Costa, Ave-lino Julio Pereira e Sousa, e Alberto Nogueira Lemos. Houve três reprovacoes.

2.^o anno — Abel José Fernandes, Abilio Anthero Lopes Machado, Alberto Carlos Freire Themudo Rangel, Alberto Carlos de Magalhães Menezes, Alberto Eduardo Placido, Alberto Pedroso, Albino da Cruz Philippe, e Alexandre Correia Telles d'Araujo e Albuquerque.

3.^o anno — Abel Thomaz Oliveira e Sousa, Abilio Augusto Mendes de Carvalho, e Affonso d'Albuquerque e Amaral. Houve uma reprovacao.

4.^o anno — Abel de Vasconcellos Gonçalves, Abilio Maria Mendes Pinheiro, Abilio Monteiro da Fonseca e Accacio Mendes de Magalhães Ramalho.

5.^o anno — Augusto Francisco de Assis, Abilio Duarte Dias d'Andrade, Adelino Mendes d'Abreu, e Alberto Augusto Leite Ribeiro.

Os estudantes da faculdade de Philosophia festejaram o ponto no dia 2, percorrendo algumas ruas da cidade com uma serenata e balões venezianos.

Os nossos calorosos applausos.

Finou-se em Ponte do Lima o antigo juiz da Relação do Porto sr. visconde d'Aurora, que exerceu o cargo de governador civil d'este districto no primeiro ministerio presidido pelo fallecido general João Chrysostomo.

Foram postas a concurso as seguintes igrejas da diocese de Coimbra:

S. Matheus de Barosa, Leiria; N. S. de Bobadella, Oliveira do Hospital; S. Vicente de Sangalhos, Anadia; Santa Catharina de Villa Faeia, Figueiró dos Vinhos.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 21 de maio de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — effectivos: arce-diago José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento de que fallecera no dia 13 o antigo guarda do cemiterio, ha muito impedido.

— Nunca mais usar esse nome execravel não possuir nada que possa recordar-m'o!

A duquesa de Villedieu assentou-se e, apoiando a cabeça entre as mãos, ficou por muito tempo abismada nas suas reflexões.

Recordava-se do tempo do collegio, da sua vida sem cuidados, confiando no futuro, dos quatro annos, que decorreram, desde os deztoito aos vinte e dois, em que viveu junto de seu bom pae, que adivinhava sempre os seus menores desejos, tendo por unica ambição satisfazer todos os caprichos e phantasias da sua querida filha!

Neste momento apparecia-lhe o duque de Villedieu, como um demonio, que a arrebatava e a torturava à sua vontade.

Seu pae, que presenciara as scenas violentas que se davam entre a esposa e o marido, tornára-se pezaroso, taciturno, até que morreu no meio de atroz soffrimento.

Ella, sem defensor, e cada vez mais perseguida, não tinha um momento de repouso, de socego, senão durante as horas em que seu marido ia perder sobre a baeta verde das casas de jogo a fortuna que ella lhe tinha trazido.

— É necessario não perder o tempo em lamentações, e recordações, disse comsigo, essas idéas anniquilam-me e eu não quero perder a minha energia.

Fixou o relógio para vêr as horas.

— Quatro horas. E elle sem voltar. Desejo ardentemente tornar a vê-lo,

Resolveu, em vista de communicação do professor official de S. João do Campo, de que não serve para os exercicios escolares a casa arrendada por conta do municipio, officiar ao administrador do concelho para que seja inspecionada devidamente uma outra casa que o mesmo professor indica para aquelle fim.

Auctorizou a compra de duas roupas completas para dois dos asylados do asylo de Cellas.

Encarregou o vereador Simões Dias de fazer o estudo necessario para a reforma de algumas disposições do novo regulamento dos impostos municipaes indirectos.

Attestou acerca de algumas petições para subsidio de lactação a menores.

Resolveu a bem da saúde publica mandar intimar os proprietarios confinantes com o sanga da rua do Marco da Feira, para canalizarem as aguas dos seus predios para a canalisação geral.

Mandou annunciar segunda praça para a venda de terrenos na quinta de Santa Cruz.

Auctorizou a reparação do taboleiro da ponte sobre o rio Ceira, segundo o orçamento apresentado na somma de 255400 réis.

Resolveu enviar ao chefe do districto um officio do inspector dos incendios acerca de medidas de segurança nos theatros e irregularidades allí commettidas.

Resolveu proceder convenientemente com relação a insultos feitos por um contribuinte aos vigias dos impostos por occasião de varejo dado ao seu estabelecimento de venda.

Considerou como transgressão o acto da apprehensão feita em um tipo de vinho, que era destinado a um estabelecimento avençado em Coselhas.

Auctorizou o levantamento de um deposito de garantia a uma obra em Fóra de Portos.

Despachou requerimentos attestando acerca do comportamento de diversos, e auctorizando o uso de agua da valla marginal á estrada de Taveiro para rega de predios particulares; a abertura de uma serventia particular entre a estrada de Sernache a Villa Ponca e um predio com ella confinante, permitindo-se o rebaixamento da valla de regadia que allí passa e o assentamento de uma lage de cantaria sobre a mesma valla; a reconstrução de um muro em Taveiro pelo alinhamento primitivo; a regularisação de cantarias de uma casa na rua das Solas; a construção de barracas de banhos no rio Mondego, e a annullação do imposto directo lançado a um professor do lyceu d'esta cidade, transferido para outro lyceu em janeiro d'este anno.

Resolveu auctorisar o vereador Simões Dias a providenciar acerca da apprehensão de um caixote com cervejas por falta da declaração a que se refere o Regulamento.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

Salario ao pessoal da limpeza da cidade réis 1515070; material para o mesmo serviço 23160; execução de canalisações d'agua, réis 50330; custeamento das officinas das aguas, 14550; caiação dos paços do concelho 315685; reparos nas barracas dos vigias, 78820; idem nas calçadas e syphões das ruas da cidade, 48750; serragem de madeira da abegoria, 115150; plantação e conservação 25400; serviços de limpeza da thesouraria municipal, 14000; idem da repartição dos impostos indirectos 13500; idem da repartição tecnica municipal, 25000; assignatura do «Direito», 1.^o semestre, 24500; fornecimento de impressos, 648840 réis.

Bibliographia

Segunda Pagina de Administração no Hospital da Universidade — Intitula-se assim um folheto que o sr. dr. Sousa Refoios, abalizado professor da faculdade de Medicina, distincto operador acaba de publicar em resposta a *Analyse e refutação do folheto do sr. dr. Sousa Refoios*, que ha alguns dias foi publicado pelo sr. dr. Bernardo Antonio de Serra Mirabeau.

Gazeta das Aldéas — Acabamos de receber a visita d'este semanario de propagação agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis que se publica no Porto e de que é redactor principal o distincto chimico analysta sr. dr. Antonio Magalhães. O numero que temos à vista vem cheio de assumptos palpitantes, como se vê do sumario que em seguida publicamos:

«O regresso aos campos, por Francisco Simões Margiuchi.—Rudimentos de agricultura, dr. A. Magalhães.—Sericulture, Francisco M. da L. Póssas.—A exposição de flores na real Casa Pia de Lisboa, José A. de Oliveira.—Vaccas leiteiras (com gravura), M. Rodrigues de Moraes.—Os animaes domesticos, Trigueiros Martel.—Economia domestica, D. Maria Margarida de Oliveira Pinto.—Folhetim: «Um crime mysterioso, Italo Fiorentini, traducção de Julio Gama.—Secções e artigos diversos: A vida agricola—Os trabalhos do mês.—Palestra semanal (Hygiene).—Conselhos de veterinaria.—O aroma da manteiga—A nossa correspondencia.—A chronica dos acontecimentos.»

Agradecemos a offerta.

Revista de Direito — Recebemos os n.^{os} 5 e 6 d'esta bem redigida revista de legislação e jurisprudencia, de que é director o distincto advogado dos auditorios de Lisboa, sr. Edmundo Gorjão.

Revista Theatral — Publicação quinzenal de assumptos theatraes, de que são redactores os srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

«Um numero que acabamos de receber traz o retrato do fallecido escriptor Gervasio Lobato, acompanhado d'um artigo de D. João da Camara.»

Revista das Escólas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio de Mesquita.

O presente numero insere os artigos seguintes:

«A obra do Solar.—Questões pendentes.—Fornecimentos escolares.—Legislação escolar: Decretos. Classificação dos professores do Funchal e Leiria. Despachos pela direcção geral de instrucção publica.—Plebiscito.—Consultas.—Noticias escolares.—Secção litteraria: O culto a Maria. Salvé Rainha. Hymno.—Correspondencia.—Bibliographia.—Expediente.»

Jornal de Viagens — Recebemos o numero correspondente a 31 de maio, d'esta interessante publicação.

Entre os artigos que insere destacamos um com o titulo *Venda das colonias*, critica ao recente livro do sr. visconde de Ouguella, onde este distincto escriptor advoga a necessidade da alienação de algumas colonias.

Quod avertat.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

4 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Bibliotheca Popular de Legislação

LEI DO SELLO

Cartas de lei de 21 de julho de 1893 e 4 de maio de 1896 e tabellas respectivas, em fórma de repertorio alfabético e portarias posteriormente publicadas referentes ao mesmo assumpto.

PREÇO, 200 RÉIS

Pedidos a A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.^o — Lisboa.

Reptis e amphibios da Peninsula Iberica e especialmente em Portugal

POR M. Paulino d'Oliveira

Lente cathedratice de Zoologia e director do Museu zoologico da Universidade

PREÇO, 400 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

Revue des Journaux et des Livres

12.^o anno

Recommendando aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduce em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientias, Conhecimentos uteis, Romanes, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a *Revista* dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 40000 novellas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, romances de Alphonse Daudet, *Hemcomplay*, *es ri Rochefort*, *Octave Feuillet*, *Ludovic Haleet*, *Hector Mallot*, *Guy de Maupasant*, *Paul Bourget*, *Emile Zola*, etc., etc. A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assigante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr. á escolha; um de 2 fr. e 50, e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.^o em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.^o nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.^o por meio de cheque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte.

Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 13 rue Cujas, Paris.

souro, é que eu cheguei tão tarde. Ah! antes de mais nada: os vossos diamantes, rendas e papéis, tudo o que trouxeste de vossa casa, excepto os vestidos de que necessitaeis aqui, estão guardados, e em segurança, em casa d'um meu amigo. Vinde. Mas ides talvez molhar-vos. Tomae o meu *pardessus*. Nada de cerimoniaes! Deitae-o sobre os hombros.

Dirigiram-se para o carro e tiraram muitos pacotes, malas, um leito de ferro, caixas e cestos.

— Recommendo-vos esse cesto, disse elle, que contém a vossa refeição para hoje e para amanhã. Agora vou trazer-vos lenha e vinho, e partirei o mais rapidamente que possa.

— Deixaes-me hoje ainda?

— Sem duvida. É necessario que eu entregue ao seu dono o cavallo e o carro. Voltarei o mais cedo que possa. Não me deitarei. D'ahi ás fortificações gastó apenas uma hora. Antes que a aurora, com os seus dedos cor de rosa entre-abra as portas do Oriente, eu estarei de novo debaixo d'estas janellas. Fechae as portas. Eu lançarei a pedra convencionada.

— O que é que virá nesta bagagem? disse comsigo M.^{me} de Villedieu, apenas o joven partiu.

Abriu o cesto das provisões e começou alegremente a refeição por um bocado de ave fria.

(Continúa.)

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineaes para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accomodações desde 1\$200 réis comprehendendo servico, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do restaurant Club de Lisboa, ficando em rigor os antigos preços.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Editos de 30 dias

2.^a publicação

11 Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do segundo officio, e no inventario orphanologico a que se procede por obito de Albino José Pedro, morador que foi, em Sernache, no qual é inventariante a viuva d'aquelle, D. Emilia Albertina da Cunha, tambem moradora em Sernache, correm editos de trinta dias, contados do dia em que for publicado o segundo e ultimo annuncio, citando os credores certos: — As firmas Alcada & Mousaco, da Covilhã, Augusto de Sousa Machado & Irmão, do Porto, e Constantino Ruivo & C.^a, de Torres Novas, para dentro do referido prazo, deduzirem, querendo os seus direitos no alludido inventario. Verifiquei a exactidão O juiz de direito, *Neves e Castro.*

Caixeiro

10 Nesta redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptidões.

Editos de 30 dias

2.^a publicação

9 Correm editos de 30 dias, contados desde a ultima publicação d'este annuncio, a citar o herdeiro, auzente em parte incerta, Joronimo Rodrigues da Silva, de maior idade, do Casal Novo, freguezia d'Almalaguez, para vir assistir aos termos do inventario orphanologico a que se procede no juizo de direito de Coimbra e cartorio do escrivão Nunes, por obito de seu pae Joaquim Francisco, do mesmo logar do Casal Novo, em que é inventariante a viuva Joaquina Rosa. Verifiquei a exactidão *Neves e Castro.*

Aos bohemios

8 Photographias do bohemio Augusto Hylario, vendem-se na loja do Vianna, Largo da Sé Velha. — Coimbra.

CAVALLOS

7 Muare, etc.; esquinencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VISICANTE COSTA, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras. — Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99. — Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. — **Deposito geral:** Pharmacia Costa — Sobral de Mont'Agrajo.

Aviso aos lavradores

6 Na cocheira pertencente a Manuel José da Costa Soares, situada ao caes do Mondego, vende-se estrume de cavallos ao preço de 1\$000 réis por cada metro cubico. A toda a hora na referida cocheira se recebem encomendas.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 211.000\$000

SEDE EM LISBOA

4 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre prédios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Alfinete

3 Perdeu-se um desde Luso até esta cidade. E' de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes.

Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.º 50 e 52, onde será gratificado.

Loja da China

Ferreira Borges

2 Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade, Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousiubo e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 1\$000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

TABERNA PORTUGUESA

Na antiga rua das Figueirinhas, actualmente Martins de Carvalho, n.º 47

1 Vinhos tintos, e branco de diferentes qualidades e preços.

Vinho verde d'Amarante de especial qualidade.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. V. França Amado — COIMBRA

PEDIR OS PROSPECTOS

Assinatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA , além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem	Grátis	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sao nos dias 1 E 15 de cada mez
	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76, 2.º — LISBOA	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel Botelho ALCACER-EBIR de D. João da Câmara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores	ANTIGA CASA BERTRAND	Assigna-se em todos os agencias da

ENVA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

15 Arrenda-se do S. João de 1896 em deante a loja com os n.ºs 68, 70 e 72 na rua do Visconde da Luz. Para tractar com Joaquim Augusto Preces Diniz.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista

Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

11 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvalades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moihos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystallo, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cantella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

13 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

12 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, fonebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

RESISTENCIA

N.º 138

COIMBRA — Domingo 14 de junho de 1896

2.º ANNO

O PAPÃO

Todos tremem deante do governo; ninguém ousa formular contra os seus attentados um protesto alevantado, energico.

Uns esperam que elle conceda graças e favores, outros temem as suas perseguições e todos curvam reverentemente a cabeça, quando se não põem de cócoras. Dispõe o governo dos cofres publicos, todas as auctoridades e juizes lhe obedecem; dá e tira livremente, ordena despoticamente. Faz, lei a sua vontade.

Não ha funcionario publico que tenha garantido o seu lugar, certos os seus vencimentos. A lei é calçada impunemente pelo governo, que não tem pejo de afirmar, perante o proprio parlamento que fará o que quizer.

É docil e submisso o funcionario, acata servilmente todas as prepotencias do governo até quando é offendida a sua dignidade: mandam-se-lhe contar ordenados illegaes, dão-se-lhe pingues gratificações, nomêa-se para commissões rendosas. Que trabalhe ou não, que faça bom ou mau lugar, é indifferente. O seu amo não se occupa de taes ninharias; não luera com isso a monarchia.

É, pelo contrario, digno e activo, usa como cidadão dos direitos que a lei fundamental a todos confere, criticando as vilanias e attentados do governo: exercem-se contra elle as mais vexatorias perseguições, é suspenso ou demittido. Pouco importa que seja um funcionario exemplar no cumprimento dos seus deveres, que leve até ao sacrificio a dedicação no exercicio do seu cargo. Lucrava com isso a nação; o governo e a monarchia, que elle serve, nenhum proveito colheriam. E é a monarchia quem manda; só ella tem direitos. A nação obedece e paga impostos; nada mais.

Perante uma victima, as almas caritativas e amigas lamentam que tão mal soubesse comprehender os seus interesses e traçar uma linha de proceder em harmonia com elles. Estar a atacar, reflectem ellas, o governo do rei, até quando pratica os mais ignobes attentados, é um refinadissimo disparate. O povo não agradece, o governo não se corrige e o protestante soffre.

Se alguém pretende iniciar um movimento de protesto, tem de recuar após os primeiros passos que deu, porque ninguém o acompanhará. É verdade, todos dirão, que o governo praticou uma illegalidade, que commetteu uma prepotencia, um escandalo até, mas, se vamos

insurgir-nos contra elle, podemos soffrer amanhã cruel perseguição, ser lesados nos nossos direitos, offendidos nos nossos interesses. Que o governo não respeita principios nem leis; faz o que quer. E para quê sacrificios, se ninguém os agradece? Trate cada um de si, que já não faz pouco.

Eis ao que chegamos.

×

O principio de que o governo e o rei são mandatarios da nação e de que, no exercicio d'esse mandato, não podem deixar de obedecer á lei por que ella manifestou a sua vontade soberana, está completamente esquecido, ou, o que talvez seja peor, ninguém se sente com forças de o tornar effectivo. No meio da terrivel crise que o país atravessa, nesta medonha anarchia que tudo avassalla, só se formam syndicatos a fim de obter do governo subsidios para empresas em que possam fazer-se fortunas á custa do Estado ou de ingenuos cidadãos, só existe a solidariedade que o interesse determina e até onde elle chega. Tudo, afinal, quadrilhas de ladrões á moderna. A união de vontades para a realização d'um ideal d'ordem superior, a congregação de forças para a defesa dos interesses vitaes da nação, não se dá.

E era tão facil, por esse meio, pôr um dique á serie de attentados e torpezas d'um governo sem consciencia nem dignidade; salvar a nação da deleteria influencia que sobre ella está exercendo a politica monarchica! E, desde que se desse essa união, podiam evitar-se tantos vexames a que a furia de desequilibrados servos do paço estão sujeitando não só os individuos, mas as mais importantes instituições!

Tivessem os cidadãos a comprehensão nitida dos seus direitos; soubessem elles torna-los effectivos associado-se para esse fim, e ver-se-hia o que valia o governo. Ficaria reduzido ás condições d'um papão, mais ridiculo do que os que costumam inventar-se, para amedrontar as creanças.

Diziam alguns jornaes que era infame e cobarde o procedimento do governo suspendendo 5 jornaes de Lisboa por infringirem uma das disposições da lei contra os anarchistas, não mandando proceder contra alguns jornaes do Porto que praticaram facto identico. Afinal os nossos collegas do Porto também foram victimas da furia insana do governo, que deu ordem para que ao *Commercio do Porto* e *Jornal de Noticias* fosse intilmada a suspensão.

A razão da demora talvez esteja em o commissario geral da policia do Porto não ter parentesco algum com o corregedor de Lisboa nem predicados que de longe sequer se lhe assemelhem.

O sr. Veiga é unico, ou, melhor, só pôde ser excedido pelo sr. João Franco.

Cada um trata de si

Quando se apresentou no parlamento o projecto de lei contra os anarchistas, um dos jornaes que veio á estacada para o defender foi o *Correio da Manhã*. Achava então que era medida justa e de largo alcance que a imprensa não podesse occupar-se de crimes anarchistas.

É convertido o projecto em lei, e um dos jornaes suspensos pela haver infringido é o mesmo *Correio da Manhã*, cuja redacção protesta indignada num manifesto que publicou, contra o que intende ser uma prepotencia do corregedor. «Não é precisamente para jornaes da indole do *Correio da Manhã*, diz-se nesse manifesto, que se procuram executores de justiça da tempera dos Javerts, nem foi, de certo, o braço d'esses cegos machinismos humanos que a lei procurou armar». Por outras palavras: a lei contra os anarchistas e o corregedor Veiga não existem para os jornaes monarchicos e, sobretudo, para os que defendem o governo; essa lei e o seu feroz executor só existem para a imprensa democratica.

Intenda-o assim o sr. corregedor e trema pelo disparate que commetteu, porquanto:

«Tem o *Correio da Manhã* de soffrer as consequencias do inesperado assalto feito assim de surpresa aos seus direitos e interesses; não tem meio de pelo menos de prompto, morto o seu involucro externo, como vae morrer amanhã na Boa Hora, continuar a viver no espirito que o animava; mas continuará subsistindo, em que pese ao sr. juiz Veiga, firme nos seus principios e disposto a despir amanhã a sua encarnação tantas vezes quantas aprouver ao executor da justiça, a cujo cutello aqui estendemos o pescoço, numa absoluta submissão, até que um dia á victima não dê também desejos de ser verdugo...»

Ora pois. O *Correio da Manhã* protesta vingar-se porque soffreu as consequencias d'um disparate que em tempo applaudiu e que ainda hoje applaudiria, se, em vez de o affectarem, fossem ferrir outros órgãos da imprensa contra os quaes a policia tem exercido as mais vexatorias prepotencias com o apoio d'esse jornal.

A redacção d'um jornal que revela tão bons sentimentos e se mostra animada de tão elevado espirito de solidariedade na defesa das garantias da imprensa, bem digna é de que lavremos aqui o nosso protesto contra a prepotencia de que acaba de ser victima. Um protesto solemne, com a expressão sincera da nossa profunda condolencia, . . .

até que tenha desejos de se tornar verdugo.

Que então apresentemos o nosso protesto contra as violencias de que fór victima o sr. juiz Veiga, com a expressão da nossa condolencia profunda.

Solidariedade jornalística

O fundo dos reptis não parece exclusivo da Allemanha. Tambem cá, neste bello jardim occidental, a generosidade dos governos se estende a uma cáfila de rafeiros que, a troco do osso que desdenhosamente lhe atiram, se presta ao ignobil papel de escarnecer das liberdades publicas, lambendo as botas dos seus senhores e defendendo todas as tropelias, todos os attentados, todas as violencias, que aos governantes aprouver praticar, em desprezo manifesto da lei e das mais simples e triviaes noções do decóro politico.

Quando, no futuro, se fizer a historia d'esta epocha de immoralidades, ha de ser decerto rijamente castigada a infamia d'uns pseudo-jornalistas que, pondo a penna ao serviço do estomago, têm o despejo de applaudir ruidosamente a odiosissima e illegal perseguição que a corregedoria está fazendo á imprensa lisbonense.

Por felicidade, que é limitado o numero d'estes reptis da imprensa; mas, em ser assim linitado, nem por isso deixa de indignar profundamente todas as consciencias honestas; e nós aqui deixamos lavrado o nosso protesto.

Ainda não foi publicado o programma dos festejos com que se ha de celebrar o regresso a Lisboa do sr. infante D. Affonso. Por ora só se sabe que o sr. conde de Burnay lhe offerece um baile.

Que tal!

O sr. dr. Augusto Rocha, depois de procurar defender-se das justissimas accusações que contra elle formulou um seu ex-discipulo, victima da mais odiosa e miseravel perseguição, injuriando-o quando já não podia desaffrontar-se, vem chamar falsario a quem já ha muitos annos baixou á paz da sepultura, dizendo que era capaz de falsificar uma lettra!

Escusados eram estes factos para caracterisar o sr. dr. Augusto Rocha, tão conhecido pelos incomparaveis predicados que nelle abundam. Como elle se sente, porém, com desejos de atacar, talvez tenhamos de tomar sobre nós o cumprimento d'uma promessa que em tempos fez o nosso collega *O Tribuna Popular*, e que o sr. dr. Rocha parece haver olvidado, como nós hemos de signalar. Sentimos, sobretudo, grande desejo de tornar conhecidos do publico alguns factos, por que se tem revelado a boa e leal camaradagem do sr. dr. Augusto Rocha com os seus collegas.

Tudo virá, a seu tempo.

Instrucção publica

Instrucção secundaria

XXXI

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Sobre esta questão, assás grave e delicada do ensino do latim, muito mais poderíamos dizer, se nos fôra lícito alongar demasiado este modesto trabalho. O assumpto, pela sua importancia, daria para um grosso volume. Afigura-se-nos, porém, que as considerações precedentes, embora relativamente resumidas, bastarão por agora a elucidá-lo; parecendo-nos bem assente e demonstrada a urgente necessidade de ser convenientemente modificado a tal respeito o plano de estudos de 14 d'agosto e, consequentemente, os programmas correlativos.

Sendo evidente, de todo o ponto incontestavel, que obrigar creanças de dez annos a estudar uma lingua extranha, sobretudo uma lingua morta, constitue um erro de gravidade manifesta; e, estando demonstrado, com a eloquencia irresponsivel dos factos, que, para a estudar com proveito se requer um desenvolvimento intellectual e uma preparação que o alumno não pôde ter ainda naquella idade, facilmente se reconhece a indispensabilidade de a eliminar das primeiras classes do curso dos lyceos; parecendo-nos — e comnosco está o voto dos grandes mestres — que não deverá ser incluída senão no segundo anno da classe média, isto é, no quarto anno do curso geral. Ahi, sim; que já o alumno pôde apprendê-la com relativo aproveitamento. Ir alem d'isto, como pretendem os auctores do plano de estudos que estamos analysando, afigura-se-nos perigoso e de effeitos lamentaveis, que absolutamente nos cumpre evitar, a não ser que haja o proposito de estiolar a intelligencia das creanças, obrigando-as a um trabalho que, como fica demonstrado, é de todo esteril, atrozmente enfadonho e, alem de inutil, pernicioso para a educação intellectual do alumno.

As considerações que fizemos ácerca do latim bem poderemos extendê-las á lingua franceza, que os auctores do alludido plano introduziram logo na segunda classe, quando, pelas razões já expostas, o alumno se não encontra ainda em estado de poder estudá-la com bom resultado. E, como sobre este assumpto nos parece ter dicto o bastante para bem se comprehender a grande inconveniencia de se fazerem estudar as linguas extranhas, quaesquer que ellas sejam, em tenra idade, encerraremos por aqui as considerações que a tal respeito nos suggeriu aquelle plano; deixando bem consignada a necessidade de ser alterado, de modo a que o estudo das linguas referidas não comece senão no segundo anno do curso médio.

E acerca d'este capitulo importantissimo do estudo das linguas extranhas, cumpré-nos assignalar o facto, devéras lamentavel, de se tornar o inglés pouco menos de facultativo, quando, aliás, se nos affigura não só util, mas absolutamente indispensavel o seu estudo, dadas as condições excepcionalissimas em que, a respeito da Inglaterra, ha muito nos encontramos.

Não condemnamos a introdução obrigatoria do estudo da lingua allemã, no plano do ensino lyceal; antes a julgamos uma innovação feliz e até necessaria, que abertamente applaudimos. É um progresso que nos cumpre consignar com o maximo louvor. E as razões d'isto são obvias, sendo desnecessario explaná-las. *Uma lingua de mais é tambem uma alma de mais*, disse-o um pensador illustre. Esta verdade não carece de demonstração.

Não sabemos, porém, nem, de resto, nos será facil descobrir, que motivos especiaes imperaram no animo dos reformadores, para quasi excluir do ensino lyceal o estudo do inglés, apesar de ser evidente que a nós, os portuguezes, mais do que a qualquer outro povo europeu, importa muito particularmente o seu conhecimento e generalisá-lo quanto ser possa. Estando nós, por assim dizer, bloqueados pela Inglaterra, em todas as nossas possessões ultramarinas; sendo importantes as nossas relações diplomaticas e commerciaes com ella; tendo nós necessidade imperiosa e inadiavel de contrapor, no ultramar, a nossa influencia á d'aquella nação, que quasi nos comprime e nos tolhe ou pretende tolher a nossa legitima e conveniente expansão colonial: não se comprehende realmente que razões levaram o legislador a quasi eliminar, e parece que muito intencionalmente, o ensino da lingua inglesa; que outra coisa não significa nem pôde significar o torná-la facultativa, no plano do curso lyceal.

As linguas vivas não se estudam com o fim exclusivo de alargar a esphera dos nossos conhecimentos: têm tambem outro objectivo. E, se uma das razões por que convem estudá-las é, sem contestação, a necessidade e conveniencia do estabelecimento de relações entre os povos, sobretudo entre aquelles que podem ter interesses communs ou até encontrados, facilmente se demonstra quanto foi inconveniente a quasi suppressão da lingua inglesa, cujo estudo, repetimo-lo, a nenhum outro povo europeu é mais necessario de que a nós. Esta verdade ninguem a poderá contradizer.

Poder-nos-hão objectar que o estudo do inglés é obrigatorio para os alumnos que só pretendam o curso geral dos lyceos, e é isso o que realmente se prescreve no § 2.º do artigo 11.º do regulamento de 14 de agosto; tomámos, porém, a liberdade de observar que tal disposição não pôde ter como resultado immediato o estudo da lingua inglesa por aquelles alumnos, pois que raro será o que simplesmente se proponha seguir apenas o curso geral, que para nada lhe aproveita, na vida practica. Demais, aquella disposição briga evidentemente com a contida no artigo 7.º, n.º 4.º, onde se prescreve como obrigatoria para o curso geral ou a lingua inglesa ou a allemã. Ora, sendo-lhe facultativo o estudo d'uma d'estas duas linguas, e sendo certo que a segunda é obrigatoria para o curso complementar, claro é que o alumno, na hypothese de poder attingir este curso, dei-

xa em paz a lingua inglesa, estudando de preferencia a allemã, esquivando-se assim ao trabalho de estudar uma lingua, de cujo conhecimento a lei houve por bem dispensá-lo. Nisto não ha, parece-nos, a menor dúvida.

Julgamos, pois, ter sido um erro imperdoavel a eliminação do inglés, sendo de toda a conveniencia que o seu estudo se torne obrigatorio, pelas razões apontadas. E crémos bem que não ha argumentos possiveis que possam invalidá-los. Salvo se o legislador teve para isso razões occultas, razões de estado, para assim proceder. . . Seria bom que no-lo explicassem. Entretanto, não deixaremos de aconselhar a introdução obrigatoria da lingua inglesa, no plano do curso lyceal. E demonstrem-nos, se podem, que estamos em erro.

O nosso collega *O Tempo*, que acaba de ser supprimido, é publicado agora com o titulo *O Liberal*.

Apoiado!

Informa-nos um cavalheiro, digno de todo o credito, não ser exacta a noticia que sob este titulo publicámos relativamente a obras effectuadas no estabelecimento thermal da Felgueira.

As obras neste importante estabelecimento estão concluidas ha três annos, tendo sido construida depois d'isso uma gruta de pedra tosea para guardar a nascente das aguas quentes e uma pequena casa ou gruta de cantaria para guardar as nascentes de agua fria.

O risco ou planta d'esta, que o nosso informador diz ser insignificante, foi dado pelo director das obras publicas d'este districto. As portas de ferro para essa gruta foram offerecidas pelo sr. José Caldeira, de Santa Catharina; e a obra de pedreiro feita por empreitada mediante a quantia de 180\$000 réis. Nessa gruta não ha azulejos e apenas 8 metros quadrados de ladrilho comprado pela direcção do estabelecimento, que nada pediu á direcção das obras publicas d'aqui nem á de Viseu.

São estas as informações que nos foram dadas e que gostosamente publicámos.

A redacção do *Correio da Manhã*, em manifesto ao país, atacava desapiadadamente o sr. juiz Veiga pelo haver supprimido, julgando que elle havia procedido por sua conta e risco. Sabe-se, porém, agora que o corregedor procedeu de harmonia com as instrucções dadas pelo governo, que deu ordens terminantes ás auctoridades do Porto para que intimem o mandado de suspensão ao *Commercio do Porto* e *Jornal de Noticias*.

O que dirá agora a redacção do *Correio*, sabendo que foi o seu adorado governo quem o guilhotinou? Tambem estará resolvido a ser veredago com elle?

Podemos affirmar que tal se não dará.

Se resuscitar, ha de até declarar que a morte foi justamente applicada.

Os prisioneiros italianos na Abyssinia

O numero official dos prisioneiros que se acham no Choa eleva-se a 2:864. Como se sabe, os abyssinios já entregaram ás auctoridades militares da Erythrea muitos outros prisioneiros que haviam ficado em seu poder depois da batalha de Adouah.

Carta de Lisboa

Lisboa, 12 de junho de 1896.

N'um pequeno artigo que escrevi — *Aviso ao publico*, o Veiga permittiu-se cortar duas linhas que desfaziam qualquer perfidia que elle mandasse para os seus reptis. Não conseguiu nada, porque se disse em vários jornaes e mesmo no *Paiz* por outra fórma. D'onde se conclue que o Veiga tem para juntar, ou, antes, para coroar as suas varias qualidades, esta: — a de ser soberanamente parvo.

Creio que este empregado subalterno da policia não merece que me ocupe mais d'elle.

Dizem que vae pedir a demissão. Pouco me importa: A missão dos republicanos não deve ser a de fazer demittir empregados de policia. Isso é bom, mina a monarchia. Mas eu sempre direi que entre a demissão do 321 e a do D. Carlos, prefiro a d'este.

Corre que o Dias, o capitão Dias, será suspenso. Em homenagem á verdade, como diz o correspondente de Alfanhões, devo dizer que o capitão Dias, tendo andado mal como chefe de policia, possui sobre o Veiga esta vantagem: É atrevido, não é mesquinho nem pequenino. É um homem e o Veiga é um lagarto.

Em todo o caso vão-se os dois, que não fazem falta.

Eu creio que na minha ultima carta me zanguei com a attitudé dos republicanos. Resto da minha antiga mania. Peço desculpa a mim mesmo de fallar no que não vale a pena pensar.

Dizem que serenará a perseguição. Neste país a Tyrannia e a Revolução avançam de punho fechado, mas acabam por acalmar-se.

D'esta indecisão nasce o que se chama a paz pôdre, tão grata aos que se zangam com as impaciencias dos novos.

Nada, que a paciencia dos velhos é mais commoda.

O que eu sinto, amigos, é que não haja *Agua Circassiana* que me faça os cabellos brancos para podermos concordar.

Sinto-me pelo contrario disposto a pintá-los de preto, quando me alvejarem.

É a mulher de peores costumes que eu conheço, a tal *Prudencia*.

Dizem que rende. Por isso tem tantos *souteneurs*.

Hontem alguém dizia ao director do *Paiz*: — Você arrisca-se. Tome cuidado. Não tenha o jornal no predio em que está. O rei passa todos os dias por lá e engallinha. Olhe o amigo que, sem a boa vontade do rei, vae-se a republica-sinha.

É para estes e outros que eu intendo que se deve crear a commenda de S. Francisco.

Sempre lhes direi que, á parte tres ou quatro jornaes, os outros tremem como varas verdes.

É que na redacção de alguns não se receia o lapis do Veiga, teme-se uma rusga da policia.

Agora uma coisa que eu lhes queria dizer. . .

Não digo. Deixemos ponderar. — O conselheiro, olhe o charuto que se apaga. Aqui tem um phosphoro.

— Pois sim, senhores. Isto não é tão mau como se diz. A republica-sinha ha de vir. Para isso não vale nma pessoa comprometter-se e deixar de fumar este charuto.

João de Menezes.

Expedição a Moçambique

A expedição de cavallaria que vae para Moçambique, deve partir no dia 19 a bordo do *Kanzler*.

É formada pela 1.ª companhia de cavallaria 4, composta dos srs. capitão Leopoldo Vianna, tenente Rocha Sá, alferes Augusto Reis, dr. Vallejo, cirurgião ajudante d'aquelle regimento, veterinario Simões, um 1.º sargento, três 2.ºs sargentos, quatro 2.ºs cabos, 70 praças, 2 clarins, 2 ferradôres e 1 selleiro.

Os expedicionários vão armados de espadas, as novas lanças de bambú e as carabinas allemãs Marmilicher.

Os cavallos foram comprados em Bombaim e os arreios em Londres. Ha tempo que começaram os exercicios com as novas lanças.

O fim da expedição é bater os namarraes.

Pelo regulamento em projecto sobre bancos são creados um logar de inspector chefe com 1:200\$000 réis e cinco fiscaes com o ordenado de 800\$000 réis, ou seja uma despesa annual de 4:800\$000 réis em proveito dos amigos do governo e sem vantagem alguma para o país. E assim se continuará, até que uma bancarrôta medonha venha acordar o povo do lethargo em que jaz para o entregar nas mãos d'uma potencia estrangeira depois de lavrada contra elle a sentença de interdicção por prodigalidade.

Que o povo é que ha-de soffrer as consequencias d'este regabôfe em que vive a monarchia.

Por Hespanha

Durante o mês de maio a divida fluctuante teve um augmento de pesetas 3 500:000.

Só no espaço de uma semana augmentou a circulação de notas do Banco de Hespanha em 6.069:375 pesetas, elevando-se o total á enorme verba de 1.046.548:325 pesetas.

Por cá

Pelo ultimo boletim do Banco de Portugal publicado ha dias, vê-se que augmentou ainda mais a divida do thesouro ao banco, subindo tambem a circulação fiduciaria de 54:824 contos para 55:692 contos, isto é, mais 868 contos em oito dias, mais de 108 contos de réis por dia.

Ante-hontem, ás 5 horas da tarde, morreu afogado no Mondego, proximo á ponte de ferro, Verissimo da Silva, filho de Emilia Rita, moradora aos Lazaros, que alli havia ido tomar banho.

Tinha 10 annos d'idade. Estiveram em perigo outros dois rapazes.

Consortio

Realizar-se-ha ámanhã, na capella da Quinta da Conraria, o casamento da ex.ª sr.ª D. Julia Falcão de Carvalho, intelligente filha do nosso amigo sr. dr. Maximino de Carvalho, com o sr. dr. Joaquim Tavares Festas, medico de partido no Carregal.

Ao nosso illustre amigo, sr. dr. Maximino de Carvalho, damos as nossas felicitações mais sinceras, porque o caracter cavalheiresco do sr. dr. Tavares Festas, e as primorosas qualidades de espirito da gentilissima senhora, são uma garantia da ventura constante dos noivos.

O *Jornal do Commercio*, que foi suspenso, é publicado sob o titulo de *A Folha Popular*.

A photographia através dos corpos opacos

Na Academia das Sciências, de Paris, foi observada uma nova e interessante applicação da photographia através dos corpos opacos.

Trata-se de um cliché, de notavel nitidez, representando a imagem de uma bola de revólver mettida na massa cerebral de um homem vivo.

A localização do projectil, diz o jornal d'onde extrahimos esta noticia, acha-se determinada com uma precisão que faz a admiração de todos. Mais uma prova dos immensos serviços que o methodo Roentgen está chamado a prestar no estudo das localizações cerebraes, que ainda não foram indicadas por Broca e por outros physiologistas que se têm occupado de tão delicadas questões.

Terminou na segunda feira o concurso, aberto por provas documentaes, para a igreja de S. João Baptista de Santa Cruz Concorreram os srs. priores de S. Chrystovão (Sé Velha), de S. Martinho do Bispo, de Villa Franca e o sr. bacharel Ismael de Moura Tavares.

As trovoadas na Allemanha

Na Allemanha desencadearam-se ultimamente terriveis trovoadas, acompanhadas de fortes sarriçadas, que causaram muitos prejuizos á agricultura. Registram se além d'isso 25 pessoas fulminadas em diversos pontos pela electricidade atmospherica.

Em Berlim, ha poucos dias, dêram-se varios incendios causados pelas fiascas. Durante algumas horas estiveram interrompidas todas as communições telegraphicas.

Os raios de Roentgen

Os jornaes de Paris noticiam uma applicação nova dos raios Roentgen, que será de grande proveito para a medicina legal.

Brouardel apresentou ao exame da Academia de Medicina photographias obtidas por meio dos raios X e que mostram que, quando os pulmões não respirarem, são impermeaveis a esses raios. Tem-se pois, um novo meio de reconhecer, em caso de suspeita de infanticidio, se um recém-nascido chegou ou não a respirar.

Em Anção ha uma philarmonica toda composta de empregados da companhia dos tabacos. A isto se pôde chamar musica de contrabando.

F. Fernandes Costa
ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

UNIVERSIDADE

Nos dias 11 e 13 fizeram acto e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno — Elisiario da Motta Veiga Casal, Emygdio Navarro, Ernesto Nunes Lobo, Francisco Alves Corrêa de Araujo, Francisco Carvalhal da Silveira Bettencourt, Francisco dos Santos Pereira de Vasconcellos, Gil Ayres Alcoforado, Jacintho Ignacio Fialho, e Jayme Guilherme Pimentel de Faro.

Houve três reprovações.

2.º anno — Antonio Justino da Costa Praça, Antonio Lino Netto, Antonio Manuel Santiago, Antonio Pereira de Vasconcellos da Rocha Lacerda, Antonio Rodrigues Pio Cavalheiro, Antonio Soares de Moura Quitella, Antonio Xavier Abelho Laranjo, e Armando Frederico Casqueiro da Cunha.

3.º anno — Antonio Mauricio de Sousa Freire Pimentel, Antonio de Oliveira Gomes, Antonio de Sá Barreto Pereira do Couto Brandão, Arthur Cardoso Pinto Osorio, Arthur Corrêa Ribeiro, e Arthur Teixeira Fontes.

4.º anno — Antonio Corrêa Teixeira de Vasconcellos Portocarrero, Antonio Domingos Jacintho Maia, Antonio Feliciano Rodrigues, e Antonio da Fonseca Pestana.

5.º anno — Antonio de Almeida Dias, Antonio Carlos Alves, Manuel Leite Marinho, Antonio Joaquim Simões, e Antonio Nicolau Carneiro.

Faculdade de Medicina

1.º anno — João Evangelista Lopes Manita, e João Luciano Torres.

2.º anno — Antonio Maria do Valle, e João Evangelista Soares da Cunha e Costa.

3.º anno — Eduardo de Castro, e Francisco Pacheco Vieira.

4.º anno — Benjamin de Sousa Teixeira, e Carlos Alberto Lopes d'Almeida.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira (*Chymica inorganica*) — Alberto dos Santos Nogueira Lobo, Albano Pereira Soares, Anselmo Ferraz de Carvalho, D. Carlos de Sousa Coutinho, Antonio Guedes Pereira, Abel Augusto Vieira Galvão, Antonio Gomes da Silva Ramos e João Baptista Theotonio Varella.

2.ª cadeira (*Chymica organica e analyse chimica*) — Antonio d'Oliveira, Antonio Lopes Moraes, Antonio Rocha Manso, e Arthur Candido Teixeira Guedes.

3.ª cadeira (*Physica, 1.ª parte*) — Carlos Henriques Lebre, Antonio de Mattos Cid, Delphim Augusto da Silva Pinheiro, Vicente Pedro Dias Junior,

Julio Peixoto Corrêa, Antonio de Gouveia Osorio, João Andrade da Motta Feliz, Camillo Corrêa Cuimaães, Antonio Francisco Coelho, Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, Alvaro Ferreira de Lima e Eduardo Ferreira d'Oliveira.

4.ª cadeira (*Botanica*) — Carlos Braamcamp Freire, Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, José Bernardino de Carvalho, Sidonio Bernardino Carvalho da Silva Paes, José Pinto da Silva Faria, e Julio da Silveira Brandão Freire.

Houve duas reprovações.

Faculdade de Mathematica

A faculdade de Mathematica, reunida em congregação de ponto, deliberou que os actos principiêm no dia 19 do corrente pelo 5.º anno, e que o jury que ha de fazer parte das menses seja o seguinte:

1.º anno — (1.ª mense para ordinarios e voluntarios): Drs. Souto Rodrigues, Sousa Pinto e Henrique de Figueiredo.

2.ª mense — (Para obrigados): Drs. Souto Rodrigues, Almeida Garrett e Luciano da Silva.

2.º anno — Drs. José Bruno, Luiz da Costa, e Costa Lobo.

3.º anno — Drs. Luiz da Costa, Costa Lobo, e José Bruno.

4.º anno — Drs. Sousa Pinto, Costa Lobo, e Luciano P. da Silva.

5.º anno — Assiste toda a faculdade. Cadeira de desenho — Professor João Vieira, dr. Almeida Garrett, e mais um vogal por turno.

José Maria d'Almeida, do 1.º anno de Direito; José Rodrigues Madeira, do 1.º anno de Philosophia; Manuel Duarte Videira, do 3.º anno de Philosophia e Cypriano Precês Quaresma, estudante do lyceu; iam mais dois estudantes universitarios que não são do concelho.

Vimos tambem o ex.º sr. Antonio Ferreira Pena, contador interino; juiz substituto; dr. Antonio Carlos d'Almeida e Silva, delegado do procurador regio, etc.

Levava a umbella o administrador do concelho.

Fechava o prestito uma força de infantaria 23, commandada por um tenente.

Esta procissão já não tinha logar ha 37 annos.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 28 de maio de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa.

Vereadores presentes: — effectivos: arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio dos Santos, José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente o administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento de que falleceu no dia 26, o vigia n.º 8 dos impostos municipaes, Antonio Rodrigues Lucas; e da seguinte correspondencia do delegado do thesouro respondendo a um officio dirigido pela camara municipal d'esta cidade, em 11 janeiro de 1895, em que enviava para informar uma representação de diversos moradores do logar da Portella, pedindo um retabulo existente no extinto convento de Cellas, declarando o mesmo delegado que o claustro de aquelle convento pertence a Fazenda nacional e que só com auctorização da direcção geral dos proprios nacionaes, é que podem ser concedidos os objectos existentes no mesmo convento.

Do inspector dos incendios dando conta do occorrido no espectáculo na noite de 22 que teve logar no circo Principe Real.

Do chefe do districto pedindo para ser admitido no asylo dos cegos e aleijados de Cellas um entrevado do concelho de Arganil.

Do chefe de zeladores dando conhecimento de ter sido preso Lucas Humberto por ter agredido um empregado da camara.

Mandou passar licença para apascentamento de cabras a um proprietario da freguezia de Trouxemil.

Mandou annunciar a renovação do leirão n.º 3 do cemiterio municipal.

Auctorizou a despesa a fazer com a limpeza de uma valla na nascente d'agua do asylo dos cegos em Cellas.

meu barrête no bolso. Partiremos no meu coupé.

— Tens dinheiro?

— Sim.

— Bom. Eu por mim estou sem nenhum e tenho bastante necessidade d'elle.

— Espera, então.

— M. de Villedieu, estou ás vossas ordens.

O duque, deu-lhe uma nota de mil francos.

— Sempre te conheci grande e generoso!, exclamou o medico.

— É por simples interesse, disse Villedieu.

Subiram para o coupé. Meia hora depois paravam no extremo da rua de Bréa.

Os dois homens largaram os pardessus.

Villedieu poz o seu barrête e encaminharam-se para a casa n.º 7 do boulevard Montparnasse.

Entraram para uma sala quasi aseada.

— Ah!, disse uma mulher que se penteava deante d'um espelho, chegaste muito cedo, ainda não está cá ninguém.

Entraram mais três mulheres.

— Quem são estes typos?, perguntou uma d'ellas acendendo um cigarro.

— Não são corujas, disse uma outra.

— Corujas?, disse uma terceira. Repara um pouco para o seu casaco e para as botas. São dos da alta que vem estudar.

Resolveu requisitar do instituto vaccinico do Porto, 4 placas com polpa vaccinica, e igual numero de tubos com lymph.

Resolveu que fossem vendidos em praça no dia 14 de junho com o abastimento de 5 p. c. sobre os preços constantes de uma nota apresentada os diversos lotes de terreno na quinta de Santa Cruz.

Resolveu officiar ao ex.º sr. Bispo Conde, pedindo lhe a sua costumada coadjuvação para se levar a effecto a procissão do Corpo de Deus.

Despachou requerimentos attestando acerca do comportamento de diversos individuos; auctorizando alinhamentos sem occupação de terreno publico; abertura de um fosso no caminho das Carvalhózas sem prejuizo do transitio; collocação de um signal funerario no cemiterio da Conchada.

Mandou enviar ao vereador Albano Gomes Paes, para informar, dois requerimentos do filho do fallecido guarda do cemiterio, impedido, pedindo o pagamento dos vencimentos em divida a seu pae; e Joaquim Augusto Maia, pedindo para inhumar os restos mortaes de uma sua filha depositada no jazigo municipal.

Auctorizou a presidencia e ordenar o pagamento dos vencimentos ao pessoal das diversas repartições, relativas ao mês corrente.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

Custo da legislação official de 1895	
e porte do correio	5,625
Expediente do recenseamento militar	3,400
Lavagem dos Paços do concelho em março e abril	2,800
Lavagem da toalhas, idem	600

Bibliographia

Gazeta das Aldêas — O n.º 23 d'esta semanario de propaganda agricola contém:

O regresso aos campos (III), Francisco Simões Margio-hi — Sericultura (III), Francisco M. da L. Póssas — Os animaes domesticos (IV), Trigueiros Martel — Medicina pratica — *A raiva* (I), dr. Magalhães Lemos — Economia domestica (II), D. Maria Margarida de Oliveira Pinto — Folhetim: Um crime mysterioso, Italo Florentini, traducção de Julio Gama — Scepções e Artigos Diversos: A vida agricola — Machinas agricolas (com gravuras) — Revista universal — Conselhos de veterinaria — Qualidades caracteristicas da boa manteiga — Contra a cochilis da vinha — Processos e receitas uteis — Chronica dos acontecimentos.

Revista das Escolas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio de Mesquita. Agradecemos.

Revista Theatral — Publicação quinzenal de assumptos theatraes, de que são redactores os srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda.

Os peritos no processo criminal

700 réis

Vende-se em todas as livrarias.

— Quereis que vos sirvam alguma coisa, meus principes?, perguntou a creada.

— Dizei á patrão que venha ella servir-nos, disse Villedieu.

A patrão appareceu.

O duque de Villedieu levou rapidamente o dedo médio á espada direita, depois ao lado esquerdo e estendeu a mão aberta.

A patrão collocou-se de maneira a esconder este signal das outras mulheres, fez o gesto contrario e estendeu a mão fechada.

M. de Villedieu abriu-lhe a mão e traçou uma letra na palma.

A patrão traçou por sua vez uma especie de A sobre os dedos reunidos de Villedieu.

— Champagne para todos, disse Villedieu.

— Ah!, meus filhos, custou-me a reconhecer-vos! Como vão?, disse a patrão. E accrescentou em voz alta: — São antigos conhecidos que fizeram fortuna. Não se trata de pelintras, podem confiar nelles sem receio.

— Acreditamos, exclamaram ellas, pagam champagne!

A patrão trouxe algumas garrafas d'essa atroz limonada.

— Quando eu trazer outra, disse em voz baixa, subleis.

— Olá! anjos do paraizo, gritou Villedieu, tendes sede?

— Em presença d'isto quem é que não tem sede.

Beberam durante uma hora, depois

Codigo Administrativo

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, tem á venda a 2.ª edição d'este codigo, approved por decreto dictatorial de 2 de março do anno findo, seguido de repertorio alphabetico, e das alterações e modificações approvadas pelo parlamento, da ultima legislação e confirmadas por carta de lei de 4 de maio do corrente anno, podendo, portanto, chamar-se a esta edição — *Novo Codigo Administrativo*. — Preço, 200 réis.

Tabella dos emolumentos e salarios judiciais

Da *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, recebemos um exemplar d'esta tabella, coordenada alphabeticamente, mas conforme com a edição official (*Diario do Governo* de 18 de maio de 1896), e approvada por carta de lei de 13 do referido mês, sendo a unica edição assim elaborada. — Preço, 200 réis.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(*Psychologia individual e collectiva*)

4 vol. de 429 pag., 600 réis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 1,8000 RÉIS

A' venda na Imprensa da Universidade.

do que entraram para uma sala que se distinguia por um almofadado arranjada de forma que nenhum ruido podesse chegar aos ouvidos indiscretos dos vizinhos.

— Estavam alli quatro homens que se levantaram á sua chegada e lhes apertaram a mão d'uma maneira particular.

— Bemvidos, irmãos, disse um d'elles.

— Depois um d'elles disse, designando Villedieu, é meu discipulo.

— É verdade, pae Lebigot, disse Villedieu, e tenho aproveitado.

— Orgulho-me de ter tal discipulo. E tu és um parvenu.

— Eu, disse Hermann, não sou discipulo de ninguém, e tambem não sou um parvenu.

— Oh! tu, disse Lebigot, não tens direito a lastimar-te. Afóra os pequenos proventos da tua industria, nós damos-te uma renda de quinhentos francos por mês. E, ou seja pago por uns ou por outros, nunca te faltar.

E' uma bonita quantia para um homem que pôde dormir as noites descansado. E' verdade que ganhas esse dinheiro. E's o medico dos sem trabalho, tratas-nos com cuidado logo que achas mau o nosso focinho.

— É o dever d'um medico, disse Hermann.

(Continúa)

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

IV

Um duque que deixa furar as orelhas d'um bandido

— Se tivesses seguido os meus conselhos, elle não teria partido.

— Ah! isso não, eu sou homem que gosta das coisas legais. Posso causar a morte, mas não sou assassino. Quando trato um doente de doença que elle não tem e elle morre, dizem: «Este medico é um asno.» Mas nunca me collocarei em condições de poderem chamar-me assassino. Para que, de resto, empregar venenos quando se mata igualmente com remedios?

— Sim, mas muitas vezes falha-se o golpe.

— Senhor duque, cada um no seu officio. Eu sou medico. Tenho-vos sempre dado a conhecer as minhas ideias, e comprindo sempre o que ajustamos.

— Em conclusão, o negocio está perdido?

— Sim.

— Qual seria o motivo da partida tão brusca de M. Durand?

— É o que eu pergunto a mim mesmo. Elle recebera na vespera algumas cartas, mas isso acontecia todos os dias.

— A sua partida coincide com a da duquesa... Como poderia elle sabê-lo sem uma indiscrição tua.

— Da mesma maneira por que soube que os meus cuidados agravavam o seu padecimento em vez de melhoralo.

— A desgraça, é ter eu hoje absoluta necessidade dos seus milhões.

— Tu estás sem dinheiro? Que me dizias ha pouco de tua mulher?

— Que não tenho dinheiro nem mulher.

— Como?

— Partiu levando as jolas.

— Mandá prendê-la pelos gendarmes.

— E' o que vou fazer, já apresentei a queixa no tribunal.

— Eis-te nos braços da justiça. Tens razão, é uma velha amiga.

— Sim, mas ella é tão desastrada, tão inepta, que tenho grande receio de que não venha a descobrir minha mulher, e portanto vou eu mesmo encaregar-me de procura-la.

— E pôde fazer-se isso?

— Queres tu acompanhar-me a casa da Souffrante?

— Com o maior prazer! Ha já tanto tempo que lá não vou!

— Tens uma blusa?

— Não. Empresta-me tu um casaco velho.

M. de Villedieu entrou no quarto e trouxe-lhe um que estava já no fio.

— Vistamos os pardessus. Eu levo o

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico
R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

16 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

15 **Arrenda-se** do S. João de 1896 em deante a loja com os n.ºs 68, 70 e 72 na rua do Visconde da Luz. Para tractar com Joaquim Augusto Preces Diniz.

PEDIR OS PROSPECTOS

Assignatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA , além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tam- Gratis uma folha de uma peça original portugueza, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	Sae nos dias 1 E 15 de cada mez
COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76. 2.º—LISBOA	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel B. Telho ALCACER-KIEIR de D. João da Camara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima Muito proprias as ultimas para amadores
ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR		

Filtro-Mallié de porcellana d'amiantho

Esterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Caixeiro
12 **Nesta** redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptidões.

Marçano
6 **Precisa-se** com um ou dois annos de pratica, de mercearia.
FIGUEIRA DA FOZ
Adriano Dias Barata Salgueiro

CAVALLOS
11 **Muares**, etc.; esquinencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc. curam-se com o **LINIMENTO VISICANTE COSTA**, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras.—Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—**Deposito geral**: Pharmacia Costa—Sobral de Mont'Agráo.

Aos bohemios
5 **Photographias** do bohemio Augusto Hyllario, vendem-se na loja do Vianna, Largo da Sé Velha.—Coimbra.

Alfinete
1 **Perdeu-se** um desde Luso até esta cidade. E' de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes. Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.º 50 e 52, onde será gratificado.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE
Capital réis... 1.344.000,000
Fundo de reserva... 241.000,000
SEDE EM LISBOA
3 **Esta** companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.
Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Pelas suas propriedades curativas em 48 horas, supprime a Gonorrhéa, a Cistite, a Catarrhe da Bexiga e Infeções.
Dep. em Paris, 4, rue Vivienne e seu principal Pharm.
Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Arrendamento
10 **Francisco V. de Carvalho** arrenda a loja n.º 171 a 173 na rua de Ferreira Borges (Calçada) tendo uma boa sobreloja para habitação

Vende-se
0 **Muito** perto de Coimbra, uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accommodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita agua, arvoreds de fructo, videiras, etc. É em sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local. O comprador pôde, querendo, ficar com a importancia ajustada, no todo ou parte, em seu poder, a que se faz um juro modico.
Para esclarecimentos, João Marques Mósca, solicitador, rua do Almoxarife, e Alvaro Esteves Castanheira, largo da Portagem, Coimbra.

VENDA
8 **Antonio** Henriques Mega e João Ferreira da Costa, vendem os materiaes da Praça de Touros da Mealhada, de que são proprietarios. Quem pretender pôde dirigir-se a qualquer dos annunciantes na Mealhada.

AGUIA D'OURO
FRANCISCO P. MARQUES
7 **Roupas** completas para homem, de 55000 réis para cima!
Alta novidade!

2 **Chegou** nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central
Fernão Pinto da Conceição
GABELLEIREIRO
1 **Grande** sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA
"RESISTENCIA,"
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6
EDITOR
João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)
Com estampilha:
Anno..... 26700
Semestre..... 16350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 26400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.
LIVROS
Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.
Typ. F. França Amado—COIMBRA

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
14 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de corças e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

BICO AUER
LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA
Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.
Encomendas:
a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
99—Rua do Visconde da Luz—103
COIMBRA
Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

Deposito da Fabrica Nacional
DE
BOLACEAS E BISCOITOS
DE
JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO
128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

13 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

MANTEIGA DA CONRARIA
Vende-se no Café Lusitano
COIMBRA
ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
João Gomes Moreira
50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.
Tintas para pinturas: Alvalades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.
Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.
Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.
Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavalorio e cozinha.
Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)
Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro
Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal
Dos mais perfeitos do paiz
Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club
Com estações de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear
Magnificas accommodações desde 15200 réis comprehendendo servico, club, etc. Bonus para medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos.—**Vlagem**—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi a 5 kilometros de estrada de macadam em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy.—Para esclarecimentos:—Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.—Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao agente do Grande Hotel.—As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.
O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do restaurant Club de Lisboa, ficando em rigor os antigos preços.

RESISTENCIA

N.º 140

COIMBRA — Domingo, 21 de junho de 1896

2.º ANNO

O exercito e a monarchia

Na hora tragica do ultimatum, era sobre o exercito que muitos olhos se paravam para lhe dizer que não esquecesse a infamia dos que se vendiam, e a subservencia dos que se curvavam.

Pela voz do povo, nas ruas, era a Patria que fallava a eloquencia grandiosa dos offendidos, rasgando bandeiras, quebrando taboetas, no impulso atavico de heroismos passados.

Era em frente dos quartéis que o povo expoliado pedia vingança nestas palavras: *Morra a Inglaterra, viva a Republica.*

A Inglaterra que tinha sido o punhal, o veneno, a infamia de mil canhões troando sempre que os braganças quizeram suffocar os impetos de justiça, e as audacias de revolta do povo que expoliavam!

Por isso, nessa hora em que a vingança voava, vertiginosa, de coração em coração, com badaladas de rebate e toques impetuosos de guerra, é que o povo se reunia em frente dos quartéis, á sombra da bandeira heroica do nosso exercito, prompto para voar a Africa.

O povo chegava ao delirio em saudações ao exercito; mas, lembrando-se da boa camaradagem do inglês com o bragança, saudava também a Republica.

E o bravo militar português, sentindo a queimar-lhe ainda o sangue as cinzas de Gomes Freire de Andrade, não apontava as armas contra o povo que soltava vivas ardentes á Republica!

É que, se a Inglaterra tinha vilmente assassinado um heroico soldado português, um rei tinha sancionado esse crime!!

Havia, talvez, já então, o contracto da venda do territorio português aos infames ingleses.

Anos passaram e reformas politicas sobrevieram de tal modo attentatorias para a dignidade portuguesa, que dir-se-iam a vingança da Inglaterra executada cobardemente pelos governos de Portugal!!

O ultimatum uniu braganças e ingleses: eram estas duas raças atingidas pelo odio que, em 11 de janeiro, turbilhonava no sangue dos portugueses.

Demais, a esquadra inglesa sulcando as aguas do Tejo, veio confirmar esta união.

Que admira, pois, que, pensando

sobre essa infame alliança o movimento desordenado mas grandioso d'este povo insultado cobardemente em 1890, governos traidores, em Portugal, tenham dado satisfação a ingleses e companhia, na oppressão violenta com que suffocam esta nacionalidade adormecida?

Deve, portanto, o exercito ter sempre presente estas duas datas vergonhosas: *11 de janeiro de 1890 e 30 de maio de 1896.*

Em 1890, insultaram-nos, insultaram o exercito português!

Em 1896, vieram juntar o esgarçamento sobre o insulto!...

Apreciando os serviços prestados ao país pelo actual governo, diz o *Commercio do Porto*:

«Tudo transformou, para tudo derreir. Julgando reedificar, destruiu. Puxando de um gladio flamejante, com o proposito apparente de cortar erros, temperou esse gladio á mercê das proprias conveniencias.

Vejam os: A Constituição foi rasgada para, numa reforma da camara dos pares, feita sem respeito por fórmulas nem por principios, macular a nobreza d'aquella instituição e fazê-la instrumento de baixa politica.

A lei eleitoral foi transformada em um comico artificio, que fez córar de pejo o país inteiro, quando ella ahí se exhibiu em publico.

A reforma administrativa foi, claramente, manifestamente, instrumento de politica, em vez de ser instrumento de administração séria.

Para resolver a questão financeira — que tão seriamente se impõe á consideração do governo e á attenção do país — foram apresentadas medidas que não mereceram mesmo a discussão parlamentar, tão absurdas eram.

Á falta de um plano financeiro e sendo necessario supprir as exigencias do thesouro, o facil recurso do imposto foi o elixir mais uma vez adoptado, sem attenção aos sacrificios, ás desigualdades, que vexam o contribuinte.

Em administração colonial, imprudencia lamentavel, medidas sem plano, de modo que a opinião publica ainda ha pouco soube reconhecer que, se deve muito ao braço do soldado português, nada deve á acção do governo. Essa demonstração da opinião foi bem eloquente; todos a devem ter observado.

O commercio clama por elementos de expansão, a industria mostra-se receosa do seu futuro, a agricultura continua a ser a filha engeitada por esta pobre mãe-patria.

O quadro é profundamente verdadeiro. A tantos males, a tantos desvarios pede o *Commercio do Porto* ao rei que attenda.

Não sabemos se elle lerá o pedido. O que sabemos é que, se o lèr, lhe ligará tanta consideração como a outros que lhe têm sido feitos.

Se tudo tem o governo decretado e praticado para engrandecer o poder real, como é que este poder ha de condemnar o governo?

Com o apoio e applauso da corôa tem o governo feito tudo o que o *Commercio do Porto* diz e muitas coisas mais.

LIBERDADE DE IMPRENSA

Publicamos em seguida a sentença por que o sr. dr. Abel Pereira do Valle, distincto juiz do 3.º districto criminal do Porto, declarou sem effeito a suspensão do nosso prezado collega *O Commercio do Porto*, a que em outro lugar nos referimos e que tão bem recebida foi pelo publico. A importancia e novidade do assumpto sobre que versa legitimam a impressão que causou, e levam-nos a transcrevê-la.

«Tendo sido publicado no n.º 137 do jornal *O Commercio do Porto* uma noticia referente a um attentado anarchista, praticado em Barcellona, o digno commissario geral de policia, considerando o caso comprehendido no artigo 4.º da lei de 13 de fevereiro do corrente anno, mandou intimar o editor do mesmo jornal de que ficava suspensa a publicação e venda d'este, lavrando auto d'esta diligencia, e remetendo-o a este juizo, nos termos e para os effeitos do disposto nos §§ 1.º e 2.º do citado art.

Intimado o editor para dizer o que se lhe offerecesse sobre a referida suspensão, apresentou elle a exposição de fls. em que allegou:

1.º que, sendo obscura a interpretação da citada lei, nunca suppoz que fosse prohibido á imprensa portuguesa dar noticias de attentados anarchistas, praticados no estrangeiro, visto que, a distancia, se torna impossivel reconhecer á primeira vista, se se trata ou não de um facto ou attentado de anarchismo;

2.º que, por outro lado, mal se comprehende como o § 4.º da referida lei possa abranger á simples noticia dos attentados, pois se refere apenas a «occupar-se» d'elles, e que, por certo, isto significa — «fazer critica», fazer obra propria e nunca «transcrever».

3.º que, se não fóra a obscuridade da lei, não teria o jornal praticado o facto arguido, por isso que se presa e sempre se presou de cumpridor da lei e respeitador da auctoridade.

O que tudo visto e ponderado:

Considerando que a citada lei de 13 de fevereiro estabelece, no art. 3.º, que serão julgados em processo ordinario de querrela, mesmo sem intervenção do jury, e escrevendo-se os depoimentos em audiencia, os réus incurso na disposição do art. 15.º da lei de 21 d'abril de 1892, e bem assim os attentados contra as pessoas, como meio de propaganda das doutrinas do anarchismo, ou como consequencia de taes doutrinas;

Considerando que a disposição d'este art.º só alcança evidentemente, os factos nelle previstos, os praticados em Portugal, pois que nenhum país pôde legislar para país estrangeiro;

Considerando que o § 4.º da mesma lei, dispondo que a imprensa não pôde occupar-se de factos ou de attentados de anarchismo, nem dar noticias das diligencias e inqueritos policiaes e dos debates que houver no julgamento dos processos instaurados contra anarchistas, ligado, como se acha, intimamente, com o anterior, como se mostra do contexto dos mesmos, também se refere somente aos factos e attentados de anarchismo, praticados em Portugal, e ás diligencias, inquerito e debates relativos a estes mesmos factos e attentados;

Considerando que o mesmo art. 4.º contém duas disposições prohibitivas quaes são:

1.ª — que a imprensa não poderá «occupar-se» de factos ou attentados de anarchismo;

2.ª — que não poderá «dar noticias» das diligencias, inqueritos policiaes e dos debates no julgamento dos pro-

cessos relativos aquelles factos e attentados;

Considerando que o legislador, empregando, quanto á primeira disposição, a palavra — «occupar-se» — e, quanto á segunda, a expressão — «dar noticia» — não ligou, de certo, aquella a mesma idéa, ou a mesma significação que a esta, pois que, aliás, teria dito simplesmente:

«A imprensa não poderá «dar noticia» de factos ou attentados de anarchismo, nem das diligencias, inqueritos policiaes etc.»

Considerando que o jornal *O Commercio do Porto* se limitou, no numero citado, a dar a noticia do attentado praticado em Barcellona, desacompanhada de critica ou commentarios;

Considerando que o legislador, se quizesse comprehender também os factos ou attentados praticados em países estrangeiros, não deixaria de inserir na lei alguma disposição tendente a evitar a entrada e circulação no reino, de jornaes estrangeiros, em que taes factos costumam vir relatados, sem o que a sua intenção ficaria perfeitamente illudida;

Por quanto fica exposto julgo sem effeito a intimação feita por ordem da auctoridade policial ao editor do jornal de que se tracta.

Intime-se esta ao M. P. e ao referido editor.

Porto, 18 de junho de 1896 (assignado) *Abel Pereira do Valle*.

O *Correio da Manhã*, que, como se sabe, foi supprimido por causa da noticia referente aos acontecimentos de Barcellona, reaparece hoje com o titulo *O Correio da Manhã*, successor do periodico fundado por Manuel Pinheiro Chagas.

E promete continuar a defender o governo, que supprimiu o seu antecessor. Por ora não tem desejos de se tornar verdugo.

Partiu sexta feira passada no *Kangler*, para Moçambique, a expedição de cavallaria, que vai bater os namarraes, apoiando as forças da metropole que já alli se encontram num effectivo de 300 homens.

O país dos namarraes, que fica fronteiro á ilha de Moçambique, faz parte do districto de Moçambique.

Tem esse país três regulos que nunca aceitaram ao mesmo tempo o dominio português. Quando dois estão pacificos, revolta-se o terceiro, sendo assim nominal a soberania que alli exercemos.

O regulo que agora se revoltou foi Moraiz, o mais terrivel dos três, porque dispõe de grandes forças.

Entré os varios pretendentes á administração do concelho da Figueira da Foz, consta-nos que será preferido pelo sr. João Franco o sr. Julio Palmeirim.

O correspondente telegraphico do Porto para um jornal de Lisboa informa que não fóra transmittido um telegramma em que se noticia que o juiz Martins Costa levantára a suspensão ao *Jornal de Noticias*.

Pensando muito sobre o motivo determinante de tal facto chegamos á conclusão de que a sentença do digno juiz foi considerada como anarchista. Que não é possivel descobrir outro.

Ao país

Eis o protesto que a Associação dos jornalistas e homens de letras do Porto acaba de publicar:

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto delibera manifestar ao país o seu desgosto perante as medidas policiaes ultimamente postas em execução contra diversos periodicos, e protestar ao mesmo tempo contra o intuito que de ha annos a esta parte, numa série de actos governativos, vem cerceando os direitos de imprensa.

Procedendo d'este modo, a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto cumpre o seu dever. Impunha-lh'o o seu estatuto, encarregando-a de reivindicar a justa consideração devida ao jornalismo, e satisfaz o compromisso tomado com a memoria do grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, em honra de quem se instituiu esta Associação. Não ha, por certo, agora meio de honrar melhor a vibrante penna que fez do *Espectro* e da *Revolução de Setembro* duas sentinellas da liberdade do que protestando vivamente contra a pressão e a violencia que pretendem abafar-nos o pensamento.

Tempo houve em que, tratados como homens livres e dignos, se nos reconhecia o direito de pensar, ao mesmo tempo que o de expôr as nossas idéas e de exercer a critica. A Carta Constitucional era bem expressa dizendo que todos podiam comunicar os seus pensamentos por palavras e escriptos e publicá-los pela imprensa, independentemente de censura, comtanto que houvessem de responder pelos abusos que commettessem no exercicio d'este direito, nos casos e pela forma determinada na lei. Era a maxima liberdade com a responsabilidade correspondente; nem outra coisa havia a esperar de uma Constituição liberal. O jornalista não tinha o direito de queixar-se quando infringisse a lei, porque se sabia o que esta era; mas exercia tranquillamente a alta missão social destinada á imprensa, confiado em que a Constituição do seu país permitia, como a todo e qualquer cidadão, praticar o que por lei não era prohibido; porque as leis não tinham effeito retroactivo; porque ninguém podia ser sentenciado senão em virtude de uma lei anterior e na forma por ella prescripta. Tudo isto dizia e parece que ainda diz a Carta Constitucional da Monarchia Portuguesa.

Como esse tempo vai longe, e como é também distante a epocha em que entre nós se creava um tribunal chamado *Protecção á Imprensa*! A lei de 1834 concedia ao jornalista um conselho formado por homens bons para conhecerem da existencia dos seus presumidos delictos e em seguida o jury para avaliar da sua responsabilidade. O jornalista continuava, pois, escudado pela Carta Constitucional, porque era ella que declarava que os jurados se teriam de pronunciar sobre os factos delictuosos, cabendo simplesmente aos juizes a applicação da lei. Mas em 1840 já a imprensa era vista com maus olhos; passaram mais dez annos e surgiu a chamada lei das rôlhas. Vae neste epitheto o seu espirito. O jury, porém, continuava de pé nos delictos de imprensa.

Com a lei de 17 de maio de 1866 pôde o jornalista resfolegar um pouco. Por ella ficaram abolidas todas as cações e restricções até então estabelecidas para a imprensa periodica; era permitida a discussão e critica das disposições tanto da lei fundamental do Estado como das outras leis, com o fim de esclarecer e preparar a opinião publica para as reformas necessarias pelos tramites legais e no artigo 14.º declarava-se expressamente

que a imprensa não poderia occupar-se de factos ou attentados de anarchismo, nem dar noticias das diligencias, inqueritos policiaes e dos debates no julgamento dos pro-

que fóra dos casos de falta de habilitação legal de alguma folha ou de suspensão das garantias constitucionaes, não podia ser suspenso qualquer periodico ou outra publicação.

Depois d'isto, a imprensa continuou sendo um dos factores mais importantes do progresso social; os tratadistas de direito publico continuaram a ver nella uma das forças mais attendiveis no governo dos povos, como preparo, esclarecimento e guia da opinião publica; o nosso país continuou sendo uma monarchia baseada na mesma Carta Constitucional; mas veiu o decreto de Lopo Vaz, em 29 de março 1890, e aos delictos de imprensa tirou o jury, garantia da liberdade, não se importando com a Carta; reduziu, é certo, uma penalidade da lei de 17 de maio de 1866, mas — *timeo Danaos et dona ferentes* — nunca os jornalistas foram tão vexados como sob o regimen d'esse odioso decreto, nunca soffreram como desde 1890 penas tão graves de cadeia e tão pesadas multas. A suspensão e a suppressão dos jornaes tornaram-se factos e o jornalismo passou a ser uma instituição vivendo quasi apenas da tolerancia da auctoridade.

Estava, porém, reservada mais extraordinaria época a liberdade de pensamento e da imprensa. Agora já a lei entra na casa do cidadão a perguntar quaes as doutrinas que elle, sem publicidade, no meio dos seus, professa sobre o estado social; julgou se pouco opprimir, calcar, a imprensa periodica, e já a lei se volta contra o pamphleto, o livro e o folheto. A auctoridade tem moior amplitude para suspender jornaes, e assim é que neste país se está assistindo á grave, antipathica e injustissima anomalia de auctoridade policial suspender diversas folhas noticiosas de Lisboa e nesta cidade *O Commercio do Porto*, *Jornal de Noticias* e *A Palavra*, porque resumidamente, sem alarma, trasladaram de jornaes estrangeiros noticias de factos que elles narrram mudamente, sem que ninguém neste país ainda se lembrasse de lhes impedir a circulação.

Isto faz-se em virtude de uma lei! E esta lei vai até punir factos antes d'ella praticados, de modo que era preciso adivinha-la para a respeitar, assim como era preciso acreditar que os altos poderes publicos haviam de lançar a um completo desprezo o § 2.º do artigo 145.º da nossa Constituição, onde se estabelece a não retroactividade legal, para prevêr que tal lei havia um dia de ser lei neste maldadado país.

No emtanto parece que tudo isto ainda era pouco, porque na cidade de Lisboa acaba de applicar-se aos jornaes *A Vanguarda*, *O Paiz* e *O Bero* a censura prévia que nenhuma lei ousou ainda formular.

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras não inquire sob que bandeira militam os jornaes censurados, não pergunta mesmo qual o assumpto dos artigos que a censura trunçou. A liberdade é de todos. Mas o que a Associação dos Jornalistas pergunta é para que existe o § 3.º do artigo 145.º da Carta Constitucional? Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras e escriptos e publica-los pela imprensa sem dependencia de censura. Diz isto a lei fundamental do nosso país, e é a policia com a annuencia do governo que cerca em repetidas noites as redacções dos jornaes alludidos e não os deixa correr sem que ella os reveja e os mutile a seu bel-prazer?! Aonde chegaremos?

Portuguezes, a vós se dirige a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, porque no vosso espirito estão firmemente radicadas as idéas de liberdade e de justiça. Aos poderes publicos já por mais de uma vez se dirigiu esta Associação, pedindo a reforma da lei de imprensa num sentido liberal e digno da missão do jornalista; no parlamento, mais do que uma voz se ergueu pedindo a mesma reforma; prometida foi ella, mas não ha meio de a alcançar. Surgem agora de toda a parte as reclamações dos jornalistas, lembrando a promessa feita, e o governo cala, e sente-se continuar a pressão e funcionar a censura. Para que, em taes condições, ir mais uma vez perante os poderes publicos reclamar aquillo que não querem ouvir e parecem apostados a não conceder?

Mas nem por isso hão de passar despercebidos os attentados commettidos contra a imprensa portugueza. O país também é poder, e poder supremo. Perante elle a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto protesta contra o cerceamento que se está fazendo á liberdade, contra a idéa que vem abafando a discussão e a critica e que talvez para amanhã se aprompte a lavrar um decreto que declare em Portugal abolida a imprensa.

Porto, em sessão da assembléa geral, 16 de junho de 1896 — Antonio Joaquim Ferreira da Silva (dr.), presidente; Oliveira Passos, 1.º secretario; Jayme Filinto, 2.º secretario; A. A. Cdlem Junior, A. de Sequeira Ferraz, Acacio Pereira, Adolpho Portella, Adriano Anthero de Sousa Pinto (dr.), Alberto Bessa, Alberto Correia, Alfredo de Mattos Angra, Alvarim Pimenta, Annibal de Moraes, Antonio A. Chaves de Oliveira (dr.), Antonio Cruz, Antonio Maria Lopes Teixeira, Arnaldo de Lacerda, Arthur Agueiro (dr.), Bento Carqueja, Bernardo Lucas (dr.), Bruno Telles de Menezes Vasconcellos, Camara Lima, Carlos Affonso, Catão Simões, Eduardo de Sousa, Eduardo Sequeira, Elycio de Castro (dr.), Francisco de Sousa Carqueja, Francisco de Sousa Ferraz e Mello, Francisco Lopes Guimarães, Francisco Loureiro de Sousa, Gualdino de Campos, Guedes de Oliveira, Heliodoro Salgado, Henrique Carlos de Meirelles Kentall, Henrique Carlos de Miranda (dr.), J. A. Sousa Moreira, João de Oliveira Ramos, João Pereira Vidal (padre), Joaquim de Lemos, Joaquim Maria Pinto, Joaquim Pacheco, José Antonio Moreira dos Santos (dr.), José Bessa de Carvalho (dr.), José Dias de Almeida Junior (dr.), José Diogo Arroyo (conselheiro), José Nunes da Ponte (dr.), José Joaquim da Silva Bravo, José Pereira de Sampaio, José Victorino Ribeiro, Julio de Mattos (dr.), Julio de Oliveira, Julio Gama, Julio Lobato, Julio Lourenço Pinto (conselheiro), Luiz Botelho, Luiz Carqueja, Luiz de Freitas Viegas (dr.), Magalhães Lemos (dr.), Manuel Maria Rodrigues, Marcos Guedes, Maximiano de Lemos (dr.), Oliveira Alvarenga, Paulo Marcelino Dias de Freitas (dr.), Ricardo Jorge (dr.).

Dr. Augusto Cymbron

Partiu ante-hontem para Lisboa, d'onde seguiu hontem para os Açores, este nosso amigo e valioso correligionario.

Feliz viagem.

Um jornal, que defendeu até ha poucos meses o governo e que iniciou o combate contra elle mediante combinação prévia, diz que não tem havido desintelligencias entre os ministros porque as não pôde haver onde não ha intelligencias.

Verdadeiro e logico.

Esteve em Coimbra, de visita a seu filho, o nosso prezado amigo e distincto professor da Eschola Medica do Porto, sr. dr. Antonio d'Oliveira Monteiro.

Cuba

As ultimas noticias acerca de Cuba são verdadeiramente alarmantes para a Hespanha. Consta que as duas expedições *Laurada*, sob o commando do general Ruy, e *Three Friends*, sob o commando de Portuondo, desembarcaram em Cuba sem que lhes fosse opposto obstaculo algum, e que Enrique Collazo transpoz a linha militar de Mariel e effeituara a sua junção com Maceo, achando-se Maximo Gomez ás portas da Habana.

Por outro lado, a febre amarella e a variola dizimam d'um modo assustador o exercito hespanhol, que não pôde atacar os insurrectos em virtude das chuvas torrencias.

Em que tristes aventuras a monarchia lançou a Hespanha!

Carta de Lisboa

Lisboa, 19 de junho de 1896.

A Associação dos Jornalistas de Lisboa vai publicar um protesto contra os ataques do governo á liberdade de imprensa.

Não discuto esse seu direito e quero mesmo fazer justiça ás suas intenções.

O protesto receberá as assignaturas dos homens de letras e dos jornalistas que o quizerem subscrever.

Eu não o assigno.

Primeiro não sou propriamente jornalista; a minha profissão é a advocacia.

Bem sei que ser advogado não é incompativel com o facto de escrever em jornaes. Professores, diplomados em varios cursos collaboram na imprensa.

Eu sou um collaborador em dois jornaes que fazem o favor de aceitar os meus escriptos. Mas não escrevo senão onde quero.

Não sou um profissional, portanto.

Homem de letras, ai de mim, não o sou também. Perdi essa aspiração, que foi a mais encantadora de toda a minha mocidade.

Todavia dizem-me que eu devia assignar o protesto, porquanto, crevendo um dia ou todos os dias, preciso de afirmar a minha opinião sobre os attentados á liberdade de pensamento. Nesse ponto direi que concordo e acrescento que um protesto d'esses deve ser subscripto por todos os cidadãos dignos d'este nome.

Porque não o assigno então?

Eu explico.

Antes de tudo esclareço, para prevenir melindres, que não censuro, porque não posso nem devo, quem assigna o protesto em questão. Vejo nomes que merecem a minha sympathia.

Mas o meu criterio é este:

Eu filio todos os acontecimentos passados e presentes na existencia da monarchia.

Republicano por dignidade pessoal e por convicção scientifica, eu sou-o igualmente pela observação dos factos passados no meu país. Por isso, além de republicano sou revolucionario, sou inimigo dos homens que defendem, servem ou toleram a monarchia.

Ora no manifesto ha nomes de monarchicos e eu, embora por alguns tenha sympathia pessoal, não desejo com elles a minima solidariedade politica.

Succede que muitos dos jornaes que protestam, não raras vezes têm applaudido perseguições contra republicanos. Mas, quando tal não houvesse acontecido, bastava que defendessem a monarchia para eu os considerar inimigos.

Observam-me que o principio da liberdade de imprensa é patrimonio de todos e contra a sua violação devem protestar todos. Pois sim. Mas eu derivo essa violação dos actos da monarchia e portanto devo protestar, antes de tudo, contra a mesma monarchia.

Tenho além d'isso outro motivo que me determina a proceder assim:

No dia em que saí a lei de imprensa de Lopo Vaz, estava eu em Lisboa, passando umas férias. Collaborava na *Patria*. O sr. Ennes escrevia então no *Dia*, obedecendo a um jacobinismo cor-de-rosa. Era tomado a sério, principalmente pelos rapazes, sempre ingenuos porque têm a consciencia limpa.

Hygino de Sousa pediu-me, e a outro rapaz que é professor de uma eschola superior, que fosse consultar Ennes sobre o que se devia fazer. Eu não conhecia Ennes. O meu companheiro conhecia-o.

Fallámos-lhe. O resumo das suas palavras é este: — «É necessario uma nova *Maria da Fonte*, para reconquistar a liberdade com as armas na mão!»

Tempo depois foi querellado um artigo meu na *Patria*.

Quando Ennes era ministro fui para a cadeia.

Quando Ennes era ministro fizeram-se os tribunales de Leixões.

Ora Ennes foi um caso novo para mim. Quando o contei a alguém mais velho do que eu, recebi uma gargalhada.

Ennes é de todos os tempos. Dentro da monarchia é simplesmente um dos numerosos exploradores que invocam a liberdade na opposição e nos dão bordoadas quando no governo.

De resto são logicos: nós atacamos quem os sustenta, elles defendem-se dos nossos ataques.

Por isso os considero como os devem considerar todos os republicanos: inimigos!

×

Agora mais. Assignei o manifesto dos estudantes republicanos em 1890.

Esse documento, o mais audacioso e intransigente de quantos foram publicados em Portugal, tornou quem o mantém, como eu e muitos outros, incompativel com os monarchicos em qualquer procedimento politico que não seja combater abertamente a monarchia.

×

Certamente algum partidario dos protestos legaes terá vontade de dizer que eu sinto medo.

Pondo de parte agora o commettario *physico* a tal affirmação, eu, imaginando essa hypothese, direi na outra carta que protesto assignaria.

João de Menezes.

A proposito da chegada do sr. visconde do Banho, *O Popular* conta o seguinte:

«Um dos grupos regeneradores de Coimbra, satisfeito com a nomeação do sr. Visconde do Banho para governador civil do districto, resolveu fazer-lhe uma manifestação á sua chegada. Encasacaram-se, alugaram trens, ajustaram uma philarmonica, compraram os foguetes e, quando iam em marcha para a estação, souberam que naquella dia não havia banho e voltaram para suas casas a despirem as casacas. Se fóra em Lisboa teria ali andado o dedo do sr. juiz Veiga».

Não andou o do Veiga, mas andou o do Ferrão, que foi quem teve as honras do telegramma contra-annuncio.

A rua da Ilha está intransitavel. Pedimos providencias á ex.^{ma} camara municipal.

Morticínio em Tunis

Está confirmado o boato de que o marquês de Morés foi trucidado com 35 homens no sul da Tripolitana, provavelmente pela tribu dos senussis.

Faltam, porém, pormenores.

Nós damos este telegramma a medo. Póde ser algum attentado dos aquelles. E embora sejam, sem duvida, estrangeiros, nunca fiando,

SUPPRESSÃO DOS JORNAES

Pelo juizo do 3.º districto criminal do Porto foi julgada sem effeito a suspensão do nosso prezado collega *O Commercio do Porto*, que havia sido ordenada pela auctoridade policial. O digno juiz d'esse districto e o do 1.º districto criminal são de parecer que a lei de 13 de fevereiro de 1896 não é applicavel aos crimes anarchistas perpetrados em país estrangeiro.

Não entraremos na analyse das razões juridicas em que se baseiam. Havendo impugnado as disposições da lei contra os anarchistas, que sempre consideramos absurda, designadamente na parte respeitante á imprensa, e sendo convictos propugnadores da liberdade d'esta poderosissima instituição, não podemos deixar de acolher sympathicamente todas as limitações que a jurisprudencia, distinguindo ou attendendo nos effectos que da sua applicação rigorosa derivem, imponha a essa lei.

E também nos é grato declarar aqui que mais se eleva essa sympathia quando, em virtude de taes limitações, é conservada a existencia d'um dos orgãos mais sérios e illustrados da imprensa portugueza, como é indiscutivelmente *O Commercio do Porto*, cuja redacção sinceramente felicitamos.

É de lamentar, porém, que não fosse harmonico o procedimento do poder judicial em Lisboa e no Porto, sendo exactamente da mesma natureza os factos que motivaram a suppressão dos jornaes pela policia, cuja medida foi sujeita á sua apreciação. É completamente injustificavel que haja na realidade, sobre o regimen da imprensa, uma lei para Lisboa e outra para o Porto.

D'este facto não cabe propriamente a responsabilidade ao poder judicial, mas ao governo que propõe, ao parlamento que decreta e ao rei que sanciona medidas absurdas, porque de principios absurdos só consequencias absurdas se podem deduzir. Ainda assim, não póde elle deixar de affectar no seu prestigio o poder judicial, contribuindo para augmentar a anarchia que por ali lavra e que tudo avassalla.

É um varrer de feira completo e acabado.

Assassinato de uma baroneza

Os jornaes de Paris trazem extensos pormenores acerca de um assassinato commettido terça feira ultima na rua de Ponthièvre e de que foi victima a baroneza de Valley, uma senhora octogenária, muito excentrica, riquissima, que não tinha para a servir mais que uma mulher de recado, sendo os seus unicos companheiros dois cães.

A baroneza vivia o mais mesquinhamente possivel. No andar em que morava, quasi que não havia mobilia. Quando a policia, avisada pela mulher de recados, se apresentou em casa, encontrou a victima estendida no leito com os pés atados e os pulsos cobertos de echimos-es, que revelavam a energia com que a velha senhora luctou antes de succumbir.

A infeliz morreu estrangulada; tinha um lenço na bocca, como que a servir de mordaza, e a hemorragia pelo nariz fóra tão abundante que estavam os travesseiros cheios de sangue.

A policia já prendeu alguns individuos que julga serem auctores ou cúmplices no crime.

Ainda não se sabe precisamente qual o valor do roubo.

Sabe-se que tinha contas correntes com varios banqueiros, que emprestava dinheiro com grandes juros, que era emfim uma verdadeira usuraria.

Apenas tinha dois parentes, um medico e um romancista.

UNIVERSIDADE

Nos dias 19 e 20 fizeram acto e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Theologia

1.º anno — Antonio Manuel Pereira Ribeiro, e Apollino Augusto Marques.
2.º anno — Alvaro José d'Abreu.
3.º anno — Alfredo de Moraes Almeida.
4.º anno — Antonio Ferreira Pinto, Antonio Mourato Themudo.

Faculdade de Direito

1.º anno — Abel de Mesquita Guimarães, José d'Assis Coelho, José Augusto de Paula Nogueira, José Cesar de Carvalho Pinto Coelho Valle e Vasconcelos, José Correia Nunes Junior, e José Cosmelli Cancellia.
2.º anno — Francisco Antunes de Mendonça Junior, Possidonio Mathews Laranjo Coelho, Francisco da Costa Pinto, Francisco Eugenio de Mello e Mattos, Francisco Fernandes Duarte, Francisco de Sousa Franco, Gaspar de Abreu de Lima e Heitor da Cunha Oliveira Martins.

3.º anno — Eduardo de Sequeira Oliveira, Eugenio de Carvalho e Silva, Fausto José dos Santos, Francisco da Costa Borges da Gama, Francisco Fausto Guedes Gavicho e Francisco Maria Peixoto Vieira.
Houve uma reprovação.

4.º anno — Antonio de Sousa Ribeiro, Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, Augusto Frederico de Moraes Cerveira e Augusto Luiz Vieira Soares.
5.º anno — Augusto Fernandes Correia, Abel Pereira d'Andrade, Augusto Lopes Mendes e Silva, e Augusto d'Oliveira Coimbra.
Houve uma reprovação.

Faculdade de Medicina

1.º anno — Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior, Joaquim José d'Abreu, José Augusto Duarte.
Houve uma reprovação.

2.º anno — Bellarmino Augusto Pereira de Abreu e Sousa, Ernesto Redolpho Alves de Castro, Eugenio Pereira de Castro Caldas, e D. Fernando de Almeida.
3.º anno — Albano Baptista Taurede de Sousa, José Avelino de Paiva Pinheiro, Antonio Maria Dias Milheirico, e Francisco d'Ascenção Ramos.

4.º anno — Francisco Diniz de Carvalho, Gualdino Antonio de Queiroz e Mello, João dos Santos Jacob, e João da Silva Lino.

Faculdade de Mathematica

5.º anno — Pedro Joyce Diniz.

1.ª cadeira (Chymica inorganica) — Antonio Luiz Pestana, Eugenio Augusto Sampaio Duarte, Carlos dos Santos Natividade, Abilio Augusto Ferreira de Magalhães.

2.ª cadeira (Chymica organica e analyse chimica) — João Antunes Guimarães.

Houve três reprovações.
4.ª cadeira (Botanica) — Diogo Domingues Peres, Fortunato Alfredo Pitta, Rodrigo de Barros Teixeira dos Reis, Antonio Alexandre Ferreira Fontes, Fernando Affonso Leal Gonçalves, José Guilherme Pacheco de Miranda, Joaquim José Luiz Fernandes.

5.ª cadeira (Physica, 2.ª parte) — Luiz Caetano Guimarães Junior, José Joaquim Pereira dos Santos Motta, Antonio Maria de Soveral, Antonio Martins Lobo, Armando Augusto Leal Gonçalves, Arsenio Guilherme Botelho de Sousa.

Cadeira de desenho. (Curso mathematico, 2.º anno) — Alvaro Colea Godinho, Antonio Francisco de Sousa, Carlos de Carvalho Braga, Eugenio Trajano de Bastos Guedes, Francisco Honorato de Sousa Vaz, João Salema de Sousa Abreu Gouveia, Faria Carvalho Pereira, José Collago Alves Sobral, Alberto Augusto das Neves Rocha, Rodrigo Affonso Alves de Sousa, Pedro Paulo Bon de Sousa, João Ribeiro Braga, Antonio Roxanes de Carvalho Junior.

Desistiu um alumno do acto.

Desaffronta

No fim d'este mês apparece á venda a 2.ª edição d'este livro do nosso querido amigo dr. Antonio José d'Almeida.

De ha muito que está exgotada a 1.ª edição.

Para satisfazer aos pedidos que lhe têm sido feitos e attendendo a que o livro d'aquelle bom amigo é sempre opportuno, resolveu o editor fazer nova edição que será acompanhada do tracto do auctor, em phototypia. A edição é da livreria Moderna.

Foi eleito deputado por Milão, o socialista Turati. Esta eleição causou impressão nos circulos parlamentares.

Todos os partidos monarchicos achavam-se colligados para impedir a victoria d'aquelle candidato.

Syndicatos Agricolas de Montemor-o-Velho

Recebemos d'esta utilissima instituição os seus estatutos e os boletins que tem publicado.

Os fins do Syndicatos Agricolas, são em promover a instrução agricola; facilitar aos socios a aquisição de adubos, sementes, machinas ou alfaias agricolas para seu uso, e adquirir-las directamente para uso commum dos socios; e adquirir tambem

para o mesmo uso animaes reproductores; procurar mercador para os productos agricolas dos socios; provêr á segurança da propriedade rural pela criação d'um corpo de guardas; executar e promover ensaios de culturas, de adubos, de machinas e instrumentos aperfeiçoados e de quaesquer meios tendentes a facilitar o trabalho, reduzir os preços de custo e augmentar a produção; estadar todas as medidas economicas ou reformas de legislação, bem como melhoramentos de ordem material que possam interessar a agricultura; promover entre os seus socios a criação de sociedades e instituições economicas e de credito, seguros mutuos de gado e de colheitas, e tudo o que seja a bem dos seus interesses.

Por este simples extracto, porque não podemos apresentar nesta simples noticia todas as disposições benemerentes que naquelles estatutos se encontram, se vê que somma enorme de beneficios e de incontestaveis e altas vantagens hão de derivar para a agricultura d'aquella região, da acção intelligente e patriótica do Syndicatos Agricolas de Montemor-o-Velho.

Util e indispensavel seria que no país se propagasse a idéa, de resultados economicos considerabilissimos, de se crearem instituições d'esta natureza. São vantagens particulares, que se hão de traduzir num incontestavel beneficio nacional.

Estão de prevenção para seguirem á primeira ordem para o ultramar os regimentos de infantaria 4 e caçadores 5.

O que haverá? Do bom timo administrativo do governo e dos seus delegados ha tudo a esperar.

O sr. Emil Ioch, um dos mais illustrados e prestimosos professores da escola industrial Brotero, requereu ao governo a rescisão do seu contracto e tenciona ausentar-se para o seu país.

Lamentamos uma tal resolução, porque é pelo esforço de homens, como o sr. Ioch, d'uma tão elevada competencia e intelligente dedicação profissional, que as escolas poderão progredir e produzir os beneficios correspondentes aos one-

ros sacrificios que custam ao thesouro publico, quando os governos se disporem a encarar estas instituições como fontes de recursos poderosos para a reorganisação economica do país.

Arthur Caldeira

Chegou a Coimbra, acompanhado de suas ex.ª esposa e sogra, este nosso velho amigo e correligionario.

De volta do Brasil, vem disposto a continuar a sua vida academica estando sempre ao lado dos republicanos, como em 31 de Janeiro.

Um apertado abraço pelo seu regresso.

Chegou na sexta feira a esta cidade o sr. visconde do Banho, que nesse mesmo dia tomou posse do logar de governador civil.

Teve espera na estação, onde vimos o sr. dr. Luiz Pereira da Costa acompanhado de todos os vereadores, os cinco medicos dos partidos municipaes, o secretario geral e alguns commerciantes, que o acompanharam em trens até ao governo civil.

De trinta e quatro trens, dois iam sem pessoa alguma.

Explicando o motivo por que foi esperado por tanta gente, diz o *Tribuna Popular* que não era conhecido em Coimbra.

Alguns jornaes noticiam que foi eleito socio effectivo do Instituto de Coimbra o nosso prezadissimo correligionario e venerando decano dos jornalistas portugueses sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Que nos conste, ha da parte da direcção do Instituto a idéa de propôr a sua candidatura, que sem duvida será bem recebida.

Nada mais.

O sr. Bispo-Conde acaba de publicar os discursos que proferiu na inauguração do museu de antiguidades do Instituto de Coimbra, em 26 de abril de 1896, a que já em tempo nos referimos, e na Real Academia de Historia de Madrid, no dia 5 de junho corrente.

Agradecemos os exemplares que teve a amabilidade de nos offerecer.

Pedimos ao sr. director das obras publicas do districto, se este nosso pedido não é impertinente, que sempre de tempo mande tapar umas fendas que ha nos passeios da ponte sobre o Mondego, a Portagem, porque as creanças que alli passam correm o perigo de quebrar alguma perna ou torcer algum pé.

Se não houver dinheiro que chegue

reus não têm descaçado, mas até este momento, nada se conseguiu.

— Continuae as pesquisas, disse Villedieu, quanto a ti, dá-me o prazer de entrar um instante no compartimento aqui ao lado.

Quando Lebigot sahio, M. de Villedieu continuou:

— É necessario deixar por um momento tranquillo M. Durand. Deixa que eu despeça Lebigot, pois seria prejudicial se elle soubesse que eu estou sem dinheiro. Que elle sempre bem a sabê-lo no dia da venda, mas nós dar-lhe-hemos como razão, por exemplo, que deixamos Paris. Desejo saber se pôdes encarregar-te da venda da mobilia que, juntamente com as carroagens e cavallos, produzirá, calculando por baixo, 100:000 francos ou antes 60 a 80:000. Poderás encarregar-te de dirigir este negocio? No dia da venda estarei presente, mas não é conveniente que eu trate d'isso.

— Eu encarrego-me de tudo. Mas terás de me dar uma commissão?

— Isso nem é preciso dizê-lo.

— Contracto concluido.

— Feita a venda, trataremos d'outro negocio... Mas, para o tractar devo chamar Lebigot.

M. de Villedieu chamou-o.

— Tu por certo que procuraste ouvir a nossa conversa, mas perdeste o tempo, porque as paredes dos compartimentos da casa são surdas.

— Estaes enganado, eu não procu-

para compra de meia duzia de taboas, que substitua as que se estão a desfazer, nós abriremos uma subscrição. O que se torna urgente é que o sr. Frazão tenha olhos para vêr o estado vergonhoso em que estão os passeios da ponte a que nos referimos, e ouvidos para ouvir as queixas que porahi se levantam.

Supressão de jornaes

O juiz do 2.º districto criminal do Porto, dr. Margarido Pacheco, confirmou a suspensão do jornal *A Palavra*. Que baralhada está motivando a absurda lei contra os anarchistas.

Bibliographia

Revista das Escolas — Semanario dedicado ás familias e ao professorado, que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Antonio de Mesquita.
Recebemos o n.º 17 correspondente a 14 de junho.

Amores Criminosos — Sensacional romance dramatico illustrado, original de Jorge Agremon.
Recebemos o 2.º fasciulo que se acha em distribuição.

Agradecimento

José Cardoso Figueiredo Nogueira, profundamente reconhecido a todas as pessoas que o visitaram e se interessaram pelas suas melhoras, durante a grave doença que soffreu; e não podendo, como era seu dever, agradecer tantas provas de estima e consideração que immerecidamente recebeu, vem por este meio testemunhar a todos a sua eterna gratidão.

Coimbra, 18 de junho de 1896.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 1,000 REIS

Á venda na Imprensa da Universidade.

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(Psychologia individual e collectiva)

4 vol. de 429 pag., 600 reis

Á venda na livreria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

rei ouvir coisa alguma, mas, se a tivesse ouvido, sabels perfeitamente que nós nunca commettemos uma indiscrição.

— Sim, mas algumas vezes aproveitei-vos das indiscrições dos outros. Senta-te. Tu tens mais relações, pae Lebigot, com homens seguros e convenientes.

— Isso é uma honra que quereis dispensar-me.

— Necessito de pessoas elegantes, da alta roda.

— Quantas?

— Três.

— Posso fornecer-vos-las.

— Mais dois creados promptos e munidos de livretes com excellentes informações.

— Tenho-as. Quanto ganharei?

— Um milhão.

— Fallaes sério?, disse Lebigot, cujos olhos brilharam de cubiça.

— Sim.

— Tereis tudo o que desejais.

— Ha um perigo.

— Isso não importa.

— É necessario que os dois creados se introduzam na praça. Nós iremos depois. Ha cofres a forçar e provavelmente dois individuos a...

— Quem commandará?

— Eu.

— Oh! então, não tem duvida. Vamos tornar a trabalhar juntos! Comtigo tudo se acaba bem!

(Continúa)

11 Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

VI

O que uma mulher pôde pensar graoejando com um homem

— Eu sempre sou muito egoista, faço-vos pagar o aluguer da habitação obrigando-vos a trabalhar para mim.

— Olá! senhor, o que estaes para ahí a dizer?

— Que me magda vêr os vossos delicados dedos correr sobre um tão grosseiro estôfo, assim como me desconsola vêr-vos cozinhar.

— Oh! senhor, eu fui educada para os trabalhos de casa. Nada receeis, pois, peço-vos-lo, e não me elogiéis as mãos que são muito deselegantes, juro-vos-lo. Senão vêde.

— São divinas.

— Tomae cautella! tornaes-vos banal.

— Não, senhora, isto não são cumprimentos digo apenas o que sinto. Se vos dissesse amabilidades, tomar-me-hias por um namorado, ou não me julgarias sincero, e estas duas coisas são igualmente contrarias á verdade. Mas, para evitar que cozinheis hoje, como não gosto que uma senhora faça o

que eu posso fazer, vou pôr o aveltal e confeccionar a nossa refeição.

— Ah! não, senhor, eu tenho mais confiança em mim do que em vós para a preparação do nosso jantar. A unica coisa que eu consinto que façaes hoje, como nos outros dias, é o officio de ajudante da cozinha.

Desceram ambos rindo, e foram cozinhar as provisões, como faziam de ordinario. Sentaram-se alegremente á meza. Dir-se-hia que M. de Villedieu e M. Luciano Gribbeauval tinham vivido toda a sua vida juntos, e que a sua missão neste mundo era gozar as delicias do lar domestico até ao fim dos seus dias.

— Sinto-me tão feliz, exclamou M. de Villedieu, que chego a esquecer meu marido! Recelo até receber qual-quer carta de meu tio convidando-me a ir juntar-me com elle.

E no fundo do seu pensamento M. de Villedieu, accrescentou:

— Se eu tivesse M. Luciano Gribbeauval por marido, que existencia radiosa eu não passaria, como eu o havia de amar!

VII

Projectos terriveis

— Vejamos Hermann, disse Villedieu, até que ponto levas os teus escrúpulos?

— Que queres dizer com isso?

— Não me levas a mal?

— Não.

— Terás coragem para matar?

— Isso é conforme. Já te tenho dito por varias vezes que a minha conduto é regulada pelo codigo.

M. de Villedieu sentou-se, e, cruzando as pernas sobre a meza á moda Yankee:

— Meu caro, eu sei que M. Durand está em Italia. Aonde? ignoro-o, mas encontra-lo-hão. O bandoleirismo floresce alli neste momento. Se não és homem para operar por ti proprio, saberás ao menos encontrar bandidos que, por algumas centenas de francos, se encarregarão de supprimir a minha familia.

— Eu posso arranjar isso.

— Veremos se será preciso atacar M. Durand.

— Isso depende-se da maneira como se arranjam os outros negocios. O pae Lebigot não tarda a chegar. Se M. de Villedieu fór encontrada, partirás immediatamente. Se o não fór... avisarei.

Istantes depois, entrou o pae Lebigot.

— Nada, disse elle.

— Imbecil!, exclamou Villedieu.

— Imbecil! Imbecil! és tu, meu principe, disse Lebigot. Julgas as coisas muito facilis! Pela quantia avultada que offereceste pôdes bem calcular o que nós faríamos para a merecer. Continuam a procura-la, e os nossos ami-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear.

Magnificas accomodações desde 1\$200 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao gerente da Companhia do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do Restaurant Club de Lisboa, ficando em vigor os antigos preços. Ha tambem boas casas mobiladas para alugar.

Filtro-Mallié

de porcellana d'amiantho

Esterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flóres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

17 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 5 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de 500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz esverdeada e nenhuma economia.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso veroizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machiões para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

16 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Marçano

15 Precisa-se com um ou dois annos de pratica, de mercearia.

FIGUEIRA DA FOZ

Adriano Dias Barata Salgueiro

Alfinete

14 Perdeu-se um desde Luso até esta cidade. E' de ouro, quadrado e crivado de pequenos brilhantes.

Pede-se a quem o achasse o favor de o entregar na rua de Ferreira Borges, n.º 50 e 52, onde será gratificado.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.354:000\$000
Fundo de reserva... 241:000\$000

SEDE EM LISBOA

13 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

Charutos "Confianza"

Papelaria Central

Arrendam-se

12 Dois andares e o sotão de uma casa sita na praça do Commercio. Trata-se no mesmo local n.º 32 e 33.

Loja da China

Ferreira Borges

11 Acaba de chegar um grande sortimento de leques, sombrinhas e estores, japoneses e chineses.

Especialidades da casa

Chás e cafés

Caixeiro

10 Nesta redacção se diz quem precisa d'um com boa pratica de mercearia, a quem se dará o ordenado conforme as suas aptidões.

CAVALLOS

9 Muares, etc.; esquinencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VISCANTE COSTA, e preferivel ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. Á venda nas principaes terras.—Depositos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—Deposito geral: Pharmacia Costa — Sobral de Mont'Agração.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

8 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima!
Alta novidade!

VENDA

7 Antonio Henriques Mega e João Ferreira da Costa, vendem os materiaes da Praça de Touros da Mealhada, de que são proprietarios.

Quem pretender pôde dirigir-se a qualquer dos annunciantes na Mealhada.

Vende-se

6 Muito perto de Coimbra, uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita agua, arvoredos de fructo, videiras, etc. É em sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local.

O comprador pôde, querendo, ficar com a importancia ajustada, no todo ou parte, em seu poder, a que se faz um juro modico.

Para esclarecimentos, João Marques Mósca, solicitador, rua do Almoxarife, e Alvaro Esteves Castanheira, largo da Portagem, Coimbra.

QUINTA

5 Vende-se a da Conchada. Na mesma se diz quem está auctorizado a receber propostas.

ANNUNCIO

1.ª publicação

4 No dia 5 do proximo mês de julho, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, d'esta cidade, ha de vender-se a quem maior lance offerecer acima do preço da avaliação, o predio abaixo indicado, pertencente ao casal do fallecido conselheiro Abel Eduardo da Motta Veiga, morador que foi em Lisboa, cujo inventario corre seus termos no cartorio do escrivão Cardoso, da 1.ª vara da comarca de Lisboa, e em que é inventariante D. Maria Adelaide da Motta Veiga, moradora na mesma cidade, e viuva do inventariado.— Predio—Uma morada de casas com o numero de policia 53, na Couraça de Lisboa d'esta cidade de Coimbra, avaliada em 1:000\$000 réis.

São citados quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão,
O Juiz de Direito,
Neves e Castro.

Charutos "Martha"

Papelaria Central

Julião A. d'Almeida & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24
COIMBRA

3 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico português. Preços os mais baratos.

Tambem têm lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas côres, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras. O que ha de mais chic.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

2 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Arrendamento

1 Francisco V. de Carvalho arrenda a loja n.º 171 á 173 na rua de Ferreira Borges (Calçada) tendo uma boa sobreloja para habitação.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680
Sem estampilha:
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 141

COIMBRA — Quinta feira, 25 de junho de 1896

2.º ANNO

E' ASSIM

Aventou-se na imprensa do Porto, pela voz da *Provincia*, um alvitro que, se não fôr acceito e realizado sem demora, será porque de todo decaiu já o principio da solidariedade e, principalmente, da dignidade jornalística.

Numa carta simplicissima, mas cheia de nobre eloquencia, lembra-se á imprensa do país inteiro que, por uma vez, rompa quaesquer considerações que ainda a liguem ao jornal *chanteur Novidades*, onde um homem maculado de todas as torpezas, e que abriga na consciencia conspueada todas as traições, está, para vergonha do jornalismo, depois de se ter tornado a vergonha do país, bolsando continuamente aggressões e virulencias contra a imprensa que deshonra.

De facto, já de ha muito estava votado ao ostracismo mais infamante, pelas consciencias limpas do jornalismo honesto, o tartufo nauseante e desprezível, que a consciencia collectiva do país repelliu com nojo e repugnancia, depois de lhe ter gravado, a fogo, na espádua de carreção o epitheto infamante que outr'ora se appunha em condemnados bem mais honestos do que elle, o farçante. Mas havia ainda muitos jornaes — e havê-los-á ainda, por ventura! — que não tinham tido a nobre coragem vingadora de cortar com o biltre as relações da sua camaradagem. Não reparavam, e não repararão talvez ainda, que honrando-o se maculavam. Ha camaradagens que simplesmente enxovalham gente limpa; mas ha outras que deshonram. É d'estas a camaradagem do homem que tem a servir de pedestal á sua estatua, ou antes, de pelourinho á sua torpeza, um bloco eterno que é formado — das traficancias sem nome dos *bonds* Hersent, das veniagas pelas tavolagens de Paris, das *chantages* em que levanta ameaças para se fazer catar a dinheiro, tudo revestido e cimentado pelas lamas do Tejo, que petrificaram para dar ao monumento a solidez immorredoura da sua obra infame.

Este homem, que tem no ventre obeso o symbolo das suas convicções, o ideal da sua ambição, não tem deixado de fazer do seu jornal, que é um vilipendio, a encruzilhada ínvia e escusa, d'onde o bandido faz salto ao transeunte.

Não ha um facto, não ha uma

idèa, que a consciencia publica acceite por ser nobre, por ser digna, por ser elevada, que aquelle fundibulario de tudo o que fôr bom e generoso não aggrida com violencia, ou não ataque com insidias.

Foi, ainda ha pouco, violentamente ferida, pelos absurdos disparates do governo, a opinião, que viu no ataque dirigido á imprensa, inesperado, brutal e inepto, uma aggressão directa ás liberdades publicas. Viu-se fazer num país nominalmente livre, o que já tem feito baquear monarchias absolutas; sem respeito á lei, que é um mytho em Portugal, onde faz lei o capricho, praticam-se todos os dias as mais revoltantes illegalidades; e sob um pretenso respeito a uma lei absurda, que só póde comparar-se á inaniidade dos cerebros que a conceberam e á do misero e ridiculo parlamento que a votou, — suprimem-se jornaes no meio d'uma ridicula pavorosa, depois de se ter declarado a mais violenta guerra á imprensa republicana, armando-se contra ella um corregedor togado, que avelou previamente a mascara facanhuda de censor terrível.

E no meio do tudo isto, d'esta degringolade formidavel da liberdade de pensamento, ouvia-se continuamente, numa *scie* arrelhiadora e quizilenta, atravez do silencio cúmplice d'alguns e das invectivas indignadas da maior parte, a voz do mais respeitavel troca-tintas do nosso país, louvando, incitando, exhortando, rogando, ameaçando até, pelo porta-voz das *Novidades*, o governo que das liberdades publicas fez o juguete dos seus caprichos; — esse governo que o mesmo mastim poucos meses antes, atassalhando-lhe as carnes, appellidava de *governo de bandidos*.

Ora, o caracter moral do homem das *Novidades* está posto a toda a luz. Atravez da flacidez gordurosa d'aquellas carnes que já por si repugnam, vê-se a tenebrosa hediondez da alma que lá vae dentro.

Não será para a imprensa portugúesa uma vergonha tão crapulosa camaradagem? E', sem duvida. Na imprensa portugúesa as *Novidades* não têm quem dignamente as cumprimente.

O sentimento que inspira é a repugnancia. Porque não se ha de, pois, enxotar para o lado, sem uma referencia, esse jornal de *chantage* que, intimamente, já todos desprezam ha maito?

Torne-se bem publica e bem so-

lemne a exauctoração do *chanteur* das *Novidades*; expulse-se a chicotadas de desprezo o homem publico, que encheu a sua farda de ministro e de embaixador de manchas tão negras como as da sua alma.

Exauctoração

O nosso estimavel collega da *Provincia* publica a seguinte carta, em que se alvitra a norma de proceder que deve adoptar a imprensa relativamente a um jornal de Lisboa que se collocou ao lado do governo, defendendo a infame perseguição de que têm sido victimas alguns collegas nossos:

«Meus caros collegas da *Provincia*: — Poucas phrases, visto que tenho por costume antigo e de que já agora me não emendarei, ir direito ao fim, entrando sem delongas no assumpto que me proponho tratar.

Têm vv. visto, com instinctiva e immediata repulsão, certamente, o revoltante modo de proceder evidenciado pelas *Novidades* na questão, que ora se debate, da liberdade da imprensa.

Um jornal que assim procede, não póde continuar a ser admitido no gremio da imprensa.

Alvitro, pois, que sejam desde já cortadas as relações do jornalismo portugúes com aquella folha: Que todos os jornaes dignos, incapazes de indignidades e de incoherencias, suspendam desde já a troca com as *Novidades*, começando a devolver á respectiva redacção os exemplares que receberem e deixando de lhe enviar os numeros que forem publicando: que em nenhum d'estes jornaes seja d'ora avante citado o titulo d'aquella folha que, para todos os efeitos, deve ser considerada como não existindo no jornalismo portugúes.

A nossa classe indignará assim um castigo justo e merecido e dará ao mesmo tempo um publico testemunho da repulsão que causa em todos os homens independentes o procedimento d'aquelle jornal.

A todos quantos estejam de accôrdo com o meu alvitro, peço que prestem as suas adhesões, transcrevendo esta carta e enviando participação, com as iniciaes que a firmam, á redacção da *Provincia*, onde com todo o gosto me darei ao trabalho de organizar, por essa forma, o recenseamento dos jornaes portugúes verdadeiramente dignos d'esse nome na sua significação de independencia e de hombridade.

Se vv. estiverem de accôrdo com o meu alvitro, publiquem esta no mais proximo numero do seu jornaal.

Collega velho e muito grato,

A. B.»

A *Resistencia* adhire desde já ao alvitro proposto, comprometendo-se a não citar mais o jornal que esqueceu completamente os deveres que a solidariedade impõe. E sem acrimonia notaremos que de ha muito a imprensa devia ter cortado quaesquer relações com essa folha, que não só tem faltado aos deveres de solidariedade para com os seus collegas mas a outros de natureza ainda mais grave.

Tornou-se necessario que alguns jornaes conservadores fossem offendidos nos seus direitos e interesses para que se resolvessem a protestar contra as infamias do governo e de quem tão impudentemente o apoia.

Forçoso nos é fazer esta declaração e a de que á imprensa cabe em grande parte a responsabilidade das vexações que alguns jornaes têm soffrido.

Um dos motivos por que este governo, inspirado pelo sr. João Franco que em absoluto desconhece o que sejam principios e dignidade no exercicio das funções publicas, tem praticado impunemente as maiores prepotencias e immoralidades, é a falta de solidariedade que infelizmente se tem dado em todas as classes sociaes. Desde que cada um só procura defender os seus interesses directos e immediatos, impossivel se torna a lucta pela defesa dos direitos e interesses collectivos.

Mais que uma vez nos temos referido a este alarmante symptoma de decadencia no nosso país, e, embora reconhecamos que é já um pouco tardia por parte da imprensa uma manifestação collectiva a favor dos seus direitos tão vilmente ultrajados, não hesitamos um momento em lhe prestar a nossa calorosa adhesão.

Mais vale tarde que nunca.

As duas vagas do conselho de Estado foram preenchidas pelos srs. conselheiros Antonio Emilio de Sá Brandão, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e Julio Marques de Vilhena.

O nosso prezado collega *A Vanguarda* diz que o sr. João Franco se tem mantido no poder com o apoio de politicos de todos os partidos.

Repugna-nos acreditar que haja no partido republicano traidores tão miseraveis que se involvam na politica intriguista do feroz dictador do Alcaide.

Se os ha, porém, esclareça-se tudo em tempo devido, para os devidos efeitos. Acabem por uma vez complacencias para quem procura obter á sombra do partido republicano as esmolas d'um nevropatha a quem o partido republicano não póde deixar de mover a mais crua guerra.

Um jornal progressista, referindo-se á nomeação dos conselheiros de Estado:

«Foi a iniciativa d'el-rei? Foi a proposta do governo? A nomeação dos novos conselheiros de estado representa uma *ultima condescendencia* d'el-rei ou representa real e effectivamente um acto formal, categorico e positivo de demonstração da confiança da corôa?

E' isto que é necessario aclarar-se, para sabermos a lei em que vivemos.»

Nós já o sabemos de ha muito, e os progressistas tambem o sabem. Não são necessarias mais aclarações.

O rei apoia o governo incondicionalmente. Bem o sabem os progressistas; mas... O maldito poder transtorna tudo,

Instrucção publica

Instrucção secundaria

XXXII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Já dissémos que fôra uma innovação feliz a introdução da lingua allemã no plano dos lyceos. Razões ponderosas o aconselhavam; e, nesta parte, necessario é que se faça inteira justiça ás boas intenções dos reformadores. Notaremos apenas, como já o fizemos ácerca das outras linguas extranhas, que não deveria começar a ser estudada senão no segundo anno do curso médio. A este respeito somos absolutamente intransigentes. E já explanámos bem a nossa opinião, para que seja necessario insistir nella.

Parece-nos ainda motivo de reparo que ao allemão se consignem cinco annos do curso lyceal, ao passo que ao francês se destinassem apenas quatro e ao inglês ainda menos, não obstante affirmarem os auctores dos programmas que são *notórias as vantagens do conhecimento da lingua inglesa*. Reconhecem esta verdade; e, comtudo, quasi a eliminam do plano da instrucção secundaria! Não se percebe bem isto, nem os reformadores se deram ao trabalho de nos elucidar convenientemente sobre este caso tão extranho sobre esta tão extravagante incoherencia. Pois não seria máo, nem ocioso que no-la explicassem.

Um reparo que póde e deve fazer-se é que até hoje em nenhuma das reformas decretadas se tenha tido na mais leve conta, nem sequer se tenha feito a mais insignificante referencia ao ensino da lingua hespanhola. E' facto para que não encontrámos facil explicação. Sendo riquissima a litteratura hespanhola, é verdadeiramente injustificavel e até para lamentar que a ignoremos quasi por completo. Além d'isso, são obvias as vantagens que para nós resultariam do conhecimento d'aquella formosa lingua, tão irmã da nossa. Na França, onde talvez não seja tão necessario sabê-la, é cuidadosamente ensinada, sendo obrigatoriamente exigida em alguns casos. A este respeito é deploravelmente vergonhosa a nossa inferioridade.

Tambem nos parece objecto de reparo a exclusão da lingua grega, attendendo sobretudo ao ponto de vista em que se collocaram os reformadores. E o que é mais curioso é que o auctor do relatorio apologetico da reforma não se cança em apregoar a conveniencia de ser estudada, sendo com muito pezar que vê o ostracismo em que ella vae continuar a persistir; porque ninguém póde contestar — e nisto estamos plenamente d'accôrdo com o auctor do alludido relatorio — o alto préstimo que póde ter para a cultura do espirito o conhecimento da opulentissima lingua d'aquelle povo

que, único até hoje soube alliar immune de quasi toda a mácula, a perfeição qualitativa da forma com um extraordinário e assombroso conteúdo de vida policada! E acrescenta que «não são precisas quaesquer explicações sobre os motivos insuperáveis que têm obstado, e ainda na actualidade obstam, á inclusão da primorosa disciplina, no curso dos lyceos.» Como premio de consolidação para tamanha mágoa, deposita confiança na vinda de melhores tempos; porque um dia chegará — e confia que não venha longe — em que possamos levantar a toda a extensão e pureza o typo classico do ensino secundario. Ha de ser provavelmente para as calendas da sobredita Grecia...

É extraordinario e verdadeiramente inexplicavel tudo isto. Não se comprehende, na verdade, como se elimina por completo do curso dos lyceos uma disciplina em que se reconhecem taes qualidades e bem assim a justa influencia que ella póde ter na educação intellectual e na formação do bom gosto litterario.

Ninguém será capaz de encontrar explicação plausivel para tão manifesta incongruencia.

Desterrá-la do ensino secundario, privando impiedosamente a juventude de aspirar a grandes haustos o delicioso perfume da flôr da instrução intermedia, para a ir encerrar na Faculdade de Theologia e no Curso Superior de Lettras, onde será o privilegio d'um numero limitadissimo de cultores e ainda mais restricto de admiradores, não nos parece consentaneo com o valor que á lingua hellenica lhe attribuem os proprios que tão implacavelmente a eliminaram do ensino secundario.

Se o seu ensino não era feito convenientemente; se os respectivos exames se convertiam ordinariamente em comédia ridicula; se, por conseguinte, nenhuns resultados, senão os do seu completo descrédito, se haviam colhido; não vemos nisso razão bastante, para a riscarem do plano lyceal. O facto de não a haverem tomado a sério, quer no ensino, quer nos exames, não lhe diminue o valor nem a importancia, sob o ponto de vista educativo. Porque um terreno qualquer, embora de boa qualidade, não produziu, não porque a semente fosse má, mas por mal cultivado, nem por isso o proprietario deve desanimar e deixá-lo inculto. O que lhe compete é vigiar de futuro porque o grangeio seja feito a tempo e em termos, empregando nisso as necessarias diligencias, fiscalizando bem e assiduamente a sementeira.

Suppomos que nos fazemos comprehender e que, por isso, se extranhará que, pelos motivos invocados, se eliminasse da instrução secundaria o ensino d'uma lingua, em que, aliás, os auctores da reforma reconhecem tão grande valor educativo. Não é esta, porém, a única incoherencia que póde motivar justos reparos, no trabalho que estamos analysando, como os leitores terão observado; nem tambem será a última que tenhamos de pôr em evidencia. Está precisamente neste caso o que encontrámos nos preceitos regulamentares respeitantes aos concursos para o magisterio, a qual é de bom quilate, como teremos occasião de observar. Examiná-la-hemos opportunamente.

Foram querellados os nossos collegas de Traz-os-Montes O Norte e O Trasmontano.

O governo, sem ligar importancia alguma aos protestos que se levantam contra o seu ignobil procedimento, continúa a perseguir a imprensa independente. O sr. Hintze Ribeiro disse que não caía com palavras, mas só com obras.

E o país não recorre a este meio, permitindo que sejam offendidos impunemente os mais sagrados direitos. A que baixêza isto chegou!

Todos lhe batem

O governo não tem actualmente no Porto órgão algum da imprensa que o defenda. O proprio *Jornal de Noticias*, que ha nove annos militava no partido regenerador, abandonou-o agora.

Referindo-se ao procedimento do governo ácerca da imprensa, diz esse jornal:

«Póde o governo ter a certeza que ninguém lhe dá razão na questão que se ventila sobre os jornaes que publicaram uns mesquinhos esclarecimentos ao telegramma da Havas. Mas sobretudo, o que ninguém acha razoavel é que o governo se enfureça contra as sentenças dos tribunaes desfavoraveis aos seus intentos epilepticos de supprimir jornaes, que tão bom acolhimento lhe dispensaram sempre, e que ouse mandar appellar d'essas sentenças, e dirigir ameaças contra os periodicos incriminados, apontando-lhes para os futuros accordãos da Relação. Isto é que os espiritos mais cordatos, mas despreocupados de sympathias por um ou outro partido politico, acham que é abuso e oppressão sem nome.

«D'esta maneira, o governo atrahiu sobre si a reprovação geral, unanime, de todo o paiz. Ninguém o desculpa, e até os seus mais devotados deploram a situação miserrima em que está collocado. Deplora-o principalmente o partido regenerador, que tão mal recompensados vê os seus sacrificios, e tão mal agradecida a generosa condescendencia com que tem acompanhado os caprichos do ministerio».

A confissão do *Jornal de Noticias* de que o partido regenerador tem acompanhado os caprichos do governo com generosa condescendencia é preciosa. Tem sido o partido regenerador generoso para com o governo, permitindo não só que elle pratique as maiores prepotencias e attentados, mas apoiando-o e defendendo-o.

Não foi o governo generoso agora para com a imprensa regeneradora sujeitando-a ás mesmas prepotencias de que têm sido victimas os jornaes independentes. *Inde ira!*

Soffra agora o governo a pena devida pela sua falta de generosidade e saiba o país o que são e o que valem os regeneradores, sempre promptos a defender o governo em todos os seus caprichos quando vae offender os direitos e interesses legitimos dos seus adversarios politicos, que lhe movem a mais desapiadada guerra quando tem o capricho de exercer contra elles uma prepotencia.

Com certeza os monarchicos imaginam que o país é só d'elles. E o país está-se prestando a que pensem assim.

Ao país

Manifesto da imprensa de Lisboa

A liberdade de pensamento, aspiração generosa illudida durante seculos, tornou-se um dogma politico, quando a assembléa nacional, que redimiu a França, na sua sessão de 24 de agosto de 1789, votou este artigo dos *Direitos do Homem*:

«A livre communicação dos pensamentos e de opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo o cidadão póde, pois, falar, escrever, imprimir livremente, tendo só de responder pelo abuso d'esta liberdade, nos casos determinados pela lei».

O mundo moderno conquistára com a affirmação d'esse principio, tão nobre na sua essencia como fecundo nos seus beneficos resultados, uma victoria, que luctas cruentas não poderam mais inutilizar, e vingava ao mesmo tempo as amarguras e os desesperos de Montesquieu, de Voltaire, de Diderot e de tantos outros, dos mais preclaros entendimentos do seculo que findava, pelas peias, que elles haviam sempre encontrado, á livre divulgação das obras immortaes, em que affirmaram o seu eugenho.

É passado mais d'um seculo e os jornalistas portuguezes vêem-se forçados a recordar o voto da assembléa de 1789, para dizerem aos poderes do estado, á opinião liberal e ao país inteiro, que elles nada mais querem, para a salvaguarda dos seus direitos, do que o acatamento ás idéas, que aquelle voto traduziu.

Modesta aspiração sem duvida. Mas por essa mesma qualidade e porque ella traduz uma crença muito viva e uma fé muito sincera, é que estamos dispostos a pugnar pela sua realização, animando-nos a absoluta certeza do triumpho.

A liberdade do pensamento não se discute. É um axioma no mundo politico, tão necessario á constituição das sociedades modernas, como a luz do sol é indispensavel á actual constituição physica dos mundos organizados.

Acatam na e prestam-lhe culto os sectarios das escolas mais diversas, sem excepção dos defensores das idéas mais conservadoras.

Chateaubriand, o immortal auctor do *Genio do Christianismo*, firmou, com o prestigio da sua auctoridade, estas palavras: «Não se concebe governo representativo sem a liberdade de imprensa».

Fontes Pereira de Mello, o estadista correcto e leal, o conservador sincero, disse, num dos seus melhores discursos: «O systema representativo, sem a facultade de escrever amplamente, é uma zombaria cobarde do que ha de mais sagrado entre os homens: — é um systema que assassina a liberdade em nome da mesma liberdade».

Stuart Mill, o economista insigne, que brilha ainda como uma das glorias mais puras da constellação scientifica d'este seculo, não obstante as revoluções operadas na sciencia que elle cultivou, escreveu: «As leis oppressoras do pensamento e da discussão são fataes a todo o progresso, ainda mesmo na ordem economica».

Antonio Rodrigues Sampaio, cujo nome synthetisa a mais rutila gloria do jornalismo portuguez, intendia que «os abusos da liberdade se corrigem com a propria liberdade».

Adolpho Thiers, tão grande pelo seu valor intellectual, como pela dedicação do seu civismo, não duvidou affirmar que «a imprensa póde ser livre sem perigo; só a verdade é temivel; a falsidade é impotente e nenhum governo morreu ainda ferido pela mentira».

Finalmente, para não alongarmos citações, José Estevão, o orador sublime, que temperava sempre o seu verbo no fogo das idéas generosas e dos principios da liberdade, dizia á Ordem amedrontada: «o governo do estado é possível em todas as condições e para todos os effeitos com uma imprensa excessiva e latitudinaria».

Assim é realmente. As demasias da imprensa não ferem, quando injustas; são sempre inutilizadas pela reacção que ellas provocam. É por isso que achamos justissima a synthese com que o sr. Bento Carqueja, um jornalista da nossa terra, que tem um verdadeiro fanatismo pelo sacerdocio da sua missão, define os resultados da

lucta contra o pensamento, dizendo: «O atrophamento da liberdade de imprensa apenas póde aproveitar á corrupção».

As palavras que acabamos de transcrever, pertencem á historia; formam titulos de nobreza de quem as escreveu ou pronunciou. A geração actual regista-as como a expressão mais rigorosa e auctorizada do seu proprio sentir.

O que pedimos nós? A liberdade de pensamento assegurada como um direito inatacavel. Uma lei de imprensa que seja uma garantia e não uma arma de defeza politica ou partidaria. Principios definidos de responsabilidade, que atinjam os que delinquirem, sem os sujeitar a excessos de paixão ou facciosismo.

Na constituição do estado encontrámos guardada a esta aspiração. Ella diz expressamente no § 3.º do seu art. 145.º: «Todos pódem communicar os seus pensamentos por palavras e escriptos e publicá-los pela imprensa, sem dependencia de censura, com tanto que hajam de responder pelos abusos que commettam no exercicio d'este direito, nos casos e pela forma que a lei determinar».

A geração liberal de 1834, immortredoura para a nossa gratidão e que, se podesse resuscitar agora, se devia sentir bastante surprehendida com a sophismação da sua obra, respeitou dignamente a palavra régia compromettida naquelle artigo. Assim, em 22 de dezembro d'esse anno, era publicada uma carta de lei pela qual se prescindia de todas as medidas de prevenção contra qualquer forma de expressão de pensamento, se bania a possibilidade de suspensão ou supressão de jornaes, se admitia um só responsavel para cada delicto e se entregavam á jurisdicção do jury as causas por abuso de liberdade de imprensa, estabelecendo-se um jury de pronuncia composto de 60 jurados e um jury de sentença composto de 30.

A lei de 22 de dezembro de 1834 prestava, pois, homenagem ao principio que defendemos, e, promulgada agora de novo, mais de sessenta annos depois de ter sido decretada, satisfaria ainda com ligeiras differenças, as nossas aspirações, tão justas e moderadas ellas são na verdade.

A legislação similar estrangeira está de harmonia com as idéas de verdade absoluta da liberdade de imprensa. Sem falarmos na Suissa, onde nem existe lei de imprensa, por isso que se intende que o codigo penal abrange a punição de todos os crimes e que o jornalista não deve estar sujeito a nenhuma lei de excepção; sem nos determos a ver o que se passa em França, que expungiu, pela lei de 29 de julho de 1881, da sua legislação as disposições anachronicas que alli tolhiam a liberdade de pensamento, queremos referir-nos em especial a nações como a Belgica, tão digna de ser imitada tanto pela actividade intellectual e industrial do seu povo, como pelo equilibrio e espirito moderno das suas leis, e a outras, que symbolizam ainda no nosso tempo as tendencias mais autocraticas e reaccionarias.

Na Belgica, a lei da imprensa não exige a minima caução aos editores, não consente na mais simples medida preventiva e os delictos e crimes dos jornalistas e escriptores são julgados por um jury, que lhes dá absolutas garantias de imparcialidade.

Na Austria, que ninguém taxará de suspeita de excessos revolucionarios, tão arreigada ainda ás crenças conservadoras, não existe igualmente auctorização prévia, nem censura e, como na Belgica, os jornalistas incriminados não se acham á mercê da intolerancia, ou da paixão d'um juiz.

Finalmente na Allemanha, país classico dos principios authoritarios, onde os poderes do estado e á sua frente o imperador, conservam as regalias quae intactas do velho regimen absolutista, para a imprensa não ha tambem medidas preventivas e os seus delictos são apreciados pelo voto d'um jury.

Porque será que o principio da liberdade de imprensa tem conseguido ser reconhecido e acatado por governos de tão diversas indoles, incluindo os mais ciosos das suas prerogativas e mais facilmente feridos pela livre critica? Será simplesmente pela força theorica do direito que esse principio contém? Não, decerto. Essa victoria deve-se na maior parte aos ensina-

mentos da historia, porque ella não cessa de affirmar, em paginas tão eloquentes como suggestivas, que a represão da imprensa é sempre fatal para os que a tentam.

As revoluções do seculo XIX, que tantos listrões de sangue têm marcado na sua passagem, todas ellas têm a sua genesis em violencias exercidas contra a livre expansão do pensamento.

É a prova indirecta, mas eloquente, de quanto a liberdade da imprensa merece ser respeitada e consagrada pela lei. A idéa encarcerada por momentos, reprime-se á custa de esforços desesperados, mas depois explue com mais força, com tanta mais força quanto maior tenha sido a repressão e d'ahi os movimentos allucinados de protesto, que muitas vezes começam por uma farsca quasi imperceptivel, para, a breve trecho, se transformarem num incendio, que transigencias tardias já não conseguem debellar e impedir que derruam regimens inteiros.

(Conclue).

A justiça neste país

O dr. Margarido Pacheco, o mesmo juiz que ha dias julgou subsistente a suspensão do nosso collega — *A Palavra*, fez recolher á cadeia Antonio Augusto, de 18 annos, picheleiro, morador no Porto, por ter furtado um pau de sabão no valor de 140 réis.

E andam á solta todos os ladrões que têm limpado os cofres publicos e os de varias companhias!

Foram concedidos os subsidios correspondentes á deducção de 30 % nos juros das inscripções, aos seguintes estabelecimentos de beneficencia e caridade do districto de Coimbra: á Misericordia de Coimbra 1:481\$400; ao Asylo de Infancia Desvalida 524\$880; á Misericordia de Arganil 747\$952; á de Cantanhede 1:010\$000; á da Figueira da Foz 388\$520; ao Hospital de S. João da Louzã 250\$200; ao Hospital de Montemor-o-Velho 509\$400.

Expedição trucida

Os jornaes estrangeiros dão diversos pormenores ácerca da expedição do marquez de Morés que, como participou o telegrapho, foi trucida pelos tuaregs quando se dirigia a explorar o Sahara tunesino.

Morés, depois de feitos os preparativos necessarios, dirigia-se para Ghadamés com 45 camellos carregados de mercadorias que lhe haviam custado 7:200\$000 réis, um interprete, dois ricos mercadores tunesinos e cinco negros armados com espingardas de repetição.

Morés commettera a imprudencia de substituir a escolta formada por 8 tunesinos por outros tantos tuaregs, pertencentes á tribu de Chambá que os franceses consideravam como amiga.

Logo que a caravana estava a 3 kilometros da fronteira, no dia 8 de junho, pela manhã, tres dos tuaregs atacaram o marquez que, passada a primeira surpresa, lançou mão do revolver e, de um tiro, matou um dos aggressores. Os outros dois fugiram.

Já a expedição julgava o perigo passado, quando appareceu um bando de tuaregs, que cercou a caravana e rompeu o fogo. O marquez e os seus companheiros responderam com vigor, mas por ultimo os tuaregs ficaram senhores do campo, levando o carregamento e 4 captivos.

Ao cabo de alguns dias, os captivos conseguiram evadir-se, e, voltando ao campo da lucta, encontraram os cadaveres do marquez, dos dois mercadores tunesinos e de dois negros. Todos estavam crivados de feridas. O marquez de Morés é o setimo dos exploradores europeus que pereceram no caminho de Ghadamés desde 1858. Era muito conhecido em Paris pelos seus discursos contra os judeus, pela parte que tomou no movimento boulangista e pela maneira prodiga como gastava a propria fortuna.

Cuba

Segundo a declaração d'um official francês ao serviço dos cubanos, em cujas fileiras se alistou, a ultima expedição levou aos insurrectos os seguintes reforços: 4 peças de artilheria de 80 millímetros, typo americano; 4:000 granadas; 1:500 espingardas Mauser; 3 milhões de cartuchos; grande quantidade de uniformes, de medicamentos e de arreios; 2:000 libras de dynamite e 4 pilhas electricas para poder produzir explosões a grande distancia. O chefe civil d'esta expedição foi Rafael Portuondo, e o chefe militar Conserpie.

Da expedição formavam parte dois medicos, quatro pharmaceuticos, cinco artilheiros norte-americanos, dois pyrotechnicos e 65 voluntarios.

Conserpie, é tenente de hussards, pertencendo á reserva do exercito francês.

×

Maceo percorre actualmente a parte norte de Pina del Rio, tratando de dirigir-se por Coudelaria a Rio Hondo e d'alli ir atacar a linha militar.

Weyler, á cautela, pede mais reforços, apesar das constantes victorias alcançadas contra os cubanos.

×

Entre os insurgentes cubanos ha bastantes mulheres, mas quasi todas fazem parte da ambulancia.

A unica que desempenha serviço de fileira e respectivo commando, é Paulina Ruiz, casada com um insurgente chamado Gonzalez.

Marido e mulher, figuram na partida de Pancho Perez. Paulina entrou ha 5 meses na partida na classe de *combatente* e, embora seja bonita e tenha apenas 23 annos, a sua ferocidade é tal que se vangloria de ter morto a machadadas dois soldados hespanhoes e de ter conquistado sempre na primeira fila os seus postos d'accessão. Hoje tem a patente de *capitã de bandeira*.

O manifesto da imprensa de Lisboa

Attenta a sua grande extensão e a falta de espaço de que dispomos, não nos é possível publicar por uma só vez o manifesto que alguns col-

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

VII

Projectos terriveis

— Logo que arranjes os criados conduzi-los-ha aonde eu te disser. Onve, não deves voltar aqui. Quando se trata de assumptos d'esta ordem devem tomar-se precauções. Procurarás por M. de Villedieu no Grand-Hotel. Instalo-me lá ámanhã. Faz a birba e veste-te correctamente.

— Bem. Mas é por estares arruinado que te mettes neste negocio?

— Não. Mas por mais que possua nunca me julgarei bastante rico.

— Tens razão, meu filho. Ha mais algumas ordens a receber?

— Não. Vae e não percas um momento.

O pae Lebigot não perdeu um minuto, e, no dia seguinte, participou a M. de Villedieu que os homens de que elle carecia estavam promptos.

— Os criados?

— Sim.

— E os cavalleiros da alta roda?

— Também. Mas faltam vestuarios.

— Vou fornecer-te dinheiro para isso.

— Pare, minha boa vacca leiteira.

— Tens confiança nos teus homens?

legas de Lisboa acabam de dirigir ao pais ácerca da liberdade da imprensa. Começamos hoje essa publicação, que terminará no numero seguinte. Notaremos desde já que esse manifesto é assignado pelos seguintes jornalistas:

Brito Aranha, José Maria de Alpoim, S. de Magalhães Lima, D. João de Alarcão, João de Deus Guimarães, José Parreira, Gomes da Silva, Carlos Ferreira, Lorjô Tavares—Alfredo da Cunha, Sousa Telles Junior, Faustino da Fonseca, Affonso Vargas, Feio Terenas, Constancio Roque da Costa, Eduardo Coelho, Silva Graça, Teixeira de Queiroz, Carlos Rangel de Sampaio, Baptista Borges, A. Pereira Reis, Alfredo Gallis, Raphael Boddallo Pinheiro, Teixeira Bastos, José Maria dos Santos Junior (Santonillo), Portugal da Silva, Estanislau Olympio Monteiro, Baptista Machado, Antonio Faustino dos Santos Crespo, Cecilio de Sousa (com certas reservas).

O Cergio, profundo

Diz Victor Hugo:—«Fraternidade, hostia sacrosanta do altar da Liberdade!»

Commenta o Cergio, o do *Illustrado*:—«Hoje já se não contenta com hostias. Come, como os demônios!»

Então não está cada vez peor este Cergio?!

No dia da chegada do vizo-rei, o sr. Burnay preparou-lhe rija festança com *marche aux flambeaux*, etc.; mas o *clou* da festa foi, sem duvida, a exhibição grotesca das irmãs da caridade distribuindo copinhos de cerveja á garotada.

A censura na provincia

Não é só em Lisboa que é exercida a censura prévia.

Os corregedores de Chaves também quizeram exercê-la para com o nosso prezado collega *A Voz da Patria*, órgão da commissão municipal republicana d'aquella cidade.

Escusado é dizer que este nosso collega preferiu suspender a sua publicação a sujeitar-se a um tal vexame.

— Como em mim proprio; disse-lhes que trabalhariam sob as tuas ordens, e tu sabes que não te faltarão.

— Tratemos immediatamente dos criados. É preciso que entrem em casa de M. de Koellen, *boulevard da Magdalena*, n.º 19, 1.º andar. Isso talvez não seja facil. M. de Koellen é um penhorista que tem faro e fiura. De mais, elle tem três criados que devem ser-lhes dedicados, porque lhes paga bizarramente. Entre elles, ha pelo menos um que é incorruptivel, é uma especie de mordomo, homem d'uns cincoenta annos, collocado na sua casa desde rapaz, pois já all estava no tempo de Koellen, pae. É elle que superintende sobre os outros criados. Um dos outros dois criados está na casa ha um anno e o terceiro ha dois meses. Vivem sós. M. de Koellen é rapaz, não come em casa. É preciso fazer beber os criados e dar-lhes dinheiro. Penso que os teus homens são valentes.

— Sim.

— Que referencias têm os teus homens?

— Livretes em regra e papeis de familia, que provam que elles são descendentes de criados de grandes casas que se acham espalhados pela provincia. Dar-se-hão as melhores informações a respeito d'estes criados.

— Têm boa cara!

— Uma cara capaz de surpreender a tua boa fé, se os visesses.

UNIVERSIDADE

Nos dias 22 e 23 fizeram acto e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Theologia

1.º anno—Manuel Antonio Pereira e João Antonio d'Aguiar.

2.º anno—Avelino José Rodrigues, Balthazar João Fortado e Florindo Nunes da Silva.

3.º anno—Jayme Alves Machado.

4.º anno—Antonio Martins Malhado.

5.º anno—Antonio Nave Catalão.

Faculdade de Direito

1.º anno—José Dias, José Emydio Soares Costa Cabral, José Ferreira da Silva e Sá, José Fialho Ferro Lopes Tavares, José Maria d'Almeida, José Maria d'Oliveira Mattos, e José Nunes da Silva.

Houve tres reprovações.

2.º anno—João Augusto Vieira de Araujo, José Caetano de Tavares da Costa Lobo, João Ferreira Gomes, João Manuel Pessanha Vaz das Neves, João Marques Pereira Ribeiro, João Ramos da Cruz, e João Rodrigues de Brito Junior.

Houve uma reprovação.

3.º anno—Gaspar Ferreira Baltar Junior, Gaspar José Henriques, João Augusto Gens Azevedo Junior, e João Pereira Soares da Motta.

Houve tres reprovações.

4.º anno—Augusto de Sousa Maldonado, Eduardo d'Almeida Saldanha, Elycio Ferreira de Lima e Sousa.

Houve uma reprovação.

5.º anno—Benjamin Pereira d'Amaral Netto, Bernardino José Leite d'Almeida, Carlos Mesquita, Cesar Augusto dos Santos, Antonio Osorio da Fonseca e Diogo Mascarenhas Marreiros Netto.

Faculdade de Medicina

1.º anno—José de Mattos Sobral Cid e José Novaes de Carvalho Soares de Medeiros.

2.º anno—Francisco Ferreira d'Almeida Crespo e Francisco Henriques David.

3.º anno—Amando Celestino Vieira Lisboa e Francisco Cardoso de Lemos.

4.º anno—Joaquim Salinas Antunes e José Gonçalves Carteador Monteiro.

Faculdade de Mathematica

4.º anno—Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo, Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa, Sidonio Bernardino Cardoso da Silva Paes, e José Carlos de Barros.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira (*Chymica inorganica*)—Alberto Sabino Ferreira, Guilhermino

da Cunha Vaz, e João Augusto do Couto Jardim.

Houve uma reprovação.

2.ª cadeira (*Chymica organica e analytical chimica*)—Alvaro José da Silva Basto, e Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz.

4.ª cadeira (*Botanica*)—Custodio Luiz d'Oliveira Pessa, e Manuel José da Costa Soares Junior.

5.ª cadeira (*Physica*, 2.ª parte).—Francisco Barbosa Falcão d'Azevedo, José Cardoso de Menezes Martins, Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, José Bernardino de Carvalho, José Pinto da Silva Faia, e Julio da Silveira Brandão Freire Themudo.

Cadeira de desenho. (*Curso mathematico*, 2.º anno)—Alexandre Alberto de Sousa Pinto, Jorge Rodolpho Teixeira Campos, Henrique Jardim de Vilhena, Thomaz Antonio d'Oliveira Motta Dias, Alberto Moniz Boddallo de Vilhena, Anselmo Ferraz de Carvalho, D. Carlos de Sousa Coutinho, José da Costa Pereira e Silva, D. Luiz d'Assis Mascarenhas, Pompeu de Meirelles Garrido, Sebastião José Marques d'Almeida, Carlos dos Santos Natividade, Augusto Epiphany de Sousa Neves, Antonio Luiz Ribeiro da Silva, e Sebastião Estacio Tello.

Banco de Portugal

A administração do Banco de Portugal baixou, em Lisboa e Porto, a taxa de desconto das lettras para 5 e 5 1/2 %, conforme a confiança que lhe merecessem as firmas dos commerciantes que nellas figuram.

Em Coimbra continúa a fazer-se o desconto de 6 %, sem que de modo algum possa justificar-se que aos commerciantes d'esta cidade não sejam concedidas as mesmas vantagens que aos de Lisboa e do Porto.

É importante o movimento de desconto de lettras na caixa filial do Banco de Portugal nesta cidade e, não obstante isso, o Banco não tem soffrido aqui o minimo prejuizo nesse genero d'operações.

Este facto, que honra o commercio da terceira cidade do reino, deve ser tomado na devida consideração pelo Banco de Portugal para lhe conceder as mesmas garantias que ao commercio de Lisboa e do Porto.

Procedimento contrario, afigurase-nos revoltante injustiça e que á Associação Commercial cumpre representar para que ella seja devidamente reparada.

ram enviados para a rua Drouot, os carros e cavalos ao Tattersall.

«Venda voluntaria do rico mobiliario do sr. duque de V...»

Esta lettra maiuscula era bem conhecida.

O desaparecimento da duquesa tornara-se do dominio publico, que a attribuiu á paixão desordenada do duque pelo jogo. Julgava-se que M. de Villedieu tinha perdido grossas sommas, e em geral approvavam o facto d'elle se desfazer do seu trem de casa. Acreditavam assim que elle iria esperar numa vida obscura, que as pazes se restabelecessem entre ambos e que seu tio morresse.

Algumas pessoas, e entre ellas a baronessa de Koradec, combinaram ir ao leilão comprar alguns pequenos bibelots que pertenciam á duquesa e talvez surprender alguns pequenos segredos da sua vida intima divulgados ao som do martello do leiloeiro.

Emfim murmurava-se:

— Não acreditamos que elle a torne a vêr tão depressa.

E nada mais.

Apenas começou a venda a baronessa de Koradec notou com supresa que um rapaz lhe disputava por preços excessivos os pequenos objectos em que ella lançara.

O duque de Villedieu, pela sua parte, que percorria com a vista as pessoas que assistiam ao leilão.

— Oh! é elle, o joven americano,

J. A. DA SILVA CORDEIRO

A CRISE

Em seus aspectos moraes

(*Psychologia individual e collectiva*)

1 vol. de 429 pag., 600 reis

A' venda na livraria-editora de Franca Amado. — Coimbra.

Codigo Administrativo

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, tem á venda a 2.ª edição d'este codigo, approvedo por decreto d'ictatorial de 2 de março do anno findo, seguido de repertorio alphabetico, e das alterações e modificações approvedas pelo parlamento, na ultima legislação e confirmadas por carta de lei de 4 de maio do corrente anno, podendo, portanto, chamar-se a esta edição—*Novo Codigo Administrativo*.—Preço, 200 réis.

Tabella dos emolumentos e salarios judiciais

Da *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua da Atalaya, 183, 1.º, Lisboa, recebemos um exemplar d'esta tabella, coordenada alphabeticamente, mas conforme com a edição official (*Diario do Governo* de 18 de maio de 1896), e approveda por carta de lei de 13 do referido mês, sendo a unica edição assim elaborada.—Preço, 200 réis.

Canções e musica popular da Beira

COLLIGIDAS POR

PEDRO TRAJANO

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Sahirá brevemente esta importante obra, que formará um volume em 8.º, de approximadamente 250 paginas, nitidamente impresso em typo elzevir e optimo papel, com 50 paginas de musica.

Preço por assignatura, 600; avulso, 800 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Imprensa Lusitana*, Figueira da Foz.

Lições de hygiene publica

PELO

DR. A. X. LOPES VIEIRA

PREÇO, 15000 RÉIS

Á venda na Imprensa da Universidade.

que habita na minha casa. Que virá aqui fazer? Ah! é muito natural que sendo um dos primeiros a ter conhecimento do leilão, e que viram a mobilia, alguns moveis lhe tenham excitado a curiosidade. E será só a curiosidade que o traz aqui?...

Notou que Luciano Gribeauval lançava apenas nos objectos que tinham sorvido á duquesa.

— Será possível que elle só tenha o proposito de contrariar a baronessa de Koradec?

Mas entre os objectos que elle comprava havia alguns sem valor e para os quaes a baronessa nem sequer olhava. Eram os trabalhos que a duquesa fizera em meina, cofresinhos do tempo do collegio, caixas de luvas, tamboretes e cadeiras.

O rapaz comprava-os.

— Que quererá isto dizer?

E a sua vista não se separou mais de Luciano.

De repente levantou-se e disse com sigilo:

— Este homem compra por ordem de minha mulher.

E dirigiu-se para junto de Hermann.

— Vem commigo, disse-lhe.

E escreveu no deposito onde se guardava a mobilia vendida:

«Esperamos Lebigot G. R.»

Escreveu uma palavra no sobrescripto e enviou-o.

(Continúa)

VIII

O leilão Villedieu

M. Hermann occupara-se activamente do leilão da mobilia. Os annuncios não tardaram a ser collados nas esquinas das ruas de Paris. Os moveis fo-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio
e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.**Grande Hotel Club**Com estação de correio e tele-
grapho, medico, pharmacia
e casa de barbear.
Magnificas accomodações
desde 1\$200 réis
comprehendendo serviço, club,
etc. Bonus para os medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração. com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao gerente da Companhia do Grande Hotel. — As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do Restaurant Club de Lisboa, ficando em vigor os antigos preços. Ha tambem boas casas mobiladas para alugar.

Filtro-Mallié
de porcellana d'amianthoEsterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOSDE
JOSE FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

17 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

BICO AUER

LUZ ALVISSIMA. CONSUMO 6 RÉIS POR HORA

Vende-se a prestações de
500 réis mensaes.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções, que dão uma luz es-
verdeada e nenhuma economia.**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

ESTABELECEMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mon-
dego.—Aviso aos proprietarios e mestres
d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de
Lisboa, constructores de para-raios,
campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais
apparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso
vernizes, e muitas outras tintas e
artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades
que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, mo-
inhos e torradores para café, machinas para moer
carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame,
zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas
as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende
por preços eguaes aos de
Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes
descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de
obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores au-
tores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim,
completo sortido em faqueiros e outros artigos
de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro
mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, re-
volvers, espingardas para caça, os melhores
systemas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

18 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por
junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se
desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala.
Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras.
Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações
fnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Marçano

Preisa-se com um ou
dois annos de pratica,
de mercearia.

FIGUEIRA DA FOZ

Adriano Dias Barata Salgueiro

SELLOS

18 Compram-se collecções
completas de sellos An-
toninos. Livraria Moderna.

14 Photographias do bo-
hemio Augusto Hyliario,
vendem-se na loja do Vianna,
Largo da Sé Velha.— Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 241.000\$000

SEDE EM LISBOA

13 Esta companhia a mais po-
derosa de Portugal, por
intervenção do seu correspon-
dente em Coimbra, toma seg-
uros contra fogo ou raio, sobre
predios, mobillas e estabeleci-
mentos.

Correspondente Basilio Au-
gusto Xavier d'Andrade, rua
Martins de Carvalho, n.º 45.

Charutos "Confianza"

Papellaria Central

Arrendam-se

12 Dois andares e o sótão de
uma casa sita na praça
do Commercio. Trata-se no
mesmo local n.º 32 e 33.

Loja da China

Ferreira Borges

11 Acaba de chegar um gran-
de sortimento de leques,
sombrihas e estores, japonê-
ses e chinezes.

Especialidades da casa

Chás e cafés

Caixeiro

10 Nesta redacção se diz quem
precisa d'um com boa
pratica de mercearia, a quem
se dará o ordenado conforme
as suas aptiões.

CAVALLOS

9 Muares, etc.; esquinencias,
sobrecannas, ovas, es-
paravões, manqueiras, fraque-
zas de pernas, etc. curam-se
com o LINIMENTO VISICANTE
COSTA, e preferivel ao fogo e
untura forte em todos os casos.
Frasco 900 réis. Á venda nas
principaes terras.—Depositos:
Lisboa: Quintans, rua da Prata,
194; Ferreira & Ferreira, rua
da Junqueira, 332. Porto: Dro-
garia Moura, largo de S. Do-
mingos, 99.—Coimbra: Rodri-
gues da Silva, rua Ferreira
Borges, 128.—Deposito ge-
ral: Pharmacia Costa — So-
bral de Mont'Agrazo.

**AGUIA D'OURO**

FRANCISCO P. MARQUES

8 Roupas completas para ho-
mem, de 5\$000 réis
para cima!
Alta novidade!

VENDA

7 Antonio Henriques Mega
e João Ferreira da Costa,
vendem os materiaes da
Praça de Touros da Mealhada,
de que são proprietarios.
Quem pretender pôde diri-
gir-se a qualquer dos annun-
ciantes na Mealhada.

Vende-se

6 Muito perto de Coimbra,
uma linda vivenda, que
se compõe de casas de habita-
ção, recentemente construidas,
que accomodam familia nume-
rosa; casas para caseiro e ar-
recadações, grande quintal de
excellente terreno com muita
agua, arvores de fructo, videi-
ras, etc. É em sitio muito pitto-
resco e aprazivel, tendo es-
trada de macadam até ao local.

O comprador pôde, querendo,
ficar com a importancia ajus-
tada, no todo ou parte, em seu
poder, a que se faz um juro
modico.

Para esclarecimentos, João
Marques Mósca, solicitador, rua
do Almoxarife, e Alvaro Esteves
Castanheira, largo da Portagem,
Coimbra.

QUINTA

5 Vende-se a da Conchada.
Na mesma se diz quem
está auctorizado a receber pro-
postas.

ANNUNCIO

2.ª publicação

4 No dia 5 do proximo mês
de julho, por 11 horas
da manhã, á porta do tribunal
de justiça, d'esta cidade, ha de
vender-se a quem maior lance
offerecer acima do preço da
avaliação, o predio abaixo in-
dicado, pertencente ao casal
do fallecido conselheiro Abel
Eduardo da Matta Veiga, mora-
dor que foi em Lisboa, cujo in-
ventario corre seus termos no
cartorio do escrivão Cardoso,
da 1.ª vara da comarca de Lis-
boa, e em que é inventariante
D. Maria Adelaide da Matta Veiga,
moradora na mesma cida-
de, e viuva do inventariado.—
Predio—Uma morada de casas
com o numero de policia 53,
na Couraça de Lisboa d'esta
cidade de Coimbra, avaliada em
1:000\$000 réis.

São citados quaesquer cre-
dores incertos.

Verifique a exactidão,

O Juiz de Direito,
Neves e Castro.**Charutos "Martha"**

Papellaria Central

Julião A. d'Almeida & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24
COIMBRA

3 Neste antigo estabeleci-
mento cobrem-se de novo
guarda-soes, com boas sedas
de fabrico portuguez. Preços os
mais baratos.

Tambem têm lâminhas finas
e outras fazendas para cobertu-
ras baratas.

Receberam ultimamente um
sortido de sarja de seda de
variadas côres, para guarda-
soes e sombrihas de senhoras.
O que ha de mais chic.

**Tratamento de molestias da
bocca e operações de
cirurgia dentaria**

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

2 Consultas todos os dias das
nove da manhã ás qua-
tro da tarde.

Arrendamento

1 Francisco V. de Car-
valho arrenda a loja
n.º 171 a 173 na rua de Fer-
reira Borges (Calçada) tendo
uma boa sobreloja para habita-
ção.

"RESISTENCIA,"PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
E QUINTAS-FEIRASRedacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 2\$700

Semestre 1\$350

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400

Semestre 1\$200

Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repeti-
ções, 20 réis.—Para os srs. as-
signantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente
todas aquellas com cuja remessa
este jornal fór honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA